

Universidad de Huelva

Departamento de Didácticas Integradas



Las necesidades formativas del entrenador de jóvenes futbolistas : análisis de la situación actual y propuestas de intervención

**Memoria para optar al grado de doctor
presentada por:**

Paulo Alexandre Sousa Bacalhau Paixão

Fecha de lectura: 29 de julio de 2019

Bajo la dirección de los doctores:

Francisco Javier Giménez Fuentes-Guerra

Manuel Tomás Abad Robles

Huelva, 2019





TESIS DOCTORAL

**Facultad de Educación, Psicología y Ciencias del Deporte
Dpto. de Didácticas Integradas**

LAS NECESIDADES FORMATIVAS DEL ENTRENADOR DE JÓVENES FUTBOLISTAS

ANÁLISIS DE LA SITUACIÓN ACTUAL Y PROPUESTAS DE INTERVENCIÓN

PAULO ALEXANDRE SOUSA BACALHAU PAIXÃO

HUELVA 2019



Facultad de Educación, Psicología y Ciencias del Deporte
Dpto. de Didácticas Integradas

**Programa Oficial de Doctorado en Investigación en la Enseñanza y el Aprendizaje de
las Ciencias Experimentales, Sociales, Matemáticas y de la Actividad Física y Deportiva**

LAS NECESIDADES FORMATIVAS DEL ENTRENADOR DE JÓVENES FUTBOLISTAS

ANÁLISIS DE LA SITUACIÓN ACTUAL Y PROPUESTAS DE INTERVENCIÓN

THE FORMATION NEEDS OF THE YOUTH FOOTBALL COACH

ANALYSIS OF THE CURRENT SITUATION AND PROPOSALS FOR INTERVENTION

TESIS DOCTORAL

AUTOR

PAULO ALEXANDRE SOUSA BACALHAU PAIXÃO

DIRECTORES

Dr. D. JAVIER GIMÉNEZ FUENTES-GUERRA

Dr. D. MANUEL TOMÁS ABAD ROBLES

HUELVA 2019

Aos meus filhos, Rafael, Rita, Gabriel...

AGRADECIMENTOS

Num trabalho desta natureza não é possível a sua consumação sem a colaboração ou estímulo de um conjunto de pessoas que de uma forma ou de outra cooperaram na concretização deste objetivo. Desta forma, não poderia deixar de expressar toda a minha gratidão e apreço a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para que esta missão se tornasse uma realidade. A todos quero manifestar os meus sinceros agradecimentos.

Ao Javier Giménez pela cordialidade e acessibilidade com que me recebeu, por me ter direcionado para o caminho certo permitindo a minha liberdade de escolha, pela clarividência e objetividade das suas orientação e recomendações. A sua confiança, experiência e apoio foram determinantes para pudermos chegar até aqui.

Ao Manuel Abad pela disponibilidade, pelo apoio constante e efetivo dado em todos os passos do processo, por todas as vezes que marcou presença em Portugal para que trabalhássemos juntos e pelo companheirismo e amizade com que me brindou. O seu conhecimento e apoio foram determinantes para a concretização do trabalho.

Ao Pepe Robles pela fulcral ajuda em todos os procedimentos estatísticos, pela sua disponibilidade total e conhecimento transmitido, pela incansável colaboração de forma desinteressada que prestou em momentos chave. A sua competência e saber foram muito importantes.

Ao Pepe Tierra e ao Martin por me terem acolhido tão bem em Huelva dispondo do seu tempo e da sua generosidade para fazer da minha estadia uma experiencia enriquecedora e proporcionando uma adaptação muito positiva. *Un saludo.*

À Vânia Loureiro pelos desafios lançados que me fizeram dar o passo em frente, ao Nuno Loureiro, por me ter indicado as pessoas certas para esta caminhada e por proporcionar o meu acolhimento. Ao Luís Murta por ter permitido as minhas ausências e pelo voto de confiança. À Inês Camacho por me dar sempre força e à Ana Alves pelo incentivo. A todos eles pelos conselhos, apoio, incentivo, confiança e amizade de todos os dias.

Ao Pedro Bento, meu companheiro de gabinete e meu amigo, por todas as horas partilhadas juntos, por todos os conselhos, incentivo e por toda a boa disposição que colocas nas horas de trabalho como só tu sabes fazer.

Ao meu sogro José Saúde pelas revisões do português sempre tão entusiastas. Ao meu irmão Carlos pelo incentivo e pragmatismo transmitidos. À minha mãe Isabel por todo o teu carinho e entrega, que mesmo com toda a tua indisponibilidade de tempo e energia para ajudar, conseguiste ainda dar um pouco mais de ti.

Finalmente à minha mulher Ana Rita, companheira de já tantas batalhas na vida, pela dedicação e cumplicidade, por embarcares em todos os meus projetos e por todas as minhas falhas. Aos meus filhos Rafael, Rita e Gabriel por todas as minhas ausências e impaciências, por tantas horas sem brincadeira e atenção, por todas as privações e provações. MUITO OBRIGADO!

RESUMO

Sabemos que o futebol é o desporto mais praticado em todo o mundo e também o mais seguido, por isso é um dos desportos com mais potencial de influência na sociedade e o treinador é a sua figura mais influente pela ação de liderança que promove junto dos que o rodeiam, principalmente se estivermos a falar de crianças e jovens. É o treinador que pode manter a prática do futebol do lado positivo, onde se pretende que esteja e aonde deve permanecer, no fomento dos valores educativos e na aprendizagem harmoniosa da modalidade. Dada a importância que detém esta figura no desporto em geral e no futebol em particular, é determinante que a sua formação seja um ponto fundamental das suas qualidades, até porque dela podem emanar muitas outras competências, capazes de influenciar o jovem futebolista de forma favorável em todas as suas dimensões. Desta forma, torna-se preponderante o estudo sobre a formação do treinador de futebol, que todos os dias é uma peça importante no treino dos nossos jovens, não só no capítulo desportivo mas também no capítulo social.

Começámos o nosso trabalho procurando realizar a fundamentação teórica do tema. Numa primeira parte iniciámos por um enquadramento global fazendo referencia à legislação recente que rege a figura do treinador e a sua formação, revisámos todos os documentos internacionais e nacionais sobre a formação de treinadores e as suas competências, recolhendo a informação pertinente. Numa segunda parte, mais específica, fomos gradualmente entrando nas características que deve ter o treinador, nas conceções de ensino e nas necessidades de formação de entre outros aspetos desenvolvidos.

Um dos grandes objetivos desta investigação foi o desenvolvimento de uma ferramenta válida e fiável para o estudo da formação de treinadores, que possibilitasse a sua posterior aplicação em Portugal e que permitisse a replicação do estudo em diversos contextos. Para esse fim, construímos um questionário que partiu do estudo de Abad (2009) e submetemos essa ferramenta a um processo de validação com o objetivo de analisar a formação dos treinadores de futebol de base nos clubes da Associação de Futebol de Beja. Desenhámos um questionário que no final do processo de validação ficou com 121 itens agrupados em 8 dimensões (Características Sociodemográficas, Experiencia Desportiva, Aspetos Pessoais, Formação como Treinador, Formação

Contínua, Conceção de Ensino, Planificação e Programação, Necessidades de Formação). Efetuámos uma análise qualitativa e quantitativa que foi realizada através da avaliação de 12 especialistas. A validade do conteúdo foi analisada através do coeficiente V de Aiken, estabelecendo um intervalo de confiança de 99% e o coeficiente de variação. Para estabelecer a fiabilidade, o questionário foi aplicado a 20 treinadores de quatro clubes diferentes da região em dois momentos diferentes, a consistência interna foi analisada pelo método Alpha de Cronbach (0.915) e a fiabilidade teste-reteste usando o coeficiente de correlação intraclass resultando 0.890 ($p < 0.01$). Os resultados mostram que o questionário reúne suficientes propriedades psicométricas para ser considerado uma ferramenta válida e fiável para estudar e analisar as necessidades de formação dos treinadores de futebol (Paixão, Abad & Giménez, 2019). Num segundo momento, os questionários construídos foram aplicados a 124 treinadores da região de Beja que estavam a trabalhar com crianças e jovens no futebol de formação. Esta amostra representou 91% do total da população de estudo e através de uma análise descritiva e inferencial permitiu analisar o perfil do treinador, a sua formação e a sua intervenção nos diversos domínios e parâmetros. Destacamos alguns resultados como, o facto da maioria dos treinadores ainda não ter sequer o título de treinador e só uma minoria detém formação superior na área do desporto; por outro lado, o gosto em treinar e ensinar é o motivo pelo qual os treinadores estão no futebol de formação; no que diz respeito à formação contínua as estratégias preferenciais são: a criação de grupos de trabalho entre treinadores, a visualização e análise de jogos e treinos em vídeo, e a participação em workshops práticos; destacamos também que persiste uma divisão entre os métodos diretivos e os métodos de descoberta, entre outros resultados interessantes.

Concluimos com a concretização dos objetivos gerais e específicos, a apresentação das implicações do estudo, aduzimos algumas propostas de melhoria, expomos as limitações do estudo e por último indicamos as perspetivas futuras.

RESUMEN

Sabemos que el fútbol es el deporte más practicado en todo el mundo y también el más seguido, por eso es uno de los deportes con más potencial de influencia en la sociedad y el entrenador es su figura más influyente por la acción de liderazgo que promueve junto a los demás, que lo rodean, sobre todo si hablamos de niños y jóvenes. Es el entrenador que puede mantener la práctica del fútbol del lado positivo, donde se pretende que esté y donde debe permanecer, en el fomento de los valores educativos y en el aprendizaje armonioso de la modalidad. Dada la importancia que tiene esta figura en el deporte en general y en el fútbol en particular, es determinante que su formación sea un punto fundamental de sus cualidades, ya que de ella pueden emanar muchas otras competencias, capaces de influir al joven futbolista de forma favorable en todas sus dimensiones. De esta forma, se hace preponderante el estudio sobre la formación del entrenador de fútbol, que todos los días es una pieza importante en el entrenamiento de nuestros jóvenes, no sólo en el capítulo deportivo, sino también en el capítulo social.

Comenzamos nuestro trabajo buscando realizar la fundamentación teórica del tema. En una primera parte iniciamos un marco global haciendo referencia a la legislación reciente que rige la figura del entrenador y su formación, revisamos todos los documentos internacionales y nacionales sobre la formación de entrenadores y sus competencias recogiendo la información pertinente. En una segunda parte, más específica, fuimos gradualmente entrando en las características que debe tener el entrenador, en las concepciones de enseñanza y en las necesidades de formación de entre otros aspectos desarrollados.

Uno de los grandes objetivos de esta investigación fue el desarrollo de una herramienta válida y fiable para el estudio de la formación de entrenadores que posibilitase su posterior aplicación en Portugal y para permitir la replicación del estudio en diferentes contextos. Para ello construimos un cuestionario que partió del estudio de Abad (2009) y sometemos esa herramienta a un proceso de validación con el objetivo de analizar la formación de los entrenadores de fútbol de base en los clubes de la Asociación de Fútbol de Beja. Hemos diseñado un cuestionario que al final del proceso de validación quedó con 121 ítems agrupados en 8 dimensiones (Características Sociodemográficas, Experiencia Deportiva, Aspectos Personales, Formación como Entrenador, Formación Continua, Concepción de Enseñanza, Planificación y Programación, Necesidades de

Formación). Hemos realizado un análisis cualitativo y cuantitativo que se realizó a través de la evaluación de 12 expertos. La validez del contenido fue analizada a través del coeficiente V de Aiken, estableciendo un intervalo de confianza del 99% y el coeficiente de variación. Para establecer la fiabilidad, el cuestionario fue aplicado a 20 entrenadores de cuatro clubes diferentes de la región en dos momentos diferentes, la consistencia interna fue analizada por el método Alpha de Cronbach (0.915) y la fiabilidad test-reteste usando el coeficiente de correlación intraclase resultando 0.890 ($p < 0.01$). Los resultados muestran que el cuestionario reúne suficientes propiedades psicométricas para ser considerado una herramienta válida y fiable para estudiar y analizar las necesidades de formación de los entrenadores de fútbol (Paixão, Abad & Giménez, 2019). En un segundo momento, los cuestionarios contruidos fueron aplicados a 124 entrenadores de la región de Beja que estaban trabajando con niños y jóvenes en el fútbol de formación. Esta muestra representó el 91% del total de la población de estudio y a través de un análisis descriptivo e inferencial permitió analizar el perfil del entrenador, su formación y su intervención en los diversos dominios y parámetros. Destacamos algunos resultados como, el hecho de que la mayoría de los entrenadores aún no tienen siquiera el título de entrenador y sólo una minoría tienen una formación superior en el área del deporte; por otro lado, el gusto en entrenar y enseñar es el motivo por el cual los entrenadores están en el fútbol de formación, en lo que se refiere a las estrategias de formación continua: la creación de grupos de trabajo entre entrenadores, la visualización y análisis de juegos y entrenamientos en vídeo, y la participación en talleres prácticos, son las preferenciales; destacamos también que persiste una división entre los métodos directivos y los métodos de descubrimiento, entre otros resultados interesantes.

Concluimos con la concreción de los objetivos generales y específicos, la presentación de las implicaciones del estudio, añadimos algunas propuestas de mejora, exponemos las limitaciones del estudio y por último indicamos las perspectivas futuras.

ABSTRACT

We know that football is the most practiced sport in the whole world and it is also the most followed. So, it is one of the sports with more potential to influence society and the coach is its most influential person by the leadership action that he promotes near those surrounding him, especially if we are talking about children and young people. The coach is the one who can maintain the practice of football on the positive side, where it is intended to be and where it should remain, to foster educational values and to learn the sport in a harmonious way. Considering the importance of this figure in sports in general and in football in particular, it is essential for training to be a fundamental aspect of his qualities, namely because many other skills can emanate from this training, skills which may influence the young player in a favourable way in all its dimensions. Thus, the study on the football coach's training, which usually plays an important part on our young people's training, is not only important in the sports chapter but also in the social chapter.

We have started our work by looking at the theoretical basis of the theme. In the first part, we started with a global framework concerning the recent legislation governing the coach and his training, we reviewed all the international and national documents on the training of coaches and their skills, collecting the relevant information. In a second, more specific part, we gradually approached the characteristics that a coach must have, in terms of the concepts of education and training needs among other aspects developed.

One of the main objectives of this research was the development of a valid and reliable tool for the study of coach's training, which might allow its subsequent application in Portugal and that might allow for the replication of the study in different contexts. For that purpose, we have created a questionnaire that started from the study by Abad (2009) and we have submitted this tool to a validation process with the aim of analysing the training of base football coaches in the clubs of the Beja Football Association. We have designed a questionnaire that, at the end of the validation process, included 121 items grouped in 8 dimensions (Sociodemographic Characteristics, Sport Experience, Personal Aspects, Training as a Coach, Continuous Training, Teaching Conception, Planning and Programming, Training Needs). We have carried out a qualitative and quantitative analysis that was performed through the evaluation of 12 specialists. The validity of the content was analysed through the Aiken V coefficient, establishing a

99% confidence interval and the coefficient of variation. To establish reliability, the questionnaire was applied to 20 coaches from four different clubs in the region in two different times, the internal consistency was analysed by Cronbach's Alpha method (0.915) and the test-retest reliability using the intra-class correlation coefficient resulting in 0.890 ($p < 0.01$). The results show that the questionnaire gathers enough psychometric properties to be considered a valid and reliable tool to study and analyse the training needs of football coaches (Paixão, Abad & Giménez, 2019). In a second moment, the questionnaires created were applied to 124 coaches from the region of Beja, who were working with children and youth in football training. This sample represented 91% of the total study population and, through a descriptive and inferential analysis, it allowed us to analyse the profile of the coach, his training and his intervention in the different domains and parameters. We highlight some results, such as the fact that most coaches still do not even have the title of coach and that only a minority holds a higher education in the field of sports; on the other hand, the pleasure involved in training and teaching is the reason why coaches are in football training; as far as continuous training is concerned, the preferred strategies are: the creation of working groups between coaches, the visualization and analysis of games and video training, and the participation in practical workshops; we also emphasize that there is still a division between the directive methods and the discovery methods, among other interesting results.

We conclude with the achievement of the general and specific aims, the presentation of the implications of the study, we present some improvement proposals, we show the limitations of the study and, finally, we indicate perspectives for the future.

ÍNDICE GERAL

Capítulo I

1.	INTRODUCCIÓN, ELECCIÓN Y JUSTIFICACIÓN DEL TEMA DE INVESTIGACIÓN	
1.1.	INTRODUCCIÓN.....	1
1.2.	OBJETIVOS DE LA INVESTIGACIÓN	4
1.3.	PREGUNTAS DE LA INVESTIGACIÓN	5
1.4.	ESQUEMA GENERAL DE LA INVESTIGACIÓN.....	6
2.	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	9

Capítulo II..... 9

2.1.	ENQUADRAMENTO LEGISLATIVO DO TREINADOR.....	11
2.1.1.	Formação Desportiva.....	12
2.1.1.1.	Organização e gestão da formação desportiva	13
2.1.1.2.	Realização da formação	16
2.1.1.3.	Certificação profissional	16
2.1.2.	Atividade de Treinador de desporto.....	17
2.1.2.1.	Título Profissional de Treinador de Desporto	18
2.1.3.	Obtenção da certificação para Treinador de Desporto	20
2.1.3.1.	Formação do treinador	20
2.1.3.2.	Perfil do treinador	21
2.1.3.3.	Graus de Formação	22
2.1.4.	Treinador de desporto.....	23
2.1.4.1.	O exercício da atividade de treinador de desporto	24
2.1.4.2.	Título profissional de treinador de desporto.....	25
2.1.5.	Perspetivas de alterações à Lei	25
2.2.	O TREINADOR DE FUTEBOL NO CONTEXTO INTERNACIONAL	28
2.2.1.	Papel do Treinador.....	29
2.2.2.	Competências do treinador	30
2.2.3.	Função do Treinador.....	34
2.2.4.	Qualificação do Treinador	39
2.2.5.	Formação do Treinador	40
2.2.6.	Aprendizagem do Treinador.....	40
2.2.7.	Certificação de Treinadores	42
2.2.8.	Formadores de Treinadores	43
2.2.9.	O treinador e a Participação Desportiva	43
2.2.10.	Responsabilidade do Treinador	44
2.3.	A FORMAÇÃO DE TREINADORES NO PANORAMA NACIONAL.....	46
2.3.1.	Evolução da Formação em Portugal	46

2.4.	ASPETOS CONTEXTUAIS DO TREINADOR	51
2.5.	ASPETOS PESSOAIS DO TREINADOR.....	53
2.6.	AS COMPETENCIAS DO TREINADOR.....	54
2.6.1.	Competências em função dos Graus de Qualificação.....	55
2.6.2.	Tarefas do treinador.....	57
2.7.	O PERFIL DO TREINADOR	57
2.7.1.	Perfil de intervenção.....	60
2.7.2.	Perfil de liderança.....	61
2.7.3.	Perfil do treinador em função dos Graus de Qualificação	62
2.8.	EXPERIÊNCIA DO TREINADOR	65
2.9.	O TREINADOR OS VALORES E A ÉTICA DESPORTIVA	66
2.10.	A FORMAÇÃO DO TREINADOR.....	71
2.10.1.	Formação do Treinador de Futebol.....	73
2.10.2.	Importância da formação do treinador.....	74
2.10.3.	Modelos de formação de treinadores	77
2.10.4.	Etapas na formação de treinadores	79
2.10.5.	Cursos de treinador de desporto	79
2.10.6.	Aspetos chave dos cursos	81
2.10.7.	Particularidades dos diferentes Graus.....	81
2.10.8.	Pré-requisitos para os cursos	82
2.11.	FORMAÇÃO CONTÍNUA.....	83
2.11.1.	Obrigatoriedade de formação contínua.....	85
2.12.	NECESSIDADES DE FORMAÇÃO.....	86
2.13.	A INTERVENÇÃO DO TREINADOR	89
2.13.1.	Conceção de Ensino.....	90
2.13.2.	Estratégias de treino.....	97
2.13.3.	Influência do Treinador no Desenvolvimento do Atleta.....	100
2.13.4.	A Importância de uma Intervenção Positiva do Treinador	101
2.14.	PLANIFICAÇÃO E PROGRAMAÇÃO	107
2.14.1.	Programas de Desenvolvimento de Atletas	108
2.14.2.	Controlo do treino.....	110
2.14.3.	Importância do planeamento.....	110
2.15.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
3.	METODOLOGÍA DE LA INVESTIGACIÓN	113
Capítulo III		113
3.1.	DISEÑO Y PROCEDIMIENTO DE LA INVESTIGACIÓN.....	117
3.2.	CONTEXTO Y SUJETOS DE LA INVESTIGACIÓN.....	120
3.2.1.	Contexto de la investigación.....	120

3.2.2.	Sujetos de la investigación.....	121
3.2.3.	Muestra de los Entrenadores Participantes	122
3.3.	INSTRUMENTO DE INVESTIGACIÓN	122
3.3.1.	Elaboración del Cuestionario.....	122
3.4.	PROCESO DE VALIDACIÓN DEL CUESTIONARIO	127
3.4.1.	Material y Método	128
3.4.2.	Participantes	128
3.4.3.	Instrumento.....	129
3.4.4.	Procedimiento	129
3.4.5.	Validez y fiabilidad	130
3.4.6.	Análisis estadístico	131
3.4.7.	Criterios de exclusión:	131
3.4.8.	Criterios de revisión:	131
3.4.9.	Resultados del proceso	132
3.4.9.1.	Análisis cuantitativo general	132
3.4.9.2.	Análisis cuantitativo específico.....	133
3.4.10.	Análisis cualitativo general.....	141
3.4.11.	Análisis cualitativo específico	141
3.4.12.	Discusión del proceso de validación.....	144
3.4.13.	Consideraciones finales del proceso de validación.....	147
4.	RESULTADOS PROCEDENTES DEL CUESTIONARIO	145
Capítulo IV		145
4.	RESULTADOS PROCEDENTES DEL CUESTIONARIO	151
4.1.	RESULTADOS DEL ANÁLISIS DESCRIPTIVO.....	152
4.1.1.	Dimensión Características Sociodemográficas	153
4.1.2.	Dimensión Experiencia Deportiva	158
4.1.3.	Dimensión Aspectos Personales.....	166
4.1.4.	Dimensión Formación como Entrenador.....	179
4.1.5.	Dimensión Formación Continua	202
4.1.6.	Dimensión Concepción de Enseñanza	212
4.1.7.	Dimensión Planificación y Programación	224
4.1.8.	Dimensión Necesidades de Formación	246
4.2.	RESULTADOS DEL ANÁLISIS INFERENCIAL	286
4.2.1.	Edad	287
4.2.2.	Actividad principal.....	293
4.2.3.	Cualificación académica	295
4.2.4.	Provincia donde es entrenador	297
4.2.5.	Años como entrenador	298

4.2.6.	Tiempo que hace que ha completado el curso	300
4.2.7.	Principal categoría que entrenan	303
4.2.8.	Experiencia como jugador federado.....	306
4.2.9.	Categoría en la que ha jugado	308
4.2.10.	Años como jugador	310
4.2.11.	Razón por la que entrena	312
4.2.12.	Certificación como entrenador	314
4.2.13.	Intención de formación académica.....	316
5.	DISCUSIÓN DE LOS RESULTADOS	311
Capítulo V		311
5.1.	DISCUSIÓN DEL ANÁLISIS DESCRIPTIVO	321
5.1.1.	Discusión de la Dimensión Características Sociodemográficas	321
5.1.2.	Discusión de la Dimensión Experiencia Deportiva	323
5.1.3.	Discusión de la Dimensión Aspectos Personales.....	325
5.1.4.	Discusión de la Dimensión Formación como Entrenador	326
5.1.5.	Discusión de la Dimensión Formación Continua	329
5.1.6.	Discusión de la Concepción de enseñanza.....	330
5.1.7.	Discusión de la Planificación y Programación	332
5.1.8.	Discusión de la Necesidades de Formación.....	336
5.2.	DISCUSIÓN DEL ANÁLISIS INFERENCIAL	337
5.2.1.	Relación con la Experiencia como Jugador	337
5.2.2.	Relación con el Grado de Certificación	339
5.2.3.	Relación con las Estrategias de Formación	340
5.2.4.	Relación con los Contenidos de los Cursos	341
5.2.5.	Relación con las Categorías del Fútbol.....	342
5.2.6.	Relación con la Concepción de Enseñanza.....	344
5.2.7.	Relación con la Planificación y Programación	347
5.2.8.	Relación con las Necesidades de Formación	350
6.	CONCLUSIONES DE LA INVESTIGACIÓN	345
Capítulo VI		345
6.1.	CONSECUCCIÓN DE LOS OBJETIVOS GENERALES.....	357
6.2.	CONSECUCCIÓN DE LOS OBJETIVOS ESPECÍFICOS	358
6.3.	IMPLICACIONES Y PROPUESTAS DE INTERVENCIÓN.....	366
6.3.1.	Implicaciones a nivel federativo, asociativo e institucional	367
6.3.2.	Implicaciones a nivel académico en las instituciones Politécnicas y Universitarias	367
6.3.3.	Implicaciones a nivel de la propia figura del entrenador	367
6.3.4.	Propuestas de intervención	368
6.4.	LIMITACIONES DEL ESTUDIO	371

6.5.	PERSPECTIVAS DE FUTURO	372
7.	CONCLUSÕES DA INVESTIGAÇÃO.....	346
	Capítulo VII.....	346
7.1.	CONCRETIZAÇÃO DOS OBJETIVOS GERAIS	377
7.2.	CONCRETIZAÇÃO DOS OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	378
7.3.	IMPLICAÇÕES E PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO	386
7.3.1.	Implicações a nível federativo, associativo e institucional	386
7.3.2.	Implicações a nível académico nas instituições Politécnicas e Universitárias.....	387
7.3.3.	Implicações a nível da própria figura do treinador	387
7.3.4.	Propostas de intervenção	387
7.4.	LIMITAÇÕES DO ESTUDO	390
7.5.	PERSPETIVAS DE FUTURO	391
8.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	393
	Capítulo VIII	393
	Capítulo IX.....	407
9.	ANEXOS.....	407
9.1.	PRIMEIRA FASE DE VALIDAÇÃO	V
9.2.	SEGUNDA FASE DE VALIDAÇÃO	VII
9.3.	TERCEIRA FASE DE VALIDAÇÃO DO QUESTIONÁRIO.....	XI
9.4.	QUESTIONÁRIO FINAL.....	XXI
	QUESTIONÁRIO SOBRE AS NECESSIDADES FORMATIVAS DO TREINADOR DE JOVENS FUTEBOLISTAS NO BAIXO ALENTEJO.....	XXI
1.	Características Sociodemográficas	XXI
2.	Experiência Desportiva	XXII
3.	Aspectos Pessoais	XXIII
4.	Formação como Treinador.....	XXV
5.	Formação Contínua	XXVII
6.	Conceção de Ensino	XXVIII
7.	Planificação e Programação.....	XXIX
8.	Necessidades de Formação	XXXI
9.5.	PUBLICAÇÃO DO ARTIGO DE VALIDAÇÃO	XXXIII

ÍNDICE DE TABLAS

Tabla 1. Fases del presente proceso de investigación, de acuerdo con Almeida y Freire (2003).	119
Tabla 2. Datos muestra de participantes en el cuestionario.	122
Tabla 3. Resumen de los ítems de la dimensión Características Sociodemográficas.	123
Tabla 4. Resumen de los ítems de la dimensión Experiencia Deportiva.	123
Tabla 5. Resumen de los ítems de la dimensión Aspectos Personales.....	124
Tabla 6. Resumen de los ítems de la dimensión Formación como Entrenador.	124
Tabla 7. Resumen de los ítems de la dimensión Formación Continua.	125
Tabla 8. Resumen de los ítems de la dimensión Concepción de Enseñanza.	125
Tabla 9. Resumen de los ítems de la dimensión Planificación y Programación.	125
Tabla 10. Resumen de los ítems de la dimensión Necesidades de Formación.	126
Tabla 11. Perfiles de cada juez-experto.	128
Tabla 12. Media, desviación típica, coeficiente de variación, <i>V de Aiken</i> e intervalo de confianza de los aspectos generales del cuestionario: presentación, instrucciones, dificultad, orden y extensión.	132
Tabla 13. Media, desviación típica, coeficiente de variación, <i>V de Aiken</i> e intervalo de confianza de la pertinencia, redacción, claridad, comprensión y plenitud de cada dimensión.	132
Tabla 14. Media, desviación típica, coeficiente de variación, <i>V de Aiken</i> e intervalo de confianza de la pertinencia de cada pregunta.	134
Tabla 15. Media, desviación típica, coeficiente de variación, <i>V de Aiken</i> e intervalo de confianza del contenido de cada pregunta.	136
Tabla 16. Media, desviación típica, coeficiente de variación, <i>V de Aiken</i> e intervalo de confianza de redacción de las preguntas de cada pregunta.	138
Tabla 17. Primera fase de validación, análisis cualitativo general por dimensión.....	141
Tabla 18. Valoración cualitativa de la dimensión Características Sociodemográficas.	141
Tabla 19. Valoración cualitativa de la dimensión Experiencia Deportiva.	142
Tabla 20. Valoración cualitativa de la dimensión Aspectos Personales.	142
Tabla 21. Valoración cualitativa de la dimensión Formación como Entrenador.	142
Tabla 22. Valoración cualitativa de la dimensión Formación Continua.	143
Tabla 23. Valoración cualitativa de la dimensión Concepción de enseñanza.	143
Tabla 24. Valoración cualitativa de la dimensión Planificación y Programación.	143
Tabla 25. Valoración cualitativa de la dimensión Necesidades de Formación.	144
Tabla 26. Dimensiones del cuestionario con los respectivos ítems.	151
Tabla 27. Ítems de la dimensión Características Sociodemográficas del cuestionario.	153
Tabla 28. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 1: Género.	154
Tabla 29. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 2: Edad.	154
Tabla 30. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 3: ¿Cuál es su actividad principal?	155
Tabla 31. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 4. ¿Cuál es la máxima cualificación académica que posee en este momento?	156
Tabla 32. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 5: ¿Cuál es el municipio donde ejerce sus funciones como entrenador?	157
Tabla 33. Ítems de la dimensión Experiencia Deportiva del cuestionario.	158
Tabla 34. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 6: ¿Hace cuántos años es entrenador en el fútbol de formación?	159
Tabla 35. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 7: ¿Hace cuánto tiempo ha concluido el curso de entrenador de fútbol?	160
Tabla 36. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 8. La principal categoría que entrena actualmente es:	161
Tabla 37. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 9: ¿Fue, o es, jugador federado de fútbol?	162
Tabla 38. Frecuencias y porcentajes de respuestas al 10: ¿Cuál fue la máxima categoría en la que jugó? ..	163
Tabla 39. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 11. ¿Durante cuántos años jugó fútbol federado?	164

Tabla 40. Ítems de la dimensión Aspectos Personales del cuestionario.	166
Tabla 41. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 12: ¿Cuál es la razón principal por la que entrena?	167
Tabla 42. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 14: ¿Qué importancia piensa que tiene el facto de tener el título de entrenador de fútbol en relación con el trabajo del entrenador de fútbol de formación?	168
Tabla 43. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 15: ¿Qué importancia piensa que tiene el facto de haber sido jugador federado de fútbol en relación con el trabajo del entrenador de fútbol de formación?	169
Tabla 44. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 16: ¿Qué importancia piensa que tiene el hecho de tener formación universitaria en relación con el trabajo del entrenador de fútbol de formación? ..	170
Tabla 45. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 17: ¿Qué importancia piensa que tiene asistir a cursos de formación continua en relación con el trabajo del entrenador de fútbol de formación?	171
Tabla 46. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 18: ¿Qué importancia piensa que tiene asistir a seminarios sobre fútbol en relación con el trabajo del entrenador de fútbol de formación?	172
Tabla 47. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 19: ¿Qué importancia piensa que tiene leer libros y revistas de fútbol en relación con el trabajo del entrenador de fútbol de formación?	173
Tabla 48. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 20: ¿Qué importancia piensa que tiene ver partidos y entrenamientos de fútbol en relación con el trabajo del entrenador de fútbol de formación?	174
Tabla 49. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 21: ¿Qué importancia piensa que tiene consultar sitios de internet sobre fútbol en relación con el trabajo del entrenador de fútbol de formación? .	175
Tabla 50. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 22: ¿Qué importancia piensa que tiene intercambiar ideas en los blogs de fútbol de Internet en relación con el trabajo del entrenador de fútbol de formación?	176
Tabla 51. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 23: ¿Qué importancia piensa que tiene conversar directamente con otros entrenadores en relación con el trabajo del entrenador de fútbol de formación?	177
Tabla 52. Ítems de la dimensión Formación como Entrenador del cuestionario.	179
Tabla 53. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 24. ¿Cuál la máxima certificación de fútbol que posee o que está terminando?	180
Tabla 54. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 25: El contenido “didáctico del deporte” de la formación general del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación? .	181
Tabla 55. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 26: El contenido “pedagogía del deporte” de la formación general del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación? .	182
Tabla 56. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 27: El contenido “psicología del deporte” de la formación general del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación? .	183
Tabla 57. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 28: El contenido “seguridad deportiva” de la formación general del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación? .	184
Tabla 58. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 29: El contenido “teoría y metodología del entrenamiento deportivo de las modalidades colectivas” de la formación general del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?	185
Tabla 59. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 30: El contenido “aprendizaje y desarrollo motor” de la formación general del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?	186
Tabla 60. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 31: El contenido “observación y análisis de las habilidades motoras” de la formación general del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?	187
Tabla 61. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 32: El contenido: “funcionamiento del cuerpo humano, nutrición y primeros auxilios” de la formación general del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?	188
Tabla 62. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 33: El contenido: “lucha contra el dopaje” de la formación general del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación? .	189
Tabla 63. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 34: El contenido: “deporte para personas con discapacidad” de la formación general del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?	190

Tabla 64. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 35: El contenido: “técnica y táctica” de la formación específica del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?.....	191
Tabla 65. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 36: El contenido: “metodología del entrenamiento de fútbol” de la formación específica del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?	192
Tabla 66. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 37: El contenido: “capacidades físicas/motoras” de la formación específica del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?.....	193
Tabla 67. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 38: El contenido: “psicología en el fútbol” de la formación específica del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?.....	194
Tabla 68. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 39: El contenido: “gestión y organización en el fútbol” de la formación específica del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?	195
Tabla 69. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 40: El contenido: “arbitraje y leyes de juego” de la formación específica del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?.....	196
Tabla 70. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 41: El contenido: “organización de clase” de la formación específica del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?.....	197
Tabla 71. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 42: Pienso que el tiempo empleado en el curso de entrenadores es suficiente para entrenar en el fútbol de formación.	198
Tabla 72. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 43: Creo que los contenidos recibidos durante el curso de entrenadores son suficientes para entrenar en el fútbol de formación.	199
Tabla 73. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 44: En general, creo que los profesores que he tenido en el curso de entrenadores me enseñaron mucho.	200
Tabla 74. Ítems de la dimensión Formación Continua del cuestionario.	202
Tabla 75. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 45: Me parece importante participar en jornadas, seminarios y congresos para mantenerme actualizado.	203
Tabla 76. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 46: Creo que mi experiencia diaria es suficiente para mantenerme actualizado.	204
Tabla 77. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 47: Los cursos de corta o media duración pueden ser importantes para mantenerme actualizado.	205
Tabla 78. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 48: Intercambiar opiniones y experiencias con otros colegas entrenadores puede ayudar a completar mi formación.	206
Tabla 79. Frecuencias y porcentajes del ítem 49: Los libros y revistas pueden ser un buen medio para continuar mi formación.	207
Tabla 80. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 50: Los entrenadores, dentro del club donde entreno, deben trabajar en grupo.	208
Tabla 81. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 51: Entiendo que los cursos e-Learning serían una buena forma de mantenerme actualizado.	209
Tabla 82. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 52: Creo que los workshops prácticos son una óptima forma de construir mi formación.	210
Tabla 83. Frecuencia y porcentajes de respuestas al ítem 53: Los congresos on-line representan una posibilidad innovadora y eficaz para mi formación.	211
Tabla 84. Ítems de la dimensión Concepción de Enseñanza del cuestionario.	212
Tabla 85. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 54: En mi opinión, el fútbol es un medio a través del cual puedo educar a mis jugadores.	213
Tabla 86. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 55: Para mí, los resultados obtenidos por mi equipo en las competiciones son muy importantes.	214
Tabla 87. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 56: La competición es sólo un aspecto más en la formación deportiva de los jugadores.	215

Tabla 88. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 57: Considero que lo primordial es que los jugadores se diviertan practicando fútbol.	216
Tabla 89. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 58: A través del fútbol podemos transmitir valores educativos.	217
Tabla 90. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 59: Entiendo que debo utilizar con más frecuencia métodos de enseñanza directivos.	218
Tabla 91. Frecuencias de respuestas al ítem 60: Entiendo que debo utilizar con más frecuencia métodos de enseñanza basados en el descubrimiento.	219
Tabla 92. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 61: Dispongo con frecuencia de instalaciones y material suficiente para entrenar.....	220
Tabla 93. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 62: Creo que la competición en estas edades de iniciación está adaptada a las características psicoevolutivas de los jugadores.	221
Tabla 94. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 63: Creo que todos los jugadores deben participar en las competiciones, independientemente del resultado.	222
Tabla 95. Ítems de la dimensión Planificación y Programación del cuestionario.....	224
Tabla 96. Frecuencia y porcentajes de respuestas al ítem 64: Suelo programar la época antes de que comience.....	225
Tabla 97. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 65: Suelo programar el trabajo mensualmente..	226
Tabla 98. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 66: Programo el trabajo semanalmente.....	227
Tabla 99. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 67: Programo el trabajo diariamente.....	228
Tabla 100. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 68: Habitualmente trabajo los medios técnico-tácticos con oposición.....	229
Tabla 101. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 69: Suelo dar más prioridad a los aspectos técnico-tácticos que a los físicos.	230
Tabla 102. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 70: Habitualmente utilizo una metodología lúdica.	231
Tabla 103. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 71: Es fácil para mí motivar a mis jugadores..	232
Tabla 104. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 72: Normalmente, mantengo relaciones amistosas con mis jugadores.	233
Tabla 105. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 73: Normalmente, suelo mantener relaciones cordiales con los padres de los jugadores.	234
Tabla 106. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 74: Habitualmente controlo fácilmente los entrenamientos.....	235
Tabla 107. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 75: Tengo claro los contenidos que debo trabajar en estas edades.	236
Tabla 108. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 76: Los objetivos que formulo en estas edades son fundamentalmente educativos.....	237
Tabla 109. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 77: Los objetivos que formulo en estas edades son fundamentalmente competitivos.	238
Tabla 110. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 78: Los objetivos que formulo en estas edades son fundamentalmente recreativos.	239
Tabla 111. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 79: Realizar una evaluación inicial de los jugadores al inicio de la temporada.	240
Tabla 112. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 80: A partir de esa evaluación inicial realizo la programación.....	241
Tabla 113. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 81: Evaluó sólo en el final de la temporada....	242
Tabla 114. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 82: Los jugadores normalmente son asiduos a los entrenamientos.	243
Tabla 115. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 83: En el futuro, mi intención es entrenar en categorías superiores.	244
Tabla 116. Ítems de la dimensión Necesidades de Formación del cuestionario.	246
Tabla 117. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 84: “Técnica individual” como contenido de interés para continuar su formación.....	247

Tabla 118. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 85: “Desarrollo de las capacidades motoras” como contenido de interés para continuar su formación.	248
Tabla 119. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 86: “Seguridad deportiva” como contenido de interés para continuar su formación.....	249
Tabla 120. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 87: “Metodologías de enseñanza del fútbol” como contenido de interés para continuar su formación.	250
Tabla 121. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 88: “Táctica y sistemas de juego” como contenido de interés para continuar su formación.	251
Tabla 122. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 89: “Reglas del juego” como contenido de interés para continuar su formación.....	252
Tabla 123. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 90: “Gestión de equipos” como contenido de interés para continuar su formación.....	253
Tabla 124. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 91: “Desarrollo profesional” como contenido de interés para continuar su formación.	254
Tabla 125. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 92: “Bases anatómicas y fisiológicas” del deporte como contenido de interés para continuar su formación.	255
Tabla 126. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 93: “Psicología del deporte” como contenido de interés para continuar su formación.....	256
Tabla 127. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 94: “Metodología del entrenamiento deportivo” como contenido de interés para continuar su formación.	257
Tabla 128. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 95: “Fundamentos sociológicos del deporte” como contenidos de interés para continuar su formación.	258
Tabla 129. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 96: “Organización y legislación deportiva” como contenidos de interés para continuar su formación.	259
Tabla 130. Frecuencia de respuestas al ítem 97: “Dirección y coordinación técnica” como contenidos de interés para continuar su formación.....	260
Tabla 131. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 98: “Primeros auxilios e higiene en el deporte” como contenidos de interés para continuar su formación.	261
Tabla 132. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 99: “Pedagogía del deporte” como contenido de interés para continuar su formación.....	262
Tabla 133. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 100: “Ética deportiva” como contenido de interés para continuar su formación.....	263
Tabla 134. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 101: “Aprendizaje y desarrollo motor” como contenido de interés para continuar su formación.	264
Tabla 135. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 102: “Observación y análisis de las habilidades deportivas” como contenido de interés para continuar su formación.	265
Tabla 136. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 103: “Nutrición deportiva” como contenido de interés para continuar su formación.....	266
Tabla 137. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 104: “Didáctica del deporte” como contenido de interés para continuar su formación.....	267
Tabla 138. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 105: “Promoción de valores en el deporte” como contenido de interés para continuar su formación.	268
Tabla 139. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 106: “Coaching deportivo” como contenido de interés para continuar su formación.....	269
Tabla 140. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 107: “Entrenamiento de porteros” como contenido de interés para continuar su formación.	270
Tabla 141. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 108: “Scouting en el fútbol” como contenido de interés para continuar su formación.....	271
Tabla 142. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 109: Conferencias, congresos, jornadas y seminarios como estrategias elegidas para continuar su formación.	272
Tabla 143. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 110: Cursos de corta o media duración como estrategia elegida para continuar su formación.	273

Tabla 144. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 111: Reflexión sobre la propia práctica como estrategia elegida para continuar su formación.	274
Tabla 145. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 112: Ver otros colegas a entrenar como estrategia elegida para continuar su formación.	275
Tabla 146. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 113: Lectura de libros o revistas específicas de fútbol como estrategia elegida para continuar su formación.	276
Tabla 147. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 114: Lectura de libros o revistas relacionadas con el entrenamiento deportivo como estrategias elegidas para continuar su formación.	277
Tabla 148. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 115: Grupos de trabajo entre entrenadores de fútbol como estrategia elegida para continuar su formación.	278
Tabla 149. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 116: Visualización y análisis de juegos y entrenamiento de fútbol en vídeo como estrategia elegida para continuar su formación.	279
Tabla 150. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 117: Cursos e-Learning como estrategia elegida para continuar su formación.	280
Tabla 151. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 118: Workshops prácticos como estrategia elegida para continuar su formación.	281
Tabla 152. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 119: Congresos on-line como estrategia elegida para continuar su formación.	282
Tabla 153. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 120: Formación de grado académico como estrategia elegida para continuar su formación.	283
Tabla 154. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 121: El grado académico que pretende para continuar su formación.	284
Tabla 155. Cuadro resumen del análisis inferencial por variable.	286
Tabla 156. Cuadro resume del análisis inferencial en función de la edad con el Qui-quadrado, los grados de libertad y el nivel de significación de cada ítem.	293
Tabla 157. Cuadro resume del análisis inferencial en función de la actividad principal con el Qui-quadrado, los grados de libertad y el nivel de significación de cada ítem.	294
Tabla 158. Cuadro resume del análisis inferencial en función de la cualificación académica con el Qui-quadrado, los grados de libertad y el nivel de significancia de cada ítem.	297
Tabla 159. Cuadro resume del análisis inferencial en función de la provincia donde es entrenador con el Qui-quadrado, los grados de libertad y el nivel de significancia de cada ítem.	298
Tabla 160. Cuadro resume del análisis inferencial en función de los años como entrenador con el Qui-quadrado, los grados de libertad y el nivel de significación de cada ítem.	300
Tabla 161. Cuadro resume del análisis inferencial en función del tiempo que los encuestados han completado el curso con el Qui-quadrado, los grados de libertad y el nivel de significación de cada ítem. .	302
Tabla 162. Cuadro resume del análisis inferencial en función de la principal categoría que entrenan con el Qui-quadrado, los grados de libertad y el nivel de significación de cada ítem.	305
Tabla 163. Cuadro resume del análisis inferencial en función de la experiencia como jugador federado con el Qui-quadrado, los grados de libertad y el nivel de significación de cada ítem.	308
Tabla 164. Cuadro resume del análisis inferencial en función de la categoría en la que ha jugado con el Qui-quadrado, los grados de libertad y el nivel de significación de cada ítem.	310
Tabla 165. Cuadro resume del análisis inferencial en función de los años como jugador con el Qui-quadrado, los grados de libertad y el nivel de significación de cada ítem.	311
Tabla 166. Cuadro resume del análisis inferencial en función de la razón por la que entrena con el Qui-quadrado, los grados de libertad y el nivel de significación de cada ítem.	314
Tabla 167. Cuadro resume del análisis inferencial en función de la certificación como entrenador con el Qui-quadrado, los grados de libertad y el nivel de significación de cada ítem.	316
Tabla 168. Cuadro resume del análisis inferencial en función de la intención de formación académica con el Qui-quadrado, los grados de libertad y el nivel de significación de cada ítem.	317

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Esquema general de la investigación.	6
Figura 2. Legislação associada ao treinador de desporto.....	27
Figura 3. Documentos institucionais de referência para a formação dos treinadores de desporto.	46
Figura 4. Perfil do treinador em função dos graus de qualificação.	64
Figura 5. Ideias comuns entre autores que apontam num mesmo sentido quanto à formação dos treinadores.	77
Figura 6. Modelos de formação de treinadores (Feu & Ibáñez, 2015).	78
Figura 7. Resumo de diversos estudos sobre a conceção de ensino.	97
Figura 8. Esquema general de la metodología de la investigación.....	117
Figura 9. Etapas de la investigación, adaptado de Abad (2009).	118
Figura 10. Programación de las diferentes tareas de la investigación.	120
Figura 11. Mapa de la región de Beja con la distribución del número de entrenadores encuestados por provincia donde realizan su actividad como entrenador.....	121
Figura 12. distribución del número de entrenadores encuestados por provincia donde realizan su actividad como entrenador.	152
Figura 13. Porcentaje de respuestas al ítem 1: género.	153
Figura 14. Porcentaje de respuestas del ítem 2: edad.	154
Figura 15. Porcentaje de respuestas del ítem 3: ¿cuál es su actividad principal?	155
Figura 16. Porcentaje de respuestas al ítem 4. ¿cuál es la máxima cualificación académica que posee en este momento?.....	156
Figura 17. Porcentaje de respuesta del ítem 5: ¿cuál es el municipio donde ejerce sus funciones como entrenador?	157
Figura 18. Porcentaje de respuestas al ítem 6: ¿hace cuántos años es entrenador en el fútbol de formación?.....	159
Figura 19. Porcentaje de valoración del ítem 7: ¿hace cuánto tiempo ha concluido el curso de entrenador de fútbol?.....	160
Figura 20. Porcentaje de respuestas del ítem 8. La principal categoría que entrena actualmente es:	161
Figura 21. Porcentaje de respuestas del ítem 9: ¿fue, o es, jugador federado de fútbol?.....	162
Figura 22. Porcentaje de respuestas al ítem 10: ¿cuál fue la máxima categoría en la que jugó?	163
Figura 23. Porcentaje de respuestas del ítem 11. ¿durante cuántos años jugó fútbol federado?.....	164
Figura 24. Porcentaje de respuestas del ítem 12: ¿cuál es la razón principal por la que entrena?	167
Figura 25. Porcentaje de valoración del ítem 14: ¿qué importancia piensa que tiene el facto de tener el título de entrenador de fútbol en relación con el trabajo del entrenador de fútbol de formación?.....	168
Figura 26. Porcentaje de valoración del ítem 15: ¿qué importancia piensa que tiene el facto de haber sido jugador federado de fútbol en relación con el trabajo del entrenador de fútbol de formación?.....	169
Figura 27. Porcentaje de valoración del ítem 16: ¿qué importancia piensa que tiene el hecho de tener formación universitaria en relación con el trabajo del entrenador de fútbol de formación?.....	170
Figura 28. Porcentaje de valoración del ítem 17: ¿qué importancia piensa que tiene asistir a cursos de formación en relación con el trabajo del entrenador de fútbol de formación?.....	171
Figura 29. Porcentaje de valoración del ítem 18: ¿qué importancia piensa que tiene asistir a seminarios sobre fútbol en relación con el trabajo del entrenador de fútbol de formación?.....	172
Figura 30. Porcentaje de valoración del ítem 19: ¿qué importancia piensa que tiene leer libros y revistas de fútbol en relación con el trabajo del entrenador de fútbol de formación?.....	173
Figura 31. Porcentaje de valoración del ítem 20: ¿qué importancia piensa que tiene ver partidos y entrenamientos de fútbol en relación con el trabajo del entrenador de fútbol de formación?	174
Figura 32. Porcentaje de valoración del ítem 21: ¿qué importancia piensa que tiene consultar sitios de internet sobre fútbol en relación con el trabajo del entrenador de fútbol de formación?.....	175
Figura 33. Porcentaje de valoración del ítem 22: ¿qué importancia piensa que tiene intercambiar ideas en los blogs de fútbol de internet en relación con el trabajo del entrenador de fútbol de formación?.....	176

Figura 34. Porcentaje de valoración del ítem 23: ¿qué importancia piensa que tiene conversar directamente con otros entrenadores en relación con el trabajo del entrenador de fútbol de formación?	177
Figura 35. Porcentaje de respuestas al ítem 24. ¿cuál la máxima certificación de fútbol que posee o que está terminando?.....	180
Figura 36. Porcentaje de valoración del ítem 25: el contenido “didáctica del deporte” de la formación general del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?	181
Figura 37. Porcentaje de valoración del ítem 26: el contenido “pedagogía del deporte” de la formación general del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?	182
Figura 38. Porcentaje de valoración del ítem 27: el contenido “psicología del deporte” de la formación general del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?	183
Figura 39. Porcentaje de valoración del ítem 28: el contenido “seguridad deportiva” de la formación general del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?	184
Figura 40. Porcentaje de valoración del ítem 29: el contenido “teoría y metodología del entrenamiento deportivo de las modalidades colectivas” de la formación general del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?	185
Figura 41. Porcentaje de valoración del ítem 30: el contenido “aprendizaje y desarrollo motor” de la formación general del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación? .	186
Figura 42. Porcentaje de valoración del ítem 31: el contenido “observación y análisis de las habilidades motoras” de la formación general del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?	187
Figura 43. Porcentaje de valoración del ítem 32: el contenido: “funcionamiento del cuerpo humano, nutrición y primeros auxilios” de la formación general del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?	188
Figura 44. Porcentaje de valoración del ítem 33: el contenido: “lucha contra el dopaje” de la formación general del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?	189
Figura 45. Porcentaje de valoración del ítem 34: el contenido: “deporte para personas con discapacidad” de la formación general del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?	190
Figura 46. Porcentaje de valoración del ítem 35: el contenido: “técnica y táctica” de la formación específica del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?	191
Figura 47. Porcentaje de valoración del ítem 36: el contenido: “metodología del entrenamiento de fútbol” de la formación específica del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?	192
Figura 48. Porcentaje de valoración del ítem 37: el contenido: “capacidades físicas/motoras” de la formación específica del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?	193
Figura 49. Porcentaje de valoración del ítem 38: el contenido: “psicología en el fútbol” de la formación específica del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?	194
Figura 50. Porcentaje de valoración del ítem 39: el contenido: “gestión y organización en el fútbol” de la formación específica del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?	195
Figura 51. Porcentaje de valoración del ítem 40: el contenido: “arbitraje y leyes de juego” de la formación específica del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?	196
Figura 52. Porcentaje de valoración del ítem 41: el contenido: “organización de clase” de la formación específica del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?	197
Figura 53. Porcentaje de valoración del ítem 42: pienso que el tiempo empleado en el curso de entrenadores es suficiente para entrenar en el fútbol de formación.	198
Figura 54. Porcentaje de valoración del ítem 43: creo que los contenidos recibidos durante el curso de entrenadores son suficientes para entrenar en el fútbol de formación.	199
Figura 55. Porcentaje de valoración del ítem 44: en general, creo que los profesores que he tenido en el curso de entrenadores me enseñaron mucho.	200

Figura 56. Porcentaje de valoración del ítem 45: me parece importante participar en jornadas, seminarios y congresos para mantenerme actualizado.	203
Figura 57. Porcentaje de valoración del ítem 46: creo que mi experiencia diaria es suficiente para mantenerme actualizado.	204
Figura 58. Porcentaje de valoración del ítem 47: los cursos de corta o media duración pueden ser importantes para mantenerme actualizado.....	205
Figura 59. Porcentaje de valoración del ítem 48: intercambiar opiniones y experiencias con otros colegas entrenadores puede ayudar a completar mi formación.	206
Figura 60. Porcentaje de valoración del ítem 49: los libros y revistas pueden ser un buen medio para continuar mi formación.	207
Figura 61. Porcentaje de valoración del ítem 50: los entrenadores, dentro del club donde entreno, deben trabajar en grupo.....	208
Figura 62. Porcentaje de valoración del ítem 51: entiendo que los cursos e-learning serían una buena forma de mantenerme actualizado.	209
Figura 63. Porcentaje de valoración del ítem 52: creo que los workshops prácticos son una óptima forma de construir mi formación.	210
Figura 64. Porcentaje de valoración del ítem 53: los congresos on-line representan una posibilidad innovadora y eficaz para mi formación.	211
Figura 65. Porcentaje de valoración del ítem 54: en mi opinión, el fútbol es un medio a través del cual puedo educar a mis jugadores.....	213
Figura 66. Porcentaje de valoración del ítem 55: para mí, los resultados obtenidos por mi equipo en las competiciones son muy importantes.....	214
Figura 67. Porcentaje de valoración del ítem 56: la competición es sólo un aspecto más en la formación deportiva de los jugadores.	215
Figura 68. Porcentaje de valoración del ítem 57: considero que lo primordial es que los jugadores se diviertan practicando fútbol.....	216
Figura 69. Porcentaje de valoración del ítem 58: a través del fútbol podemos transmitir valores educativos.....	217
Figura 70. Porcentaje de valoración del ítem 59: entiendo que debo utilizar con más frecuencia métodos de enseñanza directivos.	218
Figura 71. Porcentaje de valoración del ítem 60: entiendo que debo utilizar con más frecuencia métodos de enseñanza basados en el descubrimiento.	219
Figura 72. Porcentaje de valoración del ítem 61: dispongo con frecuencia de instalaciones y material suficiente para entrenar.....	220
Figura 73. Porcentaje de valoración del ítem 62: creo que la competición en estas edades de iniciación está adaptada a las características psicoevolutivas de los jugadores.	221
Figura 74. Porcentaje de valoración del ítem 63: creo que todos los jugadores deben participar en las competiciones, independientemente del resultado.....	222
Figura 75. Porcentaje de valoración del ítem 64: suelo programar la época antes de que comience.	225
Figura 76. porcentaje de valoración del ítem 65: suelo programar el trabajo mensualmente.....	226
Figura 77. Porcentaje de valoración del ítem 66: programo el trabajo semanalmente.	227
Figura 78. Porcentaje de valoración del ítem 67: programo el trabajo diariamente.	228
Figura 79. Porcentaje de valoración del ítem 68: habitualmente trabajo los medios técnico-tácticos con oposición.	229
Figura 80. Porcentaje de valoración del ítem 69: suelo dar más prioridad a los aspectos técnico-tácticos que a los físicos.	230
Figura 81. Porcentaje de valoración del ítem 70: habitualmente utilizo una metodología lúdica.	231
Figura 82. Porcentaje de valoración del ítem 71: es fácil para mí motivar a mis jugadores.....	232
Figura 83. Porcentaje de valoración del ítem 72: normalmente, mantengo relaciones amistosas con mis jugadores.	233
Figura 84. Porcentaje de valoración del ítem 73: normalmente, suelo mantener relaciones cordiales con los padres de los jugadores.	234
Figura 85. Porcentaje de valoración del ítem 74: habitualmente controlo fácilmente los entrenamientos. ..	235

Figura 86. Porcentaje de valoración del ítem 75: tengo claro los contenidos que debo trabajar en estas edades.	236
Figura 87. Porcentaje de valoración del ítem 76: los objetivos que formulo en estas edades son fundamentalmente educativos.	237
Figura 88. Porcentaje de valoración del ítem 77: los objetivos que formulo en estas edades son fundamentalmente competitivos.	238
Figura 89. Porcentaje de valoración del ítem 78: los objetivos que formulo en estas edades son fundamentalmente recreativos.	239
Figura 90. Porcentaje de valoración del ítem 79: realizar una evaluación inicial de los jugadores al inicio de la temporada.	240
Figura 91. Porcentaje de valoración del ítem 80: a partir de esa evaluación inicial realizo la programación.	241
Figura 92. Porcentaje de valoración del ítem 81: evaluó sólo en el final de la temporada.	242
Figura 93. Porcentaje de valoración del ítem 82: los jugadores normalmente son asiduos a los entrenamientos.	243
Figura 94. Porcentaje de valoración del ítem 83: en el futuro, mi intención es entrenar en categorías superiores.	244
Figura 95. Porcentaje de valoración del ítem 84: “técnica individual” como contenido de interés para continuar su formación.	247
Figura 96. Porcentaje de valoración del ítem 85: “desarrollo de las capacidades motoras” como contenido de interés para continuar su formación.	248
Figura 97. Porcentaje de valoración del ítem 86: “seguridad deportiva” como contenido de interés para continuar su formación.	249
Figura 98. Porcentaje de valoración del ítem 87: “metodologías de enseñanza del fútbol” como contenido de interés para continuar su formación.	250
Figura 99. Porcentaje de valoración del ítem 88: “táctica y sistemas de juego” como contenido de interés para continuar su formación.	251
Figura 100. Porcentaje de valoración del ítem 89: “reglas del juego” como contenido de interés para continuar su formación.	252
Figura 101. Porcentaje de valoración del ítem 90: “gestión de equipos” como contenido de interés para continuar su formación.	253
Figura 102. Porcentaje de valoración del ítem 91: “desarrollo profesional” como contenido de interés para continuar su formación.	254
Figura 103. Porcentaje de valoración del ítem 92: “bases anatómicas y fisiológicas” del deporte como contenido de interés para continuar su formación.	255
Figura 104. Porcentaje de valoración del ítem 93: “psicología del deporte” como contenido de interés para continuar su formación.	256
Figura 105. Porcentaje de valoración del ítem 94: “metodología del entrenamiento deportivo” como contenido de interés para continuar su formación.	257
Figura 106. Porcentaje de valoración del ítem 95: “fundamentos sociológicos del deporte” como contenido de interés para continuar su formación.	258
Figura 107. Porcentaje de valoración del ítem 96: “organización y legislación deportiva” como contenidos de interés para continuar su formación.	259
Figura 108. Porcentaje de valoración del ítem 97: “dirección y coordinación técnica” como contenidos de interés para continuar su formación.	260
Figura 109. Porcentaje de valoración del ítem 98: “primeros auxilios e higiene en el deporte” como contenidos de interés para continuar su formación.	261
Figura 110. Porcentaje de valoración del ítem 99: “pedagogía del deporte” como contenido de interés para continuar su formación.	262
Figura 111. Porcentaje de valoración del ítem 100: “ética deportiva” como contenido de interés para continuar su formación.	263
Figura 112. Porcentaje de valoración del ítem 101: “aprendizaje y desarrollo motor” como contenido de interés para continuar su formación.	264

Figura 113. Porcentaje de valoración del ítem 102: “observación y análisis de las habilidades deportivas” como contenido de interés para continuar su formación.	265
Figura 114. Porcentaje de valoración del ítem 103: “nutrición deportiva” como contenido de interés para continuar su formación.	266
Figura 115. Porcentaje de valoración del ítem 104: “didáctica del deporte” como contenido de interés para continuar su formación.	267
Figura 116. Porcentaje de valoración del ítem 105: “promoción de valores en el deporte” como contenido de interés para continuar su formación.	268
Figura 117. Porcentaje de valoración del ítem 106: “coaching deportivo” como contenido de interés para continuar su formación.	269
Figura 118. Porcentaje de valoración del ítem 107: “entrenamiento de porteros” como contenido de interés para continuar su formación.	270
Figura 119. Porcentaje de valoración del ítem 108: “scouting en el fútbol” como contenido de interés para continuar su formación.	271
Figura 120. Porcentaje de valoración del ítem 109: conferencias, congresos, jornadas y seminarios como estrategias elegidas para continuar su formación.	272
Figura 121. Porcentaje de valoración del ítem 110: cursos de corta o media duración como estrategia elegida para continuar su formación.	273
Figura 122. Porcentaje de valoración del ítem 111: reflexión sobre la propia práctica como estrategia elegida para continuar su formación.	274
Figura 123. Porcentaje de valoración del ítem 112: ver a otros colegas a entrenar como estrategia elegida para continuar su formación.	275
Figura 124. Porcentaje de valoración del ítem 113: lectura de libros o revistas específicas de fútbol como estrategias elegidas para continuar su formación.	276
Figura 125. Porcentaje de valoración del ítem 114: lectura de libros o revistas relacionadas con el entrenamiento deportivo como estrategias elegidas para continuar su formación.	277
Figura 126. Porcentaje de valoración del ítem 115: grupos de trabajo entre entrenadores de fútbol como estrategia elegida para continuar su formación.	278
Figura 127. Porcentaje de valoración del ítem 116: visualización y análisis de juegos y entrenamiento de fútbol en vídeo como estrategia elegida para continuar su formación.	279
Figura 128. Porcentaje de valoración del ítem 117: cursos e-learning como estrategia elegida para continuar su formación.	280
Figura 129. Porcentaje de valoración del ítem 118: workshops prácticos como estrategia elegida para continuar su formación.	281
Figura 130. Porcentaje de valoración del ítem 119: congresos on-line como estrategia elegida para continuar su formación.	282
Figura 131. Porcentaje de valoración del ítem 120: formación de grado académico como estrategia elegida para continuar su formación.	283
Figura 132. Porcentaje de valoración del ítem 121: el grado académico que pretende para continuar su formación.	284

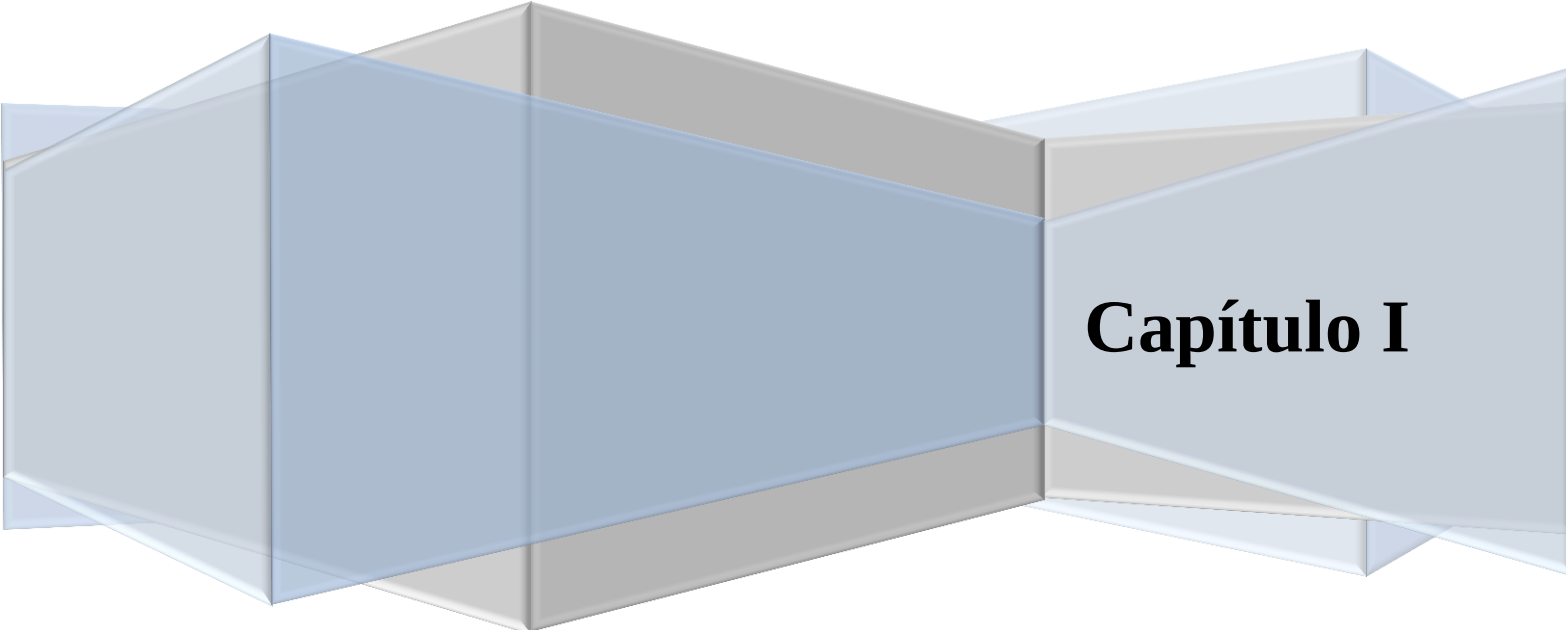
1. INTRODUCCIÓN, ELECCIÓN Y JUSTIFICACIÓN DEL TEMA DE INVESTIGACIÓN

1.1. INTRODUCCIÓN

1.2. OBJETIVOS DE LA INVESTIGACIÓN

1.3. PREGUNTAS DE LA INVESTIGACIÓN

1.4. ESQUEMA GENERAL DE LA INVESTIGACIÓN



Capítulo I

"El fútbol es esfuerzo y compromiso, el fútbol es lealtad a sus compañeros de equipo y respeto por el adversario. El fútbol es un espacio de vida donde entrenadores, jugadores, árbitros y espectadores coexisten y se comunican. El fútbol es todo eso y mucho más"
(del Bosque, 2013).

1.1. INTRODUCCIÓN

El deporte en su esencia es un excelente vehículo de educación. Es importante en la transmisión de valores, en la capacidad de superación de las dificultades inherentes y en las relaciones sociales, éstas hacen que sea un instrumento primordial en la construcción de la personalidad de todos los que experimentan sus vivencias y crecen en la práctica deportiva (Vasconcelos-Raposo, 2012). De todos los deportes, el fútbol es el que mueve un mayor número de practicantes en todo el mundo (*Fédération Internationale de Football Association*, 2013). Por lo tanto, asume también una gran importancia como referencia deportiva para la sociedad global por la dimensión incuestionable a que ha llegado (Moreno, Ribeiro, & Mourão-Carvalho, 2010). Constituyendo una referencia e involucrando tantos atletas, es esencial que el trabajo desarrollado en la formación del joven futbolista sea de alta calidad en todas sus dimensiones humanas, soportado por conocimientos sólidos y fundamentados en información objetiva. Para que eso sea posible es necesario que el fútbol de formación disponga de los mejores técnicos, cualificados y especializados con la máxima experiencia posible acumulada. Sin embargo, creemos que actualmente en el fútbol de formación quedan muchas debilidades y en el entrenamiento no siempre existe un verdadero proceso de enseñanza y aprendizaje. Con base en fundamentos metodológicos sólidos para la construcción de un futbolista completo en todas sus dimensiones, de manera equilibrada y permitiendo un desarrollo armonioso de los niños y jóvenes futbolistas para una práctica perdurable de calidad (Azpillaga, González, Irazusta, & Arruza, 2012; Giménez, Abad, & Robles, 2010; Light & Harvey, 2015; Pill, 2012).

El nivel de formación y preparación metodológica del entrenador es un punto central de su capacidad como elemento de transmisión de conocimientos y como constructor de capacidades en los jugadores de fútbol que pueden determinar el éxito de los jóvenes futbolistas (Abad, Giménez, Robles, & Castillo, 2013; Cunha et al., 2010; Leo et al., 2013; Pulido, Sánchez-Oliva, Sánchez-Miguel, Leo, & García-Calvo, 2016; Ruiz, 2014; Stoszkowski & Collins, 2017). Por eso el papel del entrenador se asume como determinante para la calidad de la formación deportiva (Azpillaga et al., 2012; Lledó, Martínez, & Huertas, 2014; Ortega, Jiménez, Palao, & Sainz, 2008; Pazo et al., 2011, 2012). Este entrenador debe cumplir una serie de requisitos previos metodológicos en el proceso de enseñanza-entrenamiento (Bettega, Scaglia, Nascimento, Ibáñez, & Galatti,

2018), morales y personales que le permitan influir positivamente en el proceso de capacitación (Pill, 2012; Taylor, Piper, & Garratt, 2016). Sus intervenciones tienden a definir los valores humanos y sociales, y también por eso el entrenador es el agente primordial en la construcción de los jóvenes (Lima, 2001; Light & Harvey, 2017). Por todas estas razones hay necesidad de buscar comprender mejor el perfil de los entrenadores que diariamente desarrollan su trabajo con los niños y jóvenes, y entender las carencias que persisten en este proceso dinámico que pretende ser de enseñanza y aprendizaje del fútbol (Costa, Samulski, & Costa, 2009; Giménez et al., 2010; Mesquita et al., 2008, 2010; Vickers & Schoenstedt, 2011). Según Abad, Giménez, Robles, y Rodríguez (2011) las investigaciones sobre el entrenador de fútbol base son escasas, por lo que se hace necesaria la realización de estudios al respecto. Esta escasez de investigaciones también se verifica en Portugal (Cunha et al., 2010), donde se pretende desarrollar la investigación.

La formación de los entrenadores es una condición clave para que estén más preparados y sean más capaces de corresponder a los desafíos del fútbol de formación. Es la formación del entrenador la que determina mucho su perfil y la que construye su forma de actuar en el proceso de entrenamiento. Cada entrenador ha tenido un camino académico, profesional y deportivo diferente, por lo que tendrá posiblemente diferentes necesidades de formación en función de los obstáculos que va encontrando, de los desafíos que se proponen y también los retos que plantea a sí mismo. Como refiere Giménez (2003) el estudio del entrenador deportivo puede aportar datos interesantes que mejoren su intervención y consecuentemente el proceso de aprendizaje de los jugadores. Es importante que estudiemos en particular cada modalidad porque tienen sus especificidades propias y así sus necesidades formativas específicas, como es el caso del fútbol. Sabemos de una forma empírica que existen entrenadores que están ejerciendo funciones en los clubes sin habilitaciones propias para el cargo, o sea no tienen curso de entrenadores y están actualmente conduciendo a los niños en la práctica del fútbol sin las herramientas necesarias para una buena práctica deportiva. Por eso, es necesario diagnosticar la situación actual para introducirnos en este parámetro serio de nuestra práctica deportiva (Abad, 2009). Los cursos de entrenadores son otro punto importante de este diagnóstico, emergiendo a menudo una crítica en relación con la adaptación de los cursos a la realidad que los entrenadores encuentran en su actividad (Giménez, 2003). Es determinante saber qué necesidades sienten los entrenadores en su

práctica para adaptar mejor los cursos a la preparación efectiva de los entrenadores para su importante tarea. Abad (2009) afirma que en la mayoría de los casos el fútbol no se está enseñando adecuadamente y que dista mucho de ser educativo, no obstante refiere que el fútbol como deporte tiene grandes posibilidades educativas, las cuales deben de ser aprovechadas al máximo.

En cuanto a la elección del tema de investigación, personalmente he de decir que el tema es particularmente interesante para mí porque vengo desarrollando la labor de coordinación del fútbol de formación, trabajando cerca de los entrenadores y donde me preocupa la calidad de su trabajo. Por otro lado, participo como formador en los cursos de entrenadores, donde trato de hacer una reflexión sobre el entrenamiento con jóvenes para una mejor preparación de los entrenadores, esperando que en el futuro se pueda evitar errores que han sido comunes. Es en la identificación de talentos que también hago para un club profesional, que se hace evidente las necesidades de formación de algunos jóvenes que observamos, lo que me despierta un cierto sentido crítico de esta problemática. También como maestro de los futuros profesionales del deporte, sus necesidades de formación y el perfil profesional que adquieren son una preocupación diaria de mi trabajo. Por todas estas razones, en las actividades profesionales desarrolladas y por estar conectado con este deporte hace mucho tiempo, incluso como practicante, que me motivó elegir este tema. Creemos que puede resultar algo muy útil para la mejora de la tarea del entrenador de fútbol de formación.

Después de esta contextualización, se considera que todavía son escasos los estudios sobre esta problemática (Abad, 2009). Así, tenemos la intención de identificar el perfil del entrenador de fútbol de formación en esta región y evaluar sus necesidades formativas, para poder trazar propuestas de actuación para el futuro. Por ello, es nuestra convicción con esta investigación contribuir para un mejor conocimiento de la realidad existente y poder mejorar el proceso formativo de los entrenadores. El beneficio será siempre para los niños y su práctica deportiva, y a largo plazo para el aprendizaje del fútbol.

1.2. OBJETIVOS DE LA INVESTIGACIÓN

Objetivos generales:

1. Desarrollar y validar una herramienta de investigación que permita estudiar de forma fiable en Portugal la figura del entrenador de fútbol en las etapas de formación;
2. Establecer el perfil del entrenador de fútbol en las etapas de formación de los jóvenes jugadores de fútbol de la región de Beja (Portugal);
3. Detectar las grandes necesidades formativas que demandan estos entrenadores de fútbol en las etapas de formación;

Objetivos específicos:

4. Analizar la formación y la cualificación de los distintos entrenadores de fútbol en las etapas de formación;
5. Identificar las necesidades específicas de formación de los entrenadores de fútbol en las etapas de formación en relación con su formación inicial como entrenador y con su formación permanente;
6. Identificar las mejores estrategias para la Formación Permanente de los entrenadores;
7. Identificar la concepción sobre la enseñanza del fútbol que tienen estos entrenadores;
8. Describir y examinar la metodología de enseñanza aplicada por los entrenadores de fútbol en las etapas de formación;
9. Exponer los motivos que llevan los entrenadores de fútbol, en las etapas de formación, a dedicarse a esta tarea;
10. Reconocer los aspectos relacionados con la forma de planificación y programación de los entrenadores del fútbol de formación;
11. Identificar las prioridades definidas por los entrenadores en el proceso de entrenamiento y competición de los jóvenes futbolistas para las etapas de formación;
12. Comprender mejor la relación que establece el entrenador de fútbol con los jóvenes futbolistas, en las etapas de formación;

13. Determinar las características que debe tener el entrenador de fútbol en las etapas de formación;
14. Verificar las relaciones existentes entre las características personales de los entrenadores de fútbol en las etapas de formación y las demás variables estudiadas.

1.3. PREGUNTAS DE LA INVESTIGACIÓN

- a) ¿Qué perfil tienen los entrenadores de fútbol de formación? ¿Qué perfil deberían de tener?
- b) ¿Qué importancia tiene el entrenador de fútbol de formación en la iniciación deportiva?
- c) ¿Cuáles son los motivos que llevan a los entrenadores a entrenar en el fútbol de formación?
- d) ¿Qué formación tienen los entrenadores de fútbol en estos niveles?
- e) ¿Qué metodologías de enseñanza utilizan los entrenadores de fútbol de formación? ¿Qué metodologías deberían utilizar?
- f) ¿Qué concepción de enseñanza del fútbol tienen los entrenadores de fútbol de formación?
- g) ¿Qué relaciones establecen los entrenadores con sus jugadores?
- h) ¿Qué tipo de prioridades definen a los entrenadores en estas etapas de formación?
- i) ¿Cuáles son los procedimientos de planificación y programación del trabajo de los entrenadores de fútbol de formación?
- j) ¿Qué experiencia tienen como entrenadores de fútbol de formación? ¿Qué importancia tiene ésta?
- k) ¿Qué experiencia tienen los entrenadores como jugadores de fútbol?
- l) ¿Cuáles son las necesidades de formación de los entrenadores de fútbol de formación? Y ¿Cómo se puede mejorar su cualificación?
- m) ¿Qué estrategias de formación permanente pueden ser más favorables?
- n) ¿Existen relaciones significativas entre la edad, titulación académica, titulación de fútbol, categorías en las que entrenan, años entrenando y las demás variables? En el caso de que existan, ¿cómo se pueden explicar?

1.4. ESQUEMA GENERAL DE LA INVESTIGACIÓN

Las necesidades formativas del entrenador de jóvenes futbolistas en la región de Beja (Portugal)

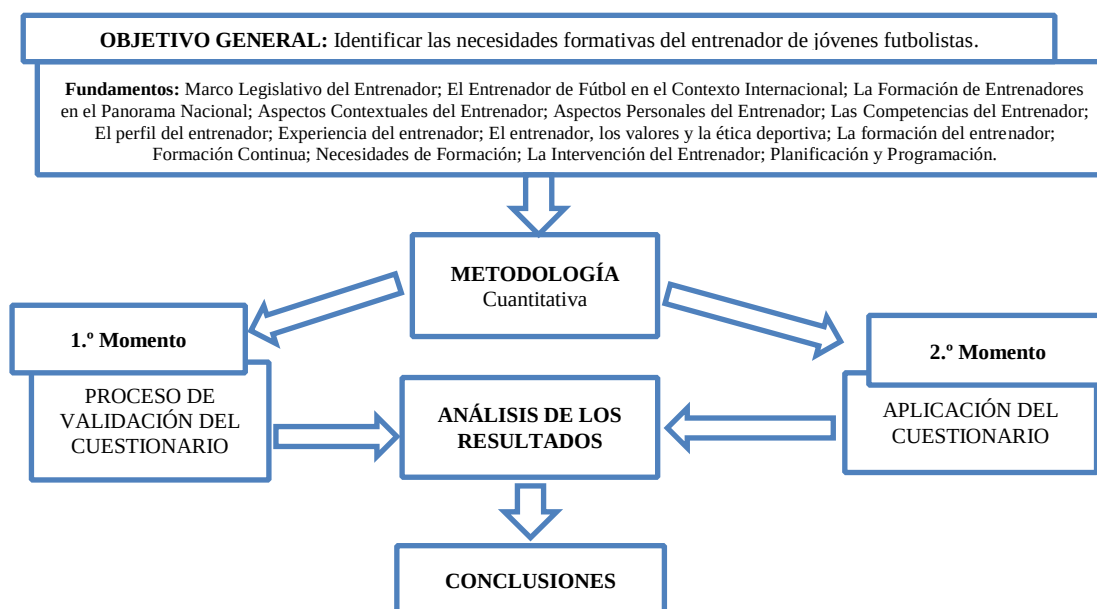


Figura 1. Esquema general de la investigación.

Capítulo I: En esta primera parte del trabajo procuraremos introducir el tema y justificar la elección del mismo. Exponemos también los objetivos determinados para esta investigación. Presentamos las preguntas de las que partimos para la investigación y por último mostramos el esquema general que nos guiará en este camino.

Capítulo II: En este capítulo trataremos de fundamentar de la mejor manera el tema y todas las dimensiones de nuestra investigación. En primer lugar tratamos de encuadrar la legislación existente sobre el tema del entrenador. Después el entrenador de fútbol en el contexto internacional. En seguida tratamos el panorama de la formación de entrenadores a nivel nacional. Abordamos los aspectos contextuales del entrenador y los aspectos personales del entrenador. Hablaremos de las competencias del entrenador de su perfil y de su experiencia. A continuación, trataremos el tema de los valores y la ética deportiva. Destacaremos la formación del entrenador, la formación continua y las necesidades de formación. Terminaremos hablando de la intervención del entrenador y, de la importancia de la planificación y programación del entrenamiento como instrumento de regulación.

Capítulo III: Aquí nos centraremos en la metodología utilizada en esta investigación y en los procedimientos adoptados para concretar el diseño de investigación propuesto. Contextualizaremos la muestra para el estudio y sus características. Hablaremos del cuestionario y su validación como instrumento de recogida de datos utilizado para nuestro trabajo.

Capítulo IV: En este capítulo expondremos los resultados del análisis descriptivo e inferencial obtenidos con los datos recogidos a través del cuestionario aplicado a los entrenadores. Analizaremos los entrenadores del contexto que pretendemos caracterizar y buscaremos diagnosticar la situación actual.

Capítulo V: Aquí discutiremos los resultados obtenidos y confrontaremos con las referencias bibliográficas que estudiamos para percibir si la información obtenida se encuadra con lo que sería esperado y si los parámetros presentan características comunes a otras investigaciones semejantes.

Capítulo VI: Expondremos las principales conclusiones de nuestro estudio y destacaremos la información más relevante que logramos alcanzar en esta investigación. Presentaremos también algunas propuestas de intervención. Por fin expondremos las limitaciones del estudio y presentaremos posibles investigaciones futuras con el fin de continuar profundizando más el tema.

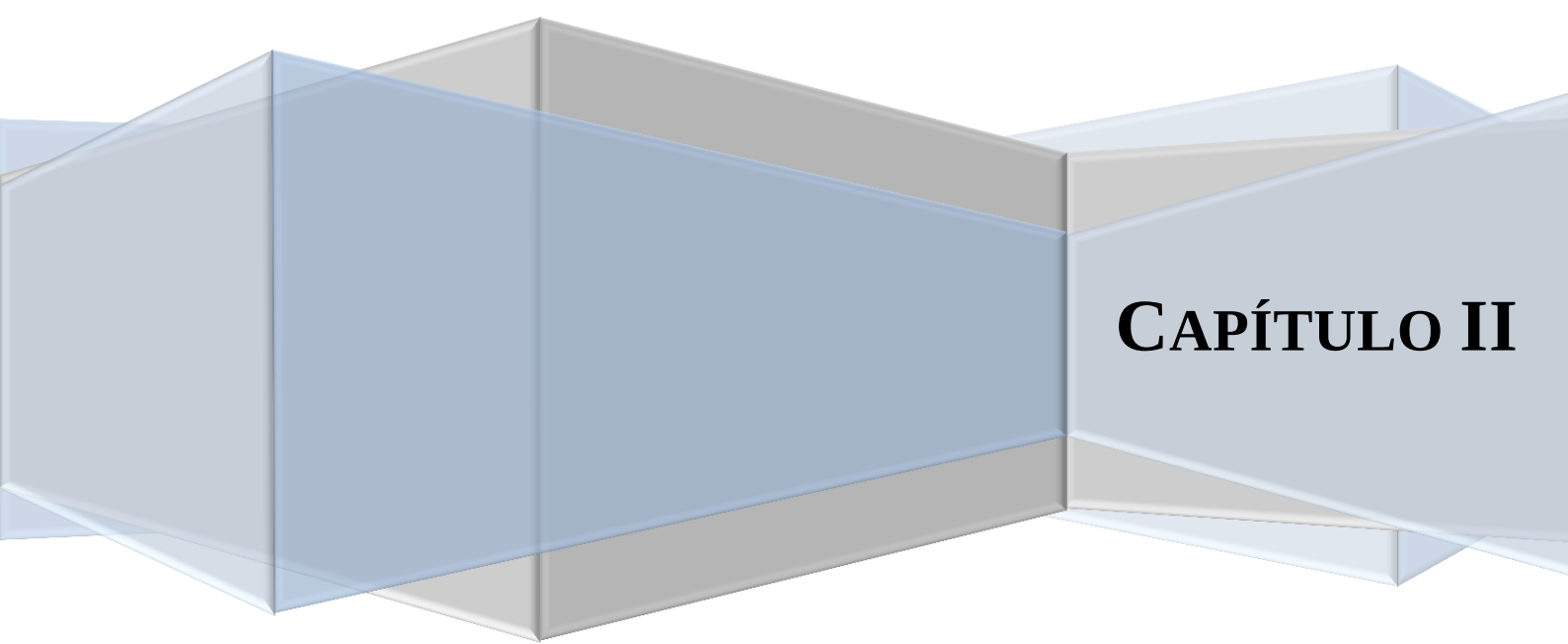
Capítulo VII: Como en el capítulo anterior, expondremos las principales conclusiones de nuestro estudio sino en el idioma portugués, en conformidad con el Artículo 36 del reglamento de los Estudios de Doctorado para la Mención internacional.

Capítulo VIII: Presentaremos la relación de referencias bibliográficas y otras fuentes utilizadas en nuestro trabajo.

Capítulo IX: Se adjuntarán algunos de los documentos utilizados en nuestro estudio, como todas las hojas de validación utilizadas en las tres fases del proceso (Anexo V, VII, XI), el cuestionario final aplicado (AnexoXXI) y el artículo ya publicado sobre el diseño y la validación del cuestionario (Anexo XXXIII).

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

- 2.1. ENQUADRAMENTO LEGISLATIVO DO TREINADOR**
- 2.2. O TREINADOR DE FUTEBOL NO CONTEXTO INTERNACIONAL**
- 2.3. A FORMAÇÃO DE TREINADORES NO PANORAMA NACIONAL**
- 2.4. ASPETOS CONTEXTUAIS DO TREINADOR**
- 2.5. ASPETOS PESSOAIS DO TREINADOR**
- 2.6. AS COMPETENCIAS DO TREINADOR**
- 2.7. O PERFIL DO TREINADOR**
- 2.8. A EXPERIÊNCIA DO TREINADOR**
- 2.9. O TREINADOR, OS VALORES E A ÉTICA DESPORTIVA**
- 2.10. A FORMAÇÃO DO TREINADOR**
- 2.11. FORMAÇÃO CONTÍNUA**
- 2.12. NECESSIDADES DE FORMAÇÃO**
- 2.13. A INTERVENÇÃO DO TREINADOR**
- 2.14. PLANIFICAÇÃO E PROGRAMAÇÃO**
- 2.15. CONSIDERAÇÕES FINAIS**



CAPÍTULO II

2.1. ENQUADRAMENTO LEGISLATIVO DO TREINADOR

A qualidade dos treinadores desportivos e a sua intervenção é unanimemente reconhecida como um dos principais fatores de desenvolvimento do desporto. De acordo com esta premissa, houve a necessidade em Portugal de reativar e dinamizar mecanismos especificamente direcionados para a formação dos agentes desportivos, particularmente dos treinadores, tendo como principal objetivo a sua inserção no mercado de trabalho com uma qualificação adequada ao exercício das suas funções. Nesta medida foram criadas várias leis, entre elas o *Decreto-Lei n.º 63/97, de 26 de março* que visa a criação do Centro de Estudos e Formação Desportiva, estrutura gerada para um conjunto alargado de competências relacionadas com a definição e implementação do modelo de formação dos recursos humanos do desporto, por forma a potenciar e dinamizar a realização de cursos, bem como ações de formação dos quadros desportivos onde se inserem os treinadores. A criação deste centro e a promoção de formação é concretamente fundamentada pela Carta Europeia do Desporto, aprovada pela 7.^a Conferência de Ministros Europeus Responsáveis pelo Desporto, realizada em Rodes em Maio de 1992, onde é reconhecida a relevância da formação que assume o compromisso de ser estimulado o desenvolvimento de cursos disponibilizados pelas instituições apropriadas, conduzindo a atribuição de diplomas ou qualificações abrangendo todos os aspetos do desenvolvimento desportivo.

Durante 20 anos foram ensaiados em Portugal diversos sistemas de formação dos agentes desportivos através da criação de leis que procuraram regular o processo e que posteriormente foram ratificadas no sentido de encontrar um caminho apropriado. O estado deixou de chamar a si a responsabilidade da formação dos agentes desportivos, nomeadamente dos treinadores, que estaria sediada nas instituições estatais de responsabilidade desportiva e passou a delegar esses cargos nas federações (*Decreto-Lei n.º 350/91 e 351/91*). O caminho trilhado até aqui demonstrou que, por um lado o Estado não estava vocacionado para realizar diretamente a formação dos agentes desportivos, por outro foi possível perceber que também não se pode alienar completamente do funcionamento do sistema de formação implementado. Em prossecução deste amadurecimento legislativo do sistema de formação de treinadores, o *Decreto-Lei n.º 407/99, de 15 de outubro* enquadra a formação dos recursos humanos do desporto no âmbito da formação profissional inserida no mercado de trabalho e com isto tenta assegurar a qualidade técnico-desportiva exigida. Preconiza-se, igualmente, o

enquadramento no Sistema Nacional de Certificação Profissional, numa perspetiva de potenciar o reconhecimento das qualificações produzidas (*Decreto-Lei n.º 95/92, de 23 de Maio*). Restando ao Estado a responsabilidade de regular o funcionamento do sistema de formação desportiva no sentido de assegurar a sua qualidade, nomeadamente através da intervenção do Centro de Estudos e Formação Desportiva no que diz respeito à coordenação do sistema e ao reconhecimento das formações a realizar. Esta medida tem presente que a qualificação profissional certificada facilita o seu reconhecimento pelos Estados Membros da União Europeia (*Decreto-Lei n.º 407/99, de 15 de outubro*).

2.1.1. FORMAÇÃO DESPORTIVA

O *Decreto-Lei n.º 407/99, de 15 de outubro*, estabelece algumas definições que interessam aclarar, nomeadamente no que diz respeito à formação e certificação de treinadores. A formação profissional desportiva é entendida como um processo geral constante e que através do qual se adquirem e desenvolvem as qualificações necessárias ao exercício de uma atividade na área do desporto. Para o reconhecimento dessa formação existem as entidades certificadoras, que têm competências para emitir certificados de aptidão profissional e homologar cursos de formação profissional inserida no mercado de trabalho relativamente à área do desporto. Por outro lado, são as entidades formadoras que procuram pôr em prática o desenvolvimento da formação a partir da utilização de instalações, recursos humanos, recursos técnico-pedagógicos e outras estruturas inseridas na área desportiva. Estas entidades formadoras podem pertencer a um organismo público, ou a entidades do sector privado ou cooperativo, com ou sem fins lucrativos. Quanto ao perfil profissional, ele deve contemplar a descrição das atividades do treinador, as suas competências, atitudes e comportamentos necessários para o exercício das funções na área do desporto. O perfil de formação deve estar alinhado com um conjunto de elementos determinantes para uma formação adequada ao perfil do treinador, compreendendo os objetivos, a organização, a duração, os conteúdos e as competências a obter no final da formação. No que diz respeito aos recursos humanos, estes devem intervir diretamente na realização de atividades desportivas, a quem se exige um domínio teórico-prático da respetiva área de intervenção. Particularmente os treinadores que conduzem o treino dos praticantes desportivos devem, sobretudo, desenvolver condições para a prática de aprendizagem e otimização do seu rendimento. Estes objetivos desempenham na competição, funções de

decisão, consulta ou fiscalização, visando o cumprimento das regras técnicas da respetiva modalidade. Não obstante, são também entendidos como recursos humanos do desporto outros agentes detentores de formação académica, formação profissional ou experiência profissional relevante em áreas não desportivas, mas que desenvolvem ocupações necessárias ou geradas pelo fenómeno desportivo, designadamente médicos, psicólogos e dirigentes desportivos.

2.1.1.1. ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DA FORMAÇÃO DESPORTIVA

Existem um conjunto de princípios orientadores que pauteiam a organização, gestão da formação desportiva e a respetiva certificação nas áreas do desporto, que pressupõem a existência de uma cooperação ao nível da tutela ministerial no que aos setores do emprego, formação e educação dizem respeito. Preveem, também, a participação de entidades como as ligas profissionais de clubes, federações desportivas, confederação das associações de treinadores e associações profissionais, que são as interessadas de forma direta. A lei faz, simultaneamente, referência a uma preocupação com transparência, rigor e eficácia da gestão dos recursos humanos e financeiros, bem como à qualidade como garante do fortalecimento das competências indispensáveis ao exercício da atividade desportiva (*artigo 6.º, capítulo II, do Decreto-Lei n.º 407/99, de 15 de outubro*).

Tendo em conta a atividade do treinador e a modalidade onde está inserido podem ser estabelecidos vários objetivos específicos de formação. Desde logo, a aquisição inicial dos conhecimentos desportivos, gerais e específicos, que garantam competência técnica e profissional da intervenção desportiva do treinador. Este deverá dispor de forma contínua e sistemática, de instrumentos técnicos e científicos necessários à melhoria qualitativa da sua intervenção no sistema desportivo. Tem a responsabilidade de proporcionar o aperfeiçoamento qualitativo e quantitativo da prática desportiva, quer em termos recreativos, competitivos ou de alta competição. Deve ainda, procurar dignificar as profissões e ocupações do desporto tornando notória a respetiva deontologia, reforçando os valores éticos, educativos, culturais e ambientais, inerentes a uma correta prática desportiva. Por outro lado, garantir a igualdade de oportunidades no acesso à prática desportiva é facilitar o recrutamento e a seleção de talentos. Para criar as melhores possibilidades precisa de adquirir os conhecimentos técnicos e práticos necessários para desenvolver o trabalho de forma organizada em condições de

segurança. Por último, o treinador deve usufruir de condições que lhe permitam aceder ao desempenho qualificado de uma profissão na área do desporto (*artigo 7.º, capítulo II, do Decreto-Lei n.º 407/99, de 15 de outubro*).

A administração pública desportiva, com a criação do Centro de Estudos e Formação Desportiva, teve o intuito de promover e dinamizar a formação, definindo objetivos e programas mas também procurando coordenar essa formação, ao elaborar pareceres e propostas sobre a adequação entre as necessidades e a oferta formativa. São também responsabilidades do Centro de Estudos e Formação Desportiva, a identificação e elaboração dos perfis, tendo por base os profissionais por si propostos e aprovados no âmbito do Sistema Nacional de Certificação Profissional. Por outro lado, o Centro de Estudos e Formação Desportiva deverá proceder à avaliação global da formação face às necessidades a atender e garantir a qualidade da formação através do reconhecimento técnico-pedagógico dos cursos a ministrar pelas entidades formadoras, concretizando os processos de certificação e homologação dos cursos de formação profissional desportiva. O Centro de Estudos e Formação Desportiva ainda organiza o Observatório Nacional das Profissões do Desporto e promove a constituição da Comissão de Acompanhamento da Formação de Treinadores (*artigo 8.º, capítulo II, do Decreto-Lei n.º 407/99, de 15 de outubro*).

O Observatório Nacional das Profissões do Desporto referido anteriormente é um instrumento de informação que existe no sentido de suportar algumas decisões. Este órgão procura recolher e tratar alguns dados com vista à organização de um cadastro nacional das profissões nas ocupações do desporto, fazendo o levantamento das profissões existentes e dos respetivos perfis profissionais, quantificando igualmente os meios humanos que lhes são afetos. Em consequência, a recolha desta informação permite a criação de uma base de dados por profissão e ocupação do desporto, de forma a possibilitar identificar os profissionais e as necessidades do mercado de trabalho na área do desporto. Em última instância, proporciona a oportunidade de efetuar estudos sobre as necessidades de formação com vista a abranger todos os níveis do sistema desportivo (*artigo 9.º, capítulo II, do Decreto-Lei n.º 407/99, de 15 de outubro*).

A Comissão de Acompanhamento da Formação de Treinadores funciona junto do diretor do Centro de Estudos e Formação Desportiva e tem a participação de elementos da Confederação Portuguesa de Associações de Treinadores. A Comissão de

Acompanhamento da Formação de Treinadores tem como competência pronunciar-se, a título consultivo, sobre a homologação dos cursos de formação de treinadores, tendo em conta, nomeadamente, o preenchimento de um conjunto de requisitos estabelecidos (*artigo 10.º e 15.º, capítulo II, do Decreto-Lei n.º 407/99, de 15 de outubro*).

Tendo por base os perfis de formação que foram definidos a partir dos profissionais existentes, a formação profissional pode ser organizada em cursos de formação ou concretizada em ações de formatura contínua. A legislação em vigor considera curso de formação, toda aquela formação que é consubstanciada num programa organizado com base numa área temática, com objetivos, destinatários e metodologia, onde é definida uma duração com conteúdos programáticos e que concerne um processo de avaliação dos formandos. A finalidade é de proporcionar a aquisição de conhecimentos no desenvolvimento de competências, atitudes e comportamentos, princípios estes, necessários para o exercício da profissão de treinador, podendo conferir um determinado nível de qualificação. Paralelamente, podem ser promovidas iniciativas de atualização científica e técnica que, apesar de não conferirem um nível de qualificação, proporcionam a especialização, reciclagem ou atualização permanente de competências. Podem, ainda, ser atribuídos créditos de formação que cumulativamente resultarão na atribuição de níveis de qualificação. A formação do treinador pode ainda ser complementada pontualmente por estágios, seminários, colóquios ou outras iniciativas afins (*artigo 11.º, capítulo II, do Decreto-Lei n.º 407/99, de 15 de outubro*).

Apesar de ser do senso comum, na prática temos um longo caminho a percorrer para que realmente os treinadores tenham o acesso a uma carreira concreta, essa carreira já está contemplada de uma forma antecipada na legislação atual. Podemos dizer, como que indicando um caminho a seguir, que na legislação a formação dos recursos humanos do desporto tem por objetivo o ingresso e progressão na carreira, ou atividade desportiva. A formação inicial deve constituir-se como estritamente necessária para permitir o desempenho das funções específicas do treinador. A formação dos treinadores, bem como de outros recursos humanos do desporto, tem como principal objetivo proporcionar a preparação específica indispensável para um eficaz desempenho profissional na área do desporto (*artigo 12.º e 13.º, capítulo II, do Decreto-Lei n.º 407/99, de 15 de outubro*).

2.1.1.2. REALIZAÇÃO DA FORMAÇÃO

A formação profissional regulada pela atual legislação poderá ser realizada, segundo formas institucionais diversificadas, por entidades públicas ou privadas, nomeadamente associações de classe, associações regionais de clubes, ligas profissionais de clubes e federações dotadas do estatuto de utilidade pública desportiva. As entidades formadoras emitem os certificados de formação profissional relativos à formação que promoveram. As federações dotadas de utilidade pública desportiva têm a responsabilidade acrescida na organização e desenvolvimento da formação, pois competem-lhes criar e manter centros de formação de treinadores aos quais cabe organizar e ministrar cursos de formação de treinadores da respetiva modalidade, bem como elaborar os manuais de formação que dizem respeito à parte específica da respetiva formação (*artigo 14.º e 16.º, capítulo III, do decreto-Lei n.º 407/99, de 15 de outubro*).

É a legislação aplicável no domínio da formação profissional inserida no mercado de trabalho que também regula o exercício da atividade de formador na área do desporto. Em consequência, é criada uma base de dados de formadores desportivos que incorporam os indivíduos que a nível nacional são detentores de certificados de formador com competência técnica na área do desporto. Este reconhecimento de aptidão pedagógica está em articulação direta com a Bolsa Nacional de Formadores gerida pelo Instituto do Emprego e Formação Profissional, e têm direito a integrar esta bolsa os formadores devidamente certificados que expressem formalmente essa intenção. O Centro de Estudos e Formação Desportiva ou outras entidades que, com este, possam estabelecer parcerias, têm a possibilidade promover a realização de cursos de formação de formadores na área do desporto. A legislação em vigor refere ainda que este tipo de formação integrará sempre uma clara componente pedagógica (*artigo 19.º, 20.º e 21.º, capítulo III, do Decreto-Lei n.º 407/99, de 15 de outubro*).

2.1.1.3. CERTIFICAÇÃO PROFISSIONAL

A certificação profissional visa comprovar que um indivíduo detém as competências, bem como os requisitos necessários, para o exercício qualificado da atividade de treinador de desporto. A competência é reconhecida através da emissão de um certificado de aptidão profissional, no âmbito do Sistema Nacional de Certificação Profissional. O Centro de Estudos e Formação Desportiva é a entidade competente para

emitir este certificado. Os perfis e as respetivas normas de certificação são definidos por uma comissão específica e aprovados no âmbito do Sistema Nacional de Certificação Profissional para a atividade de treinador considerada pertinente certificar. Neste sentido, cabe à Comissão Específica do Desporto identificar os perfis profissionais que são objeto de formação e certificação (*artigo 22.º, 24.º e 25.º, capítulo IV, do Decreto-Lei n.º 407/99, de 15 de outubro*).

2.1.2. ATIVIDADE DE TREINADOR DE DESPORTO

O *Decreto-Lei n.º 248-A/2008 de 31 de dezembro*, estabelece o regime de acesso e exercício da atividade de treinador de desporto. Esta iniciativa legislativa, assenta no reconhecimento de que a existência de treinadores devidamente qualificados é uma medida indispensável, não só para garantir um desenvolvimento qualitativo e quantitativo das diferentes atividades físicas e desportivas para que a prática desportiva decorra no cumprimento de regras que garantam a ética desportiva e o subsequente desenvolvimento do espírito desportivo, bem como a defesa da saúde na segurança dos praticantes. Com base no referido decreto-lei passa a ser qualificado como ilegal o exercício da atividade de treinador de desporto por quem não seja titular do Título Profissional de Treinador de Desporto, havendo para o efeito sanções previstas por lei.

Para o acesso ao exercício da atividade de treinador de desporto, a legislação atual estabelece como objetivos gerais, a promoção da ética desportiva no desenvolvimento do espírito desportivo e, a defesa de saúde na segurança dos praticantes, bem como a sua valorização a nível desportivo e pessoal, quer quando orientados para a competição, quer quando orientados para a participação nas demais atividades físicas e desportivas. São também estabelecidos um conjunto de objetivos específicos do regime de acesso ao exercício da atividade de treinador de desporto: como o fomento e apoio na aquisição de conhecimentos que garantam competência técnica e profissional na área da intervenção desportiva; o impulsionamento para utilização de instrumentos técnicos e científicos, necessários à melhoria qualitativa da intervenção no sistema desportivo; a promoção do aprimoramento qualitativo e o desenvolvimento quantitativo da prática desportiva na sua iniciação, ou na competição de alto rendimento; a dignificação das profissões e ocupações do desporto, bem como observar o que é moralmente necessário, reforçando as questões éticas, educativas, culturais e ambientais inerentes a uma adequada prática

desportiva; contribuir, adicionalmente, para facilitar o reconhecimento, o recrutamento e a promoção de jovens com capacidades para a prática merecedora de destaque com vista à otimização do desporto; e, por último, contribuir para o reconhecimento público da importância social do exercício da atividade e da profissão do treinador (*artigo 2.º, capítulo I, Decreto-Lei n.º 248-A/2008 de 31 de dezembro*).

O legislador refere que a atividade de treinador de desporto, abrange o treino e a orientação competitiva de praticantes desportivos, bem como o enquadramento técnico de uma atividade física ou desportiva. Acrescenta que esta atividade pode ser exercida como profissão exclusiva ou principal de forma habitual, sazonal ou ocasional, independentemente de auferir uma remuneração. A lei determina que o desempenho desta atividade pode ser apenas exercida por treinadores de desporto devidamente qualificados pelas federações desportivas titulares do estatuto de utilidade pública, por associações promotoras de desporto ou, por entidades prestadoras de serviços desportivos (*artigo 3.º e 4.º, capítulo I, Decreto-Lei n.º 248-A/2008 de 31 de dezembro*).

2.1.2.1. TÍTULO PROFISSIONAL DE TREINADOR DE DESPORTO

Para aceder ao exercício das funções de treinador é necessária a obtenção do Título Profissional de Treinador de Desporto. O título pode ser obtido através de habilitação académica de nível superior na área do desporto ou qualificação profissional no âmbito do sistema nacional de qualificações. No processo de obtenção de título pode, eventualmente, ser reconhecida a experiência profissional do treinador e também pode ser reconhecido um eventual título adquirido noutro país. A emissão e renovação do título são da competência do Instituto do Desporto de Portugal, sendo o seu modelo definido por despacho conjunto dos membros do Governo responsáveis pelas áreas do desporto, do emprego, da formação profissional e da educação (*artigo 6.º, capítulo II, Decreto-Lei n.º 248-A/2008 de 31 de dezembro*).

O título confere competências a quem o possui e estão organizados hierarquicamente por Grau I, Grau II, Grau III e Grau IV. A obtenção de cédula de determinado grau confere ao seu detentor as competências previstas no *Decreto-Lei n.º 248-A/2008 de 31 de dezembro*. O Grau I corresponde ao nível mais elementar do exercício da profissão e confere competências ao seu titular, com vista à consolidação de valores e hábitos desportivos para a vida. Permite a condução direta das atividades técnicas elementares

associadas às fases iniciais da atividade, ou carreira dos praticantes, assim como a níveis primários de participação competitiva. Esta responsabilidade, na lei em vigor, ainda está subjugada à coordenação de treinadores de desporto de grau superior. No entanto, é permitido ainda ao treinador neste grau, a coadjuvação na condução do treino e orientação competitiva de praticantes nas etapas seguintes de formação desportiva. O Grau II confere ao seu titular um conjunto de competências inerentes ao treinador de este nível que passam pela condução do treino e a orientação competitiva de praticantes nas etapas seguintes de formação desportiva. Permite a coordenação e supervisão de uma equipa de treinadores de Graus I ou II, sendo responsável pela implementação de planos e ordenamentos estratégicos definidos por profissionais de grau superior. Contempla o exercício, de forma autónoma, de tarefas de conceção, planeamento, condução e avaliação do processo de treino e de participação competitiva. Possibilita, também, a coadjuvação de titulares de grau superior, no planeamento, condução e avaliação do treino e participação competitiva. O Grau III confere ao seu titular competências para o planeamento do exercício e avaliação do desempenho de um coletivo de treinadores detentores de grau igual ou inferior, coordenando, supervisionando, integrando e harmonizando as diferentes tarefas associadas ao treino e à participação competitiva. O Grau IV confere competências no âmbito de funções de coordenação, direção, planeamento e avaliação. Cabe ao treinador, neste grau, as funções mais destacadas no domínio da inovação e empreendedorismo, direção de equipas técnicas pluridisciplinares, direções e coordenação técnica de seleções regionais e nacionais e coordenação de ações de tutoria. A cada grau correspondem etapas de desenvolvimento dos praticantes desportivos abrangidos pela atividade do treinador de desporto.

O legislador determina claramente que a atividade de treinador de desporto exercida por quem não é titular de uma cédula da modalidade em causa é ilegal. A prática dessa atividade por aqueles que não tenham a respetiva titulação, consiste numa contraordenação prevista por lei. O incumprimento desta premissa pode mesmo levar à interdição do exercício da atividade em território nacional por um período máximo de dois anos, a par da condenação pela prática de ilícito contraordenacional (*artigo 15.º e 17.º, capítulo IV, Decreto-Lei n.º 248-A/2008 de 31 de dezembro*).

2.1.3. OBTENÇÃO DA CERTIFICAÇÃO PARA TREINADOR DE DESPORTO

2.1.3.1. FORMAÇÃO DO TREINADOR

De acordo com o *Despacho n.º 5061/2010, de 22 de março*, a obtenção da certificação para Treinador de Desporto pode ser alcançada através de um processo de formação pela via técnico-profissional, ou pela via académica em estabelecimentos do Ensino Superior que conferem formação na área das Ciências do Desporto. Esta segunda via está dependente de análise dos perfis de formação, tendo estes de serem adequados às exigências do Instituto de Desporto de Portugal e direcionadas à formação de treinadores. Depois de concretizado um processo de formação por uma das duas vias possíveis, será procedida a emissão do Título Profissional de Treinador de Desporto num dos Graus de I a IV, em função do nível de formação que se encontram os treinadores. Estes graus de formação estão em correspondência com um quadro crescente de competências de acordo com o desempenho da profissão em todos os níveis. Estas premissas devem estar alinhadas com as organizações e com serviços existentes em todas as modalidades desportivas. O processo está construído de acordo com as recomendações europeias, estabelecendo a articulação da formação académica e da técnico-profissional. No que diz respeito à formação técnico-profissional, ela pode ser acedida pelo Sistema Nacional de Qualificações, ou por formações certificadas pelo Instituto do Desporto de Portugal, onde se estabelecem perfis profissionais e conteúdos de formação semelhantes, não obstante estes devem ser adaptados às diferentes realidades. Estes diferentes contextos formativos podem ser executados através do Sistema Nacional de Qualificações, com direito a uma dupla certificação o que confere um Diploma de Qualificação, mas também pela formação no âmbito do Sistema Desportivo, que é certificada pelo Instituto do Desporto de Portugal, o que concede a atribuição do Título Profissional de Treinador de Desporto. Apesar de todos estes contextos formativos diferentes coexistirem, deverá subsistir uma convergência entre eles onde o importante é a busca da excelência profissional.

A legislação acima referida contempla que a articulação das diversas vias formativas possa visar a formação ao longo da vida, onde deverá ser estimulado o acesso dos treinadores à formação académica. Esta legislação convida as instituições de ensino superior a participar na oferta de formação técnico-profissional e a poder reconhecer a formação anterior do treinador com vista à sua integração na formação académica.

Refere igualmente a necessidade em agilizar a formação de treinadores e responder às carências essenciais do sistema desportivo, também decisivo para a consolidação da carreira do treinador, tanto a nível profissional como social.

Independentemente do alinhamento que deverá subsistir entre as diversas vias de formação, existem três componentes de formação: a curricular, que prevê o exercício profissional com tutoria; a prática profissional; e a formação contínua. Quanto a esta última, ela deverá acontecer entre o tempo que medeia a progressão de um grau para outro ou entre as renovações das cédulas de Treinador de Desporto no mesmo grau. Por outro lado, o legislador considera importante na aquisição de competências profissionais, a formação tutorada em exercício profissional, afirmando que esta permite a aprendizagem através de contextos reais de prática, pois considera que o formando é confrontado com os problemas concretos do treino e competição apenas através desta prática contextualizada. Considera ainda que a aprendizagem experiencial consiste na forma mais autêntica de construção do conhecimento profissional, pois os conhecimentos que advêm da teoria serão apenas realmente úteis e pertinentes quando revelam ser eficazes em contextos mutáveis que estão sujeitos a diversas circunstâncias singulares e inconstantes, características do processo de treino em competição. Desta maneira a formação que confere o Título Profissional de Treinador de Desporto tem de contemplar duas componentes, uma curricular e outra de prática em estágio profissional. Este estágio concerne a aplicação prática dos ensinamentos teóricos adquiridos na componente curricular, para que a aquisição progressiva do conhecimento seja sustentado na prática. Neste sentido, o legislador considera decisivo para a excelência do processo de formação o contacto com outros treinadores de distintos níveis e até de distintas modalidades. Por este motivo, existe a intenção de estimular o empenho dos treinadores na formação dos seus futuros colegas e, por isso, a lei prevê que sejam atribuídos créditos de formação contínua pela orientação de estágios de formação de outros treinadores (*Despacho n.º 5061/2010, de 22 de março*).

2.1.3.2. PERFIL DO TREINADOR

A presente legislação deixa patente a consciência de que “ser treinador implica responsabilidade pelos processos de aprendizagem e de desenvolvimento de praticantes desportivos” para tal é necessário que, para além da utilização de meios técnicos adequados, a sua intervenção seja assente em valores éticos estruturantes. As funções de

treinador devem estar fundamentadas num conjunto de competências e saberes capazes de dar resposta às exigências da prática profissional. O legislador entende que um desporto que é capaz de enriquecer a formação pessoal, social e desportiva do atleta, por mais que existam diferenças e que a modalidade praticada seja também ela diferente, o desporto deve ser orientado por treinadores devidamente qualificados. A formação tem como principal objetivo fornecer ao treinador competências diversificadas não só nos saberes técnicos mas, também, na sua capacidade de relacionamento com os atletas e todos os agentes desportivos no cumprimento dos seus deveres profissionais e princípios éticos. Existe a expectativa que a postura do treinador na sociedade seja positiva, que ajude a construir evolução e que procure o conhecimento como uma ferramenta profissional, de valorização pessoal e que encare a profissão como projeto de vida. Merece destaque, um conjunto de atitudes consideradas de maior importância como: a procura da excelência profissional; a promoção do pensamento crítico; o desenvolvimento da capacidade para lidar com os problemas; e a capacidade de liderança, assim como a transmissão de valores e a capacidade de interação com o meio envolvente (*Decreto-Lei n.º 248-A/2008, de 31 de dezembro*).

2.1.3.3. GRAUS DE FORMAÇÃO

A organização da formação do treinador está pensada numa tendência crescente de exigências e desenvolvimento de competências profissionais nos quatro graus estipulados. Espera-se que haja um acumular de conhecimentos na passagem de grau, sendo que os conteúdos adquiridos num grau devem ser introdutórios no seguinte, o que pretende que não exista repetição de conteúdos adquiridos. Competências profissionais adquiridas visam poder orientar praticantes em treino e competição, sendo que para isso o currículo da formação geral deverá assentar em conteúdos das Ciências do Desporto, pois estas oferecem conhecimento fundamentado e multifacetado relativo ao desenvolvimento humano, social e desportivo dos praticantes. Concretamente o Grau I entendesse como os alicerces para a atividade de treinador, onde é característica a ausência de autonomia profissional que este deve dominar apenas os conhecimentos elementares e a complexidade mais básica na sua atividade, procurando orientar os praticantes nas primeiras etapas de formação, onde se perspetiva a possibilidade o coadjuvar com outros treinadores. O exercício da autonomia na profissão apenas está previsto no Grau II, onde o treinador é capaz de intervir em qualquer das etapas de

formação sem necessidade de supervisão, procurando a intensificação do compromisso e da autonomia profissional. Já o treinador de Grau III, pressupõe que tenha competência necessária para a resolução de problemas mais complexos no exercício da atividade, em especial aqueles que a conjectura do alto nível coloca. Relativamente ao Grau IV, prevê uma intervenção não só de orientação direta de praticantes mas sobretudo nas tarefas de coordenação, supervisão, implementação de programas requerendo competências de gestão, liderança e inovação. Neste grau de formação são contemplados alguns seminários temáticos e também tudo aquilo que se designa como o currículo autoproposto, partindo do princípio que o treinador seja capaz de escolher, ele próprio, a formação que mais lhe interessa investir para atingir um grau de excelência. Assim, no Grau IV, os treinadores serão confrontados na sua formação com contextos alusivos às exigências da prática profissional no âmbito da coordenação e direção de equipas técnicas multidisciplinares. Por último, prevê que o treinador de Grau IV esteja disponível para inovar, investigar, formar e apresentar-se literalmente como empreendedor (*Despacho n.º 5061/2010, de 22 de março*).

2.1.4. TREINADOR DE DESPORTO

Atualmente o treinador de desporto tem um enquadramento jurídico através de um conjunto de leis que procuram regular a atividade em Portugal. A *Lei n.º 40 de 2012*, procura regular o acesso à prática da atividade de “treinador de desporto”, com o intuito de estabelecer o regime de acesso e exercício da sua atividade. Esta lei tem como principais objetivos, por um lado, a promoção da ética desportiva no desenvolvimento do espírito desportivo, por outro, defender a saúde e a segurança dos praticantes, bem como a sua valorização a nível desportivo e pessoal, quer quando orientados para a competição, quer quando orientados para a participação nas demais atividades. Os objetivos do regime de acesso e exercício da atividade de treinador, visam diversos fatores como: procurar fomentar e favorecer a aquisição de conhecimentos gerais específicos que garantam competência para a intervenção desportiva; impulsionar a utilização de instrumentos técnicos e científicos importantes para a melhoria da qualidade da intervenção do treinador; promover a melhoria e o desenvolvimento no plano qualitativo e quantitativo de toda a prática; tentar elevar as profissões e ocupações no sentido de alicerçar valores desportivos, educativos, culturais e ambientais, intrínsecos a uma apropriada prática; por outro lado, contribuir para ajudar a que os

jovens mais dotados possam ter a oportunidade de alcançar um desenvolvimento superior; por último, tem como objetivo contribuir para que haja um reconhecimento social da importância da atividade de treinador de desporto.

2.1.4.1. O EXERCÍCIO DA ATIVIDADE DE TREINADOR DE DESPORTO

O treino e a orientação competitiva de praticantes desportivos, bem como o enquadramento técnico de uma atividade desportiva, de forma habitual, seja sazonal ou ocasional e podendo constituir uma profissão exclusiva ou principal, sendo ela remunerada ou não remunerada, é considerada por lei como uma atividade de treinador de desporto, obrigando às suas responsabilidades legais (*artigo 43.º da Lei n.º 5/2007*). O legislador na *Lei n.º 5/2007* é claro em afirmar que esta atividade apenas pode ser exercida por treinadores de desporto devidamente qualificados pelas federações desportivas titulares do estatuto de utilidade pública desportiva ou por associações promotoras de desporto. Não obstante, a lei refere que esta qualificação poderá ser obtida através de entidades prestadoras de serviços desportivos que cumpram os requisitos estabelecidos na lei.

Quanto ao título profissional necessário, a lei reforça que para o exercício da atividade de treinador de desporto em Portugal é não só obrigatória a obtenção do título profissional, mas que este tenha de ser válido em território nacional. É do conhecimento público que nem todos os títulos obtidos em outros países são válidos em Portugal e válidos, inclusive, para o órgão que administra o futebol europeu, a *Union of European Football Associations* (UEFA). A lei prevê que seja considerado nulo qualquer contrato que alguém tenha estabelecido para exercer a atividade de treinador sem título profissional válido em território nacional. Os profissionais cidadãos dos Estados Membros da União Europeia ou do Espaço Económico Europeu, qualificados para a atividade de treinador com os Graus I a IV dos cursos reconhecidos pela UEFA, mesmo que obtidos fora de Portugal, podem exercer a atividade em comarca portuguesa. No caso, estes profissionais devem apresentar ao Instituto Português do Desporto e da Juventude (IPDJ), uma declaração prévia que atesta da sua legalidade (*artigo 5.º da Lei n.º 9/2009, de 4 de março*).

2.1.4.2. TÍTULO PROFISSIONAL DE TREINADOR DE DESPORTO

Segundo o que está legislado, para ter acesso ao título profissional os candidatos devem ter uma Licenciatura na área do Desporto, ou da Educação Física, ou ainda qualificação na área do treino desportivo abrangida pelo Sistema Nacional de Qualificações (SNQ). Estas qualificações podem ser obtidas através de formação ou de competências profissionais adquiridas desenvolvidas ao longo da vida, desde que sejam reconhecidas, validadas e certificadas, (*artigo 12.º do Decreto-Lei n.º 396/2007, de 31 de dezembro*). No entanto, atualmente as licenciaturas que permitem o acesso ao título profissional de treinador têm de estar reconhecidas pelo IPDJ, sendo que este órgão é o responsável pela emissão do título profissional. No que diz respeito às qualificações obtidas através do Sistema Nacional de Qualificações, estas estão sujeitas a cursos que obedecem a um conjunto de requisitos para que possam ser homologadas. Os cursos podem ser ministrados por entidades formadoras certificadas ou ainda por federações desportivas que sejam dotadas do estatuto de utilidade pública desportiva. Mas não é suficiente a obtenção do certificado de qualificações, ou diploma do curso, pois para poder exercer a atividade de treinador na área desportiva é necessário que seja, também, requerida a emissão do título junto do IPDJ. No entanto, este título não é vitalício e tem de ser renovado após cinco anos com a obrigatoriedade de acumular um conjunto de 10 créditos obtidos através de ações de formação contínua. Como já foi referido anteriormente o título profissional está organizado por graus de competências: Grau I, Grau II, Grau III e Grau IV.

2.1.5. PERSPETIVAS DE ALTERAÇÕES À LEI

Com a implementação de toda a legislação criada para regulamentar a atividade do treinador e a sua formação, houve uma estruturação de fundo no sistema desportivo. Como em quase todos os novos processos, também neste foram identificados alguns constrangimentos operacionais que poderiam e literalmente deveriam ser melhorados. No seminário que decorreu em Rio Maior a 8 de fevereiro de 2018 sobre a temática “Desafios na formação de treinadores” foram debatidas várias questões a melhorar neste processo. Na intervenção do Dr. Mário Moreira, diretor do departamento de formação e qualificação do IPDJ, no âmbito das tendências evolutivas do Plano Nacional de Formação de Treinadores, foi possível perceber que estão em curso alterações à lei que

vão permitir agilizar e aperfeiçoar vários aspetos identificados. Tendo em conta os aspetos que foram apresentados, podemos referir que no que diz respeito a portarias, regulamentos e despachos que se relacionam com o Plano Nacional de Formação de Treinadores, existirão vários pontos referidos que serão reforçados. Assim, e segundo o que foi apresentado, existirá a reformulação dos conteúdos que visam a organização de todos os graus, a flexibilização dos Referenciais de Formação Geral, a reformulação do regulamento para o reconhecimento da formação superior, a manutenção da obrigatoriedade do estágio de uma época desportiva no Grau I, estágio obrigatório no Grau II por um período não inferior a seis meses e em coordenação com a Agência Nacional para a Qualificação e Ensino Profissional. No que diz respeito à formação contínua, está perspetivado o fim da desagregação entre Formação Geral e a Formação Específica nos Graus II, III e IV. Em termos de procedimentos que poderão ser agilizados, foi referida a adoção de medidas que promovam a cooperação entre *stakeholders* e partilha de boas práticas, a melhoria dos mecanismos de comunicação por parte do IPDJ e a reformulação do seu *site*, bem como a criação de novas valências na plataforma *ProDesporto*. No que diz respeito aos diferentes graus de formação, no futuro serão todos autónomos, inclusive o Grau I, deixando de haver a obrigatoriedade legal de estar subordinado a um tutor durante o exercício da atividade neste grau, como atualmente acontece na legislação em vigor. Em relação às características de cada grau é entendido que o Grau I é um patamar de preparação e competição e os restantes serão, apenas, de competição. Desta forma, o Grau I corresponderá às etapas iniciais de desenvolvimento desportivo, o Grau II às etapas intermédias de desenvolvimento desportivo, o Grau III às etapas adiantadas de desenvolvimento desportivo, sendo o Grau IV aquele que estará determinado para as etapas mais avançadas do desenvolvimento desportivo. Por último, foi reforçada a importância das parcerias com os órgãos internacionais como o *International Council for Coach Education*, o *European Coaching Council* e ainda a Confederação Lusófona de Treinadores. No seguimento deste reforço foi referida a intenção de melhoria da coordenação entre os órgãos nacionais como a Confederação de Treinadores de Portugal, as Federações Portuguesas das diferentes modalidades e as Associações de Treinadores que estabelecem relações com os diferentes órgãos sob a alçada do Estado, especialmente o IPDJ (Moreira, 2018).



Figura 2. Legislação associada ao treinador de desporto.

Podemos constatar com relativa facilidade que existe muita legislação em Portugal para reger a atividade do treinador de desporto nas diferentes modalidades, sendo certo que muitas dessas leis podem ser melhoradas. No entanto, parece que o problema não passa pela existência de legislação, mais ou menos conseguida, mas sim por fazer cumprir essas mesmas leis, seja com fiscalização, seja por outros mecanismos de controlo, pois a realidade quotidiana revela incumprimento constante e alguma permissividade. Concretamente, é de senso comum a existência de muitos casos de treinadores que exercem as suas funções sem qualquer tipo de certificação, nem profissional, nem académica. Este facto acontece um pouco por todo o país, pelo menos na modalidade de futebol, usando de habilidades legais para formalizar a presença do suposto treinador no banco em momentos competitivos. Esta prática comum existe de uma forma impune, declarada e de conhecimento público. Esta contradição entre o que está legislado e a realidade existente, constituiu uma das razões que nos levou a realizar este estudo, na perspetiva de poder diagnosticar e refletir sobre esta e outras problemáticas inerentes à atividade do treinador de jovens futebolistas.

2.2. O TREINADOR DE FUTEBOL NO CONTEXTO INTERNACIONAL

Investigações realizadas no Reino Unido revelaram que 1,1 milhões de treinadores treinam mais de 10 milhões de desportistas anualmente (North, 2009). Por estes números, podemos perceber a dimensão do campo de influência que a atividade de treinador pode ter, tanto mais se extrapolarmos estes números para o mundo inteiro numa escala global. Se considerarmos meramente o caso do futebol, constatamos que, segundo a *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA, 2013) existem mais de 265 milhões de jogadores em todo o mundo, o que faz com que o treinador seja, do ponto de vista quantitativo, um agente privilegiado na possibilidade de uma intervenção positiva no mundo desportivo mas, também, da sociedade em geral.

Na perspetiva de orientar a atividade do treinador, na tentativa de sincronizar procedimentos à escala global, e por outro lado procurar facilitar a mobilidade dos treinadores, foi recentemente produzido um documento designado de *International Sport Coaching Framework (ISCF)*. Este documento pretende ser um testemunho de referência, credível e ao mesmo tempo flexível que pretende facilitar o desenvolvimento, o reconhecimento e a certificação de treinadores de desporto. A expectativa do *International Council for Coaching Excellence* e da *Association of Summer Olympic International Federations*, como órgãos promotores da sua publicação, é que se constitua um guia útil e que possa ser aplicado na sua totalidade, ou de forma parcial, nos diferentes contextos, procurando ser possível aplicar e reportar as suas aportações.

A aplicação das linhas orientadoras do *International Sport Coaching Framework* a contextos específicos dos treinadores em todo o mundo, pode contribuir para beneficiar a qualidade da formação e o desenvolvimento dos treinadores em novos programas de formação, mesmo em programas que já estejam a ser implementados. Este documento possibilita, em simultâneo, que as decisões políticas regulamentares possam ser mais acertadas, procurando promover a melhoria constante e progressiva do processo de desenvolvimento do treinador garantindo um acréscimo de qualidade no domínio do treino desportivo. Os treinadores também devem ser ouvidos no âmbito de decisões organizacionais, particularmente naquelas que implicam diretamente com o desenvolvimento dos seus atletas. A figura do treinador tem sido cada vez mais valorizada na sociedade havendo uma maior consciência dos desafios que acompanham

esta função. Este reconhecimento fez com que se destacasse a necessidade de adotar uma linguagem mais comum que estabelecesse um conjunto de critérios para alicerçar o desenvolvimento e qualificação dos treinadores. Muitos dos constrangimentos que outrora bloqueavam a disseminação de informação, conhecimento e investigação no âmbito da formação de treinadores, foram resolvidos com o progresso das tecnologias de comunicação e com a maior facilidade de mobilidade das pessoas de todos os desportos por todo o mundo (*International Sport Coaching Framework*, 2012).

As federações nacionais e internacionais desempenham uma função preponderante no desenvolvimento dos treinadores com base em regulamentação específica aplicável a cada desporto e também em redes de formação desenvolvidas neste sentido. Porém, a implementação e financiamento de programas no desenvolvimento do treinador pode representar um desafio. Afortunadamente, na maioria dos casos, a rede de instituições de educação, as autoridades de âmbito público, as empresas, as organizações e os próprios indivíduos disponibilizam recursos inestimáveis que atuam como parceiros-chave neste esforço determinante. O *International Sport Coaching Framework* (2012), bem como o *European Sport Coaching Framework* (2017) fornecem princípios, conceitos e ferramentas comuns que podem ser aplicados às necessidades de diversos desportos e países. Estes referenciais, possibilitam alcançar facilmente o reconhecimento das qualificações dos treinadores a nível nacional e internacional. A adoção de uma linguagem comum, com as devidas diferenças culturais, pode também potenciar a concretização de um programa de desenvolvimento de treinadores à escala mundial, possibilitando o reconhecimento das suas qualificações e facilitando a mobilidade. A terminologia que estes documentos de referência procuram adotar é estabelecida com base em investigação recente especializada na área e em conhecimentos consolidados por treinadores (Côté & Gilbert, 2009).

2.2.1. PAPEL DO TREINADOR

Os treinadores no seio das equipas ajudam ao desenvolvimento dos atletas como seres humanos, enquanto grupos coesos de comunidades com interesse comum. O trabalho do treinador pode contemplar objetivos sociais de incentivo da prática de atividade física e de promoção da saúde, sendo capaz, por outro lado, de unir os cidadãos em torno de uma instituição comum e gerando alguma atividade económica com a criação de

emprego, na promoção de formação, na aquisição de equipamento, na utilização de instalações e com a participação em eventos. Faz parte do papel do treinador o trabalho com grupos cada vez mais diferentes, enfrentando exigências maiores dos seus atletas, mas também dos pais dos atletas, dos administradores e dos próprios apoiantes. Hoje em dia é solicitado aos treinadores que assumam uma diversidade de funções que passam arcar a tarefa de educador, orientador, psicólogo desportivo e possivelmente até de gestor de negócios. Todos estes aspetos fazem do treinador atual uma atividade mais entusiasmante e desafiante tendo em conta o que dantes terá sido observado. Parte do encanto e grandeza de ser treinador está em conseguir dar resposta positiva à difícil tarefa de maximizar a eficácia em vários atletas, e equipas, em circunstâncias diferentes, o que constitui por vezes um enorme desafio. Os treinadores têm o dever de melhorar e alargar as suas capacidades de forma constante, com vista a satisfazer as carências dos atletas que treinam e, por outro lado, as organizações que os empregam devem proporcionar-lhes uma base de formação, bem como algumas diretrizes filosóficas e, não menos importante, os meios suficientes que possibilitem concretizar o que lhes é solicitado (*European Sport Coaching Framework*, 2017).

O papel do treinador no desenvolvimento do jovem atleta não se esgota apenas na estimulação de competências desportivas, ou no desenvolvimento das qualidades técnicas, táticas e físicas requeridas para a modalidade, mas também na estimulação de competências pessoais relacionadas com o desenvolvimento pessoal, social, cognitivo e emocional. Bem como, deverá promover o desenvolvimento de competências para a vida que resulta da combinação de competências, experiências desportivas e pessoais positivas que contribuem para o percurso de vida individual do participante como, por exemplo, a capacidade de se esforçar (*South African Sports Confederation and Olympic Committee*, 2012).

2.2.2. COMPETÊNCIAS DO TREINADOR

As competências que os treinadores têm de apresentar alteram-se tendo em conta o estágio de desenvolvimento dos praticantes com quem trabalham, no entanto essas etapas de desenvolvimento devem permitir a possibilidade do treinador diversificar e especializar as suas competências. Neste contexto, os programas de formação dos treinadores devem proporcionar ao técnico as aptidões necessárias à realização da

atividade, numa perfeita sintonia com as carências do mercado de trabalho e com os requisitos das federações (*International Sport Coaching Framework*, 2012).

A atividade de treinador é bastante interativa, não podemos contextualizar que se trata de uma atividade solitária, com a devida exceção de algumas circunstâncias que podem ter lugar nos momentos de planeamento e programação. Os treinadores têm de ser capazes de interpretar, interagir e influenciar os contextos em que trabalham. Assim, os treinadores devem construir relações funcionais com os atletas e com os elementos que os envolvem. Por outro lado, devem, ao mesmo tempo, implementar dinâmicas de treino e competição que sejam eficazes dentro de uma lógica eticamente aceitável. No trabalho desenvolvido pelo treinador nos diversos âmbitos, é central a criação de oportunidades no treino e na competição que conduzam aos objetivos pretendidos para o desenvolvimento dos atletas. Na base da competência do treinador está a orientação para o aperfeiçoamento dos atletas no contexto específico da modalidade, considerando os objetivos, as necessidades e as fases de desenvolvimento dos atletas (*European Coaching Council*, 2007).

Para o exercício da atividade com a devida competência, os treinadores devem estar bem informados, ser pró-ativos, com capacidades e qualificações suficientes. Podemos medir a eficácia do treinador pela forma consistente como apresenta resultados positivos dos atletas e das equipas, esses resultados não são apenas medidos pelo sucesso competitivo mas também pela capacidade alcançada pelos seus desportistas e suas equipas. Um treinador que consegue unir um grupo de trabalho em torno de um objetivo comum, ou que consegue conferir capacidades para a sua participação constante, é tão bem-sucedido como o treinador que vence uma competição importante, pois existe uma multiplicidade de funções, e contextos, a que o treinador está sujeito, a associação entre o seu trabalho e o conceito de sucesso estará sempre dependente da especificidade da situação (*European Sport Coaching Framework*, 2017).

Relativamente às competências do treinador, foram identificadas quatro fases de desenvolvimento que consistem concretamente numa fase inicial, numa fase intermédia, numa fase final e numa fase de inovação. Estas quatro fases são transpostas para a competência do treinador e importantes na sua atividade dentro do mercado de trabalho, por isso são estabelecidos em correspondência os quatro níveis para a formação dos treinadores. A estrutura de quatro níveis proposta, foi enquadrada no processo de

formação e qualificação pela *European Qualification Framework* (2008). Desta forma, foram definidas as competências do treinador em cada grau de qualificação. No Grau I as competências do treinador estão enquadradas em atividades de participação e de competição e tem como principal função assistir treinadores mais qualificados na orientação das sessões de treino, habitualmente sob supervisão, com o objetivo de adquirir e praticar competências básicas do treinador. Neste caso, o foco deve estar na formação e qualificação do treinador, no sentido de proporcionar aptidões e conhecimentos básicos como um “Treinador Aprendiz”. No Grau II, o treinador deve estar preparado para, ministrar, refletir e avaliar sessões de treino. Por outro lado, tem como obrigação demonstrar competências básicas para o treino que, apesar do foco, obedece à sua formação e qualificação, contudo existe a preocupação de consolidar aptidões e conhecimentos para desempenhar o papel de “Treinador”. No Grau III, as competências do treinador contemplam, quer a participação, quer a competição e tem como principais funções planejar, implementar, rever e avaliar as sessões de treino de forma anual. Deverá, também, demonstrar competências avançadas ao nível do treino. Este é um treinador que ainda deve manter a sua preocupação no desenvolvimento da sua formação e qualificação com vista a proporcionar aptidões e conhecimentos para a função do “Treinador Sénior”. No Grau IV, apesar da intervenção do treinador ser normalmente ao nível competitivo, a sua intervenção pode contemplar o nível de participação desportiva. Como tarefas correspondentes a este grau, o treinador deve: planejar, implementar, rever e avaliar programas de treino multianuais. O treinador neste patamar tem como prioridade sólida demonstrar competências avançadas de treino, conjugadas com inovação e capacidade de liderança. O objetivo deste grau de qualificação será continuar a proporcionar aptidões e conhecimentos, mas também desenvolver competências como a capacidade de liderança, promovendo a inovação para melhor cumprir a forma das funções de “Treinador Master” (*European Sport Coaching Framework*, 2017).

Os treinadores, tal como todos nós, direcionam a sua atenção e atuação para as coisas que valorizam mais, essa é uma das tendências naturais do ser humano. Assim, uma boa condição para se afirmar como treinador é ter um forte interesse pela atividade e grande compromisso com o desenvolvimento de cada atleta, onde deve existir uma valorização da experiência desportiva. Os treinadores devem ser capazes de promover uma dinâmica de treino fundamentada na ética e nos valores, dinâmica esta suportada pela

determinação de objetivos focados no atleta ou na equipa, devendo considerar-se o contexto onde está inserido. Para que a evolução realmente aconteça numa base sustentada, os treinadores devem estar ajustados com as necessidades de progresso dos seus atletas. Os programas de desenvolvimento das competências do treinador podem melhorar as suas capacidades e conhecimentos, aliás, que tão necessários são eles para trabalhar as diferentes categorias específicas dos atletas (*International Sport Coaching Framework*, 2012).

Para que a intervenção do treinador vá ao encontro das necessidades dos atletas e conduza a uma melhoria sustentada, e sobretudo guiada, os treinadores devem procurar desenvolver conhecimentos e competências numa multiplicidade de áreas. Estes requisitos podem ainda ser conseguidos adquirindo novas experiências, aprendendo no decorrer do exercício da atividade, participando em formações formais ou informais e refletindo com outros treinadores. Um treinador deve estar eminentemente na busca de um treino eficaz, sendo que este é a aplicação consistente de conhecimento profissional, interpessoal e intrapessoal, integrado para melhorar a competência, confiança, relação e caráter dos atletas em contextos de treino específicos (Côté & Gilbert, 2009).

Gilbert e Côté (2013) definiram três áreas de conhecimento importantes para os treinadores: o conhecimento profissional; o conhecimento interpessoal; e o conhecimento intrapessoal. O conhecimento profissional consiste na compreensão de conteúdos e a forma como devem ser transmitidos aos atletas. O conhecimento interpessoal relaciona-se com a capacidade que o treinador tem para estabelecer uma ligação com as pessoas, nomeadamente com os seus atletas mas também com os pais e com outros agentes desportivos, esta capacidade está diretamente ligada com a inteligência emocional. O conhecimento intrapessoal do próprio treinador, baseia-se na experiência, no autoconhecimento que é a capacidade dele se conhecer a si próprio, as suas virtudes e defeitos, e também na autorreflexão do processo que seja capaz de rever a sua intervenção no sentido de melhorar.

As competências do treinador podem ser estabelecidas em duas competências diferentes, sendo elas as competências funcionais e as competências relacionadas com tarefas. As competências funcionais são as que permitem ao treinador dar resposta às necessidades de uma determinada situação específica da sua atividade, como por exemplo, a adoção de medidas para conduzir os atletas num determinado contexto

social e organizacional a uma melhoria comportamental. O treinador deverá estar o melhor preparado possível para perceber, procurar interagir e moldar os ambientes se necessário for. Por outro lado, as competências relacionadas com a tarefa são as que possibilitam ao treinador executar deveres de uma determinada tarefa específica. Estas competências devem estar incluídas nas qualificações básicas dos treinadores, ainda que possam vir a ser desenvolvidas durante o desempenho da profissão. O treinador no desempenho da função deverá estar ciente das suas principais tarefas durante a atividade diária e poder estabelecer uma hierarquia de prioridades de acordo com as competências e com as necessidades impostas pelo contexto que desenvolve. Concretamente o treinador deverá definir a visão e a estratégia da sua equipa estabelecendo o objetivo e delineando o caminho, moldando o ambiente à sua volta de forma a torná-lo propício ao desenvolvimento do atleta, ou da sua equipa, permitindo alcançar o objetivo de rendimento ou aprendizagem. É importante que o treinador consiga estabelecer relações para a congregação de esforços em prol dos objetivos por forma em gerar um sentido de união e um ambiente favorável. É função do treinador dirigir as sessões de treino e preparar as competições, bem como gerir competições no seu decorrer. Durante a competição o treinador deverá ter a capacidade para ler, interpretar os indicadores disponíveis e reagir às situações específicas no terreno. Por último, e não menos importante, é a capacidade de aprender com o processo refletindo sobre os acontecimentos. É desta dinâmica que pode advir o conhecimento útil para a evolução do individuo enquanto treinador (*International Sport Coaching Framework*, 2012).

2.2.3. FUNÇÃO DO TREINADOR

Vários estudos em diversos países permitiram constatar que atualmente a comunidade constituinte de treinadores é composta por diferentes enquadramentos, com voluntários e remunerados, e que estes podem estar a exercer a sua atividade a tempo parcial ou integral. A função de treinador difere atualmente de outras profissões devido à elevada participação de voluntários, muitos dos quais são pais, ou antigos atletas, que na maior parte das vezes procuram dar uma resposta imediata à necessidade do técnico. Na consequência deste enquadramento, a função de treinador é geralmente percecionada como uma área profissional híbrida. Em muitos dos casos os voluntários assumem o cargo que se pode designar como “pré-treinador” que tem lugar quando ainda não foi assumida uma decisão formal sobre a sua profissão, ou a obtenção das qualificações

necessárias. Podem ser assumidas funções de treinador que abarcam múltiplas dimensões de responsabilidade, competência, complexidade e autonomia. Como foi referido muitos dos treinadores que universalmente desempenham funções na base do voluntariado, ou parcialmente remunerada, mas mantendo a responsabilidade ao nível do treino de crianças e de atletas de alta competição, atuando em ambas as naturezas do desporto, de lazer e competição. Não parece fazer muito sentido um certo amadorismo, quando atualmente se discute a evolução desportiva num aumento qualitativo do processo de treino e competição. De acordo com as opiniões de treinadores, o estatuto, o domínio e a categoria do treino, parecem definir-se em duas vertentes, por um lado um treinador a tempo inteiro e remunerado que trabalha com atletas de alta competição, por outro, um treinador voluntário que trabalha com jovens para apoiar o seu envolvimento inicial no desporto. Numa visão mais abrangente, é o próprio sistema desportivo que pode beneficiar da maior, ou menor, experiência dos treinadores, pois os mais experientes com conhecimento de causa podem dar vários contributos desempenhando várias funções. Uma das funções mais importantes é apoiar e gerir o trabalho de outros técnicos, onde se incluem os “treinadores voluntários” ou “pré-treinadores”. Esta partilha de conhecimento e experiência é considerada fundamental para um aumento qualitativo do desempenho de treinadores menos experientes (*International Sport Coaching Framework*, 2012).

Tendo em consideração algumas realidades, a função do treinador pode ser desempenhada no contexto de voluntariado em *part-time* ou noutro contexto em *full-time*, sendo que o treinador pode desempenhar funções em mais do que uma das categorias da formação desportiva com vários grupos de idades e competências diferentes. À semelhança dos atletas, os treinadores acumulam experiência ao longo do tempo que desempenham funções e desenvolvem também uma boa parte da sua aprendizagem. No entanto, são normalmente associados a uma experiência superior e capacidade, maiores níveis de responsabilidade e uma capital complexidade nas funções. Ao clarificar as tarefas do treinador é possível definir melhor as principais competências que são necessárias para o cumprimento da atividade. Por outro lado, este aspeto permitirá ajudar a planificação, a formação e um desenvolvimento mais vasto dos treinadores, até possivelmente uma proposta de emprego ou ocupação. A adoção de uma terminologia clara relacionada com as funções de treinador, também constitui um bom princípio para o desenvolvimento de programas de formação de treinadores e

qualificações com a atenção centrada na aquisição de competências relacionadas com a especificidade do cargo. Essa uniformização dará suporte às entidades formadoras, como as federações ou instituições educativas, facilitando a denominação e a sincronia das suas qualificações acoplados a um ponto de referência comum com uma ligação clara ao posto de trabalho do treinador nas suas diferentes vertentes. A definição das funções e qualificações do treinador de uma forma descritiva, ajudará também as entidades patronais a facilmente identificarem possíveis candidatos e potenciais necessidades de formação. Consequentemente foram propostas pelo *International Sport Coaching Framework*, quatro principais vertentes das funções do treinador, nas duas categorias de desporto de lazer e desporto de competição, são elas: Assistente de Treinador, Treinador, Treinador Avançado e Treinador Principal. Estas quatro possibilidades não correspondem necessariamente aos quatro graus de formação dos treinadores. Considerando estas quatro funções, cada uma delas é composta com um conjunto de competências essenciais que podem variar de acordo com a modalidade desportiva, o país onde se atua e o contexto onde o treinador está inserido. Concretamente a função do Assistente de Treinador tem como principais competências: saber auxiliar na construção de sessões de treino; conseguir planificar, realizar e analisar sessões de treino básicas que pontualmente possam ter alguma supervisão; possuir um nível básico de conhecimento, competência e tomada de decisões para desempenhar as funções principais com orientação; e apoiar a participação de pré-treinadores. À função designada como Treinador correspondem as seguintes competências: capacidade de planificação; realização e análise das sessões de treino ao longo de uma época; ser capaz de reunir um nível alargado de conhecimento, competência e tomada de decisão para desempenhar de forma autónoma as funções principais; conseguir apoiar a participação e desenvolvimento de pré-treinadores e Assistentes de Treinador. Compete ao Treinador Avançado: planificar, realizar, liderar, avaliar as sessões e respetivas épocas de treino; estas valências pressupõem um nível alargado e integrado de conhecimentos, competências definidas não só para poder desempenhar as funções principais, mas também para ser mentor de outros; conseguir trabalhar de forma independente no desempenho do papel principal na estrutura do programa; e apresentar-se capaz de participar na gestão e no desenvolvimento de outros Treinadores ou Treinadores Adjuntos e pré-treinadores. Como Treinador Principal deve: possuir capacidade de supervisionar e contribuir para a realização, análise e avaliação de programas de treino durante a época em situação de média e de grande escala, mas sempre suportada pela

inovação e investigação; abarca um nível de especialização, integração de conhecimentos e de competências, devendo ser reconhecido como perito com elevadas capacidades desenvolvidas na tomada de decisão; por último, deverá estar envolvido com frequência na elaboração e supervisão de estruturas de gestão e programas de desenvolvimento para outros treinadores (*International Sport Coaching Framework*, 2012).

Na sequência das diferentes funções estabelecidas, são possíveis, algumas variações o que devem ser consideradas as denominações de “Treinador Avançado” e “Treinador Principal” com uma atenção mais particularizada, pois estas podem variar com mais frequência em função dos diferentes contextos culturais e desportivos. Outro aspeto a considerar é que não será necessariamente automática a progressão de “Assistente de Treinador” para “Treinador Principal”, uma vez que os treinadores podem desejar manter-se numa das três outras vertentes apontadas e sentirem-se motivados. É um facto que alguns dos treinadores, apesar de já possuírem grau de conhecimento e experiência considerável, muitas vezes acabam por preferir cargos para os quais podem parecer ter excesso de qualificações (*European Sport Coaching Framework*, 2017).

O *European Sport Coaching Framework* (2017), refere que as quatro vertentes da função de treinador estabelecidas, (Assistente de Treinador, Treinador, Treinador Avançado e Treinador Principal) podem ser destinadas a cada categoria, bem como ao domínio do treino e adaptadas em função das necessidades da modalidade desportiva apresentada, independentemente do país onde se desenvolve a sua prática. Associadas a estas vertentes do treinador são identificadas outras funções que estão inerentes, sendo exemplo no treino de alta competição os “Treinadores Avançados” e “Principais” que são frequentemente responsáveis por outros treinadores e pessoal de apoio. O documento de referência, afirma ainda que em alguns desportos, os treinadores que atuam ao mais alto nível de competição são designados como gestores. Nesse sentido pode ser comum ter “Treinadores Principais Adjuntos” a trabalhar com eles, o que é substancialmente diferente de “Assistente de Treinador”. Num contexto, no futebol sénior as funções do treinador são comumente associadas às funções de gestão da performance que podem, ou não, ser assumidas pelo treinador. No treino de crianças e jovens, apesar do teor ser muito distinto, pode observar-se uma situação parecida com a coordenação, uma vez que existe uma clara necessidade de treinadores que estejam especializados no trabalho com crianças e jovens, justificada pela complexidade do

processo de desenvolvimento e pelo contexto multifatorial em que o treino ocorre. Existir a necessidade de uma orientação, coordenação, com vista a apoiar e monitorizar a intervenção dos treinadores principiantes e dos treinadores voluntários, pois muitos trabalham durante pouco tempo no treino de crianças e jovens, acumulando pouca experiência no âmbito de formação. Assim, o “Treinador Principal” de crianças pode não ser propriamente um gestor de desporto de competição mas desempenha um papel primordial na gestão de um ambiente favorável e no desenvolvimento de programas adequados.

No que diz respeito concretamente às principais funções do treinador, podemos destacar vários aspetos que configuram as suas preocupações prioritárias. Em primeiro lugar, o treinador deve criar uma visão estratégica baseada nas diferentes fases de desenvolvimento dos atletas e nas suas necessidades tendo em atenção a forma organizacional e social envolvente. Em segundo lugar, o treinador deve recrutar e contratar atletas com vista a trabalhar com um grupo onde possa assumir a responsabilidade pela definição de planos de trabalho para determinados períodos. Por outro lado, o treinador deverá procurar maximizar a envolvente onde trabalha através da mobilização do pessoal, do aproveitamento das instalações, da potenciação dos recursos, da aplicação correta dos métodos de trabalho e de uma gestão equilibrada de outros treinadores e outro pessoal de suporte. Outro dos aspetos, não menos importante, é a construção de relações positivas com os atletas e com as outras pessoas que estão associadas ao trabalho, onde se incluem os funcionários do clube, ou da escola, e inclusive da federação de entre outros que assumem a organização. Não esquecer que uma das funções primordiais é a organização de sessões de treino que sejam adequadas e desafiantes, com recurso a métodos didáticos eficazes para promover a aprendizagem e a sua performance. Por outro lado, o treinador também se prepara para as competições e supervisiona os atletas procurando fazer a sua gestão. Neste sentido, o treinador deve saber observar e responder aos acontecimentos da forma mais adequada possível a todas as questões, quer dentro do campo quer fora do campo. Para que o treinador possa cumprir esta função de uma melhor forma, é essencial que tenha capacidade de uma tomada de decisão muito eficaz, que deve ser aprimorada ao longo de todas as fases do seu desenvolvimento enquanto treinador (Abraham & Collins, 2011).

Por fim, é importante que o treinador avalie o programa de desenvolvimento do atleta e da equipa como um todo, assim como deve avaliar cada sessão de treino e competição.

A avaliação e reflexão são essenciais para sustentar um processo de aprendizagem e desenvolvimento profissional constante (Werthner & Trudel, 2006).

2.2.4. QUALIFICAÇÃO DO TREINADOR

As classificações das vertentes do treinador propostas pelo *International Sport Coaching Framework* (2012), estão diretamente relacionadas com a sua atividade durante o exercício de funções. As quatro vertentes referidas anteriormente não retratam necessariamente os quatro níveis de qualificações do treinador. No entanto, as entidades formadoras como as federações desportivas, as associações de treinadores e as instituições de educação, foram incentivadas a alinhar os seus sistemas de qualificação com estas diferentes vertentes. A formação por si só não é garante de que o treinador seja capaz de desempenhar por completo os deveres definidos para uma vertente de alto nível. Para ajudar a um correto desempenho do treinador a formação prática dos cursos de treinadores têm demonstrado de forma sólida uma maior garantia de que existe uma interligação adequada entre as qualificações adquiridas e a função a desempenhar no terreno. A descrição das funções do treinador, fundamentadas em competências, proporciona uma visão alternativa às qualificações usuais que destacam apenas o conhecimento geral e que frequentemente não conseguem estabelecer uma relação com as exigências da atividade. São estes sistemas de qualificação que associam geralmente níveis mais baixos de qualificação ao treino com crianças e jovens, e os níveis mais elevados ao treino no contexto do desporto de competição (*European Sport Coaching Framework*, 2017). No âmbito da formação de treinadores, é importante que exista um alinhamento de qualificações entre federações nacionais, organizações governamentais e federações internacionais, fornecendo opções, caminhos e reconhecimento aos treinadores. Este alinhamento entre as funções, competências e as qualificações dos treinadores, permite uma íntima correlação entre estes aspetos para evitar resultados negativos. O primeiro ponto mais importante é confirmar que todos os treinadores são capazes de desempenhar os seus deveres mais essenciais. Por mais que um aspirante a treinador tenha sido desportista de elite mas não tenha recebido formação para ensinar capacidades básicas correspondentes à idade dos atletas com quem está a trabalhar, provavelmente não dará bom resultado se as instruções não forem bem direcionadas o que pode mesmo desmotivar os aprendizes mais entusiasmados (*International Sport Coaching Framework*, 2012).

2.2.5. FORMAÇÃO DO TREINADOR

A formação e o desenvolvimento do treinador, não são apenas compostos pela acumulação de conhecimentos, mas também pela aquisição de comportamentos, capacidades e atitudes eficazes a cada contexto (Moon, 2004). Diferentes abordagens metodológicas devem ser procuradas pelo treinador para a sua formação. Esta formação de treinadores deverá ser direcionada e baseada em ensinamentos de meios de aprendizagem mais facilitadores e cooperativos que permitam a interação entre diferentes treinadores (*International Sport Coaching Framework*, 2012).

O crescimento do treinador é feito com a exposição a situações que lhe permite a aprendizagem e lhe possibilita diferentes oportunidades durante um longo período de tempo. A experiência durante o desempenho das funções é muitas vezes precedida pela experiência como praticante da modalidade desportiva. O acumular destas experiências, concorre gradualmente para um processo de evolução do treinador a longo prazo (*The South African model of long-term coach development*, 2012).

2.2.6. APRENDIZAGEM DO TREINADOR

Para que seja possível um compromisso de aprendizagem contínua por parte dos treinadores, é importante que o treino esteja centrado no atleta, consequentemente as federações e organizações de treinadores têm a necessidade de definir claramente as etapas e competências aliadas ao desenvolvimento dos treinadores a longo prazo. “As experiências de formação e de desenvolvimento dos treinadores devem refletir os contextos complexos e desafiantes nos quais operam.” Carter e Bloom (2009), afirmam que os treinadores aprendem melhor com a experiência prática e com a interação com outros treinadores, destacando a necessidade de contrabalançar a formação do tipo formal de treinadores com experiências de aprendizagem no campo. A aprendizagem experiencial é fulcral no desenvolvimento do treinador. A exposição a uma diversidade de situações faz com que a aprendizagem experiencial seja para os seus treinadores a oportunidade para descobrir o conhecimento e melhorar as capacidades já adquiridas anteriormente, alargando o espetro de intervenção em diversas circunstâncias de treino. A aprendizagem experiencial proporciona o desenvolvimento do treinador com base no autoconhecimento e na autorreflexão (*International Sport Coaching Framework*, 2012).

Quanto aos tipos de aprendizagem dos treinadores podem existir dois modelos principais de situações de aprendizagem, a aprendizagem mediada e a aprendizagem não mediada. Segundo Moon (2004), grande parte da aprendizagem não mediada, acontece quando o treinador escolhe o que pretende aprender e determina a forma como irá aprender. A aprendizagem não mediada pode ser a leitura de um livro, assistir a um vídeo ou mesmo a própria reflexão sobre experiências anteriores. A aprendizagem mediada diz respeito à aprendizagem apoiada diretamente por outra pessoa, ou por utilização de um meio que facilite a forma de aprendizagem. Esta aprendizagem pode ser alcançada através de formação do tipo formal e de formação do tipo informal. A formação do tipo formal acontece num plano institucional organizado no tempo e estruturado de forma hierárquica (Coombs, & Ahmed, 1974; *cit. in International Sport Coaching Framework*, 2012). Por outro lado, a formação informal corresponde a qualquer “atividade de formação sistemática” que seja realizada fora da estrutura de um plano formal e que procura fornecer aprendizagem selecionada a grupos específicos da população (Côté, Erickson, & Duffy, 2013). Neste tipo de formação poderão incluir-se *workshops*, seminários ou o acompanhamento por mentores.

Knowles, Holton, e Swanson (1998) citados no *International Sport Coaching Framework* (2012), sugerem que os treinadores aprendem melhor quando a sua experiência adquirida e suas capacidades anteriores são reconhecidas promovendo a reflexão sobre as mesmas e como qualquer ser humano, quando está motivado para aprender e para procurar formas de aprendizagem interessantes, quando são estimulados a adotar um comprometimento pela sua aprendizagem, quando a situação é positiva e estimulante minorando a ansiedade, incentivando a experimentação e representando um desafio ajustado. Os autores referem também como fator preponderante para os treinadores aprenderem melhor, quando os formadores têm em consideração a forma como os treinadores gostam de aprender, quando existe a oportunidade para praticar e aplicar as informações inserido no seu próprio contexto, quando há um nível alto de envolvimento e compromisso com a sua própria aprendizagem, e quando têm algum sucesso, obtendo *feedback* positivo, aumentando assim a sua autoconfiança.

Segundo Lave e Wenger (1998) citados pelo *International Sport Coaching Framework* (2012), cabe às organizações de treinadores valorizar, reconhecer, respeitar, confiar e estimular o contributo que os treinadores com experiência possam oferecer na orientação, formação, aconselhamento e desenvolvimento de outros colegas com uma

experiência mais reduzida. Por outro lado, devem ser os próprios treinadores a reconhecer o papel preponderante que treinadores com mais experiência podem ter na sua aprendizagem.

2.2.7. CERTIFICAÇÃO DE TREINADORES

A certificação de treinadores nem sempre esteve associada a um percurso efetivo de desenvolvimento de treinadores de desporto. No entanto, este aspeto foi, de alguma forma, compensado por outras configurações de educação formal e informal. Côté et al. (2013) reforçam a necessidade de um maior relevo e melhor acesso a programas certificados de formação de treinadores de âmbito formal. São as federações que ao nível nacional e ao nível internacional encabeçam a organização e dinamização dos cursos ou a sua certificação das respetivas modalidades desportivas. No entanto, a certificação de treinadores varia de acordo com as modalidades desportivas, os diferentes países e as suas instituições. São as instituições de ensino superior que naturalmente estão focadas em conteúdos de formação mais abrangentes como as ciências do desporto, os métodos e as teorias do treino. Não obstante, verifica-se que cada vez mais estas instituições incluem nas suas componentes letivas a formação em modalidades desportivas específicas e isso representa uma tendência positiva que beneficia o sistema de formação desportiva. Nesta tendência é recomendada a promoção de parcerias entre federações e instituições de educação com o objetivo de potenciar a qualidade e a pertinência da oferta formativa aos treinadores. Cabe às federações nacionais e internacionais a responsabilidade em determinar quais as denominações da certificação ou da licença atribuída aos treinadores especificando as funções a exercer, tendo presente a apreciação dos quadros de qualificação nacionais e internacionais de referência. A preocupação deve ser uma adequada formação e qualificação dos treinadores para as funções que cumprem nos diferentes domínios em que exercem a sua atividade. A certificação de formação do tipo formal deve igualmente ser alvo de ponderação no reconhecimento da aprendizagem anterior e experiência dos treinadores, o que é designado internacionalmente como o *“Recognition of Prior Learning”*. Este reconhecimento reveste-se de particular importância uma vez que foram comprovados os benefícios da aprendizagem experiencial dos treinadores (*European Sport Coaching Framework*, 2017).

2.2.8. FORMADORES DE TREINADORES

Quanto aos formadores de treinadores o *International Sport Coaching Framework* (2012) aconselha às federações, organizações de técnicos e instituições educativas que participam na sua formação, ponderar a identificação e formação de formadores para os treinadores que vão intervir junto dos treinadores na especificação da sua formação. O entusiasmo pelo desenvolvimento das qualidades dos treinadores deve ser um denominador comum de todos os formadores de treinadores. Estes formadores devem ser cuidadosamente selecionados e recrutados, devem também ser inseridos numa plataforma de suporte adequada proporcionada pelas entidades formadoras e devem ser avaliados com frequência para possibilitar a apreciação da sua competência no crescimento do exercício da sua função. Define ainda que cada modalidade desportiva em qualquer país deve determinar uma carreira a longo prazo para que os formadores de treinadores possam progredir. Este percurso de carreira deverá estar claramente relacionado e articulado com diferentes vertentes, domínios e funções de treinadores. O *International Sport Coaching Framework* (2012) determina ainda que as federações, países e instituições de educação devem estar preparadas com a conceção de um grupo eficiente de formadores para treinadores. Esta equipa de formadores pode proporcionar o desenvolvimento de treinadores existentes na região, assim como fazer com que amplie o número de novos treinadores que entram no sistema desportivo nas mais variadas áreas onde são necessários para o desenvolvimento integral dos atletas e das modalidades desportivas.

2.2.9. O TREINADOR E A PARTICIPAÇÃO DESPORTIVA

As pessoas mudam as necessidades e motivos da participação no desporto em diferentes fases das suas vidas. Em função destas diferentes situações a filosofia, os conhecimentos e as capacidades dos treinadores necessitam de estar adaptadas com vista a maximizar as possibilidades dos atletas e praticantes, atingirem experiências de desenvolvimento positivas através do desporto de forma direta ou indireta (*European Sport Coaching Framework*, 2017).

Com a investigação de Lyle (2002) foi possível identificar dois tipos de participação no desporto, são eles: o desporto de lazer e o desporto de competição. O desporto de lazer dá prioridade à participação e diversão, sendo que o desporto de competição está focado

nas conquistas e no rendimento. Dentro destes dois tipos de participação no desporto podemos integrar dois grupos: o desporto de lazer que visa integrar as crianças, os adolescentes e os adultos; e o desporto de competição que pode integrar atletas emergentes, atletas de competição e atletas de alta competição. Dependendo da natureza das funções do treinador, é importante perceber que os treinadores podem estar a trabalhar em simultâneo em dois grupos de características diferentes e também em diferentes domínios. Os objetivos dos atletas assim como as necessidades de desenvolvimento variam nas diferentes classificações e de domínios apresentados. Estes devem estar alinhados com as capacidades exigidas aos treinadores para dar resposta aos mesmos. A formação e qualificações de treinadores devem considerar o treino de desporto nos diferentes domínios. O percurso de desenvolvimento de um treinador deve refletir os domínios nos quais trabalha.

Tendo em conta a participação desportiva, existem vários modelos de desenvolvimento de atletas. Um dos modelos mais conhecidos que descreve as diferentes etapas de participação no desporto é o “*Long-Term Athlete Development*” (LTDA), que prevê o desenvolvimento do atleta a longo prazo. Este modelo foi desenvolvido por Istvan Balyi (1995) e utiliza marcadores físicos e psicológicos para propor uma sequência de fases de desenvolvimento com os tipos de exercícios de treino associados, tendo em vista maximizar o potencial desempenho de cada indivíduo e promover uma participação contínua. Existem outros modelos como o que desenvolve a participação desportiva de “*Developmental Model of Sports Participation*” (DSMP), proposto por Jean Côté (1999), que identifica as trajetórias do desporto de lazer e do desporto de competição. Independentemente do modelo adotado é importante perceber a diferença entre o modelo real e o modelo ideal que em qualquer desporto, ou em qualquer contexto, deverá ser reconhecida pelo treinador os quais necessitam, também, ser selecionadas intervenções ao nível do treino com vista a diminuir a diferença entre os dois, ou seja, o real e o ideal através da útil ação do treinador (*European Sport Coaching Framework*, 2017).

2.2.10. Responsabilidade do Treinador

A responsabilidade do treinador deverá concentrar-se na melhoria do desempenho e no desenvolvimento pessoal do atleta. O princípio de uma abordagem centrada no atleta indica, desde logo, que existe uma preocupação com a proteção do respeito da

integridade e individualidade daqueles com quem o treinador trabalha. Particularmente tem de existir por parte dos treinadores a responsabilidade de salvaguardar as crianças e jovens que estão ao seu cuidado (*International Sport Coaching Framework*, 2012). Importante é também que o treinador na sua conduta respeite as regras nacionais e internacionais de antidopagem, conforme definido pela *World Anti-Doping Agency* (*WADA Coach's Tool Kit*, 2015). O que se espera é que os treinadores desempenhem a sua missão de forma eticamente responsável, atuando sempre segundo as regras estabelecidas e protegendo a honestidade do desporto. O bem-estar dos atletas deverá ter sempre como princípio básico de referência para os treinadores, sendo com estes princípios basilares que os treinadores regem a elaboração, a implementação e a avaliação das sessões de treino adequadas às competições (*European Sport Coaching Framework*, 2017).

2.2.11. Objetivos do Treinador

Acontece que por vezes as instituições desportivas nacionais, regionais ou locais pretendem atingir objetivos no desporto de lazer ou de competição, mas sabem que para que isso seja possível, a figura do treinador é preponderante para atingir esses objetivos. Não obstante, existem também objetivos pessoais que os próprios treinadores e os seus atletas pretendem atingir no contexto de escola, clube ou comunidade onde estão focados para atingir tais objetivos. Torna-se assim preeminente que os treinadores desenvolvam programas que satisfaçam ambas as necessidades, por um lado os atletas que treinam, e por outro procurar contribuir para que as respetivas organizações possam alcançar os objetivos associados ao desenvolvimento da modalidade. Os objetivos do treinador devem ter a sua génese em valores positivos, estando estes assentes no anseio de criar a melhor experiência possível para os atletas. Os treinadores devem ponderar e estabelecer pelos seus próprios termos os seus objetivos, tendo em consideração o contexto onde o seu trabalho acontece (*International Sport Coaching Framework*, 2012).

Os objetivos do treinador devem passar por um equilíbrio que seja saudável entre os vértices de um triângulo estabelecido pelos resultados desportivos, os objetivos pessoais e a aprendizagem para a vida. Este triângulo poderá ter diferentes formatos em função das necessidades dos atletas, das idades cronológicas e das idades biológicas que apresentam. Os treinadores devem ter sempre presente quando definem os objetivos que

pretendem alcançar com os seus atletas: o respeito e a oportunidade; a prática justa e espírito desportivo; a confiança e trabalho de equipa; a saúde e condição física; a competição e sucesso; a diversão e a prática desportiva para a vida (*European Sport Coaching Framework*, 2017).

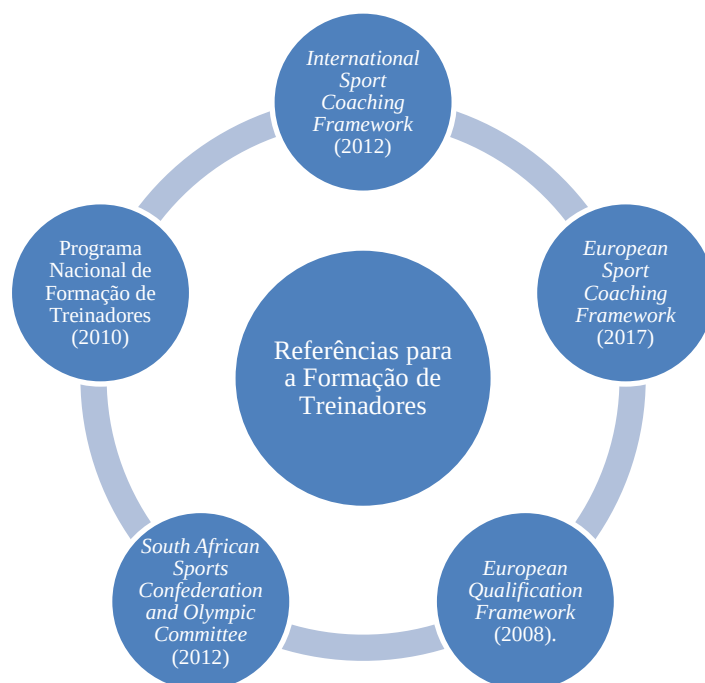


Figura 3. Documentos institucionais de referência para a formação dos treinadores de desporto.

2.3. A FORMAÇÃO DE TREINADORES NO PANORAMA NACIONAL

2.3.1. EVOLUÇÃO DA FORMAÇÃO EM PORTUGAL

No passado a *European Network of Sport Science in Higher Education* propôs uma estrutura de cinco níveis para a formação de treinadores que perspetivava um sistema integrado e progressivo da formação não universitária e académica. Posteriormente ocorreram várias alterações significativas no contexto da regulamentação da União Europeia no âmbito da educação e formação vocacional. Estas alterações tiveram uma direta implicação na forma como os treinadores estão a ser formados e na forma como as suas qualificações são reconhecidas dentro do espaço europeu. Adicionalmente foi promovido o alinhamento das instituições de ensino superior na perspetiva no processo de creditação da formação permitindo uma uniformização na União Europeia, no sentido de aclarar a relação com as instituições de ensino superior. O novo Sistema Europeu para o Reconhecimento das Qualificações do Treinador teve um conjunto de

principais alterações que importa destacar. Em primeiro lugar estabeleceu quatro Graus de formação. É concretizada a ideia que a formação do treinador deve estar sujeita a vários anos de experiência “*on-the-job*” e não pode culminar simplesmente na conclusão de um curso de graduação mas deve sim, ser adquirida de uma forma constante. Por outro lado, foi reconhecido que na esfera do treino desportivo se destacam duas ocupações fundamentais, uma em que o treinador intervém com desportistas orientados para a participação, onde o principal objetivo passa pela manutenção da saúde ou pelo recreio e lazer, a outra, onde o treinador intervém com desportistas orientados para a competição. Foram também definidos quatro papéis diferentes do treinador: o treinador de desportistas em iniciação; o treinador de desportistas não competitivos; e o treinador de talentos desportivos identificados, estes primeiros três papéis são possíveis ao treinador contemplar a intervenção com crianças, jovens e adultos; o último papel confere ao treinador administrar desportistas de alto rendimento. Para o desempenho dos quatro papéis aqui apresentados, os treinadores podem realizar formação com três diferentes possibilidades: formação fundada nas federações; formação estabelecida no ensino superior; e formação baseada em agências reconhecidas de formação de treinadores (Instituto Português do Desporto e Juventude, 2010).

A formação de treinadores em Portugal tem sofrido muitas alterações nos últimos 20 anos, passou por diferentes planos de formação e diferentes organizações. Numa fase inicial o Estado português assumia as competências na formação de técnicos e monitores de desporto. Para o efeito foi criado o Instituto Nacional do Desporto com a responsabilidade de formar os quadros técnicos desportivos. Considerando a amplitude de carências de formação apresentadas pelo sistema desportivo, a realização das ações de formação dos treinadores diretamente pelo Estado, veio resultar numa difícil consecução. Num segundo momento o Estado foi desresponsabilizado da formação dos treinadores de desporto, passando essa responsabilidade às federações desportivas e tornando o movimento associativo desportivo responsável pela quantidade e qualidade da formação. Toda esta experiencia, revelou de forma inequívoca que, por um lado o Estado não teve condições para realizar diretamente as formações dos agentes desportivos, por outro percebeu que não se pode alhear completamente do funcionamento do sistema de formação dos treinadores e da qualidade da formação ministrada, tendo que romper com o modelo em vigor e passando a enquadrar a

formação dos recursos humanos do desporto no âmbito da formação profissional introduzida no mercado de trabalho. O primeiro modelo de formação de treinadores sugeria um *percurso profissional* organizado em quatro níveis, o segundo modelo foi composto apenas por três níveis, mas independentemente do modelo adotado tornou-se inequívoca a necessidade de alinhar os modelos de formação a cada um dos perfis profissionais às etapas de desenvolvimento dos praticantes desportivos, concretamente: iniciação, formação, especialização e alto rendimento, sendo que este alinhamento deve ser contemplado nos regulamentos das Federações Desportivas com Utilidade Pública Desportiva. Basicamente as alterações constaram apenas de um ajuste de quatro para três níveis, mas desde logo prevendo que o primeiro ou segundo nível correspondessem à formação superior, no sentido de facilitar o processo de equivalência das formações (Instituto Português do Desporto e Juventude, 2010).

O Programa Nacional de Formação de Treinadores define um percurso que foi delineado e regulamentado que se tornou numa orientação explícita no regime Jurídico da Formação Desportiva, procurando uma formação sustentada e não uma formação isolada, que foi integrada no sistema Nacional de Qualificações. A forma de organização da formação de treinadores através de graus de formação vem dar resposta às recomendações europeias e procura alinhar a formação académica articulada com a formação técnico-profissional. O estabelecimento de alinhamentos entre vias de formação distintas aponta para a estimulação e abertura de vias de comunicação de complementaridade entre as mesmas e perspetiva uma formação ao longo da vida. Independentemente do grau de formação obtido e da via de formação adotada, serão sempre exigidas três componentes: curricular; estágio tutorado em exercício profissional; e a formação contínua durante os anos de prática profissional. Estes pressupostos são aplicados à obtenção de grau por via académica, pela via técnico-profissional ou, mesmo pelo processo de reconhecimento de competências adquiridas ao longo da vida. No caso da formação contínua, esta deverá ser desenvolvida nos anos que medeiam a obtenção de um grau para outro, sendo que é obrigatório para a renovação do Título Profissional de Treinador de Desporto no mesmo grau, a realização de formação contínua creditada (Instituto Português do Desporto e Juventude, 2015).

European Qualification Framework (2008) pretendeu conferir referenciação a outras estruturas organizacionais para se relacionarem e compararem entre si, conferindo segurança no processo de confrontação e reconhecimento de qualificações na Europa.

Estas referências europeias estabeleceram uma estrutura de oito níveis para permitir a transferência de créditos e o desenvolvimento de mecanismos de certificação de qualidade e validação. Assim sendo, está previsto que os três últimos níveis estabeleçam correspondência com o número de ciclos de Bolonha. O quadro Europeu de Referências permitiu a conceção de um sistema de acumulação e transferência de créditos para a Educação e para a Formação Profissional, válido para o espaço Europeu, concretamente designado de *European Credit System for Vocational Education and Training*. Este sistema permite atestar e registar os progressos alcançados na aprendizagem e na evolução de competências de um treinador que está integrado num processo de aprendizagem culminando numa determinada qualificação.

O Programa Nacional de Formação de Treinadores com base no que está legislado, outorga a existência de treinadores devidamente qualificados, esta premissa apresenta-se como uma medida indispensável, não só para garantir um desenvolvimento qualitativo e quantitativo das diferentes atividades físicas e desportivas, como também para que a prática desportiva decorra na observância de regras que garantam a ética desportiva no desenvolvimento do espírito desportivo, bem como a defesa da saúde e da segurança dos praticantes. Objetiva-se que a formação do treinador evolua num crescendo de exigências e competências profissionais nos quatro graus consignados. Pretende-se que os saberes adquiridos sejam cumulativos na transição de grau, ou seja, aquilo que se adquire num grau seja introdutório do que é adquirido no grau seguinte, o que significa que não existe repetição de saberes na organização dos conteúdos. O plano de formação geral está baseado em conhecimento oriundo das ciências do desporto, na medida em que estas proporcionam conhecimento fundamentado, e multifacetado, relativo ao desenvolvimento humano, social e desportivo dos praticantes (Instituto Português do Desporto e Juventude, 2010).

Com a nova reformulação do plano de formação de treinadores, é evidente um aumento da exigência da carga horária, torna claro a obrigatoriedade da formação em exercício, determina a obrigatoriedade da existência de estágio tutorado, estabelece as novas atribuições e responsabilidades das Federações e confirma a existência de várias vias de formação para a obtenção da titulação do treinador. Atualmente a titulação do treinador é designada como Título Profissional de Treinador de Desporto (TPDT) que vem substituir a anterior designação de Cédula de Treinador de Desporto (CTD). Para a obtenção desta titulação existem quatro vias possíveis. As diferentes vias de formação

são: a via Técnico-Profissional, através do sistema Nacional de Qualificações ou da Formação Certificada pelo Instituto Português do Desporto e da Juventude (IPDJ); e outra via possível é a Formação Académica. A obtenção da titulação de treinador de desporto contempla, também, outras vias adicionais que é o reconhecimento de competências obtidas ao longo da vida e o reconhecimento de títulos obtidos no estrangeiro.

São estabelecidas novas cargas horárias aos diferentes níveis de formação que entram em consonância com o que era praticado na União Europeia procurando, esta, uniformizar as horas de formação o que por si só fez com que existisse um claro aumento do número de horas de formação. Está estabelecida a distribuição da carga horária dos diferentes graus em cada componente de formação, sendo que existiu a preocupação de equilibrar de igual modo o número de horas na componente geral comparativamente com a componente específica em cada grau, uma vez que as duas componentes têm a mesmo número de horas (h). Mais concretamente, no Grau I a componente Geral tem 40h, a componente Específica também 40h e o Estágio 600h. No Grau II a componente Geral tem 60h, a componente Específica tem outras 60h e o Estágio 800h. Quanto ao Grau III, quer a componente Geral, quer a componente Específica têm 90h cada uma e o Estágio 1100h. Por ultimo, o Grau IV confere à componente Geral e à componente Específica 135h respetivamente e 1500h para o Estágio. Todas estas horas perfazem o total de 680h no Grau I, 920h no Grau II, 1280h no Grau III e por fim 1770h no Grau IV. A “experiência em contexto laboral” é considerada uma importante componente da formação para treinadores. Obriga a um período mínimo de formação em exercício em todos os graus e para todas as vias de formação. A aprendizagem em contextos reais de prática, decorre do progressivo reconhecimento da importância desta e no que diz respeito à aquisição de competências profissionais, uma vez que através dela, o formando é confrontado com os problemas concretos do quotidiano do processo de treino e de competição.

O papel das Federações no processo de formação e qualificação dos treinadores continua a ser fundamental. Cabe às federações a responsabilidade de fazer corresponder os diferentes graus de formação de treinadores às etapas de desenvolvimento dos praticantes desportivos, associadas à sua atividade. São as Federações desportivas que detêm o estatuto de Utilidade Pública Desportiva que definem os conteúdos formativos da componente específica de cada um dos graus de

formação nas diferentes modalidades, assim como as condições de realização dessa componente. Os conteúdos formativos da componente geral são definidos pelo IPDJ com os seus colaboradores.

2.4. ASPETOS CONTEXTUAIS DO TREINADOR

De acordo com Matos (2003) a atividade física em meio escolar ou praticada nos tempos livres, quer tenha um carácter mais recreativo, ou esteja integrada na prática de uma determinada modalidade desportiva, tem sido cada vez mais reconhecida ao longo dos anos na promoção de hábitos de vida saudável e na prevenção de doenças. Segundo Ferreira (2003) a aceitação da importância da prática desportiva moderada pela medicina atual, ajudou que acontecesse uma introdução gradual do desporto em todos os estratos sociais dos países desenvolvidos ou em vias de desenvolvimento, de uma forma gradual e consistente. Considerando o panorama desportivo nacional de Portugal a modalidade desportiva mais praticada é o futebol (Moreno, et al. 2010; Melo, 2004). No estudo promovido pelos investigadores Moreno, et al. (2010) constatou-se que existe uma relação entre as variáveis género, classe etária e índice de massa corporal (IMC) e a prática das diferentes modalidades desportivas. Nomeadamente, existe uma relação entre o IMC e a prática do futebol, na medida em que os indivíduos com o peso normo-ponderal são os que praticam mais esta modalidade. Verifica-se ainda que o futebol é uma modalidade praticada em maior número por rapazes. No entanto, é preocupante a tendência de diminuição de praticantes desportivos com a idade, à qual o futebol não é imune, sendo essa diminuição mais significativa nos jovens a partir dos 16 anos (Matos, 2003).

O reconhecimento de que a existência de técnicos devidamente qualificados é uma medida imprescindível que esteve na base da regulamentação da profissão de Treinador de Desporto, não só para garantir um progresso qualitativo e quantitativo do desporto, mas para que a prática decorra no cumprimento de regras que garantam a defesa da saúde e segurança dos praticantes. Segundo a Infografia do Instituto Português do Desporto e Juventude (2018) foram contabilizados 44.040 títulos profissionais de treinador de desporto emitidos. Este valor quando comparado com os títulos profissionais de técnico de exercício físico, representa mais do dobro desses profissionais. O que atribui à classe dos treinadores uma grande representatividade no

seio dos técnicos de desporto. O processo de emissão de Títulos de Treinadores teve início em 2011, contudo, é no ano de 2012 que se dá a grande adesão a esta nova regulamentação com cerca de 60% do total de Títulos de Treinadores emitidos nestes últimos oito anos. Desta forma, a primeira fase para a renovação de Títulos de Treinadores de Desporto terá ocorrido durante o ano de 2018. No que diz respeito à área do treino desportivo a Infografia do Instituto Português do Desporto e Juventude (2018) revela que em cada centena de treinadores, apenas 14 são mulheres e 86 são homens, por isso existe uma clara maioria de treinadores do sexo masculino. A média de idades dos treinadores é de 42 anos no caso do sexo masculino, sendo que as treinadoras são tendencialmente mais jovens. A título de curiosidade podemos referir que o treinador mais velho tem 89 anos, no entanto a maioria representada 60% dos treinadores tem entre 31 a 50 anos. Quanto à área de residência dos treinadores, as cidades de Lisboa e Porto albergam cerca de 50% do total dos Técnicos de Desporto do país, o que acompanha uma tendência quase incontornável de bipolarização da população portuguesa para o litoral e para os dois grandes centros, consequência do resultado da progressiva concentração do desenvolvimento nestes polos. Existe uma presença estrangeira com cerca de dois terços dos treinadores de outras nacionalidades que exercem em Portugal, estes são essencialmente de vários países da união europeia mas existe também uma presença considerável de treinadores de nacionalidade brasileira. Tendo em conta os títulos emitidos para cada modalidade, o futebol é de longe a modalidade desportiva com maior representatividade pelo número de Títulos Profissionais de Treinador de Desporto emitidos. As outras modalidades onde obtivemos maior número de Títulos Profissionais emitidos, foram as modalidades de natação, futsal e basquetebol. Particularmente foram 13.664 no futebol representando 30% dos TPDT emitidos, no entanto apenas 5% dos treinadores no futebol são do sexo feminino. Dos 44.040 Títulos Profissionais de Treinador emitidos até ao final de 2017, a grande maioria são de Grau I (61%) e de Grau II (29%). Apenas 10% são de Grau III ou IV. Foi ainda possível constatar que a emissão de títulos vai decrescendo à medida que evoluímos no grau de qualificação, existindo uma percentagem mínima de treinadoras com o Grau IV direcionado ao alto rendimento. No que concerne às diferentes vias de acesso dos treinadores aos Títulos Profissionais, estas revelam ainda os efeitos de uma regulamentação recentemente aplicada, uma vez que cerca de 80% dos títulos foram emitidos por via do Regime Transitório, previsto na lei para integrar os treinadores já existentes no novo sistema de certificação. Considerando todas as vias de acesso

atualmente em vigor, a maioria dos títulos emitidos decorre da formação adquirida através dos cursos de treinadores com cerca de 70%, sendo que a emissão de Títulos Profissionais de Treinador por via do Reconhecimento de Formação Académica representa apenas cerca de 16%.

2.5. ASPETOS PESSOAIS DO TREINADOR

A ciência do desporto e a sua evolução tiveram um impacto muito positivo no desenvolvimento dos treinadores e atletas, no entanto subsiste a noção de que a passagem do conhecimento da ciência do desporto para o campo de treino é deficiente (Martindale & Nash, 2013). Tendo em conta este possível dilema, Martindale e Nash (2013) entrevistaram treinadores de vários desportos, incluindo o futebol, em diferentes níveis competitivos. Resultaram desta investigação os principais aspetos: a aplicação prática da ciência desportiva e a sua relevância; a integração dos treinadores e o acesso à informação; e a linguagem adotada. Os autores verificaram uma grande variabilidade na relevância atribuída à ciência do desporto e para quem ela era relevante, mas curiosamente isso não tinha grande relação com o nível do treinador. Martindale e Nash (2013) concluíram que a inconsistência de entendimento da informação consistiu numa barreira para a obtenção de conhecimento emanado da ciência desportiva, assim como o desafio de operacionalizar a informação para contextos específicos de ação. Adicionalmente, a disponibilidade de recursos e oportunidades de partilha do conhecimento científico foi muitas vezes deixada ao acaso. Por outra parte, o uso excessivo de gíria proliferava, a incapacidade para a pesquisa subsistia e a falta de identificação das necessidades específicas do desporto constituíam-se como barreiras ao alinhamento dos treinadores e consequentemente ao desenvolvimento desportivo.

Taylor et al. (2016) no seu estudo referem que o treinador pode ser um indivíduo “perigoso” na medida em que a discussão sobre a proteção infantil, interpretada e aplicada de diversas formas, contribuiu para uma cultura de medo na prática de treino desportivo. Os autores argumentam que as contradições na política e na prática, servem para privilegiar um discurso singular, lançando o técnico como um caçador de jovens talentos desportivos. Este panorama prejudicou a imagem do treinador e conduziu a um medo intergeracional, criando dúvidas sobre os propósitos dos treinadores, o que fez com que existisse a adoção de medidas defensivas e protetoras. Taylor et al. (2016)

argumentaram que em consequência as relações fundamentais baseadas na confiança, necessárias ao aliciamento saudável do atleta, foram substituídas por um discurso incorporado em procedimentos que os autores designam como estéreis, que são norteados pela tentativa de regulação e pela suspeita.

Chelladurai, Kuga, e O'bryant (1999) mostraram que os homens preferiam mais o treino e as mulheres preferiam mais o ensino. Outro aspeto revelado pelo estudo é que a percepção dos homens e das mulheres face ao trabalho no treino comparativamente ao ensino é uma percepção de maior controlo no ensino. Quanto à motivação de ambos os géneros, ela não diferiu em nenhuma das outras características percebidas das funções de ensino e treino. Os autores perceberam que a preferência pelo ensino, ou pelo treino, é influenciada pelo género, mas também pela facilidade em motivar alunos e atletas, e pela percepção do controlo do trabalho. Por outro lado, Chelladurai e Ogasawara (2003) perceberam que as variáveis intrínsecas do trabalho dos treinadores são mais valorizadas quando comparadas com a compensação financeira, o que sugere que o conteúdo do trabalho é mais importante do que a remuneração.

Segundo Bettega et al. (2017) depois de realizada uma revisão sistemática sobre o treinador pelas publicações científicas brasileiras na área do futebol, concluíram que existe a necessidade de futuras investigações abordarem as características do treinador e investirem na construção de instrumentos de pesquisa. Os autores referem que são escassos os artigos nessas temáticas e adicionalmente foi identificada a necessidade da realização de mais estudos.

2.6. AS COMPETÊNCIAS DO TREINADOR

A construção da competência do treinador deve assentar numa conjugação de experiências práticas e programas formais com a devida reflexão. O constituinte principal para a formação das competências do treinador deve ser claramente reconhecido como sendo a experiência prática de treino. Para o sucesso da concretização das tarefas do treinador, são necessárias algumas competências relacionadas com cada atividade nos diferentes domínios. As competências no domínio do conhecimento consistem num correto uso da teoria e dos conceitos, assim como do conhecimento informal, sendo implícito o ganho com a experiência. As competências

no domínio das aptidões resultam no desempenho das funções que o treinador deverá saber executar quando desempenha uma atividade numa dada área de trabalho, educação, ou social. Quanto ao domínio das competências éticas e profissionais, os treinadores deverão manter uma postura e um comportamento exemplar nas situações específicas que possam surgir sendo o detentor de bons valores pessoais e profissionais. Adicionalmente existe um conjunto de competências de caráter geral valorizadas na atividade do treinador, sendo elas a capacidade de comunicação em diversas línguas, os conhecimentos básicos em matemática, ciência e tecnologia, é também importante que cada vez mais apresentem competência ao nível do digital, demonstrando capacidade aprendizagem autónoma, aptidões cívicas e interpessoais, ser empreendedor dentro da sua atividade e revelar alguma cultura geral (Instituto do Desporto de Portugal, 2010).

2.6.1. COMPETÊNCIAS EM FUNÇÃO DOS GRAUS DE QUALIFICAÇÃO

De acordo com o Programa Nacional de Formação de Treinadores e com o Regulamento dos Cursos de Formação de Treinadores de Desporto, são definidas um conjunto de competências a adquirir em cada patamar de formação (Instituto Português do Desporto e Juventude, 2010; 2015). Neste sentido, o treinador de Grau I é aquele que, de forma determinante, detém a responsabilidade como educador no desporto, concretizado na promoção de competências de vida e no desenvolvimento moral e na construção do carácter dos praticantes que lhe estão confiados. A missão primordial do treinador neste patamar é fomentar o gosto e entusiasmo pela prática desportiva, procurando promover um estilo de vida ativo e percebendo com exatidão o elevado potencial formativo do desporto. Na sequência destes atributos, a intervenção técnica do treinador nestas idades, tem de se centrar em referenciais de qualidade. Não podemos pois esquecer que é nas etapas iniciais de formação que a capacidade motora geral e os aspetos mais elementares da capacidade motora específica se adquirem. Para que consigamos abarcar todos estes requisitos é condição necessária que aconteça uma formação específica apta a dar resposta às exigências particulares da modalidade e, ao mesmo tempo, que seja suficientemente ampla no que refere à exploração das possibilidades educativas do desporto na formação de crianças e jovens.

No que diz respeito às competências necessárias para o desempenho da função do treinador de Grau II, destaca-se o planeamento, a organização, implementação e

avaliação autónoma da atividade dos praticantes no contexto de treino e de competição. O treinador de Grau II por ser ainda o responsável direto pela formação desportiva de crianças e jovens, para tal terá de conhecer verdadeiramente os fatores determinantes do desenvolvimento desportivo de longo prazo, não só na dimensão física e técnica mas também ao nível pessoal, social e desportivo. A sua participação também poderá revestir-se pela implementação de planos estratégicos delimitados por profissionais com grau superior, assim como a absorção de tarefas de coordenação e supervisão de equipas técnicas de grau inferior ou idêntico.

O treinador de Grau III deve dominar um conjunto de competências profissionais ecléticas, tendo em conta a multiplicidade de domínios onde intervêm e, por outro lado, reunir um conjunto de capacidades específicas, considerando o nível de prática onde atuam, neste caso o alto rendimento desportivo. Este nível pressupõe uma elevada exposição pública que o treinador está sujeito, as exigências de rendimento que lhe são impostas no âmbito das competições onde está inserido e a carência de uma forte capacidade de liderança deverão apresentar-se capazes em catalisar as dinâmicas de grupo e otimizar os climas de participação conjunta no seio das equipas técnicas que coordena. Todas estas premissas são requisitos exigidos ao treinador de Grau III e para isso é preponderante uma formação fundada em bases sólidas, tanto no domínio específico da modalidade como no conhecimento plural e no sistemático oriundo das Ciências do Desporto. A instabilidade e adversidade do ambiente onde frequentemente intervém, impõe ao treinador a habilidade de tomar decisões dinâmicas que assumem planos estratégicos de intervenção, assentes numa atividade intensa de reflexão, decisão e operacionalização. Consequentemente o treinador detentor do Grau III no exercício pleno das suas funções terá de desenvolver uma postura profissional focada na qualificação dos processos, no rigor e na constante avaliação das estratégias de desenvolvimento desportivo inseridos numa dinâmica de treino e competição. O treinador de Grau III também tem que possuir uma perspetiva de treino pluridisciplinar, alicerçada solidamente em conhecimentos científicos e metodológicos, uma vez que detém a liderança de equipas técnicas plurais e a responsabilidade de qualificação e defesa dos processos de evolução da carreira dos praticantes orientados para excelência desportiva. Adicionalmente existe a necessidade de possuir uma formação consistente em matéria relacional e deontológica, acionadora de uma boa conduta profissional, particularmente no que diz respeito a pressões e imperativos de rendimento que podem

ser questionados eticamente. O treinador de Grau III adota uma postura profissional reflexiva e crítica, de acordo com o desenvolvimento de processos de autoformação e procura a inovação, sendo consciente das altas exigências profissionais a que um treinador deste patamar está exposto, para que posteriormente tenha a iniciativa de experimentar processos de otimização da sua intervenção, conducentes ao alcance da excelência profissional.

O treinador de Grau IV deverá considerar-se capaz em contagiar outros profissionais ou atletas para a adoção de atitudes exemplares que possam gerar ambientes estimulantes do progresso desportivo. Compete também ao treinador deste patamar, a valorização e integração do conhecimento e a cooperação no desenvolvimento tecnológico decorrente da investigação científica e de experiências de sucesso internacionalmente reconhecidas. Por último, sendo uma referência de topo na hierarquia profissional, compete ao treinador de Grau IV a responsabilidade de inovação, conceção, promoção, regulação e avaliação dos processos formativos, quer no âmbito da formação conferidora de título como na formação contínua.

2.6.2. TAREFAS DO TREINADOR

Em cada um dos quatro graus de qualificação propostos podemos sintetizar as principais tarefas do treinador. No Grau I o treinador é entendido como um “Treinador Aprendiz”, que tem como principais tarefas o auxílio ao treinador principal, possibilidade de planificar, conduzir, refletir e avaliar. No Grau II o “Treinador” é entendido como um agente desportivo que para além de todas as tarefas anteriores citadas, pode, também, supervisionar e eventualmente ser tutor ou coordenador. No Grau III pressupõe-se que seja classificado como um “Treinador Sénior” que contempla todas as tarefas anteriores de uma forma definitiva e por outro lado procura gerir, também, a possibilidade de inovar ou investigar, bem como a possibilidade de planeamento estratégico. Quanto ao Grau IV que podemos designar por “Treinador Master”, não só pode como deve procurar a inovação, a investigação e o planeamento estratégico.

2.7. O PERFIL DO TREINADOR

Uma determinada modalidade desportiva que se quer enriquecedora da formação pessoal, social e desportiva do atleta e do próprio treinador, independentemente das

diferenças óbvias que separam as modalidades praticadas, elas devem ser dirigidas por treinadores qualificados. Pretende-se que o treinador seja capaz de adotar posturas socialmente críticas, assuma o conhecimento como uma ferramenta de trabalho de valorização pessoal e o exercício da atividade como um projeto para a vida (Instituto Português do Desporto e Juventude, 2015).

Santos, Mesquita, Graça, e Rosado (2010) identificaram três grandes áreas de competências relevantes para os treinadores claramente determinadas, são elas: as competências relacionadas com a planificação plurianual e anual; as competências relacionadas com a orientação da prática e da competição; e as competências pessoais e de formação. Destaca-se como essencial para o evoluir do sucesso a capacidade de comunicação do treinador, associada à liderança e às boas práticas educativas.

Côté et al. (2013) afirmam que para o desenvolvimento de um Treinador Avançado numa determinada modalidade competitiva é muito favorável a conjugação de vários fatores como a formação informal com a ajuda de um mentor e uma formação formal pela certificação de treinador de desporto, ou pela formação académica na área. Estes dois tipos de formação devem ser combinados com a experiência enquanto atleta e com a experiência como treinador, preferencialmente diversificada em termos de papéis. Gilbert (2002) num artigo de revisão identificou diversas áreas de estudo dos treinadores com diferentes focos, como, por exemplo, perceber o que os treinadores fazem ou devem fazer, o que os treinadores pensam, quem são e como estudamos os treinadores. Nas últimas décadas tem existido um crescimento muito acentuado de investigações focadas na figura do treinador, no entanto quando comparadas com outras áreas permanece ainda um campo de investigação para explorar e crescer. O autor refere que dado o aumento nos últimos tempos do número de investigações sobre o treinador, nada faria esperar que quanto às ferramentas de avaliação usadas para estudar treinadores se constatasse um número relativamente baixo de artigos com esse objetivo. Por esta razão foi referido como importante e extremamente útil o desenvolvimento de investigações que possam gerar formulários de avaliação ou ferramentas de observação utilizados para estudar treinadores.

Lledó e Huertas (2012) mostraram na sua investigação que os técnicos desportivos com formação universitária dão mais importância ao propósito educativo do processo de ensino-aprendizagem, incluem mais conteúdos relacionados com a Educação Física e

dão um maior destaque às metodologias que proporcionam a inclusão, comparativamente com os técnicos que fizeram apenas o curso de treinadores. Os autores afirmam mesmo que, para levar a cabo um processo correto de desenvolvimento do atleta na etapa de iniciação, é necessário aumentar a presença de técnicos com formação universitária no panorama desportivo que atuam como treinadores de futebol. Neste contexto, os técnicos receberam uma formação mais extensa em aspetos relacionados à Pedagogia, desenvolvendo um processo de ensino-aprendizagem do desporto intrinsecamente adequado à etapa de iniciação desportiva. Os treinadores com formação académica em Educação Física receberam, também, uma maior carga letiva a nível pedagógico no final da sua formação, enquanto os técnicos desportivos sem formação académica receberam muitas menos horas nesta área, mesmo com o somatório das horas dos três primeiros Graus de formação. No entanto, são os técnicos desportivos aqueles que estão legalmente capacitados para trabalhar com futebolistas jovens, pois são estes os únicos que podem constar na ficha de jogo, sendo para tal suficiente ter feito o curso Grau I que os capacita para trabalhar desde os escalões de formação mais baixos até aos escalões mais altos.

No estudo de Lledó e Huertas (2012) os treinadores de desporto das equipas de futebol estudadas, são lideradas fundamentalmente por jovens treinadores entre 25 e 30 anos de idade, onde grande parte deles tem formação universitária relacionada com a atividade física e o desporto. Este perfil inicial contrasta com o que foi encontrado em outros estudos similares (Feu, Ibáñez, & Gozalo, 2007; Nuviala, León, Gálvez, & Fernández, 2007), destacaram maioritariamente a presença de treinadores com um perfil formativo muito baixo (sem qualquer tipo de titulação). Outro dos aspetos revelados foi que a maioria dos treinadores de futebol, são conscientes da importância de deter e manter uma boa formação para poder desenvolver corretamente a sua atividade profissional, apesar da precariedade existente na sua atividade. O paradigma que se trabalha nos cursos de formação de treinadores tem que procurar incidir sobretudo em aspetos pedagógicos como a didática aplicada ao treino, procurando materializar no clube uma forma efetiva mais contundente. Lledó et al. (2014) referem que parece existir uma ligação entre a tendência para continuar com métodos de trabalho tradicionais e os técnicos que apenas fizeram o curso de treinadores de desporto, pois estes preferem explicar e demonstrar como se resolve cada tarefa. Os autores apontam ainda como provável explicação que os treinadores sem titulação universitária não se sentem muito

confortáveis com outro tipo de metodologias com um caráter mais inclusivo, porquanto não podemos esquecer que a aplicação destas técnicas didáticas são conteúdos pouco valorizados nos cursos de treinadores. A falta de regulação da atividade profissional de treinador de futebol, principalmente em escalões de formação, beneficia a existência de uma percentagem bastante elevada de treinadores que não possuem nenhum grau académico na área de Educação Física e Desporto e que no máximo obtêm o Grau I (Lledó et al., 2014).

2.7.1. PERFIL DE INTERVENÇÃO

Pérez (2002) na perspetiva de conhecer o que caracteriza o treinador de alto rendimento desportivo e identificar o perfil do treinador que atua no desporto a este nível, realizou uma investigação qualitativa através de entrevista. Todos os treinadores entrevistados referiram que procuram comunicar de uma forma clara e direta os objetivos que pretendem alcançar, motivam e guiam para a superação dos obstáculos, procuram manter a ilusão de serem cada vez melhores e uma vontade em desenvolverem ao máximo o potencial desportivo. Os treinadores que participaram no estudo demonstraram que possuem características como uma grande empatia e honestidade, motivação e compromisso, assim como grande domínio de competências, conhecimento, uma mente aberta, engenho, entrega e capacidade de colaboração.

Azpillaga et al. (2012) destacaram a importância da comunicação do treinador para os jogadores se sentirem influenciados na qualidade formativa e na sua experiência desportiva. Foram reveladas diferenças significativas quanto à perceção que os jogadores têm sobre o clima de formação que os treinadores proporcionam. Estes dados indicam que os jogadores percebem que para os seus treinadores o resultado da competição é secundário, entendendo que para o treinador, o mais importante é o desenvolvimento dos seus jogadores. Perante os resultados deste estudo os autores aferiram que seria conveniente que o treinador no momento de transmitir a informação, esta pudesse ser acompanhada de um aporte de emoções, empáticas e existenciais, capazes de facilitar a relação entre o treinador e os seus jogadores.

Azpillaga et al. (2012) na sequência dos resultados do seu estudo afirmam que é mais favorável que os treinadores nas suas intervenções evitem as respostas reativas quando os jogadores cometem erros e procurem substituir essas reações pelo reforço positivo

tendo em vista ações futuras. Os autores destacam a importância de formar treinadores que utilizem um estilo de intervenção mais democrático, contribuindo assim para implementar um comportamento autónomo dos seus desportistas. Esta atitude fará com que o atleta satisfaça as suas necessidades básicas de autonomia, promovendo a sua aceitação social na prática desportiva. Ficou também claro que as recomendações e as propostas de melhoria para cada treinador serão sempre diferentes e específicas para cada pessoa, tendo em conta as suas particularidades.

2.7.2. PERFIL DE LIDERANÇA

Atualmente a evolução dos métodos de treino no desporto em geral e no futebol em particular, contribuíram para reforçar a importância de uma forte e estruturada relação entre os atletas e o treinador, onde a sua função de líder é determinante para ajudar o seu grupo a alcançar os objetivos e metas determinadas. Costa e Samuslki (2006) ao estudarem o perfil de liderança dos treinadores que trabalhavam no Campeonato Brasileiro da 1.^a divisão profissional, constataram que os treinadores deste âmbito são caracterizados por um estilo de decisão autocrático e pelo estilo de interação centrados nos aspetos de conduta educativa e de instrução dos seus atletas. Por outro lado, Costa et al. (2009) estudaram o perfil de liderança dos treinadores, mas desta vez nas categorias de base do futebol brasileiro e também identificaram os treinadores destas categorias como sendo autocráticos. À semelhança do estudo realizado como os seniores, nos escalões de formação também foi identificada uma preocupação com a conduta educativa e de instrução. Foi ainda possível perceber que os treinadores dos escalões de formação demonstravam preocupação com a melhoria do desempenho técnico, tático e motivacional das suas equipas. Adicionalmente os autores perceberam que os profissionais que tinham entrevistado mostraram perfis de liderança semelhantes, independentemente da categoria na qual estavam a trabalhar.

O desporto representa uma ótima via pela qual são promovidos hábitos de vida saudável e de transmissão de valores. Esta via permite não só um conjunto de diferentes benefícios físicos mas também psicológicos. Neste processo o treinador marca a qualidade da experiência desportiva dos jovens atletas (Maestre, Garcés de los Fayos, Ortín, & Hidalgo, 2018). Para que o treinador possa alcançar a excelência, os autores referem que são necessárias um conjunto de características e condutas muito variadas,

assim como ter a capacidade de controlo de todas elas proporcionando o seu contínuo desenvolvimento. A atuação do treinador deverá contemplar o domínio de uma grande quantidade de campos de intervenção, pois atualmente são exigidas aos treinadores habilidades para a direção de jogadores e de equipas que vão muito mais além dos aspetos técnicos ou estratégicos do jogo. O treinador de futebol de iniciação deve abandonar um modelo tradicional de desenvolvimento profissional e passar de uma abordagem parcial, em que a técnica recebe atenção preferencial, para uma conceção global e integradora. Segundo Maestre et al. (2018) para que um treinador seja considerado como excelente, deverá incluir-se nas suas competências determinadas características de personalidade: um bom equilíbrio emocional; que detenha bons valores pessoais; uma capacidade de liderança e motivação eficiente; e por último, realizar regularmente a formação contínua na área do futebol. Segundo Longarela e Montero (2015) é possível produzir alterações nas condutas dos treinadores depois de uma fase de intervenção no comportamento pessoal, aumentando as condutas positivas enquanto diminuem as condutas negativas e de inibição, ou seja, os treinadores tornam-se mais ativos e sobretudo positivos após a intervenção realizada. Maestre et al. (2018) acrescentou que o treinador também deverá ter uma boa capacidade de organização e que seja capaz de planificar o processo de ensino e aprendizagem. Os mesmos autores concluem que, os treinadores que atuam na formação de jovens desportistas devem conferir maior relevância aos aspetos que definem a dimensão pessoal. Esta constatação parece não coincidir com a conceção, desenvolvimento e avaliação dos conteúdos estipulados para formação de treinadores. Desta forma, o contributo dos investigadores para o contexto prático é que o currículo da sua formação possa ser revisto para que sejam incluídos conteúdos relacionados com a dimensão pessoal.

2.7.3. PERFIL DO TREINADOR EM FUNÇÃO DOS GRAUS DE QUALIFICAÇÃO

O Programa Nacional de Formação de Treinadores, prevê um determinado perfil para cada um dos quatro graus de Titulação da carreira de treinador (Instituto Português do Desporto e Juventude, 2010). Compete ao treinador de Grau I a orientação, de praticantes incorporados nas etapas elementares da formação desportiva, aliás, o atual quadro legislativo prevê a atuação deste treinador ainda que sob supervisão. O espaço de intervenção por excelência do treinador de Grau I está limitado ao exercício profissional, enquanto técnico sem autonomia no treino das etapas iniciais de formação.

Nas restantes etapas da carreira desportiva do praticante, o treinador com este nível pode atuar na coadjuvação de outros treinadores. É necessário ter presente que este patamar de formação corresponde à base hierárquica de qualificação profissional do treinador desportivo, o que não pode anular a importância da responsabilidade, ou o comprometimento com a formação educativa e desportiva dos praticantes sob a sua orientação, uma vez que está muito dependente da qualidade da intervenção pedagógica e técnica do treinador.

O treinador de Grau II no atual quadro legislativo é o primeiro na hierarquia das qualificações a possuir autonomia total nas suas funções em todas as etapas da carreira desportiva. No entanto, só o grau subsequente confere qualificações para o treino de mais alto nível de rendimento desportivo da modalidade. O Grau II é um patamar intermédio que se torna determinante para a consolidação dos fundamentos e do compromisso com a atividade profissional citada. Esta qualificação exige uma aquisição de competências profissionais mínimas necessárias ao exercício profissional autónomo com a possibilidade de evolução para patamares de otimização para os níveis subsequentes de formação. Neste nível de formação, a qualificação adquirida corresponde ao momento de consolidação de uma vontade e à manifestação de uma clara opção pelo exercício da função. Existe uma renovação das motivações que inicialmente levaram o indivíduo a abraçar a carreira de treinador passando a ser transformados numa convicção intrínseca e autêntica para o exercício integral da atividade de treinador desportivo.

O treinador de Grau III tem a competência para planear o exercício, procurando coordenar, supervisionar e integrar de forma harmoniosa as diferentes tarefas associadas ao treino e à competição. O treinador inserido neste patamar de qualificação direciona o seu trabalho especialmente com praticantes de alto rendimento. É também responsável por avaliar o desempenho de um coletivo de profissionais com qualificação igual ou inferior procurando agregar competências.

O treinador de Grau IV representa o topo da titulação profissional da atividade de treinador desportivo. Neste patamar são assumidas as funções de coordenação, para dirigir, planear e avaliar toda a atividade técnica no processo de treino e competição. O que diferencia os treinadores de Grau IV é um maior destaque no domínio da inovação e empreendedorismo. São cargos da responsabilidade do treinador de Grau IV a direção

de equipas técnicas pluridisciplinares, a direção técnica regional ou nacional, a coordenação técnica de seleções regionais e nacionais e a coordenação de iniciativas de formação em contexto de atuação do treinador. Tendo em conta as exigências profissionais específicas para este nível de formação, é importante que o treinador possa usufruir não só de uma formação específica da modalidade mas também de uma formação particularmente eclética no domínio dos saberes que não podem ser reduzidos ao conhecimento. Devem necessariamente abranger as políticas de desenvolvimento desportivo, a gestão de recursos humanos, a liderança de grupos plurais, a conceção e implementação de projetos de desenvolvimento desportivo no âmbito do Desporto de Rendimento ou mesmo do Desporto de Participação. Esta iniciativa na conceção e implementação de projetos de desenvolvimento desportivo em contextos e níveis de prática diferenciados, requer ao treinador a capacidade crítica e estratégica capaz de estabelecer sinergias com base no compromisso e na responsabilidade partilhada de todos os intervenientes no sentido da otimização de recursos e valorizando a autonomia. Para a concretização plena destas premissas é preponderante que o treinador de Grau IV adote uma postura socialmente crítica no que concerne às políticas de desenvolvimento desportivo na perspetiva de valorização do desporto enquanto catalisador da evolução humana. É importante que este treinador tenha uma visão do desporto abrangente, ética e deontologicamente sustentada.

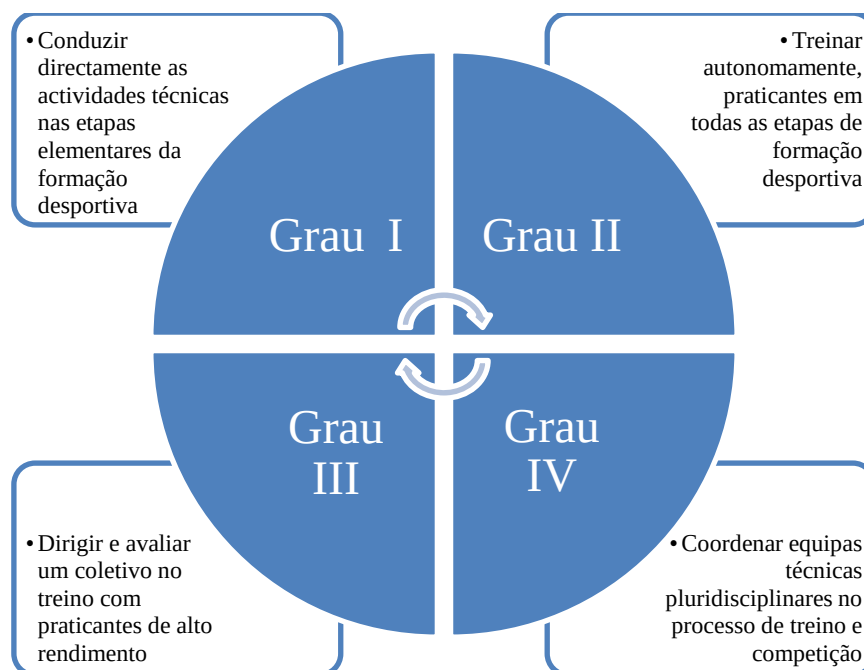


Figura 4. Perfil do treinador em função dos graus de qualificação.

2.8. A EXPERIÊNCIA DO TREINADOR

A percepção que os treinadores têm sobre o seu nível de competência é influenciada pela experiência que acumulam na atividade, pois os treinadores com pouca experiência assumem níveis mais baixos de competência e maior necessidade de formação. Os treinadores com curso superior em Educação Física e Desporto têm uma percepção de maior competência comparativamente com treinadores sem formação superior na área. Grande parte dos treinadores assume-se como competente, não obstante admitem ter necessidades de formação. Este facto resulta numa informação importante para a projeção da formação de treinadores, revelando interesse na evolução do seu conhecimento e, consequentemente, na sua competência em diversas áreas que têm de ser consideradas em futuras iniciativas formativas (Santos et al., 2010).

Duarte, Garganta, e Fonseca (2014) entendem que a experiência é um importante preditor da eficácia do treinador de futebol. Neste sentido, os autores desenvolveram uma investigação através de questionários onde os treinadores foram inquiridos de acordo com a sua experiência mas também enquanto jogadores. Os autores concluíram em primeiro lugar que a experiência profissional como jogador não interfere na avaliação dos fatores de eficácia, em segundo lugar a experiência profissional como treinador requer uma avaliação diferenciada destes fatores de eficácia, em terceiro lugar os treinadores com menos experiência, quer como atletas, quer como treinadores, apresentam menor consistência na aplicação prática dos fatores de eficácia em relação à sua organização hierárquica e à frequência de aplicação. Este estudo permitiu uma compreensão mais profunda da importância da experiência no desempenho dos treinadores de futebol, enfatizando a necessidade de considerar os diferentes níveis de experiência como o da formação de treinadores.

Ruiz (2014) afirma que a figura do treinador alcança um ónus relevante no sistema desportivo e consequentemente no sucesso dos seus desportistas. Para tentar perceber quais são os aspetos comuns que podem levar o treinador ao êxito, foi realizado um estudo retrospectivo recolhendo informação do percurso dos diferentes treinadores. O elemento comum revelado pelos resultados desse estudo foi que o treinador tinha sido anteriormente desportista com uma forte relação com a modalidade.

Talamoni, Oliveira, e Hunger (2013) realizaram uma pesquisa de caráter qualitativo utilizando a história de vida do treinador como método para recolha de dados. Este estudo procurou analisar a trajetória de um treinador de futebol, reunindo informações que poderiam auxiliar na discussão sobre formação e atuação profissional no âmbito do Desporto. As questões abordadas foram elucidadas à luz de conceitos de teorias sociológicas. A partir da trajetória de carreira do treinador os autores concluíram que a figura do treinador se formou no decurso das relações de interdependência criadas no círculo dos grupos específicos do qual fez parte, que, por sua vez, foram enriquecidas pela formação académica.

2.9. O TREINADOR, OS VALORES E A ÉTICA DESPORTIVA

As pressões da sociedade moderna em torno do desporto revelam-se ameaçadoras para os fundamentos tradicionais do desporto que se alicerçam nos princípios do espírito desportivo. A ética desportiva vive condicionada pelas atitudes e convicções daqueles que intervêm na prática desportiva. O principal instrumento de formação que temos ao dispor para poder proliferar o número dos que agem segundo esses valores é o exemplo que podemos dar enquanto agentes desportivos de proximidade. Os que mais diretamente estão envolvidos na prática desportiva, possibilitam que se constitua um exemplo e uma referência para todos, em especial para os mais jovens. A essência do desporto, viabiliza e fomenta a prática de valores pessoais e sociais, bem como o seu crescimento. Estes valores quando bem aplicados em prol do desporto, facilmente são transpostos para a vida pessoal daqueles que estão envolvidos neste fenómeno. Para que a ética desportiva seja continuamente garantida, é fundamental que todos assumam as suas responsabilidades. Deveria existir uma adesão espontânea ao Código de Ética e aos seus princípios, pressupondo uma efetiva vontade dos agentes desportivos em implementar mecanismos que assegurem o respeito pela ética desportiva (Código de Ética Desportiva, 2014).

Os treinadores são agentes primordiais na transmissão de valores, sendo importante que: respeitem todos os praticantes que estejam sob a sua responsabilidade, de todas as maneiras, em todos os momentos, e de modo equivalente, procurando garantir a saúde e a integridade física e mental dos mesmos; estimular o desportivismo entre os praticantes, partindo dos próprios treinos; cumprir as regras técnicas do desporto e

colaborar no seu acréscimo qualitativo; rejeitar a fraude ou manipulação de resultados, e denunciar sempre para defender a verdade desportiva; entender os outros treinadores como parceiros no que respeita ao progresso das modalidades desportivas que treinam; incentivar uma relação saudável entre todos os colegas de classe; estabelecer um modelo ético para todos, em especial para os mais jovens; e promover todos os valores éticos implícitos ao desporto e à vida, nos escalões de formação desportiva. Adicionalmente, está expresso no Código de Ética Desportiva (2014) que o treinador deverá declarar-se claramente contra a utilização de quaisquer substâncias ou métodos proibidos que melhorem artificialmente o desempenho dos praticantes de acordo com as regras de antidopagem em vigor, e à utilização de métodos que não estejam em conformidade com a ética médica ou com dados científicos consistentes. Acrescente-se a tudo isto, o evidente facto que o treinador jamais deverá empregar métodos de treino onde proliferam inadequadas práticas, ou regras, que possam pôr em causa a saúde e o bem-estar dos praticantes. Enquadrado neste âmbito o treinador deverá saber avaliar, ter em conta as etapas de crescimento e o seu estado de desenvolvimento, procurando garantir uma adequada nutrição, tempos de lazer, de recuperação e uma coordenação do processo com as atividades escolares e sociais. Deve também, evitar qualquer situação que possa levar a conflitos de interesse. Ou seja, quando possam ter, ou aparentam ter, interesses privados ou pessoais que coloquem em causa a integridade e a independência no exercício da sua atividade (Código de Ética Desportiva, 2014).

Como vimos anteriormente, a legislação define um conjunto de objetivos importantes para a atividade de treinador de desporto suportados pela ética e valores. O treinador deve ser capaz de: promover a ética desportiva e proporcionar o desenvolvimento do espírito desportivo; assegurar a defesa da saúde e da segurança dos praticantes; e garantir a valorização dos praticantes a nível desportivo e pessoal, quer em contexto de participação em atividades físicas e desportivas quer em situação de competição desportiva. Assim os valores e a ética desportiva estão desde logo previstos na lei como objetivos da sua intervenção o que lhe confere uma responsabilidade acrescida da sua atividade que não pode ser negligenciada (*artigo 2.º, Lei n.º 40/2012, de 28 de agosto*).

Segundo Vasconcelos-Raposo (2012) vivemos um tempo caracterizado pela crise de valores sociais e culturais, pelo que se revela ser a saturação do modelo económico edificado na base da acumulação desenfreada de riqueza, tornando-se assim importante repensar o papel que as atividades desportivas poderão desempenhar na sociedade, o

que só poderá ser concretizado de forma apropriada através de investigação. O autor reforça que se os cidadãos não forem educados sobre um conjunto de valores, será particularmente difícil promover a evolução de qualquer sociedade. Não existe um real desenvolvimento socioeconómico sem que existam verdadeiras mudanças na mentalidade das pessoas, o que poderá acontecer por um processo de aprendizagem de novos valores, sendo que desta forma é possível às pessoas adaptarem-se de forma ajustada a novas exigências socioculturais que se pretendem construir num mundo cada vez mais global. Todas as formas de atividade física ou desporto são fundamentais para um acréscimo na formação, mas também na qualidade de vida dos cidadãos e das próprias sociedades. O desporto constitui um complemento do processo promotor de hábitos de saúde e de civismo desde que oferecido e supervisionado por profissionais devidamente treinados nesta área de intervenção. Este aspeto é frequentemente ignorado nos estudos que pretendem avaliar a relação entre atividade física e qualquer aspeto associado à qualidade de vida dos cidadãos. Desta forma o referido autor recomenda que no futuro os estudos integrem como variável independente a formação dos profissionais que atuam na atividade física e no desporto. Com base em alguns estudos preliminares realizados, foi possível constatar que atualmente a formação académica no contexto do ensino superior deverá ter especial atenção para que os futuros profissionais possam ter sucesso no que diz respeito à transmissão de valores. São exemplos destacados pelo autor os seguintes valores: o “Entusiasmo” que é assumido como essencial, considerando que se houver entusiasmo o indivíduo intervém com influência positiva para com os outros que participam nas mesmas atividades, um valor que pode ser promovido com atividades de grupo exibidas à comunidade em geral; a “Cooperação”, o autor considera que este é um valor que está interligado com o entusiasmo e procura desenvolver nas pessoas a capacidade de perceber a perspetiva dos outros e desta maneira encontrar algumas estratégias para agir de forma mobilizadora da maioria dos participantes; a “Lealdade” consiste num valor que deverá ser alcançado através de uma consistência entre as atitudes e o discurso individual de forma integradora dos comportamentos num absoluto respeito por si próprio e pelos outros; a “Amizade” pode ser gerada pela interação entre as pessoas que se associam com o propósito de levar a cabo uma determinada tarefa independentemente que seja o sucesso observado, existindo, neste campo, algumas premissas que devem estar presentes, como é o caso do respeito mútuo, da dedicação ao projeto comum, da sinceridade para com os outros que participam nas atividades desenvolvendo um espírito de equipa, procurar ser

genuíno; o “Autocontrolo” é ter consciência do seu real papel nas atividades em que participa, é perceber que o coletivo é mais vantajoso que o individual, é entender que a nossa liberdade acaba onde começa a do outro, mas também se expande quando os outros livremente aderem às nossas iniciativas; ser “Alerto” é incorporar as atividades de forma construtiva dando o seu contributo mas também aprendendo para a evolução das suas capacidades na busca da excelência, sendo para isso necessário identificar e perceber como pode a evolução contribuir para que o coletivo se torne mais eficaz e eficiente; a “Autoiniciativa” tem por base a capacidade e a habilidade de tomar decisões de forma autónoma, a vontade de assumir riscos para redefinir o limite das suas capacidades; a “Intencionalidade” acarreta desenvolver a habilidade de não dispersar e conseguir manter a direção dos esforços para atingir os objetivos que foram definidos como critério de sucesso; o “Condicionamento” diz respeito à harmonia que tem de existir entre o exercício físico e o descanso, sem esquecer a conjugação dos hábitos alimentares, sendo a correta articulação destes fatores que fazem emergir uma formação moral, mental e física adequada às exigências do mundo produtivo e em especial para os que ambicionam lugares de liderança; a “Habilidade” é entendida como o conhecimento necessário para executar as tarefas inerentes às ações em causa com o menor esforço possível e alcançando os objetivos definidos; o “Espírito de equipa” é a capacidade de flexibilização dos interesses pessoais em prol do coletivo, é saber como as vitórias do coletivo também conduzem à promoção pessoal; a “Firmeza/Atitude” é conseguir estar à vontade em qualquer situação e nunca estar em conflito consigo mesmo, é ter um conjunto de valores ajustados às múltiplas atividades em que os indivíduos se envolvem; a “Autoconfiança” é ser confiante respeitar mas não temer e saber que nos preparamos o melhor possível para a tarefa com a consciência que “quem trabalha sempre alcança”; e a “Nobreza Competitiva”, o autor descreve este valor como a procura de ser cada vez melhor com base numa motivação intrínseca, com uma grande vontade de fazer bem feito, tendo como referência prestações realizadas anteriormente.

Os valores são conceitos que orientam a avaliação e a seleção de objetivos de um determinado indivíduo, bem como a escolha de comportamentos que faz dos processos que usa a finalidade em atingir os seus objetivos (Trail & Chelladurai, 2002). Estes autores constatarem que tem vindo a ser demonstrado que as atitudes em relação a acontecimentos, assuntos e pessoas são parcialmente moldadas pelos valores que os indivíduos consideram importantes nas suas vidas. Trail e Chelladurai (2002)

produziram uma investigação que procurou estudar a influência de valores pessoais dos atletas na percepção dos objetivos e do processo desportivo, os resultados deste estudo sugeriram que a importância atribuída pelos atletas aos objetivos no processo desportivo é influenciada por valores pessoais. Através da importância atribuída ao objetivo, foi possível estabelecer uma relação dos valores pessoais dos atletas com a aprovação de processos internos da estrutura desportiva que integram. Os mesmos autores com base em várias referências apresentaram três modelos diferentes para explicar a influência de valores pessoais em objetivos e processos desportivos: Modelo Totalmente Mediado, o pressuposto deste modelo é que os valores pessoais estão associados à aprovação dos processos desportivos apenas através da importância dos objetivos, ou seja os objetivos medeiam completamente a relação entre valores e os processos; Modelo de Efeitos Diretos, este modelo estipulou que os valores pessoais têm uma relação direta tanto com a importância que as pessoas atribuem aos objetivos quanto com o nível de aprovação dos processos desportivos, além disso, o modelo estipulou também que os objetivos e processos desportivos são independentes uns dos outros; Modelo Parcialmente Mediado, neste modelo os valores são relacionados com a importância dos objetivos, com a aprovação dos processos desportivos e os objetivos também são encarados como associados à aprovação dos processos. Os resultados da investigação mostraram que no modelo de objetivos totalmente mediados a relação entre valores e processos pessoais era mais consistente do que modelos alternativos (Trail & Chelladurai, 2002).

Um desporto como o futebol chama grande parte da população à sua prática pelo impacto que consegue provocar na sociedade, o que lhe confere uma faculdade educativa difícil de superar. A possibilidade que tem para educar pode, em alguns momentos, não transmitir a melhor mensagem por um conjunto de situações que não abonam em prol das virtudes do desporto e desta forma haver um efeito contrário. No entanto, a universalidade do futebol e a sua capacidade de globalização em todo o mundo faz com que seja uma ferramenta privilegiada para unir as pessoas mesmo que estas provenham de diferentes contextos, culturas, países ou mesmo diferentes religiões em torno de uma prática comum que dispensa a necessidade de partilhar uma mesma língua. Mesmo quando os princípios e os valores possam ser diferentes, o próprio jogo e a utilização da bola como o seu elemento comum constituem uma linguagem universal. Para que a transmissão de valores seja verdadeiramente efetiva deverá existir uma adequação do processo focada na aprendizagem concreta do desporto. Neste ponto o

treinador é o elemento central para a transmissão de valores, não obstante muitos deles não trabalham valores porque necessitam de um conhecimento mínimo para que consigam efetuar essa transmissão através do ensino. Outros treinadores reconhecem a sua importância, no entanto estão convictos que perderão tempo de prática e quebrarão a dinâmica de treino se os tentarem trabalhar em treino (Ortega et al., 2015).

Para que seja possível corporizar a transmissão dos valores que relatámos, os profissionais que intervêm na área da Educação Física e do Desporto deverão assumir a responsabilidade de educar. As relações estabelecidas entre atletas e treinadores e a forma como estes dão resposta às expectativas da comunidade em geral, faz com que os jovens percebam que os seus comportamentos serão tanto mais “livres” quanto mais estiverem em conformidade com o bem-estar comum. De acordo com o que nos é possível observar, as atividades desportivas garantem uma riqueza e complexidade de vivências na promoção destes valores como nenhuma outra atividade consegue (Vasconcelos-Raposo, 2012). Não são conhecidos muitos estudos que abordem especificamente questões éticas e de valores, neste sentido Vasconcelos-Raposo (2012) destaca como sendo uma necessidade premente começar a olhar para estas questões na comunidade científica.

2.10. A FORMAÇÃO DO TREINADOR

A melhoria do plano de formação de treinadores persegue um objetivo muito claro: desenvolver treinadores eticamente alicerçados e bem suportados por conteúdos teóricos adequados às exigências da atividade. Esta conjectura constitui um princípio central na formação de treinadores. A formação do treinador deverá conservar na sua organização de base aulas práticas e teóricas, suportadas cientificamente e com uma forte ligação com o exercício das suas funções no terreno. Deverá ter um pré-requisito forte da atividade de treinador e um código de ética sustentado num estilo subjacente ao exercício da profissão, um preceito de conduta sólido por forma a salvaguardar os direitos, a segurança e o bem-estar dos praticantes. No contexto da formação de treinadores a aprendizagem ao longo da vida e a formação contínua, assim como a educação formal e não formal, devem ser claramente valorizadas. A formação do treinador deve facultar competências para ajudar os praticantes na consecução dos seus objetivos respeitando as fases de desenvolvimento adequados e tentando promover nos

praticantes a responsabilidade, capacidade de decisão e autonomia. O treinador pode ser definido como sendo um agente desportivo que conduz a evolução dos atletas num determinado desporto e em determinadas fases de desenvolvimento da carreira do desportista (Instituto Português do Desporto e Juventude, 2010).

Moreno e Del Villar (2004) referem que a formação dos treinadores de desporto deveria ser abordada de três perspetivas diferentes, de uma perspetiva humana, de uma perspetiva social e de uma perspetiva técnica. Nesse sentido, é importante que o processo de formação de treinadores seja direcionado aos fatores potenciadores da excelência profissional, como a promoção do pensamento crítico, o fomento da capacidade para lidar com problemas, o espírito de difusão de valores e o aumento da capacidade de liderança que interage com o contexto onde se insere (Instituto Português do Desporto e Juventude, 2015). O cenário de crescimento de praticantes de desporto federado em todo o mundo, justifica plenamente que se continue a estudar cada vez mais a figura do treinador (Vickers & Schoenstedt, 2011). Atualmente no desporto os treinadores com menos formação são os que treinam atletas em idades mais baixas. De alguma forma este facto pode ser justificado pelo perfil profissional que foi criado para o Grau I de formação de treinadores (Feu, Ibáñez, & Gozalo, 2010). Os autores referem que é necessária a realização de algumas reformas na legislação que possibilitem aos treinadores adquirirem uma formação específica para poder treinar atletas em idade escolar com uma qualidade minimamente equiparada à dos técnicos superiores. A formação inicial deve ser adaptada às necessidades profissionais com as quais o treinador se depara no seu quotidiano desportivo. Por outro lado, os referidos autores ponderaram perceber que muitos dos treinadores consideram apenas alguns conteúdos como adequados e muitos desses conteúdos como simplesmente normais.

Feu et al. (2010) constataram que a formação base de treinadores é insuficiente para aplicar convenientemente as novas tecnologias de observação, análise, gestão do treino e da competição. Esta formação de treinadores não pode ser limitada apenas à transmissão de informação, mas sim procurar ideias implícitas a cada nível de formação adaptando-as ao trabalho com atletas em idade escolar. Os investigadores acrescentam que os estudos sobre a satisfação dos treinadores com sua formação inicial são necessários e ajudam a conhecer as demandas de formação dos treinadores e desta forma ajudam também a estabelecer as linhas estratégicas para projetar os programas de aprendizagem ao longo da vida.

2.10.1. FORMAÇÃO DO TREINADOR DE FUTEBOL

Abad et al. (2013) procuraram entrevistar um conjunto de especialistas para perceber a sua opinião em relação a diversos aspetos relacionados com os treinadores de jovens futebolistas. Os especialistas consideram que o treinador de futebol nestas idades tem que ter uma boa formação para poder realizar o seu trabalho de forma competente. Muitos destes especialistas não consideram aconselhável que haja treinadores de futebol de base sem qualquer qualificação. Por outro lado, a maioria dos especialistas reforça que o facto de o treinador poder ter habilitações em Educação Física ou Desporto constitui um fator muito positivo quando se trata concretamente em ensinar futebol. Por esse facto, entendem que seria conveniente que tivessem formação académica na área desportiva. Os autores deste estudo referem que a informação reiterada pelos especialistas pode indicar uma tendência gradual para que as instituições desportivas caminhem para a contratação de profissionais de Educação Física para o desempenho do papel de treinador desportivo. Mesquita, Borges, Rosado, e Souza (2011), entendem que a formação do treinador deverá usufruir de muitas das características da formação de professores em educação física, tornando o ensino do desporto cada vez mais educativo.

Abad et al. (2013) quiseram saber outros aspetos da formação dos treinadores, nomeadamente quanto aos conteúdos considerados mais úteis no futebol de base, os especialistas entrevistados destacam os que estão relacionados com as ciências médicas e biológicas, e há também os que se referem ao treino desportivo e à Educação Física de base. Foi destacada ainda a importância do estágio de intervenção sob tutoria de um treinador experiente. Após a qualificação do treinador e paralelamente ao desempenho da sua função, os especialistas consideram importante a existência de uma formação contínua com diversas estratégias que passam por cursos, jornadas, seminários, intercâmbio de experiências, grupos de trabalho, a leitura de livros, revistas ou informação digital, tudo isto sem esquecer a aprendizagem do quotidiano. O estudo evidenciou ainda a necessidade de futuras investigações poderem aprofundar os aspetos mais relevantes da formação dos treinadores e as estratégias de formação apropriadas.

Abad, Benito, Giménez e Robles (2011) identificaram a existência de muitos treinadores em atividade sem nenhuma qualificação ou apenas com a pré-qualificação denominada em Espanha como Aspirante a Técnico Desportivo de Futebol. Os autores constataram que na região espanhola onde desenvolveram o estudo, aproximadamente

metade dos treinadores de futebol dessa região não tinham a formação inicial adequada para levar a cabo a tarefa que estavam a desempenhar. Este contexto indicou que os treinadores com o nível mais baixo de qualificação são aqueles que, para além disso, têm menos experiência, o que demonstra que os jovens atletas que jogam futebol estão sob a responsabilidade de pessoas com pouca formação e experiência. Uma parte considerável dos treinadores que participaram no estudo referiu não estar muito satisfeita com a utilidade dos conteúdos dos cursos de treinadores. Abad, Benito et al. (2011) referem ser um ponto de reflexão a ter em conta pelas instituições e entidades responsáveis da formação dos treinadores de futebol com o objetivo de tentar colmatar este défice e as suas consequências. Não obstante, surpreendentemente a maioria dos treinadores consideram importante ter uma formação desportiva e académica para poder exercer as suas funções no treino do futebol base. Considerando a necessidade de formação dos treinadores de futebol de base, seria importante não só a formação inicial e a formação contínua, mas tornar-se necessário acima de tudo pô-la em prática. Em suma, Abad, Benito et al. (2011) destacam a importância da formação das pessoas que trabalham na iniciação desportiva e a necessidade em continuar a estudar a figura do treinador de jovens futebolistas, uma vez que dela depende boa parte da educação e formação de crianças e jovens desportistas. Esta premissa toma proporções ainda maiores quando se trata do futebol, já que é o desporto mais elegido pelos adolescentes. Traçado este cenário, os autores consideram escassos os estudos deste género no futebol. Desta forma é destacada a necessidade de futuras investigações contribuírem para conhecer efetivamente os técnicos da modalidade, a sua formação e as suas necessidades formativas, bem como as características pessoais dos treinadores. Adicionalmente os autores propuseram que futuras investigações se centrem no estudo das distintas estratégias utilizadas de formação dos treinadores.

2.10.2. IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DO TREINADOR

A formação de treinadores pode mostrar diferentes desígnios, mas a finalidade maior será sempre dotar os praticantes com uma formação desportiva de qualidade. Nesse sentido, foi criado o projeto europeu PAPA (*Promoting Adolescent Physical Activity*). Neste projeto foi aplicado o programa de formação de treinadores *Empowering Coaching* com o objetivo que os técnicos aprendam a criar climas motivacionais que fomentem a capacidade de motivação dos jovens desportistas, fazendo com que eles se

envolvam, se divirtam e desenvolvam o melhor de si, no sentido de otimizar a experiência desportiva (Duda, 2013, citado em Castillo, Ramis, Cruz, & Balaguer, 2015). A formação dos treinadores nesta dimensão passa pela compreensão dos processos ou mecanismos pelos quais os seus comportamentos influenciam a motivação e o bem-estar de jovens futebolistas, fornecendo técnicas e estratégias com o objetivo de adotarem, e manterem, um clima mais favorável tanto nos treinos como nos jogos, para tal podem ser utilizadas várias estratégias como sessões interativas e de auto reflexão (Balaguer et al., 2014, citado em Castillo, et al. 2015).

Pulido et al. (2016) pretenderam analisar o impacto que têm os níveis de formação dos treinadores (formação académica e formação federativa), mas sobre as variáveis motivacionais dos atletas. Os resultados obtidos mostraram como a formação dos treinadores repercute nas variáveis motivacionais dos desportistas, desencadeando diferenças significativas nos níveis de autodeterminação dos jovens em relação à sua prática desportiva. De acordo com os resultados deste estudo respeitantes à formação académica dos treinadores, os dados revelaram que os atletas mais desmotivados são aqueles que são dirigidos por treinadores sem nenhuma formação. Os investigadores avançam com a possível explicação de que os treinadores sem formação, não consideram estes períodos como uma etapa formativa do desenvolvimento integral dos adolescentes. Por outro lado, os treinadores com menos qualificação federativa incidem mais sobre o aspeto competitivo e nas suas recompensas, por exemplo, nas vitórias, nos prémios, nas pontuações entre outras, comparativamente com os treinadores com titulação superiores. Os autores concluem que é importante considerar a formação dos treinadores nas etapas de iniciação, uma vez que ficou demonstrada a relação com as variáveis motivacionais como são os processos de desmotivação, gerando consequências como o tédio, que constituem elementos chave na diferença entre a persistência ou o abandono desportivo de muitos jovens.

Olmedilla, Ortín, Andréu, e Lozano (2004) afirmam que a formação dos treinadores na dimensão psicológica é um aspeto de grande importância, pois o domínio das variáveis psicológicas e a sua interação em contextos desportivos é fundamental para o desenvolvimento da atividade profissional do treinador, tanto no futebol profissional quanto no futebol de formação. No que diz respeito ao futebol de formação, o trabalho do treinador no domínio psicológico adquire contornos especiais, pois tornasse essencial para a educação da criança a nível físico, social e moral, no fundo para o seu

desenvolvimento como ser humano. O treinador deve fazer a sua autoavaliação de forma contínua numa procura constante para melhorar as suas competências. A realização de ações de formação integradas dentro dos próprios clubes dirigidas ao futebol de formação, pode ser uma forma eficaz de contribuir para a otimização da prática desportiva dos jovens futebolistas, quer seja no aspeto lúdico, quer seja no aspeto da melhoria da performance.

Em suma, Olmedilla et al. (2004) consideram que quem tem a chave do aspeto educativo ou formativo é o treinador, se existirem iniciativas formativas que incluam algumas metodologias participativas e de maior conteúdo prático, poderá facilitar a participação de forma ativa por parte dos treinadores, potenciando a aquisição de conhecimento através da reflexão e da troca de experiências, o que constitui um aspeto pouco comum no seio dos treinadores, mas que é essencial para evolução das suas competências. Concluindo, os autores referem que a aprendizagem de aspetos psicológicos por parte dos treinadores, pode resultar muito valioso e útil no seu trabalho profissional. Depois da recolha de opiniões dos treinadores quanto às sessões formativas, foi possível perceber que estes destacavam a importância da reflexão realizada de forma individual ou em grupo sobre as suas estratégias de atuação, por outro lado a possibilidade de obter propostas e ideias de trabalho que resultam da discussão com outros treinadores e por último a opinião imprescindível que refere em concreto que os trabalhos realizados em grupo facilitavam a partilha e o debate sobre as metodologias, assim como as estratégias de treino.

Feu (2006) desenvolveu uma investigação com o objetivo de identificar os perfis dos treinadores e as diferentes variáveis que os afetam. O autor confirmou que os modelos formativos a que os treinadores são sujeitos condicionam diretamente a qualidade com que estes profissionais do desporto se apresentam, é por isso importante uma formação de treinadores com um acréscimo qualitativo para poder otimizar o trabalho que desenvolvem com os seus jogadores. O aspeto chave dos treinadores é o conhecimento, para uma maior eficácia no desenvolvimento das suas funcionalidades e capacidades de enfrentar um contexto instável em constante mudança, como é característica do treino desportivo e da própria sociedade envolvente.

Mesquita et al. (2008) demonstrou que os treinadores que são licenciados em Educação Física e Desporto distinguem-se claramente dos que não são licenciados, pois aplicam mais tarefas de aperfeiçoamento e procuram informar melhor os jogadores dos critérios de êxito de realização das tarefas.

DIFERENTES AUTORES APONTAM NUM MESMO SENTIDO	
Abad et al. (2013)	Seria conveniente que os treinadores tivessem formação académica na área desportiva
Mesquita et al. (2011)	A formação do treinador deverá ter características da formação de professores de Educação Física, tornando o ensino do desporto cada vez mais educativo
Pulido et al. (2016)	No de diz respeito à formação académica dos treinadores, os atletas mais desmotivados são aqueles que são dirigidos por treinadores sem formação
Feu (2006)	O aspeto chave dos treinadores é o conhecimento, para o desenvolvimento das suas capacidades num contexto instável em constante mudança
Mesquita et al. (2008)	Os treinadores licenciados em Educação Física e Desporto aplicam mais tarefas de aperfeiçoamento e procuram informar melhor os jogadores dos critérios de êxito

Figura 5. Ideias comuns entre autores que apontam num mesmo sentido quanto à formação dos treinadores.

2.10.3. MODELOS DE FORMAÇÃO DE TREINADORES

Feu e Ibáñez (2015) constataram diversos modelos possíveis de formação do treinador que têm sido abordados pela literatura, estes modelos procuram identificar um traço característico da formação dos técnicos de desporto. O Modelo Académico está orientado para a transmissão de conhecimento no âmbito das matérias desportivas. Neste modelo, o ensino é um processo de transmissão ordenada dos conhecimentos e para tal é necessária uma preparação académica do treinador no sentido de adquirir uma formação científica sólida e um conhecimento profundo dos conteúdos que ensina. Este tipo de formação fomenta um perfil profissional que procura transmitir os conteúdos no treino de uma forma regular, controlando o seu grau de mecanização formal. O Modelo Prático, tem por base a experiência como fonte de conhecimento e como meio para aprender a ensinar, é uma sabedoria convencional baseada no trabalho de campo e na prática. Estes treinadores aprenderam a sua função a partir das experiências transmitidas por outros treinadores e também nos cursos de formação inicial promovidos pelas

federações. Neste caso, aprender a ensinar advém de um processo de pesquisa e experimentação que se obtém através de uma reflexão no decorrer da atividade. Por sua vez, o Modelo Tecnológico concebe o treinador como um técnico, que recebe um treino sistemático com uma série de destrezas relacionadas com o ensino específico do desporto e as aplica no treino através de rotinas de intervenção. Este modelo assenta na formação de treinadores que sejam capazes de desempenhar com eficácia diferentes tarefas de ensino. O Modelo Pessoal consiste numa aprendizagem do treinador através de um processo pessoal onde aprende a compreender-se e a desenvolver-se a si próprio como pessoa para melhor ensinar. O treinador é ele mesmo um agente ativo da sua formação, que cria as condições que dirigem a sua aprendizagem, as quais o orientam para o crescimento como técnico desportivo. O Modelo Social considera que o ensino está condicionado à partida por fatores sociais, políticos, económicos e culturais que se devem manifestar. O treinador tem uma obrigação moral face aos seus atletas e à sociedade em geral, são exemplo desta atitude as preocupações éticas, a equidade, a inclusão e a democracia. Em suma, os modelos para a formação de treinadores não são exclusivos e podem coexistir, o que acontece frequentemente. A formação do treinador deve formar profissionais capazes de refletir sobre a sua atuação, principalmente no que diz respeito à tarefa de ensinar em diversos contextos sociais, devendo ter consciência do momento certo para procurar investir numa formação contínua.

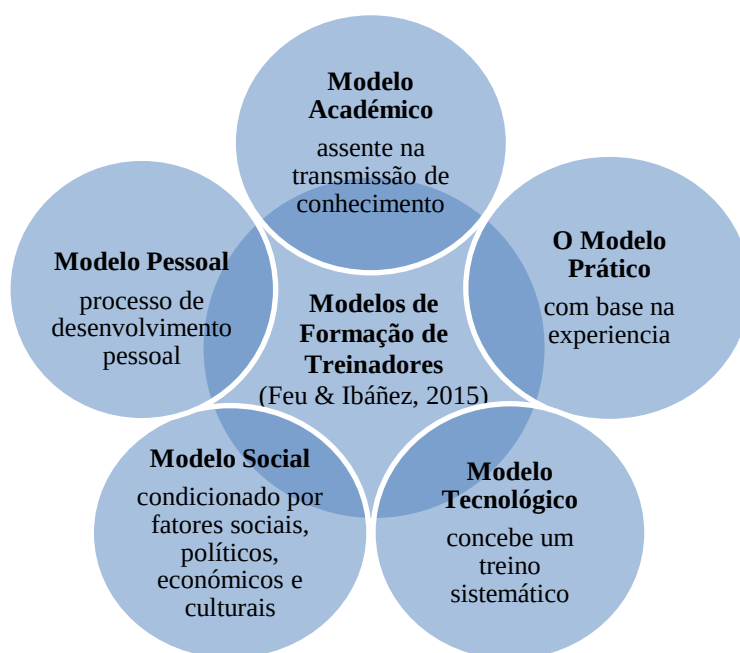


Figura 6. Modelos de formação de treinadores (Feu & Ibáñez, 2015).

2.10.4. ETAPAS NA FORMAÇÃO DE TREINADORES

Segundo Feu e Ibáñez (2015) o processo para que um treinador atinja um nível de *expert* é longo e pode ser estruturado em várias fases: o treinador principiante, o competente, o hábil e só por fim o *expert*. Considerando que o processo para chegar a treinador *expert* é demorado e que a formação é um processo contínuo, para a análise do processo de formação dos treinadores devemos ter em linha de conta as diferentes etapas. A Etapa Pré-Formativa que considera todas as experiências anteriores, pelas quais o treinador tenha passado antes de iniciar a sua formação ou a sua atividade como treinador. Estas permitem que se integre na cultura do treino desportivo e ajudam a construir algumas ideias inerentes, sobre o processo de ensino aprendizagem com crianças e jovens. A Etapa de Formação Inicial tem em conta um primeiro processo de formação recebido pelo treinador numa instituição com reconhecida competência para o fazer, estamos a falar de entidades formadoras. A Etapa Nova de Treinador consiste nos primeiros anos de treinador profissional, onde o mesmo deverá confrontar-se com a realidade, aplicando e adequando os conhecimentos ao contexto desportivo onde está inserido e melhorando os procedimentos adquiridos na formação inicial. Por fim, a Etapa de Desenvolvimento Profissional, onde se supõe que o treinador adquiriu as competências necessárias para desenvolver as suas funções de forma autónoma, o treinador através da prática e da formação contínua deverá alcançar o nível de *expert*. Com estas quatro etapas na formação dos treinadores é possível estabelecer um paralelismo com os quatro graus de qualificação dos treinadores que atualmente fazem parte do Programa Nacional de Formação de Treinadores.

2.10.5. CURSOS DE TREINADOR DE DESPORTO

A promoção dos cursos de treinador de desporto é da exclusiva iniciativa das entidades formadoras constituídas para o efeito, sendo que a componente específica do curso é da exclusiva responsabilidade das federações com utilidade pública desportiva. Para a promoção e organização de cursos de formação inicial de treinadores de desporto, podem ser ainda constituídas entidades formadoras as instituições de ensino superior, ensino profissional e estabelecimentos de ensino básico e secundário. Para a realização de um curso de treinadores de desporto é obrigatória a submissão de um pedido de certificação de formação inicial de treinadores de desporto através da Plataforma *on-line*

PRODesporto, no cumprimento das condições e procedimentos definidos pelo Instituto Português do Desporto e da Juventude. Os cursos de treinadores de desporto estão organizados por quatro graus, com responsabilidades e competências próprias correspondentes às diferentes etapas de desenvolvimento dos praticantes, com os quais os treinadores intervêm de acordo com o estabelecido nos perfis profissionais previamente definidos. Os cursos de treinadores de desporto estão estruturados em três diferentes componentes de formação, a componente geral da área das ciências do desporto, a componente específica relacionada com a modalidade em causa e a componente prática que consiste num estágio em contexto de trabalho. A Componente de Formação Geral tem como principal objetivo proporcionar o desenvolvimento de competências de carácter multidisciplinar e transversal, sendo comum a todos os cursos de treinadores de desporto, com exceção da unidade de formação “Metodologia do Treino”, que difere consoante se trate de um curso de treinadores de desporto de modalidade individual ou coletiva. A Componente de Formação Específica tem como objetivo principal, de forma integrada com as restantes componentes, dotar os formandos de competências específicas da modalidade que lhes permitam o desenvolvimento de atividades práticas e da capacidade de resolução de problemas inerentes ao exercício da atividade de treinador dessa modalidade desportiva. A Componente de Formação Prática tem como objetivo único o progresso da intervenção sob supervisão, em contexto real de treino, com práticas profissionais adequados para o perfil de intervenção relacionado com o curso de treinadores de desporto que frequenta, a fim de consolidar as competências técnicas, relacionais e organizacionais adquiridas nas outras componentes de formação. Para assegurar a formação prática dos formandos de cada curso, são necessárias entidades de acolhimento do estágio que cumpram os requisitos. Podem ser constituídas como entidades de acolhimento de estágios todos os clubes desportivos ou organizações que desenvolvam prática desportiva, desde que cumpram as condições definidas no regulamento dos cursos de cada modalidade. A entidade formadora tem a responsabilidade pedagógica do curso, devendo ser composta uma equipa de formação constituída por vários elementos: Diretor de Curso, Formadores para as respetivas componentes, geral e específica, Coordenador de Estágios e Tutores para a componente de formação prática no acompanhamento do estágio no terreno (Instituto Português do Desporto e Juventude, 2015).

2.10.6. ASPETOS CHAVE DOS CURSOS

O Programa Nacional de Formação de Treinadores expressa claramente que a “aprendizagem experiencial” é a forma mais validada para a construção do conhecimento profissional do treinador. Deste modo, os conhecimentos teóricos só se tornam efetivamente úteis e preponderantes quando demonstram eficácia em contextos reais e dinâmicos, onde estão subjugados a situações ímpares e mutáveis, característica do processo de treino e competição (Instituto Português do Desporto e Juventude, 2010). Na dinâmica e organização das entidades formadoras deverá ser sua preocupação constante nas formações, a promoção da interação entre os treinadores, a criação de espaço e tempo para a partilha das suas experiências até mesmo entre treinadores de qualificações distintas e de modalidades diferentes. Esta iniciativa é determinante para a otimização dos processos de formação do treinador e do próprio formador, uma vez que apela ao debate e reflexão sobre as práticas profissionais logo consiste claramente num agente catalisador da excelência (Instituto Português do Desporto e Juventude, 2010).

2.10.7. PARTICULARIDADES DOS DIFERENTES GRAUS

O Grau I é considerado como a base da carreira do treinador, no entanto é atualmente uma etapa caracterizada pela ausência de autonomia no exercício da função profissional, este aspeto ao que tudo indica está em processo de revisão. Atualmente só no Grau II o treinador é capaz de exercer autonomamente a profissão em qualquer das etapas de formação desportiva. O treinador de Grau III irá dispor das competências necessárias à resolução dos mais complexos problemas que se deparam na profissão, com especial referência para os suscitados pelo alto nível. O treinador de Grau IV será formado com a preocupação de recrear as exigências da prática profissional relativas à coordenação e direção de equipas técnicas plurais (Instituto Português do Desporto e Juventude, 2015). Está claramente expresso no Programa Nacional de Formação de Treinadores, que o treinador de Grau IV deverá ter formação de nível superior. O programa acrescenta ainda que essa condição aparentemente é diferente do que acontece na prática em termos gerais. Afirma também que dificilmente se inverte essa realidade se não forem criados alguns mecanismos de adequação/transição que contrariem a situação e conduzam às expectativas apresentadas (Instituto Português do Desporto e Juventude, 2010).

2.10.8. PRÉ-REQUISITOS PARA OS CURSOS

Tendo em conta o Regulamento da Organização de Cursos de Treinadores de Desporto, o Instituto Português do Desporto e Juventude (2015) define um conjunto de pré-requisitos para a admissão dos candidatos aos cursos de treinadores, estes deverão cumprir um conjunto de critérios de forma cumulativa. Como primeiro critério para admissão aos cursos, temos a idade mínima obrigatória de 18 anos à data da emissão do Diploma de Qualificações, o que quer dizer que o candidato pode até iniciar antes mas tem de ter a idade mínima no final do curso. Outro dos critérios é a escolaridade mínima obrigatória à data de emissão do respetivo diploma, o que permite que determinado candidato possa terminar uma qualificação que lhe atribua a escolaridade mínima obrigatória durante o curso de treinador. Esta escolaridade mínima obrigatória obedece às referências estipuladas pelo regulamento para a data de nascimento dos candidatos que em função da sua idade e do ano de nascimento é exigida uma diferente escolaridade mínima. Para os candidatos ao Grau II será necessário que o candidato faça prova do desempenho efetivo de um mínimo de 1 ano no exercício profissional da atividade de treinador dentro da modalidade em causa. No caso do Grau III tem de haver um mínimo de 2 anos prévios no exercício profissional efetivo da atividade de treinador da modalidade no grau anterior. Para o Grau IV é necessária adicionalmente que possua o 12º ano de escolaridade.

No que se refere à aquisição e equivalência das componentes formativas do curso, se um candidato já possuir a componente de formação geral de um curso de treinadores de uma modalidade coletiva num determinado grau e pretenda frequentar um curso de grau semelhante, mas de uma modalidade individual, está obrigado à frequência e aprovação da unidade de formação de “Metodologia do Treino – Modalidades Individuais”. Este é um princípio que se aplica da mesma forma caso se trate de uma situação inversa, devendo, nesta situação, frequentar e obter o necessário aproveitamento na unidade de formação “Metodologia do Treino – Modalidades Coletivas.” Esta é a única unidade curricular que apresenta especificidades e por isso tem uma equivalência condicionada ao tipo de modalidade em formação. Todas as outras unidades curriculares da componente geral são idênticas em todos os cursos de treinadores de desporto e por isso permitem uma equivalência direta.

Na organização dos cursos é notória uma clara preocupação com a qualidade da formação ministrada no sentido de garantir qualidade na aprendizagem a desenvolver, sendo que os cursos de treinadores integram um máximo de 30 formandos. Por outro lado, as metodologias de formação utilizadas abrangem métodos e técnicas diversificadas adequadas às características dos formandos e ao grau do curso, sempre com a intensão de privilegiar os métodos ativos que visam facilitar a capacidade de autonomia, iniciativa, trabalho em equipa e concorrer para uma análise crítica, bem como para a resolução de problemas numa aprendizagem profícua ao longo da vida. Estas capacidades são indispensáveis à atividade de treinador de desporto e resultam da constante adaptação a novas realidades no treino desportivo. Apesar dos cursos se encontrarem inicialmente estruturados com base numa formação presencial, estes cursos podem acontecer com outras formas de organização mais versáteis, nomeadamente a formação à distância. No entanto, está determinado que este tipo de formação deverá integrar-se preferencialmente num sistema misto de formação à distância e presencial (*B-learning*).

A emissão do respetivo Diploma de Qualificação do formando vem na sequência da conclusão bem-sucedida em todas as componentes de formação do curso de treinadores de desporto. Com este passo estão reunidas as condições necessárias para se proceder ao pedido de emissão do Título Profissional de Treinador de Desporto, através da plataforma eletrónica referida anteriormente, sendo um processo realizado individualmente pelo próprio treinador através da *internet*. O Título Profissional de Treinador de Desporto é emitido em formato digital e é o documento oficial obrigatório para o exercício da atividade, sem este documento o treinador não pode exercer a sua laboração mesmo que já tenha terminado o curso. A responsabilidade da emissão do Título Profissional de Treinador de Desporto é do Instituto Português do Desporto e Juventude.

2.11. FORMAÇÃO CONTÍNUA

A formação contínua deve desempenhar um papel fundamental na correção dos défices de formação do treinador que trabalham com atletas em idade escolar (Feu, et al. 2010). Abad, Giménez et al. (2011) destacam a importância da formação contínua para o treinador poder estar atualizado, apesar de no decorrer da investigação terem

identificado um grupo alargado de treinadores que admitiu não ser seu costume realizar este tipo de formação. Ainda assim, perante este tipo de oferta formativa os treinadores admitem preferir o intercâmbio de opiniões e experiências com outros treinadores para complementar a sua formação.

Yagüe, Fraile, e Rodríguez (2004) apresentaram um modelo de formação contínua onde destacam a importância da aprendizagem através de um processo de reflexão e análise da própria prática. Os autores destacam que esta forma de aprendizagem acaba por compensar algumas falhas na formação inicial, principalmente neste capítulo da intervenção sobre a prática. Esta estratégia tem favorecido a interação entre os treinadores e a reflexão da sua intervenção prática. Desta forma é possível proporcionar mais qualidade no treino com a introdução de estratégias de aplicação tática que atuam em alguns aspetos didáticos. A metodologia utilizada reforça o desenvolvimento profissional dos treinadores através da reflexão da sua prática e da participação num trabalho colaborativo. No que concerne ao curso de treinadores, os autores afirmam que o foco deve estar mais direcionado para estratégias mais colaborativas e práticas em que a principal problemática inerente ao quotidiano do treinador deverá ser geradora de conteúdo curricular nesta formação inicial. No caso da formação contínua de treinadores de futebol, os autores reforçam a necessidade em introduzir uma metodologia mais qualitativa para transformar o formador em pesquisador da prática. Atualmente a formação contínua acontece com muito mais frequência por meio de atividades informativas, como são os casos dos cursos ou congressos e não propriamente por metodologias mais participativas, como é exemplo os grupos de trabalho ou outras estratégias semelhantes, como seria desejável.

Numa perspetiva atual da formação de treinadores onde as novas tecnologias disponibilizam ferramentas úteis à formação contínua, os *blogs* na *internet* representam uma dessas ferramentas que têm o potencial de fortalecer informação, promovendo o pensamento crítico e a reflexão sobre a prática profissional dos treinadores que integram esses grupos. Estes *blogs* são construídos especificamente para dar suporte a aprendizagem informal no quotidiano do treinador e após uma análise qualitativa de conteúdo no sentido de avaliar a propriedade reflexiva emergente dos grupos funcionais que surgiram, foi possível perceber que resultou um maior nível de pensamento reflexivo do que se os elementos constituintes tivessem refletido individualmente (Stoszkowski & Collins, 2017).

Pérez (2002) realizou uma investigação qualitativa através de entrevista que permitiu analisar o processo formativo dos treinadores. No que diz respeito à continuação dos estudos relacionados com a atividade física e desportiva, todos afirmaram ter interesse em continuar a sua formação neste âmbito através de leituras, assim como a participação em cursos, seminários e congressos. Por outro lado, a maioria dos treinadores entrevistados destacam a importância da sua formação, tanto nos aspetos físicos e técnicos da modalidade em causa, como nos aspetos psicológicos, apontado no sentido de levar a cabo o seu trabalho de uma forma completa. Pérez (2002) afirma que o trabalho do treinador em termos formativos vai mais além do ensino da técnica e da tática desportiva, centrando a sua intervenção em todos os aspetos que podem melhorar o rendimento do atleta. O autor confirmou que os treinadores demonstraram muita motivação para seguir progredindo no seu conhecimento e não poupam esforços para estarem atualizados aos novos avanços técnicos e metodológicos que surgem no desporto em geral e nas suas modalidades em particular.

2.11.1. OBRIGATORIEDADE DE FORMAÇÃO CONTÍNUA

Para que exista uma atualização técnica e científica do treinador diferenciada por grau de qualificação, o treinador tem a obrigatoriedade de realizar uma série de formações para adquirir um conjunto de créditos que lhe permita a renovação do Título Profissional de Treinador de Desporto. O Instituto Português do Desporto e Juventude, na qualidade de entidade certificadora, é o responsável pela emissão do título. Estes títulos são válidos por um período de cinco anos, no final desse prazo a renovação do título está dependente do preenchimento, cumulativo, da realização de formação creditada e que proporcione um número de créditos de formação contínua suficientes. Esta formação contínua pode ser parcialmente concretizada pela colaboração do treinador como tutor no processo de formação de outros treinadores no decorrer do estágio de formação num grau inferior, onde pode ser atribuída uma creditação de 1 ECTS (*European Credit Transfer and Accumulation System*) / ECVET (*European Credit system for Vocational Education and Training*) por estágio orientado. No entanto, a obtenção de créditos para renovação por esta via de tutor só poderá ter um máximo de 50%, os restantes créditos terão de ser obtidos num processo de formação regular. É importante acrescentar que a renovação está dependente da inexistência de

penalizações graves no exercício da atividade de treinador em termos de conduta ética e disciplinar (Instituto Português do Desporto e Juventude, 2015).

De acordo com o Programa Nacional de Formação de Treinadores, está determinada uma correspondência dos ECTS à carga horária necessária para atribuição de um número de créditos estabelecidos. Atualmente, enquanto não existe um novo enquadramento legal, o quadro de referência para o número de créditos em vigor determina para a renovação de um Título de Grau I um mínimo de 2.5 ECTS com uma carga horária correspondente de 62.5h o que indica uma média de 12,5h por ano. Para um Título de Grau II são necessários 3 ECTS a que corresponde 75h de formação com uma referência de 15h por ano. Quanto à renovação do Grau III são exigidos 4 ECTS com 100h de formação correspondentes que em média são 20h por ano. No Grau IV serão necessários 5 ECTS para a sua renovação o que significa 125h de formação e estabelece 25h por ano. Podemos perceber que existe uma organização que prevê um aumento gradual da necessidade de créditos para renovação dos respetivos graus e que obrigatoriamente faz com que essa crescente exigência de créditos seja acompanhada pelo número de horas necessárias para cada grau, sendo que a referência estabelecida é de 1 ECTS para cada 25h de formação contínua. É importante acrescentar que o sistema ECTS atribuído aos diferentes graus, têm uma direta correspondência ao sistema ECVET no sentido de facilitar qualquer processo de equivalências e reconhecimento de formação dentro do espaço europeu (Instituto Português do Desporto e Juventude, 2010).

2.12. NECESSIDADES DE FORMAÇÃO

Os treinadores, como qualquer outro profissional do desporto, têm a obrigação de possuir um bom nível de formação e de dar continuidade à sua formação ao longo da sua vida desportiva, independentemente da sua condição remuneratória ser mais ou menos vantajosa, ou até mesmo se desempenhar funções de forma não remunerada. É necessária a formação e capacitação dos treinadores em consequência do aumento do número de jovens praticantes desportivos e face à desatualização de muitos dos programas existentes de formação dos técnicos de desporto. É de importância especial que a formação e a personalidade do treinador sejam corretas do ponto de vista moral, ético e científico uma vez que a sua atuação repercute diretamente na conduta

desportiva dos seus jogadores, sobretudo dos mais jovens. O aumento da prática desportiva entre a população mais jovem tem feito com que as infraestruturas e os meios tenham sido bastante melhorados nos últimos tempos, apesar de continuarem a existir alguns aspetos que não evoluíram da mesma forma e ao mesmo ritmo, como é o caso da formação dos treinadores, existindo ainda um caminho a percorrer neste aspeto. Na maior parte dos casos a formação dos treinadores é complementar a outras atividades como é o caso dos estudantes ou profissionais de áreas relacionadas com a atividade como os professores ou outros, assim como pessoas com formações complementares de caráter social com pessoas que não estão necessariamente motivadas para dedicar a sua vida à educação. A atividade de treinador assume responsabilidade na formação pessoal do jovem, pondo à prova o compromisso, a capacidade de servir o outro, o saber trabalhar em equipa e ao mesmo tempo potência as relações sociais. Os treinadores podem ainda contribuir para o desenvolvimento de um conjunto de atitudes favoráveis ao jovem atleta, nomeadamente na aquisição de conhecimentos e no domínio de aptidões. No que se refere ao desenvolvimento de atitudes positivas, é possível melhorar os comportamentos e a relação com os outros através de dinâmicas de grupo que se criam. Os treinadores devem ter como objetivo nas suas intervenções a possibilidade de atuar de forma não autoritária, mas dialogante, respeitadora, democrática, tolerante, pluralista e com uma visão de desenvolvimento. Para que o treinador tenha a possibilidade de continuar a adquirir conhecimentos deve procurar trabalhar em equipa e recorrer a especialistas quando seja necessário. Por último, para trabalhar o domínio das aptidões, deve aprender a elaborar um projeto e saber colocá-lo em prática, deverá saber constituir um grupo, dirigir uma reunião, produzir um relatório e avaliar o processo (Giménez, 2003).

Giménez (2003) define um bom treinador de jovens como uma pessoa que ajuda os seus jogadores a disfrutar do desporto aprendendo novas habilidades, procurando emoções na competição sempre renováveis. O desenvolvimento do trabalho desportivo de um treinador em idades mais baixas, não se pode perspetivar como uma simples escolha entre uma perspetiva de atuação educativa ou não educativa, uma vez que o desporto só deverá ser concebido como um meio educativo. Para que o desporto possa surgir desta maneira, não pode ser desenvolvido de forma aleatória ou deixar os seus desígnios ao acaso. É o treinador o elemento que mais pode influir neste processo como elemento fundamental, projetando objetivos adequados e aplicando metodologias válidas.

Giménez (2003) afirma que na maioria dos programas de formação para treinadores o foco está centrado principalmente no desenvolvimento da técnica desportiva, desta maneira a formação é insuficiente pois os jovens necessitam de muitas outras coisas para além da instrução técnica. Os treinadores devem ser formados em como ensinar habilidades interpessoais e sociais, devem ser capazes de manter o interesse dos jovens pela prática desportiva, fomentando sobretudo os aspetos lúdicos do desporto.

Santos et al. (2010) constataram que a perceção que os treinadores têm sobre si próprios é influenciada pela experiência que detêm, uma vez que os treinadores com baixo nível de experiência admitem ter menos competência e assumem maior necessidade de formação. Os treinadores com formação superior em Educação Física e Desporto, admitem ter mais competência do que treinadores sem formação superior. Os autores identificaram que a maioria dos treinadores tinham a perceção de si próprio como sendo competentes, não obstante, apontavam necessidades de formação. Esta constatação reforça a importância da formação de técnicos e sugere que existe interesse por parte dos treinadores em aumentar o seu conhecimento e competência em diversas áreas que devem ser consideradas em futuros programas de formação de técnicos.

Cunha et al. (2010) constatou na sua investigação que os treinadores que não tiveram qualquer formação a nível federativo para exercer a sua atividade, reconhecem uma necessidade maior de formação ao nível do treino e da competição quando comparados com os treinadores com formação de Grau II e III. A necessidade sentida pelos treinadores estende-se à eventualidade de exercer o papel de formador. As questões onde os treinadores denotam maior necessidade de formação são concretamente na planificação anual e plurianual do treino, não só nas competências relacionadas com a planificação mas também na gestão das competições e nas competências para orientação da formação de outros treinadores. A experiência profissional revelou-se como um elemento diferenciador na perceção das necessidades de formação, principalmente no que diz respeito ao papel de gestão desportiva, de formador e no domínio do próprio treino. Curiosamente, os treinadores com menos experiência reconhecem menos necessidade de formação. O nível de experiência profissional e o grau de formação federativa, representam os dois pilares fundamentais para a perceção que os treinadores encontram das suas necessidades de formação. É revelada a importância de ter em conta estes dois pilares no momento da programação da formação de treinadores desportivos, uma vez que atribuem uma considerável valorização da experiência profissional e da

forma como ela é construída e, por outro lado, é importante para tornar a avaliação mais contextualizada e específica da formação do treinador de desporto no âmbito federativo.

Relativamente às necessidades de formação que os treinadores possam apresentar, os especialistas destacam as temáticas de metodologia, técnico-tática, psicologia, preparação física e educação física de base (Abad et al., 2013). A identificação das necessidades de formação dos treinadores advém do estudo da sua atividade profissional e do contexto onde ela se insere. A investigação das necessidades de formação dos treinadores possibilita a identificação dos aspetos em que os treinadores admitem ter carências formativas. Este processo de reflexão pode potenciar a melhoria da formação dos treinadores, facilitada pela perspetiva do próprio treinador (Cunha et al., 2010).

2.13. A INTERVENÇÃO DO TREINADOR

Evans, McGuckin, Gainforth, Bruner, e Côté (2015) realizaram uma revisão sistemática e perceberam que as investigações mais recentes têm procurado incidir em aspetos como os programas de desenvolvimento de treinadores para as relações interpessoais, com base em intervenções orientadas para a melhoria das relações dos treinadores com os atletas. Estas relações são preponderantes para o sucesso do processo de ensino-aprendizagem no treino, quer seja ele mais formativo ou competitivo. No âmbito da psicologia do desporto foram realizadas pesquisas abrangendo várias décadas, a pesquisa existente centrou-se principalmente na análise e relato da eficácia, fornecendo menos informações em relação a outros domínios. Os programas de desenvolvimento interpessoal de treinadores têm demonstrado eficácia em ambientes controlados. No entanto, na tentativa de integrar as componentes interpessoais treinador-atleta em programas de desenvolvimento nos processos de treino, apresentaram algumas limitações.

O ensino do futebol nas categorias de base deverá propiciar a experimentação de diversas formas de jogar, alternando os papéis dentro do jogo e estimulando cada vez mais a prática da modalidade. Nesse caso, a qualidade no desenvolvimento dos treinos fica dependente da intervenção do treinador, responsável por organizar, sistematizar, operacionalizar e avaliar os conteúdos desenvolvidos. O desenvolvimento eficaz do processo de ensino do futebol, para além de procurar contar com atletas motivados e

comprometidos com o processo, deverá ser conduzido pela figura de um treinador, que precisa de saber gerir alguns conhecimentos intrapessoais, interpessoais e profissionais, estabelecendo procedimentos pedagógicos condizentes com a faixa etária dos praticantes, com o contexto de inserção e com a lógica funcional da modalidade. Desse modo, torna-se essencial que o treinador se comprometa com o seu desenvolvimento pessoal e vislumbre o crescimento além de qualquer programa de treino formal (Galatti, Bettega, Montagner, & Scaglia, 2015).

2.13.1. CONCEÇÃO DE ENSINO

Del Bosque (2013) refere que neste trabalho de treinador, o qual dedicou toda a vida e grande parte dela com os mais jovens, o trabalho não é apenas de treino e preparação técnica, mas também de orientação e aconselhamento. Muitos destes jovens com este acompanhamento puderam chegar ao mais alto nível neste desporto e constituem atualmente um exemplo de bons desportistas. A excelência desportiva não deverá ser entendida apenas como a conquista de títulos e troféus, mas principalmente como a procura de uma forma ética e estética para alcançar as conquistas do desenvolvimento pessoal e social.

Tanto o trabalho de treinador quanto o de professor, têm em comum o compromisso na formação e preparação de jovens. Por isso, o futebol também é uma escola de formação e de desenvolvimento de valores. São os treinadores e os professores que podem desenvolver qualidades na nossa juventude para que possam enfrentar os momentos de dificuldade em que a dúvida e o desencorajamento surgem. O ato de treinar, como o ato de ensinar, é um dos atos mais louváveis a que uma pessoa se pode dedicar, e tanto na sala de aula quanto no campo de treino, o esforço, a dedicação e a vontade são as chaves para o sucesso (Del Bosque, 2013).

Qualquer criança que comece a praticar um determinado desporto, deverá seguir um processo de formação o mais adaptado possível ao seu nível e à sua idade. Este vulgar entendimento significa que, os desportistas devem passar sempre na sua formação pela consecução de uma serie de fases, claro que tudo isso implicará que os treinadores possam programar o trabalho com os seus desportistas com tempo suficiente, de forma progressiva e coerente, evitando que se queimem etapas e fases necessárias na aprendizagem motora dos jogadores (Giménez et al., 2010). O objetivo é insistir no

reforço da aprendizagem das habilidades específicas iniciadas na fase antecedente. Giménez et al. (2010) propõem atividades jogadas e jogos com material e regras específicas. Os autores referem ainda que é importante trabalhar os meios técnico-táticos individuais e coletivos básicos, adicionalmente acrescentam que os jovens jogadores devem passar por todas as posições, o que favorecerá a criação de uma bagagem motora adequada e uma melhor compreensão do jogo.

A orientação do trajeto de formação do jogador de futebol está suportada, em grande parte, na estruturação do processo de ensino-treino. Assim, a condução do treino e do jogo deverá ocorrer por forma a que sejam cumpridos princípios pedagógicos adequados às condições encontradas no contexto de prática. Quanto à relação entre os aspetos táticos e técnicos explorados no processo de ensino-treino, a partir de conceções dos treinadores e com base em observações de sessões de treino, foi possível perceber que os treinadores, mesmo trabalhando de forma contextualizada, procuram o desenvolvimento do aspeto técnico de forma isolada. No que diz respeito ao jogo, os treinadores dão relevo ao contexto tático, não focando a relevância para o aspeto técnico (Bettega et al., 2018). Dada a reflexão que a investigação no processo ensino-treino permitiu, Bettega et al. (2018) consideram importante que existam mais iniciativas para investigar a aprendizagem do treinador e dos jogadores.

Mesquita et al. (2008) procuraram estudar a instrução proferida pelos treinadores e constataram que, de uma forma geral, estes apresentaram pouco aporte didático na sua instrução, pois centraram-se em informações pouco objetivas, onde a informação de carácter formal prevalece sobre o conteúdo, nomeadamente onde deveriam ser considerados os critérios de realização e de resultado. Os autores revelaram uma predominância da aplicação de tarefas informativas, comparativamente a uma utilização reduzida de tarefas de aperfeiçoamento, o que indica um precário desenvolvimento didático dos conteúdos. No que diz respeito à clareza da informação transmitida pelos treinadores, estes parecem dar prioridade à informação genérica, tendo em vista o objetivo geral na realização das tarefas, havendo uma reduzida informação sobre critérios de realização e de resultado.

O futebol é um jogo de interação onde a utilização do espaço comum pode ser um aspeto chave na dinâmica do jogo a que se deveria dar uma atenção especial. Parece importante perceber como é gerido o espaço por equipas de diferentes escalões, pois

existem diferenças na utilização estratégica da superfície de jogo entre as diferentes categorias. Desta forma os treinadores podem considerar adotar as estratégias de treino mais adequadas a cada etapa evolutiva por forma a conduzir de modo mais eficaz o processo de formação dos praticantes do futebol jovem nas suas diferentes etapas (Echeazarra, Castellano, Usabiaga, & Hernández, 2015).

Na prática do futebol é comum existir uma iniciação precoce e que de alguma forma justifica que possam existir propostas de adaptação que visam facilitar o primeiro contato da criança com o desporto. Os entendidos são unânimes em apontar para o formato 3x3 como a proposta de jogo de futebol mais recomendada na etapa de iniciação da modalidade, constituindo a unidade mínima que permite o desenvolvimento de todos os princípios do jogo necessários à sua efetiva compreensão (Lapresa, Arana, Amatria, Fernández, & Anguera, 2017). Na iniciação ao futebol em idades mais baixas são muitas as opiniões infundadas que se dividem quanto à forma como deverá ser feita a introdução da criança na competição, utilizando um formato de futebol 5x5 ou utilizando um formato de futebol 3x3. Lapresa, Arana, Garzón, Egüén, e Amatria (2010) comparam o desempenho técnico-tático das categorias pré-benjamins no formato de futebol 5x5, atualmente utilizado em algumas Associações, com o desenvolvimento da proposta alternativa no formato de futebol 3x3. Os investigadores partiram do estudo da utilização do espaço de jogo e do desempenho de habilidades técnicas e concluem que a proposta alternativa do futebol 3 está significativamente mais de acordo com as possibilidades reais das categorias pré-benjamins. Particularmente ao relativo domínio que a criança tem do terreno de jogo, quer na profundidade, quer na amplitude, é importante referir que a proposta de Futebol 3 mostra, de forma significativa, uma maior profundidade que o Futebol 5, da mesma forma que a proposta de Futebol 3 mostra, de forma significativa, uma maior qualidade na procura de amplitude, comparativamente com o Futebol 5. Quanto à qualidade e quantidade do estímulo técnico proveniente da prática de ambos os formatos, é importante referir que o Futebol 3 é considerado um ambiente mais adequado para o desenvolvimento da técnica individual, nas categorias pré-benjamins, comparativamente com o Futebol 5 (Lapresa, et al. 2010).

O desporto escolar no início da educação primária implica cenários não formais com potencial para gerar excelentes oportunidades formativas (Merino, Sabirón, & Arraiz, 2015). Na tentativa de compreender melhor o contexto da competição regulamentada,

que é reproduzido atualmente em jogos disputados por crianças de seis anos acompanhadas pelos seus treinadores, os autores pretenderam expor as diferenças entre o aspeto competitivo e educativo. A importância dada ao resultado e à competitividade no jogo é claramente significativa no contexto desportivo, ao mesmo tempo que condicionam a participação e a instrução do treinador quanto ao conteúdo. Não obstante, a intensidade emocional faz parte do decorrer do jogo enquanto momento competitivo. Mas são controversas as implicações da competição regulamentada no futebol de base enquanto atividade de educação não-formal, é no mínimo aconselhado a necessidade de usar uma maior preocupação com a criança e com o grupo que a integra. Merino et al. (2015) confirmam que a situação de uma não formalidade facilita a incorporação de diversos agentes educativos, como é o caso da família, do próprio treinador e outros agentes desportivos que possam participar. Desta forma, são atenuados alguns aspetos emocionais que possam apresentar-se negativos e potenciar os valores educativos, fatores que contribuem de forma determinante para uma aprendizagem efetiva, não só para a competência desportiva, mas acima de tudo para a vida. Os autores referem como fator importante, controlar a prática da autoridade dos adultos e o protagonismo da criança no seio da equipa para a construção favorável do contexto onde se inserem. Em suma, os adultos que promovem e viabilizam o desenvolvimento da competição regulamentada como contexto socioeducativo numa idade precoce, devem assegurar que o aspeto educativo se destaque na sua identidade em relação ao aspeto competitivo. É preponderante ter a capacidade de ouvir as crianças e perceber todos os seus objetivos que muitas das vezes diferem claramente dos objetivos dos adultos, pois as suas preocupações prendem-se mais com o prazer nos processos e no tempo despendido. Esta reflexão oferece oportunidades muito interessantes para empreender no treino desportivo e mais concretamente na atividade do treinador como principal referência do contexto (Merino et al., 2015).

O ensino do futebol como um jogo desportivo coletivo não deve consistir, apenas, na estimulação de um repertório de habilidades técnicas mais ou menos abrangentes, como o gesto técnico do remate, do passe, da receção de bola, da condução de bola, do cabeceamento, ou do drible, nem mesmo às solicitações energéticas das capacidades condicionais ou das coordenativo-condicionais (Garganta, 1998). O autor reforça a importância em principalmente desenvolver nos praticantes uma disponibilidade motora e mental que ultrapasse em larga medida a simples automatização de gestos e tenha o

seu foco na apropriação de condutas de ação e princípios de controlo do espaço de jogo, assim como das formas de comunicação entre os jogadores. No que concerne a esta perspetiva, torna-se preponderante partir de uma conceção que procure articular diferentes aspetos que são fundamentais: os princípios do jogo; a atividade lúdica no treino; o trabalho com oposição; e a finalização como consumação do objetivo do jogo. Garganta (1998) acrescenta que as formas jogadas devem constar de todas as etapas de ensino/aprendizagem da modalidade, uma vez que, concomitantemente, é o maior fator de motivação e é, também, o melhor indicador de performance.

Atualmente a crescente preocupação tática que os treinadores de jovens carregam para o futebol de formação, conjuntamente com a ausência cada vez maior de um futebol informal, integrado nas brincadeiras de rua das crianças em condições variadas e desafiantes do ponto de vista técnico, têm conduzido muita das vezes à formatação do jogar destas crianças e jovens que apesar de hoje em dia beneficiarem de condições espaciais e materiais de maior qualidade, estas não traduzem, unicamente, uma maior qualidade técnica dos seus executantes. Quando Sánchez, Molinero, e Yagüe (2012) procuraram perceber os efeitos de um programa de treino de características técnicas e um outro programa de treino de características táticas, sobre os diversos gestos técnicos do jovem futebolista. Como características técnicas são exemplo a condução de bola, o drible, o remate de cabeça e o remate com o pé, os autores mostraram que todos os jogadores do estudo sujeitos aos dois programas diferentes melhoraram na condução de bola e no drible, enquanto que, nos gestos técnicos do remate de cabeça e remate com o pé não dominante, só conseguiram melhorar aqueles que participaram no programa de treino técnico. O remate da bola com o pé dominante não melhorou com nenhum dos programas de treino. Desta maneira os autores sugerem que no treino da técnica individual do futebolista se possa combinar estratégias que empreguem habilidades fechadas com outras com base em jogos de aplicação tática. Apesar de ter sido identificada uma melhoria de todos os gestos técnicos através do treino técnico e o tático proporcionar uma melhoria menos evidente em todos eles, a aprendizagem da técnica não pode centralizar-se apenas nos modelos tradicionais, pois com as estratégias baseadas no jogo foi possível melhorar mais o campo das habilidades relacionadas com o deslocamento com bola. Especificamente os investigadores concluíram que o treino técnico é mais útil para aprender o remate de cabeça e o remate com o pé não dominante. Sánchez et al. (2012) propõem que a planificação da aprendizagem

desportiva deveria combinar a estratégia analítica e integrada, pois para introduzir na criança o manipular das habilidades menos comuns tem de se empregar o programa técnico, enquanto para melhorar a motricidade vinculada ao lado dominante deverá empregar-se o programa táctico.

Nas estratégias desenvolvidas durante a etapa de aprendizagem desportiva, a diversão deverá ser um valor claramente presente (Sánchez, Yague, & Molinero, 2013). Na perspectiva de saber qual o modelo de ensino-aprendizagem de futebol capaz de gerar maior satisfação nos jovens jogadores de futebol, os autores desenvolveram uma investigação através da opinião de crianças sobre a diversão associada a um treino técnico. Num primeiro cenário com situações mais analíticas e sem grande dificuldade cognitiva numa perspectiva de mecanizar um determinado gesto técnico, e num segundo cenário com situações relacionadas ao aspeto táctico como a participação em tarefas grupais com formas jogadas que incidem nos processos de perceção e decisão na atuação do jogador, procurando comparar as duas situações. Sánchez et al. (2013) mostram que os jogadores se divertem nas duas situações, sendo que o treino baseado em jogo de aplicação táctica gera mais satisfação no qual os jogadores se divertem durante as horas de prática. O programa de treino táctico parece conceder maior liberdade ao jogador para resolver os problemas derivados de sua intervenção, o que aumenta mais a sua motivação. Deste modo, os autores referem existir pequenas diferenças a favor da intervenção táctica, que confirmam a conveniência do jogo como ferramenta especialmente propícia para gerar contextos de aprendizagem positivos que aumentem, tanto quanto possível, a adesão da criança ao desporto. Os autores afirmam que as tarefas mais mecânicas, relacionadas com o desenvolvimento da aprendizagem por imitação, com o objetivo de potenciar o conteúdo técnico, apesar de serem consideradas divertidas, tornam-se menos atrativas para os participantes, pois o tempo de treino decorre com maior lentidão em comparação com o rápido que passa quando se pratica de acordo com o modelo táctico. Segundo Sánchez et al. (2013), são estes aspetos que fazem com que os exercícios técnicos próprios do modelo de ensino-aprendizagem do treino tradicional, produzam na criança menor disponibilidade para o treino, fazendo com que anseiem pelo seu final. Esta sensação relatada pelos autores, parece não ocorrer em crianças treinadas por meio da estratégia grupal, ficando claro que são estes jogadores os que mais disfrutaram com o treino.

As estratégias de treino com base em jogos contextualizados foram projetados para desafiar o tradicional treino descontextualizado de desenvolvimento das habilidades desportivas de forma isolada e fornecer um enquadramento alternativo do ensino das modalidades desportivas (Light e Robert, 2010). No entanto Pill (2012) refere que isso não diminui o valor do ensino diretivo e de estratégias com base em exercícios de desenvolvimento das habilidades desportivas, antes pelo contrário, sugere que o uso de estratégias de instrução diretiva deve surgir com o intuito de melhorar a participação do jogador em jogo, ao invés do jogo emergir após a prática sistemática das habilidades de forma separada, o atleta não fica completamente preparado para o jogo só porque domina uma determinada habilidade. Pill (2012) afirma que o objetivo principal do treino de futebol com jovens deve ser os jogos contextualizados, pois os jovens jogadores precisam desenvolver a sua técnica e os seus processos cognitivos para que os processos de ensino-aprendizagem no treino possam permitir uma correta leitura do jogo em competição e entender realmente o seu efeito dentro do campo, isto é essência para o efetivo desenvolvimento do jogo no futebol de formação.

Num contexto de aprendizagem do Futebol na Educação Física da escola, Hortigüela, Fernández-Río, e Pérez (2015) mostraram que grupos de alunos quando sujeitos a metodologias tradicionais, aumentaram de uma forma significativa a sua perceção de um clima de aula orientado para o ego. Em oposição, os grupos de alunos que vivenciaram um outro estilo comportamental desenvolveram uma perceção significativamente diferente com um clima de aula mais orientado para a tarefa. Constataram também que os alunos que praticavam futebol fora do horário escolar apresentavam uma maior motivação. Quando se aplicam metodologias de ensino desportivo abertas e participativas, existe um maior envolvimento e motivação dos alunos nas aulas de Educação Física.

CONCEÇÃO DE ENSINO	
Del Bosque (2013)	O trabalho não é apenas de treino e preparação técnica, mas também de orientação e aconselhamento dos jovens
Giménez et al. (2010)	O trabalho deve ser progressivo e coerente, evitando que se queimem etapas e fases necessárias na aprendizagem
Bettega et al. (2018)	Mesmo trabalhando de forma contextualizada, procurar o desenvolvimento do aspeto técnico de forma isolada
Echeazarra et al. (2015)	Adotar as estratégias de treino mais adequadas a cada etapa evolutiva para tornar o processo de formação mais eficaz
Lapresa, et al. (2010)	O Futebol 3 quanto à qualidade e quantidade do estímulo técnico é considerado mais adequado para o desenvolvimento individual
Merino et al. (2015)	A não formalidade permite que o aspeto educativo se destaque em relação ao aspeto competitivo
Garganta (1998)	Desenvolver nos praticantes uma disponibilidade motora e mental que ultrapasse em larga medida a simples automatização de gestos
Sánchez et al. (2012)	Combinar estratégias analíticas para as habilidades menos comuns e estratégias integradas para melhorar a motricidade do lado dominante
Pill (2012)	O objetivo principal do treino de futebol com jovens deve ter por base os jogos contextualizados
Hortigüela et al. (2015)	As metodologias tradicionais orientam para o ego, as metodologias abertas e participativas geram um maior envolvimento e motivação

Figura 7. Resumo de diversos estudos sobre a conceção de ensino.

2.13.2. ESTRATÉGIAS DE TREINO

Segundo Pérez (2002) as estratégias mais efetivas que deveriam ser utilizadas pelo treinador no processo de instrução são: proporcionar frequentemente *feedback* e incorporar numerosas sugestões e atividades; proporcionar altos níveis de correção e instrução recorrente; estimular com numerosas perguntas e esclarecimentos; comprometer-se, primeiro que tudo, com a instituição; e influir no contexto para alcançar uma ordem apreciável. Os mesmos autores referem que a noção de um treino eficaz pode ser descrita como a habilidade que os treinadores têm para reagir face às características e necessidades dos jogadores. Como é característico da interação humana as necessidades dos jogadores podem, por sua vez, ser reações às condutas esperadas no

treino. Desta maneira, o treinador deverá prever e atuar em conformidade com base na complexidade dos fatores que intervêm no treino.

Atualmente os jogos reduzidos no futebol são estratégias de treino muito utilizadas. O treinador através da manipulação dos parâmetros configuradores dos jogos reduzidos pode alcançar diferentes objetivos. Por exemplo, o simples facto do treinador intervir para motivar os seus jogadores causa uma frequência cardíaca média significativamente mais elevada do que a obtida sem a motivação do treinador. Desta forma, a motivação dada pelo treinador nos jogos reduzidos influencia a intensidade de esforço no treino (Sánchez-Sánchez et al., 2014).

Tendo em conta a etapa de transição onde acontece a mudança do futebol 7 para o futebol 11 com a subida de escalão, foram detetados nos atletas índices bastante positivos a nível motivacional. Estes níveis de motivação favoráveis podem proporcionar uma predisposição à aprendizagem de novas habilidades por parte do atleta. Estes níveis de motivação devem ser aproveitados nesta etapa pelo treinador, onde tem lugar uma fase sensível ou períodos críticos, que são fundamentais para a aprendizagem desportiva. A sua correta planificação será fundamental para a otimização do rendimento dos jovens desportistas no futuro (Fernandez, Yague, Molinero, Marquez, & Salguero, 2014).

Pérez, Sánchez, e Urchaga (2015) procuraram analisar as diferenças motivacionais para a prática do futebol tendo em conta a idade e o nível competitivo dos jogadores. Globalmente, as motivações apresentadas para a prática desportiva dizem respeito maioritariamente à motivação intrínseca e à realização pessoal. Esta tendência foi identificada em todas as categorias de uma forma geral. É por isso importante que para o treino se adotem intervenções motivadoras e que sejam selecionadas tarefas com formas jogadas, divertidas e ao mesmo tempo competitivas, onde se possa ganhar e competir contra outros jogadores.

Para os treinadores, a inteligência de jogo é um dos fatores que predizem o sucesso na competição apesar da sua difícil perceção. Ruiz, García, Palomo, Navia, e Miñano (2014) procuraram analisar a perceção que os jogadores de futebol de diferentes níveis de especialização tiveram na sua inteligência para o jogo. Concretamente no que diz respeito à sua capacidade de antecipação, inteligência tática e inteligência competitiva.

Ruiz et al. (2014) revelaram que à medida que aumentava o nível competitivo existia um incremento na percepção dos jogadores sobre a sua inteligência em função de cada contexto. Este estudo confirma a importância dos jogadores se sentirem competentes para solucionar os problemas táticos do seu desporto, percebendo que este sentimento aumenta com o seu nível de competência.

A ação ofensiva no futebol por todos os elementos que são necessários coordenar, constitui um momento fundamental do jogo com grande complexidade neste desporto. Foi ainda possível perceber que quando o treinador utiliza um estilo de ensino direcionado à resolução de problemas durante a operacionalização de uma série de exercícios em contexto de treino, com uma equipa de futebol de base, foram verificadas melhorias na conservação da posse de bola e na sua progressão até à baliza adversária (Escolano-Pérez, Herrero-Nivela, & Echeverría-Expósito, 2014).

Pérez (2002) realizou uma investigação qualitativa através de entrevista que permitiu caracterizar os tipos de atuação que exercem os treinadores de alto rendimento. Alguns desses aspetos do ensino prático no futebol poderá não ser assim tão diferente a atuação de um treinador de alto rendimento desportivo com aquilo que deverá ser a atuação de um treinador da formação. No estudo de Pérez (2002) todos os treinadores de alto rendimento que foram questionados, todos eles valorizaram a importância de um modelo de treino integral, o que significa que consideram que é tão importante dirigir os atletas no trabalho técnico e tático assim como no psicológico. Nesse sentido, elaboram estratégias eficazes, comunicam de forma clara e direta os seus objetivos, avaliam os resultados das suas ações, são críticos e estão abertos a propor alterações nos seus programas se as circunstâncias assim o indicam, e procuram tratar cada desportista de acordo com a sua personalidade.

Independentemente do modelo desportivo que possa ser adotado, para um atleta em idade escolar, o desporto é uma atividade que pode e deve ter uma forte componente educativa. A prática desportiva nestas idades gera ela própria uma motivação que deverá ser aproveitada, pois a dinâmica produzida no desporto com um adequado processo de ensino-aprendizagem favorece a aprendizagem desportiva e educativa. Para que isso seja possível é essencial ter profissionais, incluindo técnicos desportivos, bem formados em todos os níveis desportivos (Feu et al., 2010).

2.13.3. INFLUÊNCIA DO TREINADOR NO DESENVOLVIMENTO DO ATLETA

Na formação do jogador de futebol, um dos fatores mais influentes no seu desenvolvimento é o contexto desportivo. A formação desportiva num meio apropriado constitui a solução para a obtenção do êxito desportivo, onde o treinador é o seu expoente máximo. As oportunidades que este oferece aos seus jogadores, bem como a sua formação integral, fazem com que os jogadores com talento alcancem o êxito. O desenvolvimento do atleta é determinado pela interligação entre todos os intervenientes do futebol de formação, não só o treinador, apesar de ser o mais influente, mas também todos os agentes desportivos que gravitam em torno do jovem jogador de futebol (Pazo, Sáenz-López, & Fradua, 2012).

Quando o treino de crianças e jovens é regido por imperativos de educação e formação, assume uma importância capital na valorização do desenvolvimento pessoal e social através da prática desportiva. As intenções da prática desportiva não se esgotam apenas no desenvolvimento de competências motoras dos atletas, mas é preponderante que se alicerce no fomento de valores e atitudes, aspetos cruciais na fase de desenvolvimento da literacia física e para a fidelização à prática desportiva para a vida. Estes pressupostos são determinados por modelos de desenvolvimento desportivo reconhecidos internacionalmente, como é o caso do *Long-Term Athlete Development* (LTAD) proposto por Balyi (Stafford, 2010). Neste enquadramento, é determinante que o treinador detenha a sensibilidade para intervir e refletir com sentido de responsabilidade sobre os problemas de cariz ético, cívico e social, pois são estes os fatores estruturantes da formação inicial como treinador. A figura do treinador pode exercer uma clara e efetiva influência sobre o desenvolvimento desportivo, pessoal e social de crianças e jovens atletas. Deste modo, destaca-se a importância da criação de ambientes de aprendizagem positivos, os quais devem ser acionadores do desejo de autossuperação, de uma busca gradual de autonomia, da procura do compromisso e da responsabilidade dos praticantes nas atividades de treino e de competição (Instituto Português do Desporto e da Juventude, 2010). A forma como classificamos o desenvolvimento do atleta tende a definir-se pelas competências que o atleta apresenta em relação a determinada modalidade desportiva específica, assentes nas competências técnicas, táticas, físicas e mentais. Noutras situações, o relevo incide nos resultados referentes ao desenvolvimento global do atleta e que podemos designar como os cinco C's: competência, confiança, conexão, caráter e cuidado (Lerner et al., 2005). Em

ambos os casos, os treinadores devem olhar para o atleta como um todo, de forma completa, com necessidades e preferências individuais, obedecendo ao princípio metodológico da individualização do treino (*South African Sports Confederation and Olympic Committee*, 2012).

2.13.4. A IMPORTÂNCIA DE UMA INTERVENÇÃO POSITIVA DO TREINADOR

Diferentes abordagens metodológicas de ensino do jogo desportivo referenciadas na literatura, podem variar em detalhe mas compartilham o suficiente em comum para poderem ser designadas como abordagens baseadas no jogo, o que inclui uma intervenção com base no diálogo, na reflexão e na interação social como elementos facilitadores da aprendizagem e de uma compreensão mais profunda. Neste sentido, a pedagogia positiva surge mantendo o foco na melhoria do desempenho do jogador como objetivo principal da maioria dos treinadores e ao mesmo tempo encorajando a aprendizagem juntamente com o desenvolvimento de competências pessoais. Estas competências podem transbordar para além da atividade desportiva do jovem e influenciar positivamente a sua vida social. Embora não seja esse o seu fim a natureza da Pedagogia Positiva pode fomentar esse desenvolvimento (Light & Harvey, 2015). A Pedagogia Positiva enfatiza a natureza abrangente e social da aprendizagem e o papel da experiência. Incentiva o desenvolvimento das habilidades sociais envolvidas na participação e no diálogo intencional, a vontade e a capacidade de negociar, a que acresce o compromisso e a óbvia compreensão dos processos democráticos envolvidos na tomada de decisão, adoção de deliberações coletivas, sentindo, em simultâneo, prazer numa aprendizagem agradável. Light e Harvey (2015) reforçam que a Pedagogia Positiva enfatiza a importância de saber aprender, e o facto de encarar por forma positiva a aprendizagem pode funcionar como um catalisador. Por outro lado, os autores referem que é mais provável que parte da aprendizagem social seja transferida para a vida fora do campo do que propriamente a melhoria da técnica desportiva e a condição física. Light e Harvey (2015) concluem que a maneira pela qual pode ser desenvolvida uma inclinação positiva para a aprendizagem e a contribuição que pode advir para o bem-estar, beneficiaria claramente as crianças e os jovens envolvidos no desporto.

O Desenvolvimento Positivo dos Jovens é uma abordagem que procura enfatizar a importância da valorização das potencialidades dos jovens atletas em concordância com

os princípios da corrente da psicologia positiva. Esta abordagem reconhece a existência de eventuais desafios observados ao longo do processo de desenvolvimento dos jovens, nomeadamente algumas dificuldades com a resolução de conflitos, mas tem uma intencionalidade no afastamento que existe de uma ideia pré-concebida de que os jovens, e a sua dimensão comportamental, são os únicos problemas com necessidade de serem resolvidos e que o sucesso dos treinadores desportivos depende apenas da inexistência de comportamentos desviantes. A abordagem do Desenvolvimento Positivo dos Jovens tem outros pressupostos associados que nos remetem para a utilização de um enquadramento intencional dirigido ao ensino de competências pessoais e sociais, como por exemplo o respeito, o esforço, a liderança, o trabalho em equipa, de entre outras características que são relevantes para que hoje em dia os jovens possam ultrapassar os desafios da vida em sociedade (Lerner et al., 2014; Bean & Forneris, 2016; Santos et al., 2017; citados por Santos, Pereira, & Martinek, 2018). Um dos pressupostos que deverá orientar a intervenção de treinadores com o objetivo do Desenvolvimento Positivo dos Jovens, é a possibilidade de promover um ambiente caracterizado pelo prazer e diversão que possa potenciar o grau de envolvimento e satisfação dos atletas. Esta abordagem promove um sentimento de pertença, de inclusão de todos os jovens e a criação de uma relação empática, tendo a partilha de responsabilidades como condições essenciais para a construção de um clima propício de um Desenvolvimento Positivo dos Jovens. No que toca à dimensão organizacional, os desafios colocados aos treinadores na promoção do Desenvolvimento Positivo dos Jovens tem origem, frequentemente, na influência exercida pelos clubes desportivos com intenção de promover uma filosofia de performance desportiva como prioridade, o que é incompatível com o Desenvolvimento Positivo dos Jovens, assim como outro género de objetivos para além da performance ou do resultado. Muitas das vezes a falta de apoio pelo contexto envolvente do treinador pode comprometer a aptidão dos treinadores para pôr em prática o Desenvolvimento Positivo dos Jovens como um objetivo a atingir. Havendo necessidade de liderança neste contexto, poderá ser definida como introdutória a capacidade em ajudar os outros a tomar decisões adequadas na promoção de consensos. Este é um aspeto a considerar tendo em linha de conta a necessidade de introduzir progressivamente o Desenvolvimento Positivo dos Jovens nas práticas dos treinadores, sendo que é premente a experimentação e reflexão para que se possa aumentar, significativamente, a qualidade das experiências de desenvolvimento demonstradas pelos atletas. A aprendizagem através da prática desportiva representa o contexto com maior relevância

na promoção do Desenvolvimento Positivo dos Jovens, sendo premente o recurso a objetivos e estratégias específicas deste tipo de abordagem em cada tarefa proposta pelo treinador. Para uma abordagem intencional ao Desenvolvimento Positivo dos Jovens é necessário integrar a utilização de objetivos, estratégias e atividades bem definidas com o propósito de ensinar competências pessoais e sociais úteis para a vida, sendo um processo dirigido, deliberado e refletido. Os investigadores recomendam que os treinadores tenham uma maior perceção acerca destes mecanismos e desenvolvam esforços para transitar de uma abordagem não intencional para uma intencional (Santos et al., 2018).

González-Víllora, García-López, Gutiérrez-Díaz, e Pastor-Vicedo (2013) afirmam que um dos trabalhos mais importantes de um treinador é a capacidade de projetar tarefas criativas e jogos que ajudem os jogadores a desenvolverem seus conhecimentos e a desfrutarem da oportunidade em adquirir competências técnico-táticas de inter-relação entre colegas e adversários em situação de jogo. Os referidos autores acreditam que os jogadores são mais capazes de aprender e consolidar a sua tomada de decisão, quando fazem eles próprios, do que quando adquirem conhecimentos conceptuais para saber o que fazer. Esta vantagem é perceptível quando os jogadores no campo de jogo conseguem dar resposta às grandes questões do quê, do como, do quando e do porquê das ações técnico-táticas realizadas. O que resulta, por norma, o assumir no terreno de jogo um padrão de qualidade mais elevado daquele o que o seu próprio conhecimento declarativo teórico e processual reconhece. No que se refere a este tipo de conhecimento declarativo e processual, os autores afirmam ter um melhor efeito ao nível dos aspetos técnico-táticos individuais dos jogadores quando comparados com os aspetos coletivos. Estas são informações importantes que podem ajudar a melhorar a programação do processo ensino-aprendizagem no futebol. González-Víllora et al. (2013) referem que um dos aspetos essenciais nas idades de aprendizagem do jogo são as combinação de aspetos técnico-táticos de passe e mudança de direção para o espaço em situações ofensivas, porquanto a este nível a capacidade de execução é significativamente mais baixa do que a um nível normal de tomada de decisão. Por conseguinte, deverá existir um foco na prática deliberada dessas habilidades nas idades de aprendizagem. Os autores referem que é importante no futuro perceber-se a forma mais adequada do treinador sequenciar o conteúdo de treino no sentido de tornar o processo de ensino-aprendizagem mais eficaz.

Santos et al. (2015) para avaliar a transferência de padrões de comportamento entre os diferentes desportos coletivos, como é o caso do futebol, comparando as carreiras desportivas submetidas a uma especialização precoce e as carreiras desportivas de estimulação precoce. Particularmente no futebol, os autores confirmam que é possível que a transferência de padrões de comportamento ocorra mais significativamente quando a iniciação desportiva é direcionada para uma estimulação precoce.

Outra das dimensões que o treinador tem de ser capaz de controlar, são os aspetos metodológicos relacionados com o impacto físico no treino com jovens futebolistas. Brink, Frencken, Jordet, e Lemmink (2014) revelaram uma fraca concordância entre aquilo que era percebido pelos treinadores e o que era percebido pelos jogadores quanto à carga de treino e o seu impacto físico nos atletas. Os autores referem que para sessões de treino simples com uma intensidade planeadas pelo treinador relativamente mais baixa, os jogadores relatam mais intensidade de treino do que a esperada pelo treinador com uma carga de treino superior. Por outro lado, nos dias que o treinador programa treinos mais exigentes, os jogadores relataram menor intensidade duração e carga de treino do que a inicialmente programada pelo treinador. Quando os autores estabeleceram a comparação entre a perceção dos jogadores do primeiro ano com os de segundo ano do mesmo escalão, perceberam que os jogadores de primeiro ano sentiram as sessões de treino como mais intensas em comparação com os jogadores do segundo ano. As diferenças encontradas neste estudo podem dificultar o processo de adaptação da carga de treino, por este motivo é cada vez mais comum atualmente o treinador procurar monitorizar a carga para tentar aproximar o mais possível a carga de treino planeada com a que deve ser percebida pelos jogadores. Desta forma é possível otimizar a performance do jogador e permitir ao treinador ter um maior controlo sobre o trabalho efetuado com jovens (Brink et al., 2014).

Guzmán e Calpe-Gómez (2012) revelaram de forma preocupante a frequência com que o treinador na sua intervenção não especifica o objetivo do comportamento pretendido. O tipo de intervenção descrita ocorre, principalmente, quando o treinador intervém numa ação positiva ou negativa, mas sem se referir ao objetivo pretendido e essa intervenção é desprovida de qualquer conteúdo. Os autores referem quanto ao conteúdo da intervenção, que apenas se identificam estímulos focados no resultado de uma ação técnico-tática e que são mais frequentes depois de ações negativas do que de ações positivas. Guzmán e Calpe-Gómez (2012) afirmam que a informação sobre a execução

das ações dos jogadores, ajuda a melhorar o seu desempenho nas intervenções subsequentes, já a informação sobre o resultado das ações é muito mais óbvia e não fornece conteúdo específico, sendo inúteis para a melhoria do desempenho do jogador. Adicionalmente os autores identificaram a tendência dos treinadores utilizarem o encorajamento depois de uma ação positiva e após uma ação negativa existir ausência de encorajamento. Não obstante, o reforço positivo quando o jogador faz as coisas bem é importante mas, será muito mais importante que o treinador possa utilizar formas de encorajamento do seu atleta quando este cometa um erro (Guzmán & Calpe-Gómez, 2012). Este fator é determinante para aprendizagem do jovem desportista e para a sua evolução enquanto atleta.

Januário, Rosado, e Mesquita (2013) procuraram examinar através de uma análise de conteúdo, a informação que os atletas conseguiam reter na transmissão do feedback dos treinadores durante o treino, tendo em conta a natureza das informações transmitidas por cada técnico, as características dos atletas e a sua perceção. Os autores perceberam que a retenção média de informação dos atletas foi de 63,0%, e que as variáveis preditivas da retenção da informação pelos atletas foi o nível de prática dos atletas, a atenção ao fornecimento de *feedback* pelos treinadores e o número de ideias diferentes transmitidas por cada técnico.

O futebol e os seus treinadores, num contexto social mais desfavorável, podem ter um papel fundamental na esperança de vida das crianças e na ocupação do seu tempo de uma forma positiva, cujas características do jogo contribuem para uma instrução para a vida. Šafaříková (2012) estudou o papel do futebol no desenvolvimento pessoal das crianças no contexto dos países em desenvolvimento, particularmente no Uganda, e percebeu que o futebol é encarado de forma bastante positiva. Os jovens consideram o futebol muito importante, porque lhes permitia conhecer novas pessoas, aprender novas habilidades e mesmo algumas dessas crianças ansiavam construir uma carreira como profissionais de futebol (Šafaříková, 2012). Nestes contextos, só o facto de existir algo que alimente uma esperança, um sonho, pode dar sentido à sua subsistência e permitir às crianças extravasar nos seus pensamentos para algo que os transporta para um positivismo mesmo que permanecendo num contexto desfavorável. Este poder do futebol não deve ser negligenciado pelos treinadores atribuindo à sua atividade uma nobreza particular.

O treino que proporcione um desenvolvimento positivo dos jovens no contexto desportivo, é um processo complexo, uma vez que são muitos os fatores que influenciam esse ambiente. Camiré, Forneris, e Trudel (2012) constataram que os técnicos que fizeram a formação de treinadores têm consciência que estão melhor preparados e tinham uma maior capacidade para facilitar o desenvolvimento positivo dos jovens em comparação com os técnicos sem formação para a atividade. Os autores afirmam que o nível de formação do treinador é um importante preditor da capacidade percebida pelos treinadores para o papel de desenvolvimento positivo dos jovens. Neste sentido deverá ser promovida a formação formal de treinadores, no entanto podem emergir outros tipos de oportunidades de aprendizagem do treinador que também devem contribuir para a melhoria da sua intervenção. É o investimento no treinador, na sua formação e no seu desenvolvimento que pode ajudar a garantir que as crianças e os jovens estejam aprendendo as habilidades e os valores da vida necessários para se tornarem cidadãos produtivos na sociedade (Camiré et al., 2012).

Vickers e Schoenstedt (2011) referiam a importância em primeiramente padronizar a formação do treinador no sentido de integrar um núcleo mínimo de conhecimentos comuns que garantam a criação de programas de educação e treino de alta qualidade que incluam um conjunto de habilidades e de técnicas de ensino base. Os autores indicam que o crescimento de organizações desportivas específicas, contribui para que as diferentes partes interessadas no processo de evolução de todas as dimensões do atleta, permita convergir para um lugar-comum de reflexão sobre os programas de formação disponíveis. Vickers e Schoenstedt (2011) afirmam que a certificação dos treinadores deverá ser um bom ponto de partida, quer seja para ex-jogadores, pais, ou para outros indivíduos que queiram exercer a atividade. Os autores reforçam que a principal razão pela qual é importante padronizar a formação dos treinadores, tem a ver com o facto da criança e o seu desenvolvimento constituir o foco principal da intervenção do treinador, o que por si só deverá ser entendido como um desafio preponderante. Para que isto seja possível, a formação do treinador tem de ser uma prioridade. Com base em dados institucionais, Vickers e Schoenstedt (2011) concluem que a maioria dos participantes deixa a prática desportiva federada por volta dos 13 anos de idade com uma experiência negativa no seu desporto, sendo um dos principais motivos o treinador, daí que tanto a certificação inicial de treinador como a formação contínua devem ser um objetivo chave.

Rocha e Chelladurai (2011) afirmam que a relação entre o suporte organizacional percebido pelos treinadores e o desempenho dos atletas deverá ser mediada por um compromisso afetivo. Os investigadores tentaram comprovar que os efeitos indiretos do suporte organizacional percebidos no desempenho atlético são explicados através do compromisso afetivo e com base num modelo totalmente mediado. Este estudo foi importante na medida em que se testou a relação entre as estruturas de apoio percebidas pelos treinadores, o compromisso e o desempenho desportivo dos atletas, fatores que ainda não haviam sido estudados em contextos desportivos. Foi então proposto que fosse entendido como um efeito mediador entre o apoio organizacional e o desempenho desportivo.

2.14. PLANIFICAÇÃO E PROGRAMAÇÃO

Tendo em conta o desempenho do treinador, existem atividades que são consideradas chave na sua intervenção. Estas atividades podem consistir: na análise das necessidades; no planeamento dos treinos; na orientação do treino; na contextualização competitiva dos praticantes; e na análise dos progressos alcançados. Neste seguimento, também interessa detalhar as principais atividades desenvolvidas pelo treinador e as tarefas necessárias ao seu desempenho. O desempenho do treinador pode ser dividido em dois momentos distintos, o momento do treino, como uma fase de preparação e o momento da competição como a fase de execução. Ao nível do treino podemos distinguir a preparação dos desportistas para a competição, através do planeamento, organização, condução e avaliação do programa e sessões de treino. Ao nível da competição podemos diferenciar o planeamento tático e estratégico, a organização, a avaliação e a condução dos atletas ou da equipa durante a competição. Por outro lado, existe uma outra dimensão que não é propriamente um momento, mas é preponderante na atividade desenvolvida pelo treinador, que é a dimensão da gestão, onde é preciso liderar, dirigir, controlar não só os atletas mas também outros agentes desportivos relacionadas com a atividade desportiva. Paralelamente pode haver uma outra possibilidade na atividade do treinador, concretizada na formação de agentes desportivos, com as tarefas de ensinar, instruir ou tutorar treinadores ou outras pessoas relacionadas com o desporto. Em suma, e de uma forma global, podemos definir como as principais tarefas do treinador: o planeamento, a organização, a condução e a avaliação do processo de treino e competição.

2.14.1. PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO DE ATLETAS

Como é senso comum o futebol é um dos desporto mais praticados em todo o mundo, tendo um alto impacto na sociedade a nível político, económico, quer no panorama interno de cada país, quer a plano internacional e atualmente já representa uma referência para a investigação científica no desporto, com este enquadramento o futebol poderá considerar-se um tremendo ambiente para as futuras oportunidades inovadoras para o avanço da cultura desportiva (Figueiredo, Gonçalves, & Tessitore, 2014). Para que isso seja possível, Figueiredo et al. (2014) referem que é importante que o futebol resolva o vazio existente entre os resultados esteticamente visíveis e as estratégias reais que alicerçam a modalidade, como exemplo destaca que persiste, ainda, a discutível eficácia da seleção e desenvolvimento de talentos que continua a apresentar limitações. Os autores destacam a necessidade da criação de programas de desenvolvimento que preparem os agentes desportivos ligados ao futebol para uma reflexão multidisciplinar, apontando como perspetiva potenciar o contínuo progresso desta modalidade. Torna-se crucial a necessidade de uma clara estrutura de qualificação dos agentes desportivos, tendo em conta as inúmeras oportunidades de trabalho relacionadas com o futebol quer a nível nacional, quer internacional. Outro dos aspetos apontados como potenciadores de desenvolvimento é a possibilidade de estabelecer uma forte colaboração entre os clubes profissionais e as instituições de ensino, onde podem ser criadas novas formas de cooperação entre os diversos intervenientes: *scouters* que procuram talentos; treinadores que intervêm ao nível do desenvolvimento dos talentos; e agentes responsáveis por apoiar as carreiras dos jogadores e treinadores a longo prazo. Adicionalmente os investigadores também podem ajudar os profissionais a planear de uma forma mais direcionada os programas de treino de futebol.

Feu et al. (2007) atribuíram um maior foco à programação e constataram que os treinadores que trabalham nas categorias com jogadores mais jovens, apresentam uma maior orientação para abordagens educativas e recreativas, e uma menor orientação em direção ao rendimento. Lledó e Huertas (2012) na sequência do estudo realizado constataram que a maioria dos treinadores inquiridos afirmavam realizar uma programação anual. O que de alguma forma confirma que existe uma consciência dos treinadores de futebol de formação da importância da organização temporal racional dos processos de formação de jovens jogadores para alcançar os objetivos propostos. Lledó e Huertas (2012) referem que a sua investigação apontou para que futuros estudos a

realizar neste âmbito, concretizem de uma forma efetiva os aspetos mais valorizados pelos treinadores, estes relativos aos principais objetivos perseguidos pelo empenho da competição e pela finalidade educativa. Mais tarde, Lledó et al. (2014) comprovaram que no futebol de formação a finalidade competitiva continua a ser prioritário para os treinadores, mas, por outro lado, constataram um aumento na utilização de metodologias que favorecem a participação ativa dos jogadores na tomada de decisão, assim como uma maior presença de conteúdos que não são específicos do futebol. É determinante que a orientação competitiva não se imponha, e nem apague, o objetivo fundamental desta etapa de formação, que deverá ser orientada para o desenvolvimento pessoal, sendo que este objetivo primordial não pode perturbar condutas centradas, única e exclusivamente no rendimento desportivo (Bennie & O'Connor, 2010). Os técnicos inquiridos na investigação de Lledó et al. (2014), referiram que os conteúdos prioritários no treino traduziram um certo nível de equilíbrio entre os conteúdos específicos, nomeadamente a técnica e a tática, e os conteúdos gerais, mais relacionados com a condição física. Por outro lado, evidenciaram que os treinadores empregam sobretudo métodos diretivos, onde o técnico toma todas, ou parte, das decisões e o jogador somente reproduz o esquema de ação definido pelo treinador. Verificou-se também uma tendência para uma maior utilização de estilos de ensino mais inclusivos como a descoberta guiada ou a resolução de problemas, por parte dos técnicos com formação universitária na área de Educação Física e Desporto. Pelo contrário, os técnicos desportivos que fizeram apenas o curso de treinadores empregavam modelos mais tradicionais de intervenção, como os métodos diretivos. Os autores concluem que quando o treinador recebe formação universitária na área da Educação Física e Desporto existe uma maior probabilidade de abdicar de modelos de intervenção tradicionais.

Fraser-Thomas, Côté, e Deakin (2005) propuseram que a programação do treino para jovens desportistas tenha a preocupação de desenvolver ativamente relações de apoio entre as crianças e o adulto, seja na relação com os pais, seja com o treinador, para que sejam assegurados resultados positivos que interferem no desenvolvimento do jovem atleta. Os autores destacam, ainda, a importância dos programas desportivos serem alicerçados em pressupostos de desenvolvimento e em características apropriadas de aprendizagem. Estes programas devem ter como base de desenvolvimento positivo aquilo que os autores referem como os cinco C's, são eles a competência, a confiança, o caráter, as conexões e o cuidar (Lerner et al., 2000).

2.14.2. CONTROLO DO TREINO

O controlo e avaliação do treino é um aspeto importante para a reformulação do planeamento proporcionando um feedback indispensável para a performance desejada (Labrincha & Gaspar, 2004). O treinador deverá dominar os métodos de controlo do treino e da competição e selecionar um conjunto de testes que lhe possibilitem uma melhor informação de forma a poder não só caracterizar a avaliação e controlo do treino, mas também identificar os fatores que, para os treinadores, mais influenciam o rendimento, conhecer os recursos materiais e humanos disponíveis e identificar as fontes de informação que os treinadores podem utilizar (Gaspar & Ruela, 2004).

O treinador deverá procurar avaliar a eficácia do seu trabalho nas sessões de treino, pois só desta forma saberá como respondem os desportistas às exigências, o que funciona bem na sua dinâmica e o que deverá ser alterado para otimizar a rentabilidade do seu treino. Uma avaliação simples mas rigorosa, será relativamente fácil de incorporar no método de trabalho do treinador, convertendo-se numa ferramenta muito útil para controlar melhor o processo de preparação desportiva (Buceta, 2004).

2.14.3. IMPORTÂNCIA DO PLANEAMENTO

Quanto ao planeamento, o treinador terá como tarefa o definir de um programa passo a passo para atingir o objetivo do exercício proposto, da sessão de treino e num conjunto de sessões tanto ao nível do Microciclo, Mesociclo, ou Macrociclo, em toda a época, ou numa série de épocas no caso do planeamento plurianual. Quanto à organização, o treinador tem a tarefa de coordenar e diligenciar o processo no sentido de garantir que o objetivo é verdadeiramente atingido de forma eficiente. Na condução do processo treino e competição, o treinador deverá executar a sua tarefa de forma planeada e organizada. Finalmente, é necessária a tarefa de avaliação de todo o processo, procurando estudar, analisar e decidir acerca da utilidade das ferramentas utilizadas no processo, mas também do seu valor, significado ou qualidade. Adicionalmente alguns dos treinadores podem acumular as tarefas de investigação, o que pode proporcionar a reflexão (Instituto Português do Desporto e Juventude, 2010).

Silva, Siqueira, Crescente, Paixão, e Andrade (2004) constataram que no futebol profissional brasileiro o treinador e o preparador físico são os responsáveis pelo

planeamento e execução dos treinos. Os autores tentaram perceber como o treinador e o preparador físico planeiam os conteúdos específicos dos treinos em diferentes dimensões, física, técnica e tática durante o microciclo de treino. A pesquisa revelou que a pressão a que o treinador está sujeito pela necessidade constante de vencer para se manter no cargo técnico da equipa, afeta diretamente a forma como são planeados os treinos. A tendência revelada foi para que o planeamento dos treinos aconteça de uma forma tendencialmente separada entre a área física e área técnico-tática. A construção das sessões de treino é assumida de uma forma conjunta entre os dois profissionais que partilham a definição e o controle da carga de treino no microciclo. No entanto, o planeamento dos conteúdos específicos é efetuado de acordo com as suas conceções de treino. No que diz respeito à dimensão técnico-tática, a referência para a definição do conteúdo específico durante a semana de treino é a prestação no jogo anterior e a preparação do jogo seguinte. O treinador orienta a sessão de treino, mas o preparador físico planeia essa sessão de acordo com os conteúdos e intensidade dos estímulos direcionado ao objetivo.

A exigência que é imposta aos jovens desportistas para o alcance de resultados a curto prazo é abordada por diversa literatura de uma forma crítica, que é unanime em aferir que os resultados devem ser fruto de um planeamento a longo prazo. O período de formação dos atletas é entendido como um percurso gradual que parte da iniciação desportiva até ao alto rendimento desportivo (Cafruni, Marques, & Gaya, 2014). Consequentemente vários estudos investigaram a “preparação desportiva a longo prazo” e referem que os resultados competitivos com crianças e jovens só têm efetivamente importância depois da terceira etapa do período de formação. Tendo em conta o estudo de Cafruni et al. (2014) com atletas de seis modalidades diferentes, verificou-se que os resultados competitivos foram ao encontro da literatura, uma vez que foi encontrada uma maior percentagem de resultados competitivos elevados na terceira etapa de formação, já na primeira etapa verificou-se uma menor percentagem desses resultados.

O estudo de Zapata, Antonio, e Palao (2015) quando compara as equipas seniores com as equipas dos escalões de formação, quanto ao tipo de planeamento, verifica-se que a maioria das equipas seniores e de jovens adotam a mesma forma planificação durante toda a época desportiva. Algumas das diferenças identificadas dizem respeito à preparação física que apresenta percentagens de trabalho superiores nas equipas seniores durante o período de transição, por outro lado nas equipas jovens são mais

utilizadas as situações reduzidas e também a organização teórica como meio de treino. Dadas as semelhanças encontradas na planificação e programação do trabalho entre categorias seniores e categorias de formação, indica que nos escalões de formação não se está priorizando a evolução no processo de formação do jovem jogador e que existe uma preocupação com os resultados imediatos, características das categorias seniores. Este foco sugere um modelo de planeamento que é centrado no microciclo de treino. Numa análise mais específica consegue-se perceber alguns aspetos que caracterizam as diferenças do planeamento num contexto competitivo comparativamente com um outro contexto que se pretende formativo. Globalmente as equipas seniores trabalham mais a preparação física de forma isolada o que, por sua vez, implica a utilização de modelos ajustados às necessidades do jogador e das especificidades da modalidade influenciada pelos resultados semanais. Por outro lado, nas categorias jovens a distribuição dos conteúdos está orientada para a aquisição dos conhecimentos numa lógica formativa. No entanto, existe um claro risco do planeamento ser influenciado pela organização do treino a curto prazo que advém da regularidade competitiva e da forma como esta é encarada, o que a longo prazo poderá afetar negativamente a formação dos jogadores. A progressão nas diferentes categorias da formação é marcada pelo aumento gradual da importância do trabalho condicionado e tático. Não obstante as diferenças existentes, de uma forma geral as equipas das categorias de formação e das categorias seniores utilizavam meios de treino similares. A maior utilização de um trabalho integrado nas categorias jovens poderá relacionar-se com uma maior necessidade de gestão do tempo e do espaço de treino, mas também pelo facto de existirem menos treinadores na equipa técnica que sugira optar com maior frequência por este tipo de trabalho (Zapata et al., 2015).

O futebol tem atualmente dois caminhos possíveis, um modelo de gestão do capital com base na compra e venda de jogadores que visa o curto prazo e os resultados imediatos, e um modelo que tem vindo a ganhar força e que tem por base a gestão do conhecimento centrado na otimização do processo de formação dos jogadores que visa o longo prazo apontando para resultados futuros (Lledó & Huertas, 2012).

2.15. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude de todo este quadro conceptual reportando a abrangência de todas as dimensões que integram a figura do treinador e particularmente a sua formação, perseguimos o objetivo de enquadrar primeiramente a problemática do ponto de vista institucional desde as mais altas instâncias nacionais e internacionais com base em informação que procura reger a figura do treinador. Fizemos uma caminhada até à essência do trabalho diário do treinador de jovens e destacámos toda a sua importância. Pensamos que ficou patente a complexidade do papel do treinador e a importância de constituir um profissional muito bem preparado para toda a flutuabilidade que pode ter esta nobre função. Fundamentadas que estão todas as dimensões do estudo que procurámos retratar, procederemos então à apresentação das metodologias utilizadas nesta investigação.

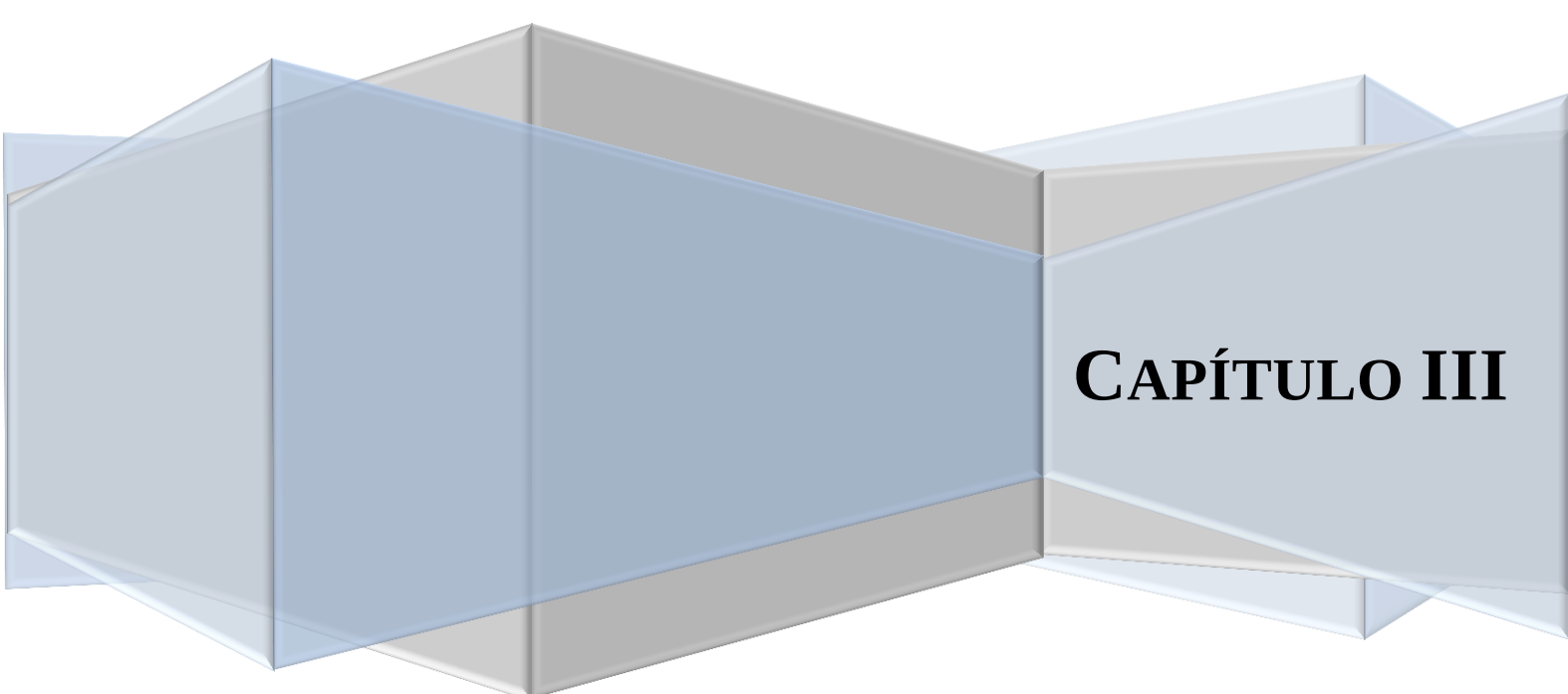
3. METODOLOGÍA DE LA INVESTIGACIÓN

3.1. DISEÑO Y PROCEDIMIENTO DE LA INVESTIGACIÓN

3.2. CONTEXTO Y SUJETOS DE LA INVESTIGACIÓN

3.3. INSTRUMENTO DE INVESTIGACIÓN

3.4. PROCESO DE VALIDACIÓN DEL CUESTIONARIO



CAPÍTULO III

En este capítulo presentaremos la metodología utilizada, describiendo las diversas etapas y procedimientos, correspondientes a los métodos de investigación utilizados, en particular todo el proceso de diseño, construcción, validación e fiabilidad del instrumento para testar la herramienta de investigación donde adoptamos una metodología cuantitativa y cualitativa (métodos mixtos). Presentaremos también todos los procedimientos adoptados para aplicar el instrumento testado y recoger la información de forma cuantitativa a través de cuestionario. En el siguiente esquema, es posible observar el desarrollo y la evolución de nuestra investigación.

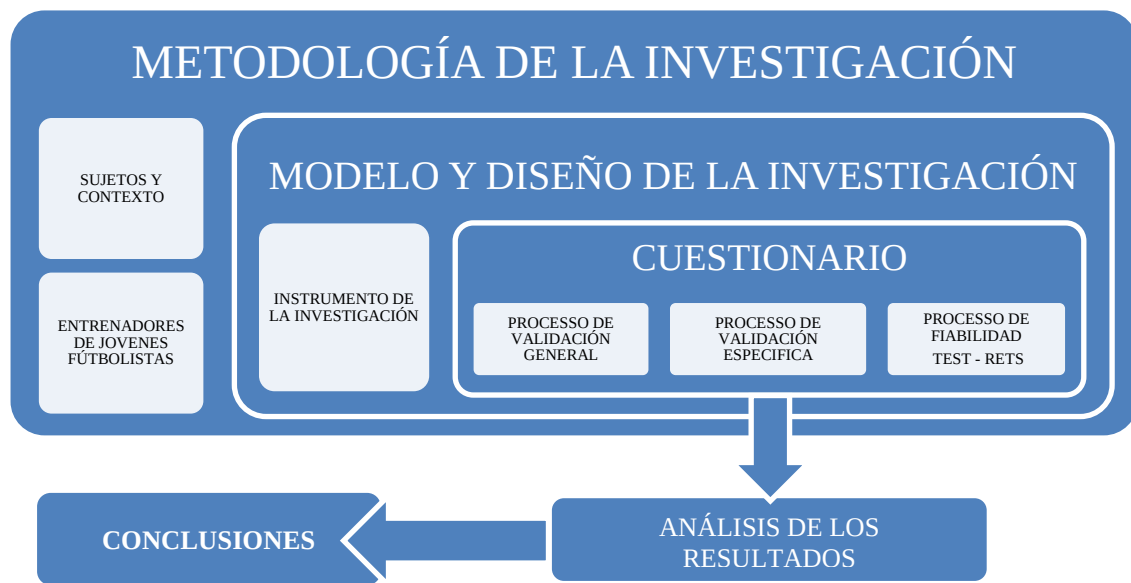


Figura 8. Esquema general de la metodología de la investigación

A continuación abordaremos el diseño y procedimiento de la investigación para quedar claro todo el camino recorrido en nuestra investigación. Por otro lado, explicaremos todo el proceso de preparación dejando expuesto el contexto y sujetos de nuestra investigación. De esta forma se expresa las características generales de la población al que se aplicó el instrumento desarrollado para la concreción de nuestra investigación. Por fin expondremos de forma detallada todo el proceso de validación y fiabilidad del cuestionario.

3.1. DISEÑO Y PROCEDIMIENTO DE LA INVESTIGACIÓN

Como toda investigación rigurosa partimos de un problema de investigación formulado. Después de definir claramente ese problema a investigar se establecieron los objetivos a

cumplir con la investigación que nos propusimos. Nuestra intención fue conocer la realidad de la enseñanza de fútbol en las categorías inferiores de la provincia de Beja, que es parte de la región de Alentejo y se encuentra en el sur de Portugal. Más concretamente incidimos en la formación de los entrenadores del fútbol que diariamente trabajan con los jóvenes futbolistas en esta región. Para un efectivo control del proceso de investigación fue determinante establecer un orden lógico que nos guió en este trabajo. Como referencia adoptamos las etapas aplicadas por Abad (2009) en su investigación.

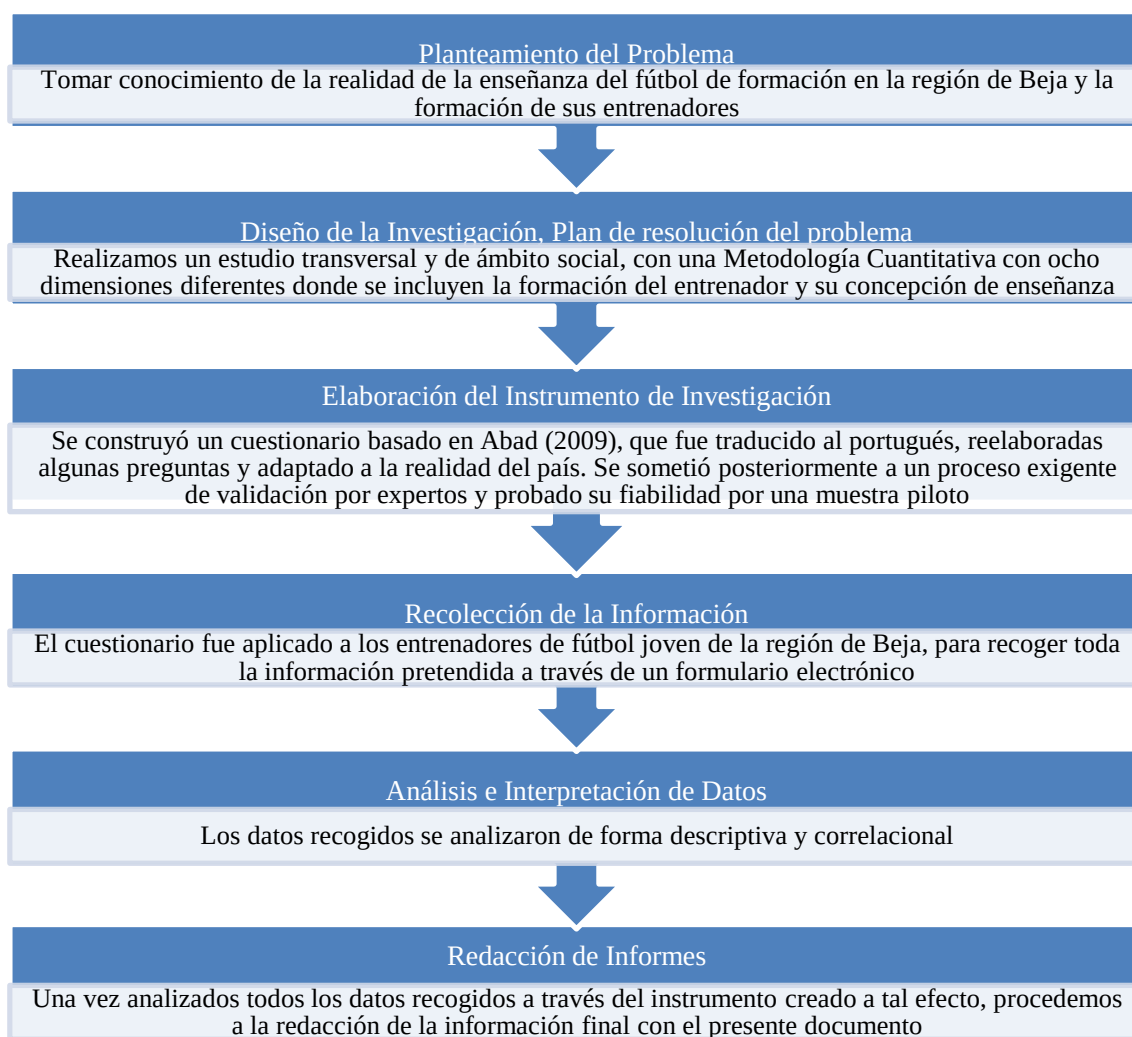


Figura 9. Etapas de la investigación, adaptado de Abad (2009).

Quivy y Campenhoudt (2008) señalan que en el sentido de llevar a cabo una investigación, existen tres fases de concreción: Ruptura, Construcción y Verificación. De acuerdo con los mismos autores la primera fase es designada de Ruptura y está compuesta por tres pasos: pregunta de partida; (lecturas y entrevistas exploratorias) y

problemática. A continuación la fase de construcción está compuesta por un único paso que consiste en la construcción del modelo de análisis. Finalmente, la última fase, denominada de verificación, también consta de tres pasos: recogida de datos; análisis de los datos y conclusiones. Las fases del presente proceso de investigación se exponen en la siguiente tabla.

Tabla 1. Fases del presente proceso de investigación, de acuerdo con Almeida y Freire (2003).

Fase de Ruptura	Paso 1: Pregunta de partida Exponer el problema de investigación en forma de pregunta de salida, teniendo en cuenta los siguientes criterios de calidad: ser claro, ser ejecutable y pertinente. La pregunta definida fue: ¿Cuál es el perfil del entrenador de jóvenes futbolistas en la región de Beja (Portugal)?
	Paso 2: Explotación Incluye las operaciones de lectura que aseguran la calidad del problema. Permite situar el problema y precisar la metodología.
	Paso 3: Problemática Circunscribir el marco conceptual y especificar la pregunta inicial, dando a conocer los conceptos e ideas generales así como la coherencia a la investigación.
Fase de construcción	Paso 4: Construcción del modelo de análisis Producir un plan lógico de conceptos y de hipótesis articuladas entre sí. Dos magnitudes de la construcción del modelo de análisis: elaboración de conceptos y la construcción de hipótesis. El estudio a realizar es un estudio cuantitativo.
Fase de verificación	Paso 5: Recopilación de datos Los datos fueron recogidos a través de un cuestionario basado en Abad (2009). El cuestionario fue traducido, reformulado y adaptado con permiso del autor, para el idioma portugués. Para determinar la validez del cuestionario se procedió a la validez de contenido ya la validez del constructo.
	Paso 6: Análisis de los datos Los datos del cuestionario se verificaron y se interpretaron los hechos imprevistos, donde deben revisarse o afinarse las hipótesis. Fue necesario: la descripción y la preparación de los datos necesarios para probar las hipótesis; el análisis de las relaciones entre las variables de las hipótesis y la comparación de los resultados observados con los resultados esperados. Después del análisis descriptivo e inferencial, la hipótesis puede o no ser confirmada.
	Paso 7: Conclusiones Las conclusiones deben tener en cuenta: las grandes líneas del procedimiento, presentar la pregunta de partida, las principales características del modelo de análisis, las hipótesis de partida, el campo de observación, los métodos utilizados, y la comparación entre los resultados esperados y los resultados observado; Las nuevas contribuciones a los conocimientos: presentar las nuevas contribuciones que esta investigación trajo para conocer mejor el objeto en estudio, las perspectivas teóricas nuevas, evaluar la pertinencia de la problemática y la operacionalización del modelo de análisis, partiendo de aquí a la formulación de nuevas perspectivas teóricas; Las perspectivas prácticas, como presentar los elementos de análisis que tienen consecuencias prácticas.

En lo que se refiere al desarrollo de la investigación es de señalar que la propia está diferenciada en dos partes distintas, en primer lugar todo el proceso de validación de la herramienta de investigación y posteriormente la aplicación de la herramienta y el análisis de los resultados alcanzados.

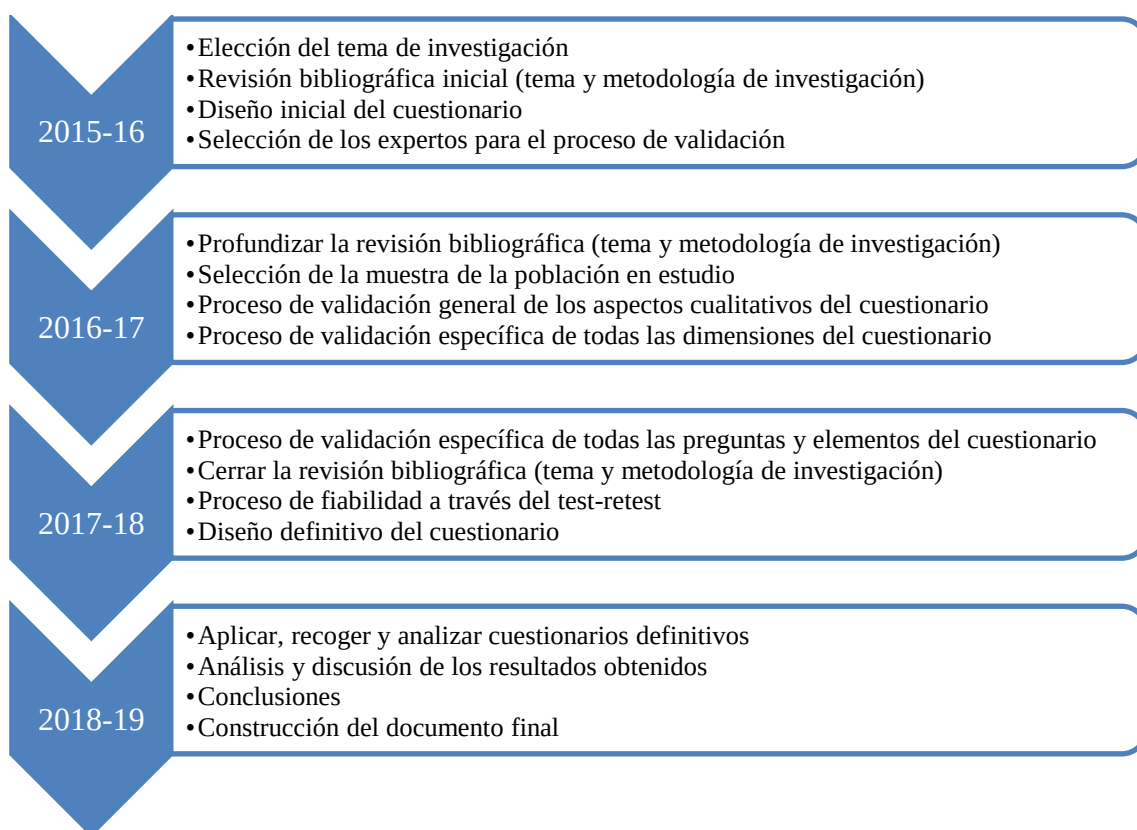


Figura 10. Programación de las diferentes tareas de la investigación.

3.2. CONTEXTO Y SUJETOS DE LA INVESTIGACIÓN

Se discute en este punto los sujetos participantes en el estudio y el contexto en el que se desarrolló nuestro trabajo. Presentaremos también la forma en que se constituyó la muestra y las características generales de la misma.

3.2.1. CONTEXTO DE LA INVESTIGACIÓN

El contexto en que se desarrolla nuestro estudio se refiere a los clubes de fútbol que forman parte de la Asociación de Fútbol de Beja (AFB) y que desenvuelven su actividad deportiva con categorías de formación. Estos clubes se encuentran dispersos en un rayo de 100 kilómetros en una región designada como Bajo Alentejo, situada en la parte sur del territorio portugués. Esta región, es una de las zonas con menos clubes deportivos y con menos practicantes federados del país, donde el fútbol es puramente aficionado (Instituto del Deporte de Portugal, 2011). El territorio se caracteriza por una escasa densidad de población, con tendencia de disminución y una gran zona geográfica (Instituto Nacional de Estadística, 2011).

3.2.2. SUJETOS DE LA INVESTIGACIÓN

Primero podemos decir que los principales participantes en nuestro estudio fueron los entrenadores de fútbol base de la provincia de Beja, pero por otro lado también tuvimos la participación de expertos de esta y de otras regiones que tuvieron una contribución imprescindible para el proceso de validación de la herramienta de la investigación. Para la aplicación de la herramienta de investigación fue solicitado a la AFB las direcciones de correo electrónico de los entrenadores para que fuera posible enviar el enlace del cuestionario y su cumplimentación a través de *internet*. Todos los municipios de la región en estudio tuvieron entrenadores participantes con la excepción de “Alvito” que en el momento de la recogida de los datos no tenía ningún equipo de fútbol joven. La distribución del número de entrenadores encuestados por provincia se detalla en la siguiente Figura.

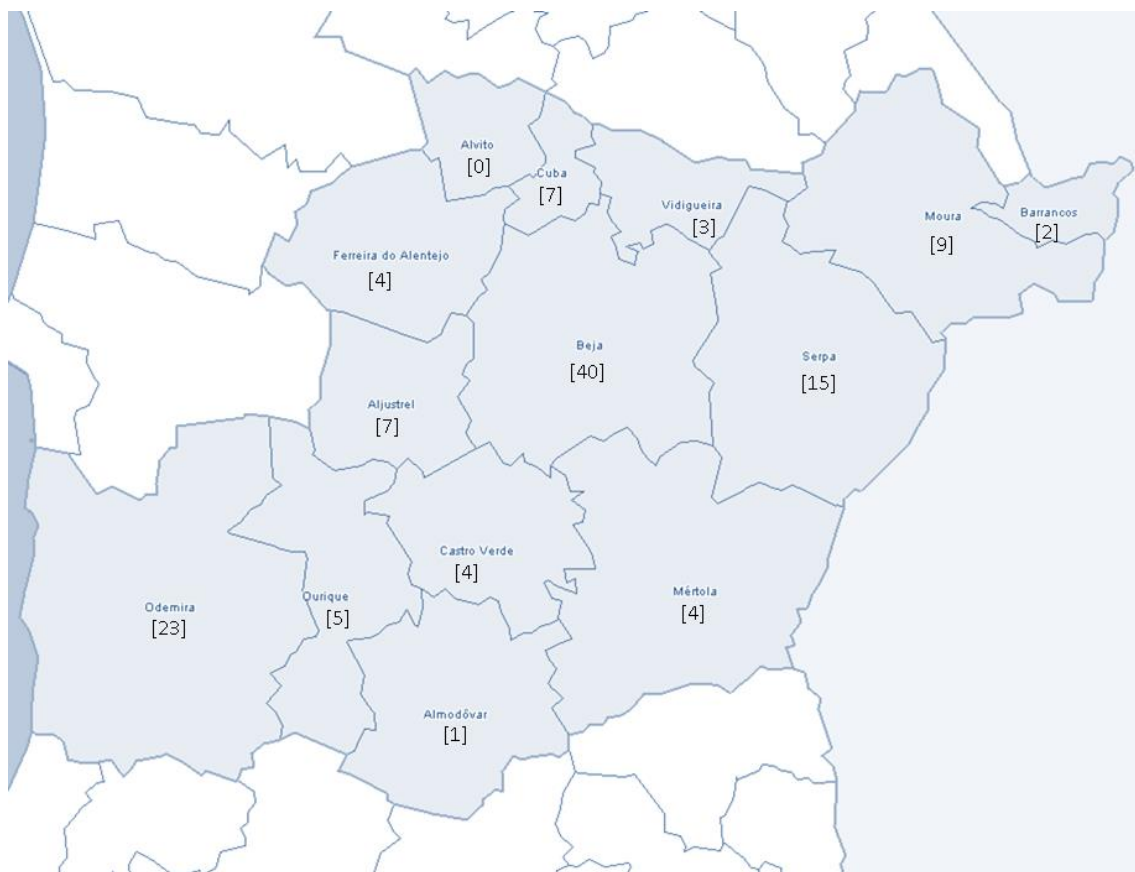


Figura 11. Mapa de la región de Beja con la distribución del número de entrenadores encuestados por provincia donde realizan su actividad como entrenador.

Participaron en el estudio un total de 124 entrenadores distribuidos por las diferentes provincias de la región.

3.2.3. MUESTRA DE LOS ENTRENADORES PARTICIPANTES

Desde el principio fue nuestra intención que la muestra utilizada fuera lo más representativa posible, lo mismo es decir que fuera posible inquirir el máximo de entrenadores en contexto de estudio. Así como Abad (2009), buscamos saber el total del universo de entrenadores en actividad en la región para garantizar una muestra que nos asegure un margen de error igual o inferior al 5%, lo que se considera estadísticamente aceptable. Con la intención de conocer el número mínimo de individuos para la constitución de la muestra, recurrimos al programa informático *Stats* propuesto por Hernández Sampieri, Fernández-Collado, y Baptista (2007) lo que nos permite saber concretamente el tamaño de la muestra, teniendo en cuenta el margen de error aceptable y el nivel de confianza que deseamos. De esta forma fue posible encontrar los datos que se expresan en la siguiente Tabla.

Tabla 2. Datos muestra de participantes en el cuestionario.

POBLACIÓN ESTUDIO	ERROR MUESTRA	PORCENTAJE MUESTRA	NIVEL CONFIANZA	TAMAÑO MUESTRA
136	5%	91%	99%	114

Como podemos observar en la tabla anterior, el número de encuestados adecuado para que la muestra sea representativa, con un margen de error de 0.05 (5%) y un nivel de confianza del 99%, es de 114 sujetos, que ha sido ampliamente logrado (124).

3.3. INSTRUMENTO DE INVESTIGACIÓN

3.3.1. ELABORACIÓN DEL CUESTIONARIO

Una buena herramienta de investigación puede hacer toda la diferencia en la calidad de la información que se puede recoger. De esta forma la elaboración de nuestro cuestionario de investigación pasó por diferentes fases de construcción para que podamos afirmar que constituye una herramienta sólida.

En una primera etapa, una vez elegido el camino de investigación que pretendíamos seguir, optamos por partir de una herramienta que ya había sido validada y aplicada en España por Abad (2009). Sin embargo, se hicieron varios cambios al cuestionario original, se tomaron una serie de preguntas que entendemos, que no añadían

información relevante, a continuación, procedimos a la traducción del documento al idioma portugués, en seguida, se adaptó las preguntas a la realidad del país y, por fin, hemos añadido otras preguntas que entendemos ser útiles, configurando el primer borrador del cuestionario. Este paso de transformación de la herramienta de investigación permitió profundizar algunas expectativas en relación a los posibles resultados y al mismo tiempo preparar un espíritu crítico sobre el tema de esta investigación. Añadimos que optamos por un cuestionario estandarizado compuesto por preguntas diferentes en función del tipo de respuestas. Utilizamos una escala de Likert de 1 a 10, la cual nos ha permitido conocer el grado de acuerdo o desacuerdo del encuestado con respecto a cada una de las cuestiones planteadas. También se incluyeron preguntas de elección múltiple y preguntas abiertas. Nuestro cuestionario final se compuso de 121 ítems agrupados por ocho dimensiones diferentes. A continuación exponemos las dimensiones de estudio que forman el cuestionario y los respectivos ítems o preguntas que las componen. Para más información se puede consultar en el anexo del presente trabajo el cuestionario completo y definitivo (Anexo XXI).

Tabla 3. Resumen de los ítems de la dimensión Características Sociodemográficas.

Dimensão Características Sociodemográficas
1. Género
2. Idade
3. Qual é a sua atividade principal?
4. Qual a máxima qualificação académica que possui neste momento?
5. Qual o Concelho onde exerce as suas funções como treinador?

Esta primera dimensión tiene como principal intención ayudar a definir el perfil de los entrenadores participantes en nuestra investigación

Tabla 4. Resumen de los ítems de la dimensión Experiencia Deportiva.

Dimensão Experiência Desportiva
6. Há quantos anos é treinador no futebol de formação (crianças e jovens entre os 4 e os 19 anos de idade)?
7. Há quanto tempo concluiu o curso de treinador de futebol?
8. A principal categoria que treina atualmente é:
9. Foi, ou é, jogador federado de futebol?
10. Qual foi a máxima categoria em que jogou?
11. Durante quantos anos jogou futebol federado?

En esta dimensión pretendemos percibir el nivel de experiencia del entrenador en relación con su actividad en el fútbol joven, identificar el tiempo que ya pasó después de su última formación como entrenador y si el entrenador acumula también una experiencia como ex-jugador.

Tabla 5. Resumen de los ítems de la dimensión Aspectos Personales.

Dimensão Aspetos Pessoais
12. Qual a principal razão porque treina?
13. Qual a outra razão?
Que importância pensa que têm cada um dos seguintes aspetos em relação ao trabalho do treinador de futebol de formação?
14. Ter o título de treinador de futebol
15. Ter sido jogador federado de futebol
16. Ter formação universitária
17. Frequentar cursos de formação contínua
18. Assistir a seminários sobre futebol
19. Ler livros e revistas de futebol
20. Ver jogos e treinos de futebol
21. Consultar <i>sites</i> da <i>internet</i> sobre futebol
22. Trocar ideias nos <i>blogs</i> de futebol da <i>internet</i>
23. Conversar diretamente com outros treinadores

En lo que se refiere a esta dimensión podemos decir que ella busca percibir la razón por la cual los participantes se dedican a esta actividad y por otro lado su opinión sobre la importancia que puede tener un conjunto de aspectos de experiencia y de formación.

Tabla 6. Resumen de los ítems de la dimensión Formación como Entrenador.

Dimensão Formação como Treinador
24. Qual a máxima certificação de futebol que possui ou que está a terminar?
Que conteúdos da Formação Geral do curso de treinadores de futebol que possa ter realizado, foram os mais úteis para treinar no futebol de formação?
25. Didática do Desporto
26. Pedagogia do Desporto
27. Psicologia do Desporto
28. Segurança Desportiva
29. Teoria e Metodologia do Treino Desportivo das Modalidades Coletivas e Individuais
30. Aprendizagem e Desenvolvimento Motor
31. Observação e Análise das Habilidades Motoras
32. Funcionamento do Corpo Humano, Nutrição e Primeiros Socorros
33. Luta Contra a Dopagem
34. Desporto para Pessoas com Deficiência
Que conteúdos da Formação Específica do curso de treinadores de futebol que possa ter realizado, foram os mais úteis para treinar no futebol de formação?
35. Técnica/Tática
36. Metodologia do Treino de futebol
37. Capacidades Físicas/Motoras
38. Psicologia no Futebol
39. Gestão e Organização no Futebol
40. Arbitragem e Leis de Jogo
41. Organização de Classe
No seguimento, responda qual o grau de concordância com as seguintes manifestações?
42. Penso que o tempo empregue no curso de treinadores é suficiente para treinar no futebol de formação
43. Creio que os conteúdos recebidos durante o curso de treinadores são suficientes para treinar no futebol de formação
44. Em geral, penso que os professores que tive no curso de treinadores ensinaram-me muito

La dimensión identificada en la tabla anterior es una de las dimensiones centrales del estudio y se refiere a la formación inicial realizada a través de los cursos de entrenador, buscando no sólo saber si se ha realizado el curso pero también pretende evaluar los

contenidos del componente general y del componente específico de los cursos de entrenadores.

Tabla 7. Resumen de los ítems de la dimensión Formación Continua.

Dimensão Formação Contínua
Das seguintes manifestações referentes à formação contínua e experiência, responda qual o seu grau de concordância?
45. Acho importante participar em jornadas, seminários, congressos, etc. para me manter atualizado
46. Acredito que a minha experiência diária é suficiente para me manter atualizado
47. Os cursos de curta ou média duração podem ser importantes para me manter atualizado
48. Trocar opiniões, experiências, etc. com outros colegas treinadores pode ajudar a completar a minha formação
49. Os livros, revistas, etc. podem ser um bom meio para continuar a minha formação
50. Os treinadores, dentro do clube ou escola onde treino, devem trabalhar em grupo
51. Entendo que os cursos <i>e-Learning</i> seriam uma boa forma de me manter atualizado
52. Penso que os <i>Workshops</i> práticos são uma ótima forma de construir a minha formação
53. Os congressos <i>on-line</i> representam uma possibilidade inovadora e eficaz para a minha formação

Esta dimensión tiene la intención de hacer el levantamiento de las estrategias de formación continua que acogen más aceptación junto a los entrenadores en estudio.

Tabla 8. Resumen de los ítems de la dimensión Concepción de Enseñanza.

Dimensão Conceção de Ensino
Das seguintes manifestações referentes à conceção de ensino, responda qual o seu grau de concordância?
54. Na minha opinião, o futebol é um meio através do qual eu posso educar os meus jogadores
55. Para mim, os resultados obtidos pela minha equipa nas competições são muito importantes
56. A competição é apenas mais um aspeto na formação desportiva dos jogadores
57. Considero que o primordial é que os jogadores se divirtam praticando futebol
58. Através do futebol podemos transmitir valores educativos
59. Entendo que devo utilizar com mais frequência métodos de ensino diretivos
60. Entendo que devo utilizar com mais frequência métodos de ensino baseados na descoberta
61. Disponho com frequência de instalações e material suficiente para treinar
62. Acredito que a competição nestas idades de iniciação está adaptada às características psicoevolutivas dos jogadores
63. Creio que todos os jogadores devem participar nas competições, independentemente do resultado

Con esta dimensión queremos conocer lo que piensan los entrenadores sobre la enseñanza del fútbol, sobre las competiciones y sus resultados, la importancia que se da a la tarea de enseñar y educar a los niños ya a la educación en valores.

Tabla 9. Resumen de los ítems de la dimensión Planificación y Programación.

Dimensão Planificação e Programação
Das seguintes manifestações referentes à planificação e programação, responda qual o seu grau de concordância?
64. Costumo programar a época antes que comece
65. Costumo programar o trabalho mensalmente
66. Programo o trabalho semanalmente
67. Programo o trabalho diariamente
68. Habitualmente trabalho os meios técnico-táticos com oposição
69. Costumo dar mais prioridade aos aspetos técnico-táticos do que aos físicos
70. Habitualmente utilizo uma metodologia lúdica
71. É fácil para mim motivar os meus jogadores

72. Habitualmente, mantenho relações amigáveis com os meus jogadores
73. Normalmente, costumo manter relações cordiais com os pais dos jogadores
74. Habitualmente controlo facilmente os treinos
75. Tenho claro os conteúdos que devo trabalhar nestas idades
76. Os objetivos que formulo nestas idades são fundamentalmente educativos
77. Os objetivos que formulo nestas idades são fundamentalmente competitivos
78. Os objetivos que formulo nestas idades são fundamentalmente recreativos
79. Realizo uma avaliação inicial dos jogadores no início da época
80. A partir dessa avaliação inicial realizo a programação
81. Avalio só no final da época
82. Os jogadores normalmente são assíduos aos treinos
83. No futuro, a minha intenção é treinar em escalões superiores

La dimensión arriba descrita corresponde a la preocupación con la organización, metodologías de entrenamiento, procedimientos adoptados y dinámica impuesta en el proceso de entrenamiento.

Tabla 10. Resumen de los ítems de la dimensión Necesidades de Formación.

Dimensão Necessidades de Formação
Em que conteúdos teria mais interesse em continuar a sua formação?
84. Técnica individual
85. Desenvolvimento das capacidades motoras
86. Segurança desportiva
87. Metodologias de ensino do futebol
88. Tática e sistemas de jogo
89. Regras do jogo
90. Gestão de equipas
91. Desenvolvimento profissional
92. Bases anatómicas e fisiológicas do desporto
93. Psicologia do desporto
94. Metodologia do treino desportivo
95. Fundamentos sociológicos do desporto
96. Organização e legislação desportiva
97. Direção e coordenação técnica
98. Primeiros socorros e higiene no desporto
99. Pedagogia do desporto
100. Ética desportiva
101. Aprendizagem e desenvolvimento motor
102. Observação e análise das habilidades desportivas
103. Nutrição desportiva
104. Didática do desporto
105. Promoção de valores no desporto
106. <i>Coaching</i> desportivo
107. Treino de guarda-redes
108. <i>Scouting</i> no futebol
Que estratégias escolheria para continuar a sua formação como treinador de futebol?
109. Conferências, congressos, jornadas, seminários
110. Cursos de curta ou média duração
111. Reflexão sobre a própria prática
112. Ver outros colegas a treinar
113. Leitura de livros ou revistas específicas de futebol
114. Leitura de livros ou revistas relacionadas com o treino desportivo
115. Grupos de trabalho entre treinadores de futebol
116. Visionamento e análise de jogos e treinos de futebol em vídeo
117. Cursos <i>e-Learning</i>
118. <i>Workshops</i> práticos
119. Congressos <i>on-line</i>

120. Formações de grau académico

121. Se a formação de grau académico é uma das estratégias escolhidas para continuar a sua formação, indique o grau académico que pretende.

La última dimensión es importante para identificar la disponibilidad para evolucionar en su formación y los contenidos que pueden despertar mayor interés entre estos entrenadores así como las estrategias preferenciales para hacerlo.

3.4. PROCESO DE VALIDACIÓN DEL CUESTIONARIO

Para que consigamos registrar una imagen verdaderamente precisa del entrenador, fue necesario desarrollar una herramienta de observación específica para este deporte y validarla (Brewer & Jones, 2002). Consideramos importante y necesario desarrollar un instrumento válido, fiable y vinculado al contexto para delinear y registrar la actuación del entrenador (Brewer & Jones, 2002). Precisamente, basándonos en Silverman y Subramanian (1999), Thomas y Nelson (2007) entre otros, consideramos que el cuestionario es una excelente herramienta para investigar sobre el entrenador de fútbol base, por tratarse de un instrumento de fácil aplicación que conlleva a su vez una pérdida de poco tiempo. Sin embargo, fue necesario poner atención a lo que indicaron Ortega, Calderón, Palao, y Puigcerver (2008), que en muchas ocasiones el cuestionario no registra realmente aquello que pretende medir, debido a una escasa rigurosidad científica, apuntando tanto al diseño, como principalmente a su validación. A pesar de ser un instrumento muy utilizado, son muy pocos los cuestionarios que se diseñan y validan siguiendo los procesos metodológicos adecuados (Burgos, 2006; Wiersma, 2001). Butragueño y Benito (2014) constataron que muchos expertos recomiendan el uso de instrumentos de medición válidos y confiables, pero muy pocos estudios han discutido la validación de instrumentos. Por este motivo, uno de los principales objetivos de esta investigación ha sido el diseño y validación de un cuestionario a través de un análisis cuantitativo y cualitativo (Ortega et al., 2018; García-Martín, Antúnez, & Ibáñez, 2016; Yagüe, Herrero, Tabernero, & Veroz, 2017), con el fin de obtener una herramienta válida y fiable que nos informe sobre la formación de los entrenadores de los clubes de la Asociación de Fútbol de Beja (Portugal). Los datos que serán recogidos con esta herramienta ayudarán a percibir mejor el proceso de formación de los entrenadores y su entrenamiento con los jóvenes futbolistas, y también nos ayudarán a hacer propuestas de formación futuras reales y útiles.

3.4.1. MATERIAL Y MÉTODO

El proceso de validación del cuestionario responde a un diseño de investigación mixto, concretamente denominado triangulación de datos, donde buscamos realizar una evaluación cuantitativa y cualitativa (Östlund, Kidd, Wengström, & Rowa-Dewar, 2011), ya que partimos de diferentes fuentes de datos con la finalidad de confrontar informaciones complementarias (Castañer, Camerino, & Anguera, 2013).

3.4.2. PARTICIPANTES

Para la validación de contenido se contó con un grupo homogéneo de 12 jueces-expertos (Robles, Robles, Giménez, & Abad, 2016; Maldonado, Pacheco, & Zamarripa, 2017; Yagüe et al., 2017), con la titulación de Doctor en ciencias de la actividad física y del deporte, a continuación se detalla brevemente los perfiles de cada uno de ellos (Tabla 11).

Tabla 11. Perfiles de cada juez-experto.

Experto 1	Profesor de Universidad, grado de doctor, especialista en formación deportiva de élite, experto en investigación cualitativa, experiencia en la formación de deportistas
Experto 2	Profesor de Universidad, grado de doctor, director de una escuela secundaria, especialista en didáctica del deporte, experto en investigación por cuestionario
Experto 3	Profesor de Universidad, grado de doctor, especialista en estadística, experto en investigación cuantitativa
Experto 4	Profesora de Universidad, grado de doctor, especialista en formación en los deportes colectivos, experta en investigación cuantitativa
Experto 5	Profesor de Universidad, grado de doctor, especialista en formación de profesores y entrenadores, experto en investigación cuantitativa
Experto 6	Profesor de Universidad, grado de doctor, especialista en fútbol, investigador de la Fundación Real Madrid, experto en investigación cuantitativa
Experto 7	Profesor de Universidad, grado de doctor, especialista en pedagogía del deporte, experto en investigación cuantitativa y utilización de cuestionarios
Experto 8	Profesor de Universidad, grado de doctor, especialista en fútbol, investigador de la Fundación Real Madrid, experto en investigación cuantitativa y utilización de cuestionarios
Experto 9	Profesor de Universidad, grado de doctor, especialista en metodologías de entrenamiento, experto en investigación cuantitativa, experiencia como coordinador de un club deportivo

Experto 10	ExProfesor Universitario, entrenador internacional de fútbol de alto nivel, especialista de alto rendimiento en fútbol, experiencia también como entrenador de fútbol de formación y como practicante de la modalidad
Experto 11	Profesor de Universidad, grado de doctor, especialista en análisis del juego en fútbol, experto en investigación cualitativa. Esperiencia como entrenador de fútbol de formación
Experto 12	Profesor de Universidad, grado de doctor, especialista en validación de cuestionarios, experto en investigación cuantitativa

3.4.3. INSTRUMENTO

Para el diseño del cuestionario nos basamos en el trabajo de Abad, Benito et al. (2011), que estudiaron el proceso de formación de los entrenadores de jóvenes futbolistas en España. A partir de este estudio, y teniendo en cuenta las características del fútbol en Portugal, se seleccionaron ocho dimensiones: “Características Sociodemográficas”, “Experiencia Deportiva”, “Aspectos Personales”, “Formación como Entrenador”, “Formación Continua”, “Concepción de enseñanza”, “Planificación y Programación” y “Necesidades de Formación”. En el siguiente paso, los investigadores seleccionaron aquellas preguntas que consideraron oportunas, adaptándolas al contexto en el que se encuadra el presente estudio (Brewer & Jones, 2002), eliminando las que se consideraron menos útiles y añadiendo nuevas preguntas. Para no dar lugar a una falta de comprensión o de entendimiento por parte de los entrenadores, se decidió redactar todas las preguntas de manera neutra, es decir, no se redactaron de forma positiva ni de forma negativa (Robles et al., 2016).

3.4.4. PROCEDIMIENTO

Una vez elaborado el cuestionario preliminar se procedió a la validación del mismo. Como se trata de evaluar a los entrenadores, se consideró el modelo de validación propuesto por Brewer y Jones (2002). También tuvimos en cuenta todas las recomendaciones de las fases de validación usadas por Butragueño y Benito (2014), pero adoptamos una validación centrada en tres fases (Simón, Fernández, & Contreras, 2017) distintas y concretas utilizando el método Delphi (Saldaña & García, 2013; Otero, González, & Calvo, 2012). En la primera fase de validación, que pretendió hacer una evaluación general del cuestionario con el fin de mejorar e identificar los vacíos en el instrumento de recogida de datos (Nuviala, Tamayo, Iranzo, & Falcón, 2008). A fin de facilitar esta tarea, se presentó un protocolo para la evaluación general del cuestionario

que evaluaba su presentación, las instrucciones para respuesta, la dificultad de respuesta, el orden de las preguntas y la extensión del cuestionario (Sierra, 2001). En una segunda fase también se han evaluado de forma general las dimensiones del cuestionario en cuanto a su pertinencia, redacción, claridad, comprensión y plenitud (Sierra, 2001). En la tercera fase de validación se diseñó una hoja de registro que se pasaría a los mismos jueces-expertos (Robles et al., 2016), en la cual se les pedía que valoraran mediante una escala Likert de tipo ordinal (Maldonado et al., 2017), en un rango de uno a seis. Según Osterlind (1989) el uso de la hoja de registro en donde se inserte toda la información de interés es un medio muy adecuado para definir cuidadosamente el constructo que quiere evaluarse. Se utilizó esta escala para evitar la tendencia a poner las respuestas en el valor central (Pereira, 2008), siendo el uno la puntuación más baja posible (*nada adecuada*) y el seis la puntuación más alta posible (*muy adecuada*). Se valoraron la pertinencia, el contenido y la redacción, de cada una de las preguntas del cuestionario (Butragueño & Benito, 2014). Además, se les proponía la oportunidad de realizar cualquier sugerencia a las preguntas (Almonacid-Fierro, Feu, & Vizuite, 2018), aportando cuestiones alternativas a las ya elaboradas o añadiendo cualquier otra que considerara oportuna.

3.4.5. VALIDEZ Y FIABILIDAD

Para determinar la validez de contenido del cuestionario y con el fin de objetivizar los resultados se procedió a realizar un análisis cuantitativo y otro cualitativo (Ortega et al., 2018) a partir de los datos obtenidos en las hojas de registros aportadas por los jueces-expertos (Latorre & Pantoja, 2012). Finalmente, para el análisis de la fiabilidad se aplicaron los cuestionarios a una muestra piloto de 20 entrenadores del distrito Beja – Portugal, escogidos al azar (Ortega et al., 2018), lo que permitió contextualizar el instrumento al entorno específico (Brewer & Jones, 2002). Con el objetivo de llevar a cabo el análisis de fiabilidad *test-retest* (Nevil, Lane, Kilgour, Bowes, & Whyte, 2001), cada entrenador fue sometido al cuestionario en dos ocasiones con un intervalo de tiempo, entre cada aplicación, de tres semanas para evitar cualquier posible efecto adverso de memoria (Lago, 2009). Los encuestados dieron su consentimiento y fueron informados sobre el objetivo del estudio y se les garantizó la confidencialidad de la información recogida bajo la directiva comunitaria 95/46/CE, relativa a la protección y tratamiento de los datos personales.

3.4.6. ANÁLISIS ESTADÍSTICO

En relación con el análisis cuantitativo, se calcularon la media, la desviación típica y el coeficiente de variación de cada pregunta, a través del programa SPSS (Statistical Package for Social Sciences) versión 23.0 para Windows. Además, se halló el coeficiente de validez de contenido *V de Aiken* (Aiken, 1985), estableciéndose el valor mínimo en 0.70 (Charter, 2003) con un intervalo de confianza del 99%, a través del programa Visual Basic 6.0., para Windows (Merino & Livia, 2009). Respecto al análisis cualitativo, se tomaron en cuenta todas las aportaciones de los distintos jueces-expertos en cada una de las preguntas. A partir de los resultados obtenidos en ambos análisis se establecieron unos criterios de exclusión o revisión para cada ítem utilizados por Robles et al. (2016).

3.4.7. CRITERIOS DE EXCLUSIÓN:

Primer criterio: que la pregunta obtenga una *V de Aiken* inferior a lo establecido en el intervalo de confianza (99%) y, posea un *coeficiente de variación* superior a un 25% en los parámetros de pertinencia y contenido evaluados por los expertos. Segundo criterio: que al menos dos jueces-expertos soliciten la exclusión de la pregunta. Tercer criterio: que un juez-experto solicite la exclusión de una pregunta y el grupo de investigación lo estime oportuno.

3.4.8. CRITERIOS DE REVISIÓN:

Primer criterio de revisión: que la pregunta obtenga una *V de Aiken* inferior a 0.7 o posea un *coeficiente de variación* superior al 20% en el parámetro de redacción evaluado por los expertos. Segundo criterio de revisión: que lo indique al menos uno de los jueces-expertos. Mediante la aplicación de estos criterios, sobre el cuestionario preliminar, se obtuvo el cuestionario definitivo.

Para el análisis estadístico de fiabilidad del cuestionario definitivo, se utilizó el coeficiente *Alpha de Cronbach* para evaluar la consistencia interna (Garrido, Zagalaz, Torres, & Romero, 2010; Checa & Bohórquez, 2018). La fiabilidad *test-retest* se analizó mediante el *coeficiente de correlación intraclase*, que mide el nivel de concordancia entre dos medidas y nos indica si el resultado de la media tiene estabilidad temporal (Butragueño & Benito, 2014; Robles et al., 2016).

3.4.9. RESULTADOS DEL PROCESO

3.4.9.1. ANÁLISIS CUANTITATIVO GENERAL

Teniendo en cuenta una primera evaluación global del cuestionario, no sometiendo a los criterios de exclusión y revisión los aspectos generales como presentación, instrucciones, dificultad, orden y extensión (Sierra, 2001), se observó que en el coeficiente *V de Aiken*, la extensión fue el aspecto con una valoración inferior a 0.7 por lo que se revisó esta cuestión. Sin embargo, no presentó un *coeficiente de variación* superior a un 25% en los distintos parámetros, lo que se considera positivo.

Tabla 12. Media, desviación típica, coeficiente de variación, *V de Aiken* e intervalo de confianza de los aspectos generales del cuestionario: presentación, instrucciones, dificultad, orden y extensión.

EVALUACIÓN GLOBAL				
ASPECTOS GENERALES	MEDIA D.T.	CV (%)	V AIKEN	IC (99%)
Presentación	4.75 ±0.45	9.52	0.938	0.787 – 0.984
Instrucciones	4.58 ±0.51	11.23	0.895	0.732 – 0.964
Dificultad	4.50 ±0.67	14.98	0.875	0.708 – 0.953
Orden	4.33 ±0.49	11.36	0.833	0.658 – 0.928
Extensión	4.67 ±0.49	10.55	0.500	0.327 – 0.673

Observando cada dimensión del cuestionario en particular y atendiendo al primer criterio de exclusión hay que señalar que ninguna dimensión fue eliminada, ya que todas obtuvieron valores en el coeficiente *V de Aiken* dentro de lo establecido en el intervalo de confianza (99%), además de no poseer un *coeficiente de variación* superior a un 25% en ninguno de los cinco parámetros evaluados por los expertos: pertinencia, redacción, claridad, comprensión y plenitud (Sierra, 2001).

Tabla 13. Media, desviación típica, coeficiente de variación, *V de Aiken* e intervalo de confianza de la pertinencia, redacción, claridad, comprensión y plenitud de cada dimensión.

ANÁLISIS POR DIMENSION				
Pertinencia				
Dimensión	MEDIA D.T.	CV (%)	V AIKEN	IC (99%)
D1.	4.92 ±0.29	5.87	0.980	0.848 – 0.998
D2.	4.75 ±0.45	9.52	0.938	0.787 – 0.984
D3.	4.75 ±0.45	9.52	0.938	0.787 – 0.984
D4.	4.92 ±0.29	5.87	0.980	0.848 – 0.998
D5.	4.92 ±0.29	5.87	0.980	0.848 – 0.998
D6.	4.83 ±0.39	8.05	0.958	0.814 – 0.991
D7.	4.83 ±0.39	8.05	0.958	0.814 – 0.991
D8.	4.92 ±0.29	5.87	0.980	0.848 – 0.998

Redacción				
Dim.	MEDIA D.T.	CV (%)	V AIKEN	IC (99%)
D1.	5.00 ±0.00	0.00	1.000	0.881 – 1.000
D2.	4.75 ±0.45	9.52	0.938	0.787 – 0.984
D3.	4.67 ±0.49	10.55	0.918	0.760 – 0.975
D4.	4.92 ±0.29	5.87	0.980	0.848 – 0.998
D5.	4.83 ±0.39	8.05	0.958	0.814 – 0.991
D6.	4.83 ±0.39	8.05	0.958	0.814 – 0.991
D7.	4.92 ±0.29	5.87	0.980	0.848 – 0.998
D8.	4.92 ±0.29	5.87	0.980	0.848 – 0.998
Claridad				
Dim.	MEDIA D.T.	CV (%)	V AIKEN	IC (99%)
D1.	4.92 ±0.29	5.87	0.980	0.848 - 0.998
D2.	4.83 ±0.39	8.05	0.958	0.814 - 0.991
D3.	4.75 ±0.45	9.52	0.938	0.787 - 0.984
D4.	4.92 ±0.29	5.87	0.980	0.848 - 0.998
D5.	4.92 ±0.29	5.87	0.980	0.848 - 0.998
D6.	4.92 ±0.29	5.87	0.980	0.848 - 0.998
D7.	4.75 ±0.45	9.52	0.938	0.787 - 0.984
D8.	4.92 ±0.29	5.87	0.980	0.848 - 0.998
Comprensión				
Dim.	MEDIO D.T.	CV (%)	V AIKEN	IC (99%)
D1.	5.00 ±0.00	0.00	1.000	0.881 - 1.000
D2.	4.75 ±0.45	9.52	0.938	0.787 - 0.984
D3.	4.67 ±0.49	10.55	0.918	0.760 - 0.975
D4.	4.75 ±0.45	9.52	0.938	0.787 - 0.984
D5.	4.67 ±0.49	10.55	0.918	0.760 - 0.975
D6.	4.50 ±0.67	14.98	0.875	0.708 - 0.953
D7.	4.58 ±0.67	14.59	0.895	0.732 - 0.964
D8.	4.83 ±0.39	8.05	0.958	0.814 - 0.991
Plenitud				
Dim.	MEDIA D.T.	CV (%)	V AIKEN	IC (99%)
D1.	4.58 ±0.51	11.23	0.895	0.732 - 0.964
D2.	4.25 ±0.87	20.38	0.813	0.635 - 0.915
D3.	4.42 ±0.51	11.66	0.855	0.684 - 0.941
D4.	4.50 ±0.52	11.61	0.875	0.708 - 0.953
D5.	4.42 ±0.51	11.66	0.855	0.684 - 0.941
D6.	4.42 ±0.51	11.66	0.855	0.684 - 0.941
D7.	4.42 ±0.51	11.66	0.855	0.684 - 0.941
D8.	4.42 ±0.51	11.66	0.855	0.684 - 0.941

3.4.9.2. ANÁLISIS CUANTITATIVO ESPECÍFICO

Contemplando cada pregunta de forma específica y atendiendo al primer criterio de exclusión se verifica que ninguna pregunta fue eliminada, ya que todas obtuvieron valores en el coeficiente *V de Aiken* dentro de lo establecido en el intervalo de confianza (99%), además de no poseer un *coeficiente de variación* superior a un 25% en los parámetros de pertinencia y contenido evaluados por los expertos. Podemos sólo destacar que las preguntas 43 y 44 se encuentran en un límite aceptable con 25.85%.

Tabla 14. Media, desviación típica, coeficiente de variación, *V de Aiken* e intervalo de confianza de la pertinencia de cada pregunta.

Preg.	PERTINENCIA			
	MEDIA ±DT	CV (%)	V AIKEN	IC (99%)
p1	5.83 ±0.58	9.90	0.966	0.848 - 0.993
p2	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p3	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p4	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p5	5.75 ±0.62	10.81	0.950	0.825 - 0.987
p6	5.83 ±0.58	9.90	0.966	0.848 - 0.993
p7	5.75 ±0.87	15.06	0.950	0.825 - 0.987
p8	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p9	5.83 ±0.39	6.67	0.966	0.848 - 0.993
p10	5.67 ±0.89	15.66	0.934	0.803 - 0.980
p11	5.67 ±0.89	15.66	0.934	0.803 - 0.980
p12	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p13	5.75 ±0.62	10.81	0.950	0.825 - 0.987
p14	5.83 ±0.39	6.67	0.966	0.848 - 0.993
p15	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p16	5.83 ±0.58	9.90	0.966	0.848 - 0.993
p17	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p18	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p19	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p20	5.75 ±0.87	15.06	0.950	0.825 - 0.987
p21	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p22	5.67 ±1.15	20.38	0.934	0.803 - 0.980
p23	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p24	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p25	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p26	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p27	5.83 ±0.58	9.90	0.966	0.848 - 0.993
p28	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p29	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p30	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p31	5.83 ±0.58	9.90	0.966	0.848 - 0.993
p32	5.75 ±0.87	15.06	0.950	0.825 - 0.987
p33	5.75 ±0.87	15.06	0.950	0.825 - 0.987
p34	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p35	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p36	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p37	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p38	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p39	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p40	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p41	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p42	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p43	5.58 ±1.44	25.85	0.916	0.780 - 0.971
p44	5.58 ±1.44	25.85	0.916	0.780 - 0.971
p45	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p46	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p47	5.67 ±1.15	20.38	0.934	0.803 - 0.980
p48	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p49	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p50	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p51	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p52	5.83 ±0.58	9.90	0.966	0.848 - 0.993
p53	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998

p54	5.83 ±0.58	9.90	0.966	0.848 - 0.993
p55	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p56	5.75 ±0.87	15.06	0.950	0.825 - 0.987
p57	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p58	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p59	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p60	5.83 ±0.58	9.90	0.966	0.848 - 0.993
p61	5.83 ±0.58	9.90	0.966	0.848 - 0.993
p62	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p63	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p64	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p65	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p66	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p67	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p68	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p69	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p70	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p71	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p72	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p73	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p74	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p75	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p76	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p77	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p78	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p79	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p80	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p81	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p82	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p83	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p84	5.83 ±0.58	9.90	0.966	0.848 - 0.993
p85	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p86	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p87	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p88	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p89	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p90	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p91	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p92	5.83 ±0.58	9.90	0.966	0.848 - 0.993
p93	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p94	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p95	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p96	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p97	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p98	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p99	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p100	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p101	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p102	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p103	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p104	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p105	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p106	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p107	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p108	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p109	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p110	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p111	5.83 ±0.58	9.90	0.966	0.848 - 0.993

p112	6.00 $\pm$ 0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p113	5.92 $\pm$ 0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p114	5.92 $\pm$ 0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p115	5.92 $\pm$ 0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p116	6.00 $\pm$ 0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p117	5.75 $\pm$ 0.87	15.06	0.950	0.825 - 0.987

Considerando el parámetro de la pertinencia (tabla 14), en relación con la revisión de las preguntas y teniendo en cuenta el primer criterio, se destaca que a pesar de que se obtuvieron valores del coeficiente *V de Aiken* por encima de 0.7, algunas de las preguntas presentaron un *coeficiente de variación* por encima del 20%, por lo que pasaron a revisión un total de cuatro preguntas: las preguntas 22, 43 y 44 de la dimensión formación como entrenador, y la pregunta 47 de la dimensión formación continua.

Tabla 15. Media, desviación típica, coeficiente de variación, *V de Aiken* e intervalo de confianza del contenido de cada pregunta.

CONTENIDO				
Preg.	MEDIA $\pm$ DT	CV (%)	V AIKEN	IC (99%)
p1	6.00 $\pm$ 0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p2	6.00 $\pm$ 0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p3	5.67 $\pm$ 0.89	15.66	0.934	0.803 - 0.980
p4	6.00 $\pm$ 0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p5	5.83 $\pm$ 0.58	9.90	0.966	0.848 - 0.993
p6	5.83 $\pm$ 0.39	6.67	0.966	0.848 - 0.993
p7	5.83 $\pm$ 0.39	6.67	0.966	0.848 - 0.993
p8	5.75 $\pm$ 0.45	7.87	0.950	0.825 - 0.987
p9	5.83 $\pm$ 0.39	6.67	0.966	0.848 - 0.993
p10	5.75 $\pm$ 0.62	10.81	0.950	0.825 - 0.987
p11	5.67 $\pm$ 0.89	15.66	0.934	0.803 - 0.980
p12	6.00 $\pm$ 0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p13	6.00 $\pm$ 0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p14	6.00 $\pm$ 0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p15	6.00 $\pm$ 0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p16	6.00 $\pm$ 0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p17	5.92 $\pm$ 0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p18	5.92 $\pm$ 0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p19	5.92 $\pm$ 0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p20	5.92 $\pm$ 0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p21	5.92 $\pm$ 0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p22	5.92 $\pm$ 0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p23	5.83 $\pm$ 0.58	9.90	0.966	0.848 - 0.993
p24	5.92 $\pm$ 0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p25	5.92 $\pm$ 0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p26	5.92 $\pm$ 0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p27	5.92 $\pm$ 0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p28	5.92 $\pm$ 0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p29	5.92 $\pm$ 0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p30	5.92 $\pm$ 0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p31	5.83 $\pm$ 0.58	9.90	0.966	0.848 - 0.993
p32	5.92 $\pm$ 0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p33	5.92 $\pm$ 0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998

p34	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p35	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p36	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p37	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p38	5.83 ±0.58	9.90	0.966	0.848 - 0.993
p39	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p40	5.83 ±0.58	9.90	0.966	0.848 - 0.993
p41	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p42	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p43	5.58 ±1.44	25.85	0.916	0.780 - 0.971
p44	5.58 ±1.44	25.85	0.916	0.780 - 0.971
p45	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p46	5.83 ±0.58	9.90	0.966	0.848 - 0.993
p47	5.67 ±1.15	20.38	0.934	0.803 - 0.980
p48	5.58 ±1.16	20.86	0.900	0.759 - 0.963
p49	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p50	5.83 ±0.39	6.67	0.966	0.848 - 0.993
p51	5.83 ±0.58	9.90	0.966	0.848 - 0.993
p52	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p53	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p54	5.83 ±0.58	9.90	0.966	0.848 - 0.993
p55	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p56	5.75 ±0.87	15.06	0.950	0.825 - 0.987
p57	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p58	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p59	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p60	5.83 ±0.58	9.90	0.966	0.848 - 0.993
p61	5.83 ±0.58	9.90	0.966	0.848 - 0.993
p62	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p63	5.50 ±1.00	18.18	0.900	0.759 - 0.963
p64	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p65	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p66	5.75 ±0.87	15.06	0.950	0.825 - 0.987
p67	5.75 ±0.87	15.06	0.950	0.825 - 0.987
p68	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p69	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p70	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p71	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p72	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p73	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p74	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p75	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p76	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p77	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p78	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p79	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p80	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p81	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p82	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p83	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p84	5.75 ±0.62	10.81	0.950	0.825 - 0.987
p85	5.67 ±1.15	20.38	0.934	0.803 - 0.980
p86	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p87	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p88	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p89	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p90	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p91	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998

p92	5.83 ±0.58	9.90	0.966	0.848 - 0.993
p93	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p94	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p95	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p96	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p97	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p98	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p99	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p100	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p101	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p102	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p103	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p104	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p105	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p106	5.83 ±0.39	6.67	0.966	0.848 - 0.993
p107	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p108	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p109	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p110	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p111	5.83 ±0.58	9.90	0.966	0.848 - 0.993
p112	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p113	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p114	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p115	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p116	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p117	5.75 ±0.87	15.06	0.950	0.825 - 0.987

Teniendo en cuenta el parámetro del contenido (tabla 15), en relación con la revisión de las preguntas y atendiendo al primer criterio, hay que destacar que a pesar de que se obtuvieron valores del coeficiente *V de Aiken* por encima de 0.7, algunas de las preguntas presentaron un *coeficiente de variación* por encima del 20%, por lo que pasaron a revisión un total de cinco preguntas: las preguntas 43, 44 de la dimensión formación como entrenador, las cuestiones 47, 48 de la dimensión formación continua y la pregunta 85 de la dimensión necesidades de formación.

Tabla 16. Media, desviación típica, coeficiente de variación, *V de Aiken* e intervalo de confianza de redacción de las preguntas de cada pregunta.

Preg.	REDACCIÓN			
	MEDIA D.T.	CV (%)	V AIKEN	IC (99%)
p1	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 – 1.000
p2	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 – 1.000
p3	5.67 ±0.89	15.66	0.934	0.803 - 0.980
p4	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p5	5.75 ±0.62	10.81	0.950	0.825 - 0.987
p6	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p7	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p8	5.83 ±0.39	6.67	0.966	0.848 - 0.993
p9	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p10	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p11	5.67 ±0.89	15.66	0.934	0.803 - 0.980
p12	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p13	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000

p14	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p15	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p16	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p17	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p18	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p19	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p20	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p21	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p22	5.75 ±0.62	10.81	0.950	0.825 - 0.987
p23	5.75 ±0.87	15.06	0.950	0.825 - 0.987
p24	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p25	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p26	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p27	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p28	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p29	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p30	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p31	5.75 ±0.87	15.06	0.950	0.825 - 0.987
p32	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p33	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p34	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p35	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p36	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p37	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p38	5.83 ±0.58	9.90	0.966	0.848 - 0.993
p39	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p40	5.83 ±0.58	9.90	0.966	0.848 - 0.993
p41	5.83 ±0.58	9.90	0.966	0.848 - 0.993
p42	5.83 ±0.58	9.90	0.966	0.848 - 0.993
p43	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p44	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p45	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p46	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p47	5.58 ±1.44	25.85	0.916	0.780 - 0.971
p48	5.50 ±1.45	26.29	0.900	0.759 - 0.963
p49	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p50	5.83 ±0.39	6.67	0.966	0.848 - 0.993
p51	5.58 ±1.00	17.84	0.916	0.780 - 0.971
p52	5.83 ±0.58	9.90	0.966	0.848 - 0.993
p53	5.58 ±1.00	17.84	0.916	0.780 - 0.971
p54	5.75 ±0.87	15.06	0.950	0.825 - 0.987
p55	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p56	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p57	5.83 ±0.58	9.90	0.966	0.848 - 0.993
p58	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p59	5.83 ±0.39	6.67	0.966	0.848 - 0.993
p60	5.75 ±0.87	15.06	0.950	0.825 - 0.987
p61	5.75 ±0.87	15.06	0.950	0.825 - 0.987
p62	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p63	5.42 ±1.00	18.39	0.884	0.740 - 0.953
p64	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p65	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p66	5.67 ±1.15	20.38	0.934	0.803 - 0.980
p67	5.67 ±1.15	20.38	0.934	0.803 - 0.980
p68	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p69	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p70	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p71	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998

p72	5.50 ±1.45	26.29	0.900	0.759 - 0.963
p73	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p74	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p75	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p76	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p77	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p78	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p79	5.83 ±0.58	9.90	0.966	0.848 - 0.993
p80	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p81	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p82	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p83	5.58 ±1.44	25.85	0.916	0.780 - 0.971
p84	5.67 ±1.15	20.38	0.934	0.803 - 0.980
p85	5.58 ±1.44	25.85	0.916	0.780 - 0.971
p86	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p87	5.83 ±0.58	9.90	0.966	0.848 - 0.993
p88	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p89	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p90	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p91	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p92	5.83 ±0.58	9.90	0.966	0.848 - 0.993
p93	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p94	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p95	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p96	5.83 ±0.58	9.90	0.966	0.848 - 0.993
p97	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p98	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p99	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p100	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p101	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p102	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p103	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p104	5.83 ±0.58	9.90	0.966	0.848 - 0.993
p105	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p106	5.58 ±1.16	20.86	0.916	0.780 - 0.971
p107	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p108	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p109	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p110	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998
p111	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p112	6.00 ±0.00	0.00	1.000	0.902 - 1.000
p113	5.75 ±0.87	15.06	0.950	0.825 - 0.987
p114	5.75 ±0.87	15.06	0.950	0.825 - 0.987
p115	5.75 ±0.87	15.06	0.950	0.825 - 0.987
p116	5.83 ±0.58	9.90	0.966	0.848 - 0.993
p117	5.92 ±0.29	4.88	0.984	0.875 - 0.998

Considerando el parámetro de redacción (tabla 16), en relación con la revisión de las preguntas y teniendo en cuenta el primer criterio, hay que señalar que a pesar de que se obtuvieron valores del coeficiente *V de Aiken* por encima de 0.7, algunos de los ítems presentaron un *coeficiente de variación* por encima del 20%, por lo que pasaron a revisión un total de nueve cuestiones: las preguntas 47 y 48 de la dimensión formación continua, las cuestiones 66, 67, 72, 83 y 84 de la dimensión planificación y programación, y los ítems 85 y 106 de la dimensión necesidades de formación.

3.4.10. ANÁLISIS CUALITATIVO GENERAL

Atendiendo al segundo y tercer criterio de exclusión se observa que ninguna pregunta fue eliminada del cuestionario preliminar. Respecto a la revisión general del cuestionario y sus dimensiones, teniendo en cuenta el segundo criterio expuesto, se revisaron las dimensiones Experiencia Deportiva, Formación Continua y Necesidades de Formación. Las propuestas de modificaciones se detallan en la tabla 17, así como los expertos que lo indican. Además, se señalaron en el cuestionario las dimensiones en las que dividen los ítems tal como fue sugerido por los jueces-expertos.

Tabla 17. Primera fase de validación, análisis cualitativo general por dimensión.

Dimensión	Valoración cualitativa	Expertos
D 5 y 8	Hay otras maneras de mejorar la formación continua y necesidades de formación de entrenadores. Deberían añadir más alternativas, o dejar espacio para incluir otras alternativas	Experto 11
D 2	No se incluyen todas las alternativas posibles en las respuestas contempladas. Puede que nunca han jugado al fútbol!	Experto 5
Sugerencias	Sugiere una reflexión sobre la escala utilizada en algunas de las aseveraciones del cuestionario.	Experto 3
Sugerencias	Creo que sería conveniente señalar en el cuestionario las dimensiones en las que dividen los ítems, para que el entrevistado conozca qué es lo que se quiere estudiar exactamente en cada grupo de preguntas.	Experto 1

3.4.11. ANÁLISIS CUALITATIVO ESPECÍFICO

Teniendo en cuenta el tercer criterio de exclusión, una de las opciones de respuesta de la pregunta tres de la dimensión Características Sociodemográficas fue retirada, ya que un juez-experto lo solicitó y el grupo de investigación lo estimó oportuno. Dichas modificaciones se detallan en la tabla 18, así como los expertos que lo indican.

Tabla 18. Valoración cualitativa de la dimensión Características Sociodemográficas.

Pregunta	Valoración cualitativa	Expertos
P3	¿Por qué la opción doméstico? Se podría retirar!	Experto 2

Atendiendo al segundo criterio de revisión y, con las sugerencias de los jueces-expertos en la dimensión Experiencia Deportiva se modificaron las preguntas 6, 7, 9 y 23. Dichas modificaciones se detallan en la tabla 19 así como los expertos que lo indican. Por consecuencia se ha añadido una nueva opción de respuesta en las preguntas 6 y 23 a partir de las sugerencias aportadas.

Tabla 19. Valoración cualitativa de la dimensión Experiencia Deportiva.

Pregunta	Valoración cualitativa	Expertos
P 6	Pondría otro rango de edad de 12-14 y después 15-18 años	Experto 2
P7	Daría la opción de marcar más de una respuesta, ya que, puede ser que una persona esté dirigiendo a equipos de distintas categorías.	Experto 1
P 9	Si en la pregunta 9 responde "NO", ¿tiene que contestar la 10, 11...?Creo que se puede poner si contesta no, pasa a la pregunta....	Experto 4
P 11 y 23	El hecho de presentar intervalos disminuye la sensibilidad de los análisis posteriores que se pueden hacer sobre esta cuestión. Sugiero que cada encuestado registre únicamente el valor absoluto de años como federado y cualquier consecuente categorización debe derivar posteriormente de los propios datos globales.	Experto 11

Siguiendo el segundo criterio de revisión, en la dimensión Aspectos Personales se modificó la pregunta ocho. Dichas modificaciones se detallan en la tabla 20 así como los expertos que lo indican. Por consecuencia se ha añadido una nueva opción de respuesta en la pregunta ocho a partir de las sugerencias aportadas. Por otra parte se ha añadido una nueva pregunta relacionada con la modificación anterior: ¿Qué otra razón?

Tabla 20. Valoración cualitativa de la dimensión Aspectos Personales.

Pregunta	Valoración cualitativa	Expertos
P 8	Pondría la categoría: otra	Experto 2
Sugerencias	A la pregunta: ¿Qué importancia cree que tiene cada uno de los siguientes aspectos en relación con la labor del entrenador de fútbol base? Se debe Añadir la opción: Tener formación pedagógica;	Experto 5

Basándonos en el tercer criterio de exclusión, las preguntas 43 y 44 de la dimensión Formación como Entrenador fueron retiradas ya que un juez-experto lo solicitó y el grupo de investigación lo estimó oportuno. Dicha modificación se detallan en la tabla 21 así como el experto que lo indica. Por otra parte se ha dividido en dos grupos de cuestiones: la formación general y la formación específica, a partir de las sugerencias aportadas.

Tabla 21. Valoración cualitativa de la dimensión Formación como Entrenador.

Pregunta	Valoración cualitativa	Expertos
P 43 y 44	Creo que esta dualidad entre teoría y práctica no tiene sentido. No capta las necesidades reales de formación de entrenadores.	Experto 11
Sugerencias	Cuidado con la expresión "formación general", porque me confundí con el elemento de formación general que los cursos tienen ahora. Si es así, no habría técnico/táctica y otros. Deberías reformular.	Experto 11

Con base al segundo criterio de revisión, se modificaron las preguntas 51 y 53 en la dimensión Formación Continua. Dichas modificaciones se detallan en la tabla 22 así como los expertos que lo indican.

Tabla 22. Valoración cualitativa de la dimensión Formación Continua.

Pregunta	Valoración cualitativa	Expertos
P 48	Corto o medio plazo es demasiado abstracto. Es necesario especificar la duración para llegar a ser más objetiva.	Experto 11
P 51	Propongo excluir a los monitores y mantener sólo los entrenadores, para no crear confusión a los encuestados.	Experto 11
P 53	No se accede al conocimiento, se accede a la información. El conocimiento implica un proceso activo de construcción de los individuos. Sugiero reformulación.	Experto 11

En la dimensión Concepción de Enseñanza se modificó la pregunta 59, retirando la palabra "enseñar", sustituyéndola por “transmitir valores”. Dicha modificación se detalla en la tabla 23 así como el experto que lo indica.

Tabla 23. Valoración cualitativa de la dimensión Concepción de enseñanza.

Pregunta	Valoración cualitativa	Expertos
P 59	retiraba "enseñar" y pondría transmitir valores (los valores se transmiten)	Experto 2
P 63	Repiensa el término "psicoevolutivas"	Experto 2
P63	Tengo dudas sobre la claridad de la pregunta. Creo que no todos los encuestados tienen claro cuáles son las características psicoevolutivas. ¿Hay alguna manera de aumentar la objetividad de la pregunta?	Experto 11

En la dimensión Planificación y Programación se cambiaron las preguntas 66, 67, 72, 83 y 84. Dichas modificaciones se detallan en la tabla 24 así como los expertos que lo indican.

Tabla 24. Valoración cualitativa de la dimensión Planificación y Programación.

Pregunta	Valoración cualitativa	Expertos
P66	Sugiero: “Suelo programar el trabajo a implementar en ciclos mensuales de entrenamiento / competición.”	Experto 11
P67	Sugiero: “Suelo programar el trabajo a implementar en cada semana.”	Experto 11
P72	Sugiero: “Es fácil para mí para motivar a mis jugadores.”	Experto 11
P 83	¿Lo que es asistir “normalmente” a los entrenamientos? Sugiero reformulación.	Experto 11
P84	Sugiero: “En el futuro, mi intención es entrenar a niveles superiores.”	Experto 11

En la dimensión Necesidades de Formación se reestructuraron las preguntas 85 y 86. Dichas modificaciones se detallan en la tabla 25 así como los expertos que lo indican. Por otra parte se ha añadido cinco nuevos ítems con base en las sugerencias aportadas:

promoción de valores deportivos, coaching deportivo, entrenamiento de porteros, *scouting* en el fútbol y didáctica del deporte.

Tabla 25. Valoración cualitativa de la dimensión Necesidades de Formación.

Pregunta	Valoración cualitativa	Expertos
P 85	Subdivide la cuestión en individual y colectiva, se quedarían dos opciones distintas	Experto 5
P 85	No entiendo lo que es técnica colectiva.	Experto 11
P 86	Sugiero reformular el término preparación física.	Experto 2
P 106	Que es corta o media duración?	Experto 11
Sugerencias	¿En qué contenidos tendría más interés en continuar su formación?: Aquí añadiría un ítem: Promoción / reconocimiento de valores deportivos.	Experto 1

Al final del análisis cualitativo por parte de los expertos se reformularon todos los aspectos de redacción y de organización del cuestionario. Por otra parte se retiró una opción de respuesta, se añadieron otras dos opciones de respuesta, se añadió también una pregunta y cuatro ítems. Una vez realizados los análisis correspondientes para la validación del cuestionario se procedió al análisis estadístico para determinar la fiabilidad del mismo. La consistencia interna global del cuestionario a través del *Alfa de Cronbach* fue de 0.915. Para comprobar la fiabilidad *test-retest* se administró el cuestionario a un grupo de entrenadores de fútbol de formación (n=20) con un intervalo de tiempo de tres semanas, resultando un *coeficiente correlación intraclase* de 0.890 ($p<0.01$).

3.4.12. DISCUSIÓN DEL PROCESO DE VALIDACIÓN

Los resultados obtenidos apoyan la validez y fiabilidad del cuestionario como instrumento adecuado para el estudio de la formación de los entrenadores de fútbol base. En este sentido, reforzamos la utilización del cuestionario como instrumento de investigación, otorgando una excelente herramienta para que podamos investigar sobre el entrenador (Ortega, Calderón et al., 2008). Por otra parte, como han señalado Thomas y Nelson (2007), el cuestionario también resultó un instrumento de fácil aplicación en la muestra piloto para el análisis de fiabilidad y que conllevó, a su vez, cerca 20 minutos de respuesta, lo que representa una pérdida de poco tiempo para la recogida de información.

En la validación de contenido del cuestionario con un análisis cuantitativo y cualitativo fue importante adecuar el perfil de los jueces-expertos a la materia de estudio, como refiere Juan-Llamas (2015). Participó un grupo multidisciplinar de 12 sujetos, siendo un número aceptable para la validación del instrumento según Ortega, Jiménez, et al., (2008). No obstante, en cuanto al número de jueces-expertos, existe controversia, ya que no hay datos significativos en los que se indique concretamente cuál puede ser el número adecuado de jueces (Escrura, 1988). Sin embargo, la mayoría de los autores indican un mínimo de 10 jueces expertos por panel (Dunn, Bouffard, & Rogers, 1999).

El proceso de validación, en una primera fase general para evaluar la presentación, instrucciones, dificultad, orden y extensión del cuestionario, resultó muy adecuado para cuantificar aspectos cualitativos de la herramienta elaborada (Sierra, 2001). En esta validación general sólo la extensión de cuestionario obtuvo una puntuación menos positiva (*V Aiken* de 0.5) hecho que se tuvo en cuenta intentando recabar toda la información pertinente. En la segunda fase, más específica, para validar primero cada dimensión del cuestionario, todas las dimensiones obtuvieron valores de *V Aiken* muy positivos en todas las categorías de valoración: pertinencia, redacción, claridad, comprensión y plenitud, con valores claramente superiores a los exigidos (Penfield & Giacobbi, 2004). Por último, en una tercera fase de validación se llevó a cabo un análisis más profundo, donde se analizó individualmente cada uno de los 117 ítems del cuestionario (Abad, Giménez et al., 2011). Con estos tres niveles de validación se pretendió garantizar que el cuestionario registre efectivamente aquello que pretende medir, buscando que tanto el diseño como su validación tengan una fuerte rigurosidad científica (Ortega, Calderón et al., 2008). Contribuyendo a contrarrestar la existencia de escasos estudios que hayan discutido la validación de instrumentos, como mencionado por Butragueño y Benito (2014) reforzando que la validez y fiabilidad son dos de los criterios más importantes que se relacionan directamente con el desarrollo de un cuestionario.

Los resultados obtenidos del análisis cuantitativo muestran que todas las preguntas alcanzaron un coeficiente *V de Aiken* por encima del estándar mínimo más exigente de 0.70 (Charter, 2003; Penfield & Giacobbi, 2004). Mostraron, además, valores dentro del intervalo de confianza teniendo en cuenta un margen de error con un nivel del 99%, lo que nos permite comprobar que la magnitud obtenida del coeficiente *V de Aiken* fue superior a la establecida como mínimamente aceptable (Merino & Livia, 2009). A pesar

de que cada pregunta obtuvo valores aceptables respecto al promedio (Bulger & Housner, 2007), solamente siete ítems mostraron un coeficiente de variación ligeramente superior al establecido (25%). No obstante, cuando se aplicó el primer criterio de exclusión no se eliminó ninguna pregunta. Por otra parte, se detectaron nueve ítems que mostraron un *coeficiente de variación* superior al 20% en el parámetro de redacción, por lo que fueron revisados, criterio también contemplado en otros estudios sobre validación de un instrumento de medida (Gómez-Carmona, Cervera, & Benito, 2014).

Respecto al análisis cualitativo, hay que señalar que las aportaciones realizadas por los jueces-expertos son indispensables en el desarrollo de un instrumento (Bulger & Housner, 2007), además de considerarse un elemento esencial para proporcionar evidencias teóricas de validez (Rubio, Berg-Weger, Tebb, Lee, & Rauch, 2003). Estas aportaciones permitieron ajustar tanto el contenido como la redacción de las preguntas (Wiersema, 2001; Ortega, Calderón et al., 2008). La gran mayoría de las aportaciones realizadas se centraron en aspectos morfosintácticos, lo que permitió definir cuidadosamente la pregunta que se pretendía evaluar (Osterlind, 1989). Una de las aportaciones más importante hacía referencia a señalar directamente en el cuestionario las dimensiones del mismo, como se hizo en otras investigaciones (Ortega et al., 2018). Esta pertinente sugerencia hizo que se reorganizara el orden y numeración del cuestionario definitivo. Por otra parte, los expertos sugirieron la incorporación de nuevas preguntas al cuestionario, lo que ya había ocurrido en otros estudios similares (Robles et al., 2016). Atendiendo a los criterios de exclusión y revisión se eliminaron tres opciones de respuesta, una en la dimensión Características Sociodemográficas, y dos en la dimensión Formación como Entrenador. Por otra parte, se han incluido tres opciones de respuesta, dos en la dimensión Experiencia Deportiva, y una en la dimensión Aspectos Personales. También se han añadido cinco nuevos ítems para la valoración de la dimensión Necesidades Formativas. En total fueron reformuladas tres preguntas y un total de dieciséis ítems, dos ítems en la dimensión Experiencia Deportiva, dos ítems en la dimensión Formación Continua, dos ítems en la dimensión Concepción de Enseñanza, cinco ítems en la dimensión Planificación y Programación, y más cinco ítems en la dimensión Necesidades Formativas.

Teniendo en cuenta ambos análisis cuantitativo y cualitativo, se han revisado todos los ítems modificándose 23 de ellos. El cuestionario preliminar estaba constituido por 117

ítems, tras los pertinentes cambios quedó finalmente formado por 121 ítems estructurados del siguiente modo: dimensión Características Sociodemográficas (5 ítems), dimensión Experiencia Deportiva (6 ítems), dimensión Aspectos Personales (12 ítems), dimensión Formación como Entrenador (21 ítems), dimensión Formación Continua (9 ítems) y dimensión Concepción de Enseñanza (10 ítems), dimensión Planificación e Programación (20 ítems) y dimensión Necesidades de Formación (38 ítems). El cuestionario definitivo mostró tener una excelente consistencia interna global ($\alpha = 0.915$), considerando el cuestionario, de medición excelente (George & Mallery, 1995). Los resultados en el *coeficiente de correlación intraclass* (CCI 0.890) muestran una alta fiabilidad *test-retest* (Butragueño & Benito, 2014).

Muchos de los estudios publicados en torno al proceso de formación de los entrenadores se han centrado en estudiar cómo los entrenadores de elite han llegado al nivel experto, pero muy pocos trabajos se han centrado en investigar el proceso seguido por los entrenadores de recreación o de niveles de formación para el rendimiento (Feu & Cañadas, 2015 citando Lemyre, Trudel, & Durand-Bush, 2007). En este sentido, los trabajos relacionados con esta temática son por tanto necesarios para que los resultados obtenidos sean discutibles y comparables.

3.4.13. CONSIDERACIONES FINALES DEL PROCESO DE VALIDACIÓN

El objetivo de este proceso fue diseñar y validar un cuestionario para su aplicación en los clubes de la Asociación de Fútbol de Beja (Portugal). En este sentido, se ha obtenido un instrumento que muestra indicadores psicométricos suficientes para ser considerado válido y fiable para ser utilizado en el estudio y análisis de la formación de los entrenadores. Con el diseño y la validación de este cuestionario, los investigadores y los responsables de la formación de los entrenadores, a partir de ahora, cuentan con un instrumento útil y práctico para estudiar la formación de entrenadores de fútbol base.

Por otra parte, consideramos como puntos fuertes, el haber contado para la validación del cuestionario con un grupo multidisciplinar con consolidada experiencia en el ámbito de la investigación y del entrenamiento deportivo. Entendemos que la principal dificultad de este proceso se relaciona con el momento del *retest* del cuestionario y las diligencias necesarias para que las condiciones y disponibilidad de respuesta sean las

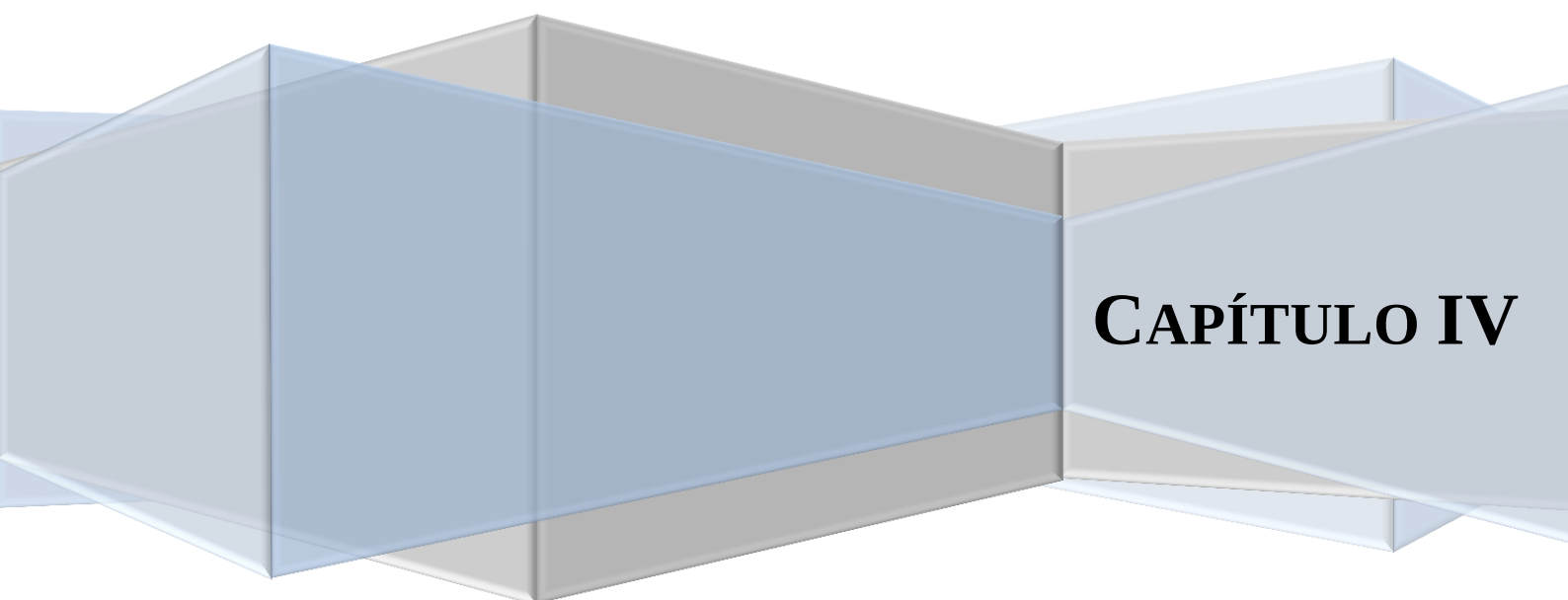
mismas en comparación con el primer momento de contacto con el cuestionario, con el objetivo de que la muestra piloto pueda responder con el mismo rigor y en tiempo útil.

Creemos que en futuras investigaciones el presente cuestionario podrá ser utilizado para estudiar el panorama de los entrenadores en todo Portugal con el fin de conocer los aspectos que caracterizan a los entrenadores de jóvenes y su intervención. Para ello es imprescindible contar con instrumentos que permitan entender y analizar mejor la formación del entrenador de jóvenes.

4. RESULTADOS PROCEDENTES DEL CUESTIONARIO

4.1.RESULTADOS DEL ANÁLISIS DESCRIPTIVO

4.2.RESULTADOS DEL ANÁLISIS INFERENCIAL



CAPÍTULO IV

4. RESULTADOS PROCEDENTES DEL CUESTIONARIO

Presentamos en este apartado los principales resultados obtenidos en nuestra investigación tras la aplicación del cuestionario. En primer lugar, expondremos los datos relativos al análisis estadístico descriptivo y posteriormente procedemos a la presentación del estudio de correlación con el análisis estadístico inferencial.

Con el fin de facilitar la comprensión del análisis de los datos, presentamos éstos en función de las ocho dimensiones que previamente habíamos establecido en el cuestionario.

Tabla 26. Dimensiones del cuestionario con los respectivos ítems.

Dimensión	Ítems
Dimensión Características Sociodemográficas	1; 2; 3; 4; 5
Dimensión Experiencia Deportiva	6; 7; 8; 9; 10; 11
Dimensión Aspectos Personales	12; 13; 14; 15; 16; 17; 18; 19; 20; 21; 22; 23
Dimensión Formación como Entrenador	24; 25; 26; 27; 28; 29; 30; 31; 32; 33; 34; 35; 36; 37; 38; 39; 40; 41; 42; 43; 44
Dimensión Formación Continua	45; 46; 47; 48; 49; 50; 51; 52; 53
Dimensión Concepción de Enseñanza	54; 55; 56; 57; 58; 59; 60; 61; 62; 63
Dimensión Planificación y Programación	64; 65; 66; 67; 68; 69; 70; 71; 72; 73; 74; 75; 76; 77; 78; 79; 80; 81; 82; 83
Dimensión Necesidades de Formación	84; 85; 86; 87; 88; 89; 90; 91; 92; 93; 94; 95; 96; 97; 98; 99; 100; 101; 102; 103; 104; 105; 106; 107; 108; 109; 110; 111; 112; 113; 114; 115; 116; 117; 118; 119; 120; 121

4.1. RESULTADOS DEL ANÁLISIS DESCRIPTIVO

El número total de entrenadores de fútbol de formación encuestados en nuestro estudio fue de 124, que corresponde al 91.2% de los entrenadores de formación existentes en toda la región de estudio ($N = 136$), lo que consideramos que es una muestra bastante representativa.

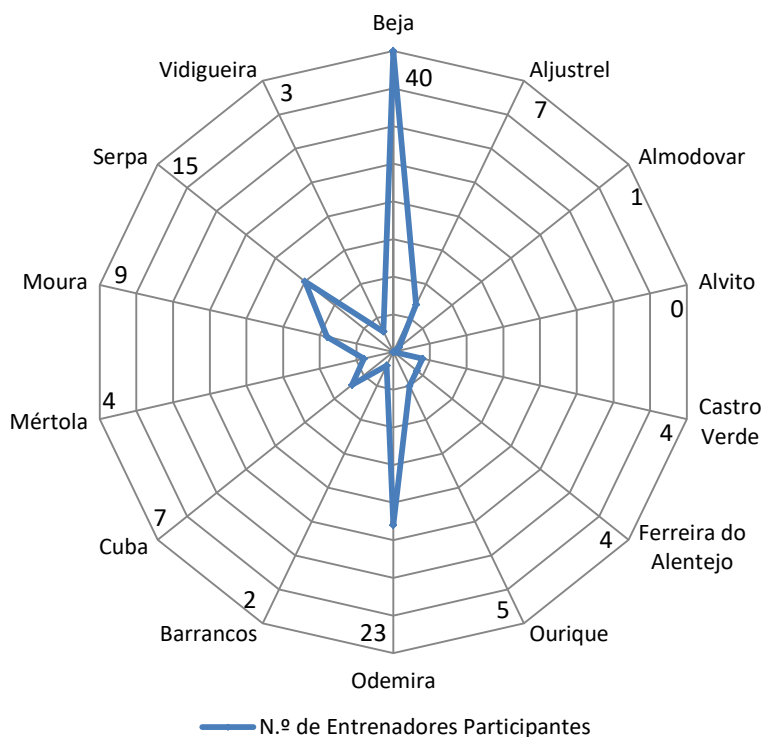


Figura 12. distribución del número de entrenadores encuestados por provincia donde realizan su actividad como entrenador.

En la Figura anterior podemos percibir la distribución del número de entrenadores encuestados por comarca donde realizaban su actividad como entrenador. Podemos decir que todas las comarcas estaban representadas con entrenadores con la excepción de la comarca de Alvito donde no participó ningún entrenador. Conseguimos tener en el estudio una importante representación de tres zonas geográficas diferentes de esta región, la “Zona Oeste” más cerca del litoral ($n = 44$), la “Zona Este” que corresponde al interior más cerca de la frontera ($n = 40$) y por último, también la “Zona Centro” que corresponde a la ciudad de Beja que es la capital de la región ($n = 40$). De esta manera, podemos ver que la zona de Beja contribuyó con más entrenadores encuestados para el estudio, también por ser la zona de la región con más equipos de niños en edad de formación.

4.1.1. DIMENSIÓN CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS

En esta primera dimensión pretendemos conocer mejor el perfil social de los entrenadores encuestados, que servirá de punto de partida para encuadrar los resultados de partida, y para dilucidar posteriormente las relaciones que se establecen con el resto de ítems de las distintas dimensiones. A continuación se presenta la tabla resumen de esta dimensión con los aspectos a los que hace referencia.

Tabla 27. Ítems de la dimensión Características Sociodemográficas del cuestionario.

Dimensión Características Sociodemográficas	
1. Género	
2. Edad	
3. ¿Cuál es su actividad principal?	
4. ¿Cuál es la máxima cualificación académica que posee en este momento?	
5. ¿Cuál es el municipio donde ejerce sus funciones como entrenador?	

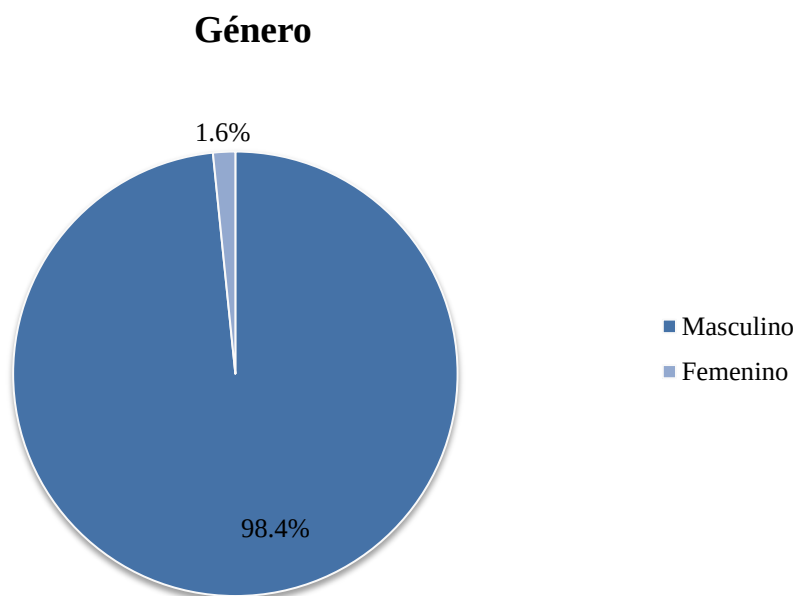
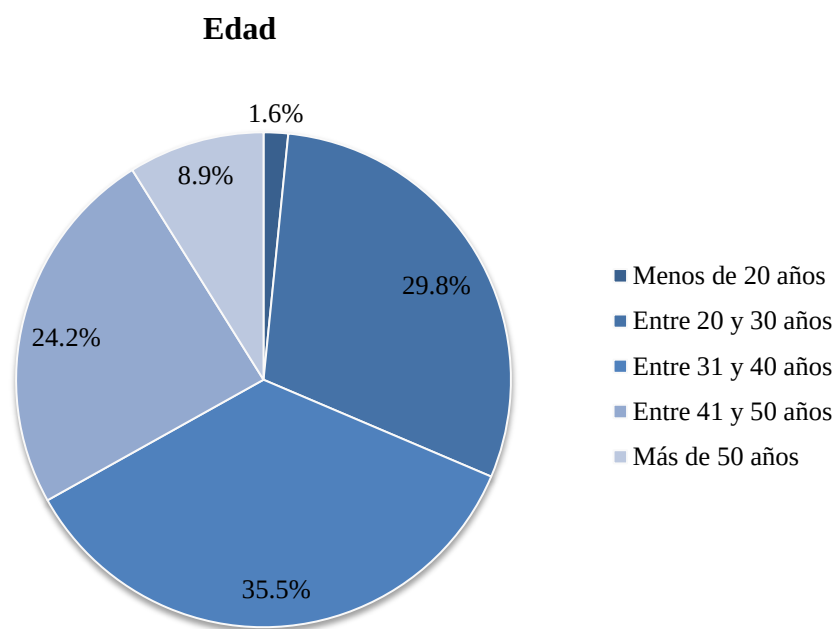


Figura 13. Porcentaje de respuestas al ítem 1: género.

En primer lugar, en cuanto al género de los entrenadores del fútbol de formación encuestados de la región en estudio, debemos señalar que casi la totalidad pertenecía al género masculino con el 98.4% de los encuestados, y solamente el 1.6% al género femenino. Como podemos comprobar, el género femenino no estaba representado de forma significativa en la presente investigación.

Tabla 28. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 1: Género.

Género	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
Masculino	122	98.4	98.4	98.4
Femenino	2	1.6	1.6	100.0
Total	124	100.0	100.0	

**Figura 14.** Porcentaje de respuestas del ítem 2: edad.

En cuanto a la edad podemos decir que la mayor parte de los encuestados se encontraban entre los 31 y los 40 años ($f = 44$), pero también hemos hallado muchos entrenadores tanto entre los 41 y los 50 años, como entre los 20 y los 30 años. Podemos constatar que eran muy pocos los entrenadores con menos de 20 años de edad ($f = 2$) y con más de 50 años ($f = 11$). Por tanto, podemos afirmar que casi la totalidad de los entrenadores de formación tenían entre 20 y 50 años ($f = 111$; 89.5%).

Tabla 29. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 2: Edad.

Edad (años)	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
Menos de 20 años	2	1.6	1.6	1.6
Entre 20 y 30 años	37	29.8	29.8	31.5
Entre 31 y 40 años	44	35.5	35.5	66.9
Entre 41 y 50 años	30	24.2	24.2	91.1
Más de 50 años	11	8.9	8.9	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Actividad Principal

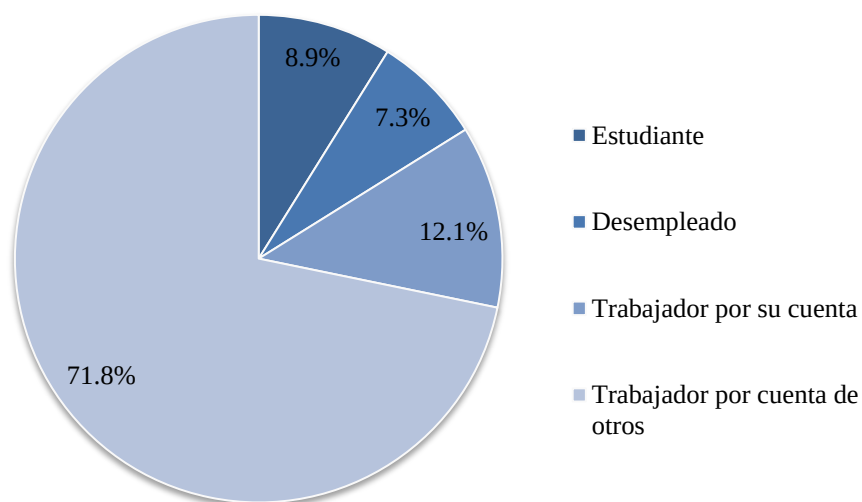


Figura 15. Porcentaje de respuestas del ítem 3: ¿cuál es su actividad principal?

En lo que se refiere a la actividad principal, la mayoría de los entrenadores encuestados eran trabajadores por cuenta ajena ($f = 89$), siendo una minoría los entrenadores desempleados que participaron en este estudio ($f = 9$).

Tabla 30. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 3: ¿Cuál es su actividad principal?

Actividad principal	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
Estudiante	11	8.9	8.9	8.9
Desempleados	9	7.3	7.3	16.1
Trabajador por su cuenta	15	12.1	12.1	28.2
Trabajador por cuenta ajena	89	71.8	71.8	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Cualificación Académica

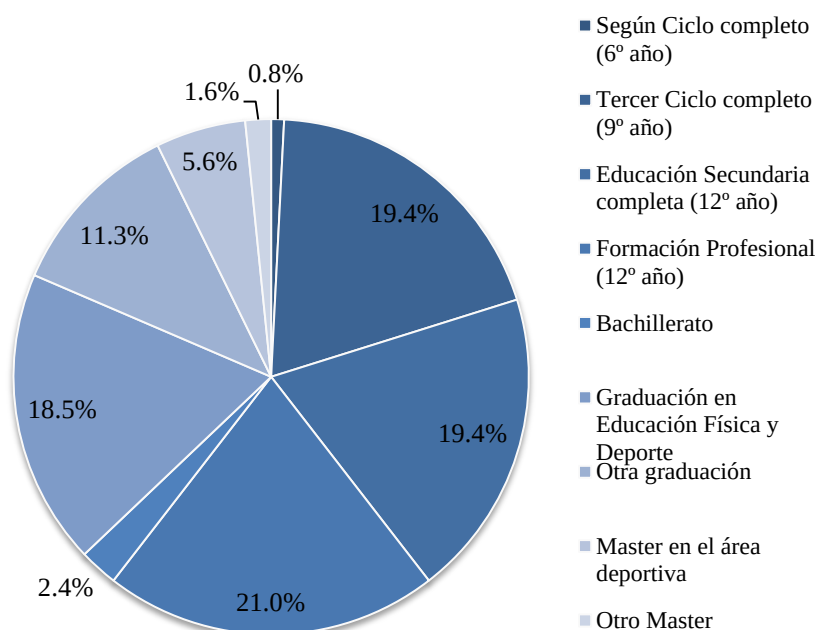


Figura 16. Porcentaje de respuestas al ítem 4. ¿cuál es la máxima cualificación académica que posee en este momento?

La cualificación académica de los entrenadores estaba distribuida en varios niveles de escolaridad. Sin embargo, la mayoría poseía el 12º año de escolaridad completa (40.4%), sea a través de la formación profesional ($f = 26$) o bien a través de la educación secundaria normal ($f = 24$). No obstante, existía un porcentaje global considerable de entrenadores con formación superior (39.4%), siendo la mayor parte de éstos graduados en educación física y deporte (18.5%). Sin embargo, considerando la totalidad de los encuestados, los 30 entrenadores que tenían una formación superior en el deporte representaban una minoría (24.1%).

Tabla 31. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 4. ¿Cuál es la máxima cualificación académica que posee en este momento?

Cualificación académica	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
Segundo Ciclo completo (6º año)	1	.8	.8	.8
Tercer Ciclo completo (9º año)	24	19.4	19.4	20.2
Educación Secundaria completa (12º año)	24	19.4	19.4	39.5
Formación Profesional (12º año)	26	21.0	21.0	60.5
Bachillerato	3	2.4	2.4	62.9
Graduación en Educación Física y Deporte	23	18.5	18.5	81.5
Otra graduación	14	11.3	11.3	92.7
Máster en el área deportiva	7	5.6	5.6	98.4
Otro Máster	2	1.6	1.6	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Dónde ejerce sus funciones como entrenador

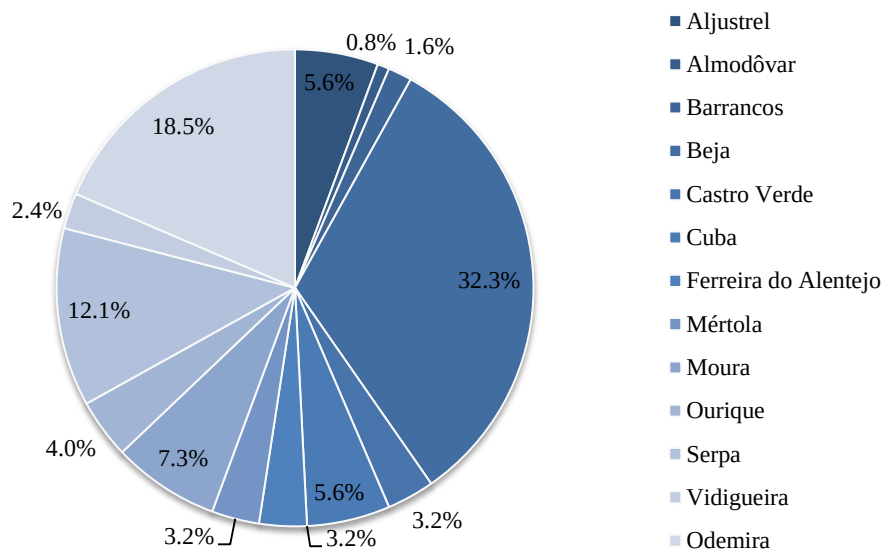


Figura 17. Porcentaje de respuesta del ítem 5: ¿cuál es el municipio donde ejerce sus funciones como entrenador?

Podemos observar en el gráfico anterior todos los municipios de la región donde los entrenadores encuestados desempeñan sus funciones, con excepción del municipio de Alvito donde no obtuvimos ninguna respuesta. No obstante, también sabemos que aquí la actividad es muy reducida. El municipio de Beja fue donde obtuvimos más encuestados (32.3%), lo que resulta normal pues es una zona central del territorio donde se concentra un mayor número de clubes y atletas como ya hemos comentado. Odemira (18.5%) y Serpa (12.1%) fueron los municipios que siguieron con mayor número de entrenadores encuestados en representación de una zona costera y de una zona más interior respectivamente.

Tabla 32. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 5: ¿Cuál es el municipio donde ejerce sus funciones como entrenador?

Población	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
Aljustrel	7	5.6	5.6	5.6
Almodôvar	1	.8	.8	6.5
Barrancos	2	1.6	1.6	8.1
Beja	40	32.3	32.3	40.3
Castro Verde	4	3.2	3.2	43.5
Cuba	7	5.6	5.6	49.2
Ferreira do Alentejo	4	3.2	3.2	52.4
Mértola	4	3.2	3.2	55.6
Moura	9	7.3	7.3	62.9
Ourique	5	4.0	4.0	66.9
Serpa	15	12.1	12.1	79.0
Vidigueira	3	2.4	2.4	81.5
Odemira	23	18.5	18.5	100.0
Total	124	100.0	100.0	

4.1.1.1. SINTESIS FINAL DE LA DIMENSIÓN CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS

Con el análisis de los datos de la dimensión Características Sociodemográficas pudimos percibir que la casi totalidad de los entrenadores de fútbol de formación de la región eran del género masculino. Siendo que estos entrenadores tenían entre 20 y 50 años de edad con especial incidencia entre los 31 y los 40 años. Su principal actividad era trabajador por cuenta ajena y sus cualificaciones académicas variaban principalmente entre el 12º año de escolaridad completa y la formación superior, sin embargo solo 24.1% del total de los entrenadores encuestados eran graduados en educación física y deporte. El municipio donde se obtuvo más encuestados fue el de Beja como sería esperado, una vez que es la zona de la capital donde se concentra un mayor número de clubes y atletas.

4.1.2. DIMENSIÓN EXPERIENCIA DEPORTIVA

Con la dimensión Experiencia Deportiva pretendemos saber qué tipo de experiencia tienen los entrenadores de la modalidad donde están entrenando diariamente con los niños y jóvenes. Debemos señalar que las preguntas 10 y 11 fueron respondidas solamente por 115 encuestados pues no todos fueron practicantes de la modalidad. A continuación se presenta la tabla resumen de esta dimensión con los aspectos a los que hace referencia.

Tabla 33. Ítems de la dimensión Experiencia Deportiva del cuestionario.

Dimensión Experiencia Deportiva
6. ¿Hace cuántos años es entrenador en el fútbol de formación?
7. ¿Hace cuánto tiempo ha concluido el curso de entrenador de fútbol?
8. La principal categoría que entrena actualmente es:
9. ¿Fue, o es, jugador federado de fútbol?
10. ¿Cuál fue la máxima categoría en la que jugó?
11. ¿Durante cuántos años jugó fútbol federado?

Años como entrenador en el fútbol de formación

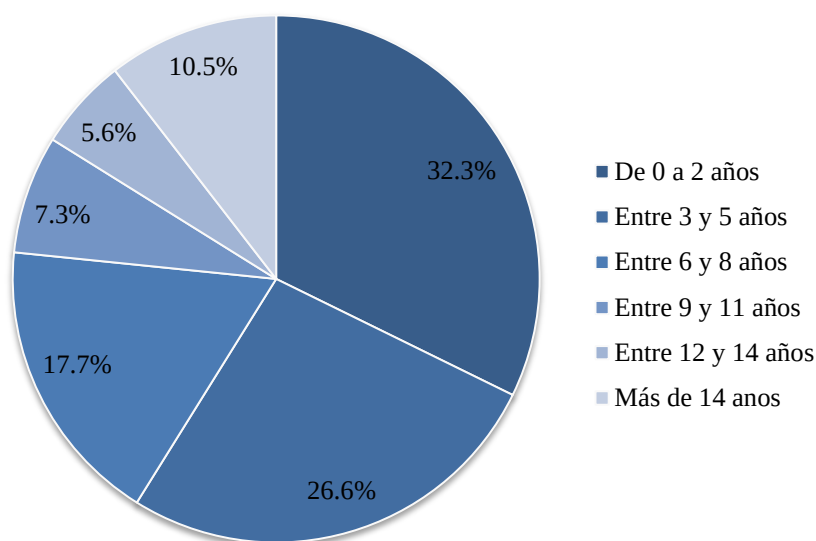


Figura 18. Porcentaje de respuestas al ítem 6: ¿hace cuántos años es entrenador en el fútbol de formación?

Al observar los datos obtenidos en los años de experiencia de los encuestados, verificamos que la mayoría tenía poca experiencia, con 40 entrenadores que llevaban entrenando menos de 2 años, y más del 50% de los encuestados con menos de 5 años de experiencia como entrenadores de fútbol de formación. Los entrenadores más experimentados, con más de 12 años de experiencia, representaban una clara minoría (16%).

Tabla 34. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 6: ¿Hace cuántos años es entrenador en el fútbol de formación?

Años como entrenador	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
De 0 a 2 años	40	32.3	32.3	32.3
Entre 3 y 5 años	33	26.6	26.6	58.9
Entre 6 y 8 años	22	17.7	17.7	76.6
Entre 9 y 11 años	9	7.3	7.3	83.9
Entre 12 y 14 años	7	5.6	5.6	89.5
Más de 14 años	13	10.5	10.5	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Hace cuánto tiempo que ha terminado el curso de entrenador

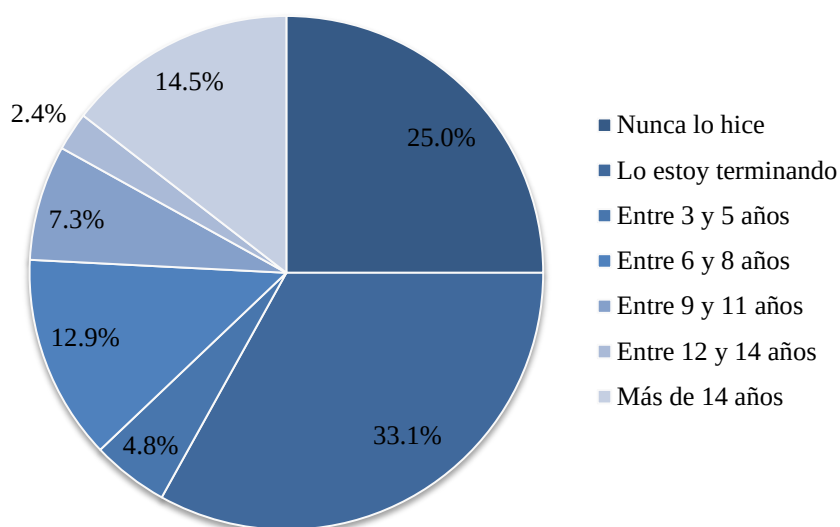


Figura 19. Porcentaje de valoración del ítem 7: ¿hace cuánto tiempo ha concluido el curso de entrenador de fútbol?

Existía una gran cantidad de entrenadores que estaban desempeñando sus funciones en el fútbol de formación sin siquiera tener el título de entrenador (25%). Por otra parte, la mayoría de los entrenadores encuestados estaban terminando su titulación como entrenador, ya en fase de prácticas del curso de entrenadores del primer grado (33.1%). También constatamos que había un 14.5% de los entrenadores que ya terminó su última formación como entrenador hace más de 14 años.

Tabla 35. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 7: ¿Hace cuánto tiempo ha concluido el curso de entrenador de fútbol?

Tiempo que han terminado el curso	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
Nunca lo hice	31	25.0	25.0	25.0
Lo estoy terminando	41	33.1	33.1	58.1
Entre 3 y 5 años	6	4.8	4.8	62.9
Entre 6 y 8 años	16	12.9	12.9	75.8
Entre 9 y 11 años	9	7.3	7.3	83.1
Entre 12 y 14 años	3	2.4	2.4	85.5
Más de 14 años	18	14.5	14.5	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Categoría en la que entrena actualmente

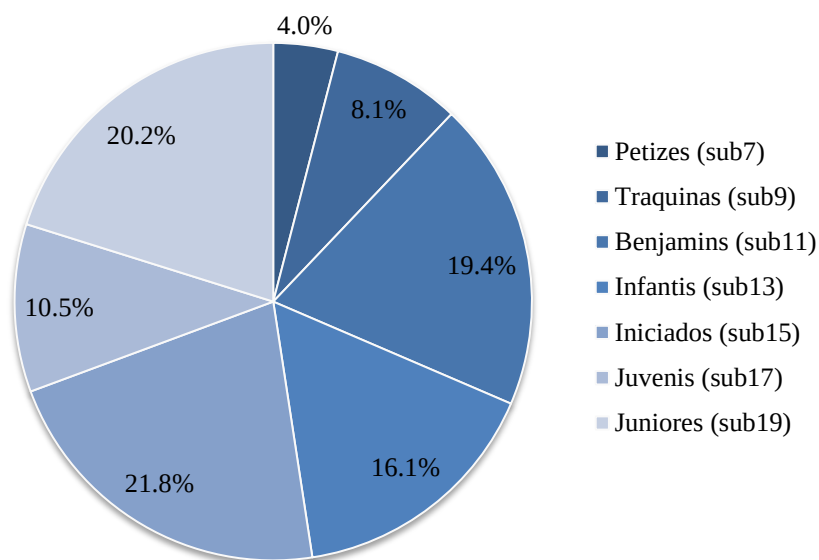


Figura 20. Porcentaje de respuestas del ítem 8. La principal categoría que entrena actualmente es:

Al determinar la categoría en la que los entrenadores encuestados estaban entrenando en el momento, tenemos que decir que todas las categorías existentes en el fútbol de formación en Portugal se vieron representadas en las respuestas, siendo la categoría de "Iniciados" la más elegida por un 21.8% de los entrenadores, mientras que la categoría "Petizes", la que menos, por apenas un 4% de los entrenadores.

Tabla 36. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 8. La principal categoría que entrena actualmente es:

Categoría que entrenan	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
Petizes (sub7)	5	4.0	4.0	4.0
Traquinas (sub9)	10	8.1	8.1	12.1
Benjamins (sub11)	24	19.4	19.4	31.5
Infantis (sub13)	20	16.1	16.1	47.6
Iniciados (sub15)	27	21.8	21.8	69.4
Juvenis (sub17)	13	10.5	10.5	79.8
Juniores (sub19)	25	20.2	20.2	100.0
Total	124	100.0	100.0	

¿Fue jugador de fútbol?

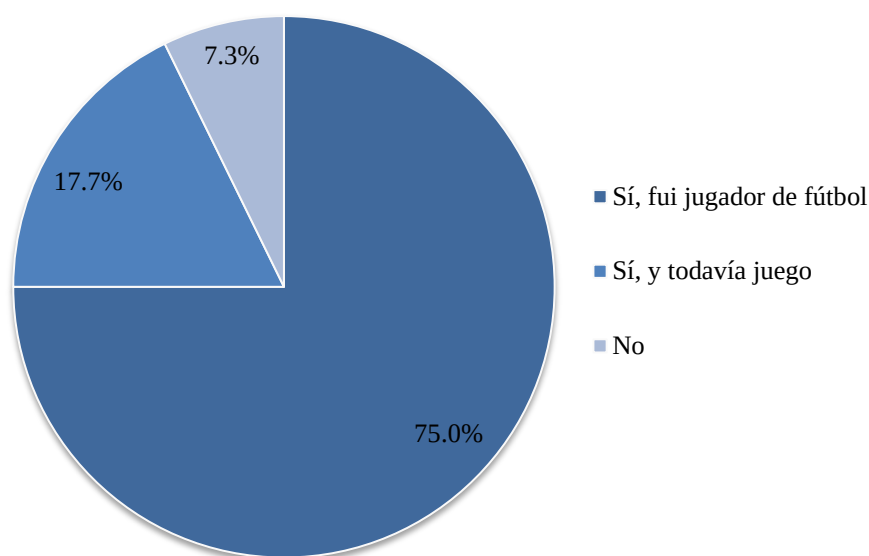


Figura 21. Porcentaje de respuestas del ítem 9: ¿fue, o es, jugador federado de fútbol?

Los datos muestran claramente que 93 entrenadores en nuestro estudio fueron jugadores de fútbol federado, lo que representa a la gran mayoría de los entrenadores de la región. Además, otros 22 entrenadores encuestados todavía jugaban en la actualidad conciliando con la actividad de entrenador y, solamente 9 entrenadores no tuvieron ninguna experiencia como practicante de la modalidad. Por tanto, un 92.7% de los entrenadores encuestados fueron o eran jugadores de fútbol federado.

Tabla 37. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 9: ¿Fue, o es, jugador federado de fútbol?

¿Fue jugador de fútbol?	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
Sí, fui jugador de fútbol federado	93	75.0	75.0	75.0
Sí, y todavía juego como federado	22	17.7	17.7	92.7
No	9	7.3	7.3	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Máxima categoría en la que jugó

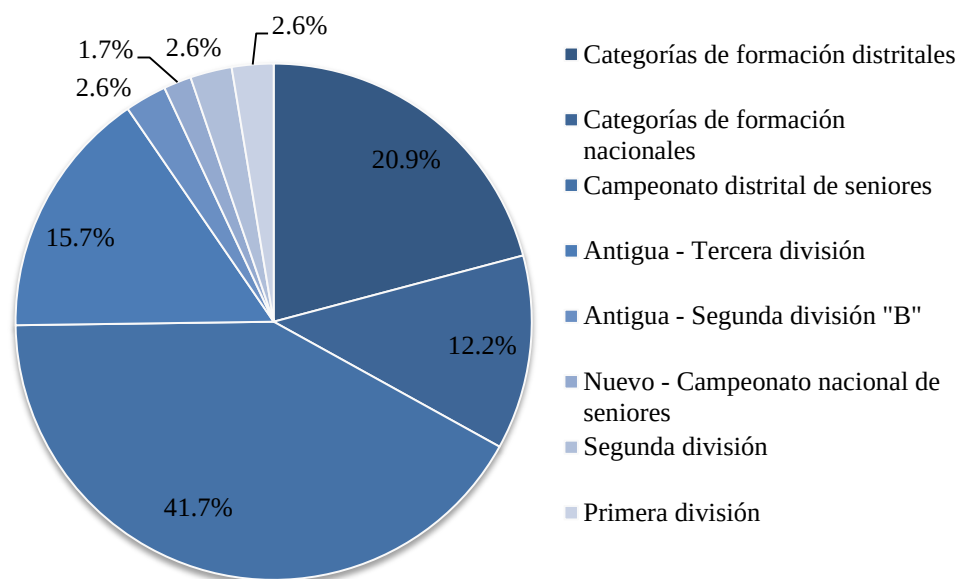


Figura 22. Porcentaje de respuestas al ítem 10: ¿cuál fue la máxima categoría en la que jugó?

Considerando ahora la máxima categoría en la que jugaron los encuestados, podemos percibir que la mayoría de estos entrenadores ($f = 48$) jugaron en el campeonato distrital de séniores en su experiencia como jugador, pero también aquéllos que jugaron solamente en las categorías de formación representaban una buena parte de estos entrenadores (33.1%). Podemos añadir que no eran muchos los entrenadores los que tuvieron la experiencia de pasar por el campeonato nacional de séniores de la tercera división ($f = 18$). No obstante, los entrenadores que pasaron por otras divisiones superiores representaban, en su conjunto, una pequeña minoría (9.5%), ya que los clubes locales no son capaces de competir en esos niveles.

Tabla 38. Frecuencias y porcentajes de respuestas al 10: ¿Cuál fue la máxima categoría en la que jugó?

Máxima categoría en la que jugó	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
Categorías de formación distritales	24	19.4	20.9	20.9
Categorías de formación nacionales	14	11.3	12.2	33.0
Campeonato distrital de séniores	48	38.7	41.7	74.8
Antigua - Tercera división	18	14.5	15.7	90.4
Antigua - Segunda división "B"	3	2.4	2.6	93.0
Nuevo - Campeonato nacional de séniores	2	1.6	1.7	94.8
Segunda división	3	2.4	2.6	97.4
Primera división	3	2.4	2.6	100.0
Total	115	92.7	100.0	
Perdidos	9	7.3		

Años como jugador de fútbol

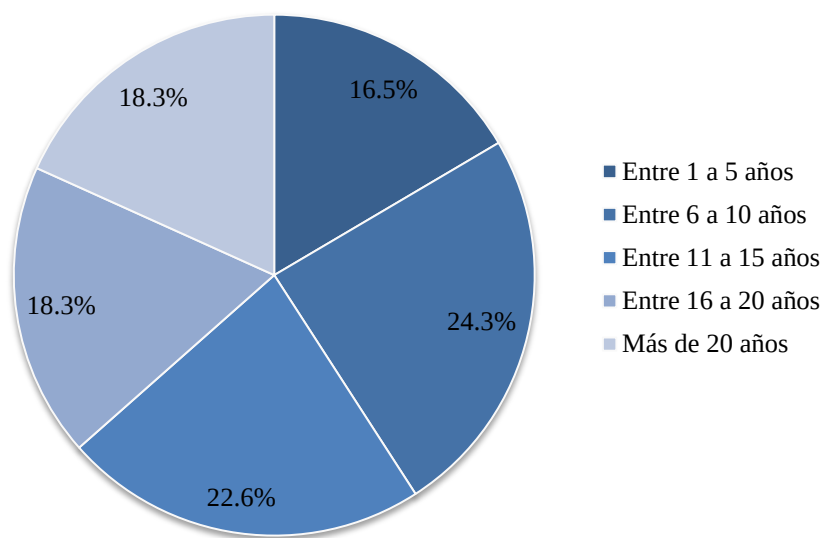


Figura 23. Porcentaje de respuestas del ítem 11. ¿durante cuántos años jugó fútbol federado?

En cuanto a la experiencia deportiva del entrenador como jugador y considerando los años que jugó, podemos verificar que los resultados estaban muy distribuidos por los diferentes intervalos de años. Sin embargo, podemos destacar a los entrenadores que jugaron entre 6 y 10 años como los más presentes ($f = 28$) y los entrenadores que jugaron sólo entre 1 a 5 años como los que menos ($f = 19$).

Tabla 39. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 11. ¿Durante cuántos años jugó fútbol federado?

Años como jugador	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
Entre 1 a 5 años	19	15.3	16.5	16.5
Entre 6 a 10 años	28	22.6	24.3	40.9
Entre 11 a 15 años	26	21.0	22.6	63.5
Entre 16 a 20 años	21	16.9	18.3	81.7
Más de 20 años	21	16.9	18.3	100.0
Total	115	92.7	100.0	
Perdidos	9	7.3		

4.1.2.1. SINTESIS FINAL DE LA DIMENSIÓN EXPERIENCIA DEPORTIVA

Tras el análisis de los datos de la dimensión Experiencia Deportiva fue posible percibir que más del 50% de los entrenadores encuestados en el fútbol de formación tenía poca experiencia, por debajo de los 5 años como entrenadores, donde la mayor parte de ellos tenía incluso menos de 2 años de experiencia. Apuramos que en la fecha de la recogida de los datos había un total de 58.1% de los entrenadores encuestados que estaban ejerciendo las funciones de entrenador aun sin tener el título. No obstante entre ellos 33.1% ya estaban terminando su titulación del primer grado como entrenador, en la fase de prácticas del curso, pero 25% de los entrenadores nunca realizó el curso. Por otra parte, se encontró un 14.5% de los entrenadores que ya tenía terminado su última formación como entrenador hace más de 14 años. Teniendo en cuenta las categorías en las que los entrenadores encuestados estaban entrenando en el momento, la más frecuente fue la categoría de "Iniciados", frecuentada por un 21.8% de entrenadores. Hemos comprobado también que el 92.7% de los entrenadores encuestados fueron o algunos todavía eran, jugadores de fútbol federado. En cuanto a la máxima categoría en la que los entrenadores encuestados tuvieron su experiencia como jugador, podemos percibir que esta se dividió mayoritariamente entre el campeonato distrital de séniores o solo en las categorías de formación. Además, hemos constatado que los años de experiencia en la práctica de la modalidad variaban ampliamente teniendo mayor incidencia entre los 6 y 10 años como jugador.

4.1.3. DIMENSIÓN ASPECTOS PERSONALES

En la dimensión Aspectos Personales buscamos saber qué motivaciones están detrás de su dedicación al entrenamiento del fútbol de formación y, cuáles son los pre-requisitos más importantes para el trabajo con los niños y jóvenes. Debemos señalar que la pregunta 13, siendo una pregunta que sólo es respondida tras una de las opciones posibles del ítem anterior, fue contestada por un único entrenador encuestado. A continuación, se presenta la tabla resumen de esta dimensión con los aspectos a los que hace referencia.

Tabla 40. Ítems de la dimensión Aspectos Personales del cuestionario.

Dimensión Aspectos Personales
12. ¿Cuál es la razón principal por la que entrena?
13. ¿Cuál es la otra razón?
¿Qué importancia piensa que tienen cada uno de los siguientes aspectos en relación al trabajo del entrenador de fútbol de formación?
14. Tener el título de entrenador de fútbol
15. Haber sido jugador federado de fútbol
16. Tener formación universitaria
17. Frecuentar cursos de formación continua
18. Asistir a seminarios sobre fútbol
19. Leer libros y revistas de fútbol
20. Ver juegos y entrenamientos de fútbol
21. Consultar sitios de internet sobre fútbol
22. Intercambiar ideas en los blogs de fútbol de Internet
23. Hablar directamente con otros entrenadores

Principal razón por la que entrena

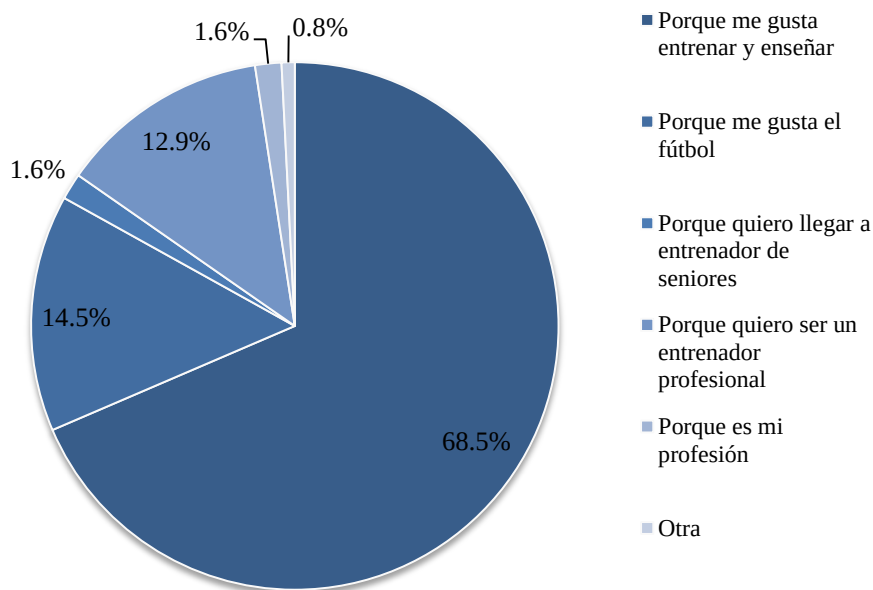


Figura 24. Porcentaje de respuestas del ítem 12: ¿cuál es la razón principal por la que entrena?

Teniendo en cuenta el gráfico anterior podemos identificar fácilmente que la mayoría de los encuestados indicaron que eran entrenadores porque les gustaba entrenar y enseñar, siendo ésta la razón que más aparece (68.5%). Por el contrario, tenemos la intención de llegar a entrenador de séniores y el hecho de ser su profesión, aparecían como las menos frecuentes (1.6%).

Tabla 41. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 12: ¿Cuál es la razón principal por la que entrena?

Razón por la que entrena	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
Porque me gusta entrenar y enseñar	85	68.5	68.5	68.5
Porque me gusta el fútbol	18	14.5	14.5	83.1
Porque quiero llegar a entrenador de séniores	2	1.6	1.6	84.7
Porque quiero ser un entrenador profesional	16	12.9	12.9	97.6
Porque es mi profesión	2	1.6	1.6	99.2
Otra	1	.8	.8	100.0
Total	124	100.0	100.0	

La opción: otra razón, fue respondida apenas por un encuestado, lo que le permitió responder al ítem 13. La respuesta a esta pregunta se refirió sólo al hecho de contribuir a "motivar a otros a hacer formación y percibir las necesidades o carencias de los clubes y entrenadores".

La importancia de tener el título de entrenador de fútbol

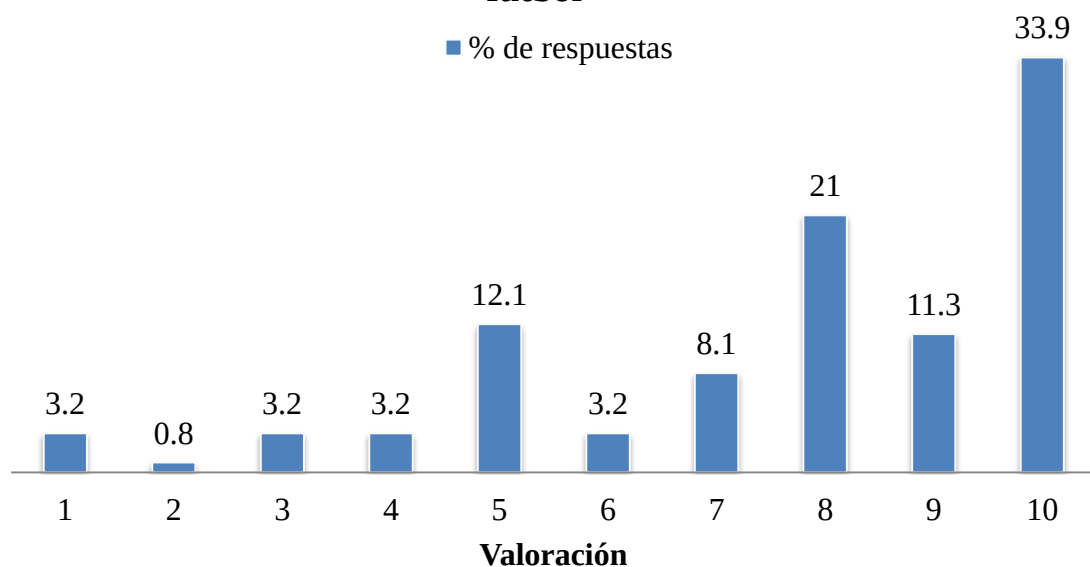


Figura 25. Porcentaje de valoración del ítem 14: ¿qué importancia piensa que tiene el facto de tener el título de entrenador de fútbol en relación con el trabajo del entrenador de fútbol de formación?

Ante la importancia que los entrenadores atribuyeron al hecho de tener el título de entrenador de fútbol, comprobamos que, a pesar de existir respuestas en todos los niveles de valoración, la mayor parte de los entrenadores (77.5%) valoraron de forma positiva el hecho de tener el título de entrenador ($M = 7.72 \pm 2.5$), de hecho, el nivel máximo de valoración fue el que obtuvo mayor número de respuestas ($f = 42$).

Tabla 42. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 14: ¿Qué importancia piensa que tiene el facto de tener el título de entrenador de fútbol en relación con el trabajo del entrenador de fútbol de formación?

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	4	3.2	3.2	3.2
2	1	.8	.8	4.0
3	4	3.2	3.2	7.3
4	4	3.2	3.2	10.5
5	15	12.1	12.1	22.6
6	4	3.2	3.2	25.8
7	10	8.1	8.1	33.9
8	26	21.0	21.0	54.8
9	14	11.3	11.3	66.1
10	42	33.9	33.9	100.0
Total	124	100.0	100.0	

La importancia de haber sido jugador de fútbol federado

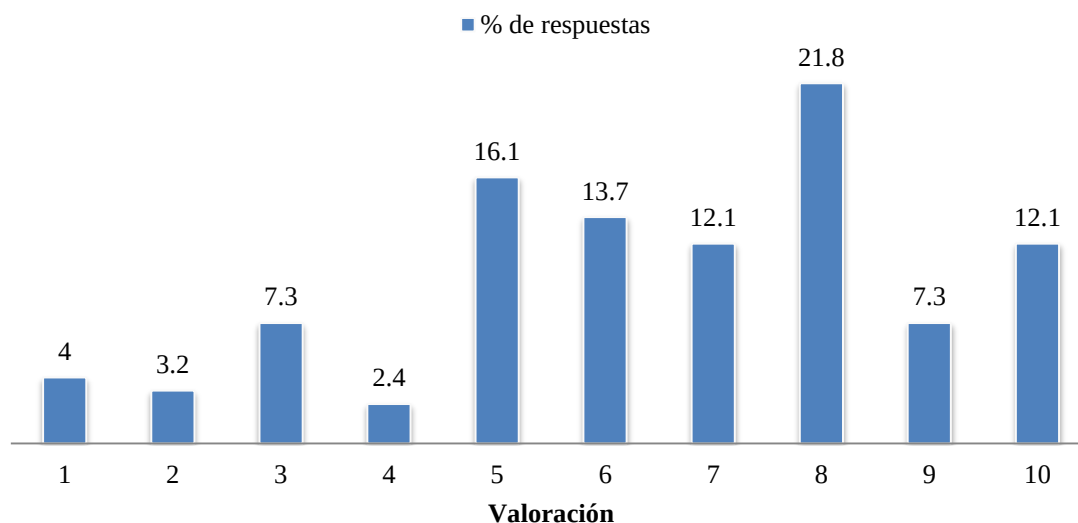


Figura 26. Porcentaje de valoración del ítem 15: ¿qué importancia piensa que tiene el facto de haber sido jugador federado de fútbol en relación con el trabajo del entrenador de fútbol de formación?

En cuanto a la importancia atribuida al hecho de que los entrenadores hayan sido jugadores de fútbol, a pesar de haber alguna distribución de las respuestas por la escala de valoración, la mayor parte de los encuestados (67%) estimaron de forma positiva haber sido jugador de fútbol ($M = 6.50 \pm 2.4$). Además, el mayor número de entrenadores ($f = 27$) atribuyó el grado 8 de importancia en la escala de Likert.

Tabla 43. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 15: ¿Qué importancia piensa que tiene el facto de haber sido jugador federado de fútbol en relación con el trabajo del entrenador de fútbol de formación?

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	5	4.0	4.0	4.0
2	4	3.2	3.2	7.3
3	9	7.3	7.3	14.5
4	3	2.4	2.4	16.9
5	20	16.1	16.1	33.1
6	17	13.7	13.7	46.8
7	15	12.1	12.1	58.9
8	27	21.8	21.8	80.6
9	9	7.3	7.3	87.9
10	15	12.1	12.1	100.0
Total	124	100.0	100.0	

La importancia de tener formación Universitaria

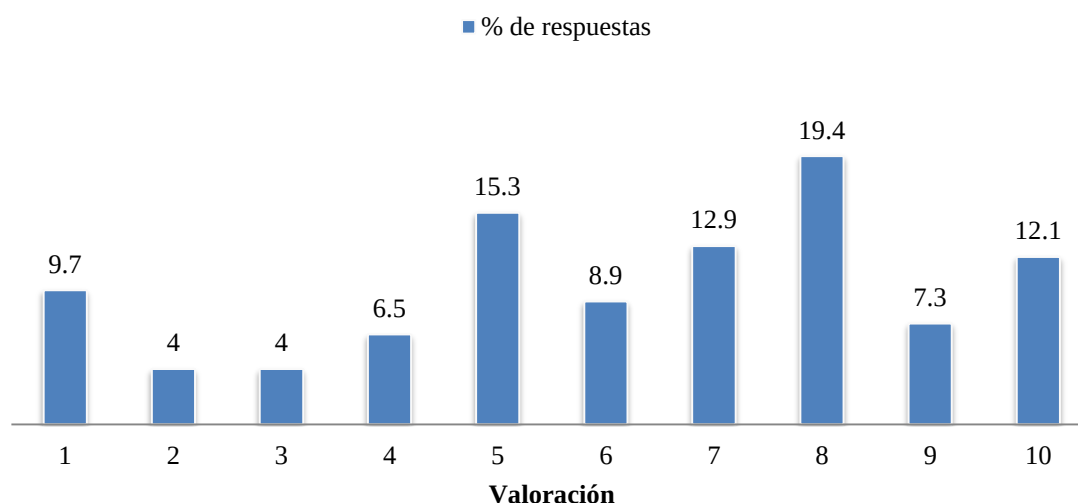


Figura 27. Porcentaje de valoración del ítem 16: ¿qué importancia piensa que tiene el hecho de tener formación universitaria en relación con el trabajo del entrenador de fútbol de formación?

En relación con la importancia atribuida al hecho de que los entrenadores tuvieran formación universitaria, la mayoría de los encuestados (60.6%) valoraron de forma positiva tener formación universitaria ($M = 6.17 \pm 2.7$), siendo la valoración de 8 en escala de Likert la que obtuvo un mayor número de respuestas por parte de los entrenadores ($f = 24$). No obstante, este ítem presentó la mayor distribución de respuestas por la escala de valoración en comparación con otros ítems de esta dimensión, con una parte considerable de los entrenadores con una opinión contraria.

Tabla 44. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 16: ¿Qué importancia piensa que tiene el hecho de tener formación universitaria en relación con el trabajo del entrenador de fútbol de formación?

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	12	9.7	9.7	9.7
2	5	4.0	4.0	13.7
3	5	4.0	4.0	17.7
4	8	6.5	6.5	24.2
5	19	15.3	15.3	39.5
6	11	8.9	8.9	48.4
7	16	12.9	12.9	61.3
8	24	19.4	19.4	80.6
9	9	7.3	7.3	87.9
10	15	12.1	12.1	100.0
Total	124	100.0	100.0	

La importancia de asistir a cursos de formación continua

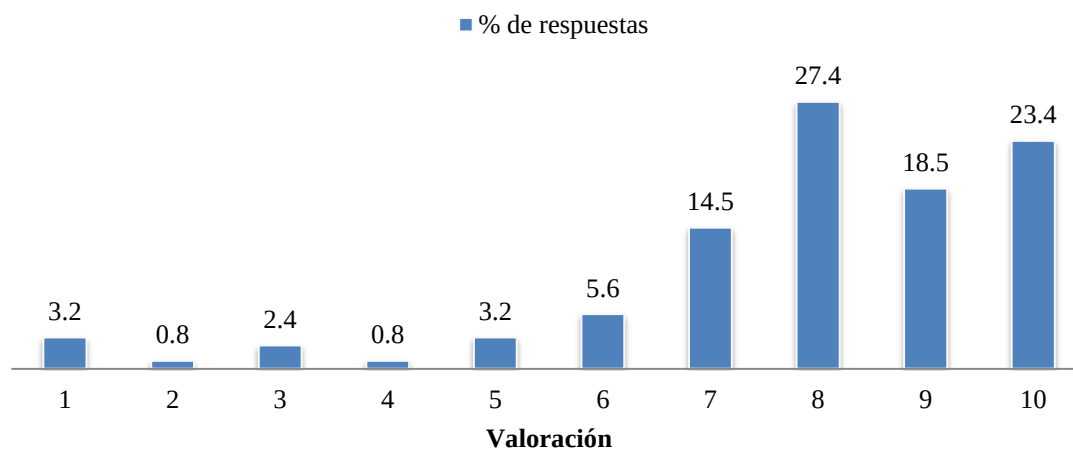


Figura 28. Porcentaje de valoración del ítem 17: ¿qué importancia piensa que tiene asistir a cursos de formación en relación con el trabajo del entrenador de fútbol de formación?

Respecto a la importancia atribuida por los entrenadores al hecho de asistir a cursos de formación continua, a pesar de que las respuestas contemplan todas las valoraciones de la escala, la mayoría de los encuestados (89.4%) apreciaron de forma positiva asistir a cursos de formación continua ($M = 7.87 \pm 2.1$), siendo una vez más la valoración de 8 en escala de Likert la que obtuvo un mayor número de respuestas por parte de los entrenadores ($f = 34$).

Tabla 45. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 17: ¿Qué importancia piensa que tiene asistir a cursos de formación continua en relación con el trabajo del entrenador de fútbol de formación?

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	4	3.2	3.2	3.2
2	1	.8	.8	4.0
3	3	2.4	2.4	6.5
4	1	.8	.8	7.3
5	4	3.2	3.2	10.5
6	7	5.6	5.6	16.1
7	18	14.5	14.5	30.6
8	34	27.4	27.4	58.1
9	23	18.5	18.5	76.6
10	29	23.4	23.4	100.0
Total	124	100.0	100.0	

La importancia de asistir a seminarios sobre fútbol

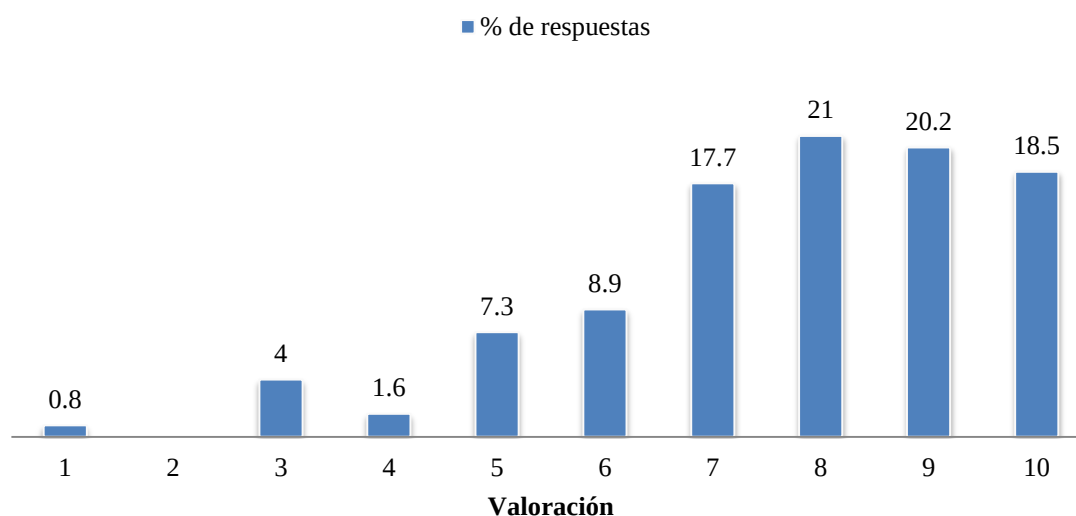


Figura 29. Porcentaje de valoración del ítem 18: ¿qué importancia piensa que tiene asistir a seminarios sobre fútbol en relación con el trabajo del entrenador de fútbol de formación?

Observando la importancia atribuida por los entrenadores al hecho de asistir a seminarios sobre fútbol, el 86.3% de los encuestados valoró de forma positiva asistir a seminarios sobre fútbol ($M = 7.68 \pm 1.9$), siendo una vez más la valoración de 8 en escala de Likert la que obtuvo un mayor número de respuestas por parte de los entrenadores ($f = 26$).

Tabla 46. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 18: ¿Qué importancia piensa que tiene asistir a seminarios sobre fútbol en relación con el trabajo del entrenador de fútbol de formación?

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	1	.8	.8	.8
3	5	4.0	4.0	4.8
4	2	1.6	1.6	6.5
5	9	7.3	7.3	13.7
6	11	8.9	8.9	22.6
7	22	17.7	17.7	40.3
8	26	21.0	21.0	61.3
9	25	20.2	20.2	81.5
10	23	18.5	18.5	100.0
Total	124	100.0	100.0	

La importancia de leer libros y revistas de fútbol

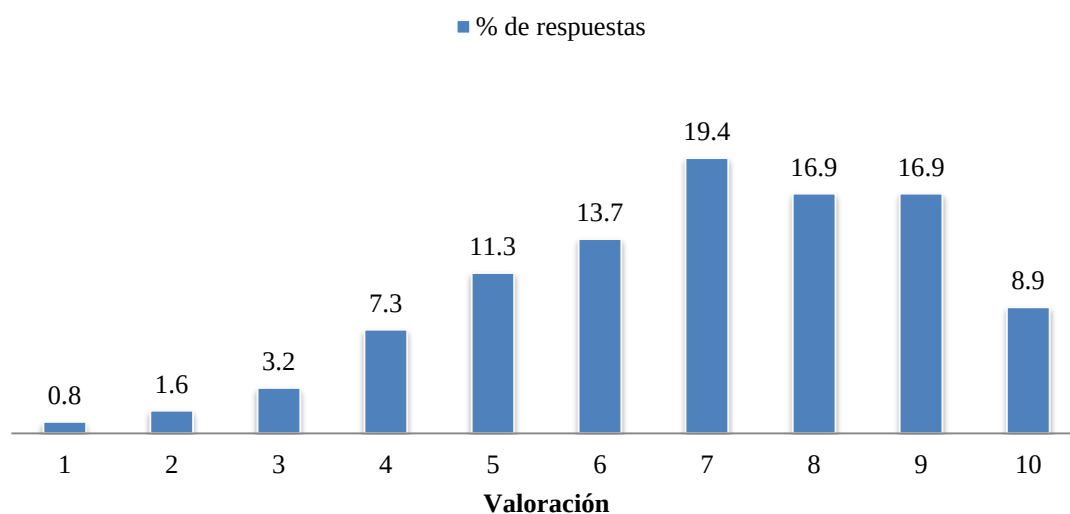


Figura 30. Porcentaje de valoración del ítem 19: ¿qué importancia piensa que tiene leer libros y revistas de fútbol en relación con el trabajo del entrenador de fútbol de formación?

En cuanto a la importancia atribuida por los entrenadores a leer libros y revistas de fútbol, denotamos una mayor distribución de la valoración siendo un aspecto menos importante para los entrenadores en comparación con el anterior. Aun así, la mayoría de los encuestados (75.8%) estimaron de forma positiva leer libros y revistas de fútbol ($M = 6.94 \pm 2.0$), siendo la valoración de 7 en escala de Likert la que obtuvo un mayor número de respuestas por parte de los entrenadores ($f = 24$).

Tabla 47. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 19: ¿Qué importancia piensa que tiene leer libros y revistas de fútbol en relación con el trabajo del entrenador de fútbol de formación?

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	1	.8	.8	.8
2	2	1.6	1.6	2.4
3	4	3.2	3.2	5.6
4	9	7.3	7.3	12.9
5	14	11.3	11.3	24.2
6	17	13.7	13.7	37.9
7	24	19.4	19.4	57.3
8	21	16.9	16.9	74.2
9	21	16.9	16.9	91.1
10	11	8.9	8.9	100.0
Total	124	100.0	100.0	

La importancia de ver partidos y entrenamientos de fútbol

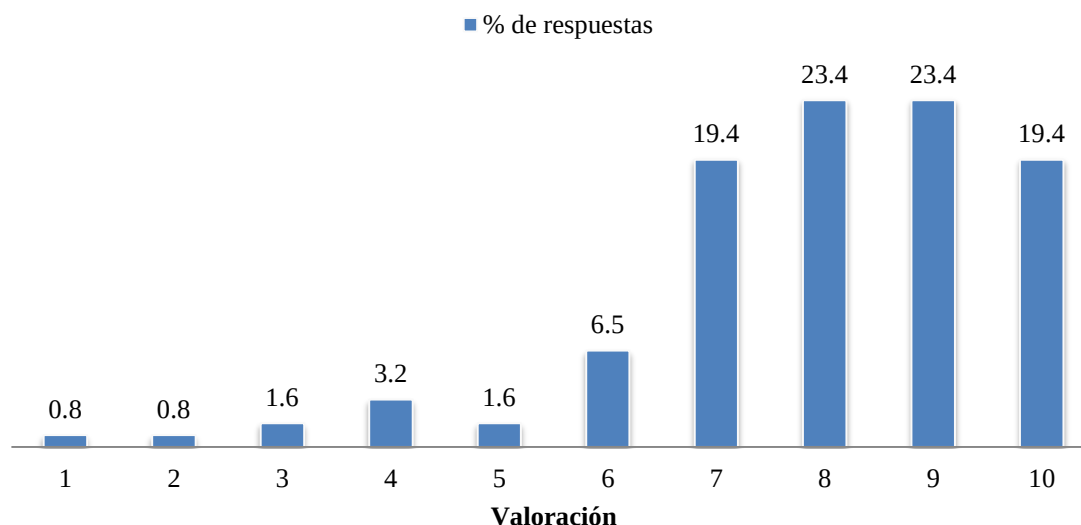


Figura 31. Porcentaje de valoración del ítem 20: ¿qué importancia piensa que tiene ver partidos y entrenamientos de fútbol en relación con el trabajo del entrenador de fútbol de formación?

Podemos observar en la figura anterior la importancia que los entrenadores dieron al hecho de ver partidos y entrenamientos de fútbol y, nos damos cuenta de que la gran mayoría de los encuestados (92.1%) valoraron de forma muy positiva ($M = 7.94 \pm 1.8$), siendo la valoración de 8 y 9, en escala de Likert, las que obtuvieron una mayor frecuencia con el mismo número de respuestas por parte de los entrenadores ($f = 29$).

Tabla 48. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 20: ¿Qué importancia piensa que tiene ver partidos y entrenamientos de fútbol en relación con el trabajo del entrenador de fútbol de formación?

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	1	.8	.8	.8
2	1	.8	.8	1.6
3	2	1.6	1.6	3.2
4	4	3.2	3.2	6.5
5	2	1.6	1.6	8.1
6	8	6.5	6.5	14.5
7	24	19.4	19.4	33.9
8	29	23.4	23.4	57.3
9	29	23.4	23.4	80.6
10	24	19.4	19.4	100.0
Total	124	100.0	100.0	

La importancia de consultar sitios de internet sobre fútbol

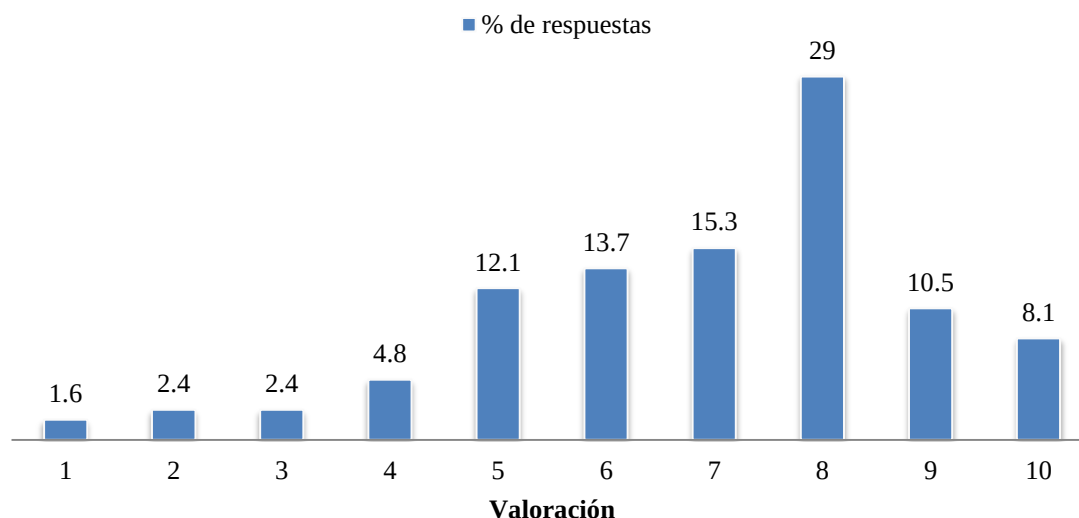


Figura 32. Porcentaje de valoración del ítem 21: ¿qué importancia piensa que tiene consultar sitios de internet sobre fútbol en relación con el trabajo del entrenador de fútbol de formación?

En cuanto a la importancia atribuida al hecho de que los entrenadores consulten sitios de internet sobre fútbol, se comprueba alguna distribución de las respuestas por la escala de valoración, pero la mayor parte de los encuestados (76.6%) estimó de forma positiva consultar sitios de internet sobre fútbol ($M = 6.90 \pm 2.0$), resultando que la mayor valoración no se refleja en los últimos dos grados de la escala, sino en una valoración positiva intermedia (8) donde se verifica un mayor número de respuestas ($f = 36$).

Tabla 49. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 21: ¿Qué importancia piensa que tiene consultar sitios de internet sobre fútbol en relación con el trabajo del entrenador de fútbol de formación?

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	2	1.6	1.6	1.6
2	3	2.4	2.4	4.0
3	3	2.4	2.4	6.5
4	6	4.8	4.8	11.3
5	15	12.1	12.1	23.4
6	17	13.7	13.7	37.1
7	19	15.3	15.3	52.4
8	36	29.0	29.0	81.5
9	13	10.5	10.5	91.9
10	10	8.1	8.1	100.0
Total	124	100.0	100.0	

La importancia de intercambiar ideas en los blogs de fútbol

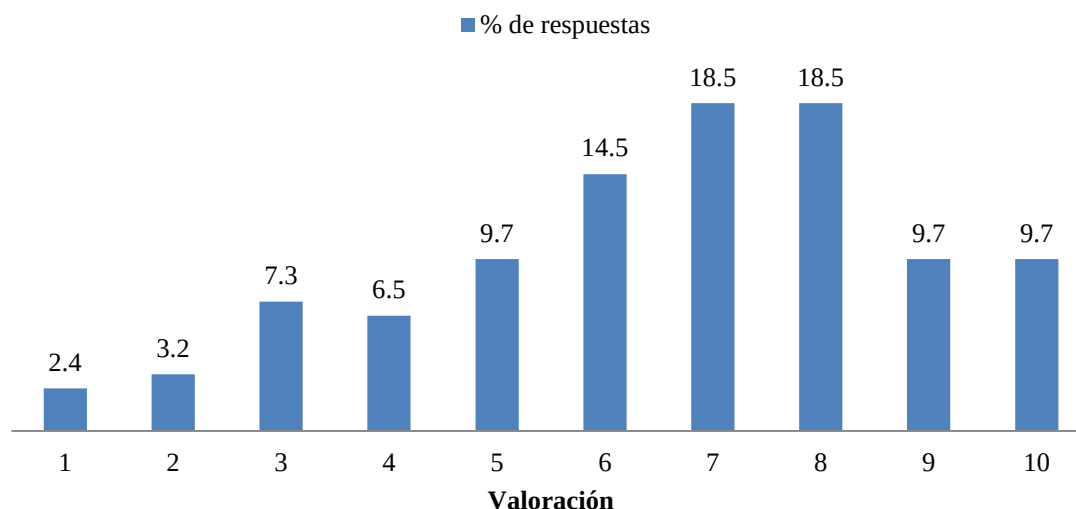


Figura 33. Porcentaje de valoración del ítem 22: ¿qué importancia piensa que tiene intercambiar ideas en los blogs de fútbol de internet en relación con el trabajo del entrenador de fútbol de formación?

Teniendo en cuenta la importancia atribuida al hecho de intercambiar ideas en los blogs de fútbol de internet, volvemos a encontrar alguna distribución de las respuestas por la escala de valoración. La mayor parte de los entrenadores (70.9%) apreció de forma positiva ($M = 6.54 \pm 2.3$), pero la valoración con más frecuencia no es máxima, sino una valoración positiva intermedia (7 y 8) donde se verifica un mayor número de respuestas ($f = 23$).

Tabla 50. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 22: ¿Qué importancia piensa que tiene intercambiar ideas en los blogs de fútbol de Internet en relación con el trabajo del entrenador de fútbol de formación?

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	3	2.4	2.4	2.4
2	4	3.2	3.2	5.6
3	9	7.3	7.3	12.9
4	8	6.5	6.5	19.4
5	12	9.7	9.7	29.0
6	18	14.5	14.5	43.5
7	23	18.5	18.5	62.1
8	23	18.5	18.5	80.6
9	12	9.7	9.7	90.3
10	12	9.7	9.7	100.0
Total	124	100.0	100.0	

La importancia de conversar directamente con otros entrenadores

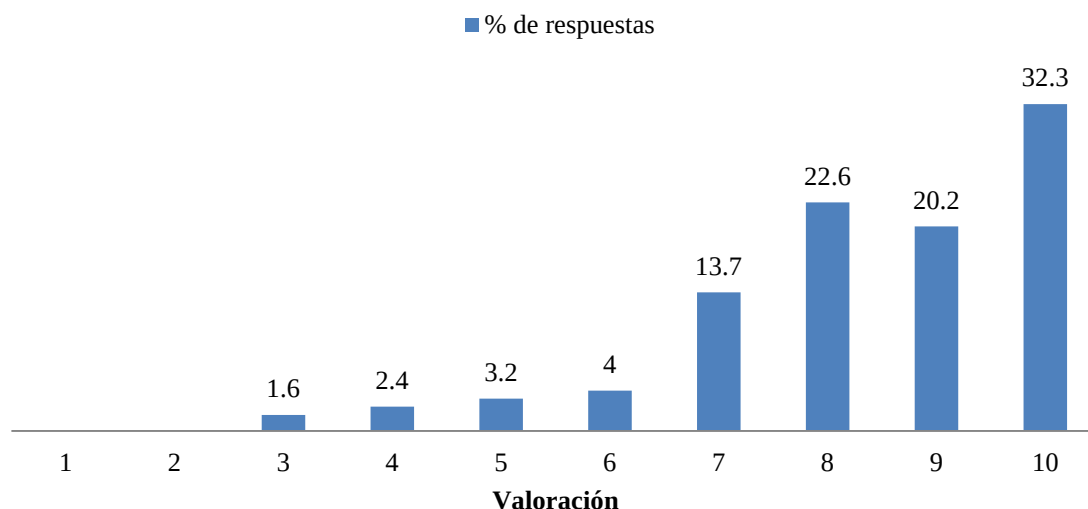


Figura 34. Porcentaje de valoración del ítem 23: ¿qué importancia piensa que tiene conversar directamente con otros entrenadores en relación con el trabajo del entrenador de fútbol de formación?

Para terminar esta dimensión, constatamos que la importancia atribuida por los encuestados al hecho de conversar directamente con otros entrenadores resulta muy clara. De esta manera, el 92.8% de los encuestados lo valoraron de forma muy positiva, considerándolo muy importante ($M = 8.35 \pm 1.7$), siendo la valoración máxima (10) donde se verifica un mayor número de respuestas ($f = 40$).

Tabla 51. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 23: ¿Qué importancia piensa que tiene conversar directamente con otros entrenadores en relación con el trabajo del entrenador de fútbol de formación?

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
3	2	1.6	1.6	1.6
4	3	2.4	2.4	4.0
5	4	3.2	3.2	7.3
6	5	4.0	4.0	11.3
7	17	13.7	13.7	25.0
8	28	22.6	22.6	47.6
9	25	20.2	20.2	67.7
10	40	32.3	32.3	100.0
Total	124	100.0	100.0	

4.1.3.1. SÍNTESIS FINAL DE LA DIMENSIÓN ASPECTOS PERSONALES

Podemos destacar después del análisis de la dimensión que la mayoría de los encuestados indicaron que eran entrenadores porque les gustaba entrenar y enseñar, siendo ésta la razón que más se apunta y no la intención de llegar a entrenador de séniores o llegar a ser su profesión. Curiosamente, la mayor parte de los entrenadores atribuyeron mucha importancia al hecho de tener el título de entrenador de fútbol. En cuanto a la importancia que los entrenadores atribuyeron al hecho de haber sido jugadores de fútbol, la mayor parte de los encuestados lo consideran importante. En relación con la importancia de tener formación Universitaria, a pesar de haber opiniones contrarias, la mayoría de los encuestados lo consideran importante. Los entrenadores estiman también que los cursos de formación permanente son una buena forma de continuar su formación. La importancia atribuida por los entrenadores al hecho de asistir a seminarios sobre fútbol y a leer libros y revistas de fútbol fue un aspecto menos importante para los entrenadores en comparación con el anterior. El hecho de asistir a partidos y entrenamientos de fútbol fue valorado de forma muy positiva por la gran mayoría de los encuestados (92.1%). En cuanto a la importancia atribuida al hecho de que los entrenadores consulten sitios de internet sobre fútbol o intercambiar ideas en los blogs de fútbol de internet, a pesar de una valoración positiva no mereció gran importancia. Contrariamente, fue destacada la clara importancia que los entrenadores atribuyeron al hecho de poder conversar directamente con otros entrenadores.

4.1.4. DIMENSIÓN FORMACIÓN COMO ENTRENADOR

En la dimensión Formación como Entrenador se pretende percibir cuál es la certificación que los entrenadores encuestados tienen para trabajar en el fútbol de formación y saber la opinión de éstos en relación con los cursos de entrenador y sus diferentes áreas de formación. Como podemos ver en la pregunta 24, gran parte de los entrenadores encuestados no presenta titulación. Por este motivo sólo 91 entrenadores han respondido a los ítems de esta dimensión. A continuación se presenta la tabla resumen de esta dimensión con los aspectos que hace referencia.

Tabla 52. Ítems de la dimensión Formación como Entrenador del cuestionario.

Dimensión Formación como Entrenador
24. ¿Cuál es la máxima certificación de fútbol que posee o que está terminando
¿Qué contenidos de la Formación General del curso de entrenadores de fútbol que pudo haber realizado, fueron los más útiles para entrenar en el fútbol de formación?
25. Didáctica del Deporte
26. Pedagogía del Deporte
27. Psicología del Deporte
28. Seguridad deportiva
29. Teoría y Metodología del Entrenamiento Deportivo de las modalidades colectivas
30. Aprendizaje y desarrollo motor
31. Observación y Análisis de las Habilidades motoras
32. Funcionamiento del cuerpo humano, nutrición y los primeros auxilios
33. Lucha contra el dopaje
34. Deporte para Personas con discapacidad
¿Qué contenidos de la Formación Específica del curso de entrenadores de fútbol que pudo haber realizado, fueron los más útiles para entrenar en el fútbol de formación?
35. Técnico/táctico
36. Metodología del Entrenamiento de fútbol
37. Capacidades Físicas/Motoras
38. Psicología en el Fútbol
39. Gestión y organización en el fútbol
40. Arbitraje y Leyes de Juego
41. Organización de Clase
En el seguimiento, responda ¿cuál es el grado de acuerdo con las siguientes manifestaciones?
42. Creo que el tiempo empleado en el curso de entrenadores es suficiente para entrenar en el fútbol de formación
43. Creo que los contenidos recibidos durante el curso de entrenadores son suficientes para entrenar en el fútbol de formación
44. En general, creo que los profesores que he tenido en el curso de entrenadores me enseñaron mucho

Máxima certificación como entrenador

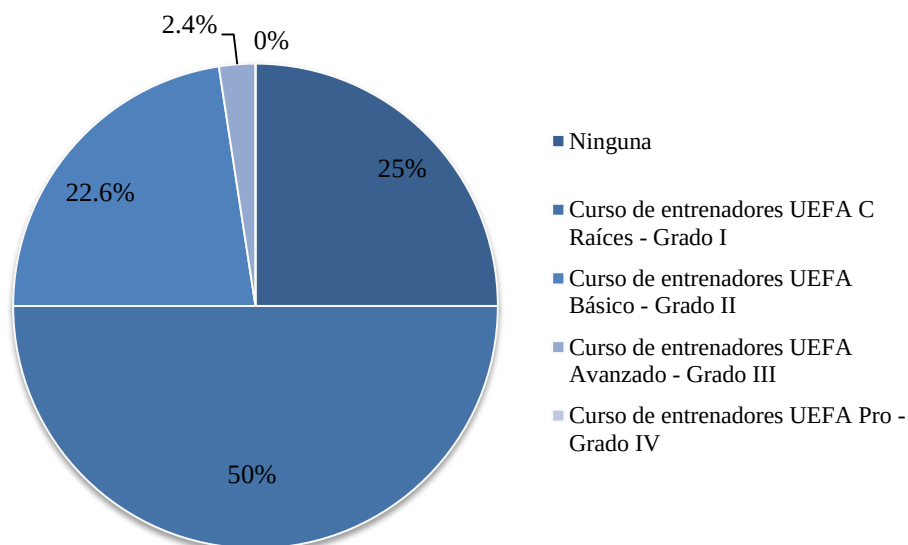


Figura 35. Porcentaje de respuestas al ítem 24. ¿cuál la máxima certificación de fútbol que posee o que está terminando?

Observando el gráfico anterior tenemos que decir que la gran parte de los entrenadores encuestados que estaban en el fútbol de formación poseían solamente el Grado I, que es el grado inicial de su formación como entrenador ($f = 62$), seguidos de aquéllos que tenían el Grado II con menos de la mitad de los entrenadores con grado inicial ($f = 28$). Es de destacar el hecho de que todavía había muchos entrenadores sin haber hecho el curso de entrenador que les permitiría ejercer estas funciones legalmente ($f = 31$). En cuanto a los entrenadores con el Grado III, eran una minoría muy reducida los que ostentan esta formación ($f = 3$). Además, debemos destacar que no había ningún entrenador que trabajase en el fútbol de formación con el curso de Grado IV, la cual es la máxima titulación como entrenador de fútbol.

Tabla 53. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 24. ¿Cuál la máxima certificación de fútbol que posee o que está terminando?

Certificación como entrenador	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
Ninguna	31	25	25	25
UEFA C Raíces - Grado I	62	50	50	75.0
UEFA Básico - Grado II	28	22.6	22.6	97.6
UEFA Avanzado - Grado III	3	2.4	2.4	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Didáctica del deporte

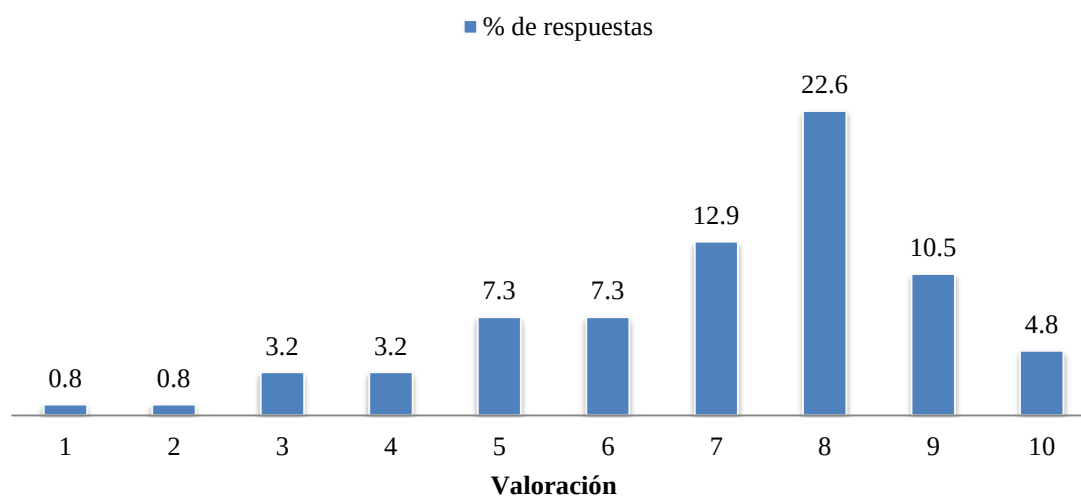


Figura 36. Porcentaje de valoración del ítem 25: el contenido “didáctica del deporte” de la formación general del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?

En lo que se refiere a la importancia que los encuestados atribuyeron al contenido de “didáctica del deporte” del curso de entrenadores, identificamos que todas las valoraciones obtuvieron respuesta. Sin embargo, la mayor parte de los encuestados (58.1%) estimaron de forma positiva, considerando importante, el contenido “didáctico del deporte” ($M = 7.07 \pm 1.9$). La mayor valoración tuvo un grado positivo intermedio (8) donde se halló un mayor número de respuestas ($f = 28$). Cabe señalar también que el 26.6% de los entrenadores no respondieron a este ítem porque nunca llegaron a realizar el curso.

Tabla 54. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 25: El contenido “didáctico del deporte” de la formación general del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	1	.8	1.1	1.1
2	1	.8	1.1	2.2
3	4	3.2	4.4	6.6
4	4	3.2	4.4	11.0
5	9	7.3	9.9	20.9
6	9	7.3	9.9	30.8
7	16	12.9	17.6	48.4
8	28	22.6	30.8	79.1
9	13	10.5	14.3	93.4
10	6	4.8	6.6	100.0
Total	91	73.4	100.0	
Perdidos	33	26.6		
Total	124	100.0		

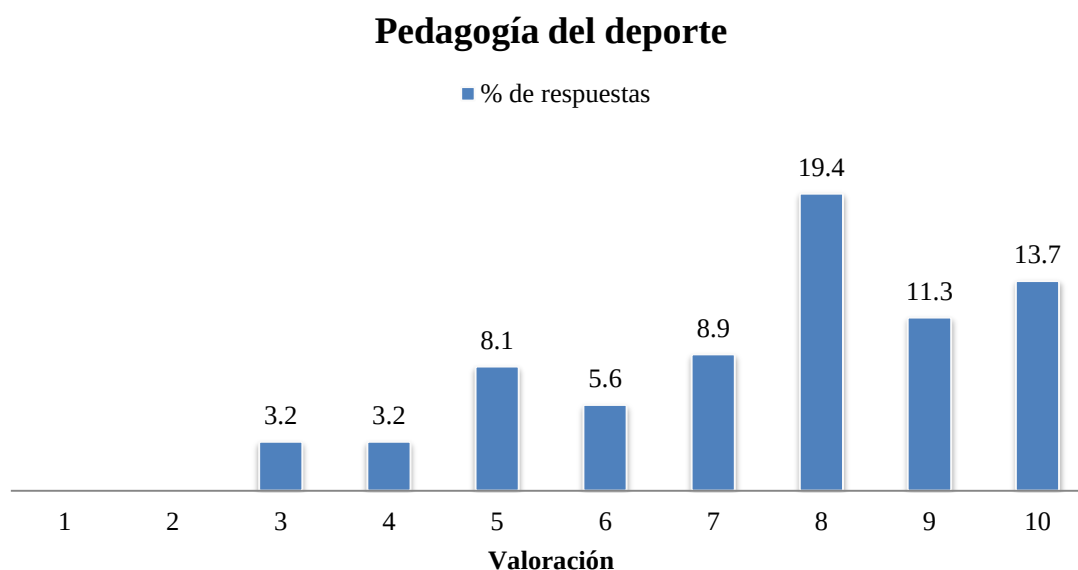


Figura 37. Porcentaje de valoración del ítem 26: el contenido “pedagogía del deporte” de la formación general del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?

Con respecto a la importancia que los entrenadores atribuyen al contenido de “pedagogía del deporte” del curso de entrenadores, la mayor parte de los encuestados (58.9%) valoraron de forma positiva, considerando importante, este contenido ($M = 7.53 \pm 2.0$). La valoración más frecuente tuvo un grado positivo intermedio (8) ($f = 24$). Debemos reforzar que en todos los ítems de esta dimensión el 26.6% de los entrenadores encuestados no respondieron a este ítem porque nunca llegaron a realizar el curso.

Tabla 55. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 26: El contenido “pedagogía del deporte” de la formación general del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
3	4	3.2	4.4	4.4
4	4	3.2	4.4	8.8
5	10	8.1	11.0	19.8
6	7	5.6	7.7	27.5
7	11	8.9	12.1	39.6
8	24	19.4	26.4	65.9
9	14	11.3	15.4	81.3
10	17	13.7	18.7	100.0
Total	91	73.4	100.0	
Perdidos	33	26.6		
Total	124	100.0		

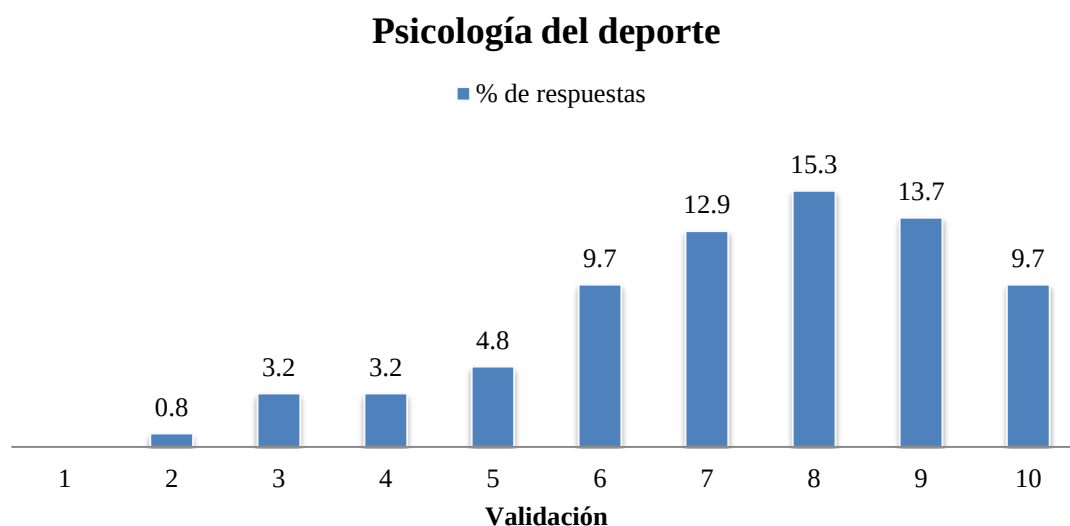


Figura 38. Porcentaje de valoración del ítem 27: el contenido “psicología del deporte” de la formación general del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?

Con relación a la importancia que los encuestados atribuyen al contenido de “psicología del deporte” del curso de entrenadores, la mayor parte de ellos (61.3%) estimaron de forma positiva, considerando importante, el contenido psicología del deporte ($M = 7.35 \pm 2.0$), obteniendo la respuesta más frecuente un grado positivo intermedio (8) ($f = 19$).

Tabla 56. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 27: El contenido “psicología del deporte” de la formación general del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
2	1	.8	1.1	1.1
3	4	3.2	4.4	5.5
4	4	3.2	4.4	9.9
5	6	4.8	6.6	16.5
6	12	9.7	13.2	29.7
7	16	12.9	17.6	47.3
8	19	15.3	20.9	68.1
9	17	13.7	18.7	86.8
10	12	9.7	13.2	100.0
Total	91	73.4	100.0	
Perdidos	33	26.6		
Total	124	100.0		

Seguridad deportiva

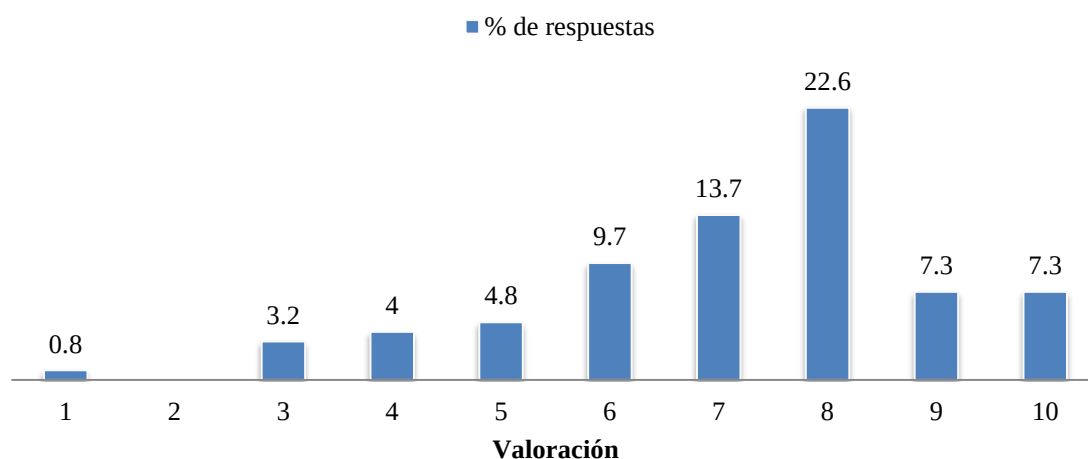


Figura 39. Porcentaje de valoración del ítem 28: el contenido “seguridad deportiva” de la formación general del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?

Respecto a la importancia que los encuestados atribuyeron al contenido de “seguridad deportiva” del curso de entrenadores, la mayor parte de los entrenadores (60.6%) apreció de forma positiva, considerando importante, el contenido “seguridad deportiva” ($M = 7.13 \pm 1.9$), siendo la valoración más habitual un 8 ($f = 28$).

Tabla 57. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 28: El contenido “seguridad deportiva” de la formación general del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	1	.8	1.1	1.1
3	4	3.2	4.4	5.5
4	5	4.0	5.5	11.0
5	6	4.8	6.6	17.6
6	12	9.7	13.2	30.8
7	17	13.7	18.7	49.5
8	28	22.6	30.8	80.2
9	9	7.3	9.9	90.1
10	9	7.3	9.9	100.0
Total	91	73.4	100.0	
Perdidos	33	26.6		
Total	124	100.0		

Teoría y Metodología del Entrenamiento Deportivo de las modalidades colectivas

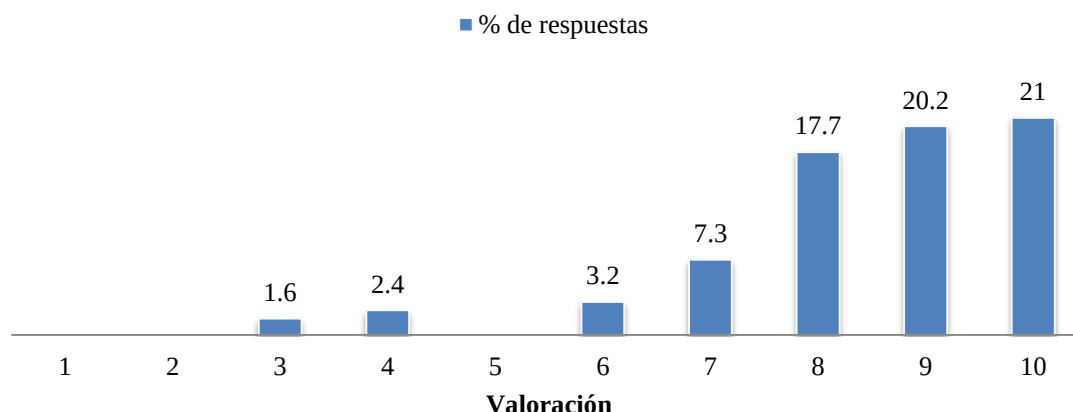


Figura 40. Porcentaje de valoración del ítem 29: el contenido “teoría y metodología del entrenamiento deportivo de las modalidades colectivas” de la formación general del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?

Observando la importancia que los entrenadores atribuyen al contenido de “teoría y metodología del entrenamiento deportivo de las modalidades colectivas” del curso de entrenadores, una clara mayoría de los encuestados (69.4%) valoraron de forma muy positiva la importancia que tiene el contenido “teoría y metodología del entrenamiento deportivo de las modalidades colectivas” ($M = 8.42 \pm 1.6$). Solamente un número muy reducido de entrenadores no lo consideraron importante ($f = 5$). La mayor parte de los entrenadores ($f = 26$) atribuyó la valoración máxima (10).

Tabla 58. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 29: El contenido “teoría y metodología del entrenamiento deportivo de las modalidades colectivas” de la formación general del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
3	2	1.6	2.2	2.2
4	3	2.4	3.3	5.5
6	4	3.2	4.4	9.9
7	9	7.3	9.9	19.8
8	22	17.7	24.2	44.0
9	25	20.2	27.5	71.4
10	26	21.0	28.6	100.0
Total	91	73.4	100.0	
Perdidos	33	26.6		
Total	124	100.0		

Aprendizaje y Desarrollo Motor

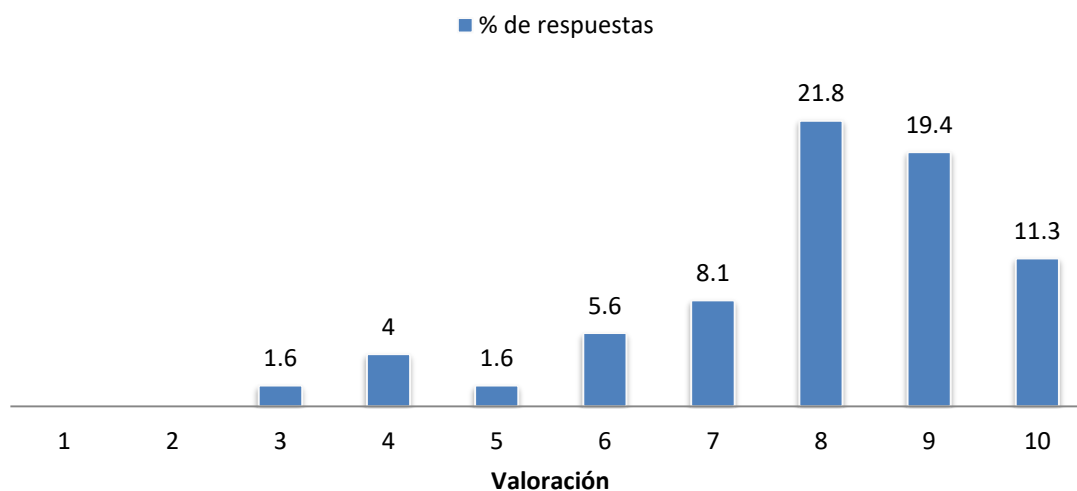


Figura 41. Porcentaje de valoración del ítem 30: el contenido “aprendizaje y desarrollo motor” de la formación general del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?

En cuanto a la importancia que los entrenadores dan al contenido de “aprendizaje y desarrollo motor” del curso de entrenadores, la mayor parte de los encuestados (66.2%) valoraron de forma positiva el contenido “aprendizaje y desarrollo motor” ($M = 7.91 \pm 1.7$), siendo la valoración más frecuente un 8 ($f = 27$).

Tabla 59. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 30: El contenido “aprendizaje y desarrollo motor” de la formación general del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
3	2	1.6	2.2	2.2
4	5	4.0	5.5	7.7
5	2	1.6	2.2	9.9
6	7	5.6	7.7	17.6
7	10	8.1	11.0	28.6
8	27	21.8	29.7	58.2
9	24	19.4	26.4	84.6
10	14	11.3	15.4	100.0
Total	91	73.4	100.0	
Perdidos	33	26.6		
Total	124	100.0		

Observación y Análisis de las Habilidades Motoras

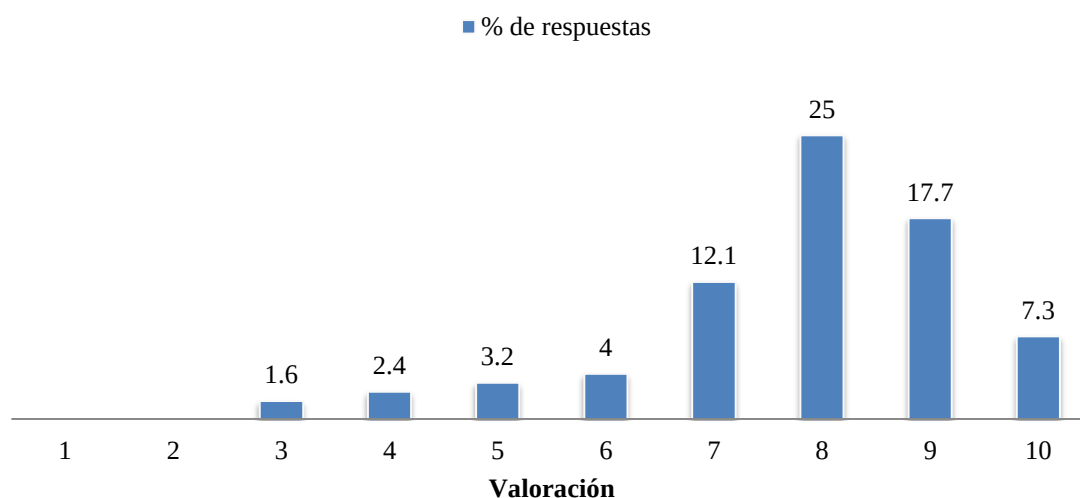


Figura 42. Porcentaje de valoración del ítem 31: el contenido “observación y análisis de las habilidades motoras” de la formación general del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?

Centrándonos en la importancia que los encuestados atribuyen al contenido de “observación y análisis de las habilidades motoras” del curso de entrenadores, la mayor parte de ellos (66.1%) consideraron de forma positiva el contenido ($M = 7.79 \pm 1.6$), siendo la valoración más frecuente un 8 ($f = 31$).

Tabla 60. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 31: El contenido “observación y análisis de las habilidades motoras” de la formación general del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
3	2	1.6	2.2	2.2
4	3	2.4	3.3	5.5
5	4	3.2	4.4	9.9
6	5	4.0	5.5	15.4
7	15	12.1	16.5	31.9
8	31	25.0	34.1	65.9
9	22	17.7	24.2	90.1
10	9	7.3	9.9	100.0
Total	91	73.4	100.0	
Perdidos	33	26.6		
Total	124	100.0		

Funcionamiento del Cuerpo Humano, Nutrición y Primeros Auxilios

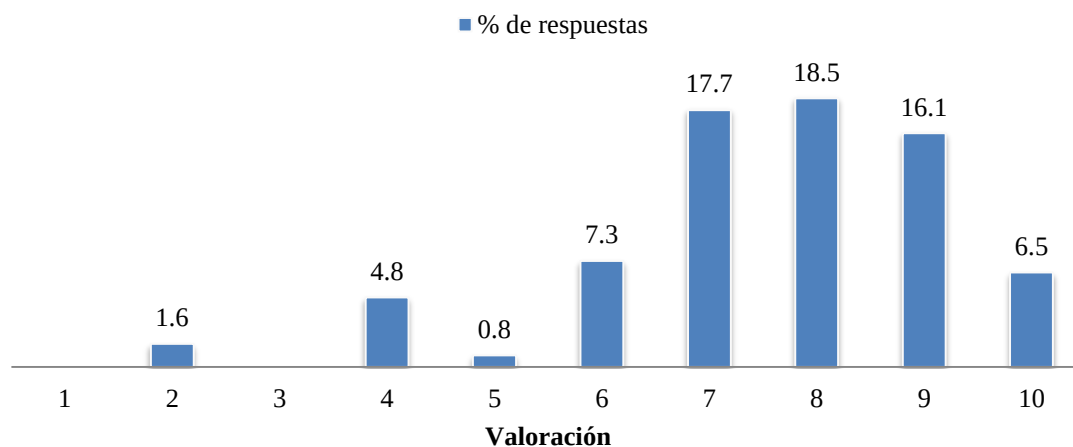


Figura 43. Porcentaje de valoración del ítem 32: el contenido: “funcionamiento del cuerpo humano, nutrición y primeros auxilios” de la formación general del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?

En relación con la importancia que los encuestados asignaron al contenido de “funcionamiento del cuerpo humano, nutrición y primeros auxilios” del curso de entrenadores, la mayor parte de los mismos (66.1%) estimaron de forma importante el contenido ($M = 7.53 \pm 1.7$), siendo la valoración más habitual un 8 ($f = 23$).

Tabla 61. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 32: El contenido: “funcionamiento del cuerpo humano, nutrición y primeros auxilios” de la formación general del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
2	2	1.6	2.2	2.2
4	6	4.8	6.6	8.8
5	1	.8	1.1	9.9
6	9	7.3	9.9	19.8
7	22	17.7	24.2	44.0
8	23	18.5	25.3	69.2
9	20	16.1	22.0	91.2
10	8	6.5	8.8	100.0
Total	91	73.4	100.0	
Perdidos	33	26.6		
Total	124	100.0		

Lucha contra el dopaje

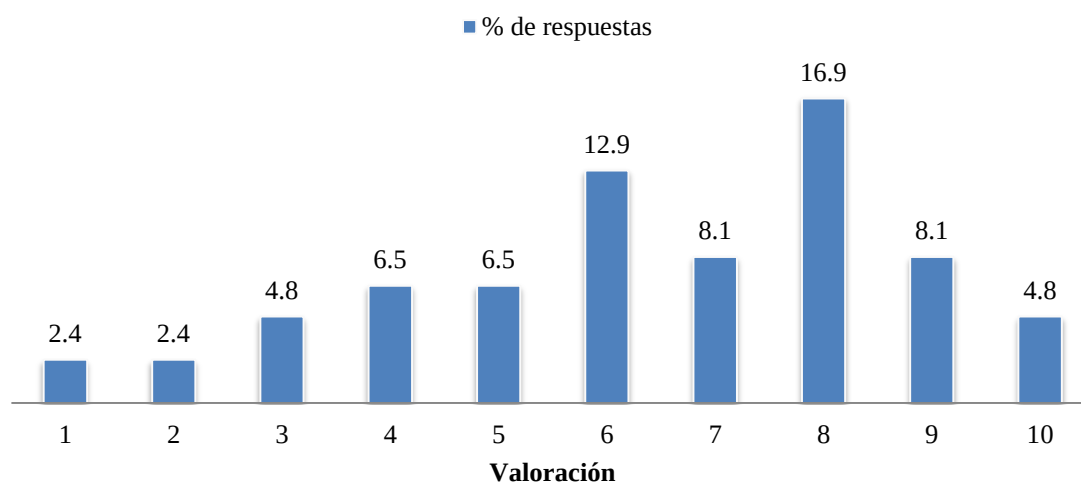


Figura 44. Porcentaje de valoración del ítem 33: el contenido: “lucha contra el dopaje” de la formación general del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?

Con respecto a la importancia que los encuestados atribuyeron al contenido de “lucha contra el dopaje” del curso de entrenadores, aunque hubo cierta distribución de las respuestas, la mayor parte de los encuestados (50.8%) valoraron de forma positiva, considerando importante, el contenido “lucha contra el dopaje” ($M = 6.41 \pm 2.3$), teniendo la valoración más frecuente un grado positivo intermedio (8) constatándose un mayor número de respuestas ($f = 21$).

Tabla 62. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 33: El contenido: “lucha contra el dopaje” de la formación general del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	3	2.4	3.3	3.3
2	3	2.4	3.3	6.6
3	6	4.8	6.6	13.2
4	8	6.5	8.8	22.0
5	8	6.5	8.8	30.8
6	16	12.9	17.6	48.4
7	10	8.1	11.0	59.3
8	21	16.9	23.1	82.4
9	10	8.1	11.0	93.4
10	6	4.8	6.6	100.0
Total	91	73.4	100.0	
Perdidos	33	26.6		
Total	124	100.0		

Deporte para personas con discapacidad

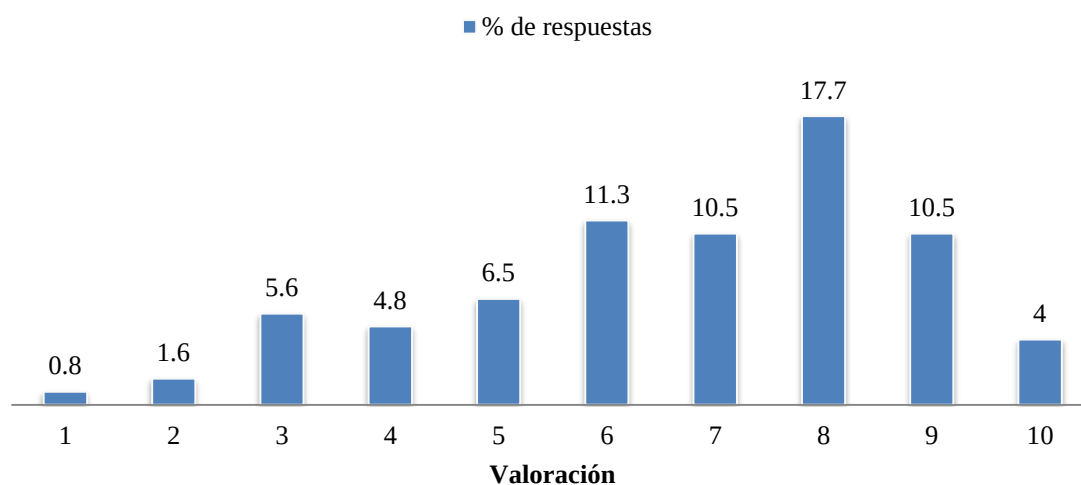


Figura 45. Porcentaje de valoración del ítem 34: el contenido: “deporte para personas con discapacidad” de la formación general del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?

Teniendo en cuenta la importancia que los entrenadores concedieron al contenido de “deporte para personas con discapacidad” del curso de entrenadores, a pesar de haber una cierta distribución de las respuestas, la mayoría de los encuestados (54%) estimaron de forma positiva el contenido ($M = 6.68 \pm 2.1$). La mayor valoración tuvo un grado positivo intermedio (8) donde se verifica un mayor número de respuestas ($f = 22$).

Tabla 63. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 34: El contenido: “deporte para personas con discapacidad” de la formación general del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	1	.8	1.1	1.1
2	2	1.6	2.2	3.3
3	7	5.6	7.7	11.0
4	6	4.8	6.6	17.6
5	8	6.5	8.8	26.4
6	14	11.3	15.4	41.8
7	13	10.5	14.3	56.0
8	22	17.7	24.2	80.2
9	13	10.5	14.3	94.5
10	5	4.0	5.5	100.0
Total	91	73.4	100.0	
Perdidos	33	26.6		
Total	124	100.0		

Técnico-táctica

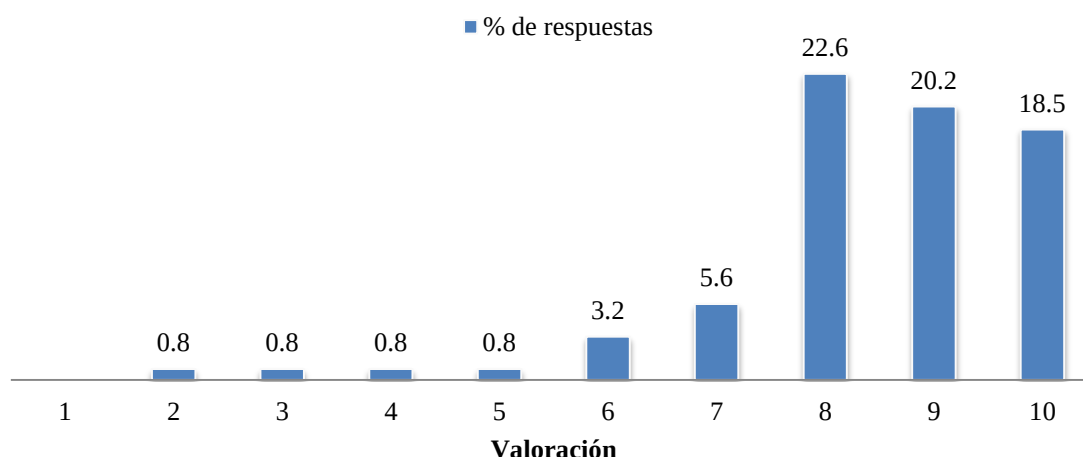


Figura 46. Porcentaje de valoración del ítem 35: el contenido: “técnica y táctica” de la formación específica del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?

Si situamos ahora nuestra atención en el componente específico del curso de entrenadores, en cuanto a la importancia que los encuestados dan al contenido “técnica y táctica”, la mayoría de los entrenadores (70.1%) valoraron de forma bastante positiva, considerando muy importante, el contenido “técnica y táctica” ($M = 8.42 \pm 1.5$). Además, gran parte de los entrenadores señalaron la importancia con los últimos tres niveles máximos de valoración ($f = 76$; $n = 91$). No obstante, el valor más frecuente fue positivo e intermedio (8) en el que se verificó un mayor número de respuestas ($f = 28$).

Tabla 64. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 35: El contenido: “técnica y táctica” de la formación específica del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
2	1	.8	1.1	1.1
3	1	.8	1.1	2.2
4	1	.8	1.1	3.3
5	1	.8	1.1	4.4
6	4	3.2	4.4	8.8
7	7	5.6	7.7	16.5
8	28	22.6	30.8	47.3
9	25	20.2	27.5	74.7
10	23	18.5	25.3	100.0
Total	91	73.4	100.0	
Perdidos	33	26.6		
Total	124	100.0		

Metodología del Entrenamiento de fútbol

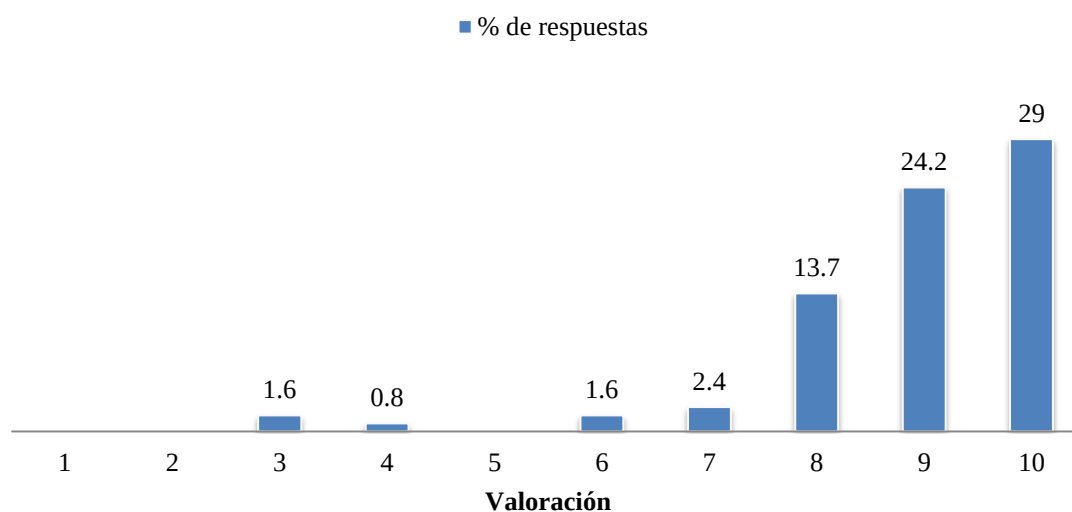


Figura 47. Porcentaje de valoración del ítem 36: el contenido: “metodología del entrenamiento de fútbol” de la formación específica del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?

En relación con la importancia que los encuestados otorgaron al contenido “metodología del entrenamiento de fútbol” del curso de entrenadores, es evidente que casi la totalidad de los mismos (70.9%) respondieron de forma bastante positiva ($M = 8.89 \pm 1.4$). Asimismo, la mayor parte de los entrenadores le dio la máxima importancia (10) ($f = 36$).

Tabla 65. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 36: El contenido: “metodología del entrenamiento de fútbol” de la formación específica del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
3	2	1.6	2.2	2.2
4	1	.8	1.1	3.3
6	2	1.6	2.2	5.5
7	3	2.4	3.3	8.8
8	17	13.7	18.7	27.5
9	30	24.2	33.0	60.4
10	36	29.0	39.6	100.0
Total	91	73.4	100.0	
Perdidos	33	26.6		
Total	124	100.0		

Capacidades Físicas/Motoras

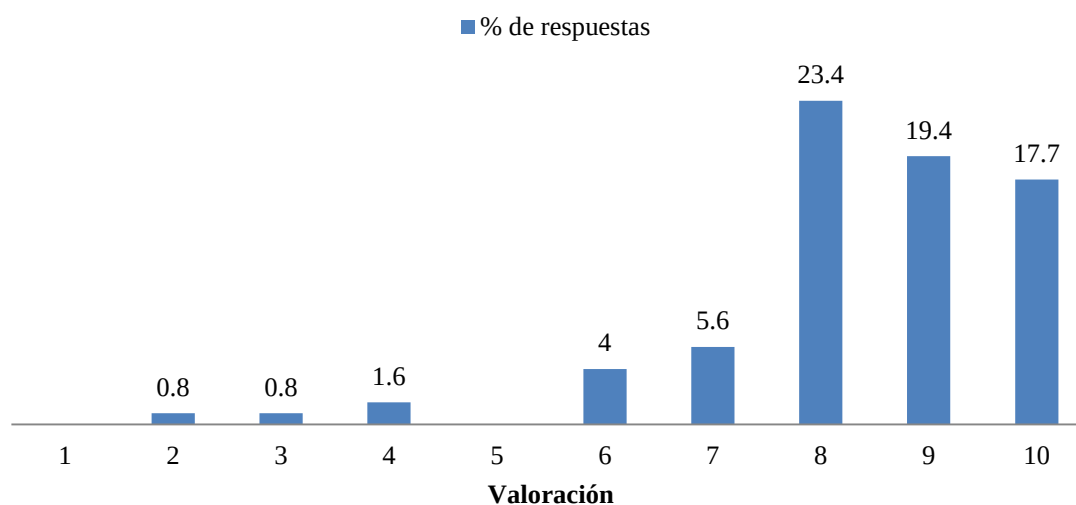


Figura 48. Porcentaje de valoración del ítem 37: el contenido: “capacidades físicas/motoras” de la formación específica del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?

En lo que se refiere a la importancia que los encuestados asignaron al contenido “capacidades físicas/motoras” del curso de entrenadores, se evidenció una mayor valorización por parte de la mayoría de los entrenadores que respondieron (70.1%), estimando de forma positiva el contenido ($M = 8.35 \pm 1.6$), con las respuestas concentradas en los tres últimos grados de valoración. La mayor parte de las respuestas se concentraron en una valoración positiva intermedia (8) ($f = 29$).

Tabla 66. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 37: El contenido: “capacidades físicas/motoras” de la formación específica del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
2	1	.8	1.1	1.1
3	1	.8	1.1	2.2
4	2	1.6	2.2	4.4
6	5	4.0	5.5	9.9
7	7	5.6	7.7	17.6
8	29	23.4	31.9	49.5
9	24	19.4	26.4	75.8
10	22	17.7	24.2	100.0
Total	91	73.4	100.0	
Perdidos	33	26.6		
Total	124	100.0		

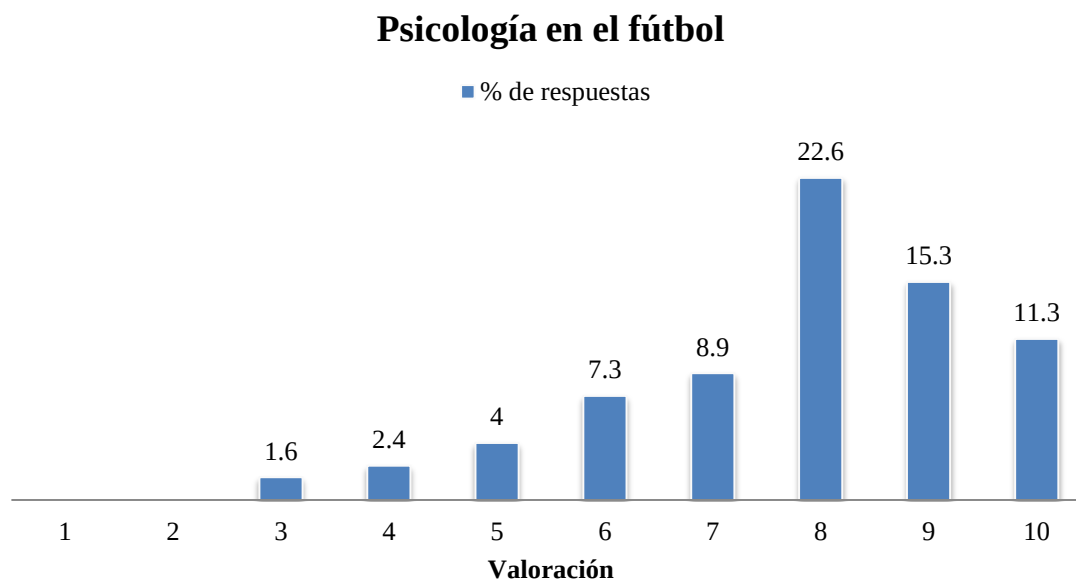


Figura 49. Porcentaje de valoración del ítem 38: el contenido: “psicología en el fútbol” de la formación específica del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?

Considerando ahora la importancia que los encuestados atribuyeron al contenido “psicología en el fútbol” del curso de entrenadores, es clara la tendencia positiva de valorización por parte de la mayoría de éstos (65.4%) valorando de forma positiva este contenido ($M = 7.79 \pm 1.7$). La mayoría de los entrenadores otorgó una valoración positiva intermedia (8) ($f = 28$).

Tabla 67. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 38: El contenido: “psicología en el fútbol” de la formación específica del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
3	2	1.6	2.2	2.2
4	3	2.4	3.3	5.5
5	5	4.0	5.5	11.0
6	9	7.3	9.9	20.9
7	11	8.9	12.1	33.0
8	28	22.6	30.8	63.7
9	19	15.3	20.9	84.6
10	14	11.3	15.4	100.0
Total	91	73.4	100.0	
Perdidos	33	26.6		
Total	124	100.0		

Gestión y organización en el fútbol

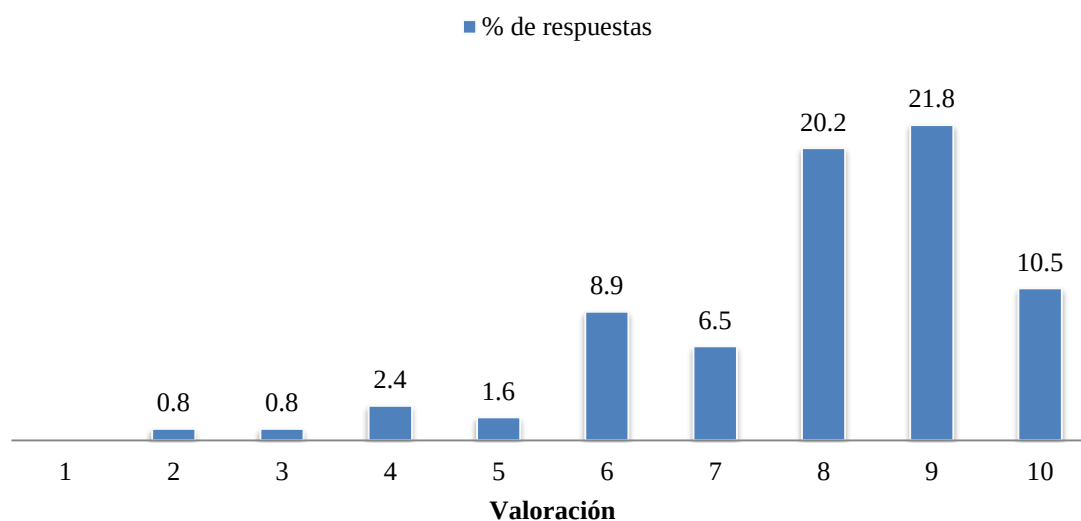


Figura 50. Porcentaje de valoración del ítem 39: el contenido: “gestión y organización en el fútbol” de la formación específica del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?

Ante la importancia que los encuestados asignaron al contenido “gestión y organización en el fútbol” del curso de entrenadores, se encontró una valoración positiva por parte de la mayoría de los entrenadores que contestaron (67.9%) considerando importante el contenido ($M = 7.93 \pm 1.7$). La mayor parte de los encuestados otorgó una valoración muy positiva (9) ($f = 27$).

Tabla 68. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 39: El contenido: “gestión y organización en el fútbol” de la formación específica del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
2	1	.8	1.1	1.1
3	1	.8	1.1	2.2
4	3	2.4	3.3	5.5
5	2	1.6	2.2	7.7
6	11	8.9	12.1	19.8
7	8	6.5	8.8	28.6
8	25	20.2	27.5	56.0
9	27	21.8	29.7	85.7
10	13	10.5	14.3	100.0
Total	91	73.4	100.0	
Perdidos	33	26.6		
Total	124	100.0		

Arbitraje y leyes de juego

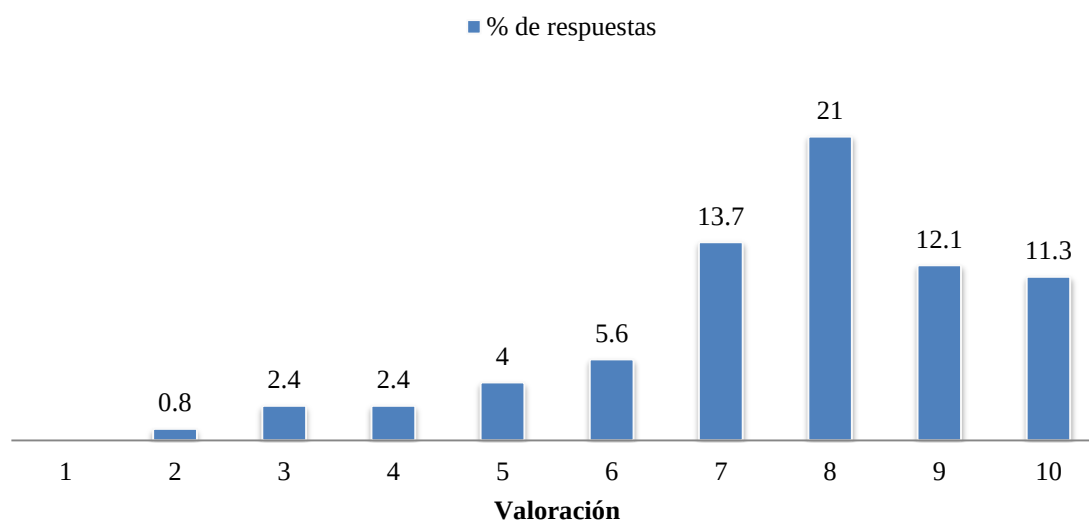


Figura 51. Porcentaje de valoración del ítem 40: el contenido: “arbitraje y leyes de juego” de la formación específica del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?

Con relación a la importancia que los entrenadores atribuyeron al contenido “arbitraje y leyes de juego” del curso de entrenadores, se halló una valoración positiva por parte de la mayoría de los entrenadores que contestaron (63.7%), considerando, pues, importante este contenido ($M = 7.60 \pm 1.8$), siendo la puntuación intermedia de un 8 ($f = 26$).

Tabla 69. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 40: El contenido: “arbitraje y leyes de juego” de la formación específica del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
2	1	.8	1.1	1.1
3	3	2.4	3.3	4.4
4	3	2.4	3.3	7.7
5	5	4.0	5.5	13.2
6	7	5.6	7.7	20.9
7	17	13.7	18.7	39.6
8	26	21.0	28.6	68.1
9	15	12.1	16.5	84.6
10	14	11.3	15.4	100.0
Total	91	73.4	100.0	
Perdidos	33	26.6		
Total	124	100.0		

Organización de Clase

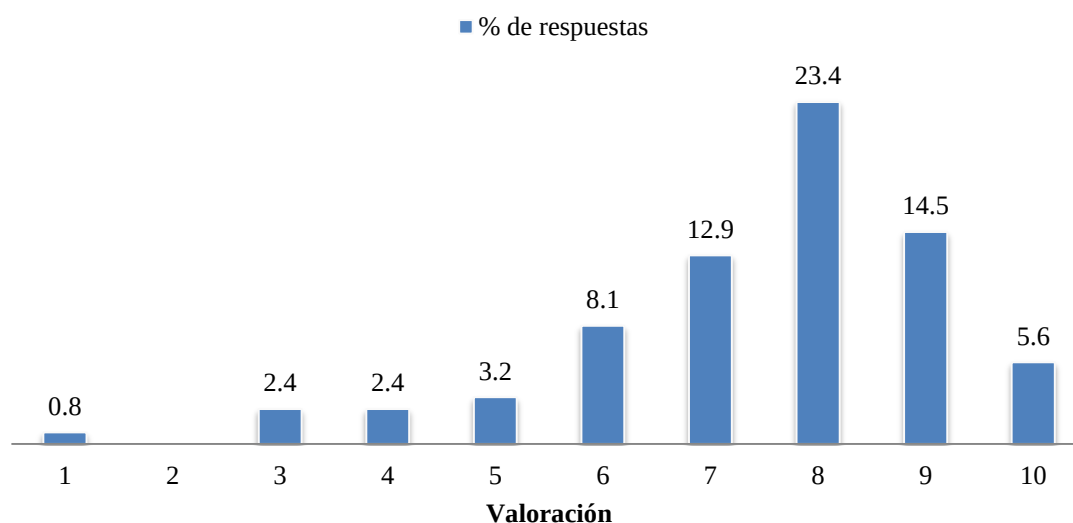


Figura 52. Porcentaje de valoración del ítem 41: el contenido: “organización de clase” de la formación específica del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?

Con respecto a la importancia que los encuestados asignaron al contenido “organización de clase” del curso de entrenadores, se constató una valoración positiva por parte de la mayoría de los mismos (64.5%) considerando importante el contenido ($M = 7.45 \pm 1.8$). La calificación media fue 8, donde se encontraron el mayor número de respuestas ($f = 29$).

Tabla 70. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 41: El contenido: “organización de clase” de la formación específica del curso de entrenadores de fútbol, ¿fue útil para entrenar en el fútbol de formación?

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	1	.8	1.1	1.1
3	3	2.4	3.3	4.4
4	3	2.4	3.3	7.7
5	4	3.2	4.4	12.1
6	10	8.1	11.0	23.1
7	16	12.9	17.6	40.7
8	29	23.4	31.9	72.5
9	18	14.5	19.8	92.3
10	7	5.6	7.7	100.0
Total	91	73.4	100.0	
Perdidos	33	26.6		
Total	124	100.0		

Tiempo empleado en el curso de entrenadores es suficiente

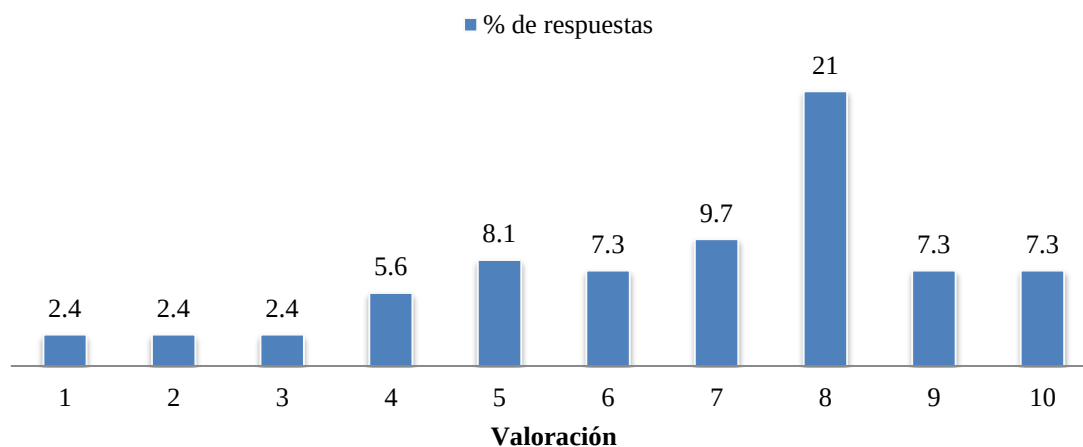


Figura 53. Porcentaje de valoración del ítem 42: pienso que el tiempo empleado en el curso de entrenadores es suficiente para entrenar en el fútbol de formación.

Respecto al grado de acuerdo que los encuestados tenían con el hecho de que el tiempo empleado en el curso de entrenadores fue suficiente para entrenar en el fútbol de formación, a pesar de haber una relativa distribución de la valoración, se percibió que existía una consideración positiva por parte de la mayoría de los entrenadores (52.6%), estimando, de esta forma, que era suficiente el tiempo empleado ($M = 6.74 \pm 2.3$). Los encuestados asignaron una valoración intermedia de 8 ($f = 26$).

Tabla 71. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 42: Pienso que el tiempo empleado en el curso de entrenadores es suficiente para entrenar en el fútbol de formación.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	3	2.4	3.3	3.3
2	3	2.4	3.3	6.6
3	3	2.4	3.3	9.9
4	7	5.6	7.7	17.6
5	10	8.1	11.0	28.6
6	9	7.3	9.9	38.5
7	12	9.7	13.2	51.6
8	26	21.0	28.6	80.2
9	9	7.3	9.9	90.1
10	9	7.3	9.9	100.0
Total	91	73.4	100.0	
Perdidos	33	26.6		
Total	124	100.0		

Los contenidos del curso de entrenadores son suficientes

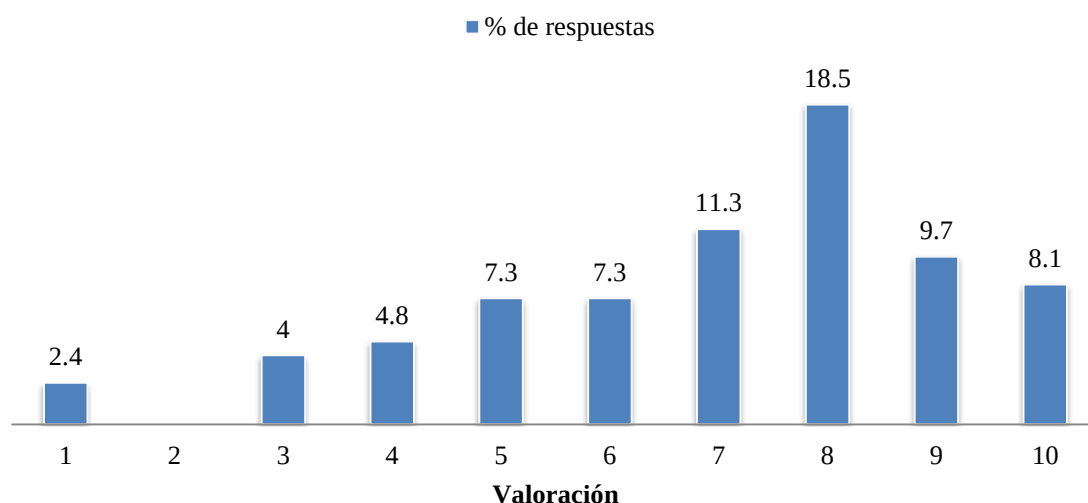


Figura 54. Porcentaje de valoración del ítem 43: creo que los contenidos recibidos durante el curso de entrenadores son suficientes para entrenar en el fútbol de formación.

Teniendo en cuenta el grado de acuerdo que los entrenadores encuestados asignaron al hecho de considerar suficientes para entrenar en el fútbol de formación los contenidos recibidos durante el curso, se observó que existía una valorización positiva por parte de la mayoría de los entrenadores que contestaron (54.9%) estimando, de esta forma, que los contenidos son suficientes ($M = 6.93 \pm 2.2$). La mayoría de los entrenadores estableció un nivel de acuerdo positivo intermedio (8), en el que se registró un mayor número de respuestas ($f = 23$).

Tabla 72. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 43: Creo que los contenidos recibidos durante el curso de entrenadores son suficientes para entrenar en el fútbol de formación.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	3	2.4	3.3	3.3
3	5	4.0	5.5	8.8
4	6	4.8	6.6	15.4
5	9	7.3	9.9	25.3
6	9	7.3	9.9	35.2
7	14	11.3	15.4	50.5
8	23	18.5	25.3	75.8
9	12	9.7	13.2	89.0
10	10	8.1	11.0	100.0
Total	91	73.4	100.0	
Perdidos	33	26.6		
Total	124	100.0		

Los profesores del curso de entrenadores me enseñaron mucho

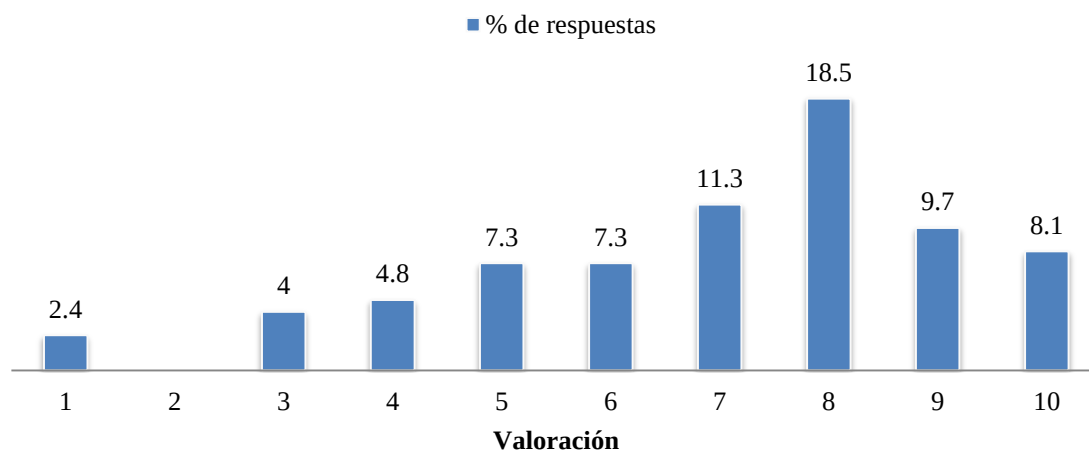


Figura 55. Porcentaje de valoración del ítem 44: en general, creo que los profesores que he tenido en el curso de entrenadores me enseñaron mucho.

Cuanto al grado de acuerdo que los entrenadores encuestados presentaron con relación al hecho de los profesores del curso les enseñaron mucho, se observó una valorización positiva por parte de la mayoría de los entrenadores (59.7%), afirmando, que los profesores les enseñaron ($M = 7.36 \pm 2.2$). La mayor parte de los entrenadores estableció un nivel de acuerdo positivo intermedio (8), donde constató un mayor número de respuestas ($f = 20$).

Tabla 73. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 44: En general, creo que los profesores que he tenido en el curso de entrenadores me enseñaron mucho.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	1	.8	1.1	1.1
2	2	1.6	2.2	3.3
3	5	4.0	5.5	8.8
4	2	1.6	2.2	11.0
5	7	5.6	7.7	18.7
6	8	6.5	8.8	27.5
7	15	12.1	16.5	44.0
8	20	16.1	22.0	65.9
9	16	12.9	17.6	83.5
10	15	12.1	16.5	100.0
Total	91	73.4	100.0	
Perdidos	33	26.6		
Total	124	100.0		

4.1.4.1. SÍNTESIS FINAL DE LA DIMENSIÓN FORMACIÓN COMO ENTRENADOR

Tras el análisis de la dimensión Formación como Entrenador, observamos que gran parte de los entrenadores encuestados que poseían el curso de entrenadores, tenían solamente el grado I para trabajar en el fútbol de formación. El grado II era menos frecuente pero también existían algunos entrenadores con esta graduación. Sin embargo podemos destacar de una forma negativa el hecho de que todavía había muchos entrenadores sin el curso de entrenador, que les permitiría ejercer estas funciones legalmente. Los entrenadores con el grado III eran muy pocos. Por otro lado, no había ningún entrenador a trabajar en el fútbol de formación con el grado IV. Analizando los contenidos del curso de entrenadores, podemos decir que todos los contenidos del curso fueron considerados importantes por la mayor parte de los entrenadores encuestados, siendo que todos los contenidos fueron mayoritariamente valorados de forma positiva. Destacamos los contenidos: “teoría y metodología del entrenamiento deportivo”, “técnica y táctica”, “metodología del entrenamiento de fútbol” y “capacidades físicas/motoras”, como los contenidos de mayor interés, que han obtenido una calificación promedio más elevada, que resulta en una valoración muy positiva en comparación con los otros contenidos. Por otra parte, los contenidos: “lucha contra el dopaje” y “deporte para personas con discapacidad” fueron considerados de menor interés por parte de los entrenadores. También fue posible observar una ligera tendencia para valorar más los contenidos de la componente específica del curso comparativamente con los contenidos de la componente general. En cuanto a la opinión de los entrenadores encuestados en relación con el tiempo empleado en el curso y con los contenidos recibidos, si han sido suficientes para entrenar en el fútbol de formación, fue posible percibir que existió una mayor división de opiniones con una media de valoración más central. Aun así un poco más de mitad de los entrenadores encuestados estimaron positivo tanto el tiempo empleado, como los contenidos recibidos. Por último en esta dimensión, también se observó una valoración positiva en relación con los profesores del curso considerando que les enseñaron mucho.

4.1.5. DIMENSIÓN FORMACIÓN CONTINUA

Con la dimensión Formación Continua pretendemos saber con qué tipo de iniciativas los entrenadores encuestados están más de acuerdo para seguir su formación y mantenerse actualizado. A continuación, se presenta la tabla resumen de esta dimensión con los aspectos que hace referencia.

Tabla 74. Ítems de la dimensión Formación Continua del cuestionario.

Dimensión Formación Continua
De las siguientes manifestaciones referentes a la formación continua y la experiencia, responda cuál es su grado de acuerdo
45. Me parece importante participar en jornadas, seminarios, congresos, etc. para mantenerme actualizado
46. Creo que mi experiencia diaria es suficiente para mantenerme actualizado
47. Los cursos de corta o media duración pueden ser importantes para mantenerme actualizado
48. Intercambiar opiniones, experiencias, etc. con otros compañeros entrenador puede ayudar a completar mi formación
49. Los libros, revistas, etc. pueden ser un buen medio para continuar mi formación
50. Los entrenadores, dentro del club o escuela donde entrenan, deben trabajar en grupo
51. Entiendo que los cursos e-Learning serían una buena forma de mantenerme actualizado
52. Creo que los Workshops prácticos son una forma óptima de construir mi formación
53. Los congresos on-line representan una posibilidad innovadora y eficaz para mi formación

Importancia de participar en jornadas, seminarios y congresos

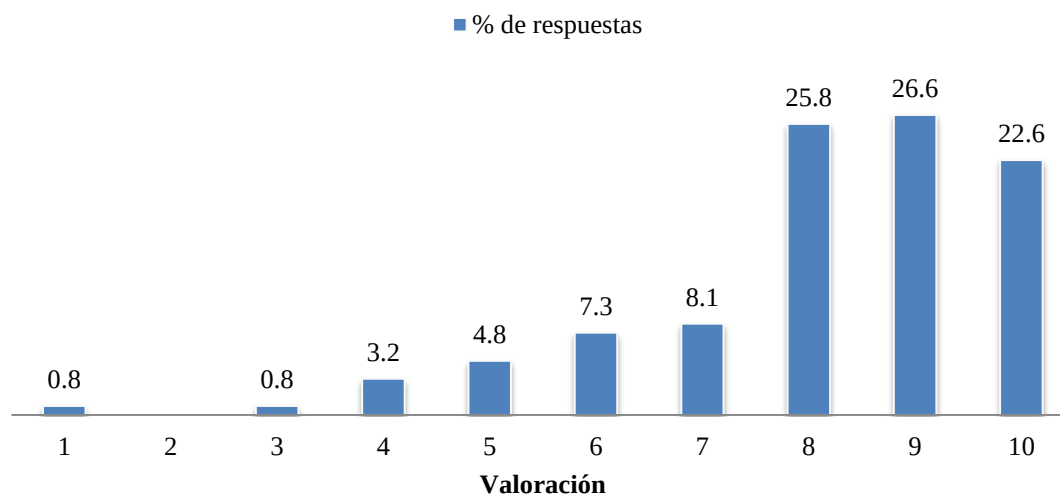


Figura 56. Porcentaje de valoración del ítem 45: me parece importante participar en jornadas, seminarios y congresos para mantenerme actualizado.

En lo que se refiere al grado de acuerdo que los entrenadores presentaron con relación a la participación en jornadas, seminarios y congresos para mantenerse actualizado, se observó que existe una valoración muy positiva por parte de la mayoría de ellos (90.4%), reflejando así que participar en este tipo de actividades es muy importante para mantenerse actualizado ($M = 8.12 \pm 1.8$), ya que la mayor parte de los entrenadores estableció un nivel de acuerdo alto (9), en el que se verificó un mayor número de respuestas ($f = 33$).

Tabla 75. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 45: Me parece importante participar en jornadas, seminarios y congresos para mantenerme actualizado.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	1	.8	.8	.8
3	1	.8	.8	1.6
4	4	3.2	3.2	4.8
5	6	4.8	4.8	9.7
6	9	7.3	7.3	16.9
7	10	8.1	8.1	25.0
8	32	25.8	25.8	50.8
9	33	26.6	26.6	77.4
10	28	22.6	22.6	100.0
Total	124	100.0	100.0	

La experiencia diaria es suficiente para mantenerme actualizado

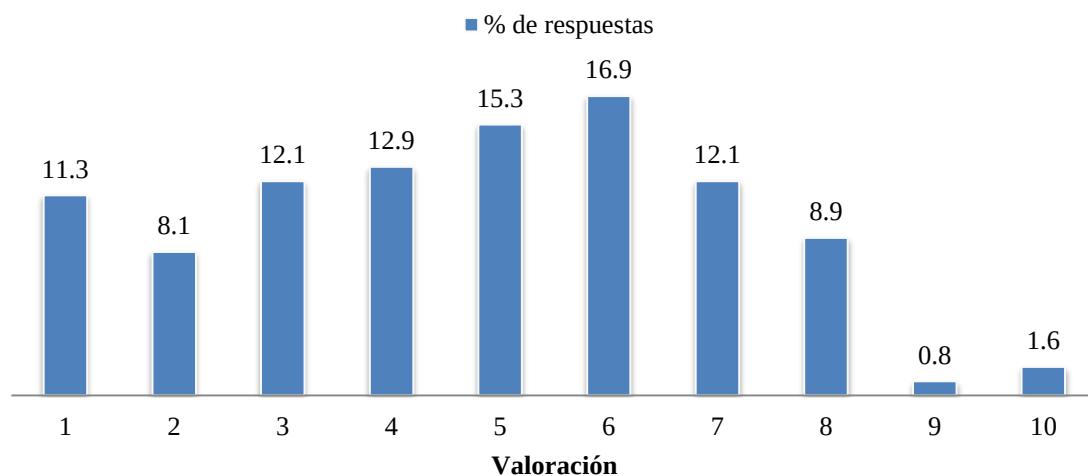


Figura 57. Porcentaje de valoración del ítem 46: creo que mi experiencia diaria es suficiente para mantenerme actualizado.

Con respecto al grado de acuerdo que los entrenadores encuestados mostraron con el hecho de que la experiencia diaria es suficiente para mantenerse actualizado, se constató que existía una valoración negativa de la mayoría de los entrenadores encuestados (59.7%) no estando de acuerdo con ello ($M = 4.73 \pm 2.3$). La mayor parte de los entrenadores indicaron una valoración en el límite positivo inferior (6), en el que se hallaron un mayor número de respuestas ($f = 21$).

Tabla 76. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 46: Creo que mi experiencia diaria es suficiente para mantenerme actualizado.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	14	11.3	11.3	11.3
2	10	8.1	8.1	19.4
3	15	12.1	12.1	31.5
4	16	12.9	12.9	44.4
5	19	15.3	15.3	59.7
6	21	16.9	16.9	76.6
7	15	12.1	12.1	88.7
8	11	8.9	8.9	97.6
9	1	.8	.8	98.4
10	2	1.6	1.6	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Importancia de los cursos de corta o media duración para mantenerme actualizado

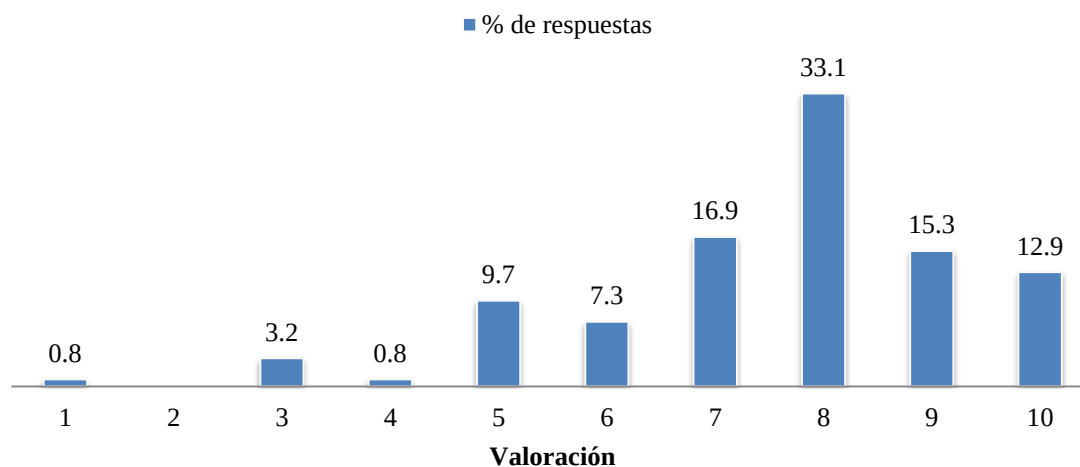


Figura 58. Porcentaje de valoración del ítem 47: los cursos de corta o media duración pueden ser importantes para mantenerme actualizado.

En relación con grado de acuerdo que los entrenadores señalaron respecto a la importancia de los cursos de corta o media duración para mantenerse actualizado, es perceptible que existía una valoración positiva de la mayoría de los encuestados (85.5%), estimando que los cursos de corta o media duración son importantes para mantenerse actualizado ($M = 7.56 \pm 1.8$). La mayor parte de los entrenadores estableció un nivel de acuerdo positivo intermedio (8), en el que se halló un mayor número de respuestas ($f = 41$).

Tabla 77. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 47: Los cursos de corta o media duración pueden ser importantes para mantenerme actualizado.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	1	.8	8	.8
3	4	3.2	3.2	4.0
4	1	.8	.8	4.8
5	12	9.7	9.7	14.5
6	9	7.3	7.3	21.8
7	21	16.9	16.9	38.7
8	41	33.1	33.1	71.8
9	19	15.3	15.3	87.1
10	16	12.9	12.9	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Intercambiar opiniones, experiencias con otros colegas entrenadores

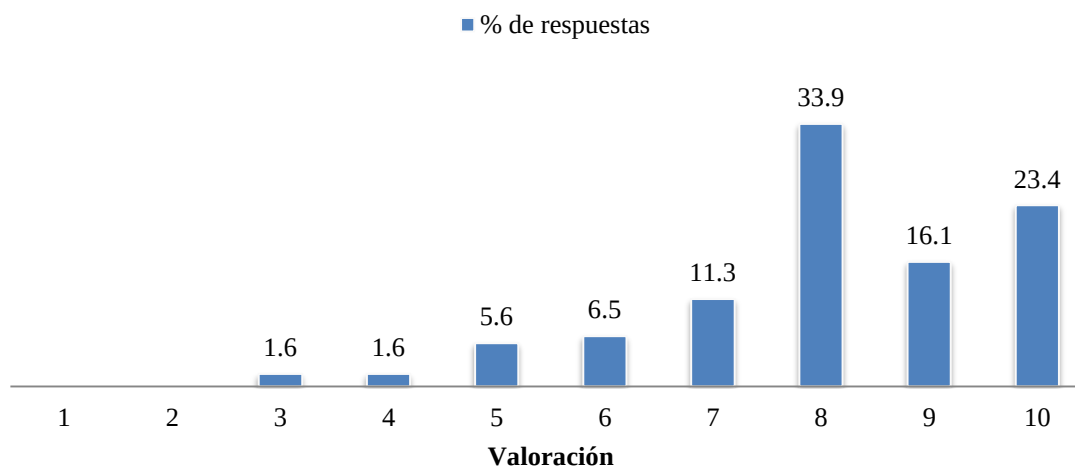


Figura 59. Porcentaje de valoración del ítem 48: intercambiar opiniones y experiencias con otros colegas entrenadores puede ayudar a completar mi formación.

Respecto al grado de acuerdo que los entrenadores presentaron en relación con el intercambio de opiniones y experiencias con otros colegas para completar su formación, existió una valoración positiva de la mayoría de los encuestados (91.2%) mostrando que era una buena forma de completar la formación ($M = 8.07 \pm 1.6$). La mayoría de los entrenadores estableció un nivel de acuerdo positivo intermedio (8), en el que se verificó con claridad un mayor número de respuestas ($f = 42$).

Tabla 78. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 48: Intercambiar opiniones y experiencias con otros colegas entrenadores puede ayudar a completar mi formación.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
3	2	1.6	1.6	1.6
4	2	1.6	1.6	3.2
5	7	5.6	5.6	8.9
6	8	6.5	6.5	15.3
7	14	11.3	11.3	26.6
8	42	33.9	33.9	60.5
9	20	16.1	16.1	76.6
10	29	23.4	23.4	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Los libros y revistas pueden ser un buen medio para continuar mi formación

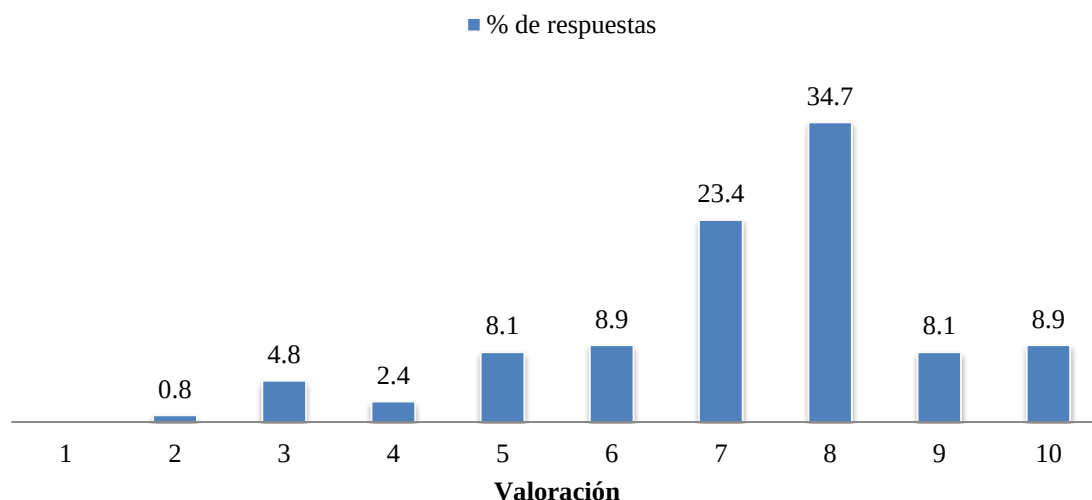


Figura 60. Porcentaje de valoración del ítem 49: los libros y revistas pueden ser un buen medio para continuar mi formación.

Teniendo en cuenta el nivel de acuerdo que los encuestados exhibieron respecto a los libros y revistas como medio para continuar su formación, se comprobó que existía una valoración positiva de la mayoría de los entrenadores (84%; $M = 7.22 \pm 1.7$), respondiendo la mayor parte de ellos de forma positiva (8) ($f = 43$).

Tabla 79. Frecuencias y porcentajes del ítem 49: Los libros y revistas pueden ser un buen medio para continuar mi formación.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
2	1	.8	.8	.8
3	6	4.8	4.8	5.6
4	3	2.4	2.4	8.1
5	10	8.1	8.1	16.1
6	11	8.9	8.9	25.0
7	29	23.4	23.4	48.4
8	43	34.7	34.7	83.1
9	10	8.1	8.1	91.1
10	11	8.9	8.9	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Los entrenadores dentro del club deben trabajar en grupo

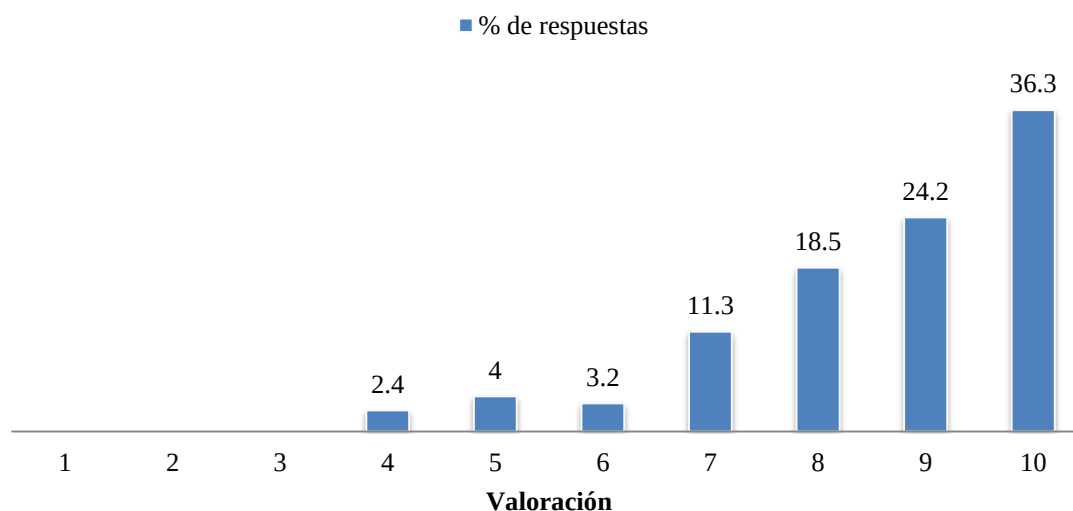


Figura 61. Porcentaje de valoración del ítem 50: los entrenadores, dentro del club donde entreno, deben trabajar en grupo.

Observando el grado de acuerdo que los encuestados presentaron con la afirmación de que dentro del club los entrenadores deben trabajar en grupo, se evidencia que existe una valoración bastante positiva por parte de la mayoría de los encuestados (93.5%) ($M = 8.57 \pm 1.5$). En este sentido, muchos entrenadores señalaron un 10 ($f = 45$).

Tabla 80. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 50: Los entrenadores, dentro del club donde entreno, deben trabajar en grupo.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
4	3	2.4	2.4	2.4
5	5	4.0	4.0	6.5
6	4	3.2	3.2	9.7
7	14	11.3	11.3	21.0
8	23	18.5	18.5	39.5
9	30	24.2	24.2	63.7
10	45	36.3	36.3	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Los cursos e-Learning serían una buena forma de mantenerme actualizado

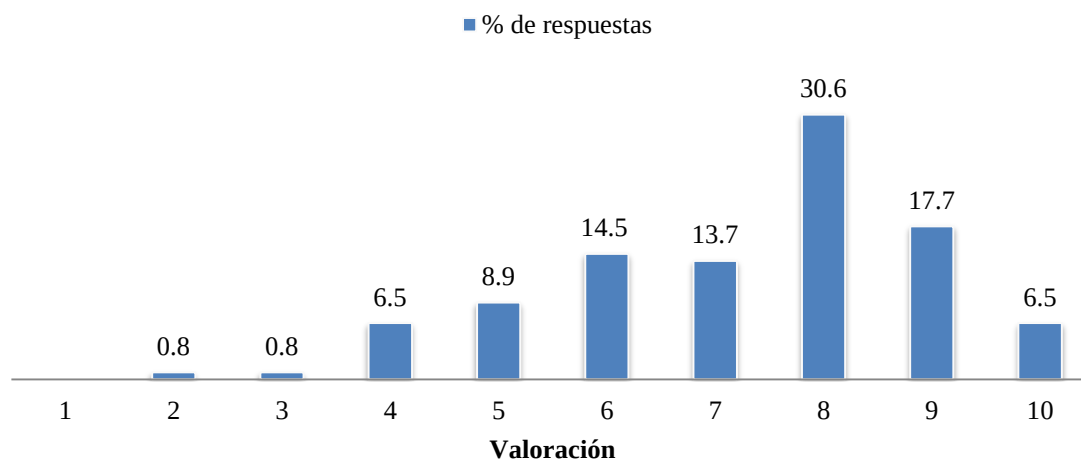


Figura 62. Porcentaje de valoración del ítem 51: entiendo que los cursos e-learning serían una buena forma de mantenerme actualizado.

Considerando el grado de acuerdo que los encuestados expresaron en relación con la utilización de los cursos e-Learning para mantenerse actualizado, se demostró que existía una valoración positiva de la mayoría de los entrenadores (83%) ($M = 7.27 \pm 1.7$), mostrándose muchos de ellos en un nivel de acuerdo positivo intermedio (8), donde se constató un mayor número de respuestas ($f = 38$).

Tabla 81. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 51: Entiendo que los cursos e-Learning serían una buena forma de mantenerme actualizado.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
2	1	.8	.8	.8
3	1	.8	.8	1.6
4	8	6.5	6.5	8.1
5	11	8.9	8.9	16.9
6	18	14.5	14.5	31.5
7	17	13.7	13.7	45.2
8	38	30.6	30.6	75.8
9	22	17.7	17.7	93.5
10	8	6.5	6.5	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Los Workshops son una óptima forma de construir mi formación

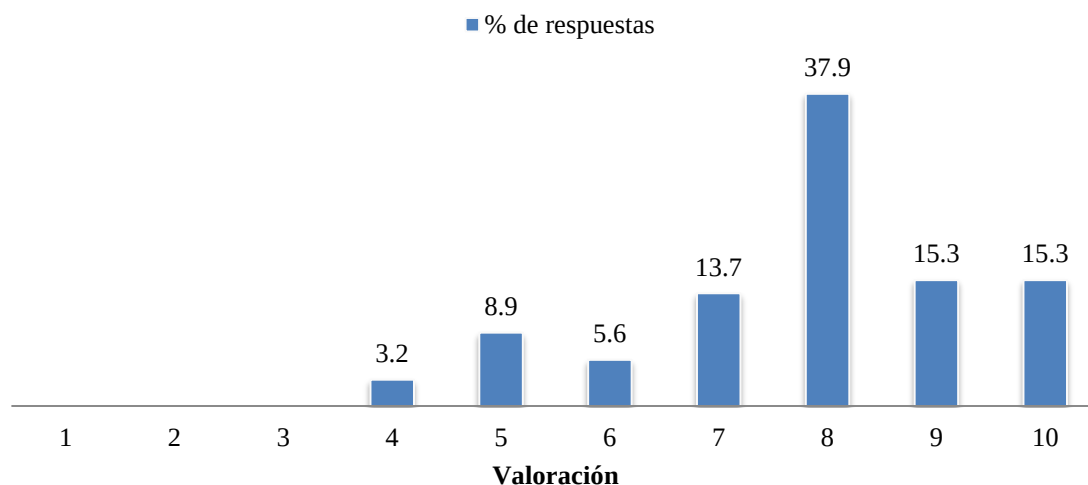


Figura 63. Porcentaje de valoración del ítem 52: creo que los workshops prácticos son una óptima forma de construir mi formación.

Teniendo en cuenta el grado de acuerdo que los encuestados atribuyeron a los workshops prácticos como medio para construir su formación, se halló una valoración positiva de la mayor parte de los entrenadores (87.8%) ($M = 7.81 \pm 1.6$), obteniéndose un valor positivo intermedio (8) en muchos casos ($f = 47$).

Tabla 82. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 52: Creo que los workshops prácticos son una óptima forma de construir mi formación.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
4	4	3.2	3.2	3.2
5	11	8.9	8.9	12.1
6	7	5.6	5.6	17.7
7	17	13.7	13.7	31.5
8	47	37.9	37.9	69.4
9	19	15.3	15.3	84.7
10	19	15.3	15.3	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Los congresos on-line representan una posibilidad innovadora y eficaz para mi formación

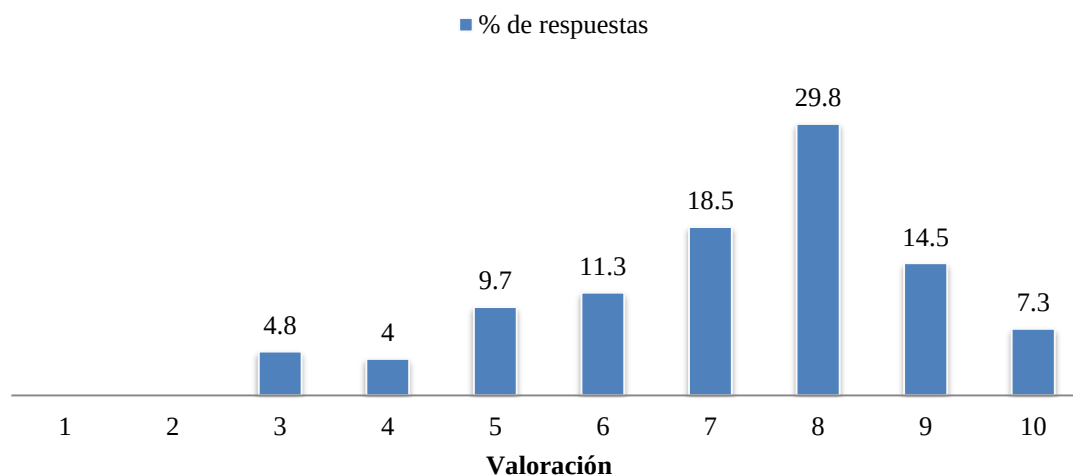


Figura 64. Porcentaje de valoración del ítem 53: los congresos on-line representan una posibilidad innovadora y eficaz para mi formación.

Respecto al grado de acuerdo que los entrenadores atribuyeron a los congresos on-line y de qué forma representan una posibilidad innovadora y eficaz para su formación, se constató una valoración positiva por parte de la mayoría de los encuestados (81.4%; $M = 7.19 \pm 1.8$). De esta manera la mayor parte de los entrenadores presentó un nivel de acuerdo positivo intermedio (8) ($f = 37$).

Tabla 83. Frecuencia y porcentajes de respuestas al ítem 53: Los congresos on-line representan una posibilidad innovadora y eficaz para mi formación.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
3	6	4.8	4.8	4.8
4	5	4.0	4.0	8.9
5	12	9.7	9.7	18.5
6	14	11.3	11.3	29.8
7	23	18.5	18.5	48.4
8	37	29.8	29.8	78.2
9	18	14.5	14.5	92.7
10	9	7.3	7.3	100.0
Total	124	100.0	100.0	

4.1.5.1. SÍNTESIS FINAL DE LA DIMENSIÓN FORMACIÓN CONTINUA

Después del análisis de los resultados de esta dimensión, destacamos que todas las formas y estrategias de formación continua fueron valoradas de forma positiva y consideradas importantes por parte de los entrenadores. Sin embargo, las jornadas, seminarios o congresos, el intercambio de opiniones o experiencias con otros colegas y la posibilidad de los entrenadores en el club trabajaren en grupo, fueron los factores más destacados por los entrenadores como más importantes. Por otra parte, los entrenadores de una forma clara no estuvieron de acuerdo con el hecho de que la experiencia diaria sea suficiente para mantenerse actualizado.

4.1.6. DIMENSIÓN CONCEPCIÓN DE ENSEÑANZA

En la dimensión Concepción de Enseñanza se pretende saber la opinión de los entrenadores encuestados en relación al proceso de enseñanza y aprendizaje en las dinámicas de entrenamiento y competición del fútbol de formación. A continuación, se presenta la tabla resumen de esta dimensión con los aspectos que hace referencia.

Tabla 84. Ítems de la dimensión Concepción de Enseñanza del cuestionario.

Dimensión Concepción de Enseñanza
De las siguientes manifestaciones referentes a la concepción de enseñanza, responda ¿cuál es su grado de acuerdo?
[54. En mi opinión, el fútbol es un medio a través del cual puedo educar a mis jugadores]
[55. Para mí, los resultados obtenidos por mi equipo en las competiciones son muy importantes]
[56. La competición es sólo un aspecto más en la formación deportiva de los jugadores]
[57. Considero que lo primordial es que los jugadores se divierten practicando fútbol]
[58. A través del fútbol podemos transmitir valores educativos]
[59. Entiendo que debo utilizar con más frecuencia métodos de enseñanza directivos]
[60. Entiendo que debo utilizar con más frecuencia métodos de enseñanza basados en el descubrimiento]
[61. Dispongo con frecuencia de instalaciones y material suficiente para entrenar]
[62. Creo que la competición en estas edades de iniciación está adaptada a las características psicoevolutivas de los jugadores]
[63. Creo que todos los jugadores deben participar en las competiciones, independientemente del resultado]

El fútbol es un medio a través del cual puedo educar a mis jugadores

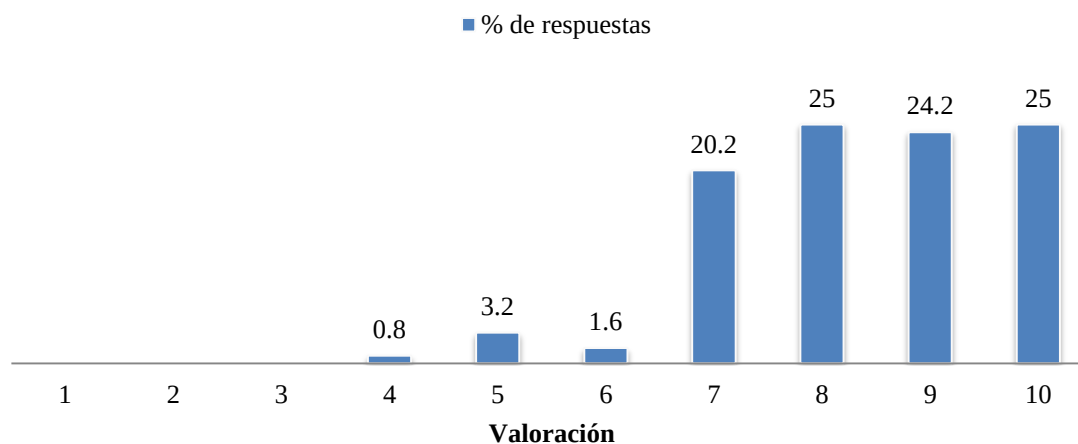


Figura 65. Porcentaje de valoración del ítem 54: en mi opinión, el fútbol es un medio a través del cual puedo educar a mis jugadores.

Para iniciar esta dimensión, analizamos el grado de acuerdo que los encuestados tenían ante la afirmación de que el fútbol puede ser un medio para educar los jugadores. La mayoría de los entrenadores realizó una valoración bastante positiva (96%) ($M = 8.38 \pm 1.3$). Se puede percibir también que la mayor parte de los encuestados presentó un nivel de acuerdo máximo (10) o positivo intermedio (8), en el que se encontraban un gran número de respuestas ($f = 31$).

Tabla 85. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 54: En mi opinión, el fútbol es un medio a través del cual puedo educar a mis jugadores.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
4	1	.8	.8	.8
5	4	3.2	3.2	4.0
6	2	1.6	1.6	5.6
7	25	20.2	20.2	25.8
8	31	25.0	25.0	50.8
9	30	24.2	24.2	75.0
10	31	25.0	25.0	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Los resultados obtenidos por mi equipo en las competencias son muy importantes

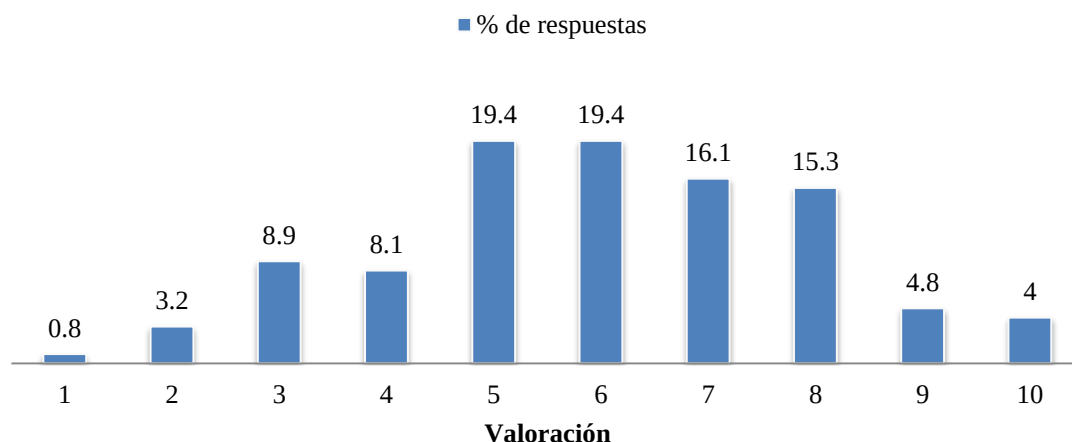


Figura 66. Porcentaje de valoración del ítem 55: para mí, los resultados obtenidos por mi equipo en las competencias son muy importantes.

Centrándonos ahora en el grado de acuerdo que los entrenadores asumieron ante la importancia de los resultados obtenidos por el equipo en las competencias, se constató una gran distribución de las respuestas en la escala de valorización, pero aun así se percibe que existía una ligera valoración positiva por parte de los encuestados (59.6%). Esta tendencia de distribución equilibrada de las respuestas revela alguna duda o diferentes opiniones sobre este asunto ($M = 5.98 \pm 2.0$). También se puede notar esta división teniendo en cuenta la valoración media negativa (5) o por la valoración media positiva (6) ($f = 24$).

Tabla 86. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 55: Para mí, los resultados obtenidos por mi equipo en las competencias son muy importantes.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	1	.8	.8	.8
2	4	3.2	3.2	4.0
3	11	8.9	8.9	12.9
4	10	8.1	8.1	21.0
5	24	19.4	19.4	40.3
6	24	19.4	19.4	59.7
7	20	16.1	16.1	75.8
8	19	15.3	15.3	91.1
9	6	4.8	4.8	96.0
10	5	4.0	4.0	100.0
Total	124	100.0	100.0	

La competición es sólo un aspecto más en la formación deportiva de los jugadores

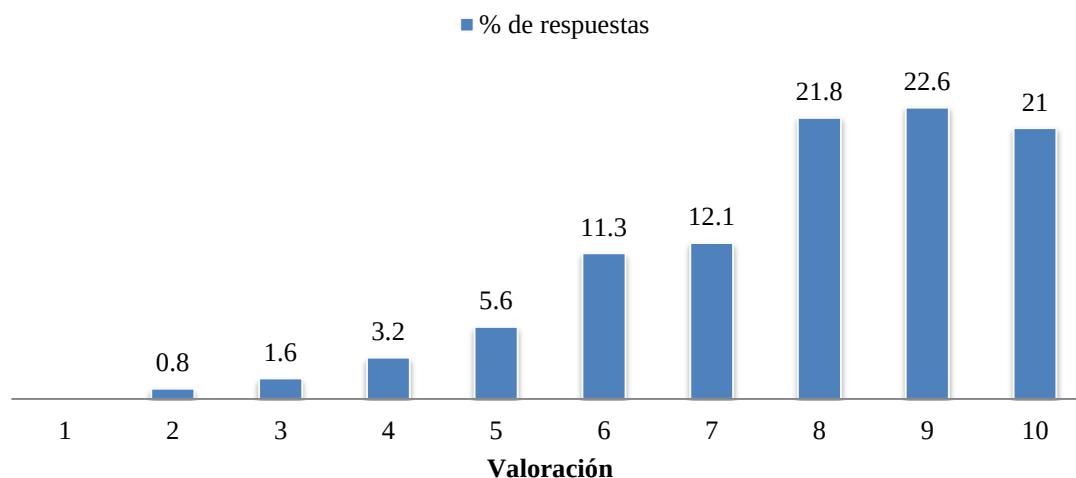


Figura 67. Porcentaje de valoración del ítem 56: la competición es sólo un aspecto más en la formación deportiva de los jugadores.

En relación con el grado de acuerdo que los entrenadores mostraron ante la afirmación de que la competición era sólo un aspecto más en la formación deportiva de los jugadores, se identificó una estimación positiva de la mayoría de los encuestados (88.8%) ($M = 7.87 \pm 1.8$). Se observó, pues, que la mayor parte de los entrenadores presentaban un nivel de acuerdo alto (9) ($f = 28$).

Tabla 87. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 56: La competición es sólo un aspecto más en la formación deportiva de los jugadores.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
2	1	.8	.8	.8
3	2	1.6	1.6	2.4
4	4	3.2	3.2	5.6
5	7	5.6	5.6	11.3
6	14	11.3	11.3	22.6
7	15	12.1	12.1	34.7
8	27	21.8	21.8	56.5
9	28	22.6	22.6	79.0
10	26	21.0	21.0	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Lo primordial es que los jugadores se diviertan practicando fútbol

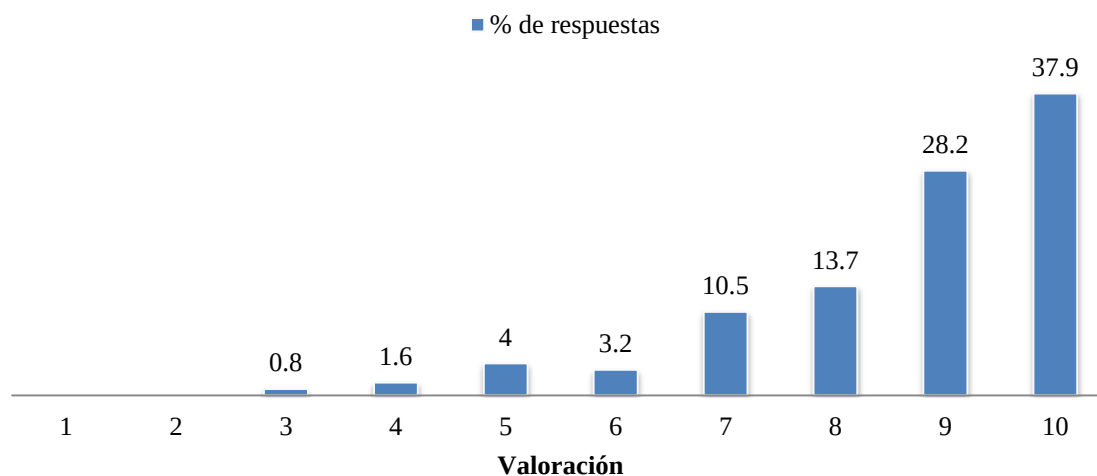


Figura 68. Porcentaje de valoración del ítem 57: considero que lo primordial es que los jugadores se diviertan practicando fútbol.

En cuanto al grado de acuerdo que los encuestados presentaron ante el hecho de considerar que lo primordial es que los jugadores se diviertan practicando fútbol, se encontró una valoración positiva por parte de la mayoría de los entrenadores (93.5%) ($M = 8.65 \pm 1.6$). Se observó que la mayor parte de los entrenadores se expresó con un nivel de acuerdo máximo (10) ($f = 47$).

Tabla 88. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 57: Considero que lo primordial es que los jugadores se diviertan practicando fútbol.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
3	1	.8	.8	.8
4	2	1.6	1.6	2.4
5	5	4.0	4.0	6.5
6	4	3.2	3.2	9.7
7	13	10.5	10.5	20.2
8	17	13.7	13.7	33.9
9	35	28.2	28.2	62.1
10	47	37.9	37.9	100.0
Total	124	100.0	100.0	

A través del fútbol podemos transmitir valores educativos

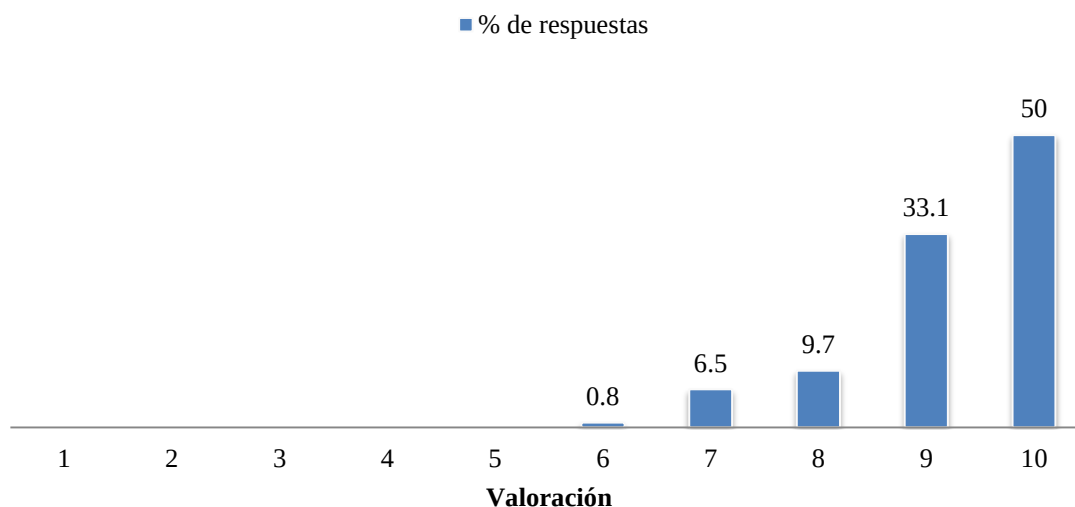


Figura 69. Porcentaje de valoración del ítem 58: a través del fútbol podemos transmitir valores educativos.

Analizando particularmente el grado de acuerdo que los encuestados presentaron respecto a la idea de que a través del fútbol podemos transmitir valores educativos, se detectó una estimación positiva por parte de la totalidad de los entrenadores (100%; $M = 8.65 \pm 1.6$). Además, se evidenció también que la mitad de los encuestados contestaron con un nivel de acuerdo máximo (10) ($f = 62$).

Tabla 89. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 58: A través del fútbol podemos transmitir valores educativos.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
6	1	.8	.8	.8
7	8	6.5	6.5	7.3
8	12	9.7	9.7	16.9
9	41	33.1	33.1	50.0
10	62	50.0	50.0	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Utilizar con más frecuencia métodos de enseñanza directivos

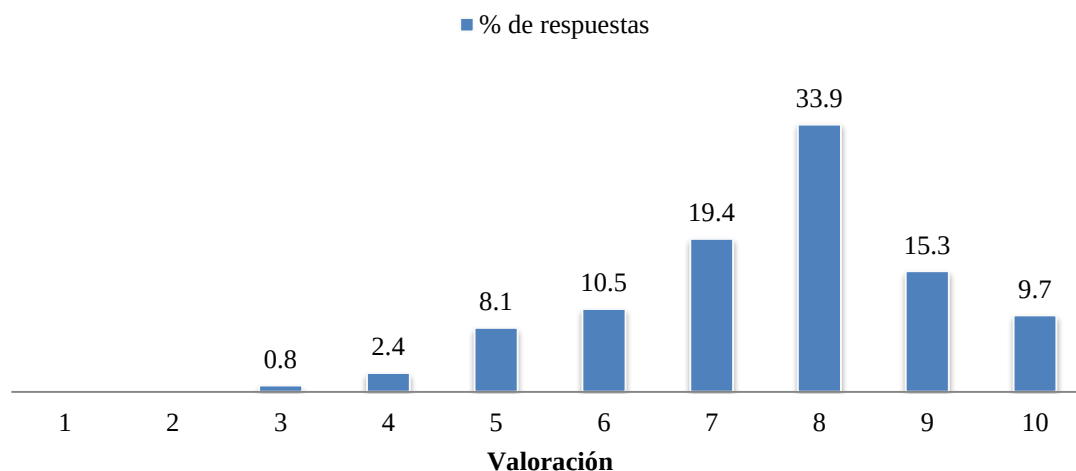


Figura 70. Porcentaje de valoración del ítem 59: entiendo que debo utilizar con más frecuencia métodos de enseñanza directivos.

En lo que se refiere al grado de acuerdo que los encuestados otorgaron a la idea de utilizar con más frecuencia métodos de enseñanza directivos, se verificó una valoración positiva por parte de la mayor parte de los entrenadores (88.8%) ($M = 7.56 \pm 1.5$). La mayoría de éstos presentó un grado de acuerdo positivo intermedio (8) ($f = 42$).

Tabla 90. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 59: Entiendo que debo utilizar con más frecuencia métodos de enseñanza directivos.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
3	1	.8	.8	.8
4	3	2.4	2.4	3.2
5	10	8.1	8.1	11.3
6	13	10.5	10.5	21.8
7	24	19.4	19.4	41.1
8	42	33.9	33.9	75.0
9	19	15.3	15.3	90.3
10	12	9.7	9.7	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Utilizar con más frecuencia métodos de enseñanza basados en el descubrimiento

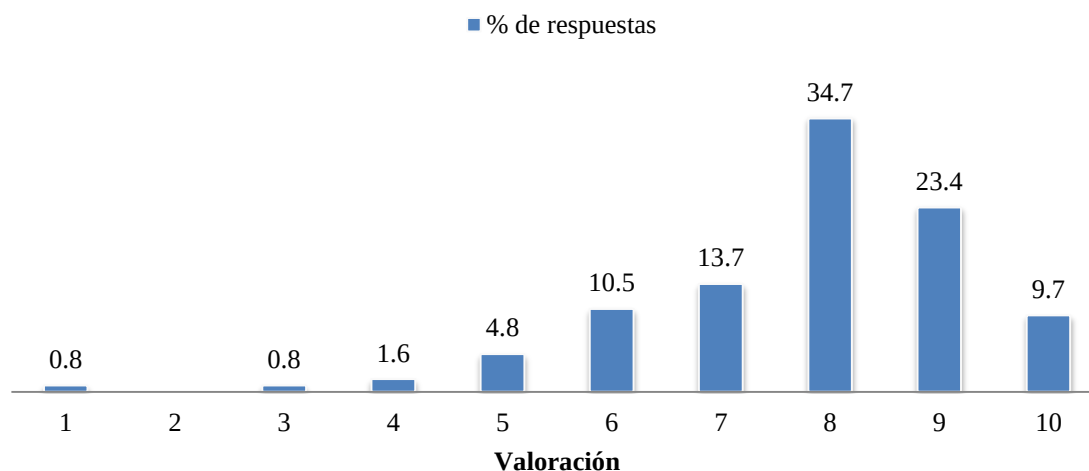


Figura 71. Porcentaje de valoración del ítem 60: entiendo que debo utilizar con más frecuencia métodos de enseñanza basados en el descubrimiento.

En lo que respecta al grado de acuerdo que los encuestados atribuyeron a la idea de utilizar con más frecuencia métodos de enseñanza basados en el descubrimiento, se constató una estimación positiva de la mayor parte de los entrenadores (92%) ($M = 7.77 \pm 1.6$), presentando la mayoría de los mismos un nivel de acuerdo positivo intermedio (8) ($f = 43$).

Tabla 91. Frecuencias de respuestas al ítem 60: Entiendo que debo utilizar con más frecuencia métodos de enseñanza basados en el descubrimiento.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	1	.8	.8	.8
3	1	.8	.8	1.6
4	2	1.6	1.6	3.2
5	6	4.8	4.8	8.1
6	13	10.5	10.5	18.5
7	17	13.7	13.7	32.3
8	43	34.7	34.7	66.9
9	29	23.4	23.4	90.3
10	12	9.7	9.7	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Disponer de instalaciones y material suficiente para entrenar

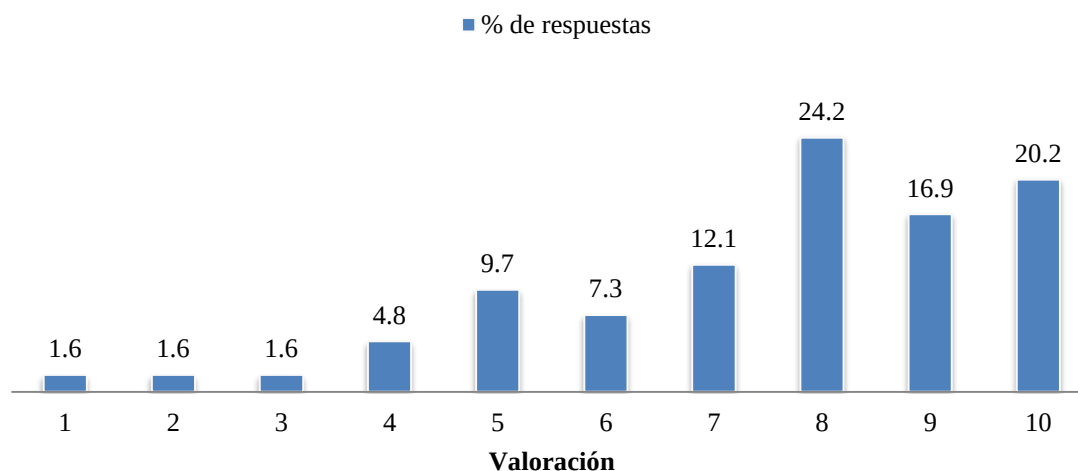


Figura 72. Porcentaje de valoración del ítem 61: dispongo con frecuencia de instalaciones y material suficiente para entrenar.

Teniendo en cuenta el grado de acuerdo que los entrenadores asignaron al hecho de disponer con frecuencia de instalaciones y material suficiente para entrenar, a pesar de existir alguna distribución de las respuestas, se observó una valoración positiva de la mayoría de los mismos (80.7%) ($M = 7.53 \pm 2.2$), obteniéndose por la mayor parte de los encuestados un grado de acuerdo positivo intermedio (8) ($f = 30$).

Tabla 92. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 61: Dispongo con frecuencia de instalaciones y material suficiente para entrenar.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	2	1.6	1.6	1.6
2	2	1.6	1.6	3.2
3	2	1.6	1.6	4.8
4	6	4.8	4.8	9.7
5	12	9.7	9.7	19.4
6	9	7.3	7.3	26.6
7	15	12.1	12.1	38.7
8	30	24.2	24.2	62.9
9	21	16.9	16.9	79.8
10	25	20.2	20.2	100.0
Total	124	100.0	100.0	

La competición en las edades de iniciación está adaptada a las características psicoevolutivas de los jugadores

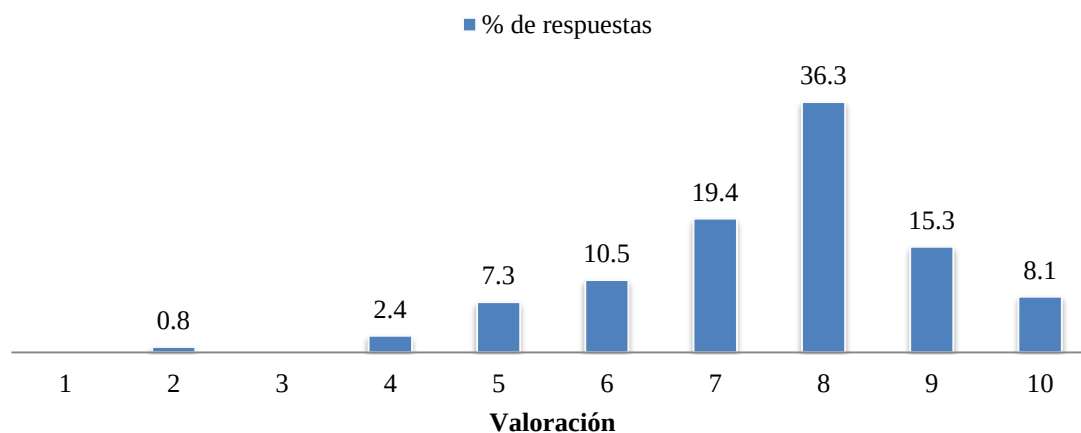


Figura 73. Porcentaje de valoración del ítem 62: creo que la competición en estas edades de iniciación está adaptada a las características psicoevolutivas de los jugadores.

Al considerar el grado de acuerdo que los entrenadores revelaron ante la afirmación de que la competición en estas edades de iniciación está adaptada a las características psicoevolutivas de los jugadores, se halló una estimación positiva de la mayoría de los encuestados (89.6%), ($M = 7.55 \pm 1.5$). Cabe resaltar que la mayor parte de los entrenadores presentaron un nivel de acuerdo positivo intermedio (8) ($f = 45$).

Tabla 93. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 62: Creo que la competición en estas edades de iniciación está adaptada a las características psicoevolutivas de los jugadores.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
2	1	.8	.8	.8
4	3	2.4	2.4	3.2
5	9	7.3	7.3	10.5
6	13	10.5	10.5	21.0
7	24	19.4	19.4	40.3
8	45	36.3	36.3	76.6
9	19	15.3	15.3	91.9
10	10	8.1	8.1	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Todos los jugadores deben participar en las competiciones, independientemente del resultado

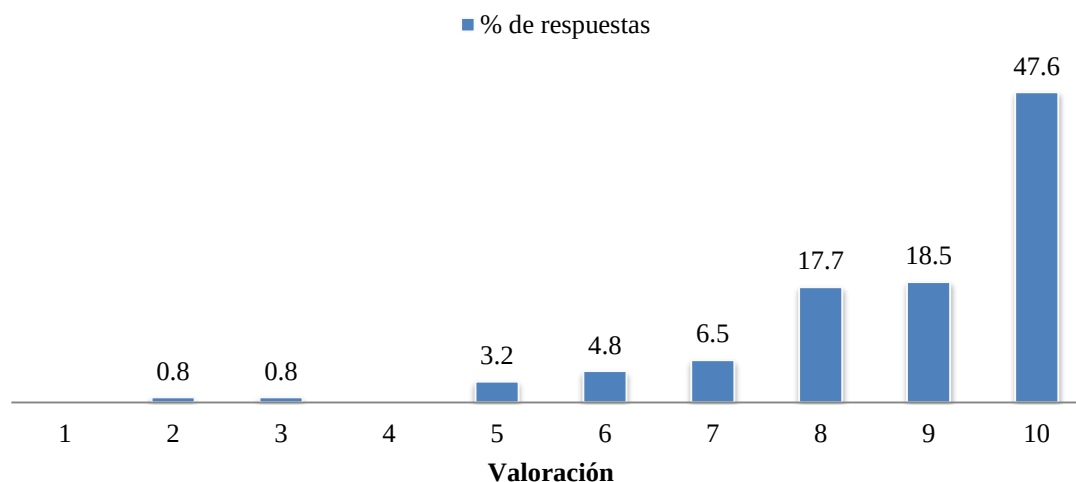


Figura 74. Porcentaje de valoración del ítem 63: creo que todos los jugadores deben participar en las competiciones, independientemente del resultado.

Con relación al grado de acuerdo que los encuestados presentan respecto a la opinión de que todos los jugadores deben participar en las competiciones independientemente del resultado, se observó una valoración positiva de la mayoría de los encuestados (95.1%) ($M = 8.79 \pm 1.6$). En este sentido, la mayoría de los entrenadores eligieron un nivel de acuerdo máximo (10) ($f = 59$).

Tabla 94. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 63: Creo que todos los jugadores deben participar en las competiciones, independientemente del resultado.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
2	1	.8	.8	.8
3	1	.8	.8	1.6
5	4	3.2	3.2	4.8
6	6	4.8	4.8	9.7
7	8	6.5	6.5	16.1
8	22	17.7	17.7	33.9
9	23	18.5	18.5	52.4
10	59	47.6	47.6	100.0
Total	124	100.0	100.0	

4.1.6.1. SÍNTESIS FINAL DE LA DIMENSIÓN CONCEPCIÓN DE ENSEÑANZA

En el análisis de esta dimensión nos dimos cuenta del grado de concordancia que los entrenadores demostraron en relación con algunos aspectos de la Concepción de Enseñanza del fútbol. En general los aspectos fueron valorados de forma positiva, siendo los más valorados los siguientes: el hecho de que “el fútbol puede ser un medio para educar los jugadores”, que “lo primordial es que los jugadores se diviertan practicando fútbol”, que “a través del fútbol podemos transmitir valores educativos”, y que “todos los jugadores deben participar en las competiciones independientemente del resultado”. Contrariamente, “los resultados obtenidos por el equipo en las competiciones” fue el aspecto que los entrenadores atribuyeron menor valoración, considerándolo como menos importante. Este resultado es reforzado por el grado de acuerdo alto que los entrenadores mostraron ante la afirmación: “la competición es sólo un aspecto más en la formación deportiva de los jugadores”. En lo que se refiere a los métodos de enseñanza utilizados, los resultados demuestran alguna contradicción, ya que tanto los métodos directivos como los métodos basados en el descubrimiento fueron valorados de forma positiva y como los más utilizados con más frecuencia. Aun fue posible percibir a través del análisis de los datos que, los entrenadores consideran suficientes las instalaciones de que disponían habitualmente y también que la competición se ajustaba a las características psicoevolutivas de los jóvenes jugadores.

4.1.7. DIMENSIÓN PLANIFICACIÓN Y PROGRAMACIÓN

El objetivo de la dimensión Planificación y Programación consiste en entender mejor cómo los entrenadores de fútbol de formación organizan su trabajo y cuáles son sus prioridades de trabajo. A continuación, se presenta la tabla resumen de esta dimensión con los aspectos que hace referencia.

Tabla 95. Ítems de la dimensión Planificación y Programación del cuestionario.

Dimensión Planificación y Programación
De las siguientes manifestaciones referentes a la planificación y programación, responda ¿cuál es su grado de acuerdo?
64. Suelo programar la temporada antes de que comience
65. Suelo programar el trabajo mensualmente
66. Programo el trabajo semanalmente
67. Programo el trabajo diariamente
68. Habitualmente trabajo los medios técnico-tácticos con oposición
69. Suelo dar más prioridad a los aspectos técnico-tácticos que a los físicos
70. Habitualmente utilizo una metodología lúdica
71. Es fácil para mí motivar a mis jugadores
72. Habitualmente, mantengo relaciones amistosas con mis jugadores
73. Normalmente, suelo mantener relaciones cordiales con los padres de los jugadores
74. Habitualmente controlo fácilmente los entrenamientos
75. Tengo claro los contenidos que debo trabajar en estas edades
76. Los objetivos que formulo en estas edades son fundamentalmente educativos
77. Los objetivos que formulo en estas edades son fundamentalmente competitivos
78. Los objetivos que formulo en estas edades son fundamentalmente recreativos
79. Realizo una evaluación inicial de los jugadores al inicio de la temporada
80. A partir de esa evaluación inicial realizo la programación
81. Avalué sólo en el final de la temporada
82. Los jugadores normalmente son asiduos a los entrenamientos
83. En el futuro, mi intención es entrenar en categorías superiores

Programo la temporada antes de que comience

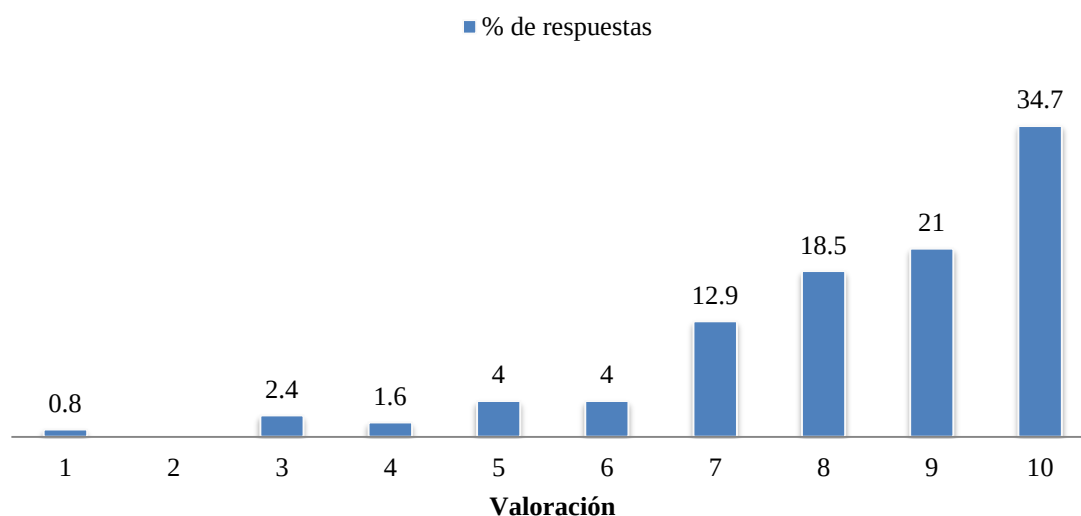


Figura 75. Porcentaje de valoración del ítem 64: suelo programar la época antes de que comience.

En cuanto al grado de acuerdo de los entrenadores con relación con la costumbre de programar la temporada antes de que comience, se observó una valoración positiva de la mayoría de los encuestados (91.1%) ($M = 8.33 \pm 1.9$). Además, cabe reseñar que la mayoría de los entrenadores indicó el nivel de acuerdo máximo (10) ($f = 43$).

Tabla 96. Frecuencia y porcentajes de respuestas al ítem 64: Suelo programar la época antes de que comience.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	1	.8	.8	.8
3	3	2.4	2.4	3.2
4	2	1.6	1.6	4.8
5	5	4.0	4.0	8.9
6	5	4.0	4.0	12.9
7	16	12.9	12.9	25.8
8	23	18.5	18.5	44.4
9	26	21.0	21.0	65.3
10	43	34.7	34.7	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Programo el trabajo mensualmente

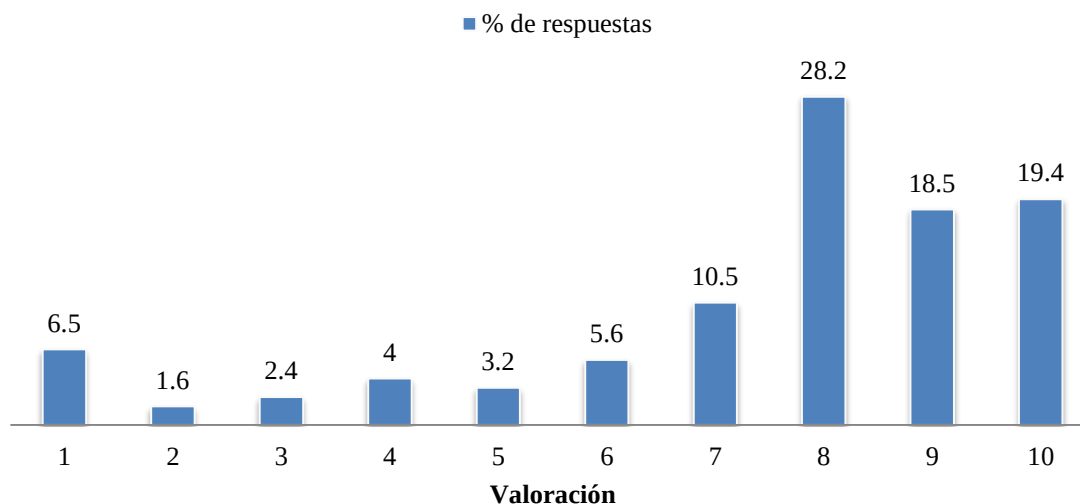


Figura 76. porcentaje de valoración del ítem 65: suelo programar el trabajo mensualmente.

En relación con el grado de acuerdo que los encuestados presentaron en cuanto a la costumbre de programar el trabajo mensualmente, a pesar de existir alguna distribución de los resultados por la escala de valoración, se pudo percibir con facilidad una estimación positiva de la mayoría de los encuestados (82.2%) ($M = 7.43 \pm 2.5$), con un valor positivo intermedio (8) ($f = 35$).

Tabla 97. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 65: Suelo programar el trabajo mensualmente.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	8	6.5	6.5	6.5
2	2	1.6	1.6	8.1
3	3	2.4	2.4	10.5
4	5	4.0	4.0	14.5
5	4	3.2	3.2	17.7
6	7	5.6	5.6	23.4
7	13	10.5	10.5	33.9
8	35	28.2	28.2	62.1
9	23	18.5	18.5	80.6
10	24	19.4	19.4	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Programo el trabajo semanalmente

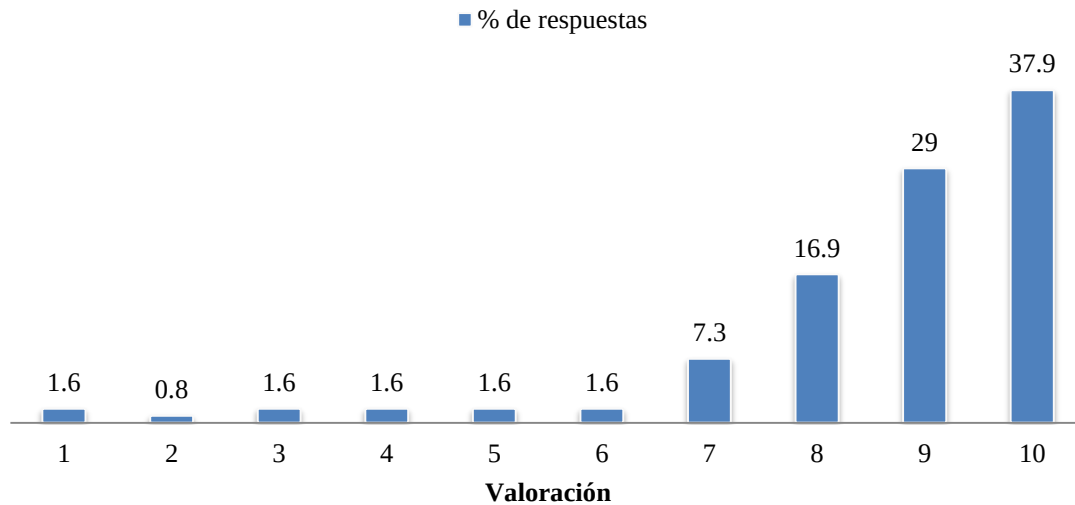


Figura 77. Porcentaje de valoración del ítem 66: programo el trabajo semanalmente.

Al considerar el grado de acuerdo que los entrenadores presentan en relación con la costumbre de programar el trabajo semanalmente, se constató una valoración positiva por parte de la mayoría de los encuestados (92.7%) ($M = 8.59 \pm 1.9$). Incluso gran parte de éstos otorgó un grado de acuerdo máximo (10) ($f = 47$).

Tabla 98. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 66: Programo el trabajo semanalmente.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	2	1.6	1.6	1.6
2	1	.8	.8	2.4
3	2	1.6	1.6	4.0
4	2	1.6	1.6	5.6
5	2	1.6	1.6	7.3
6	2	1.6	1.6	8.9
7	9	7.3	7.3	16.1
8	21	16.9	16.9	33.1
9	36	29.0	29.0	62.1
10	47	37.9	37.9	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Programo el trabajo diariamente

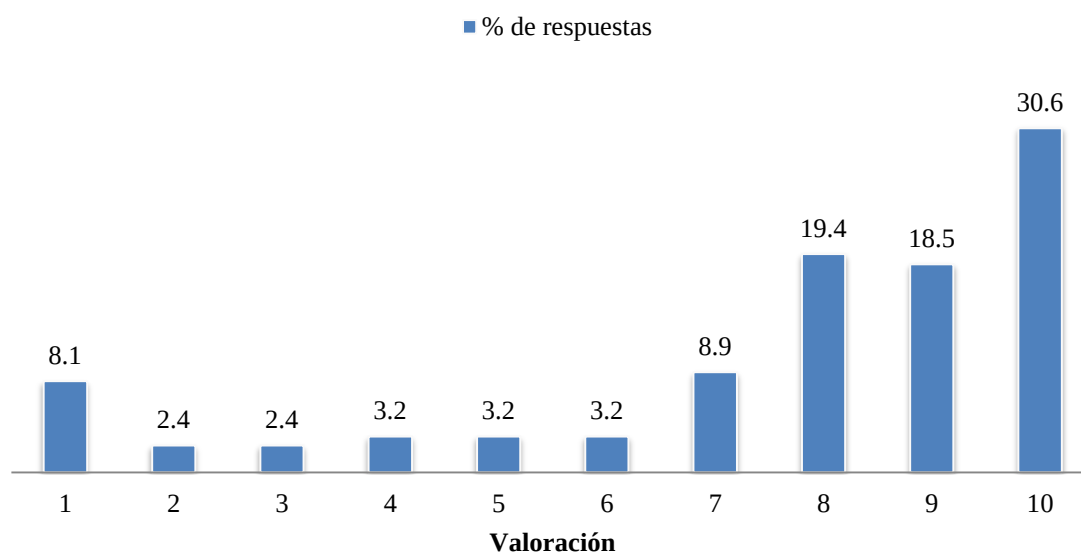


Figura 78. Porcentaje de valoración del ítem 67: programo el trabajo diariamente.

En cuanto al grado de acuerdo que los entrenadores presentaron respecto a la costumbre de programar el trabajo diariamente, se percibió una consideración positiva de la mayoría de los encuestados (80.6%) ($M = 7.59 \pm 2.8$). Al respecto, hemos de señalar que muchos entrenadores eligieron un nivel de acuerdo máximo (10) ($f = 38$).

Tabla 99. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 67: Programo el trabajo diariamente.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	10	8.1	8.1	8.1
2	3	2.4	2.4	10.5
3	3	2.4	2.4	12.9
4	4	3.2	3.2	16.1
5	4	3.2	3.2	19.4
6	4	3.2	3.2	22.6
7	11	8.9	8.9	31.5
8	24	19.4	19.4	50.8
9	23	18.5	18.5	69.4
10	38	30.6	30.6	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Habitualmente trabajo los medios técnico-tácticos con oposición

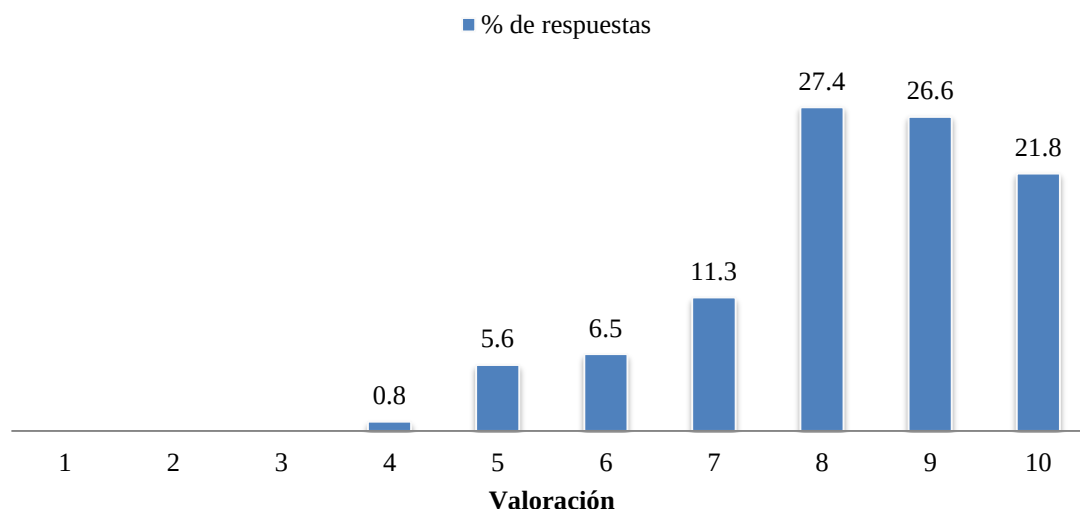


Figura 79. Porcentaje de valoración del ítem 68: habitualmente trabajo los medios técnico-tácticos con oposición.

Teniendo en cuenta el grado de acuerdo que los entrenadores asignaron en cuanto al hábito de trabajar los medios técnico-tácticos con oposición, es clara la valoración positiva de la mayoría de los encuestados (93.6%) ($M = 8.26 \pm 1.4$), mostrando la mayor parte de los mismos un nivel de acuerdo positivo intermedio (8) ($f = 34$).

Tabla 100. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 68: Habitualmente trabajo los medios técnico-tácticos con oposición.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
4	1	.8	.8	.8
5	7	5.6	5.6	6.5
6	8	6.5	6.5	12.9
7	14	11.3	11.3	24.2
8	34	27.4	27.4	51.6
9	33	26.6	26.6	78.2
10	27	21.8	21.8	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Suelo dar más prioridad a los aspectos técnico-tácticos que a los físicos

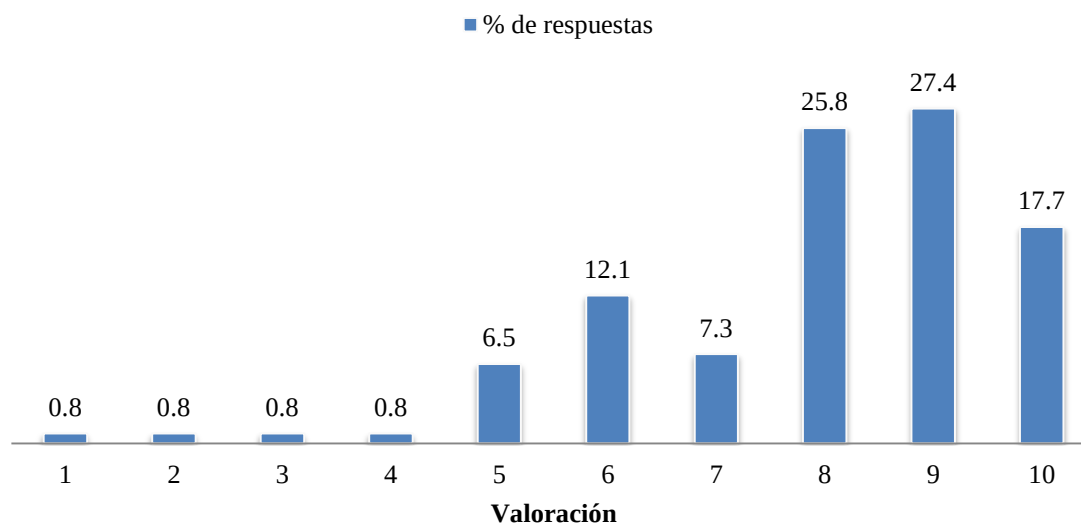


Figura 80. Porcentaje de valoración del ítem 69: suelo dar más prioridad a los aspectos técnico-tácticos que a los físicos.

Teniendo en cuenta el grado de acuerdo que los encuestados otorgaron al hecho de dar más prioridad a los aspectos técnico-tácticos que a los físicos, se observó que existía una estimación positiva de la mayoría de los entrenadores (90.3%) ($M = 7.94 \pm 1.8$), indicando gran parte de ellos un nivel de acuerdo alto (9) ($f = 34$).

Tabla 101. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 69: Suelo dar más prioridad a los aspectos técnico-tácticos que a los físicos.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	1	.8	.8	.8
2	1	.8	.8	1.6
3	1	.8	.8	2.4
4	1	.8	.8	3.2
5	8	6.5	6.5	9.7
6	15	12.1	12.1	21.8
7	9	7.3	7.3	29.0
8	32	25.8	25.8	54.8
9	34	27.4	27.4	82.3
10	22	17.7	17.7	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Habitualmente utilizo una metodología lúdica

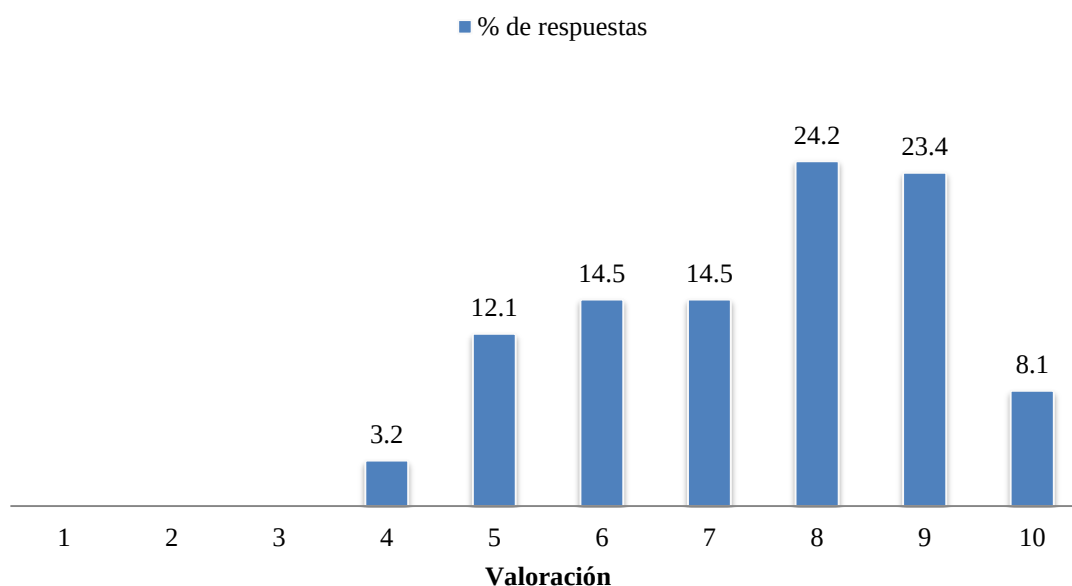


Figura 81. Porcentaje de valoración del ítem 70: habitualmente utilizo una metodología lúdica.

Prestando atención al grado de acuerdo que los entrenadores presentaron en cuanto al hábito de utilizar una metodología lúdica, se identificó una valoración positiva de la mayoría de los encuestados (84.7%) ($M = 7.47 \pm 1.6$). Muchos de los mismos otorgaron un nivel de acuerdo positivo (8) ($f = 30$).

Tabla 102. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 70: Habitualmente utilizo una metodología lúdica.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
4	4	3.2	3.2	3.2
5	15	12.1	12.1	15.3
6	18	14.5	14.5	29.8
7	18	14.5	14.5	44.4
8	30	24.2	24.2	68.5
9	29	23.4	23.4	91.9
10	10	8.1	8.1	100.0
Total	124	100.0	100.0	

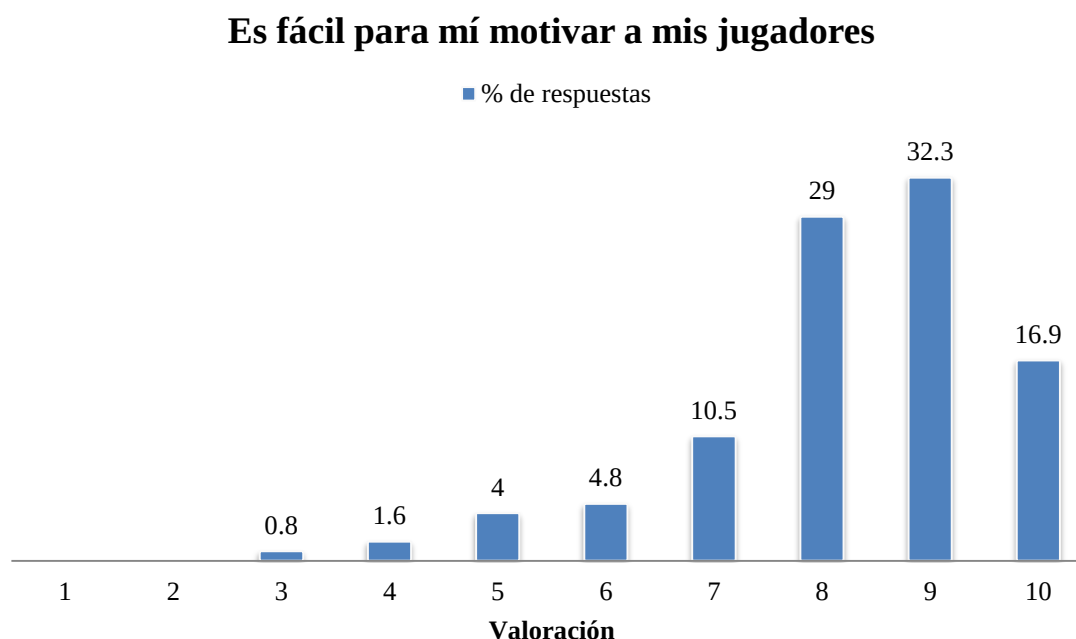


Figura 82. Porcentaje de valoración del ítem 71: es fácil para mí motivar a mis jugadores.

Al comprobar el grado de acuerdo que los encuestados asignaron a la manifestación de ser fácil para ellos motivar a sus jugadores, podemos decir que se verificó una estimación claramente positiva de la mayoría de los mismos (93.5%) ($M = 8.23 \pm 1.4$), indicando gran parte de ellos un nivel de acuerdo alto (9) ($f = 40$).

Tabla 103. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 71: Es fácil para mí motivar a mis jugadores.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
3	1	.8	.8	.8
4	2	1.6	1.6	2.4
5	5	4.0	4.0	6.5
6	6	4.8	4.8	11.3
7	13	10.5	10.5	21.8
8	36	29.0	29.0	50.8
9	40	32.3	32.3	83.1
10	21	16.9	16.9	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Normalmente, mantengo relaciones amistosas con mis jugadores

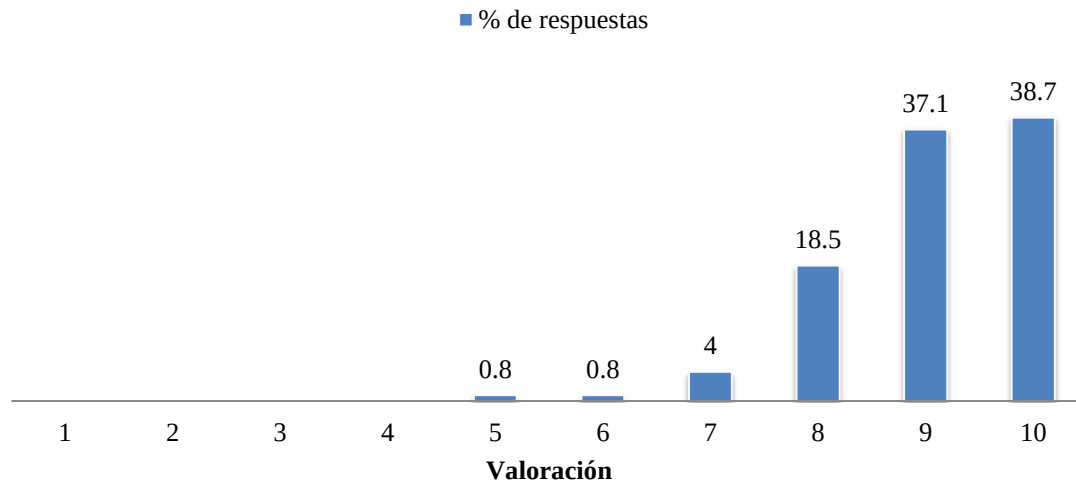


Figura 83. Porcentaje de valoración del ítem 72: normalmente, mantengo relaciones amistosas con mis jugadores.

En cuanto al grado de acuerdo que los entrenadores presentaron en relación con la afirmación de mantener normalmente relaciones amistosas con los jugadores, se identificó una valoración positiva de la mayoría encuestados (99.1%) ($M = 9.06 \pm 1.0$), obteniendo la estimación máxima (10) un porcentaje importante ($f = 48$). Cabe señalar que solamente uno de los entrenadores respondió con una valoración negativa.

Tabla 104. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 72: Normalmente, mantengo relaciones amistosas con mis jugadores.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
5	1	.8	.8	.8
6	1	.8	.8	1.6
7	5	4.0	4.0	5.6
8	23	18.5	18.5	24.2
9	46	37.1	37.1	61.3
10	48	38.7	38.7	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Normalmente mantengo relaciones cordiales con los padres de los jugadores

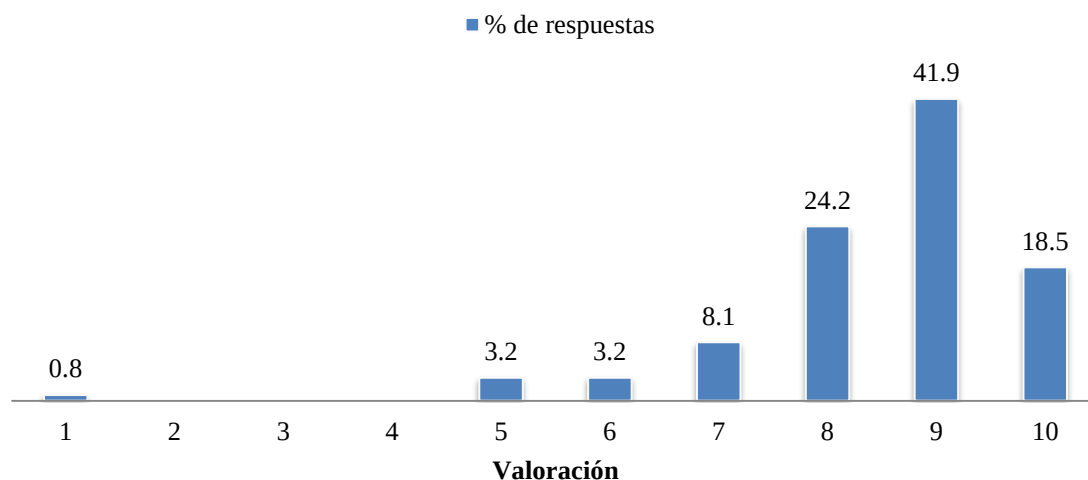


Figura 84. Porcentaje de valoración del ítem 73: normalmente, suelo mantener relaciones cordiales con los padres de los jugadores.

En lo que se refiere al grado de acuerdo que los encuestados otorgaron respecto a la manifestación que hacía referencia a mantener relaciones cordiales con los padres de los jugadores, la mayoría de los entrenadores contestó de forma positiva (95.9%) ($M = 8.49 \pm 1.4$), hallándose una parte importante de los encuestados en un nivel de acuerdo alto (9) ($f = 52$).

Tabla 105. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 73: Normalmente, suelo mantener relaciones cordiales con los padres de los jugadores.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	1	.8	.8	.8
5	4	3.2	3.2	4.0
6	4	3.2	3.2	7.3
7	10	8.1	8.1	15.3
8	30	24.2	24.2	39.5
9	52	41.9	41.9	81.5
10	23	18.5	18.5	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Habitualmente controlo fácilmente los entrenamientos

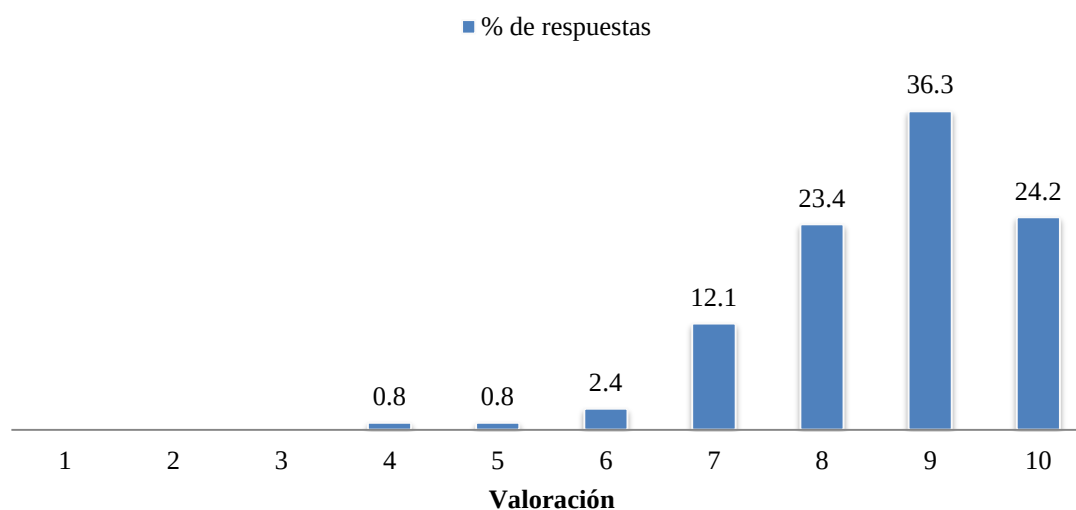


Figura 85. Porcentaje de valoración del ítem 74: habitualmente controlo fácilmente los entrenamientos.

Considerando el grado de acuerdo que los entrenadores asignaron en relación con el hecho de controlar fácilmente los entrenamientos, la mayoría de los encuestados lo consideró de forma positiva (98.4%) ($M = 8.62 \pm 1.2$). De esta manera, la mayor parte de los entrenadores señalaron un nivel de acuerdo alto (9) ($f = 45$). Cabe señalar que solamente dos de los encuestados respondieron con una valoración negativa.

Tabla 106. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 74: Habitualmente controlo fácilmente los entrenamientos.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
4	1	.8	.8	.8
5	1	.8	.8	1.6
6	3	2.4	2.4	4.0
7	15	12.1	12.1	16.1
8	29	23.4	23.4	39.5
9	45	36.3	36.3	75.8
10	30	24.2	24.2	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Tengo claro los contenidos que debo trabajar en estas edades

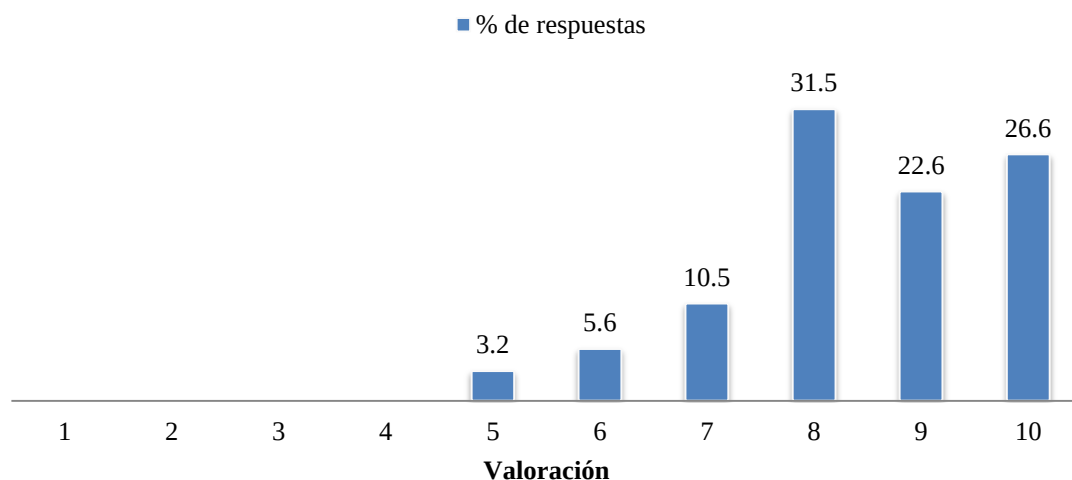


Figura 86. Porcentaje de valoración del ítem 75: tengo claro los contenidos que debo trabajar en estas edades.

Con relación al grado de acuerdo que los entrenadores presentaron respecto a la manifestación de tener claro los contenidos que se debe trabajar en estas edades, se observó valoración positiva de la mayoría de los encuestados (96.8%) ($M = 8.44 \pm 1.3$). Se obtuvo, además, un grado de acuerdo positivo intermedio por parte de muchos entrenadores ($f = 39$).

Tabla 107. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 75: Tengo claro los contenidos que debo trabajar en estas edades.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
5	4	3.2	3.2	3.2
6	7	5.6	5.6	8.9
7	13	10.5	10.5	19.4
8	39	31.5	31.5	50.8
9	28	22.6	22.6	73.4
10	33	26.6	26.6	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Los objetivos que formulo en estas edades son fundamentalmente educativos

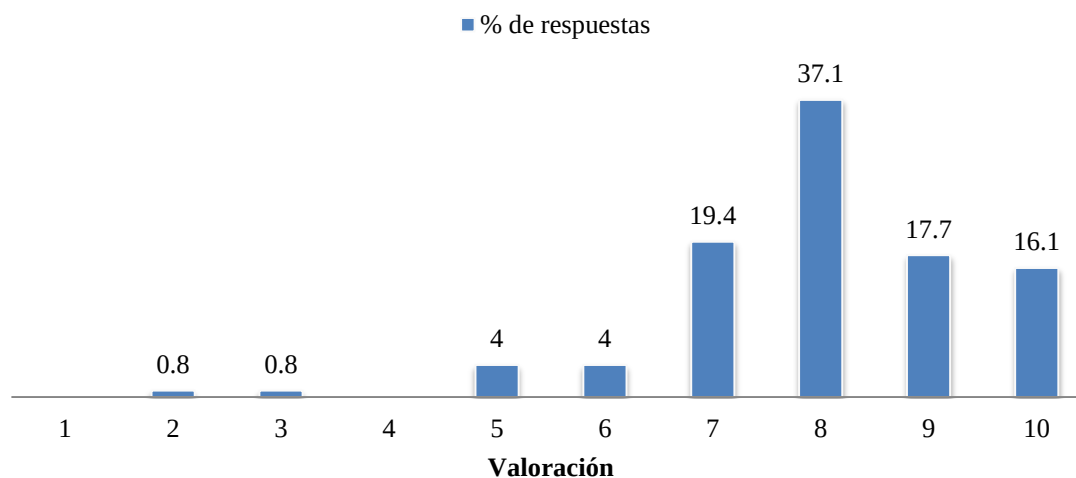


Figura 87. Porcentaje de valoración del ítem 76: los objetivos que formulo en estas edades son fundamentalmente educativos.

En cuanto al grado de acuerdo que los encuestados asignaron al hecho de formular objetivos fundamentalmente educativos para estas edades, se verificó una estimación positiva de la mayoría de los entrenadores (94.3%) ($M = 8.02 \pm 1.4$), obteniéndose que la mayor parte de los mismos otorgó un nivel de acuerdo positivo intermedio (8) ($f = 46$).

Tabla 108. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 76: Los objetivos que formulo en estas edades son fundamentalmente educativos.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
2	1	.8	.8	.8
3	1	.8	.8	1.6
5	5	4.0	4.0	5.6
6	5	4.0	4.0	9.7
7	24	19.4	19.4	29.0
8	46	37.1	37.1	66.1
9	22	17.7	17.7	83.9
10	20	16.1	16.1	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Los objetivos que formulo en estas edades son fundamentalmente competitivos

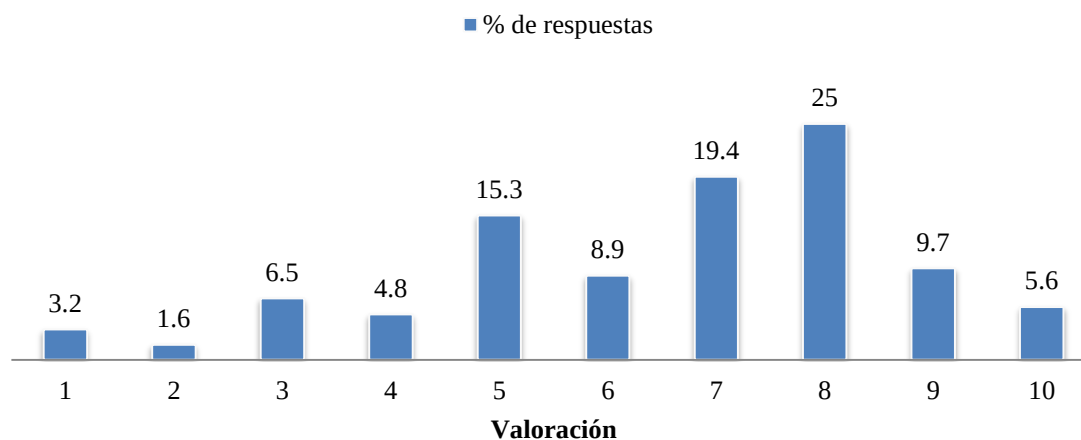


Figura 88. Porcentaje de valoración del ítem 77: los objetivos que formulo en estas edades son fundamentalmente competitivos.

Examinando el grado de acuerdo que los entrenadores presentaron en cuanto al hecho de formular objetivos fundamentalmente competitivos para estas edades, se constató que existía una mayor distribución de las respuestas por la escala de valoración reflejando diferentes opiniones. No obstante, se observó una mayoría de respuestas con una estimación positiva (68.6%) ($M = 6.54 \pm 2.2$), observándose un grado de acuerdo positivo intermedio (8) ($f = 31$).

Tabla 109. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 77: Los objetivos que formulo en estas edades son fundamentalmente competitivos.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	4	3.2	3.2	3.2
2	2	1.6	1.6	4.8
3	8	6.5	6.5	11.3
4	6	4.8	4.8	16.1
5	19	15.3	15.3	31.5
6	11	8.9	8.9	40.3
7	24	19.4	19.4	59.7
8	31	25.0	25.0	84.7
9	12	9.7	9.7	94.4
10	7	5.6	5.6	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Los objetivos que formulo en estas edades son fundamentalmente recreativos

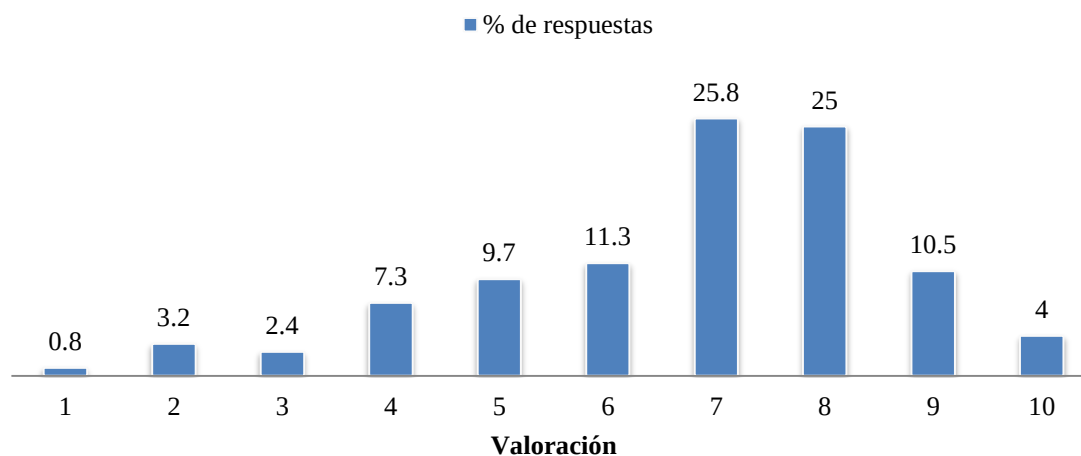


Figura 89. Porcentaje de valoración del ítem 78: los objetivos que formulo en estas edades son fundamentalmente recreativos.

Con respecto al grado de acuerdo que los entrenadores designaron en relación con el hecho de formular objetivos fundamentalmente recreativos para estas edades, a pesar de que existieron respuestas en todos los niveles de la escala, se verificó una valoración positiva de la mayoría de los encuestados (76.6%) ($M = 6.75 \pm 1.9$). Se observó, además, que gran parte de los entrenadores indicaron un nivel de acuerdo positivo intermedio (7) ($f = 32$).

Tabla 110. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 78: Los objetivos que formulo en estas edades son fundamentalmente recreativos.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	1	.8	.8	.8
2	4	3.2	3.2	4.0
3	3	2.4	2.4	6.5
4	9	7.3	7.3	13.7
5	12	9.7	9.7	23.4
6	14	11.3	11.3	34.7
7	32	25.8	25.8	60.5
8	31	25.0	25.0	85.5
9	13	10.5	10.5	96.0
10	5	4.0	4.0	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Realizo una evaluación inicial de los jugadores al inicio de la temporada

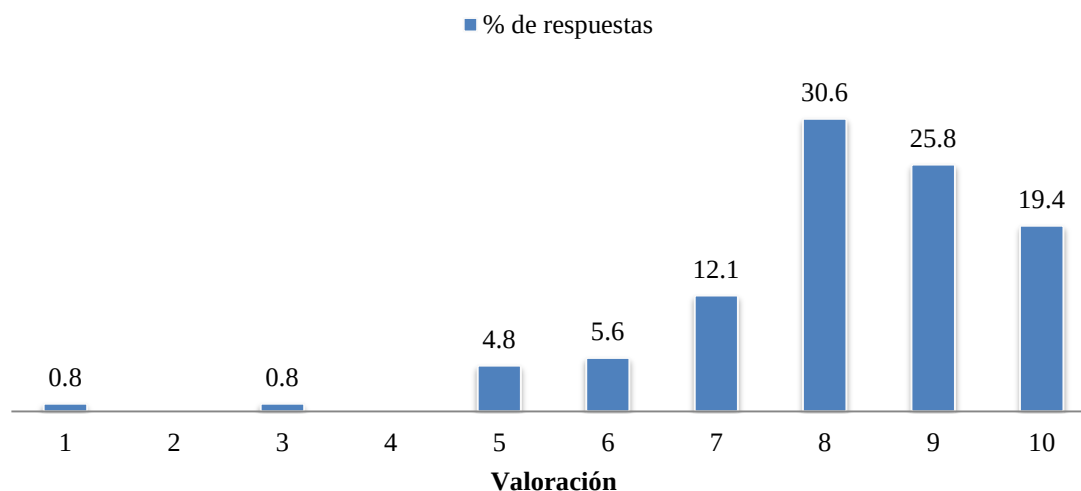


Figura 90. Porcentaje de valoración del ítem 79: realizar una evaluación inicial de los jugadores al inicio de la temporada.

Atendiendo ahora al grado de acuerdo que los entrenadores otorgaron a la manifestación de hacer la evaluación inicial de los jugadores al inicio de la temporada, se verificó una estimación positiva de la mayoría de los encuestados (93.5%) ($M = 8.17 \pm 1.6$), indicando muchos de ellos un nivel de acuerdo positivo intermedio (8) ($f = 38$).

Tabla 111. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 79: Realizar una evaluación inicial de los jugadores al inicio de la temporada.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	1	.8	.8	.8
3	1	.8	.8	1.6
5	6	4.8	4.8	6.5
6	7	5.6	5.6	12.1
7	15	12.1	12.1	24.2
8	38	30.6	30.6	54.8
9	32	25.8	25.8	80.6
10	24	19.4	19.4	100.0
Total	124	100.0	100.0	

A partir de la evaluación inicial realizo la programación

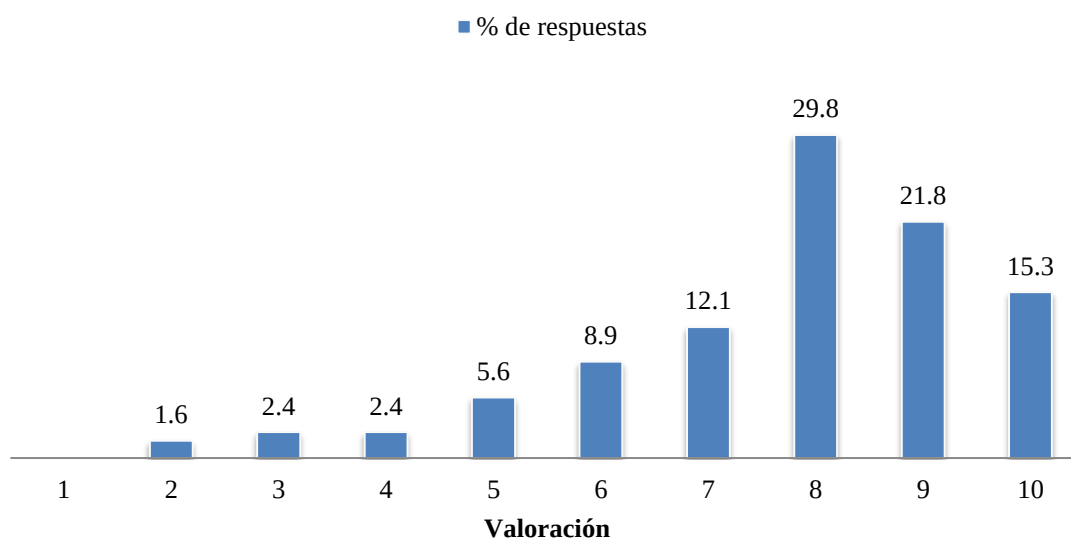


Figura 91. Porcentaje de valoración del ítem 80: a partir de esa evaluación inicial realizo la programación.

Considerando el grado de acuerdo que los entrenadores presentaron en relación con la manifestación de realizar la programación a partir de la evaluación inicial, se halló una valoración positiva de la mayoría de los encuestados (87.9%) ($M = 7.74 \pm 1.8$). En este sentido, muchos de los entrenadores señalaron un nivel de acuerdo positivo intermedio (8) ($f = 37$).

Tabla 112. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 80: A partir de esa evaluación inicial realizo la programación.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
2	2	1.6	1.6	1.6
3	3	2.4	2.4	4.0
4	3	2.4	2.4	6.5
5	7	5.6	5.6	12.1
6	11	8.9	8.9	21.0
7	15	12.1	12.1	33.1
8	37	29.8	29.8	62.9
9	27	21.8	21.8	84.7
10	19	15.3	15.3	100.0
Total	124	100.0	100.0	

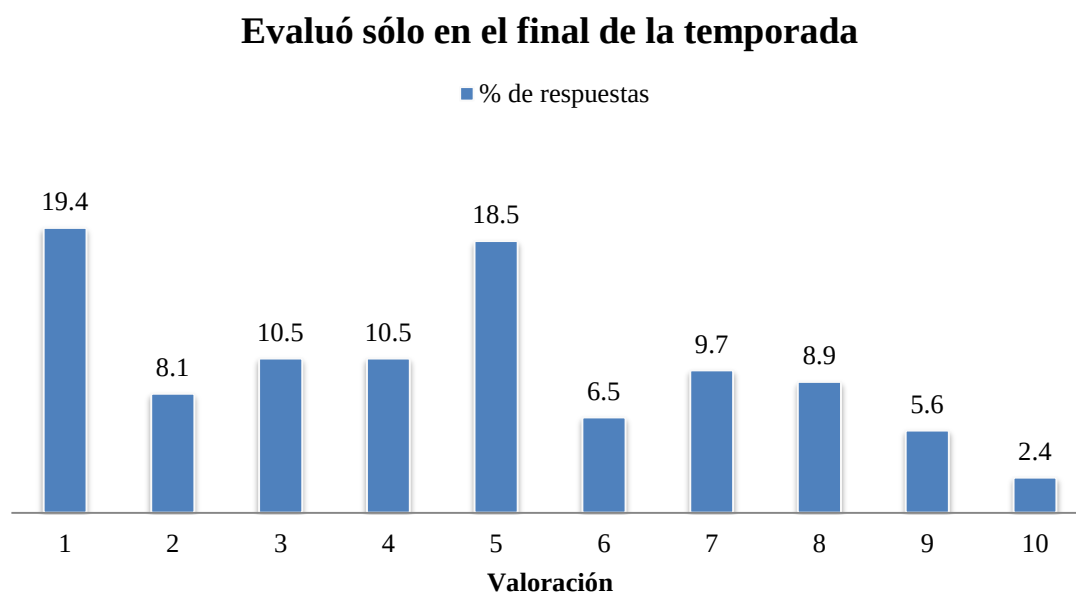


Figura 92. Porcentaje de valoración del ítem 81: evaluó sólo en el final de la temporada.

En lo que se refiere al grado de acuerdo que los entrenadores otorgaron a la afirmación de evaluar sólo en el final de la temporada, independientemente de la distribución de las respuestas, se identificó una estimación negativa de la mayoría de los encuestados (67%) ($M = 4.54 \pm 2.6$), indicando muchos de los mismos un nivel de desacuerdo máximo (1) ($f = 24$).

Tabla 113. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 81: Evaluó sólo en el final de la temporada.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	24	19.4	19.4	19.4
2	10	8.1	8.1	27.4
3	13	10.5	10.5	37.9
4	13	10.5	10.5	48.4
5	23	18.5	18.5	66.9
6	8	6.5	6.5	73.4
7	12	9.7	9.7	83.1
8	11	8.9	8.9	91.9
9	7	5.6	5.6	97.6
10	3	2.4	2.4	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Los jugadores normalmente son asiduos a los entrenamientos

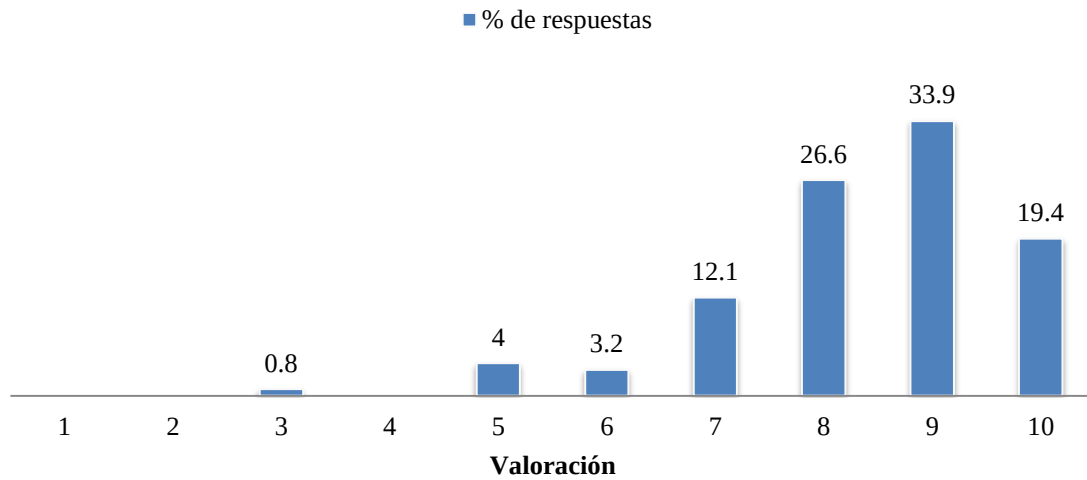


Figura 93. Porcentaje de valoración del ítem 82: los jugadores normalmente son asiduos a los entrenamientos.

Teniendo en cuenta el grado de acuerdo de los encuestados en cuanto al hecho de que normalmente los jugadores eran asiduos a los entrenamientos, se observó una valoración positiva de la mayoría de los entrenadores (95.2%) ($M = 8.38 \pm 1.3$), mostrando muchos de ellos un nivel de acuerdo alto (9) ($f = 42$).

Tabla 114. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 82: Los jugadores normalmente son asiduos a los entrenamientos.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
3	1	.8	.8	.8
5	5	4.0	4.0	4.8
6	4	3.2	3.2	8.1
7	15	12.1	12.1	20.2
8	33	26.6	26.6	46.8
9	42	33.9	33.9	80.6
10	24	19.4	19.4	100.0
Total	124	100.0	100.0	

En el futuro, mi intención es entrenar en categorías superiores

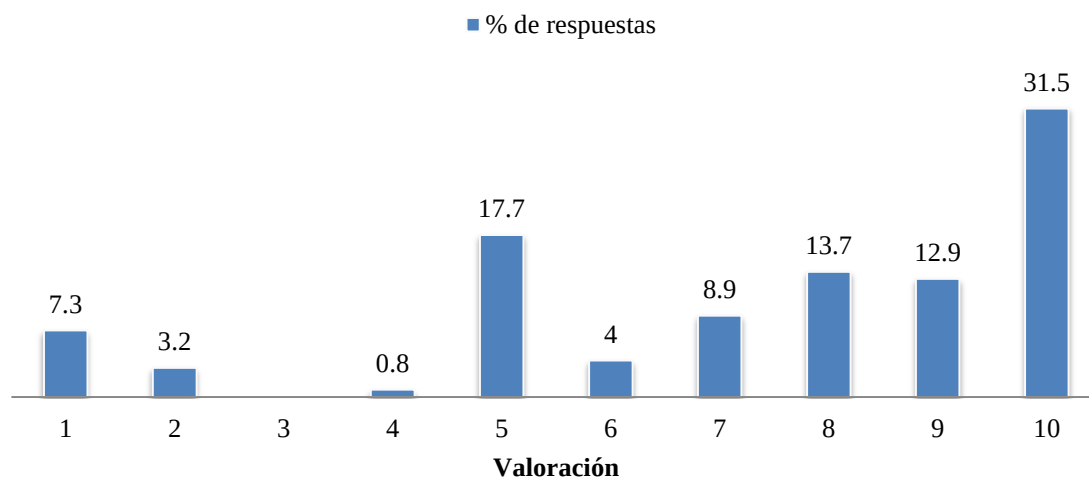


Figura 94. Porcentaje de valoración del ítem 83: en el futuro, mi intención es entrenar en categorías superiores.

Para finalizar el análisis de esta dimensión, examinamos el grado de acuerdo que los encuestados presentaron en relación con la intención de, en el futuro, entrenar en categorías superiores. En este sentido, podemos percibir que, a pesar de haber valoraciones claramente en desacuerdo, la mayoría de los entrenadores asumió una estimación positiva (71%) ($M = 7.32 \pm 2.8$), mostrando gran parte de ellos un nivel de acuerdo máximo (10) ($f = 39$).

Tabla 115. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 83: En el futuro, mi intención es entrenar en categorías superiores.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	9	7.3	7.3	7.3
2	4	3.2	3.2	10.5
4	1	.8	.8	11.3
5	22	17.7	17.7	29.0
6	5	4.0	4.0	33.1
7	11	8.9	8.9	41.9
8	17	13.7	13.7	55.6
9	16	12.9	12.9	68.5
10	39	31.5	31.5	100.0
Total	124	100.0	100.0	

4.1.7.1. SÍNTESIS FINAL DE LA DIMENSIÓN PLANIFICACIÓN Y PROGRAMACIÓN

Después del análisis de la dimensión Planificación y Programación podemos destacar algunos resultados. En primero lugar, constatamos que el aspecto más valorado por los entrenadores fue el hecho de mantener normalmente relaciones amistosas con sus jugadores ($M = 9.06 \pm 1.0$). Por otra parte, el aspecto en el que los entrenadores mostraron clara discordancia fue el hecho de evaluar solo en el final de la temporada ($M = 4.54 \pm 2.6$). En cuanto a todos los otros aspectos, fueron valorados de forma positiva, aunque en relación con la formulación de objetivos para el trabajo en estas edades, se comprobó una mayor división entre los que entendían que los objetivos deberían ser fundamentalmente competitivos ($M = 6.54 \pm 2.2$) y los que entendían que los objetivos deberían ser fundamentalmente recreativos ($M = 6.75 \pm 1.9$), resultando en valoraciones promedio más bajas. En lo que se refiere a los niveles de programación, verificamos que la mayoría de los encuestados tenía la costumbre de programar la temporada antes de que comenzara (91.1%). En relación con la costumbre de programar el trabajo mensualmente, semanalmente o diariamente, se observó que la opción de programar el trabajo semanalmente tuvo más grado de acuerdo ($M = 8.59 \pm 1.9$) comparativamente con las otras opciones. En la programación la mayor parte de los entrenadores manifestaba la intención de hacer la evaluación inicial de los jugadores al inicio de la temporada (93.5%) y confirmaron la intención de realizar la programación a partir de la evaluación inicial (87.9%). En lo que respecta a algunas metodologías de entrenamiento se toma nota de que existía una clara valoración positiva por parte de la mayoría de los encuestados referente al hábito de trabajar los medios técnico-tácticos con oposición, de dar más prioridad a los aspectos técnico-tácticos que a los físicos y al hábito de utilizar una metodología lúdica. En cuanto a algunos aspectos de relaciones interpersonales establecidas por el entrenador, los encuestados confirmaron que era fácil para ellos motivar a sus jugadores ($M = 8.23 \pm 1.4$), mantener relaciones cordiales con los padres de los jugadores ($M = 8.49 \pm 1.4$), controlar fácilmente los entrenamientos ($M = 8.62 \pm 1.2$) y que normalmente los jugadores eran asiduos a los entrenamientos, ($M = 8.38 \pm 1.3$). Con respecto a los contenidos y objetivos de trabajo en el fútbol formativo, los entrenadores asumían que tenían claro los contenidos que se debe trabajar en estas edades ($M = 8.44 \pm 1.3$) y que formulaban objetivos fundamentalmente educativos para estas edades ($M = 8.02 \pm 1.4$). Por último, en esta dimensión la mayoría de los

entrenadores encuestados asumieron la intención de, en el futuro, entrenar en categorías superiores (71%).

4.1.8. DIMENSIÓN NECESIDADES DE FORMACIÓN

Finalmente, la dimensión Necesidades de Formación está diseñada para poder proporcionar información útil en el sentido de conocer cuáles son los contenidos y las estrategias de formación en los que los entrenadores de fútbol de formación tienen interés. Cabe señalar que la respuesta a la última pregunta de esta dimensión era optativa y por eso obtuvimos solamente 73 respuestas al ítem 121 por parte de los encuestados. A continuación, se presenta la tabla resumen de esta dimensión con los aspectos que hace referencia.

Tabla 116. Ítems de la dimensión Necesidades de Formación del cuestionario.

Dimensión Necesidades de Formación
¿En qué contenidos tendría más interés en continuar su formación?
84. Técnica individual
85. Desarrollo de las capacidades motoras
86. Seguridad deportiva
87. Metodologías de enseñanza del fútbol
88. Táctica y sistemas de juego
89. Reglas del juego
90. Gestión de equipos
91. Desarrollo profesional
92. Bases anatómicas y fisiológicas del deporte
93. Psicología del deporte
94. Metodología del entrenamiento deportivo
95. Fundamentos sociológicos del deporte
96. Organización y legislación deportiva
97. Dirección y coordinación técnica
98. Primeros auxilios e higiene en el deporte
99. Pedagogía del deporte
100. Ética deportiva
101. Aprendizaje y desarrollo motor
102. Observación y análisis de las habilidades deportivas
103. Nutrición deportiva
104. Didáctica del deporte
105. Promoción de valores en el deporte
106. Coaching Deportivo
107. Entrenamiento del portero
108. Scouting en el Fútbol
¿Qué estrategias elegiría para continuar su formación como entrenador de fútbol?
109. Conferencias, congresos, jornadas, seminarios
110. Cursos de corta o media duración
111. Reflexión sobre la propia práctica
112. Ver otros colegas a entrenar
113. Lectura de libros o revistas específicas de fútbol
114. Lectura de libros o revistas relacionadas con el entrenamiento deportivo
115. Grupos de trabajo entre entrenadores de fútbol
116. Visualización y análisis de juegos y entrenamientos de fútbol en vídeo
117. Cursos e-Learning

118. Workshops prácticos
119. Congresos on-line
120. Formación de grado académico
121. Si la formación de grado académico es una de las estrategias elegidas para continuar su formación, indique el grado académico que pretende

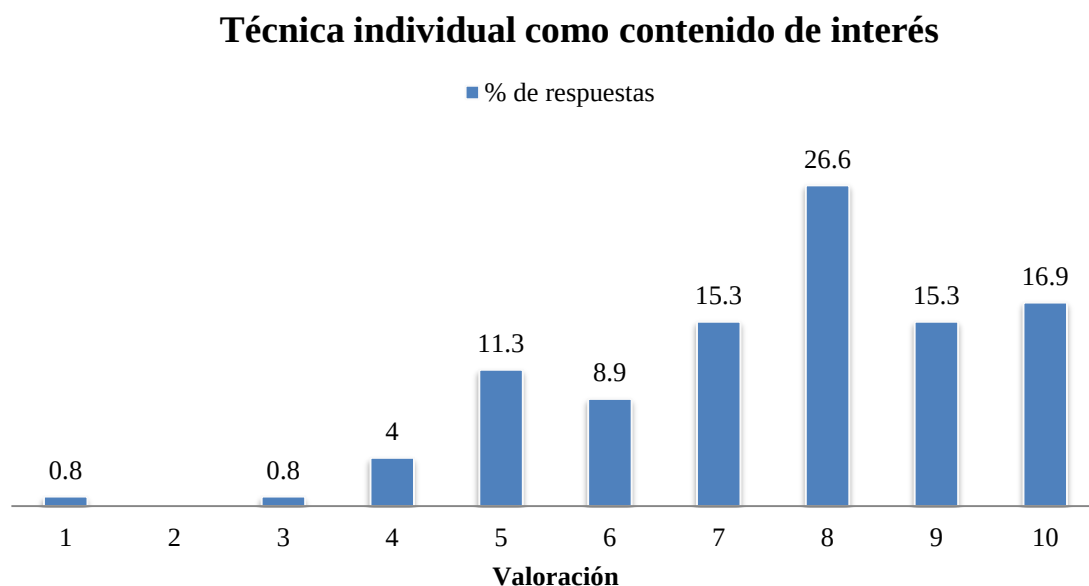


Figura 95. Porcentaje de valoración del ítem 84: “técnica individual” como contenido de interés para continuar su formación.

Dando inicio al análisis de esta dimensión, y en lo que se refiere al interés que los entrenadores tenían respecto al contenido de “técnica individual” para continuar su formación, se observó una valoración positiva de la mayoría de los encuestados (83%) ($M = 7.56 \pm 1.9$), señalando muchos de ellos un nivel de interés positivo intermedio (8) ($f = 33$).

Tabla 117. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 84: “Técnica individual” como contenido de interés para continuar su formación.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	1	.8	.8	.8
3	1	.8	.8	1.6
4	5	4.0	4.0	5.6
5	14	11.3	11.3	16.9
6	11	8.9	8.9	25.8
7	19	15.3	15.3	41.1
8	33	26.6	26.6	67.7
9	19	15.3	15.3	83.1
10	21	16.9	16.9	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Desarrollo de las capacidades motoras como contenido de interés

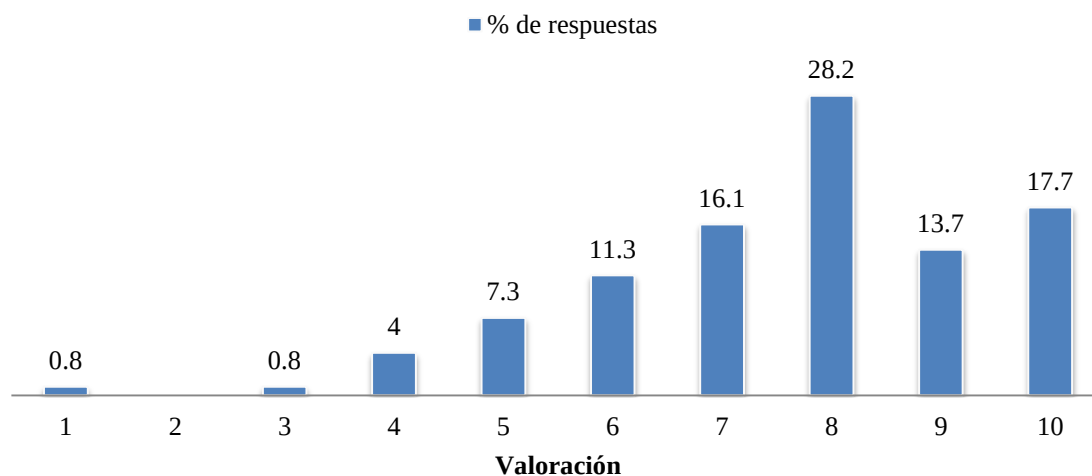


Figura 96. Porcentaje de valoración del ítem 85: “desarrollo de las capacidades motoras” como contenido de interés para continuar su formación.

Respecto al interés que los encuestados tenían en relación con el contenido de “desarrollo de las capacidades motoras” para continuar su formación, se verificó una valoración positiva por parte de la mayoría de los entrenadores (87%) ($M = 7.63 \pm 1.8$). De esta manera, muchos encuestados señalaron un nivel de interés positivo intermedio (8) ($f = 35$).

Tabla 118. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 85: “Desarrollo de las capacidades motoras” como contenido de interés para continuar su formación.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	1	.8	.8	.8
3	1	.8	.8	1.6
4	5	4.0	4.0	5.6
5	9	7.3	7.3	12.9
6	14	11.3	11.3	24.2
7	20	16.1	16.1	40.3
8	35	28.2	28.2	68.5
9	17	13.7	13.7	82.3
10	22	17.7	17.7	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Seguridad deportiva como contenido de interés

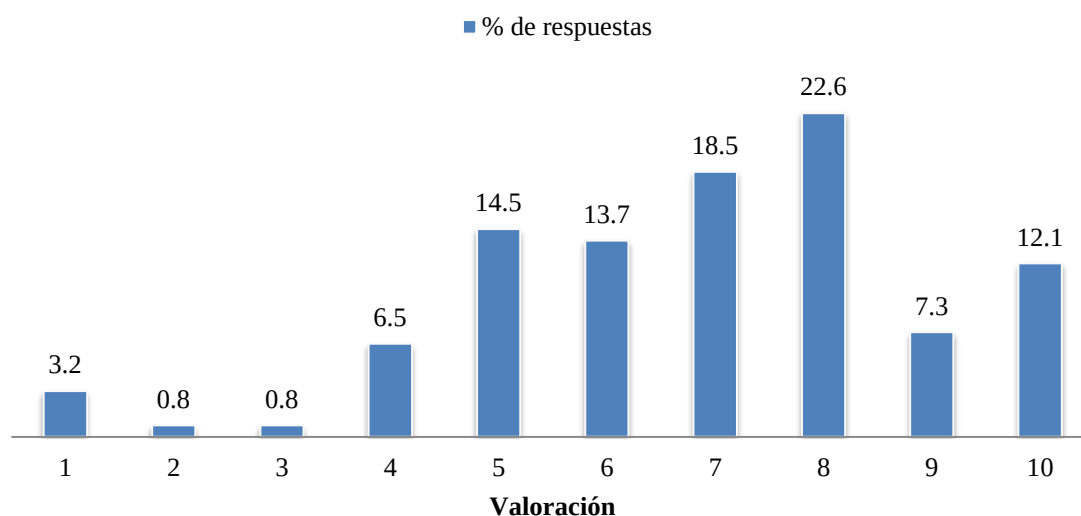


Figura 97. Porcentaje de valoración del ítem 86: “seguridad deportiva” como contenido de interés para continuar su formación.

En cuanto al interés que los entrenadores tenían en relación con el contenido “seguridad deportiva” para continuar su formación, a pesar de que hubo respuestas en todos los grados de valoración, se observó una estimación positiva de la mayoría de los encuestados (74.2%) ($M = 6.85 \pm 2.1$). De esta manera, muchos entrenadores otorgaron un nivel de interés positivo intermedio (8) ($f = 28$).

Tabla 119. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 86: “Seguridad deportiva” como contenido de interés para continuar su formación.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	4	3.2	3.2	3.2
2	1	.8	.8	4.0
3	1	.8	.8	4.8
4	8	6.5	6.5	11.3
5	18	14.5	14.5	25.8
6	17	13.7	13.7	39.5
7	23	18.5	18.5	58.1
8	28	22.6	22.6	80.6
9	9	7.3	7.3	87.9
10	15	12.1	12.1	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Metodologías de enseñanza del fútbol como contenido de interés

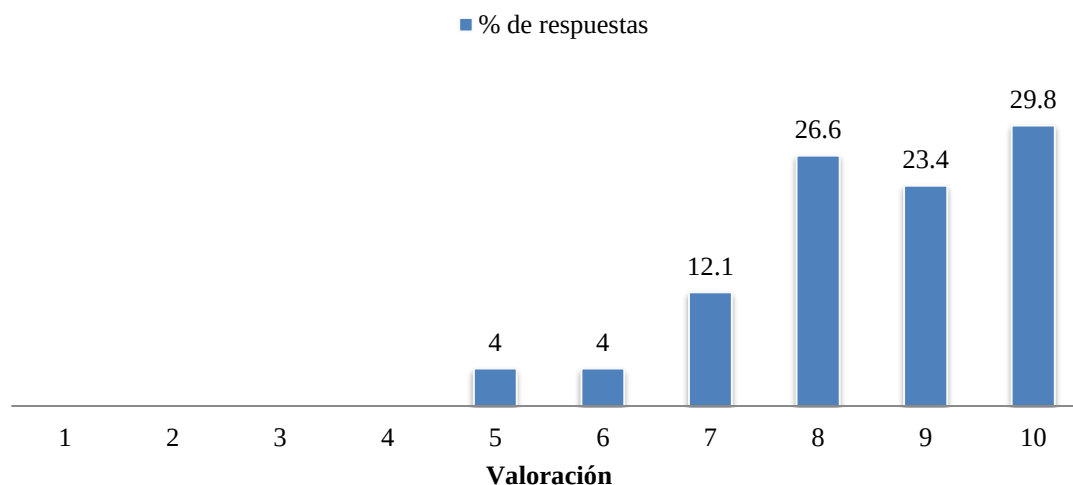


Figura 98. Porcentaje de valoración del ítem 87: “metodologías de enseñanza del fútbol” como contenido de interés para continuar su formación.

Teniendo en cuenta el interés que los encuestados tenían respecto al contenido “metodologías de enseñanza del fútbol” para continuar su formación, se constató una valoración muy positiva por parte de la mayoría de los entrenadores (95.9%) ($M = 8.51 \pm 1.4$), mostrando muchos de ellos un nivel de interés máximo (10) ($f = 37$).

Tabla 120. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 87: “Metodologías de enseñanza del fútbol” como contenido de interés para continuar su formación.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
5	5	4.0	4.0	4.0
6	5	4.0	4.0	8.1
7	15	12.1	12.1	20.2
8	33	26.6	26.6	46.8
9	29	23.4	23.4	70.2
10	37	29.8	29.8	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Táctica y sistemas de juego como contenido de interés

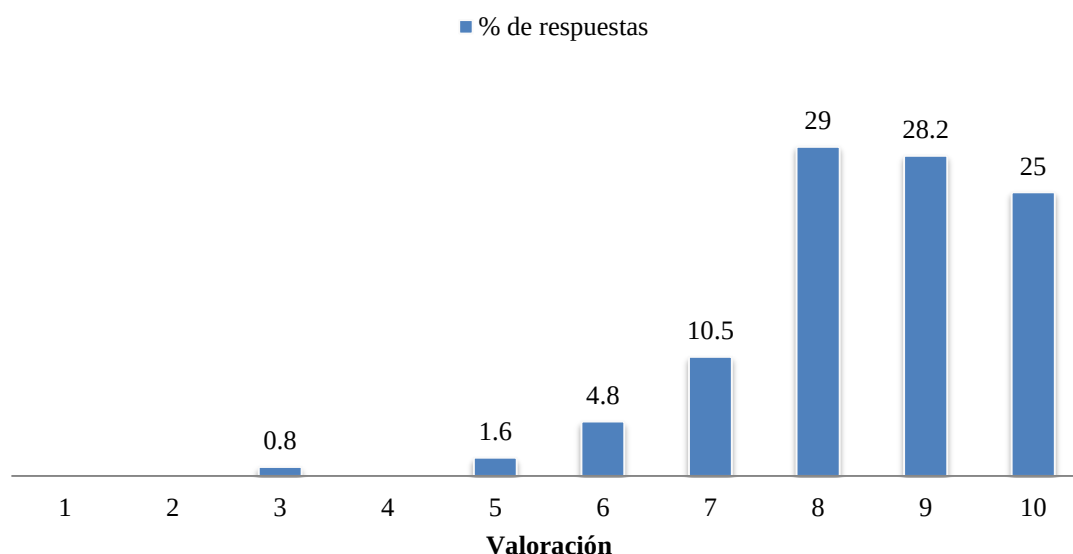


Figura 99. Porcentaje de valoración del ítem 88: “táctica y sistemas de juego” como contenido de interés para continuar su formación.

Considerando el interés que los encuestados mostraron en relación con el contenido “táctica y sistemas de juego” para continuar su formación, se observó una valoración muy positiva por parte de la mayoría de los entrenadores (97.5%) ($M = 8.49 \pm 1.3$), mostrando muchos entrenadores un nivel de interés positivo intermedio (8) ($f = 36$).

Tabla 121. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 88: “Táctica y sistemas de juego” como contenido de interés para continuar su formación.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
3	1	.8	.8	.8
5	2	1.6	1.6	2.4
6	6	4.8	4.8	7.3
7	13	10.5	10.5	17.7
8	36	29.0	29.0	46.8
9	35	28.2	28.2	75.0
10	31	25.0	25.0	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Reglas del juego como contenido de interés

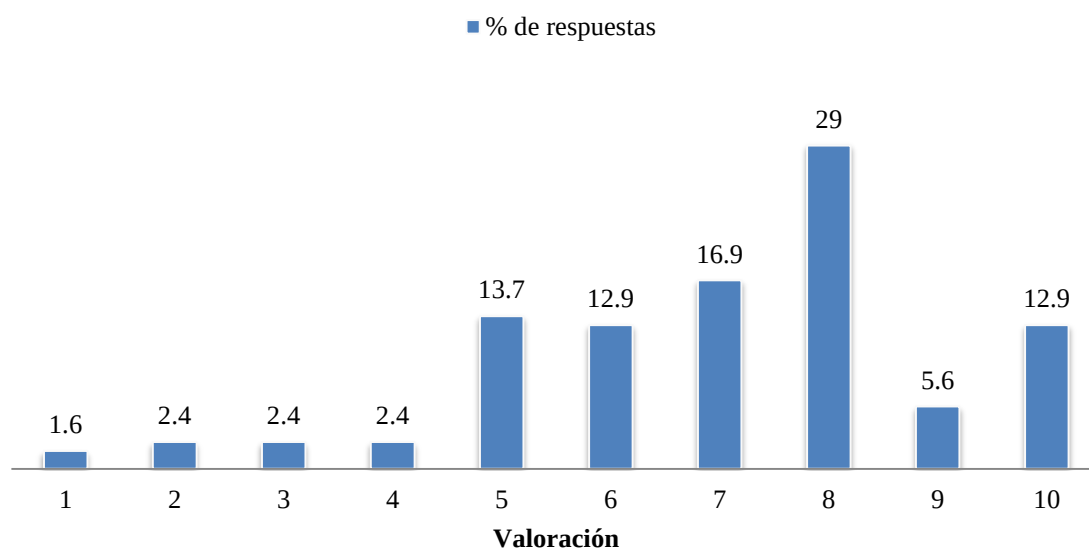


Figura 100. Porcentaje de valoración del ítem 89: “reglas del juego” como contenido de interés para continuar su formación.

Observando el interés que los entrenadores tenían en relación con el contenido “reglas del juego” para continuar su formación, a pesar de existían respuestas en todos los grados de valoración, se verificó una estimación positiva de la mayoría de los encuestados (77.3%) ($M = 7.00 \pm 2.0$), asignando gran parte de los mismos un nivel de interés positivo intermedio (8) ($f = 36$).

Tabla 122. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 89: “Reglas del juego” como contenido de interés para continuar su formación.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	2	1.6	1.6	1.6
2	3	2.4	2.4	4.0
3	3	2.4	2.4	6.5
4	3	2.4	2.4	8.9
5	17	13.7	13.7	22.6
6	16	12.9	12.9	35.5
7	21	16.9	16.9	52.4
8	36	29.0	29.0	81.5
9	7	5.6	5.6	87.1
10	16	12.9	12.9	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Gestión de equipos como contenido de interés

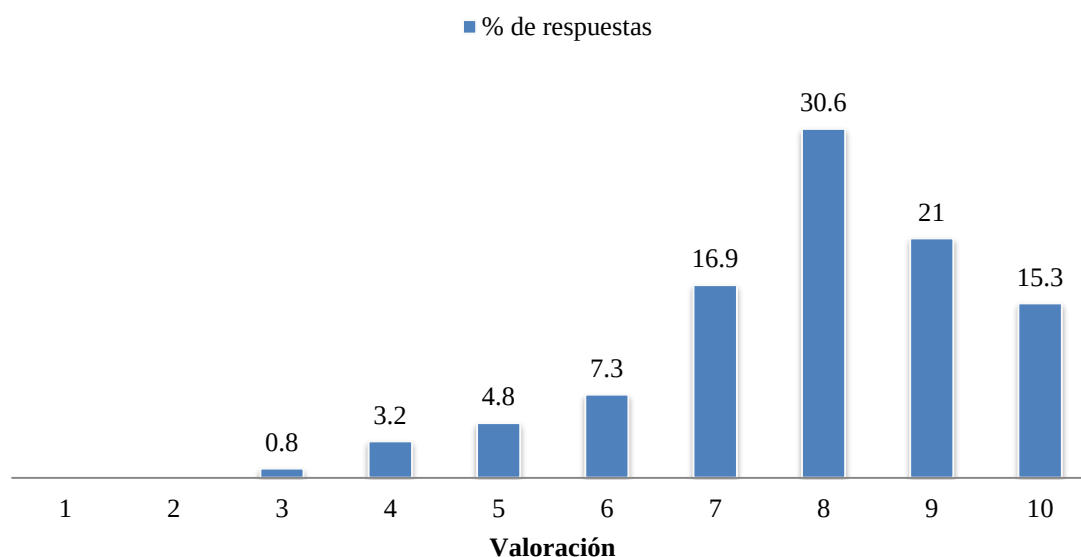


Figura 101. Porcentaje de valoración del ítem 90: “gestión de equipos” como contenido de interés para continuar su formación.

Analizando el interés que los encuestados mostraron respecto al contenido de “gestión de equipos” para continuar su formación, se identificó una valoración positiva (91.1%) ($M = 7.89 \pm 1.6$). Muchos entrenadores indicaron un nivel de interés positivo intermedio (8) ($f = 38$).

Tabla 123. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 90: “Gestión de equipos” como contenido de interés para continuar su formación.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
3	1	.8	.8	.8
4	4	3.2	3.2	4.0
5	6	4.8	4.8	8.9
6	9	7.3	7.3	16.1
7	21	16.9	16.9	33.1
8	38	30.6	30.6	63.7
9	26	21.0	21.0	84.7
10	19	15.3	15.3	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Desarrollo profesional como contenido de interés

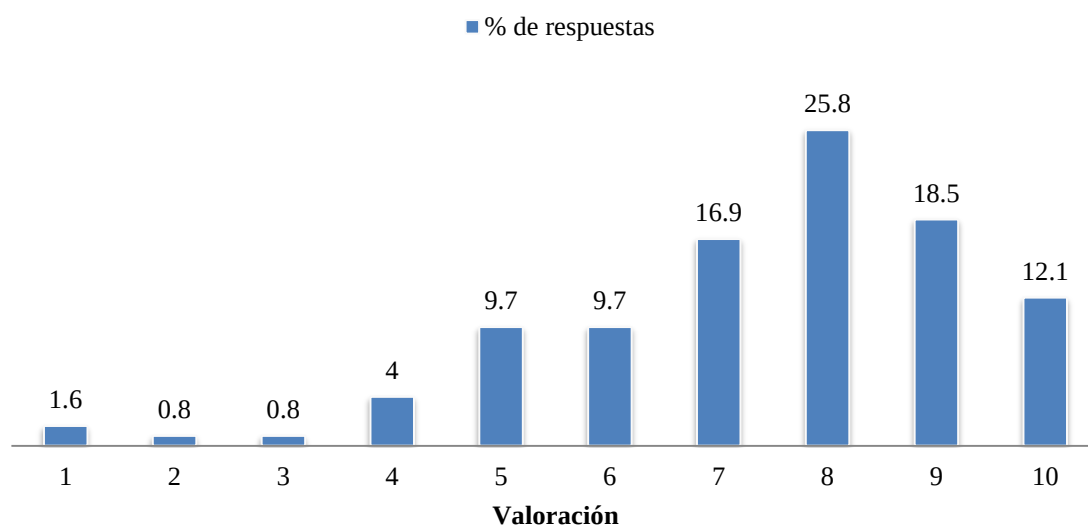


Figura 102. Porcentaje de valoración del ítem 91: “desarrollo profesional” como contenido de interés para continuar su formación.

Con relación al interés que los encuestados mostraban en cuanto al contenido de “desarrollo profesional” para continuar su formación, existieron opiniones dispersas pero aun así se observó una valoración positiva por parte de la mayoría de los encuestados (83%) ($M = 7.41 \pm 1.9$). Gran parte de los entrenadores optó por un nivel de interés positivo intermedio (8) ($f = 32$).

Tabla 124. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 91: “Desarrollo profesional” como contenido de interés para continuar su formación.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	2	1.6	1.6	1.6
2	1	.8	.8	2.4
3	1	.8	.8	3.2
4	5	4.0	4.0	7.3
5	12	9.7	9.7	16.9
6	12	9.7	9.7	26.6
7	21	16.9	16.9	43.5
8	32	25.8	25.8	69.4
9	23	18.5	18.5	87.9
10	15	12.1	12.1	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Bases anatómicas y fisiológicas del deporte como contenido de interés

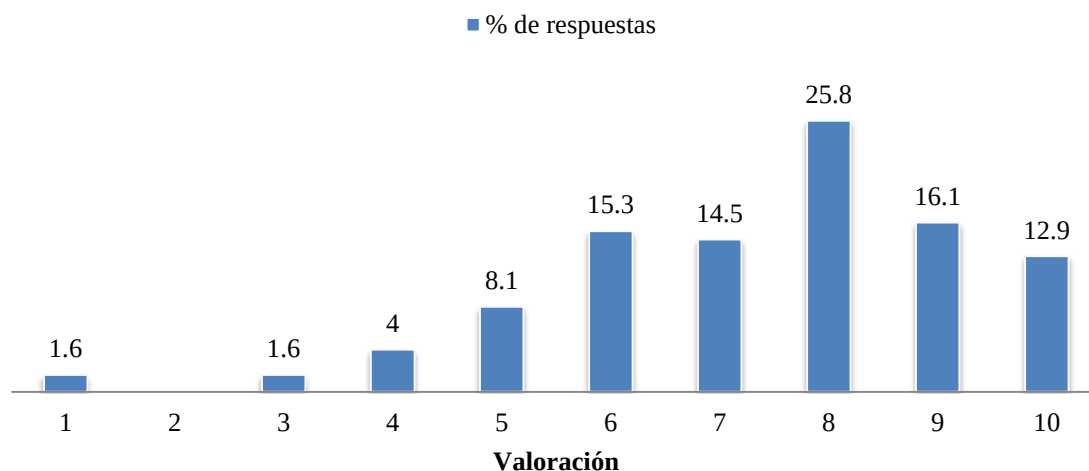


Figura 103. Porcentaje de valoración del ítem 92: “bases anatómicas y fisiológicas” del deporte como contenido de interés para continuar su formación.

Examinando el interés que los entrenadores tenían en relación con el contenido de “bases anatómicas y fisiológicas” del deporte para continuar su formación, se constató una estimación positiva de la mayoría de los encuestados (84.6%) ($M = 7.37 \pm 1.9$), mostrando muchos de éstos un nivel de interés positivo intermedio (8) ($f = 32$).

Tabla 125. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 92: “Bases anatómicas y fisiológicas” del deporte como contenido de interés para continuar su formación.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	2	1.6	1.6	1.6
3	2	1.6	1.6	3.2
4	5	4.0	4.0	7.3
5	10	8.1	8.1	15.3
6	19	15.3	15.3	30.6
7	18	14.5	14.5	45.2
8	32	25.8	25.8	71.0
9	20	16.1	16.1	87.1
10	16	12.9	12.9	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Psicología del deporte como contenido de interés

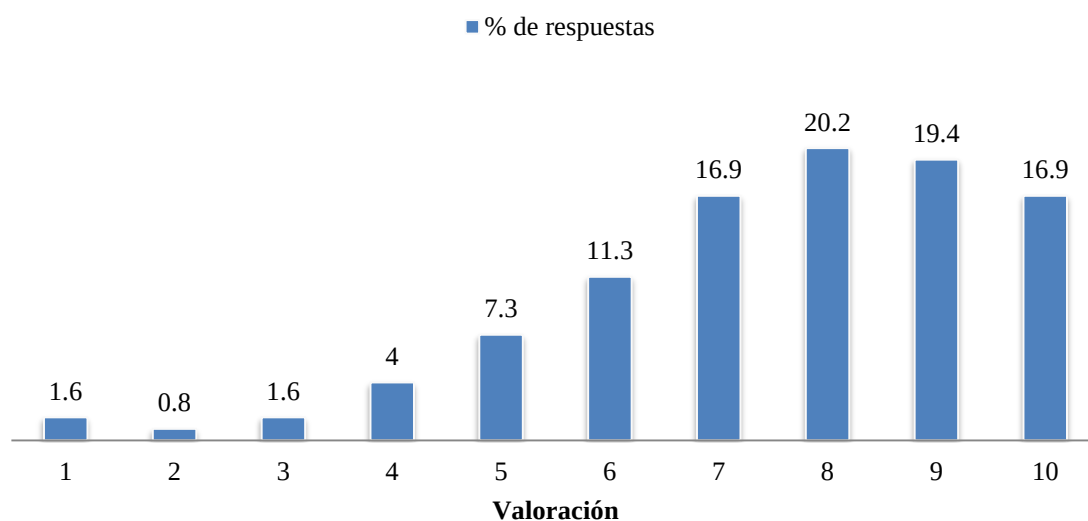


Figura 104. Porcentaje de valoración del ítem 93: “psicología del deporte” como contenido de interés para continuar su formación.

Señalando el interés que los entrenadores mostraban respecto al contenido “psicología del deporte” para continuar su formación, existieron algunas opiniones dispersas, pero aun así se identificó con facilidad una valoración positiva de la mayoría de los encuestados (84.7%) ($M = 7.52 \pm 2.0$), asignando muchos de ellos un nivel de interés positivo intermedio (8) ($f = 25$).

Tabla 126. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 93: “Psicología del deporte” como contenido de interés para continuar su formación.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	2	1.6	1.6	1.6
2	1	.8	.8	2.4
3	2	1.6	1.6	4.0
4	5	4.0	4.0	8.1
5	9	7.3	7.3	15.3
6	14	11.3	11.3	26.6
7	21	16.9	16.9	43.5
8	25	20.2	20.2	63.7
9	24	19.4	19.4	83.1
10	21	16.9	16.9	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Metodología del entrenamiento deportivo como contenido de interés

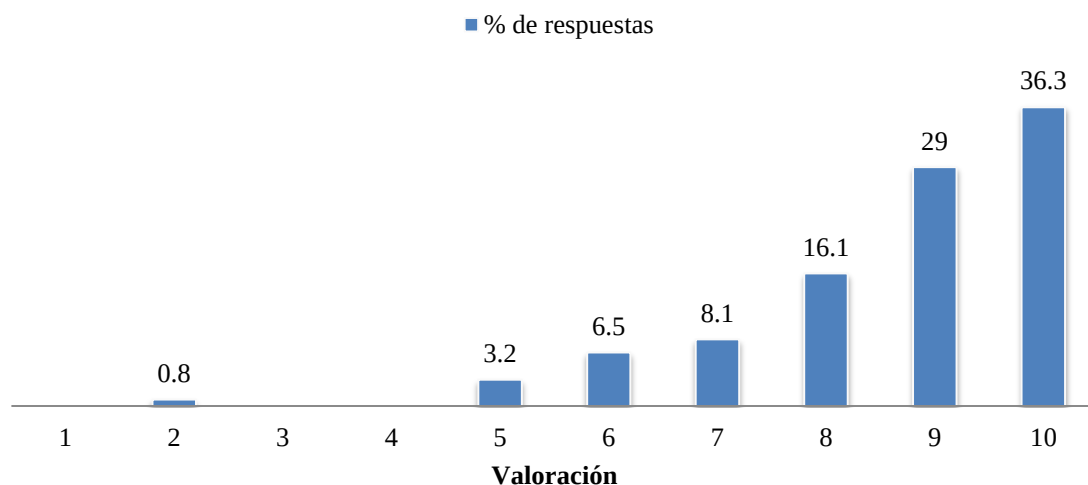


Figura 105. Porcentaje de valoración del ítem 94: “metodología del entrenamiento deportivo” como contenido de interés para continuar su formación.

Comprobando el interés que los encuestados tienen en relación con el contenido “metodología del entrenamiento deportivo” para continuar su formación, se evidenció una valoración muy positiva por parte de la mayoría de los entrenadores (96%) $M = 8.66 \pm 1.5$). Destaca que muchos de ellos indicaron un nivel de interés máximo (10) ($f = 45$).

Tabla 127. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 94: “Metodología del entrenamiento deportivo” como contenido de interés para continuar su formación.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
2	1	.8	.8	.8
5	4	3.2	3.2	4.0
6	8	6.5	6.5	10.5
7	10	8.1	8.1	18.5
8	20	16.1	16.1	34.7
9	36	29.0	29.0	63.7
10	45	36.3	36.3	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Fundamentos sociológicos del deporte como contenido de interés

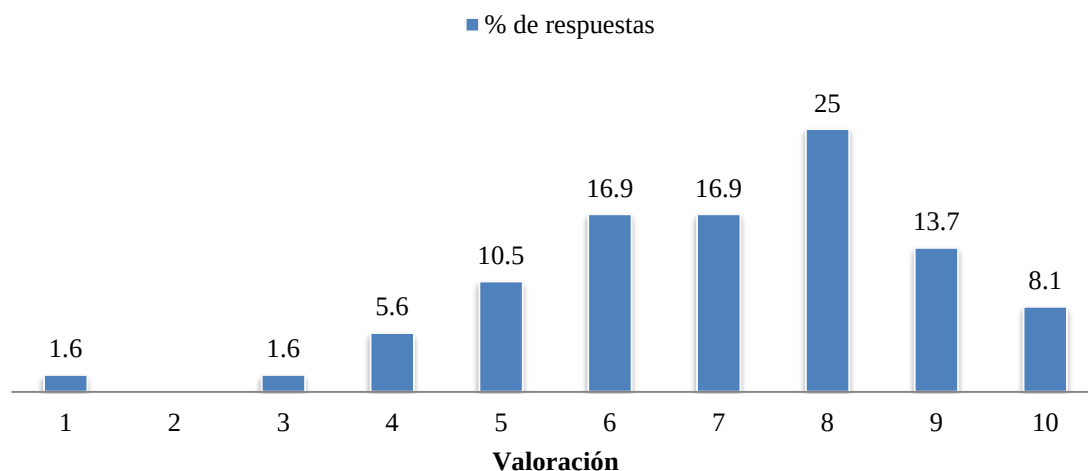


Figura 106. Porcentaje de valoración del ítem 95: “fundamentos sociológicos del deporte” como contenido de interés para continuar su formación.

Centrándonos en el interés que los entrenadores manifestaban en relación con el contenido de “fundamentos sociológicos del deporte” para continuar su formación, éstos, en general, manifestaron una valoración positiva (80.6%) ($M = 7.06 \pm 1.9$), indicando muchos de ellos un nivel de interés positivo intermedio (8) ($f = 31$).

Tabla 128. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 95: “Fundamentos sociológicos del deporte” como contenidos de interés para continuar su formación.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	2	1.6	1.6	1.6
3	2	1.6	1.6	3.2
4	7	5.6	5.6	8.9
5	13	10.5	10.5	19.4
6	21	16.9	16.9	36.3
7	21	16.9	16.9	53.2
8	31	25.0	25.0	78.2
9	17	13.7	13.7	91.9
10	10	8.1	8.1	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Organización y legislación deportiva como contenido de interés

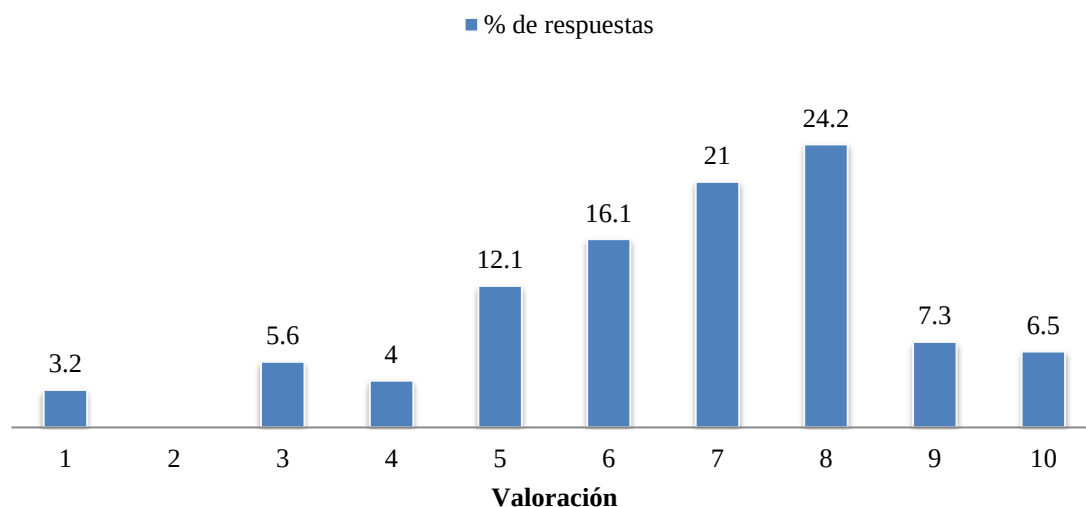


Figura 107. Porcentaje de valoración del ítem 96: “organización y legislación deportiva” como contenidos de interés para continuar su formación.

Prestando atención al interés que los entrenadores demostraron respecto al contenido “organización y legislación deportiva” para continuar su formación, se observó una estimación positiva de la mayoría de los encuestados (75.1%) ($M = 6.64 \pm 2.0$), mostrando gran parte de ellos un nivel de interés positivo intermedio (8) ($f = 30$).

Tabla 129. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 96: “Organización y legislación deportiva” como contenidos de interés para continuar su formación.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	4	3.2	3.2	3.2
3	7	5.6	5.6	8.9
4	5	4.0	4.0	12.9
5	15	12.1	12.1	25.0
6	20	16.1	16.1	41.1
7	26	21.0	21.0	62.1
8	30	24.2	24.2	86.3
9	9	7.3	7.3	93.5
10	8	6.5	6.5	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Dirección y coordinación técnica como contenido de interés

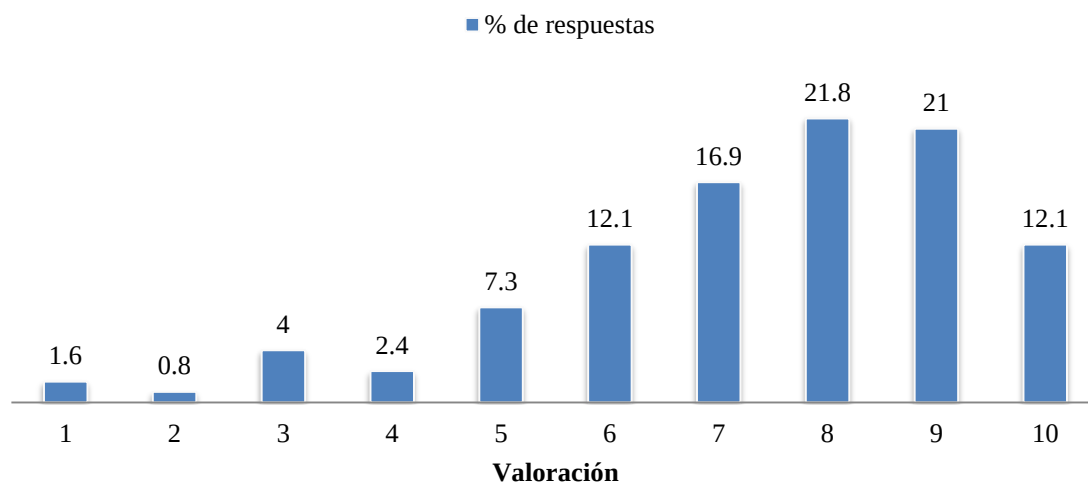


Figura 108. Porcentaje de valoración del ítem 97: “dirección y coordinación técnica” como contenidos de interés para continuar su formación.

En lo que se refiere al interés que los entrenadores manifestaron en relación con el contenido “dirección y coordinación técnica” para continuar su formación, a pesar de haber alguna distribución de las respuestas, se observó una valoración positiva de la mayoría de los encuestados (83.9%) ($M = 7.36 \pm 2.0$). Muchos de estos entrenadores señaló un nivel de interés positivo intermedio (8) ($f = 27$).

Tabla 130. Frecuencia de respuestas al ítem 97: “Dirección y coordinación técnica” como contenidos de interés para continuar su formación.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	2	1.6	1.6	1.6
2	1	.8	.8	2.4
3	5	4.0	4.0	6.5
4	3	2.4	2.4	8.9
5	9	7.3	7.3	16.1
6	15	12.1	12.1	28.2
7	21	16.9	16.9	45.2
8	27	21.8	21.8	66.9
9	26	21.0	21.0	87.9
10	15	12.1	12.1	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Primeros auxilios e higiene en el deporte como contenido de interés

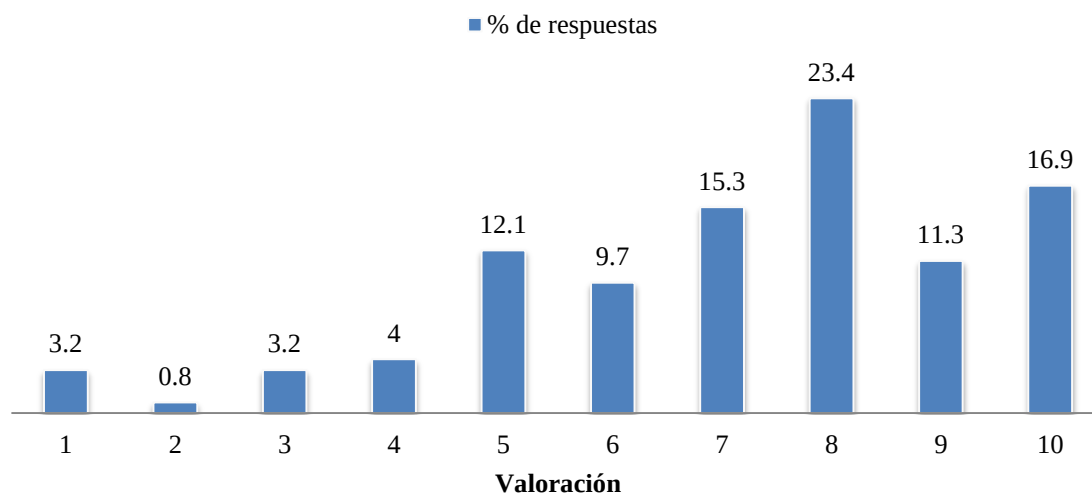


Figura 109. Porcentaje de valoración del ítem 98: “primeros auxilios e higiene en el deporte” como contenidos de interés para continuar su formación.

Teniendo en cuenta el interés que los encuestados manifestaron en cuanto al contenido “primeros auxilios e higiene en el deporte” para continuar su formación, a pesar de haber alguna distribución de las respuestas, se halló una valoración positiva de la mayoría de los entrenadores (76.6%) ($M = 7.15 \pm 2.2$), mostrando la mayor parte de éstos un nivel de interés positivo intermedio (8) ($f = 29$).

Tabla 131. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 98: “Primeros auxilios e higiene en el deporte” como contenidos de interés para continuar su formación.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	4	3.2	3.2	3.2
2	1	.8	.8	4.0
3	4	3.2	3.2	7.3
4	5	4.0	4.0	11.3
5	15	12.1	12.1	23.4
6	12	9.7	9.7	33.1
7	19	15.3	15.3	48.4
8	29	23.4	23.4	71.8
9	14	11.3	11.3	83.1
10	21	16.9	16.9	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Pedagogía del deporte como contenido de interés

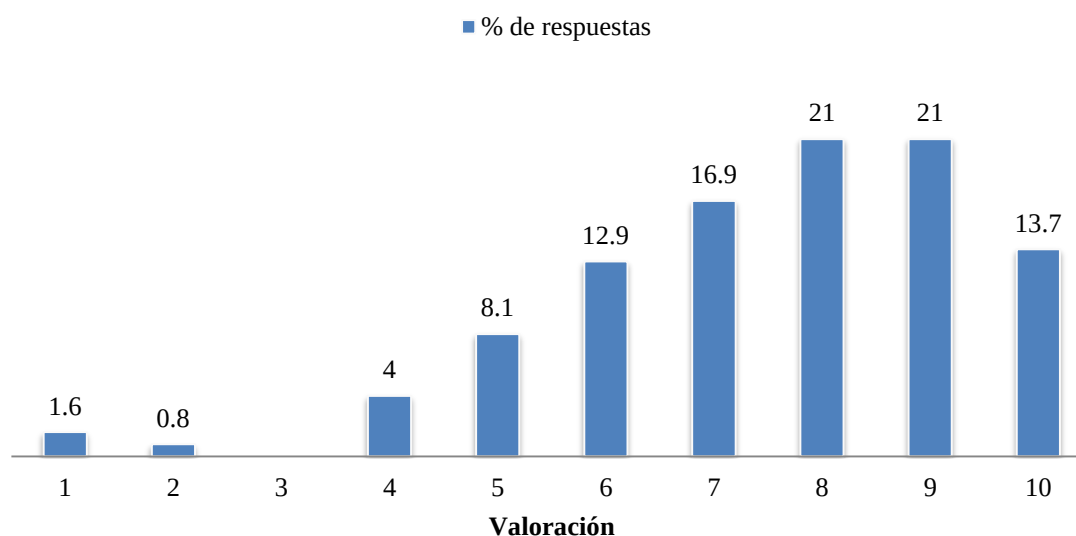


Figura 110. Porcentaje de valoración del ítem 99: “pedagogía del deporte” como contenido de interés para continuar su formación.

Respecto al interés que los entrenadores revelaron en relación con el contenido “pedagogía del deporte” para continuar su formación, se identificó una estimación positiva de la mayoría de los encuestados (85.5%) ($M = 7.49 \pm 1.9$), donde se observó, además, que gran parte de los mismos indicaron un nivel de interés positivo intermedio (8) y alto (9) ($f = 52$).

Tabla 132. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 99: “Pedagogía del deporte” como contenido de interés para continuar su formación.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	2	1.6	1.6	1.6
2	1	.8	.8	2.4
4	5	4.0	4.0	6.5
5	10	8.1	8.1	14.5
6	16	12.9	12.9	27.4
7	21	16.9	16.9	44.4
8	26	21.0	21.0	65.3
9	26	21.0	21.0	86.3
10	17	13.7	13.7	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Ética deportiva como contenido de interés

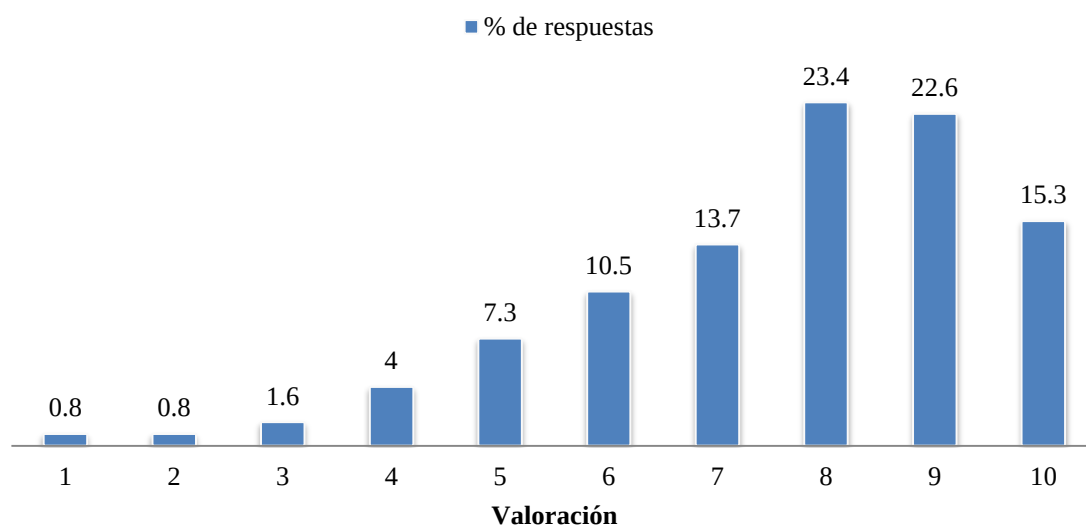


Figura 111. Porcentaje de valoración del ítem 100: “ética deportiva” como contenido de interés para continuar su formación.

En cuanto al interés que los entrenadores mostraron en relación con el contenido “ética deportiva” para continuar su formación, a pesar de existieron respuestas en todos los niveles de valoración, se constató claramente una estimación positiva de la mayoría de los encuestados (85.5%) ($M = 7.62 \pm 1.9$), mostrándose muchos de ellos en un nivel de interés positivo intermedio (8) ($f = 29$).

Tabla 133. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 100: “Ética deportiva” como contenido de interés para continuar su formación.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	1	.8	.8	.8
2	1	.8	.8	1.6
3	2	1.6	1.6	3.2
4	5	4.0	4.0	7.3
5	9	7.3	7.3	14.5
6	13	10.5	10.5	25.0
7	17	13.7	13.7	38.7
8	29	23.4	23.4	62.1
9	28	22.6	22.6	84.7
10	19	15.3	15.3	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Aprendizaje y desarrollo motor como contenido de interés

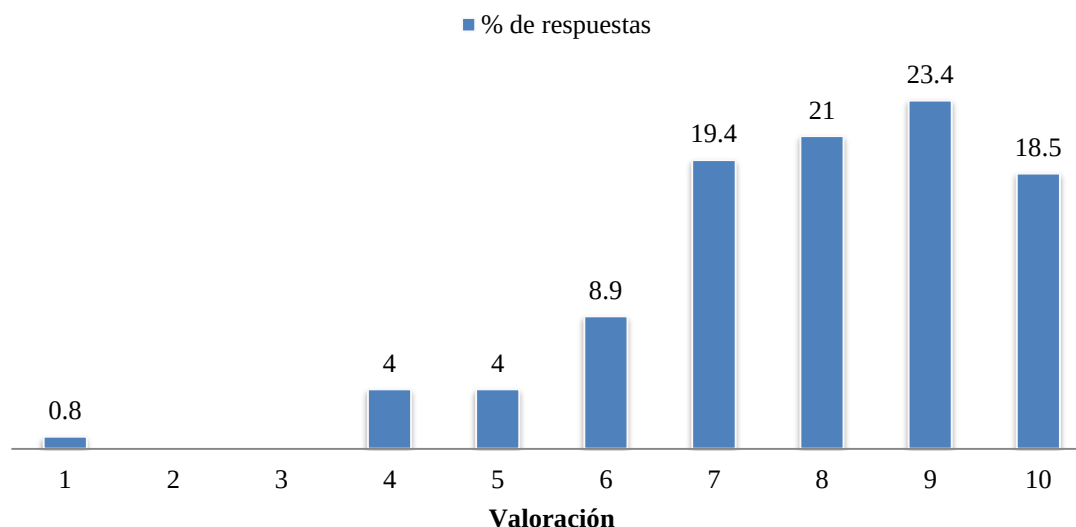


Figura 112. Porcentaje de valoración del ítem 101: “aprendizaje y desarrollo motor” como contenido de interés para continuar su formación.

Considerando el interés que los encuestados revelaron respecto al contenido de “aprendizaje y desarrollo motor” para continuar su formación, se obtuvo una valoración positiva de la mayoría de los entrenadores (91.2%) ($M = 7.90 \pm 1.7$), mostrando la mayor parte de los mismos un nivel de interés alto (9) ($f = 29$).

Tabla 134. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 101: “Aprendizaje y desarrollo motor” como contenido de interés para continuar su formación.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	1	.8	.8	.8
4	5	4.0	4.0	4.8
5	5	4.0	4.0	8.9
6	11	8.9	8.9	17.7
7	24	19.4	19.4	37.1
8	26	21.0	21.0	58.1
9	29	23.4	23.4	81.5
10	23	18.5	18.5	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Observación y análisis de las habilidades deportivas como contenido de interés

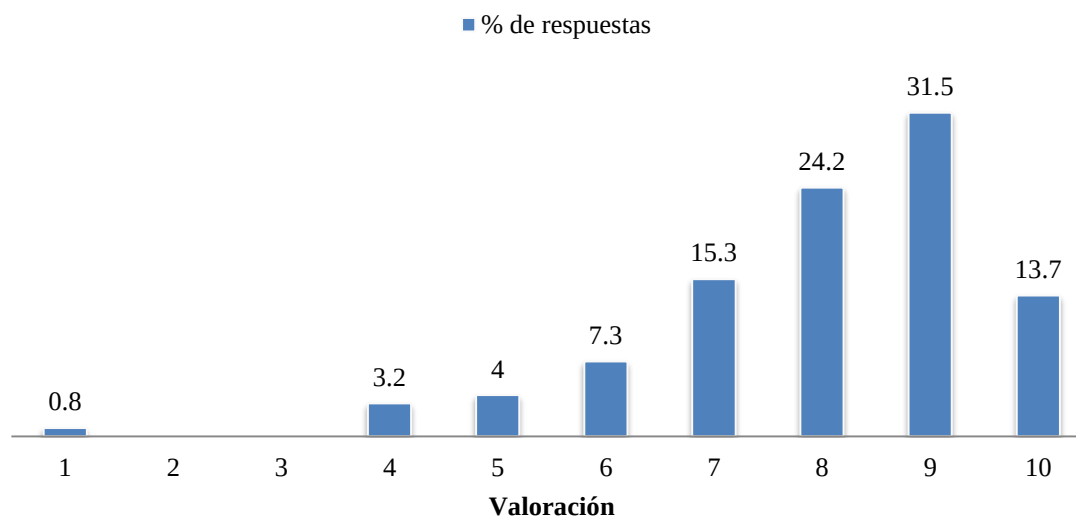


Figura 113. Porcentaje de valoración del ítem 102: “observación y análisis de las habilidades deportivas” como contenido de interés para continuar su formación.

Analizando el interés que los encuestados tenían en relación con el contenido de “observación y análisis de las habilidades deportivas” para continuar su formación, se observó una estimación positiva por parte de la mayoría de los entrenadores (92%) ($M = 7.98 \pm 1.6$). En este sentido, muchos de los encuestados indicaron un nivel de interés alto (9) ($f = 39$).

Tabla 135. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 102: “Observación y análisis de las habilidades deportivas” como contenido de interés para continuar su formación.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	1	.8	.8	.8
4	4	3.2	3.2	4.0
5	5	4.0	4.0	8.1
6	9	7.3	7.3	15.3
7	19	15.3	15.3	30.6
8	30	24.2	24.2	54.8
9	39	31.5	31.5	86.3
10	17	13.7	13.7	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Nutrición deportiva como contenido de interés

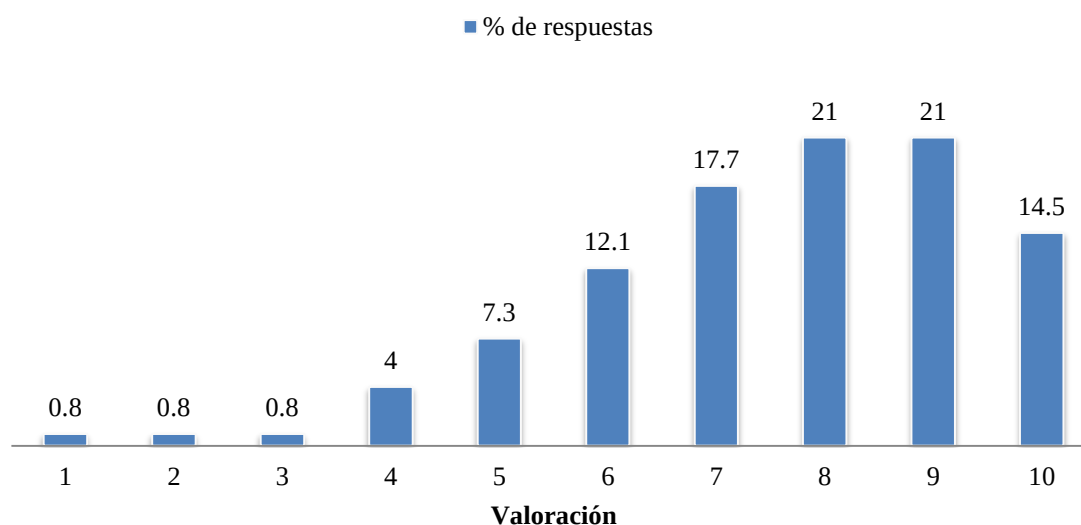


Figura 114. Porcentaje de valoración del ítem 103: “nutrición deportiva” como contenido de interés para continuar su formación.

Examinando el interés que los entrenadores mostraron respecto al contenido “nutrición deportiva” para continuar su formación, a pesar de existieren respuestas en todos los niveles de valoración, se halló que la mayoría de los entrenadores encuestados lo valoraron de forma positiva (86.3%) ($M = 7.56 \pm 1.9$). Además, gran parte de los entrenadores de los mismos señalaron un nivel de interés positivo intermedio (8) y alto (9) ($f = 52$).

Tabla 136. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 103: “Nutrición deportiva” como contenido de interés para continuar su formación.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	1	.8	.8	.8
2	1	.8	.8	1.6
3	1	.8	.8	2.4
4	5	4.0	4.0	6.5
5	9	7.3	7.3	13.7
6	15	12.1	12.1	25.8
7	22	17.7	17.7	43.5
8	26	21.0	21.0	64.5
9	26	21.0	21.0	85.5
10	18	14.5	14.5	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Didáctica del deporte como contenido de interés

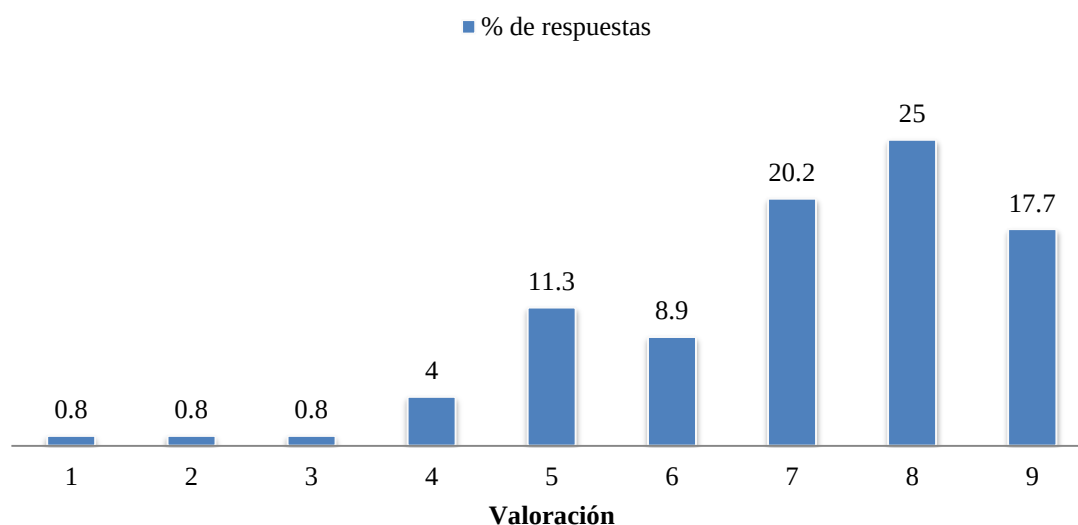


Figura 115. Porcentaje de valoración del ítem 104: “didáctica del deporte” como contenido de interés para continuar su formación.

Tratando de identificar el interés que los encuestados tenían en relación con el contenido “didáctica del deporte” para continuar su formación, a pesar de existieron respuestas en todos los niveles de valoración, la mayoría de los entrenadores lo valoraron de forma positiva (82.3%) ($M = 7.36 \pm 1.8$), mostrando muchos de ellos un nivel de interés positivo intermedio (8) ($f = 31$).

Tabla 137. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 104: “Didáctica del deporte” como contenido de interés para continuar su formación.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	1	.8	.8	.8
2	1	.8	.8	1.6
3	1	.8	.8	2.4
4	5	4.0	4.0	6.5
5	14	11.3	11.3	17.7
6	11	8.9	8.9	26.6
7	25	20.2	20.2	46.8
8	31	25.0	25.0	71.8
9	22	17.7	17.7	89.5
10	13	10.5	10.5	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Promoción de valores en el deporte como contenido de interés

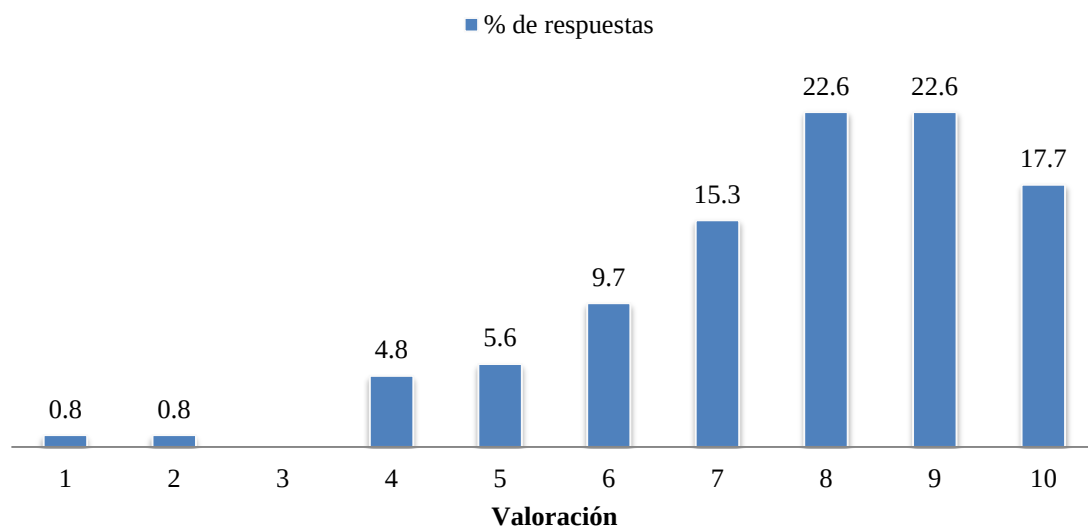


Figura 116. Porcentaje de valoración del ítem 105: “promoción de valores en el deporte” como contenido de interés para continuar su formación.

Buscando interpretar el interés que los encuestados revelan hacia el contenido de “promoción de valores en el deporte” para continuar su formación, percibimos que existía una estimación positiva de la mayoría de los entrenadores (87.9%) ($M = 7.77 \pm 1.8$), hallándose que la mayor parte de los mismos indicaron un nivel de interés positivo intermedio (8) y alto (9) ($f = 56$).

Tabla 138. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 105: “Promoción de valores en el deporte” como contenido de interés para continuar su formación.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	1	.8	.8	.8
2	1	.8	.8	1.6
4	6	4.8	4.8	6.5
5	7	5.6	5.6	12.1
6	12	9.7	9.7	21.8
7	19	15.3	15.3	37.1
8	28	22.6	22.6	59.7
9	28	22.6	22.6	82.3
10	22	17.7	17.7	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Coaching deportivo como contenido de interés

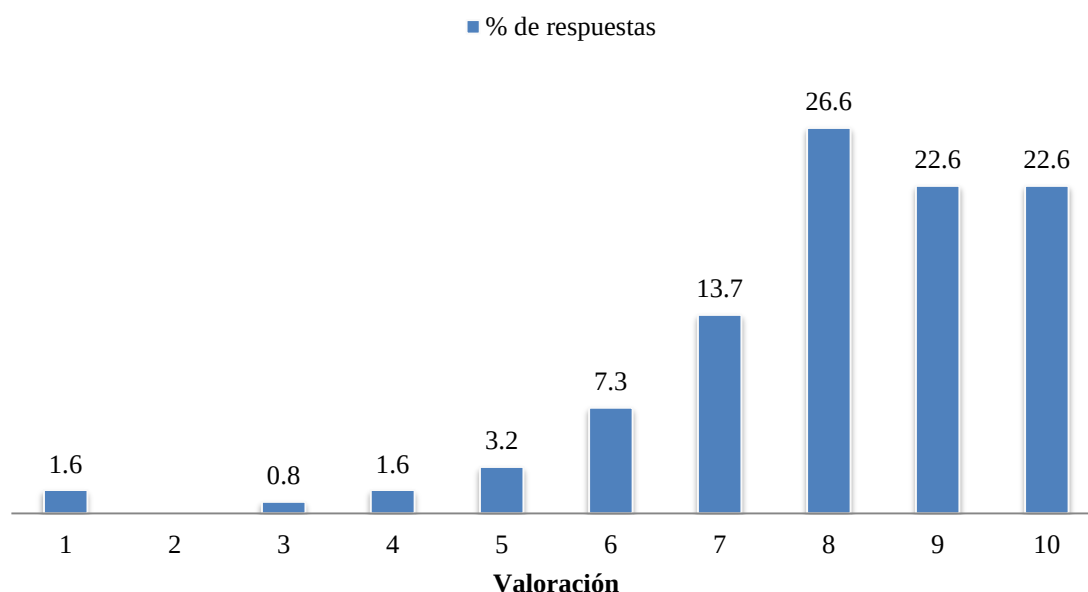


Figura 117. Porcentaje de valoración del ítem 106: “coaching deportivo” como contenido de interés para continuar su formación.

Respecto al interés que los entrenadores mostraron respecto al contenido de “coaching deportivo” para continuar la formación, se percibió una valoración claramente positiva de la mayoría de los encuestados (92.8%) ($M = 8.08 \pm 1.8$). Muchos de ellos indicaron un nivel de interés positivo intermedio (8) ($f = 33$).

Tabla 139 Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 106: “Coaching deportivo” como contenido de interés para continuar su formación.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	2	1.6	1.6	1.6
3	1	.8	.8	2.4
4	2	1.6	1.6	4.0
5	4	3.2	3.2	7.3
6	9	7.3	7.3	14.5
7	17	13.7	13.7	28.2
8	33	26.6	26.6	54.8
9	28	22.6	22.6	77.4
10	28	22.6	22.6	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Entrenamiento de porteros como contenido de interés

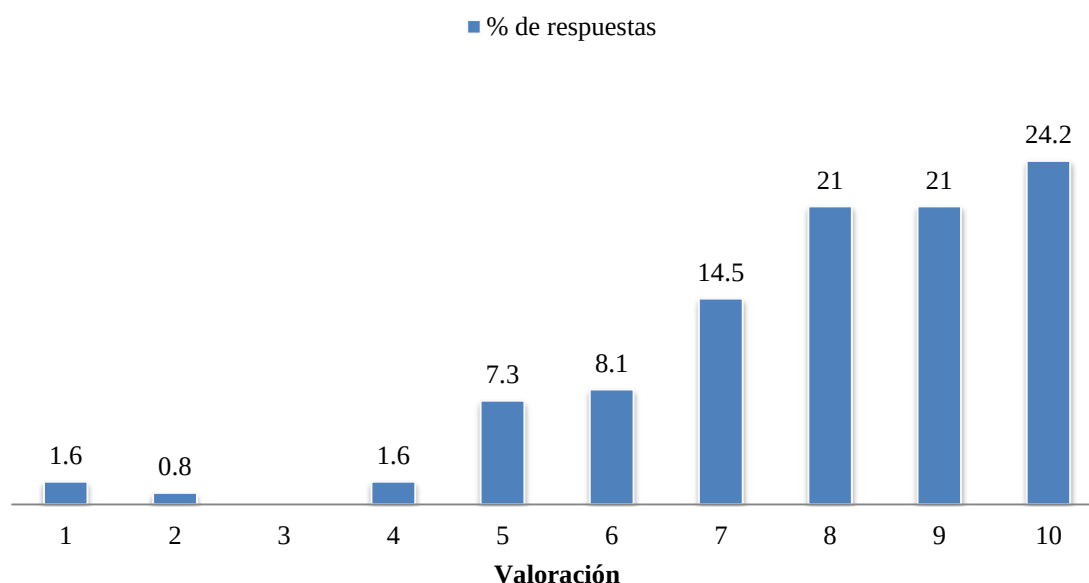


Figura 118. Porcentaje de valoración del ítem 107: “entrenamiento de porteros” como contenido de interés para continuar su formación.

Centrándonos en el interés que los encuestados tenían hacia el contenido de “entrenamiento de porteros” para continuar la formación, percibimos que existía una estimación claramente positiva de la mayoría de los entrenadores (88.8%) ($M = 7.94 \pm 1.9$). De hecho gran parte de los mismos indicaron un nivel de interés máximo (10) ($f = 30$).

Tabla 140. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 107: “Entrenamiento de porteros” como contenido de interés para continuar su formación.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	2	1.6	1.6	1.6
2	1	.8	.8	2.4
4	2	1.6	1.6	4.0
5	9	7.3	7.3	11.3
6	10	8.1	8.1	19.4
7	18	14.5	14.5	33.9
8	26	21.0	21.0	54.8
9	26	21.0	21.0	75.8
10	30	24.2	24.2	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Scouting en el fútbol como contenido de interés

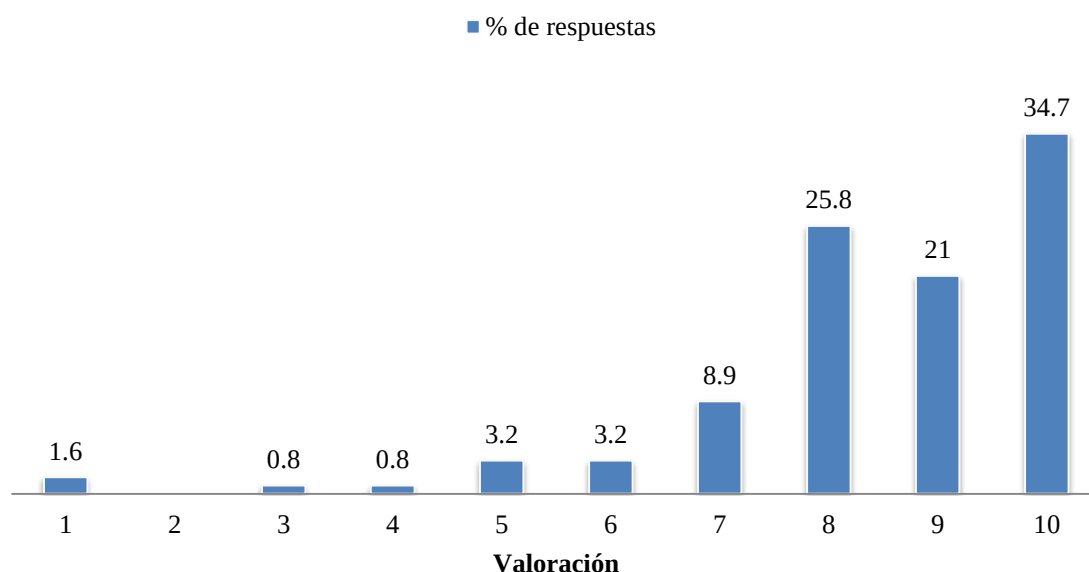


Figura 119. Porcentaje de valoración del ítem 108: “scouting en el fútbol” como contenido de interés para continuar su formación.

En cuanto al interés que los entrenadores manifestaron respecto al contenido “scouting en el fútbol” para continuar la formación, se verificó que existía una valoración claramente positiva por parte de la gran mayoría de los encuestados (93.6%) ($M = 8.47 \pm 1.7$), mostrándose gran parte de ellos con un nivel de interés máximo (10) ($f = 43$).

Tabla 141. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 108: “Scouting en el fútbol” como contenido de interés para continuar su formación.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	2	1.6	1.6	1.6
3	1	.8	.8	2.4
4	1	.8	.8	3.2
5	4	3.2	3.2	6.5
6	4	3.2	3.2	9.7
7	11	8.9	8.9	18.5
8	32	25.8	25.8	44.4
9	26	21.0	21.0	65.3
10	43	34.7	34.7	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Conferencias, congresos, jornadas y seminarios como estrategias de formación

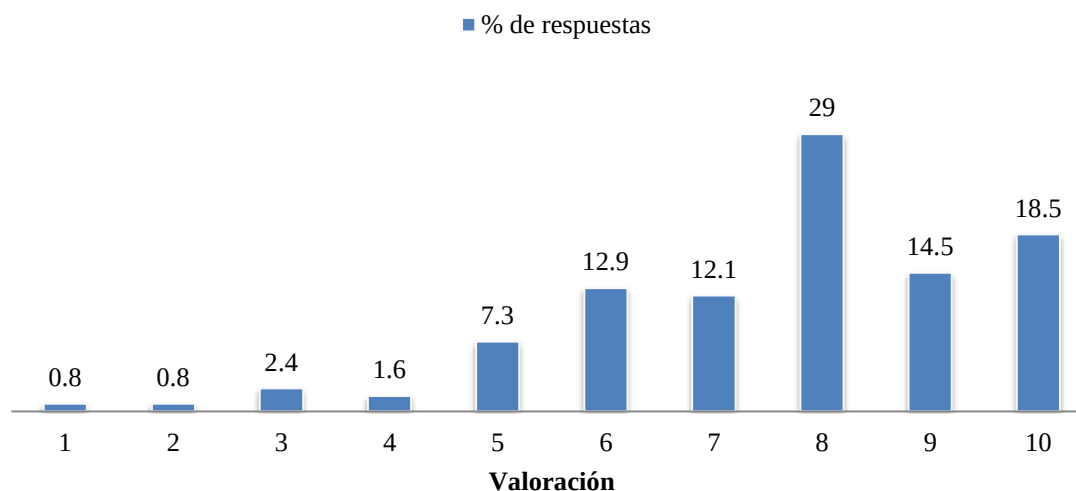


Figura 120. Porcentaje de valoración del ítem 109: conferencias, congresos, jornadas y seminarios como estrategias elegidas para continuar su formación.

Con respecto a las estrategias de formación, prestamos atención a las conferencias, congresos, jornadas y seminarios como estrategias que los entrenadores encuestados escogerían para continuar la formación. A pesar de que existieron respuestas en todos los niveles de valoración, se identificó una valoración positiva para estas estrategias por parte de la mayoría de los encuestados (87%) ($M = 7.63 \pm 1.9$). Muchos de los entrenadores señalaron un nivel de interés positivo intermedio (8) ($f = 36$).

Tabla 142. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 109: Conferencias, congresos, jornadas y seminarios como estrategias elegidas para continuar su formación.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	1	.8	.8	.8
2	1	.8	.8	1.6
3	3	2.4	2.4	4.0
4	2	1.6	1.6	5.6
5	9	7.3	7.3	12.9
6	16	12.9	12.9	25.8
7	15	12.1	12.1	37.9
8	36	29.0	29.0	66.9
9	18	14.5	14.5	81.5
10	23	18.5	18.5	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Cursos de corta o media duración como estrategia de formación

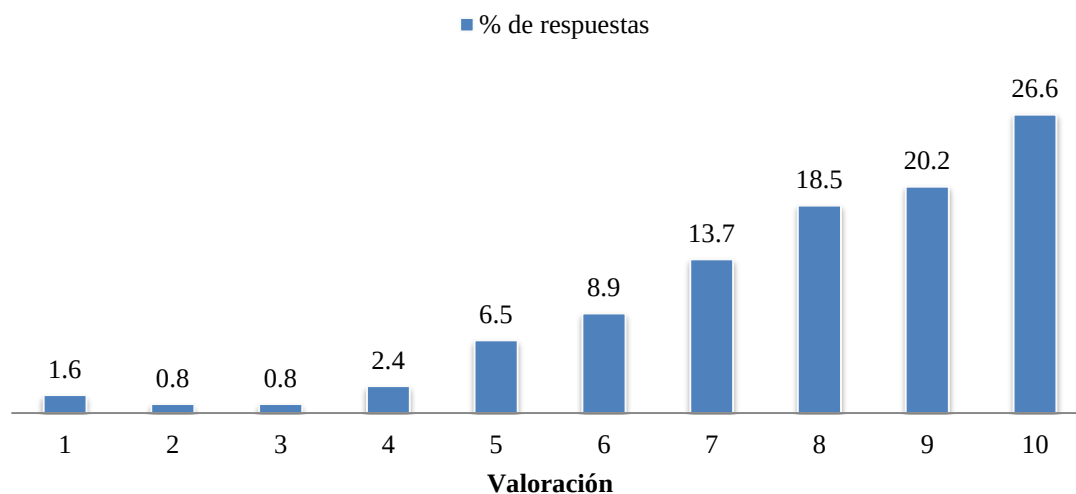


Figura 121. Porcentaje de valoración del ítem 110: cursos de corta o media duración como estrategia elegida para continuar su formación.

Teniendo en cuenta los cursos de corta o media duración como estrategias que los entrenadores elegirían para continuar la formación, a pesar de existieron respuestas en todos los niveles de valoración, se observó una estimación positiva para esta estrategia por parte de la mayoría de los encuestados (87.9%) ($M = 7.93 \pm 2.0$). En este sentido, gran parte de los encuestados indicaron un nivel de interés máximo (10) ($f = 33$).

Tabla 143. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 110: Cursos de corta o media duración como estrategia elegida para continuar su formación.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	2	1.6	1.6	1.6
2	1	.8	.8	2.4
3	1	.8	.8	3.2
4	3	2.4	2.4	5.6
5	8	6.5	6.5	12.1
6	11	8.9	8.9	21.0
7	17	13.7	13.7	34.7
8	23	18.5	18.5	53.2
9	25	20.2	20.2	73.4
10	33	26.6	26.6	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Reflexión sobre la propia práctica como estrategia de formación

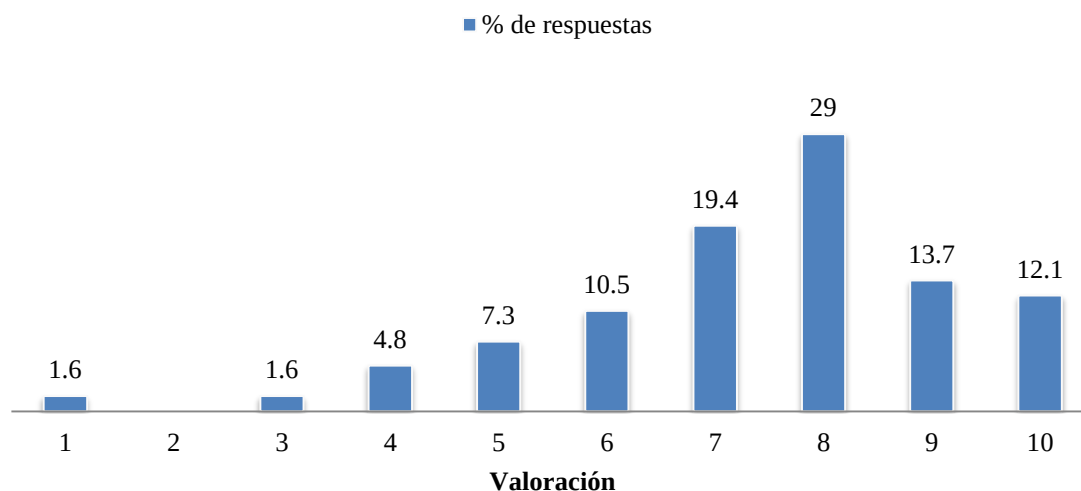


Figura 122. Porcentaje de valoración del ítem 111: reflexión sobre la propia práctica como estrategia elegida para continuar su formación.

En relación con la reflexión sobre la propia práctica como estrategias que los encuestados preferirían como forma de continuar la formación, se percibió una mayor valoración positiva para esta estrategia por gran parte los entrenadores (84.7%) ($M = 7.37 \pm 1.9$), mostrando gran parte de los mismos un nivel de interés positivo intermedio (8) ($f = 36$).

Tabla 144. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 111: Reflexión sobre la propia práctica como estrategia elegida para continuar su formación.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	2	1.6	1.6	1.6
3	2	1.6	1.6	3.2
4	6	4.8	4.8	8.1
5	9	7.3	7.3	15.3
6	13	10.5	10.5	25.8
7	24	19.4	19.4	45.2
8	36	29.0	29.0	74.2
9	17	13.7	13.7	87.9
10	15	12.1	12.1	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Ver a otros colegas a entrenar como estrategia de formación

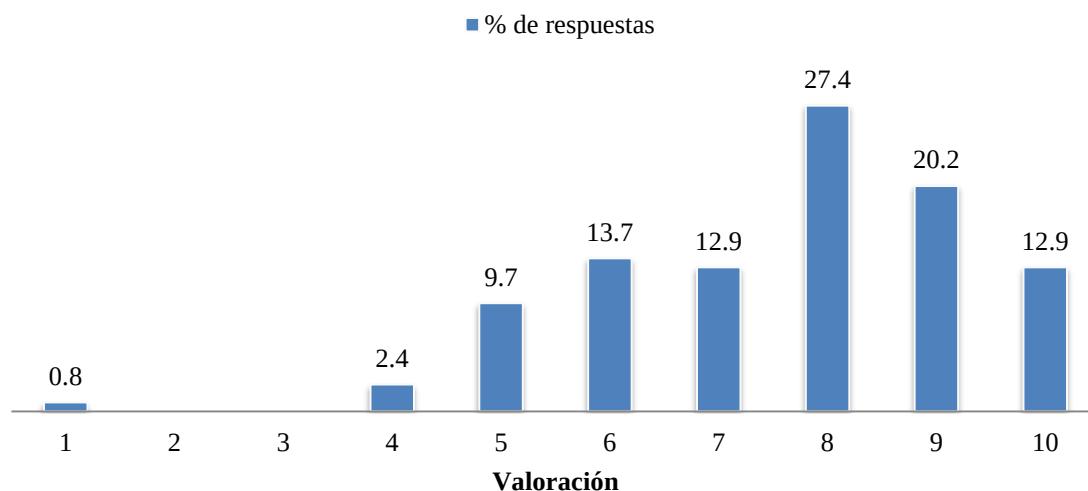


Figura 123. Porcentaje de valoración del ítem 112: ver a otros colegas a entrenar como estrategia elegida para continuar su formación.

En cuanto a la estrategia de ver a otros colegas entrenar como forma de proseguir la formación, se identificó una estimación positiva por parte de la mayoría de los encuestados (87.1%) ($M = 7.61 \pm 1.7$), mostrando la mayor parte de los entrenadores un nivel de interés positivo intermedio (8) ($f = 34$).

Tabla 145. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 112: Ver otros colegas a entrenar como estrategia elegida para continuar su formación.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	1	.8	.8	.8
4	3	2.4	2.4	3.2
5	12	9.7	9.7	12.9
6	17	13.7	13.7	26.6
7	16	12.9	12.9	39.5
8	34	27.4	27.4	66.9
9	25	20.2	20.2	87.1
10	16	12.9	12.9	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Lectura de libros o revistas específicas de fútbol como estrategias de formación

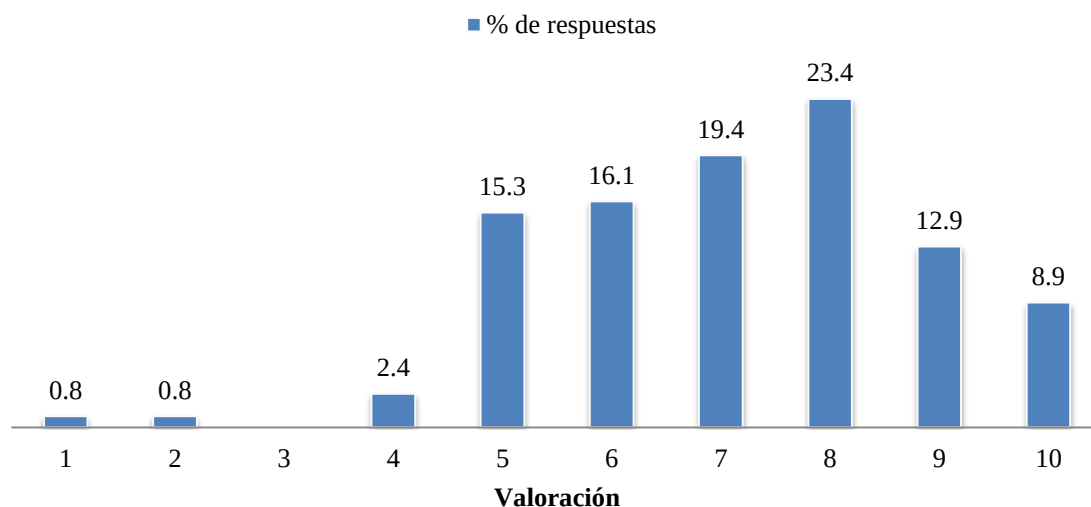


Figura 124. Porcentaje de valoración del ítem 113: lectura de libros o revistas específicas de fútbol como estrategias elegidas para continuar su formación.

En lo que respecta a la estrategia de lectura de libros o revistas específicas de fútbol como forma de continuar la formación, se observó una valoración positiva por parte de la mayoría de los entrenadores (80.7%) ($M = 7.13 \pm 1.7$). Muchos de los entrenadores indicaron un nivel de interés positivo intermedio (8) ($f = 29$).

Tabla 146. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 113: Lectura de libros o revistas específicas de fútbol como estrategia elegida para continuar su formación.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	1	.8	.8	.8
2	1	.8	.8	1.6
4	3	2.4	2.4	4.0
5	19	15.3	15.3	19.4
6	20	16.1	16.1	35.5
7	24	19.4	19.4	54.8
8	29	23.4	23.4	78.2
9	16	12.9	12.9	91.1
10	11	8.9	8.9	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Lectura de libros o revistas relacionadas con el entrenamiento deportivo como estrategias de formación

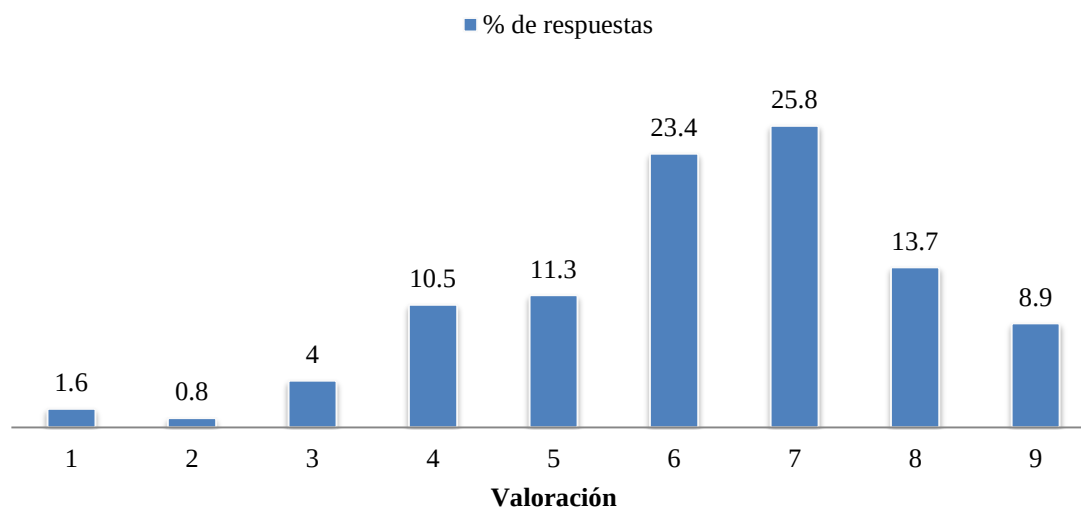


Figura 125. Porcentaje de valoración del ítem 114: lectura de libros o revistas relacionadas con el entrenamiento deportivo como estrategias elegidas para continuar su formación.

Considerando la estrategia de lectura de libros o revistas relacionadas con el entrenamiento deportivo como forma de continuar la formación, se constató una estimación positiva por parte de la mayoría de los entrenadores (83.1%) ($M = 7.23 \pm 1.8$), mostrando gran parte de los mismos un nivel de interés positivo intermedio (7) ($f = 29$).

Tabla 147. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 114: Lectura de libros o revistas relacionadas con el entrenamiento deportivo como estrategias elegidas para continuar su formación.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	2	1.6	1.6	1.6
3	1	.8	.8	2.4
4	5	4.0	4.0	6.5
5	13	10.5	10.5	16.9
6	14	11.3	11.3	28.2
7	29	23.4	23.4	51.6
8	32	25.8	25.8	77.4
9	17	13.7	13.7	91.1
10	11	8.9	8.9	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Grupos de trabajo entre entrenadores de fútbol como estrategia de formación

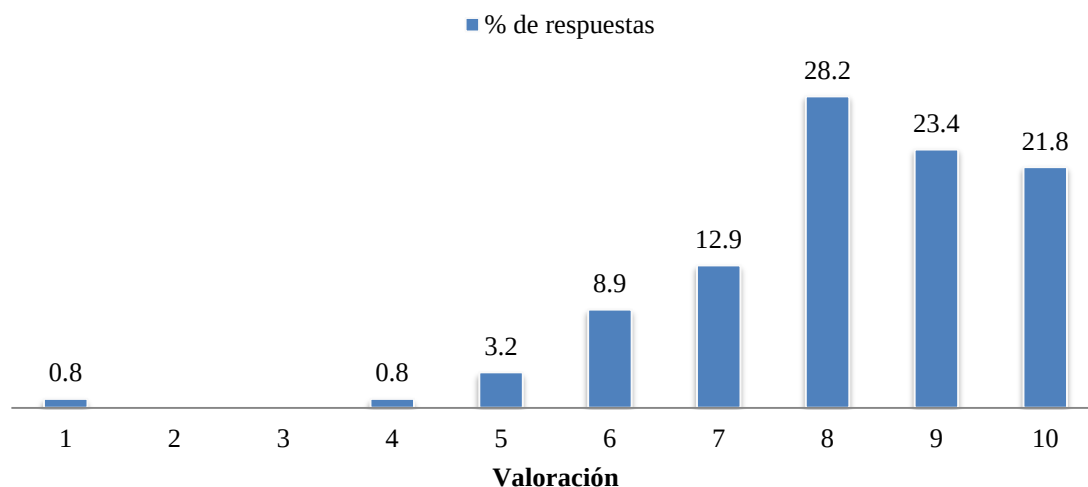


Figura 126. Porcentaje de valoración del ítem 115: grupos de trabajo entre entrenadores de fútbol como estrategia elegida para continuar su formación.

Observando ahora la estrategia de constituir grupos de trabajo entre entrenadores de fútbol como forma de continuar la formación, se obtuvo una valoración muy positiva por parte de la clara mayoría de los entrenadores (95.2%) ($M = 8.18 \pm 1.5$). Cabe destacar que muchos de ellos mostraron un nivel de interés positivo intermedio (8) ($f = 35$).

Tabla 148. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 115: Grupos de trabajo entre entrenadores de fútbol como estrategia elegida para continuar su formación.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	1	.8	.8	.8
4	1	.8	.8	1.6
5	4	3.2	3.2	4.8
6	11	8.9	8.9	13.7
7	16	12.9	12.9	26.6
8	35	28.2	28.2	54.8
9	29	23.4	23.4	78.2
10	27	21.8	21.8	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Visualización y análisis de juegos y entrenamientos de fútbol en video como estrategia de formación

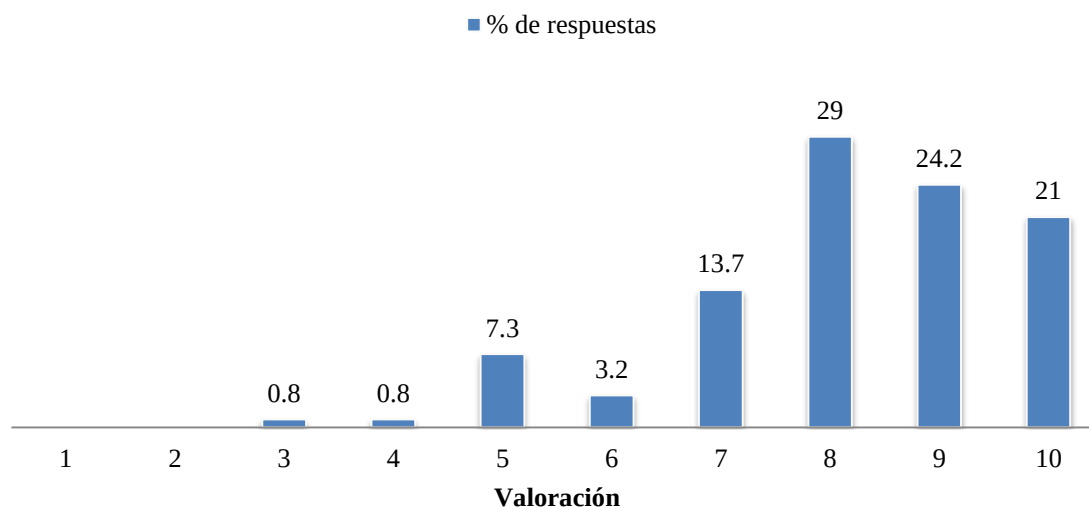


Figura 127. Porcentaje de valoración del ítem 116: visualización y análisis de juegos y entrenamiento de fútbol en vídeo como estrategia elegida para continuar su formación.

En relación con la opinión de los entrenadores respecto a la estrategia de visualización y análisis de juegos y entrenamiento de fútbol en vídeo como forma de continuar la formación, se observó una valoración muy positiva por parte de la clara mayoría de los encuestados (91.1%) ($M = 8.17 \pm 1.5$), mostrándose gran parte de los mismos con un nivel de interés positivo intermedio (8) ($f = 36$).

Tabla 149. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 116: Visualización y análisis de juegos y entrenamiento de fútbol en vídeo como estrategia elegida para continuar su formación.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
3	1	.8	.8	.8
4	1	.8	.8	1.6
5	9	7.3	7.3	8.9
6	4	3.2	3.2	12.1
7	17	13.7	13.7	25.8
8	36	29.0	29.0	54.8
9	30	24.2	24.2	79.0
10	26	21.0	21.0	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Cursos e-Learning como estrategias de formación

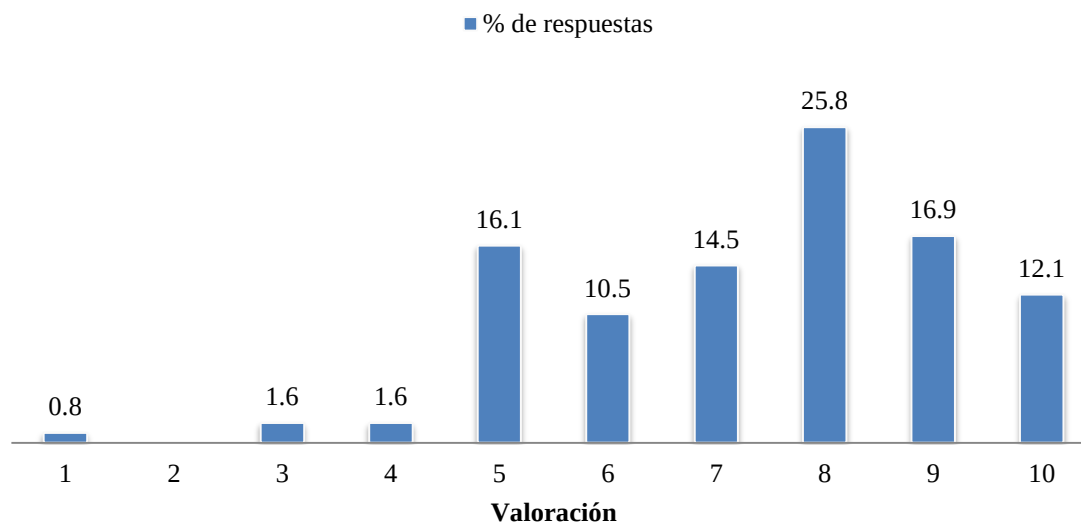


Figura 128. Porcentaje de valoración del ítem 117: cursos e-learning como estrategia elegida para continuar su formación.

Analizando la estrategia de participación en cursos e-Learning como forma de continuar la formación, se verifica una valoración más positiva por parte de la mayoría de los encuestados (79.8%) ($M = 7.37 \pm 1.8$). Cabe destacar que bastantes entrenadores mostraron un nivel de interés positivo intermedio (8) ($f = 32$).

Tabla 150. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 117: Cursos e-Learning como estrategia elegida para continuar su formación.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	1	.8	.8	.8
3	2	1.6	1.6	2.4
4	2	1.6	1.6	4.0
5	20	16.1	16.1	20.2
6	13	10.5	10.5	30.6
7	18	14.5	14.5	45.2
8	32	25.8	25.8	71.0
9	21	16.9	16.9	87.9
10	15	12.1	12.1	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Workshops como estrategia de formación

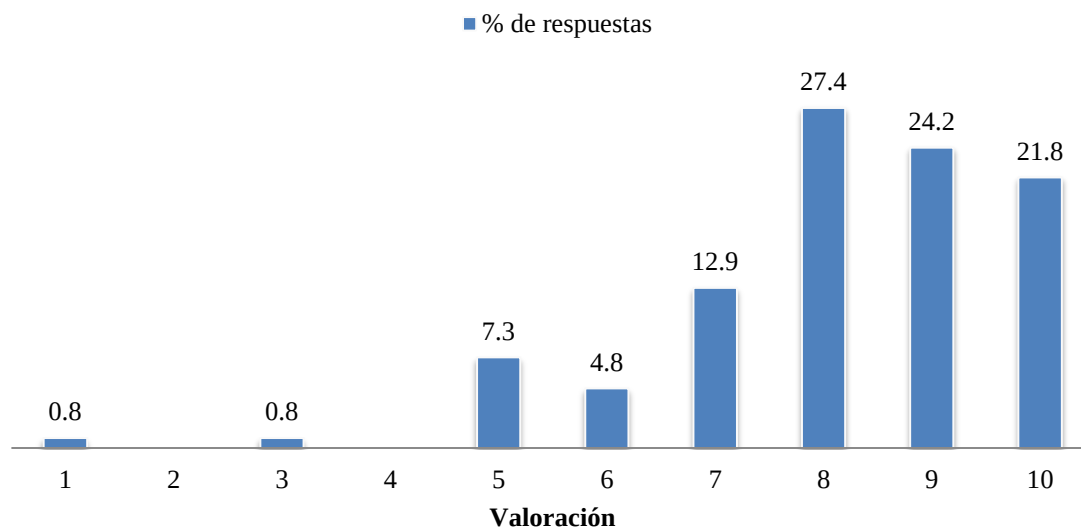


Figura 129. Porcentaje de valoración del ítem 118: workshops prácticos como estrategia elegida para continuar su formación.

Considerando ahora la estrategia de participación en workshops prácticos como forma de continuar la formación, se identificó una valoración muy positiva por parte de la clara mayoría de los entrenadores (91.1%) ($M = 8.14 \pm 1.6$), mostrando muchos de ellos un nivel de interés positivo intermedio (8) ($f = 34$).

Tabla 151. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 118: Workshops prácticos como estrategia elegida para continuar su formación.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	1	.8	.8	.8
3	1	.8	.8	1.6
5	9	7.3	7.3	8.9
6	6	4.8	4.8	13.7
7	16	12.9	12.9	26.6
8	34	27.4	27.4	54.0
9	30	24.2	24.2	78.2
10	27	21.8	21.8	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Congresos on-line como estrategia de formación

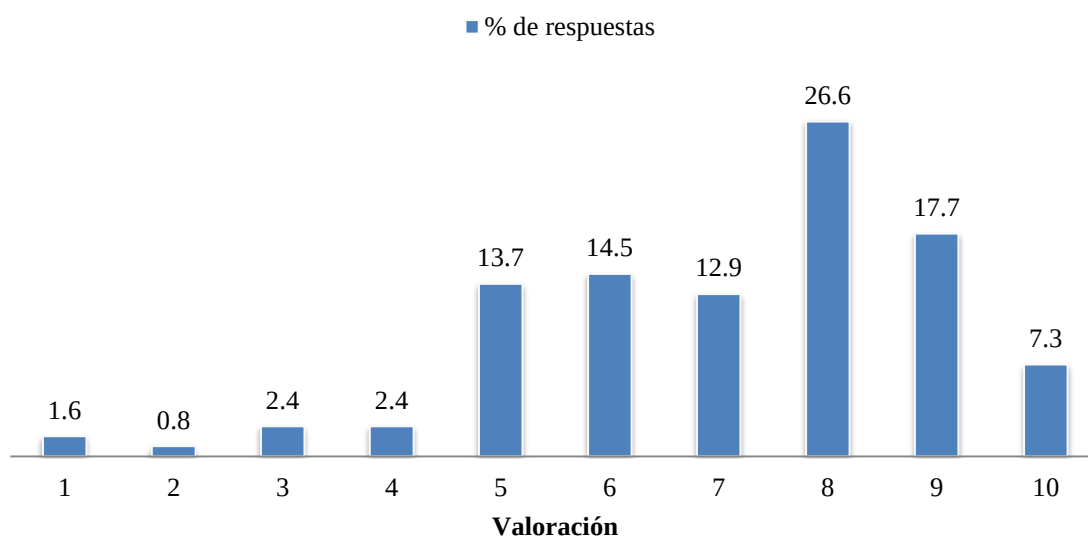


Figura 130. Porcentaje de valoración del ítem 119: congresos on-line como estrategia elegida para continuar su formación.

Examinando ahora la estrategia de participación en congresos on-line como forma de continuar la formación y, a pesar de existieron respuestas en todos los niveles de valoración, se verificó una valoración positiva por parte de la mayoría de los encuestados (79%), ($M = 7.11 \pm 1.9$). Al respecto, se ha de destacar que gran parte de los entrenadores indicó un nivel de interés positivo intermedio (8) ($f = 33$).

Tabla 152. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 119: Congresos on-line como estrategia elegida para continuar su formación.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	2	1.6	1.6	1.6
2	1	.8	.8	2.4
3	3	2.4	2.4	4.8
4	3	2.4	2.4	7.3
5	17	13.7	13.7	21.0
6	18	14.5	14.5	35.5
7	16	12.9	12.9	48.4
8	33	26.6	26.6	75.0
9	22	17.7	17.7	92.7
10	9	7.3	7.3	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Formación de grado académico como estrategia

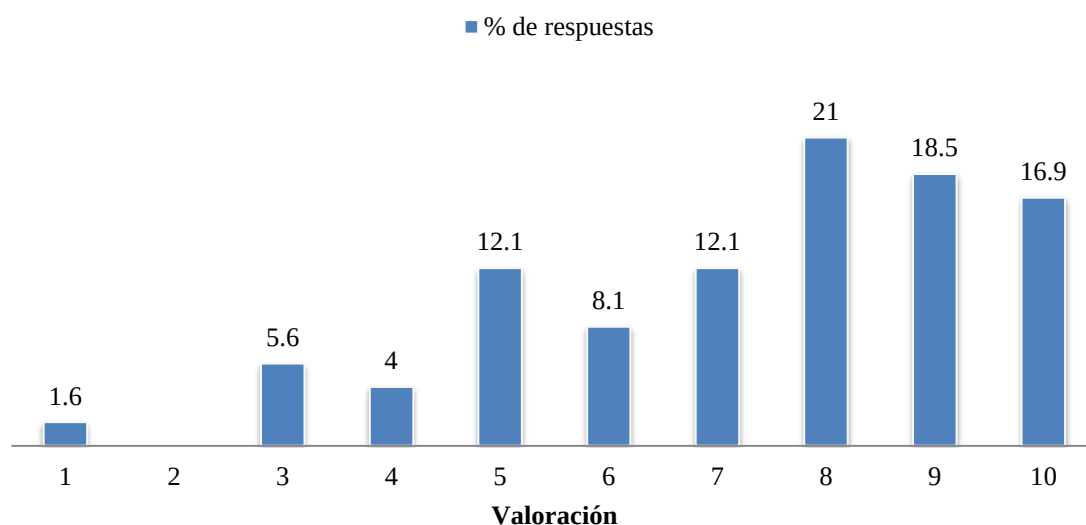


Figura 131. Porcentaje de valoración del ítem 120: formación de grado académico como estrategia elegida para continuar su formación.

Buscando percibir de qué forma la estrategia de formación de grado académico podría ser un medio de continuar la formación, se halló una estimación positiva de esta estrategia por parte de la mayoría de los entrenadores (76.6%) ($M = 7.32 \pm 2.2$), mostrando muchos de los entrenadores un nivel de interés positivo intermedio (8) ($f = 26$).

Tabla 153. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 120: Formación de grado académico como estrategia elegida para continuar su formación.

Valoración	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
1	2	1.6	1.6	1.6
3	7	5.6	5.6	7.3
4	5	4.0	4.0	11.3
5	15	12.1	12.1	23.4
6	10	8.1	8.1	31.5
7	15	12.1	12.1	43.5
8	26	21.0	21.0	64.5
9	23	18.5	18.5	83.1
10	21	16.9	16.9	100.0
Total	124	100.0	100.0	

Intención de formación en el futuro

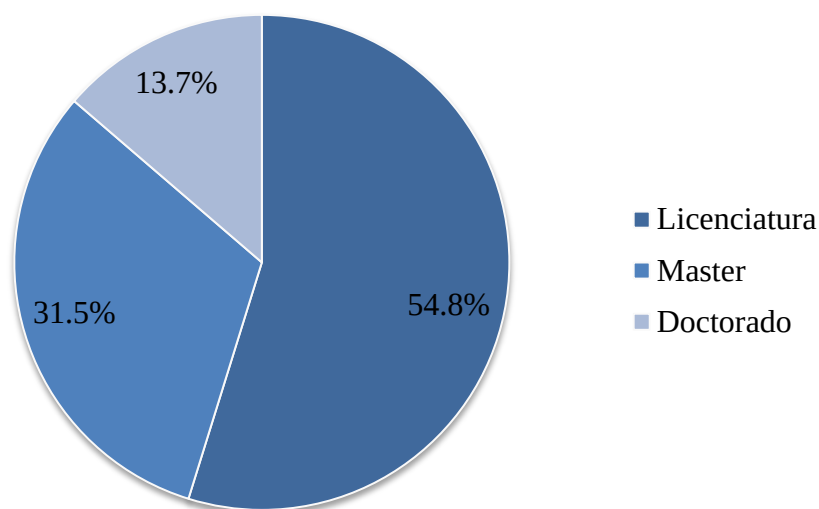


Figura 132. Porcentaje de valoración del ítem 121: el grado académico que pretende para continuar su formación.

Por último, considerando los entrenadores que anteriormente valoraron de forma positiva la intención de optar por una estrategia de formación académica como medio de formarse, dentro de los encuestados que contestaron a este ítem, se identificó que la mayoría eligió la licenciatura ($f = 40$) seguido de los que tenían la intención de realizar en un Máster ($f = 23$). Fueron una minoría los entrenadores que contestaron ambicionan llegar al Doctorado ($f = 10$). Señalar también que el 58.9% del total de los entrenadores contestaron señalando su intención de formarse en el futuro.

Tabla 154. Frecuencias y porcentajes de respuestas al ítem 121: El grado académico que pretende para continuar su formación.

Grados	Frecuencia	Porcentaje	% válido	% acumulado
Licenciatura	40	32.3	54.8	54.8
Master	23	18.5	31.5	86.3
Doctorado	10	8.1	13.7	100.0
Total	73	58.9	100.0	
Perdidos	51	41.1		
Total	124	100.0		

4.1.8.1. SÍNTESIS FINAL DE LA DIMENSIÓN NECESIDADES DE FORMACIÓN

En el transcurso de esta dimensión fue posible percibir los contenidos en los que los entrenadores mostraban más interés para continuar su formación, podemos destacar los contenidos: “Metodologías de enseñanza del fútbol” ($M = 8.51 \pm 1.4$), “Táctica y sistemas de juego” ($M = 8.49 \pm 1.3$), “Metodología del entrenamiento deportivo” ($M = 8.66 \pm 1.5$), “Coaching deportivo” ($M = 8.08 \pm 1.8$) y “Scouting en el fútbol” ($M = 8.47 \pm 1.7$) como los de mayor interés para los entrenadores y, por otro lado, los contenidos: “Seguridad deportiva” ($M = 6.85 \pm 2.1$) y “Organización y legislación deportiva” ($M = 6.64 \pm 2.0$), como los de menor interés para los entrenadores. Todos los otros contenidos obtuvieron un nivel de interés positivo intermedio comparativamente con los que destacamos.

Con respecto a las estrategias de formación importantes para continuar su formación, comprobamos como estrategias más elegidas: constituir grupos de trabajo entre entrenadores de fútbol ($M = 8.18 \pm 1.5$), visualización y análisis de juegos y entrenamiento de fútbol en vídeo ($M = 8.17 \pm 1.5$) y la participación en workshops prácticos ($M = 8.14 \pm 1.6$).

Por último, considerando los entrenadores que valoraron de forma positiva la intención de optar por una estrategia de formación académica, la mayoría eligió la licenciatura en deporte como forma de continuar su formación.

4.2. RESULTADOS DEL ANÁLISIS INFERENCIAL

Tras realizar el análisis descriptivo de los datos procedentes del cuestionario, realizaremos ahora el estudio estadístico de correlación a través de la estadística inferencial, con el fin de profundizar en el análisis de la información. Este análisis de correlación, pretende reflejar el grado de asociación y relación entre las distintas variables examinadas. Para tal efecto se han realizado un conjunto de procedimientos estadísticos que se detallan en la siguiente tabla.

Tabla 155. Cuadro resumen del análisis inferencial por variable.

Factor de agrupación	Estadístico de contraste	Ítem
Edad	Kruskal Wallis	Ítems: 16, 19, 24, 33, 35, 36, 37, 45, 54, 58, 63, 75, 81, 82, 83, 108, 109, 120, 121
	Mann Whitney	
	Corrección Bonferroni (0.025)	
Actividad principal	Kruskal Wallis	Ítems: 24, 121
	Mann Whitney	
	Corrección Bonferroni (0.0167)	
Cualificación académica	Kruskal Wallis	Ítems: 16, 56, 59, 67, 89
	Mann Whitney	
	Corrección Bonferroni (0.0167)	
Provincia donde es entrenador	Kruskal Wallis	Ítems: 79, 91, 116
	Mann Whitney	
	Corrección Bonferroni (0.025)	
Años como entrenador	Kruskal Wallis	Ítems: 19, 22, 24, 75
	Mann Whitney	
	Corrección Bonferroni (0.0167)	
Tiempo que hace que realizado el curso	Kruskal Wallis	Ítems: 24, 43, 55, 60
	Mann Whitney	
	Corrección Bonferroni (0.0125)	
Principal categoría que entrena	Kruskal Wallis	Ítems: 14, 24, 25, 55, 77, 106
	Mann Whitney	
	Corrección Bonferroni (0.0167)	
Experiencia como jugador federado	Kruskal Wallis	Ítems: 15, 16, 24, 58, 82
	Mann Whitney	
	Corrección Bonferroni (0.025)	
Categoría en la que jugó	Mann Whitney	Ítems: 15, 25, 28, 33, 41, 95, 97, 98
Años como jugador	Kruskal Wallis	Ítems: 15, 24, 121
	Mann Whitney	
	Corrección Bonferroni (0.025)	
Razón por la que entrena	Mann Whitney	Ítems: 33, 45, 64, 66, 67, 68, 81, 83, 102, 103, 111, 112
Certificación como entrenador	Kruskal Wallis	Ítems: 43, 55, 60
	Mann Whitney	
	Corrección Bonferroni (0.0167)	
Intención de formación académica	Kruskal Wallis	Ítems: 16, 65
	Mann Whitney	
	Corrección Bonferroni (0.025)	

En general, se aplicó el test de Kruskal Wallis cuando teníamos variables con más de dos grupos, considerándose una significación ($p=0.05$; 95%) con ajuste de Bonferroni ($0.05/n-1$). Posteriormente, se procedió a la utilización del test de la U-Mann Whitney para la comparación por pares y por último se atendió al tamaño del efecto para considerar las correlaciones. A continuación se presentan las diferentes variables y las correlaciones establecidas.

4.2.1. EDAD

Al comparar los datos obtenidos teniendo en cuenta la edad de los encuestados (Menos de 30 años, entre 31-50 años, más de 50 años), Kruskal Wallis mostró resultados estadísticamente significativos en los siguientes ítems de las respectivas dimensiones:

Dimensión Aspectos Personales

Ítem 16: Importancia de tener formación Universitaria ($X^2= 15.209$, $p < .001$). Respecto a la comparación por pares en función de la edad, la prueba de contraste U de Mann Whitney con corrección de Bonferroni, presentó diferencias significativas entre los grupos de edad menos de 30 años ($M= 7.46 \pm 2.4$) y entre 31-50 años ($M= 5.46 \pm 2.7$), con un tamaño del efecto mediano ($r = -.36$). Significa que el grupo de entrenadores con menos de 30 años valoró más la formación Universitaria asignando más importancia que el grupo de entrenadores de 31-50 años.

Ítem 19: Importancia de leer libros y revistas de fútbol ($X^2 = 10.417$, $p = .005$). En relación con la comparación por pares en función de la edad, la prueba de contraste U de Mann Whitney con corrección de Bonferroni, reveló que había diferencias significativas entre los grupos de edad menos de 30 años ($M = 7.00 \pm 2.1$) y más de 50 años ($M = 8.64 \pm 1.2$), con un tamaño del efecto mediano ($r = -.33$). También mostró diferencias significativas entre los grupos de edad entre 31 y 50 años ($M = 6.65 \pm 2.0$) y más de 50 años ($M = 8.64 \pm 1.2$), con un tamaño del efecto mediano ($r = -.31$). De esta manera, cuanto más viejos eran los entrenadores más importancia atribuyeron a leer libros y revistas de fútbol.

Dimensión Formación como Entrenador

Ítem 24: Certificación como entrenador ($X^2 = 32.948$, $p < .001$). En cuanto a la comparación por pares en función de la edad, la prueba de contraste U de Mann Whitney con corrección de Bonferroni, encontró diferencias significativas entre los grupos de edad menos de 30 años ($M = 1.59 \pm 0.8$) y entre 31-50 años ($M = 2.08 \pm 0.6$), con un tamaño del efecto mediano ($r = -.37$), entre los grupos menos de 30 años y más de 50 años ($M = 3.00 \pm 0.4$), con un tamaño del efecto grande ($r = -.64$) y, también entre los grupos 31-50 años y más de 50 años con un tamaño del efecto mediano ($r = -.39$). Estos datos revelan que parece existir una relación entre la edad y el grado de certificación como entrenador, habiendo sido posible percibir que el grupo de entrenadores más jóvenes tiene menos formación o ninguna y a medida que el grupo de entrenadores es más viejo presenta un grado de certificación superior. En concreto, la mayoría de los entrenadores más jóvenes no tienen ninguna certificación para el ejercicio de sus funciones, los entrenadores con una edad intermedia sólo presentan el grado I de la certificación y sólo los entrenadores más viejos presentan el grado III de certificación de entrenadores.

Ítem 33: “Lucha contra el dopaje” como contenido del curso de entrenadores ($X^2 = 7.555$, $p = .023$). Teniendo en cuenta la comparación por pares en función de la edad, la prueba de contraste U de Mann Whitney con corrección de Bonferroni, presentó diferencias significativas entre los grupos de edad menos de 30 años ($M = 5.33 \pm 2.0$) y más de 50 años ($M = 7.64 \pm 2.3$), con un tamaño del efecto mediano ($r = -.44$). Lo que quiere decir que el contenido “Lucha contra el dopaje” del curso de entrenadores fue más valorado por los entrenadores con más de 50 años comparativamente con los entrenadores más jóvenes con menos de 30 años de edad.

Ítem 35: “Técnico-táctica” como contenido del curso de entrenadores ($X^2 = 8.587$, $p = .014$). Respecto a la comparación por pares en función de la edad, la prueba de contraste U de Mann Whitney con corrección de Bonferroni, mostró que había diferencias significativas entre los grupos de edad menos de 30 años ($M = 8.28 \pm 1.6$) y más de 50 años ($M = 9.45 \pm 1.0$), con un tamaño del efecto mediano ($r = -.49$). También reveló diferencias significativas entre los grupos entre 31-50 años ($M = 8.27 \pm 1.5$) y más de 50 años, con un tamaño del efecto mediano ($r = -.31$). Podemos percibir que el contenido “Técnico-táctica” del curso de entrenadores fue valorado de forma positiva en todas las

edades, aun así los entrenadores con más de 50 años valoraron de forma más positiva este contenido.

Ítem 36: “Metodología del Entrenamiento de fútbol” como contenido del curso de entrenadores ($X^2 = 7.521$, $p = .023$). La comparación por pares en función de la edad, a través de la prueba de contraste U de Mann Whitney con corrección de Bonferroni, señaló que había diferencias significativas entre los grupos de edad entre 31-50 años ($M = 8.81 \pm 1.4$) y más de 50 años ($M = 9.73 \pm 0.6$), con un tamaño del efecto mediano ($r = -.31$). El contenido de “Metodología del Entrenamiento de fútbol” fue bastante valorado por los entrenadores en especial por aquellos que tenían más de 50 años de edad.

Ítem 37: “Capacidades Físicas/Motoras” como contenido del curso de entrenadores ($X^2 = 10.549$, $p = .005$). En relación con la comparación por pares en función de la edad, la prueba de contraste U de Mann Whitney con corrección de Bonferroni, reveló que había diferencias significativas entre los grupos de edad menos de 30 años ($M = 8.00 \pm 2.0$) y más de 50 años ($M = 9.55 \pm 0.8$), con un tamaño del efecto mediano ($r = -.49$) y, también entre 31-50 años ($M = 8.24 \pm 1.4$) y más de 50 años, con un tamaño del efecto mediano ($r = -.36$). El contenido de “Capacidades Físicas/Motoras” fue más valorado por los entrenadores con más de 50 años de edad comparativamente con aquellos que tenían menos de 50 años.

Dimensión Formación Continua

Ítem 45: Importancia de participar en jornadas, seminarios, congresos, etc. para mantenerme actualizado ($X^2 = 7.573$, $p = .023$). En cuanto a la comparación por pares en función de la edad, la prueba de contraste U de Mann Whitney con corrección de Bonferroni, encontró diferencias significativas entre los grupos de edad 31-50 años ($M = 7.91 \pm 1.7$) y más de 50 años ($M = 8.91 \pm 1.5$), con un tamaño del efecto pequeño ($r = -.21$). Se constata que los entrenadores con más de 50 años daban más importancia a participar en jornadas, seminarios o congresos.

Dimensión Concepción de Enseñanza

Ítem 54: Opinión de que el fútbol es un medio a través del cual puedo educar a mis jugadores ($X^2 = 12.523$, $p = .002$). Teniendo en cuenta la comparación por pares en función de la edad, la prueba de contraste U de Mann Whitney con corrección de

Bonferroni, presentó diferencias significativas entre los grupos de edad menos de 30 años ($M = 8.77 \pm 1.1$) y entre 31-50 años ($M = 8.04 \pm 1.4$), con un tamaño del efecto pequeño ($r = -.24$) y, también entre 31-50 años y más de 50 años ($M = 9.27 \pm 0.8$), con un tamaño del efecto pequeño ($r = -.27$). Se verificó que los entrenadores con edades debajo de 30 años y principalmente los entrenadores de edad arriba de los 50 años, eran más de la opinión que el fútbol puede ser un medio a través del cual era posible educar sus jugadores.

Ítem 58: Estar de acuerdo que a través del fútbol podemos transmitir valores educativos ($X^2 = 12.550$, $p = .002$). Respecto a la comparación por pares en función de la edad, la prueba de contraste U de Mann Whitney con corrección de Bonferroni, mostró que había diferencias significativas entre los grupos de edad menos de 30 años ($M = 9.59 \pm 0.7$) y entre 31-50 años ($M = 9.01 \pm 1.0$), con un tamaño del efecto mediano ($r = -.31$). Fue posible percibir que el grado de concordancia de los entrenadores con el hecho de que el fútbol podía ser un medio para transmitir valores educativos, fue alto, principalmente por los entrenadores con menos de 30 años.

Ítem 63: Creer que todos los jugadores deben participar en las competencias, independientemente del resultado ($X^2 = 8.427$, $p = .015$). En relación con la comparación por pares en función de la edad, la prueba de contraste U de Mann Whitney con corrección de Bonferroni, reveló que había diferencias significativas entre los grupos de edad menos de 30 años ($M = 9.26 \pm 1.1$) y entre 31-50 años ($M = 8.45 \pm 1.8$), con un tamaño del efecto pequeño ($r = -.23$). Interpretamos que los entrenadores con edades por debajo de los 30 años valoraban más el hecho de que todos los jugadores participaran en las competencias, en especial, si se les comparaba con entrenadores entre los 31 e los 50 años.

Dimensión Planificación y Programación

Ítem 75: Tener claro los contenidos que debe trabajar en estas edades ($X^2 = 9.449$, $p = .009$). Con relación a la comparación por pares en función de la edad, la prueba de contraste U de Mann Whitney con corrección de Bonferroni, señaló diferencias significativas entre los grupos de edad menos de 30 años ($M = 8.90 \pm 1.1$) y entre 31-50 años ($M = 8.15 \pm 1.4$), con un tamaño del efecto pequeño ($r = -.27$). Se observó que curiosamente los entrenadores con menos de 30 años de edad tenían más claro los

contenidos que debían trabajar en estas edades en comparación con entrenadores más viejos de 31 a 50 años.

Ítem 81: Evaluar sólo en el final de la temporada ($X^2 = 7.349$, $p = .025$). Teniendo en cuenta la comparación por pares en función de la edad, la prueba de contraste U de Mann Whitney con corrección de Bonferroni, presentó diferencias significativas entre los grupos de edad menos de 30 años ($M = 3.62 \pm 2.6$) y entre 31-50 años ($M = 4.96 \pm 2.6$), con un tamaño del efecto pequeño ($r = -.25$). Se encontró, en general, poco grado de acuerdo con el hecho de evaluar sólo en el final de la temporada, los entrenadores más jóvenes con menos de 30 años demostraron que estaban menos de acuerdo con este procedimiento comparativamente con los entrenadores de 31 a 50 años de edad.

Ítem 82: Estar de acuerdo que los jugadores normalmente son asiduos a los entrenamientos ($X^2 = 12.186$, $p = .002$). Respecto a la comparación por pares en función de la edad, la prueba de contraste U de Mann Whitney con corrección de Bonferroni, mostró que había diferencias significativas entre los grupos de edad menos de 30 años ($M = 8.79 \pm 1.3$) y entre 31-50 años ($M = 8.08 \pm 1.3$), con un tamaño del efecto pequeño ($r = -.30$). Esto indica que los entrenadores con menos de 30 años consideraban que los jugadores normalmente eran más asiduos a los entrenamientos que los entrenadores entre 31 a 50 años de edad.

Ítem 83: Intención de entrenar en el futuro categorías superiores ($X^2 = 7.406$, $p = .025$). En relación con la comparación por pares en función de la edad, la prueba de contraste U de Mann Whitney con corrección de Bonferroni, reveló que había diferencias significativas entre los grupos de edad menos de 30 años ($M = 8.08 \pm 2.6$) y más de 50 años ($M = 5.73 \pm 3.2$), con un tamaño del efecto mediano ($r = -.32$). Esto señala de una forma evidente que los entrenadores más jóvenes con menos de 30 años aspiraban a, en un futuro, poder entrenar categorías superiores que entrenadores más viejos con más de 50 años.

Dimensión Necesidades de Formación

Ítem 108: Scouting en el fútbol como un contenido de interés para continuar la formación ($X^2 = 9.861$, $p = .007$). En cuanto a la comparación por pares en función de la

edad, la prueba de contraste U de Mann Whitney con corrección de Bonferroni, encontró diferencias significativas entre los grupos de edad menos de 30 años ($M = 9.03 \pm 1.5$) y entre 31-50 años ($M = 8.16 \pm 1.8$), con un tamaño del efecto pequeño ($r = -.29$). El scouting en el fútbol fue un contenido que generó más interés en los entrenadores con menos de 30 años de edad en comparación con los entrenadores con más de 30 años hasta los 50 años.

Ítem 109: Conferencias, congresos, jornadas y seminarios como una estrategia elegida para continuar la formación ($X^2 = 8.912$, $p = .012$). Teniendo en cuenta la comparación por pares en función de la edad, la prueba de contraste U de Mann Whitney con corrección de Bonferroni, presentó diferencias significativas entre los grupos de edad 31-50 años ($M = 7.28 \pm 1.9$) y más de 50 años ($M = 8.64 \pm 1.6$), con un tamaño del efecto pequeño ($r = -.22$). Fue posible percibir que los entrenadores más viejos, con más de 50 años, valoraban más las conferencias, congresos, jornadas o seminarios como estrategias para continuar la formación, comparativamente con entrenadores con edades entre los 31 e 50 años.

Ítem 120: Formación de grado académico como una estrategia elegida para continuar la formación ($X^2 = 8.351$, $p = .015$). Respecto a la comparación por pares en función de la edad, la prueba de contraste U de Mann Whitney con corrección de Bonferroni, mostró que había diferencias significativas entre los grupos de edad menos de 30 años ($M = 7.92 \pm 2.5$) y entre 31-50 años ($M = 7.09 \pm 1.9$), con un tamaño del efecto pequeño ($r = -.26$). Los entrenadores más jóvenes, con menos de 30 años de edad, mostraron más interés en elegir la formación de grado académico como estrategia para continuar su formación en comparación con los entrenadores con edades entre los 31 e los 50 años.

Ítem 121: Intención de continuar la formación de grado académico ($X^2 = 9.948$, $p = .007$). En relación con la comparación por pares en función de la edad, la prueba de contraste U de Mann Whitney con corrección de Bonferroni, reveló que había diferencias significativas entre los grupos de edad menos de 30 años ($M = 1.90 \pm 0.7$) y entre 31-50 años ($M = 1.39 \pm 0.7$), con un tamaño del efecto mediano ($r = -.37$). Estos datos mostraron que los más jóvenes eran los que pretendían en mayor medida continuar formándose realizando un grado académico superior.

Tabla 156. Cuadro resume del análisis inferencial en función de la edad con el Qui-quadrado, los grados de libertad y el nivel de significación de cada ítem.

En función de la edad	Qui-quadrado	gl	Significación Assint.
16. Tener formación Universitaria	15.209	2	.000
19. Leer libros y revistas de fútbol	10.417	2	.005
24. Certificación como entrenador	32.948	2	.000
33. Lucha contra el dopaje	7.555	2	.023
35. Técnica/Táctica	8.587	2	.014
36. Metodología del Entrenamiento de fútbol	7.521	2	.023
37. Capacidades Físicas/Motoras	10.549	2	.005
45. Me parece importante participar en jornadas, seminarios, congresos, etc. para mantenerme actualizado	7.573	2	.023
54. En mi opinión, el fútbol es un medio a través del cual puedo educar a mis jugadores	12.523	2	.002
58. A través del fútbol podemos transmitir valores educativos	12.550	2	.002
63. Creo que todos los jugadores deben participar en las competiciones, independientemente del resultado	8.427	2	.015
75. Tengo claro los contenidos que debo trabajar en estas edades	9.449	2	.009
81. Evaluó sólo en el final de la temporada	7.349	2	.025
82. Los jugadores normalmente son asiduos a los entrenamientos	12.186	2	.002
83. En el futuro, mi intención es entrenar en categorías superiores	7.406	2	.025
108. Scouting en el fútbol	9.861	2	.007
109. Conferencias, congresos, jornadas, seminarios	8.912	2	.012
120. Formación de grado académico	8.351	2	.015
121. Formación de grado académico como estrategia elegida para continuar la formación	9.948	2	.007

a. Prueba Kruskal Wallis

b. Variable de Agrupación: 2. Edad:

4.2.2. ACTIVIDAD PRINCIPAL

Al comparar los datos obtenidos teniendo en cuenta la actividad principal de los encuestados (Estudiante, Desempleado, Trabajador por su cuenta, Trabajador por cuenta de otros), la prueba de Kruskal wallis mostró resultados estadísticamente significativos en los siguientes ítems de las respectivas dimensiones:

Dimensión Formación como Entrenador

Ítem 24: Certificación como entrenador ($X^2 = 24.444$, $p < .001$). En cuanto a la comparación por pares en función de la actividad principal, la prueba de contraste U de Mann Whitney con corrección de Bonferroni, encontró diferencias significativas entre los grupos estudiante ($M = 1.18 \pm 0.4$) y trabajador por su cuenta ($M = 1.73 \pm 0.6$), con un tamaño del efecto mediano ($r = -.48$). También reveló que había diferencias significativas entre los grupos estudiante y trabajador por cuenta de otros ($M = 2.20 \pm 0.8$), con un tamaño del efecto mediano ($r = -.41$). También había diferencias significativas entre los grupos desempleado ($M = 1.56 \pm 0.5$) y trabajador por cuenta de otros, con un tamaño del efecto pequeño ($r = -.25$). Los datos revelaron que los entrenadores que son estudiantes o desempleados, fueron aquellos que mayoritariamente no presentaron ninguna certificación para el desempeño de las funciones, ya los entrenadores que tienen una profesión, principalmente los que trabajaban por cuenta de otros presentaron mayoritariamente certificación de grado I.

Dimensión Necesidades de Formación

Ítem 121: Intención de continuar para formación de grado académico ($X^2 = 16.621$, $p = .001$). Teniendo en cuenta la comparación por pares en función de la actividad principal, la prueba de contraste U de Mann Whitney con corrección de Bonferroni, presentó diferencias significativas entre los grupos estudiante ($M = 2.20 \pm 0.6$) y trabajador por cuenta de otros ($M = 1.35 \pm 0.6$), con un tamaño del efecto mediano ($r = -.48$). Podemos decir que los estudiantes tenían más intención de continuar su formación académica con un Master que los que trabajaban por cuenta ajena que sólo aspiraban a una Graduación.

Tabla 157. Cuadro resume del análisis inferencial en función de la actividad principal con el Qui-quadrado, los grados de libertad y el nivel de significación de cada ítem.

En función de la actividad principal	Qui-quadrado	gl	Significación Assint.
24: Certificación como entrenador	24.444	3	.000
121. Formación de grado académico como estrategia elegida para continuar la formación	16.621	3	.001

a. Prueba Kruskal Wallis

b. Variable de Agrupación: 3. ¿Cuál es su actividad principal?

4.2.3. CUALIFICACIÓN ACADÉMICA

Al comparar los datos obtenidos teniendo en cuenta la cualificación académica de los encuestados (Educación Básica $\leq 9^{\circ}$ año, Educación Secundaria o Profesional completa 12° año, Educación Superior bachillerato o graduación, Máster), Kruskal wallis mostró resultados estadísticamente significativos en los siguientes ítems de las respectivas dimensiones:

Dimensión Aspectos Personales

Ítem 16: Importancia de tener formación Universitaria ($X^2 = 19.017$, $p < .001$). Respecto a la comparación por pares en función de la cualificación académica, la prueba de contraste de U de Mann Whitney con corrección de Bonferroni, señaló diferencias significativas entre los grupos Educación Básica ($M = 5.68 \pm 2.9$) y Máster ($M = 8.67 \pm 1.3$), con un tamaño del efecto mediano ($r = -.49$). También mostró que había diferencias significativas entre los grupos Educación Secundaria ($M = 5.30 \pm 2.6$) y Educación Superior ($M = 7.00 \pm 2.4$), con un tamaño del efecto mediano ($r = -.33$). También había diferencias significativas entre los grupos Educación Secundaria y Máster, con un tamaño del efecto mediano ($r = -.46$). Con estos datos conseguimos percibir que de forma general los entrenadores que poseían una formación académica superior valoraban más niveles de formación superior, contrariamente a los que presentan cualificaciones académicas inferiores.

Dimensión Concepción de Enseñanza

Ítem 56: La competición es sólo un aspecto más en la formación deportiva de los jugadores ($X^2 = 11.182$, $p = .011$). En relación con la comparación por pares en función de la cualificación académica, la prueba de contraste U de Mann Whitney con corrección de Bonferroni, reveló que había diferencias significativas entre los grupos Educación Básica ($M = 8.68 \pm 1.3$) y Educación Superior ($M = 7.30 \pm 2.0$), con un tamaño del efecto mediano ($r = -.36$). Los entrenadores que poseían solamente la Educación Básica tenían más claro que la competición era sólo un aspecto más en la formación deportiva de los jugadores en comparación con los entrenadores que contaban con una Educación Superior.

Ítem 59: Utilizar con más frecuencia métodos de enseñanza directivos ($X^2 = 11.018$, $p = .012$). En cuanto a la comparación por pares en función de la cualificación académica, la prueba de contraste U de Mann Whitney con corrección de Bonferroni, encontró diferencias significativas entre los grupos Educación Básica ($M = 8.28 \pm 1.1$) y Educación Secundaria ($M = 7.30 \pm 1.6$), con un tamaño del efecto mediano ($r = -.32$) y, entre los grupos Educación Básica y Máster ($M = 6.56 \pm 1.7$), con un tamaño del efecto mediano ($r = -.47$). Es perceptible que los entrenadores que presentaban una mayor habilitación académica estaban menos de acuerdo con la utilización frecuente de métodos de enseñanza directivos, en particular las principales diferencias se establecían entre aquellos que tenían la Educación Básica y los que poseían Educación Secundaria, pero también entre los que contaban con una Educación Básica y los que hicieron el Máster.

Dimensión Planificación y Programación

Ítem 67: Programar el trabajo diariamente ($X^2 = 12.399$, $p = .006$). Teniendo en cuenta la comparación por pares en función de la cualificación académica, la prueba de contraste U de Mann Whitney con corrección de Bonferroni, presentó diferencias significativas entre los grupos Educación Básica ($M = 6.28 \pm 3.5$) y Máster ($M = 9.56 \pm 0.7$), con un tamaño del efecto grande ($r = -.52$) y, entre los grupos Educación Secundaria ($M = 7.46 \pm 2.6$) y Máster, con un tamaño del efecto mediano ($r = -.35$). Al analizar estos datos conseguimos descifrar de forma evidente que los entrenadores con Máster eran apologistas de una programación diaria del trabajo cuando comparados con entrenadores que tenían una Educación Básica o Secundaria.

Dimensión Necesidades de Formación

Ítem 89: “Reglas del juego” como contenido de interés ($X^2 = 11.443$, $p = .010$). Respecto a la comparación por pares en función de la cualificación académica, la prueba de contraste U de Mann Whitney con corrección de Bonferroni, mostró que había diferencias significativas entre los grupos Educación Básica ($M = 7.88 \pm 1.5$) y Máster ($M = 5.44 \pm 2.0$), con un tamaño del efecto grande ($r = -.54$). Estos datos permiten destacar el hecho de que los entrenadores con nivel de Educación Básica tuvieron más interés en el contenido “Reglas del juego” comparativamente con los entrenadores que tenían Máster, esta diferencia fue clara.

Tabla 158. Cuadro resume del análisis inferencial en función de la cualificación académica con el Qui-quadrado, los grados de libertad y el nivel de significancia de cada ítem.

En función de la cualificación académica	Qui-quadrado	gl	Significación Assint.
16. Tener formación Universitaria	19.017	3	.000
56. La competición es sólo un aspecto más en la formación deportiva de los jugadores	11.182	3	.011
59. Entiendo que debo utilizar con más frecuencia métodos de enseñanza directivos	11.018	3	.012
67. Programo el trabajo diariamente	12.399	3	.006
89. Reglas del juego	11.443	3	.010

a. Prueba Kruskal Wallis

b. Variable de Agrupación: 4. ¿Cuál es la máxima cualificación académica que posee en este momento?

4.2.4. PROVINCIA DONDE ES ENTRENADOR

Al comparar los datos obtenidos teniendo en cuenta la provincia donde eran entrenadores los encuestados (Beja/ciudad, litoral/Oeste, interior/Este), Kruskal wallis mostró resultados estadísticamente significativos en los siguientes ítems de las respectivas dimensiones:

Dimensión Planificación y Programación

Ítem 79: Evaluación inicial de los jugadores al inicio de la temporada ($X^2 = 7.429$, $p = .024$). En relación con la comparación por pares en función de la provincia donde era entrenador, la prueba de contraste U de Mann Whitney con corrección de Bonferroni, reveló que había diferencias significativas entre los grupos Beja/ciudad ($M = 8.53 \pm 1.8$) y litoral/Oeste ($M = 7.98 \pm 1.3$), con un tamaño del efecto pequeño ($r = -.28$). Los entrenadores que entrenaban en la ciudad de Beja estuvieron más de acuerdo con una evaluación inicial de los jugadores al inicio de la temporada, en comparación con los entrenadores que entrenaban en el litoral/Oeste de la región.

Dimensión Necesidades de Formación

Ítem 91: “Desarrollo profesional” como contenido de interés ($X^2 = 9.793$, $p = .007$). En cuanto a la comparación por pares en función de la provincia donde era entrenador, la prueba de contraste U de Mann Whitney con corrección de Bonferroni, encontró diferencias significativas entre los grupos Beja/ciudad ($M = 7.00 \pm 2.1$) y interior/Este ($M = 8.20 \pm 1.5$), con un tamaño del efecto pequeño ($r = -.29$) y, también entre los grupos

litoral/Oeste ($M = 7.07 \pm 1.9$) y interior/Este, con un tamaño del efecto mediano ($r = -.31$). Considerando los datos obtenidos, constatamos que los entrenadores de la zona interior/Este mostraron más interés en el contenido "Desarrollo profesional" que los entrenadores de las zonas de Beja/ciudad o litoral/Oeste.

Ítem 116: Estrategia de visualización y análisis por vídeo ($X^2 = 10.929$, $p = .004$). Teniendo en cuenta la comparación por pares en función de la provincia donde era entrenador, la prueba de contraste U de Mann Whitney con corrección de Bonferroni, presentó diferencias significativas entre los grupos Beja/ciudad ($M = 8.65 \pm 1.3$) y litoral/Oeste ($M = 7.61 \pm 1.7$), con un tamaño del efecto mediano ($r = -.35$). Percibimos a través de estos datos que los entrenadores de la zona de la ciudad de Beja tuvieron más interés en la estrategia de visualización y análisis por vídeo para continuar su formación, que los entrenadores de la zona litoral/Oeste.

Tabla 159. Cuadro resume del análisis inferencial en función de la provincia donde es entrenador con el Qui-quadrado, los grados de libertad y el nivel de significancia de cada ítem.

En función de la provincia donde es entrenador	Qui-quadrado	gl	Significación Assint.
79. Realizo una evaluación inicial de los jugadores al inicio de la temporada	7.429	2	.024
91. Desarrollo profesional	9.793	2	.007
116. Visualización y análisis de juegos y entrenamientos de fútbol en vídeo	10.929	2	.004

a. Prueba Kruskal Wallis

b. Variable de Agrupación: 5. ¿Cuál es el municipio donde ejerce sus funciones como entrenador?

4.2.5. AÑOS COMO ENTRENADOR

Buscando comparar los datos obtenidos teniendo en cuenta los años como entrenador de los encuestados (de 0 a 2 años, entre 3 y 5 años, entre 6 y 8 años, más de 8 años), Kruskal wallis mostró resultados estadísticamente significativos en los siguientes ítems de las respectivas dimensiones:

Dimensión Aspectos Personales

Ítem 19: Importancia de leer libros y revistas de fútbol ($X^2 = 13.140$, $p = .004$). Respecto a la comparación por pares en función de los años como entrenador, la prueba de contraste U de Mann Whitney con corrección de Bonferroni, señaló que había diferencias significativas entre los grupos de 0 a 2 años ($M = 6.33 \pm 2.1$) y de 6 y 8 años

($M = 7.68 \pm 1.8$), con un tamaño del efecto mediano ($r = -.34$) y, entre los grupos de 0 a 2 años y más de 8 años ($M = 7.69 \pm 2.0$), con un tamaño del efecto mediano ($r = -.33$). También mostró que había diferencias significativas entre los grupos de 3 y 5 años ($M = 6.52 \pm 1.9$) y más de 8 años, con un tamaño del efecto mediano ($r = -.31$). Las diferencias significativas entre estos grupos reflejan una mayor importancia de leer libros y revistas de fútbol atribuida especialmente por los entrenadores con más de 8 años de experiencia, en comparación con los entrenadores con menos de 5 años.

Ítem 22: Importancia de intercambiar ideas en los blogs de fútbol de Internet ($X^2 = 10.826$, $p = .013$). En relación con la comparación por pares en función de los años como entrenador, la prueba de contraste U de Mann Whitney con corrección de Bonferroni, reveló que había diferencias significativas entre los grupos de 0 a 2 años ($M = 5.68 \pm 2.2$) y de 6 y 8 años ($M = 7.36 \pm 2.1$), con un tamaño del efecto mediano ($r = -.35$) y, entre los grupos de 0 a 2 años y más de 8 años ($M = 6.93 \pm 2.6$), con un tamaño del efecto pequeño ($r = -.29$). Los datos traducen que los entrenadores con menos de 2 años de experiencia eran los que no atribuyeron tanta importancia al hecho de intercambiar ideas en los blogs de fútbol de Internet, siendo los entrenadores con más de 6 años de experiencia los que valoraban más esta participación.

Dimensión Formación como Entrenador

Ítem 24: Certificación como entrenador ($X^2 = 30.419$, $p < .001$). En cuanto a la comparación por pares en función de los años como entrenador, la prueba de contraste U de Mann Whitney con corrección de Bonferroni, encontró diferencias significativas entre los grupos de 0 a 2 años ($M = 1.73 \pm 0.6$) y más de 8 años ($M = 2.69 \pm 0.7$), con un tamaño del efecto grande ($r = -.60$) y, entre los grupos de 3 y 5 años ($M = 1.79 \pm 0.6$) y más de 8 años, con un tamaño del efecto grande ($r = -.58$). También mostró que había diferencias significativas entre los grupos de 6 y 8 años ($M = 1.95 \pm 0.8$) y más de 8 años, con un tamaño del efecto mediano ($r = -.48$). Los datos reflejan una relación entre el grado de certificación y los años de experiencia como entrenador, siendo que los entrenadores con menos años de experiencia revelaron un grado de certificación menor o inexistente y, a medida que verificamos los grupos de entrenadores con más años experiencia percibimos que la tendencia fue para que éstos presentaran progresivamente un mayor grado de certificación, mayoritariamente grado II.

Dimensión Planificación y Programación

Ítem 75: Tener claro los contenidos que debe trabajar en estas edades ($X^2 = 13.729$, $p = .003$). Teniendo en cuenta la comparación por pares en función de los años como entrenador, la prueba de contraste U de Mann Whitney con corrección de Bonferroni, presentó diferencias significativas entre los grupos de 0 a 2 años ($M = 7.78 \pm 1.5$) y de 3 y 5 años ($M = 8.73 \pm 1.0$), con un tamaño del efecto mediano ($r = -.32$) y, entre los grupos de 0 a 2 años y más de 8 años ($M = 8.90 \pm 1.2$), con un tamaño del efecto mediano ($r = -.39$). En general, los datos mostraron que los años de experiencia permitían tener más claros los contenidos a trabajar en las edades del fútbol de formación. A medida que van acumulando más años de experiencia van teniendo más certeza, constatándose las mayores diferencias entre los entrenadores con menos experiencia y los entrenadores con más experiencia.

Tabla 160. Cuadro resume del análisis inferencial en función de los años como entrenador con el Qui-quadrado, los grados de libertad y el nivel de significación de cada ítem.

En función de los años como entrenador	Qui-quadrado	gl	Significación Assint.
19. Leer libros y revistas de fútbol	13.140	3	.004
22. Intercambiar ideas en los blogs de fútbol de Internet	10.826	3	.013
24: Certificación como entrenador	30.419	3	.000
75. Tengo claro los contenidos que debo trabajar en estas edades	13.729	3	.003

a. Prueba Kruskal Wallis

b. Variable de Agrupación: 6. ¿Hace cuántos años es entrenador en el fútbol de formación (niños y jóvenes entre los 4 y los 19 años de edad)?

4.2.6. TIEMPO QUE HACE QUE HA COMPLETADO EL CURSO

Comparando los datos obtenidos teniendo en cuenta el tiempo que hace que los encuestados han completado el curso (nunca lo hicieron, los que están terminando, entre 0 y 2 años, hace 3 a 8 años, hace 9 a 14 años, hace más de 14 años), Kruskal wallis mostró resultados estadísticamente significativos en los siguientes ítems de las respectivas dimensiones:

Dimensión Formación como Entrenador

Ítem: 24: Certificación como entrenador ($X^2 = 92.561$, $p < .001$). Respecto a la comparación por pares en función del tiempo que hacía que los encuestados habían completado el curso, la prueba de contraste U de Mann Whitney con corrección de

Bonferroni, señaló que había diferencias significativas entre el grupo de los que nunca hicieron el curso ($M = 1.03 \pm 0.2$) con todos los otros grupos que hemos obtenido respuesta, con un tamaño del efecto grande, con el grupo de los que están terminando ($M = 1.93 \pm 0.3$; $r = -.88$), con el grupo que lo había realizado entre 3 a 8 años ($M = 2.50 \pm 0.5$; $r = -.93$), con el grupo que lo había hecho entre 9 a 14 años ($M = 2.75 \pm 0.6$; $r = -.88$) y, también con el grupo que hacía que lo había completado más de 14 años ($M = 2.78 \pm 0.6$; $r = -.94$). Por otra parte, también hubo diferencias significativas entre el grupo de los que estaban terminando el curso, con el grupo que lo había completado entre 3 a 8 años, con un tamaño del efecto grande ($r = -.61$) y, con el grupo que lo había completado entre 9 a 14 años, con un tamaño del efecto grande ($r = -.70$), pero también con el grupo que lo había realizado hacía más de 14 años, con un tamaño del efecto grande ($r = -.72$). Se hizo evidente que cuanto más tiempo hace que terminaron el curso de entrenadores más grados de certificación como entrenadores poseían. De esta forma parece existir una relación entre el tiempo que los entrenadores terminaron el curso con el nivel de certificación.

Ítem 43: Los contenidos del curso son suficientes para entrenar en el fútbol de formación ($X^2 = 14.510$, $p = .006$). En relación con la comparación por pares en función del tiempo que los encuestados hacía que habían terminado el curso, la prueba de contraste U de Mann Whitney con corrección de Bonferroni, reveló que había diferencias significativas entre el grupo de los que estaban terminando el curso ($M = 7.97 \pm 1.7$) con el grupo que lo había realizado entre 3 a 8 años ($M = 6.32 \pm 2.0$), con un tamaño del efecto mediano ($r = -.40$) y, con el grupo que lo había completado hacía más de 14 años ($M = 5.83 \pm 2.7$), con un tamaño del efecto mediano ($r = -.38$). Podemos percibir que los entrenadores que habían terminado el curso hacía más tiempo entendían que los contenidos del curso no eran completamente suficientes para entrenar en el fútbol de formación, cuando los comparamos con los entrenadores que estaban terminando el curso en la fase de prácticas, ya que estos consideraban más suficientes los contenidos que acababan de recibir y que estaban empezando a poner en práctica.

Dimensión Concepción de Enseñanza

Ítem 55: La importancia de los resultados obtenidos por el equipo en las competiciones ($X^2 = 17.401$, $p = .002$). En cuanto a la comparación por pares en función del tiempo que los encuestados han completado el curso, la prueba de contraste U de Mann

Whitney con corrección de Bonferroni, encontró diferencias significativas entre el grupo de los que nunca hicieron el curso ($M = 5.35 \pm 2.2$) y el grupo que lo había completado entre 9 a 14 años ($M = 7.25 \pm 1.2$), con un tamaño del efecto mediano ($r = -.38$). También había diferencias significativas entre el grupo de los que estaban terminando el curso ($M = 5.41 \pm 1.6$), y el grupo que lo había hecho hacía 3 a 8 años ($M = 6.82 \pm 2.1$), con un tamaño del efecto mediano ($r = -.36$) y, con el grupo que lo había completado hacía 9 a 14 años ($M = 7.25 \pm 1.2$), con un tamaño del efecto mediano ($r = -.48$). Los datos revelaron que los entrenadores que nunca hicieron el curso daban menos importancia a los resultados obtenidos por el equipo en las competiciones, cuando los comparamos con entrenadores que habían terminado el curso hace más de 9 años. La misma tendencia se verificó con los que estaban en las prácticas terminando el curso en comparación con los que ya habían terminado hace más de 3 años. Podemos decir que cuanto más tiempo pasó después de obtener el curso de entrenadores más importancia atribuían a los resultados competitivos.

Ítem 60: Utilización frecuente de métodos de enseñanza basados en el descubrimiento ($X^2 = 13.766$, $p = .008$). Teniendo en cuenta la comparación por pares en función del tiempo que los encuestados han completado el curso, la prueba de contraste U de Mann Whitney con corrección de Bonferroni, presentó diferencias significativas entre el grupo de los que nunca hicieron el curso ($M = 6.90 \pm 2.0$) y el grupo que lo había realizado hacía entre 3 a 8 años ($M = 8.32 \pm 1.4$), con un tamaño del efecto mediano ($r = -.42$). Los entrenadores que terminaron su curso ya hace unos años estaban más de acuerdo con una utilización frecuente de métodos de enseñanza basados en el descubrimiento comparativamente con los que nunca hicieron el curso.

Tabla 161. Cuadro resume del análisis inferencial en función del tiempo que los encuestados han completado el curso con el Qui-quadrado, los grados de libertad y el nivel de significación de cada ítem.

En función del tiempo que los encuestados han completado el curso	Qui-quadrado	gl	Significación Assint.
24: Certificación como entrenador	92.561	4	.000
43. Creo que los contenidos recibidos durante el curso de entrenadores son suficientes para entrenar en el fútbol de formación	14.510	4	.006
55. Para mí, los resultados obtenidos por mi equipo en las competiciones son muy importantes	17.401	4	.002
60. Entiendo que debo utilizar con más frecuencia métodos de enseñanza basados en el descubrimiento	13.766	4	.008

a. Prueba Kruskal Wallis

b. Variable de Agrupación: 7. ¿Hace cuánto tiempo ha concluido el curso de entrenador de fútbol?

4.2.7. PRINCIPAL CATEGORÍA QUE ENTRENAN

Comparando los datos obtenidos teniendo en cuenta la principal categoría que entrenan los encuestados (Petizes/Traquinas, Benjamines/Infantiles, Iniciados/Juveniles, Júniores), Kruskal wallis mostró resultados estadísticamente significativos en los siguientes ítems de las respectivas dimensiones:

Dimensión Aspectos Personales

Ítem 14: La importancia de tener el título de entrenador de fútbol ($X^2 = 12.754$, $p = .005$). Respecto a la comparación por pares en función de la principal categoría que entrenan, la prueba de contraste U de Mann Whitney con corrección de Bonferroni, señaló que había diferencias significativas entre el grupo Petizes/Traquinas ($M = 6.13 \pm 2.4$) y el grupo Benjamines/Infantiles ($M = 8.02 \pm 2.7$), con un tamaño del efecto mediano ($r = -.35$) y, con el grupo Iniciados/Juveniles ($M = 8.38 \pm 1.7$), con un tamaño del efecto mediano ($r = -.42$). Los datos mostraron que los entrenadores que entrenaban en las categorías más altas de Iniciados/Juveniles atribuyeron más importancia al hecho de tener el título de entrenador de fútbol, relativamente a los entrenadores que entrenaban en las categorías abajo Benjamines/Infantiles y Petizes/Traquinas. Así también se observó que los entrenadores que competían en categorías de fútbol 11 daban más importancia a tener el título de entrenador que los entrenadores que lo hacían en categorías de fútbol 7 o menos.

Dimensión Formación como Entrenador

Ítem 24: Certificación como entrenador ($X^2 = 11.783$, $p = .008$). En relación con la comparación por pares en función de la principal categoría que entrenan, la prueba de contraste U de Mann Whitney con corrección de Bonferroni, reveló que había diferencias significativas entre el grupo Petizes/Traquinas ($M = 1.60 \pm 0.7$) y el grupo Júniores ($M = 2.40 \pm 0.8$), con un tamaño del efecto mediano ($r = -.46$) y, también había diferencias significativas entre el grupo Benjamines/Infantiles ($M = 1.91 \pm 0.7$) y el grupo Júniores, con un tamaño del efecto mediano ($r = -.32$). Los datos demostraron que existió una relación entre el escalón que entrenan y el grado de certificación que poseen, siendo que las categorías más bajas tienen entrenadores con un menor o

inexistente grado de certificación y las categorías más altas de la formación tienen entrenadores con un grado más alto.

Ítem 25: “Didáctica del deporte” como contenido del curso de formación de entrenadores ($X^2 = 14.115$, $p = .003$). En cuanto a la comparación por pares en función de la principal categoría que entrenan, la prueba de contraste U de Mann Whitney con corrección de Bonferroni, encontró diferencias significativas entre el grupo Petizes/Traquinas ($M = 5.29 \pm 2.3$) y el grupo Iniciados/Juveniles ($M = 7.87 \pm 1.3$), con un tamaño del efecto mediano ($r = -.46$) y, también había diferencias significativas entre el grupo Iniciados/Juveniles y el grupo Júniores ($M = 6.09 \pm 2.2$), con un tamaño del efecto mediano ($r = -.41$). Los datos mostraron que los entrenadores de las categorías de Iniciados/Juveniles consideraban la Didáctica del deporte como uno de los contenidos más útiles del curso de entrenadores para su actividad, en comparación con los entrenadores de los más jóvenes (Petizes/Traquinas) y de los viejos en la formación (Júniores).

Dimensión Concepción de Enseñanza

Ítem 55: La importancia de los resultados obtenidos por el equipo en las competiciones ($X^2 = 13.038$, $p = .005$). Teniendo en cuenta la comparación por pares en función de la principal categoría que entrenan, la prueba de contraste U de Mann Whitney con corrección de Bonferroni, presentó diferencias significativas entre el grupo Petizes/Traquinas ($M = 5.33 \pm 1.4$) y el grupo Júniores ($M = 7.00 \pm 1.9$), con un tamaño del efecto mediano ($r = -.38$) y, también había diferencias significativas entre el grupo Benjamines/Infantiles ($M = 5.34 \pm 2.0$) y el grupo Júniores, con un tamaño del efecto mediano ($r = -.37$). Los datos demostraron que los entrenadores de las categorías más bajas que competían en fútbol 7, fútbol 5 y fútbol 3, daban menos importancia a los resultados obtenidos por el equipo en las competiciones en comparación con los entrenadores de la categoría más alta que competían en fútbol 11.

Dimensión Planificación y Programación

Ítem 77: Los objetivos que formulo en estas edades son fundamentalmente competitivos ($X^2 = 16.528$, $p = .001$). Respecto a la comparación por pares en función de la principal categoría que entrenan, la prueba de contraste U de Mann Whitney con corrección de

Bonferroni, mostró que había diferencias significativas entre el grupo Petizes/Traquinas ($M = 5.53 \pm 2.0$) y el grupo Júniores ($M = 7.64 \pm 2.3$), con un tamaño del efecto mediano ($r = -.50$) y, también había diferencias significativas entre el grupo Benjamines/Infantiles ($M = 5.98 \pm 2.1$) y el grupo Júniores, con un tamaño del efecto mediano ($r = -.40$). Los resultados mostraron que los entrenadores de la categoría más alta (Júniores) estaban más de acuerdo con la formulación de objetivos competitivos en la formación en comparación con los entrenadores de las categorías de base (inferiores a sub13).

Dimensión Necesidades de Formación

Ítem 106: “Coaching deportivo” como contenido para continuar la formación ($X^2 = 11.632$, $p = .009$). En relación con la comparación por pares en función de la principal categoría que entrenan, la prueba de contraste U de Mann Whitney con corrección de Bonferroni, reveló que había diferencias significativas entre el grupo Petizes/Traquinas ($M = 6.67 \pm 2.1$) y los otros grupos de categorías, Benjamines/Infantiles ($M = 8.34 \pm 1.8$), con un tamaño del efecto mediano ($r = -.40$), Iniciados/Juveniles ($M = 8.20 \pm 1.4$), con un tamaño del efecto mediano ($r = -.41$) y, Júniores ($M = 8.28 \pm 1.7$), con un tamaño del efecto mediano ($r = -.41$). Estos datos dejaron claro el menor interés por parte de los entrenadores de las categorías más bajas (Petizes/Traquinas) en relación con los otros entrenadores que entrenaban en las otras categorías de formación que mostraron gran interés en el contenido “Coaching deportivo” para continuar su formación.

Tabla 162. Cuadro resume del análisis inferencial en función de la principal categoría que entrenan con el Qui-quadrado, los grados de libertad y el nivel de significación de cada ítem.

En función de la principal categoría que entrenan	Qui-quadrado	gl	Significación Assint.
14. Tener el título de entrenador de fútbol	12.754	3	.005
24. Certificación como entrenador	11.783	3	.008
25. Didáctica del Deporte	14.115	3	.003
55. Para mí, los resultados obtenidos por mi equipo en las competiciones son muy importantes	13.038	3	.005
77. Los objetivos que formulo en estas edades son fundamentalmente competitivos	16.528	3	.001
106. Coaching Deportivo	11.632	3	.009

a. Prueba Kruskal Wallis

b. Variable de Agrupación: 8. La principal categoría que entrena actualmente es:

4.2.8. EXPERIENCIA COMO JUGADOR FEDERADO

Comparando los datos obtenidos teniendo en cuenta la experiencia como jugador federado de los encuestados (fueron jugadores, todavía juegan, nunca jugaron), Kruskal wallis mostró resultados estadísticamente significativos en los siguientes ítems de las respectivas dimensiones:

Dimensión Aspectos Personales

Ítem 15: Haber sido jugador de fútbol federado ($X^2 = 13.670$, $p = .001$). En cuanto a la comparación por pares en función de la experiencia como jugador federado, la prueba de contraste U de Mann Whitney con corrección de Bonferroni, encontró diferencias significativas entre los grupos de los que fueron jugadores ($M = 6.76 \pm 2.2$) y los que nunca jugaron ($M = 3.11 \pm 2.3$), con un tamaño del efecto mediano ($r = -.36$) y, entre los grupos de los que todavía juegan ($M = 6.77 \pm 2.3$) y los que nunca jugaron, con un tamaño del efecto grande ($r = -.56$). Los que nunca jugaron dieron menos importancia al hecho de haber sido jugador de fútbol federado en comparación con los entrenadores que fueron jugadores de fútbol o los que todavía jugaban.

Ítem 16: Importancia de tener formación Universitaria ($X^2 = 16.649$, $p < .001$). Teniendo en cuenta la comparación por pares en función de la experiencia como jugador federado, la prueba de contraste U de Mann Whitney con corrección de Bonferroni, demostró diferencias significativas entre todos los grupos, los que fueron jugadores ($M = 6.11 \pm 2.7$) y los que todavía juegan ($M = 7.73 \pm 1.6$), con un tamaño del efecto pequeño ($r = -.24$) y, entre los grupos de los que fueron jugadores y los que nunca jugaron ($M = 3.00 \pm 2.5$), con un tamaño del efecto pequeño ($r = -.29$). También había diferencias significativas entre los grupos de los que todavía juegan y los que nunca jugaron, con un tamaño del efecto grande ($r = -.65$). Ante la importancia de tener formación Universitaria la principal diferencia estuvo entre los entrenadores que todavía jugaban al fútbol, que valoraron la formación académica y los entrenadores que nunca jugaron, que curiosamente de la misma manera no valoraron la formación académica. Estos dos grupos de entrenadores asumieron perspectivas totalmente diferentes. También se encontraron diferentes grados de importancia atribuidos a la formación Universitaria en relación con los entrenadores que fueron jugadores, notándose que los

que todavía jugaban, daban más importancia e los que nunca jugaron dan menos importancia a este tipo de formación.

Dimensión Formación como Entrenador

Ítem 24: Certificación como entrenador ($X^2 = 12.941$, $p = .002$). Respecto a la comparación por pares en función de la experiencia como jugador federado, la prueba de contraste U de Mann Whitney con corrección de Bonferroni, mostró que había diferencias significativas entre los grupos de los que fueron jugadores ($M = 2.14 \pm 0.8$) y los que todavía juegan ($M = 1.50 \pm 0.7$), con un tamaño del efecto mediano ($r = -.32$). Estos resultados nos dicen que la mayoría de los entrenadores que fueron jugadores tenían un grado de certificación más elevado en comparación con aquellos que todavía juegan, siendo que la mayor parte de éstos aún no tienen la certificación mínima.

Dimensión Concepción de Enseñanza

Ítem 58: A través del fútbol podemos transmitir valores educativos ($X^2 = 13.951$, $p = .001$). En relación con la comparación por pares en función de la experiencia como jugador federado, la prueba de contraste U de Mann Whitney con corrección de Bonferroni, reveló que había diferencias significativas entre los grupos de los que fueron jugadores ($M = 9.15 \pm 1.0$) y los que todavía juegan ($M = 9.82 \pm 0.5$), con un tamaño del efecto mediano ($r = -.32$). También mostró diferencias significativas entre los grupos que todavía juegan y los que nunca jugaron ($M = 8.89 \pm 0.9$), con un tamaño del efecto grande ($r = -.60$). Los entrenadores que todavía jugaban demostraron estar más de acuerdo con la posibilidad del fútbol transmitir valores educativos, en comparación con los que fueron jugadores y principalmente con los que nunca jugaron.

Dimensión Planificación y Programación

Ítem 82: Estar de acuerdo que los jugadores normalmente son asiduos a los entrenamientos ($X^2 = 9.399$, $p = .009$). En cuanto a la comparación por pares en función de la experiencia como jugador federado, la prueba de contraste U de Mann Whitney con corrección de Bonferroni, encontró diferencias significativas entre los grupos de los que todavía juegan ($M = 8.91 \pm 1.2$) y los que nunca jugaron ($M = 7.33 \pm 1.7$), con un tamaño del efecto grande ($r = -.52$). Los datos revelaron que los entrenadores que

todavía jugaban al fútbol estuvieron más de acuerdo con la idea de que los jugadores normalmente eran asiduos a los entrenamientos, en comparación con los entrenadores que nunca jugaron.

Tabla 163. Cuadro resume del análisis inferencial en función de la experiencia como jugador federado con el Qui-quadrado, los grados de libertad y el nivel de significación de cada ítem.

En función de la experiencia como jugador federado	Qui-quadrado	gl	Significación Assint.
15. Haber sido jugador federado de fútbol	13.670	2	.001
16. Tener formación Universitaria	16.649	2	.000
24. Certificación como entrenador	12.941	2	.002
58. A través del fútbol podemos transmitir valores educativos	13.951	2	.001
82. Los jugadores normalmente son asiduos a los entrenamientos	9.399	2	.009

a. Prueba Kruskal Wallis

b. Variable de Agrupación: 9. ¿Fue, o es, jugador federado de fútbol?

4.2.9. CATEGORÍA EN LA QUE HA JUGADO

Al comparar los datos obtenidos, teniendo en cuenta la categoría en la que habían jugado los encuestados (categoría de formación o categoría sénior), Mann-Whitney ofreció resultados estadísticamente significativos en los siguientes ítems de las respectivas dimensiones:

Dimensión Aspectos Personales

Ítem 15: Haber sido jugador de fútbol federado ($Z = -2.384$, $p = .017$; $r = -.22$), con un tamaño del efecto pequeño. Los datos mostraron que los encuestados que habían jugado en categoría sénior ($M = 7.1 \pm 2.1$), valoraban más el haber sido jugador federado, que aquéllos que habían jugado en categorías de formación ($M = 6.08 \pm 2.3$).

Dimensión Formación como Entrenador

Ítem 25: “Didáctica del deporte” como contenido del curso de formación de entrenadores ($Z = -2.277$, $p = .023$; $r = -.25$), con un tamaño del efecto pequeño. Los datos revelaron que los encuestados que habían jugado en categoría sénior ($M = 7.28 \pm 1.9$), estimaban más el contenido “Didáctica del deporte”, que aquéllos que han jugado en categorías de formación ($M = 6.38 \pm 2.0$).

Ítem 28: “Seguridad deportiva” como contenido del curso de formación de entrenadores ($Z = -2.431$, $p = .015$; $r = -.27$), con un tamaño del efecto pequeño. Los datos señalaron que los encuestados que habían jugado en categoría sénior ($M = 7.44 \pm 1.9$), valoraban más el contenido “Seguridad deportiva”, que aquéllos que han jugado en categorías de formación ($M = 6.42 \pm 2.0$).

Ítem 33: “Lucha contra el dopaje” como contenido del curso de formación de entrenadores ($Z = -2.439$, $p = .015$; $r = -.27$), si bien con un tamaño del efecto pequeño. Los datos expresaron que los encuestados que habían jugado en categoría sénior ($M = 6.89 \pm 2.3$), estimaban más el contenido “Lucha contra el dopaje”, que aquellos que habían jugado en categorías de formación ($M = 5.69 \pm 2.1$).

Ítem 41: “Organización de Clase” como contenido del curso de formación de entrenadores ($Z = -2.060$, $p = .039$; $r = -.23$), con un tamaño del efecto pequeño. Los datos mostraron que los encuestados que habían jugado en categoría sénior ($M = 7.67 \pm 1.8$), valoraban más el contenido “Organización de Clase”, que aquéllos que han jugado en categorías de formación ($M = 7.08 \pm 1.6$).

Dimensión Necesidades de Formación

Ítem 95: “Fundamentos sociológicos del deporte” como contenido de interés para continuar la formación ($Z = -2.034$, $p = .042$; $r = -.19$), con un tamaño del efecto pequeño. Los datos revelaron que los encuestados que habían jugado en categoría sénior ($M = 7.34 \pm 1.8$), estimaban más el contenido “Fundamentos sociológicos del deporte”, que los que habían jugado en categorías de formación ($M = 6.55 \pm 2.1$).

Ítem 97: “Dirección y coordinación técnica” como contenido de interés para continuar la formación ($Z = -2.123$, $p = .034$; $r = -.20$), con un tamaño del efecto pequeño. Los datos revelaron que los encuestados que habían jugado en categoría sénior ($M = 7.74 \pm 1.7$), valoraban más el contenido “Dirección y coordinación técnica”, que aquellos que habían jugado en categorías de formación ($M = 6.66 \pm 2.5$).

Ítem 98: “Primeros auxilios e higiene en el deporte” como contenido de interés para continuar la formación ($Z = -2.065$, $p = .039$; $r = -.19$), si bien con un tamaño del efecto pequeño. Los datos expresaron que los encuestados que habían jugado en categoría

sénior ($M = 7.42 \pm 2.1$), valoraban más el contenido “Primeros auxilios e higiene en el deporte”, que aquéllos que habían jugado en categorías de formación ($M = 6.47 \pm 2.5$).

Tabla 164. Cuadro resume del análisis inferencial en función de la categoría en la que ha jugado con el Qui-cuadrado, los grados de libertad y el nivel de significación de cada ítem.

En función de la categoría en la que ha jugado	Z	Significación Assint.
15. Haber sido jugador federado de fútbol	-2.384	.017
25. Didáctica del Deporte	-2.277	.023
28. Seguridad deportiva	-2.431	.015
33. Lucha contra el dopaje	-2.439	.015
41. Organización de Clase	-2.060	.039
95. Fundamentos sociológicos del deporte	-2.034	.042
97. Dirección y coordinación técnica	-2.123	.034
98. Primeros auxilios e higiene en el deporte	-2.065	.039

a. Variable de Agrupación: 10. ¿Cuál fue la máxima categoría en la que jugó?

4.2.10. AÑOS COMO JUGADOR

Al comparar los datos obtenidos teniendo en cuenta los años como jugador de los encuestados (de 1 a 10 años, entre 11 y 20 años, más de 20 años), Kruskal wallis mostró resultados estadísticamente significativos en los siguientes ítems de las respectivas dimensiones:

Dimensión Aspectos Personales

Ítem 15: Haber sido jugador de fútbol federado ($X^2 = 11.614$, $p = .003$). Respecto a la comparación por pares en función de los años como jugador, la prueba de contraste U de Mann Whitney con corrección de Bonferroni, reveló que había diferencias significativas entre los grupos de 1 a 10 años ($M = 6.09 \pm 1.9$) y más de 20 años ($M = 7.86 \pm 1.8$), con un tamaño del efecto mediano ($r = -.43$). Estos datos mostraron que los entrenadores que jugaron más años, en comparación con los que jugaron menos años, daban más importancia al hecho de haber sido jugador de fútbol federado.

Dimensión Formación como Entrenador

Ítem 24: Certificación como entrenador ($X^2 = 19.049$, $p < .001$). En relación con la comparación por pares en función de los años como jugador, la prueba de contraste U de Mann Whitney con corrección de Bonferroni, mostró que había diferencias significativas entre los grupos de 1 a 10 años ($M = 2.09 \pm 0.8$) y de 11 a 20 años ($M =$

1.70±0.7), con un tamaño del efecto pequeño ($r = -.23$) y, entre los grupos de 1 a 10 años y más de 20 años ($M = 2.57 \pm 0.7$), con un tamaño del efecto mediano ($r = -.32$). También existieron diferencias significativas entre los grupos de 11 a 20 años y más de 20 años, con un tamaño del efecto grande ($r = -.52$). Teniendo en cuenta los años como jugador, los datos indicaron que la mayor parte de los entrenadores que presentan un menor grado de certificación o ninguno tienen una experiencia como jugador que podemos considerar media, siendo que los entrenadores que presentaron una certificación mayoritariamente de Grado I son los entrenadores con menos años de experiencia como jugador y el grupo de los que jugaron más tiempo son los que poseían el Grado III.

Dimensión Necesidades de Formación

Ítem 121: Intención de continuar para formación de grado académico ($X^2 = 12.016$, $p = .002$). En cuanto a la comparación por pares en función de los años como jugador, la prueba de contraste U de Mann Whitney con corrección de Bonferroni, encontró diferencias significativas entre los grupos de 1 a 10 años ($M = 1.69 \pm 0.8$) y más de 20 años ($M = 1.07 \pm 0.3$), con un tamaño del efecto mediano ($r = -.43$) y, también entre los grupos de 11 a 20 años ($M = 1.85 \pm 0.7$), y más de 20 años, con un tamaño del efecto grande ($r = -.55$). Teniendo en cuenta los datos de los entrenadores que respondieron a esta cuestión, los entrenadores que jugaron durante más años son los que presentaron sólo interés por la primera etapa académica de la Licenciatura, cuando comparamos con los entrenadores que jugaron menos años percibimos que el interés por un mayor nivel académico como el Master fue superior, principalmente para los entrenadores que tuvieron una experiencia considerada mediana en años.

Tabla 165. Cuadro resume del análisis inferencial en función de los años como jugador con el Qui-quadrado, los grados de libertad y el nivel de significación de cada ítem.

En función de los años como jugador	Qui-quadrado	gl	Significación Assint.
15. Haber sido jugador federado de fútbol	11.614	2	.003
24. Certificación como entrenador	19.049	2	.000
121. Formación de grado académico como estrategia elegida para continuar la formación	12.016	2	.002

a. Prueba Kruskal Wallis

b. Variable de Agrupación: 11. ¿Durante cuántos años jugó fútbol federado?

4.2.11. RAZÓN POR LA QUE ENTRENA

Al comparar los datos obtenidos teniendo en cuenta la razón por la que entrena cada encuestado (les gusta el fútbol, el entrenamiento y la enseñanza o quieren llegar a entrenador profesional de categorías superiores), Mann-Whitney ofreció resultados estadísticamente significativos en los siguientes ítems de las respectivas dimensiones:

Dimensión Formación como Entrenador

Ítem 33: “Lucha contra el dopaje” ($Z = -2.497$; $p = .013$; $r = -.26$), con un tamaño del efecto pequeño. Los datos mostraron que los encuestados que les gustaba el fútbol, el entrenamiento y la enseñanza ($M = 6.69 \pm 2.2$), valoraban más el contenido “Lucha contra el dopaje”, que aquéllos que querían llegar a entrenador profesional ($M = 5.18 \pm 2.4$).

Dimensión Formación Continua

Ítem 45: Importancia de participar en jornadas, seminarios y congresos para mantenerse actualizado ($Z = -2.155$; $p = .031$; $r = -.19$), con un tamaño del efecto pequeño. Los datos revelaron que los encuestados que querían llegar a entrenador profesional ($M = 8.81 \pm 1.4$), estimaban más la participación en jornadas, seminarios y congresos, que los que les gusta el fútbol, el entrenamiento y la enseñanza ($M = 7.98 \pm 1.8$).

Ítem 64: Costumbre de programar la época antes de que empiece ($Z = -2.164$; $p = .030$; $r = -.19$), con un tamaño del efecto pequeño. Los datos señalaron que los encuestados que querían llegar a entrenador profesional ($M = 9.10 \pm 1.2$), valoraban más la costumbre de programar la temporada antes de que empezara, que aquéllos que les gustaba el fútbol, el entrenamiento y la enseñanza ($M = 8.17 \pm 1.9$).

Dimensión Planificación y Programación

Ítem 66: Programar el trabajo semanalmente ($Z = -2.485$; $p = .013$; $r = -.22$), si bien con un tamaño del efecto pequeño. Los datos expresaron que los encuestados que querían llegar a entrenador profesional ($M = 9.14 \pm 1.7$), valoraban más el programar el trabajo semanalmente, que los que les gustaba el fútbol, el entrenamiento y la enseñanza ($M = 8.48 \pm 1.9$).

Ítem 67: Programar el trabajo diariamente ($Z = -3.502$, $p < .001$; $r = -.31$), con un tamaño del efecto mediano. Los datos manifestaron que los encuestados que querían llegar a entrenador profesional ($M = 9.14 \pm 1.6$), valoraban más el programar el trabajo diariamente, que aquéllos que les gustaba el fútbol, el entrenamiento y la enseñanza ($M = 7.27 \pm 2.9$).

Ítem 68: Trabaja los medios técnico-tácticos con oposición ($Z = -2.186$; $p = .029$; $r = -.20$), aunque con un tamaño del efecto pequeño. Los datos mostraron que los encuestados que pretendían llegar a entrenador profesional ($M = 8.90 \pm 0.9$), estimaban más el trabajar habitualmente los medios técnico-tácticos con oposición, que aquéllos que les gustaba el fútbol, el entrenamiento y la enseñanza ($M = 8.13 \pm 1.5$).

Ítem 81: Evaluar sólo en el final de la temporada ($Z = -2.027$; $p = .043$; $r = -.18$), con un tamaño del efecto pequeño. Los datos revelaron que los encuestados que querían llegar a entrenador profesional ($M = 3.48 \pm 2.2$), valoraron de forma más negativa el hecho de evaluar sólo en el final de la temporada, que los que les gustaba el fútbol, el entrenamiento y la enseñanza ($M = 4.76 \pm 2.7$).

Ítem 83: Intención de entrenar en el futuro categorías superiores ($Z = -3.265$; $p = .001$; $r = -.29$), con un tamaño del efecto pequeño. Los datos revelaron que los encuestados que deseaban llegar a entrenador profesional ($M = 8.95 \pm 1.8$), valoraban más la intención de entrenar en el futuro categorías superiores, que aquéllos que les gustaba el fútbol, el entrenamiento y la enseñanza ($M = 6.99 \pm 2.8$).

Dimensión Necesidades de Formación

Ítem 102: “Observación y análisis de las habilidades deportivas” ($Z = -2.179$; $p = .029$; $r = -.20$), con un tamaño del efecto pequeño. Los datos expresaron que los encuestados que pretendían llegar a entrenador profesional ($M = 8.57 \pm 1.4$), estimaron en mayor medida el contenido de “Observación y análisis de las habilidades deportivas”, que aquéllos que les gustaba el fútbol, el entrenamiento y la enseñanza ($M = 7.86 \pm 1.6$).

Ítem 103: “Nutrición deportiva” ($Z = -2.076$; $p = .038$; $r = -.19$), con un tamaño del efecto pequeño. Los datos mostraron que los encuestados que querían llegar a entrenador profesional ($M = 8.19 \pm 2.0$), valoraban más el contenido de “Nutrición

deportiva”, que los que les gustaba el fútbol, el entrenamiento y la enseñanza ($M = 7.43 \pm 1.8$).

Ítem 111: Reflexión sobre la propia práctica ($Z = -2.136$, $p = .033$; $r = -.19$), con un tamaño del efecto pequeño. Los datos revelaron que los encuestados que deseaban llegar a entrenador profesional ($M = 8.05 \pm 2.0$), estimaron más la estrategia de reflexión sobre la propia práctica, que aquéllos que les gustaba el fútbol, el entrenamiento y la enseñanza ($M = 7.23 \pm 1.8$).

Ítem 112: Ver otros colegas a entrenar ($Z = -1.965$; $p = .049$; $r = -.18$), con un tamaño del efecto pequeño. Los datos mostraron que los encuestados que pretendían llegar a entrenador profesional ($M = 8.24 \pm 1.5$), valoraron en mayor media la estrategia de ver a otros colegas entrenar, que aquéllos que les gustaba el fútbol, el entrenamiento y la enseñanza ($M = 7.49 \pm 1.7$).

Tabla 166. Cuadro resume del análisis inferencial en función de la razón por la que entrena con el Qui-quadrado, los grados de libertad y el nivel de significación de cada ítem.

En función de la razón por la que entrena	Z	Significación Assint.
33. Lucha contra el dopaje	-2.497	.013
45. Me parece importante participar en jornadas, seminarios, congresos, etc. para mantenerme actualizado	-2.155	.031
64. Suelo programar la época antes de que comience	-2.164	.030
66. Programo el trabajo semanalmente	-2.485	.013
67. Programo el trabajo diariamente	-3.502	.000
68. Habitualmente trabajo los medios técnico-tácticos con oposición	-2.186	.029
81. Evaluó sólo en el final de la temporada	-2.027	.043
83. En el futuro, mi intención es entrenar en categorías superiores	-3.265	.001
102. Observación y análisis de las habilidades deportivas	-2.179	.029
103. Nutrición deportiva	-2.076	.038
111. Reflexión sobre la propia práctica	-2.136	.033
112. Ver otros colegas a entrenar	-1.965	.049

a. Variable de Agrupación: 12. ¿Cuál la principal razón por la que entrena?

4.2.12. CERTIFICACIÓN COMO ENTRENADOR

Al comparar los datos obtenidos teniendo en cuenta la certificación como entrenador de los encuestados (ninguna, curso de entrenadores UEFA C Raíces - Grado I, curso de entrenadores UEFA Básico - Grado II, curso de entrenadores UEFA Avanzado - Grado III, curso de entrenadores UEFA Pro - Grado IV), Kruskal wallis mostró resultados estadísticamente significativos en los siguientes ítems de las respectivas dimensiones:

Dimensión Formación como Entrenador

Ítem 43: los contenidos del curso son suficientes para entrenar en el fútbol de formación ($X^2 = 10.341$, $p = .006$). Respecto a la comparación por pares en función de la certificación como entrenador, la prueba de contraste U de Mann Whitney con corrección de Bonferroni, reveló que había diferencias significativas entre los grupos Grado I ($M = 7.48 \pm 2.0$) y Grado II ($M = 5.86 \pm 2.4$), con un tamaño del efecto mediano ($r = -.33$). Estos datos revelaron que los entrenadores de Grado I estuvieron más de acuerdo con el hecho de que los contenidos del curso eran suficientes para entrenar en el fútbol de formación que los entrenadores de Grado II.

Dimensión Concepción de Enseñanza

Ítem 55: La importancia de los resultados obtenidos por el equipo en las competiciones ($X^2 = 13,121$, $p = .004$). En relación con la comparación por pares en función de la certificación como entrenador, la prueba de contraste U de Mann Whitney con corrección de Bonferroni, señaló diferencias significativas entre los grupos Ninguna ($M = 5.27 \pm 2.1$) y Grado II ($M = 6.93 \pm 2.0$), con un tamaño del efecto mediano ($r = -.38$). Pero también existieron diferencias significativas entre los grupos Grado I ($M = 5.87 \pm 1.8$) y Grado II, con un tamaño del efecto pequeño ($r = -.28$). Los datos mostraron que los entrenadores de Grado II son los que atribuyeron mayor importancia a los resultados obtenidos por el equipo en las competiciones en comparación con entrenadores de Grado I o con aquellos que no tenían ninguna formación.

Ítem 60: Utilización frecuente de métodos de enseñanza basados en el descubrimiento ($X^2 = 12.011$, $p = .007$). En cuanto a la comparación por pares en función de la certificación como entrenador, la prueba de contraste U de Mann Whitney con corrección de Bonferroni, encontró diferencias significativas entre los grupos ninguna ($M = 6.91 \pm 2.0$) y Grado I ($M = 8.02 \pm 1.1$), con un tamaño del efecto pequeño ($r = -.29$). También se hallaron diferencias significativas entre los grupos ninguna y Grado II ($M = 8.18 \pm 1.5$), con un tamaño del efecto mediano ($r = -.36$). Con estos datos se hizo evidente la diferencia entre aquellos que no tenían título de entrenador y los que eran entrenadores de Grado I o Grado II, pues los que no tenían título comparativamente con los que tenían, estaban menos de acuerdo con la utilización frecuente de métodos de enseñanza basados en el descubrimiento.

Tabla 167. Cuadro resume del análisis inferencial en función de la certificación como entrenador con el Qui-quadrado, los grados de libertad y el nivel de significación de cada ítem.

En función de la certificación como entrenador	Qui-quadrado	gl	Significación Assint.
43. Creo que los contenidos recibidos durante el curso de entrenadores son suficientes para entrenar en el fútbol de formación	10.341	2	.006
55. Para mí, los resultados obtenidos por mi equipo en las competiciones son muy importantes	13.121	3	.004
60. Entiendo que debo utilizar con más frecuencia métodos de enseñanza basados en el descubrimiento	12.011	3	.007

a. Prueba Kruskal Wallis

b. Variable de Agrupación: 24. ¿Cuál la máxima certificación de fútbol que posee o que está terminando?

4.2.13. INTENCIÓN DE FORMACIÓN ACADÉMICA

Al comparar los datos obtenidos teniendo en cuenta la intención de formación académica de los encuestados (Graduación, Máster y Doctorado), Kruskal wallis reveló resultados estadísticamente significativos en los siguientes ítems de las respectivas dimensiones:

Dimensión Aspectos Personales

Ítem 16: Importancia de tener formación Universitaria ($X^2 = 11.996$, $p = .002$). Teniendo en cuenta la comparación por pares en función de la intención de formación académica, la prueba de contraste U de Mann Whitney con corrección de Bonferroni, mostró diferencias significativas entre los grupos Graduación ($M = 5.75 \pm 2.9$) y Máster ($M = 8.04 \pm 1.6$), con un tamaño del efecto mediano ($r = -.39$). Se evidencia que los entrenadores que deseaban obtener una Graduación, comparado con los entrenadores que querían obtener un Máster, daban menos importancia al hecho de tener formación Universitaria.

Dimensión Planificación y Programación

Ítem 65: Costumbre de programar el trabajo mensualmente ($X^2 = 9.700$, $p = .008$). Respecto a la comparación por pares en función de la intención de formación académica, la prueba de contraste U de Mann Whitney con corrección de Bonferroni, reveló que había diferencias significativas entre los grupos Graduación ($M = 6.58 \pm 2.8$)

y Máster ($M = 8.09 \pm 2.0$), con un tamaño del efecto pequeño ($r = -.30$). Por otra parte también mostró diferencias significativas entre los grupos Graduación y Doctorado ($M = 8.70 \pm 0.7$), con un tamaño del efecto mediano ($r = -.36$). Los datos reflejaron que los entrenadores que tenían la intención de Graduación daban menos importancia a la costumbre de programar el trabajo mensualmente en comparación con los que pretendían un Máster o un Doctorado.

Tabla 168. Cuadro resume del análisis inferencial en función de la intención de formación académica con el Qui-quadrado, los grados de libertad y el nivel de significación de cada ítem.

En función de la intención de formación académica	Qui-quadrado	gl	Significación Assint.
16. Tener formación Universitaria	11.996	2	.002
65. Suelo programar el trabajo mensualmente	9.700	2	.008

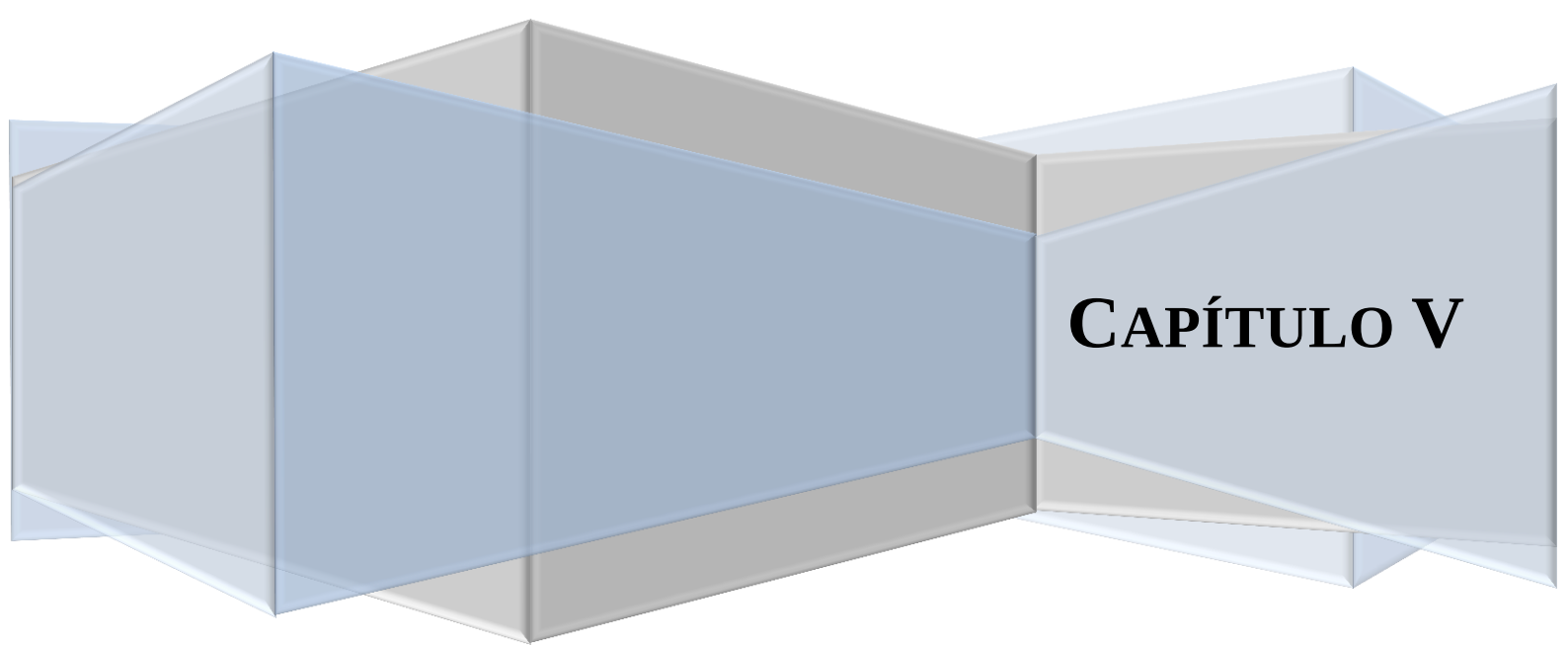
a. Prueba Kruskal Wallis

b. Variable de Agrupación: 121. Si la formación de grado académico es una de las estrategias elegidas para continuar su formación, indique el grado académico que desea.

5. DISCUSIÓN DE LOS RESULTADOS

5.1. DISCUSIÓN DEL ANÁLISIS DESCRIPTIVO

5.2. DISCUSIÓN DEL ANÁLISIS INFERENCIAL



CAPÍTULO V

Después del tratamiento de los datos y el análisis de los resultados, en el presente capítulo buscaremos, por un lado, destacar los resultados más importantes que provienen del análisis de los datos y por otro lado confrontar esa información con otras investigaciones en el área, percibiendo si existen concordancias o desacuerdos con otros estudios y tratando de interpretar toda la información de una manera apropiada. Desde una perspectiva global y teniendo en cuenta el análisis de los resultados referentes a la figura del entrenador, logramos percibir que existe un conjunto de información que merece una reflexión más cuidada, pues de acuerdo con Gilbert (2002) a pesar del crecimiento acentuado del número de investigaciones sobre el entrenador, se encontraron pocos estudios en relación con las herramientas de evaluación para estudiar a los entrenadores. El presente estudio viene a dar respuesta a esa carencia, determinada por el autor como extremadamente útil. Nuestra investigación está alineada con la reciente opinión de Bettega et al. (2018), quienes consideran importante la existencia de iniciativas para investigar la formación del entrenador y de los jugadores.

5.1. DISCUSIÓN DEL ANÁLISIS DESCRIPTIVO

5.1.1. DISCUSIÓN DE LA DIMENSIÓN CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS

Considerando las Características Sociodemográficas estudiadas, constatamos claramente que a pesar de la presencia cada vez más creciente del género femenino en el mundo del fútbol, casi la totalidad de los entrenadores de fútbol de formación de la región eran hombres. Estos resultados eran esperados teniendo en cuenta el dominio evidente de los hombres en actividad en esta región y están de acuerdo con los datos publicados por el Instituto Portugués del Deporte e de la Juventud (2018). Estes presentan un 86% de los entrenadores hombres en las diversas modalidades, de este modo en el fútbol y, en nuestro caso, el porcentaje encontrado fue aún mayor. En cuanto a la edad, se encontró un espectro amplio de entrenadores trabajando en el fútbol de formación. Sin embargo, existió mayor presencia de entrenadores entre los 31 y los 40 años de edad lo que podemos considerar por debajo de la media de edades de los entrenadores existentes en Portugal, de acuerdo con la información recientemente emanada por el Instituto Portugués del Deporte e de la Juventud (2018), que reporta una

media de 42 años de edad. En lo que se refiere a la principal actividad del entrenador se percibió, que eran mayoritariamente trabajadores por cuenta ajena y sus cualificaciones académicas variaban. Pero podemos destacar el hecho de que sólo una clara minoría de entrenadores tenía una titulación universitaria en Educación Física y Deporte. Este hallazgo no puede ser considerado positivo, porque de acuerdo con Santos et al. (2010) los entrenadores con curso superior en Educación Física y Deporte tienen una mayor percepción de competencia, comparativamente con entrenadores sin formación superior en el área. De acuerdo con el estudio de Cunha et al. (2010), los entrenadores titulados representaban una mayoría y los titulados universitarios en Educación Física suponían el 80% de los entrenadores consultados. El mismo escenario encontró Lledó y Huertas (2012), donde los entrenadores que trabajaban en categorías de formación poseían mayoritariamente titulación universitaria en el área de Educación Física y Deportiva, a pesar de en porcentajes menos expresiva. Este panorama no corresponde de ninguna manera a la realidad que pudimos encontrar. De este modo, los resultados de nuestro estudio en cuanto a la titulación como entrenador y en cuanto a la titulación universitaria son contrarios a los estudios encontrados, con la excepción de la investigación de Abad, Benito et al. (2011) cuyos resultados coinciden. Estos resultados encontrados, lo cual, teniendo en cuenta la literatura, no resulta adecuado. Adicionalmente podemos referir el estudio de Lledó et al. (2014) que concluyó que los responsables de las escuelas deportivas tienden a contratar a entrenadores altamente cualificados, lo que contradice claramente los resultados hallados, ya que no fue esa, la realidad que encontramos. Por otra parte, la legislación portuguesa prevé la estimulación del acceso de los entrenadores a la formación académica, pudiendo eventualmente reconocer su formación anterior, lo que es un punto débil considerando el nivel de formación que encontramos en nuestros entrenadores. Además, el legislador incentiva a las instituciones académicas a participar en la oferta formativa de los entrenadores lo que puede ser una forma de rellenar el panorama actual. Incluso porque a pesar de que gran parte de los entrenadores, aunque con poca formación, se consideran competentes, pero admiten tener necesidades de formación (*Despacho n.º 5061/2010, 2.ª série — N.º 56 — 22 de Março de 2010*).

En relación con el contexto social pudimos percibir que la ciudad abarcó más entrenadores de lo esperado, y también un mayor número de clubes y, consecuentemente, también deportistas, pero en el contexto rural estudiado, existiendo

menos entrenadores pueden tener un papel más importante pues según Šafaříková (2012), el fútbol y sus entrenadores en un contexto social más desfavorable pueden tener un rol importante en la esperanza de vida de los niños y en la ocupación de su tiempo de una forma muy positiva, cuyas características del juego contribuyen a una educación para la vida.

5.1.2. DISCUSIÓN DE LA DIMENSIÓN EXPERIENCIA DEPORTIVA

Tras el análisis de los datos de la dimensión Experiencia Deportiva fue posible percibir que más de la mitad de los entrenadores encuestados que trabajaban en el fútbol de formación tenían poca experiencia, donde la mayor parte de ellos poseía incluso menos de 2 años de experiencia. Estos resultados están de acuerdo con el estudio de Abad, Benito et al. (2011), donde los entrenadores con el nivel más bajo de cualificación son aquellos que además, tienen menos experiencia, lo que demuestra que los jóvenes atletas que juegan fútbol están bajo la responsabilidad de personas con poca formación y poca experiencia. Esta carencia es tanto más importante porque, como refiere Cunha et al. (2010), el nivel de experiencia profesional y el grado de formación federativa, representan dos pilares fundamentales para la percepción que los entrenadores encuentran en sus necesidades de formación. Nuestra investigación ha revelado que la mayoría de los entrenadores que estaban entrenando en el fútbol de formación ni siquiera tenían el título de entrenador, lo que quiere decir que no habían hecho el curso inicial y que muchos de ellos no tenían ningún tipo de formación para el desempeño de las funciones inherentes a la actividad de entrenador. Los mismos resultados fueron encontrados en España por Abad, Benito et al. (2011), que constataron en la región de estudio que aproximadamente mitad de los entrenadores de fútbol no tenían la formación inicial adecuada para llevar a cabo la tarea que estaban desempeñando. En la opinión de Lledó et al. (2014) es la falta de reglamentación de la actividad profesional de entrenador de fútbol, que propicia la existencia de un porcentaje bastante elevado de entrenadores, especialmente en los escalones de formación, que no poseen ningún grado académico en la área de Educación Física y Deporte y que como máximo poseen el Grado I. En Portugal no parece ser este el problema, una vez que en los últimos años ha existido una clara intención de legislar la actividad y son numerosos los decretos de ley y otros documentos legislativos que han procurado en los últimos tiempos regular el acceso a la formación del entrenador en el deporte (*Ley n.º 40/2012; Decretos de Leye*

n.º 63/97, 248-A/2008, 407/99, 5061/2010). En este sentido, parece ser la falta de fiscalización para el cumplimiento de la ley, la razón que permite que este hecho suceda en el deporte de base. No obstante, entre estos entrenadores existían algunos que todavía no tenían el curso, pero que estaban terminando su titulación del primer grado, aun así muchos de estos entrenadores nunca llegaron a realizar el curso. Así, de acuerdo con la legislación, la formación inicial debe constituirse como estrictamente necesaria para permitir el desempeño de las funciones específicas del entrenador, incluso, porque la formación de los entrenadores tiene como principal objetivo proporcionar la preparación específica indispensable para un eficaz desempeño profesional en el ámbito del deporte (*artigo 12.º e 13.º, capítulo II, do Decreto-Ley n.º 407/99, de 15 de octubre*). Lo que significa que la mayoría de los entrenadores encuestados en este estudio están en incumplimiento ante la ley. La ley es clara en afirmar que la actividad de entrenador de deporte ejercida por quien no es detentor del título de entrenador de deporte de la modalidad en causa es ilegal. Incluso determina que la práctica de esa actividad por quien no tenga la respectiva titulación no cumple lo previsto por ley (*artigo 15.º e 17.º, capítulo IV, Decreto-Ley n.º 248-A/2008 de 31 de dezembro*). En este sentido, la importancia de esta formación es reportada por Camiré et al. (2012), quienes verifican que los técnicos que hicieron la formación de entrenadores tenían la consciencia de que estaban mejor preparados y que tenían una mayor capacidad para facilitar el desarrollo positivo de los jóvenes en comparación con los técnicos sin formación para la actividad. Por otra parte, en nuestro estudio se encontró también que algunos entrenadores habían terminado su formación hacía más de 14 años, lo que representa bastante tiempo y puede ser negativo, porque como refiere Camiré et al. (2012) es el investimento del entrenador en su formación y en su desarrollo, el que puede ayudar a garantizar que los niños y los jóvenes estén aprendiendo las habilidades y los valores de la vida necesarios para que sean ciudadanos productivos en la sociedad. Otro de los factores que pudimos comprobar fue que la casi totalidad de los entrenadores encuestados fueron, o algunos todavía eran, jugadores de fútbol federado. Lo que de cierta forma contradice una idea común instalada en la comunidad deportiva que tiene la idea de que los entrenadores más jóvenes que trabajan con el fútbol de formación no tienen experiencia práctica como jugador. En cuanto a la máxima categoría en la que los entrenadores encuestados tuvieron su experiencia como jugador, se halló que esta se dividió mayoritariamente entre el campeonato distrital de séniores o solo en las categorías de formación, por eso se percibió que por lo menos en la región en estudio no existen entrenadores con

experiencia de jugador de alto nivel. Además, hemos constatado que los años de experiencia en la práctica de la modalidad variaban ampliamente, no obstante casi todos los entrenadores tenían experiencia como jugador. En cuanto a esta temática de los ex-jugadores, la literatura actual parece no haber abordado este asunto y así no hubo posibilidad de percibir si los resultados que obtuvimos son comunes a otras realidades. De este modo, sería interesante que futuras investigaciones lograsen estudiar a los entrenadores sobre la base de esta variable que representa ser ex-jugador o no, y de qué forma esto puede influir en su trabajo con jóvenes.

5.1.3. DISCUSIÓN DE LA DIMENSIÓN ASPECTOS PERSONALES

Podemos destacar después del análisis de esta dimensión que la mayoría de los encuestados indicaron que eran entrenadores porque les gustaba entrenar y enseñar, lo que en parte está de acuerdo con Chelladurai et al. (1999), quienes hallaron que los hombres preferían más entrenar y las mujeres preferían más la enseñanza. Siendo ésta la razón que más se apunta en nuestro estudio y curiosamente no la intención de llegar a entrenador de séniores o llegar a ser su profesión como sería esperado. Como vimos anteriormente gran parte de los entrenadores no tenían titulación y aun así curiosamente, muchos de los entrenadores, atribuyeron mucha importancia al hecho de tener el título de entrenador de fútbol. Este aspecto es corroborado por Cunha et al. (2010), quienes constataron en su investigación que los entrenadores que no poseían ninguna formación a nivel federativo para ejercer su actividad, reconocen una mayor necesidad de formación a nivel del entrenamiento y de la competición. En cuanto a la importancia que los entrenadores atribuyeron al hecho de haber sido jugadores de fútbol, a pesar de que existían diferentes opiniones a este respecto la mayor parte de los encuestados consideraron importante haber tenido esta experiencia. Probablemente se debe al hecho de la oportunidad de experimentar por dentro la modalidad como jugador permita un mejor conocimiento de las dinámicas subyacentes, aunque no hemos encontrado ninguna investigación que soporte esta idea. En relación con la importancia de tener formación Universitaria, a pesar de haber en los resultados opiniones contrarias, la mayoría de los encuestados lo consideraron importante. Esto es coherente con la visión de Lledó y Huertas (2012), entendiendo que para llevar a cabo un proceso correcto de desarrollo del atleta en la etapa de iniciación, es necesario aumentar la presencia de

técnicos con formación universitaria en el panorama deportivo actuando como entrenadores de fútbol.

Los entrenadores estimaron también que los cursos de formación permanente eran una buena forma de continuar su formación comparativamente con otras formas de actualización. Esta opinión refuerza el mecanismo creado con la obligación de realizar formación continua acreditada para la renovación del Título Profesional de Entrenador de Deporte (Instituto Portugués del Deporte y Juventud, 2015).

El hecho de asistir a partidos y entrenamientos de fútbol fue valorado de forma muy positiva por la gran mayoría de los encuestados, lo que está de acuerdo con lo que también encontró Abad (2009). En cuanto a la importancia atribuida al hecho de que los entrenadores consulten sitios de *internet* sobre fútbol o intercambiar ideas en los *blogs* de fútbol de *internet*, a pesar de una valoración positiva no mereció gran importancia. Sin embargo según Stoszkowski y Collins (2015) los *blogs* en *internet* representan herramientas que tienen el potencial de fortalecer y promover el pensamiento crítico y la reflexión sobre la práctica profesional de los entrenadores que integran esos grupos, con mayor nivel de pensamiento reflexivo que si se hubieran reflejado individualmente. Contrariamente, fue destacada la clara importancia que los entrenadores atribuyeron al hecho de poder conversar directamente con otros entrenadores, lo que está de acuerdo con Abad (2009) que identificó una gran mayoría de entrenadores que intercambiaban opiniones, experiencias e ideas con otros entrenadores de fútbol.

5.1.4. DISCUSIÓN DE LA DIMENSIÓN FORMACIÓN COMO ENTRENADOR

Tras el análisis de la dimensión Formación como Entrenador, se observa que de los entrenadores que tenían titulación gran parte de ellos, tenían solamente el Grado I para trabajar en el fútbol de formación. En términos reglamentarios es suficiente para trabajar con todas las categorías del fútbol de formación, sin embargo si es la única formación deportiva a la que el entrenador se sometió, por sí solo puede ser pobre y representar poca dedicación en términos personales. Por eso la obligatoriedad que la legislación impone en formación continua para la renovación del título es importante para que estos entrenadores se mantengan actualizados (*punto 2, Artículo 8, Capítulo II, Ley nº 40/2012 de 28 de agosto*). Por otra parte de acuerdo con Cunha et al. (2010) el grado de formación federativa, representa uno de los pilares fundamentales para la

percepción que los entrenadores encuentran de sus necesidades de formación. A pesar de ser menos frecuente también existieron algunos entrenadores con el Grado II, sin embargo podemos destacar una vez más de forma negativa el hecho de que todavía había muchos entrenadores sin el curso de entrenador, que les permitiría ejercer estas funciones legalmente. Pues con base en la ley es ilegal el ejercicio de la actividad por quien no sea titular del Título Profesional de Entrenador de Deporte, sujeto a las sanciones previstas (*Decreto-Lei n.º 248-A/2008 de 31 de diciembre*). Estas exigencias están de acuerdo con la opinión de los expertos entrevistados por Abad et al. (2013), que no consideran aconsejable que haya entrenadores de fútbol de base sin ninguna calificación y estiman que el entrenador de fútbol en estas edades tiene que tener una buena formación para poder realizar su trabajo de forma competente.

En cuanto a los entrenadores con el Grado III, éstos eran muy pocos, de acuerdo con el perfil trazado por el Programa Nacional da Formação de Entrenadores, este nivel de formación se destina a la dirección de practicantes de alto nivel (Instituto Português del Deporte y Juventud, 2010). Independientemente de no existir un alto nivel en la región en estudio pueden existir entrenadores con interés en querer saber más, con ambición y con competencia, sin embargo será un obstáculo para el acceso, el riguroso proceso de selección de candidatos con criterios muy apretados y también el alto coste del curso de este grado. También se verificó que no había ningún entrenador en el fútbol de formación con el Grado IV en la región, lo que de acuerdo con el Programa Nacional da Formação de Entrenadores, pretende formar un perfil emprendedor y se destina a la dirección de equipos técnicos pluridisciplinarios, direcciones y coordinaciones técnicas esencialmente con selecciones regionales y nacionales, teniendo también un papel en la formación de otros entrenadores (Instituto Português del Deporte y Juventud, 2010). Analizando los contenidos del curso de entrenadores para titulación, podemos decir que todos los contenidos del curso fueron considerados importantes por la mayor parte de los entrenadores encuestados, ya que todos los contenidos fueron mayoritariamente valorados de forma positiva. No debe ser indiferente la contribución reciente dada por la reformulación y reestructuración de los cursos (Instituto Português del Deporte y Juventud, 2010). En este sentido Vickers y Schoenstedt (2011), refuerzan la importancia de primeramente estandarizar la formación del entrenador en el sentido de integrar un núcleo mínimo de conocimientos comunes que garanticen la creación de programas de

educación y entrenamiento de alta calidad que incluyan un conjunto de habilidades y técnicas de enseñanza base.

De todos los contenidos presentados destacan los siguientes: “Teoría y metodología del entrenamiento deportivo”, “Técnica y táctica”, “Metodología del entrenamiento de fútbol” y “Capacidades físicas/motoras”, como los contenidos de mayor interés. Se trata de contenidos más específicos de la actividad y tal vez por ese motivo demostraron más interés. Estos resultados contradicen parcialmente los técnicos encuestados en la investigación de Lledó et al. (2014), que indicaron que los contenidos prioritarios en el entrenamiento mantuvieron un cierto nivel de equilibrio entre los contenidos específicos, en particular la técnica y la táctica, y los contenidos generales, más relacionados con la condición física. Por otra parte, los contenidos: “Lucha contra el dopaje” y “Deporte para personas con discapacidad” fueron considerados de menor interés por parte de los entrenadores de nuestro estudio, por el motivo inverso podemos decir que estos son contenidos más genéricos con menos conexión con la modalidad y por ese motivo presentaron poco interés. También fue posible observar una ligera tendencia a valorar más los contenidos de la componente específica del curso comparativamente con los contenidos de la componente general. Este aspecto viene a fortalecer la idea de Vickers y Schoenstedt (2011), reforzando que la principal razón por la que es importante estandarizar la formación de los entrenadores, tiene que ver con el hecho de que el niño y su desarrollo son el foco principal de su intervención, que por sí solo debe entenderse como un desafío preponderante. Para que esto sea posible, la formación del entrenador debe ser una prioridad. En lo que se refiere específicamente al tiempo empleado en el curso y los contenidos recibidos si han sido suficientes para entrenar en el fútbol de formación, fue posible percibir que existió una mayor división de opiniones. Aun así un poco más de mitad de los entrenadores encuestados estimaron positivo tanto el tiempo empleado, como los contenidos recibidos, al contrario de lo que Abad, Giménez et al. (2011) encontraron, ya que una parte considerable de los entrenadores que participaron en su estudio, indicaron no estar muy satisfechos con la utilidad del contenido de los cursos de entrenadores. Por último en esta dimensión, también se observó una valoración positiva en relación con los profesores del curso considerando que les enseñaron mucho. Lo que está de acuerdo con la preocupación de Feu (2006), quien considera que los modelos formativos a los que son sometidos los sujetos condicionan directamente la calidad de los profesionales. De esta forma, es

importante una formación de entrenadores con un progreso cualitativo para poder optimizar el trabajo que desarrollan con sus jugadores.

5.1.5. DISCUSIÓN DE LA DIMENSIÓN FORMACIÓN CONTINUA

Después del análisis de los resultados de esta dimensión, destaca que todas las formas y estrategias de formación continua fueron valoradas de forma positiva y consideradas importantes por parte de los entrenadores. Lo que demuestra la consciencia de que es importante mantenerse actualizado y adquirir conocimiento que promueva su intervención, estos resultados están de acuerdo con Santos et al. (2010) cuando afirman que la mayoría de los entrenadores tenían una percepción de sí mismos como competentes, pero, aun así, reconocían tener necesidades de formación. Sin embargo, las jornadas, seminarios o congresos, el intercambio de opiniones o experiencias con otros colegas y la posibilidad de que los entrenadores en el club trabajaran en grupo, fueron los factores más destacados por los entrenadores como más importantes. Los entrenadores parecen percibir la importancia de una reflexión conjunta y de cómo un intercambio de experiencias puede enriquecer su conocimiento. Estos resultados deben ser tomados en cuenta para futuros programas de formación permanente para ir al encuentro de las motivaciones y expectativas de los entrenadores. En lo que se refiere a la continuación de los estudios relacionados con la actividad deportiva, Pérez (2002) también verificó el interés de todos los entrenadores en continuar su formación en este ámbito a través de la participación en cursos, seminarios y congresos. Confirmando el interés en continuar su formación, los entrenadores de una forma clara no estuvieron de acuerdo con el hecho de que la experiencia diaria pueda ser suficiente para mantenerse actualizado. La importancia y valorización atribuida por los entrenadores del estudio a la formación continua están de acuerdo con Côté et al. (2013), afirmando que para el crecimiento de un entrenador en su deporte, es muy favorable la conjugación de la formación informal con la ayuda de un mentor y una formación formal por la certificación de entrenador, pudiendo ser adquiridas ambas formaciones a lo largo de la vida.

5.1.6. DISCUSIÓN DE LA CONCEPCIÓN DE ENSEÑANZA

En el análisis de esta dimensión nos dimos cuenta del grado de concordancia que los entrenadores mostraron en relación con algunos aspectos de la Concepción de Enseñanza del fútbol. En general los aspectos fueron valorados de forma positiva, siendo uno de los más valorados, el hecho de que “el fútbol puede ser un medio para educar los jugadores”. Al respecto, Merino et al. (2015) hacen referencia a que el entrenador debe asegurar que el aspecto educativo se destaque en su identidad en relación al aspecto competitivo. Corroborado por Feu et al. (2010) quienes afirman que independientemente del modelo deportivo que pueda ser adoptado, para un atleta en edad escolar, el deporte es una actividad que puede y debe tener un fuerte componente educativo. El autor insiste en que, para que esto pueda ser posible, es esencial tener profesionales, incluido entrenadores de fútbol, bien formados en todos los niveles deportivos.

Dos de los aspectos más valorados, eran el facto de ser primordial que los jugadores se diviertan practicando fútbol, y también que a través del fútbol podemos transmitir valores que contribuyan en su educación. Estos aspectos son reforzados por Stafford (2010) que dice que las intenciones de la práctica deportiva no se agotan sólo en el desarrollo de competencias motoras de los atletas, sino que es preponderante que se cimienten en el fomento de valores y actitudes, cruciales para el desarrollo de la alfabetización física y para la fidelización a la práctica deportiva para la vida.

Otro de los aspectos más valorados fue que todos los jugadores debían participar en las competiciones independientemente del resultado. Este es un aspecto importante para que todos tengan oportunidad de aprender compitiendo, pero muchas veces los entrenadores se dejan llevar por los aspectos resultadistas y condicionan, aún que no de forma intencional, el crecimiento de las capacidades de los niños y jóvenes, retirando oportunidades de experimentar la competición de una forma saludable. En este sentido, Lapresa et al. (2017) argumentan que los entendidos son unánimes en apuntar al formato competitivo 3x3 como la propuesta de juego de fútbol más recomendada en la etapa de iniciación de la modalidad, constituyendo la unidad mínima que permite el desarrollo de todos los principios del juego necesarios para su efectiva comprensión. Contrariando lo que se presentó anteriormente, los resultados obtenidos por el equipo en las competiciones fue el aspecto que los entrenadores en estudio atribuyeron menor

valoración, considerándolo como menos importante. Habitualmente asistimos muchas veces a lo contrario, probablemente los entrenadores sin la tensión competitiva de los resultados saben que el resultado no es lo más importante, pero es necesario que ese discernimiento se transfiera para el campo. Los datos mostraron que los entrenadores de las categorías más bajas que competían en fútbol 7, fútbol 5 y fútbol 3, daban menos importancia a los resultados obtenidos por el equipo en las competiciones en comparación con los entrenadores de la categoría más alta que competían en fútbol 11. Esta información viene a reforzar la utilización del formato de juego 3x3 para que los entrenadores puedan enfocar su atención en el aprendizaje de los principios fundamentales y específicos del juego y con la disminución de la complejidad del juego por su formato simplificado disminuyendo también la competitividad negativa. El fútbol 3 puede ser un formato facilitador no sólo del aprendizaje de la técnica de base y del gesto motor específico del juego, sino que, además, puede evitar la exagerada carga táctica y estratégica generadora del resultado (Lapresa et al., 2010).

Para reforzar lo que estamos hablando confirmamos un grado de acuerdo alto por parte de los entrenadores ante el pensamiento de que la competición era sólo un aspecto más en la formación deportiva de los jugadores. Esta afirmación es corroborada por Merino et al. (2015), indicando que la importancia atribuida al resultado y a la competitividad en el juego es claramente significativa en el contexto deportivo, al mismo tiempo que condicionan la participación y la instrucción del entrenador en cuanto al contenido. En lo que se refiere a los métodos de enseñanza utilizados, los resultados mostraron alguna contradicción, ya que tanto los métodos directivos como los métodos basados en el descubrimiento fueron valorados de forma positiva y como los utilizados con más frecuencia. Este equilibrio en las respuestas puede revelar alguna indecisión de los entrenadores en relación con el método que consideran más adecuado. Por otro lado estos resultados son en parte contrariados por Lledó et al. (2014), quienes evidencian que los entrenadores emplean sobre todo métodos directivos, donde el técnico toma todas o una gran parte de las decisiones y el jugador sólo reproduce el esquema de acción definido por el entrenador. Pill (2012) también apoya esta idea afirmando que el uso de estrategias de instrucción directiva debe surgir sólo con el propósito de mejorar la participación del jugador en juego, en lugar del juego emerger después de la práctica sistemática de las habilidades de forma separada, pues el atleta no está completamente preparado para el juego sólo porque domina una determinada habilidad. En este sentido

Mesquita et al. (2008) revelaron un predominio de la aplicación de tareas informativas, en comparación con una utilización reducida de tareas de perfeccionamiento, lo que parece indicar un precario desarrollo didáctico de los contenidos, lo que va al encuentro de un estilo directivo.

Aun fue posible percibir a través de los resultados que, los entrenadores consideraron suficientes las instalaciones de que disponían habitualmente. En los últimos años ha existido una inversión, principalmente por parte de las comarcas, en los equipos deportivos mejorando mucho las instalaciones. Las condiciones creadas son importantes para un correcto desarrollo de los atletas, como refiere Pazo et al. (2012) uno de los factores más influyentes en la formación del futbolista es el contexto deportivo donde está inserto y las condiciones de que dispone. Los mismos autores afirman que la formación deportiva en un medio favorable constituye la solución para la obtención del éxito deportivo, donde el entrenador es su máximo exponente. Otro de los aspectos resaltados de nuestro estudio fue que la competición se ajustaba a las características psicoevolutivas de los jóvenes jugadores. Este es un factor también destacado por Garganta (1998), siendo importante desarrollar en los practicantes una disponibilidad motora y mental que supere en gran medida la simple automatización de gestos. En este sentido Ruiz et al. (2014) confirman la importancia de que los jugadores se sientan competentes para solucionar los problemas tácticos de su deporte, percibiendo que este sentimiento aumenta su nivel de competencia.

5.1.7. DISCUSIÓN DE LA PLANIFICACIÓN Y PROGRAMACIÓN

De acuerdo con los resultados de la dimensión Planificación y Programación, podemos destacar en primero lugar, que el aspecto más valorado por los entrenadores fue el hecho de normalmente mantener relaciones amistosas con sus jugadores. Lo que está de acuerdo con Light y Harvey (2015) cuando destaca la intervención basada en el diálogo, la reflexión y la interacción social como elementos facilitadores del aprendizaje y de una comprensión más profunda. Contrariamente, el aspecto en el cual los entrenadores mostraron clara discordancia fue el hecho de evaluar solo en el final de la temporada. Lo que viene al encuentro de la opinión de Buceta (2004), cuando dice que el entrenador debe procurar evaluar la eficacia de su trabajo en las sesiones de entrenamiento regularmente, pues de esta forma sabrá cómo responden los deportistas a

las exigencias, lo que funciona bien en su dinámica y lo que debe cambiarse para optimizar la rentabilidad de su entrenamiento. En este sentido, Labrincha y Gaspar (2004) refieren que el control y evaluación del entrenamiento es un aspecto importante para la reformulación de la planificación proporcionando un feedback indispensable para la performance deseada. Aún sobre este aspecto el Programa Nacional de la Formación de Entrenadores define que es necesaria la tarea de evaluación de todo el proceso, intentando estudiar, analizar y decidir acerca de la utilidad de las herramientas manejadas en el proceso, sino también su valor, significado o calidad (Instituto Portugués de Deporte y Juventud, 2010). En cuanto a todos los otros aspectos, fueron valorados de forma positiva, aunque en relación con la formulación de objetivos para el trabajo en estas edades, se comprobó una mayor división entre los que entendían que los objetivos deberían ser fundamentalmente competitivos y los que entendían que los objetivos deberían ser fundamentalmente recreativos. A pesar de esta división, de una forma global estos resultados van al encuentro de lo que revela Feu et al. (2007), que los entrenadores que trabajan en las categorías con jugadores más jóvenes, presentan una mayor orientación para enfoques educativos y recreativos, y una menor orientación hacia el rendimiento. Aún sobre este aspecto Del Bosque (2013) afirma que la excelencia deportiva, no debe ser entendida apenas como la conquista de títulos y trofeos, sino principalmente como la búsqueda de una forma ética y estética para alcanzar las conquistas del desarrollo personal y social.

En lo que se refiere a los niveles de programación, se verificó que la mayoría de los encuestados tenía la costumbre de programar la temporada antes de que comenzara. Lo que está de acuerdo con lo que Lledó y Huertas (2012) encuentran en la secuencia de su estudio, pues también constatan que la mayoría de los entrenadores encuestados afirman realizar una programación anual. En concordancia con estos resultados el Programa Nacional de la Formación de Entrenadores en lo que se refiere a la planificación, afirma que el entrenador tiene la tarea de definir un programa paso a paso para alcanzar el objetivo del ejercicio propuesto, de la sesión de entrenamiento, de un conjunto de sesiones tanto a nivel del Microciclo, Mesociclo, o Macrociclo, de toda la temporada, o en una serie de épocas en el caso de la planificación plurianual (Instituto Portugués de Deporte y Juventud, 2010). En relación con la costumbre de programar el trabajo mensualmente, semanalmente o diariamente, se observó que la opción de programar el trabajo semanalmente tuvo más grado de acuerdo comparativamente con las otras

opciones. La investigación de Brink et al. (2014) refuerza estos resultados, pues en la percepción del esfuerzo del jugador frente al previsto por el entrenador, la planificación semanal por su proximidad temporal disminuye el margen de discordancia de la intensidad de entrenamiento favoreciendo el proceso de adaptación de la carga de entrenamiento. Como hemos visto en la programación la mayor parte de los entrenadores manifestaron la intención de hacer la evaluación inicial de los jugadores al inicio de la temporada, estos confirmaron también la intención de realizar la programación a partir de la evaluación inicial. Teniendo en cuenta esta información no basta con que la programación incluya una evaluación inicial, es importante añadir lo que Santos et al. (2018) consideran, es perentorio la experimentación y reflexión para que se pueda aumentar de forma significativa la calidad de las experiencias de desarrollo vivido por los atletas.

Según Santos et al. (2018) el aprendizaje a través de la práctica deportiva representa el contexto con mayor relevancia en la promoción del Desarrollo Positivo de los Jóvenes. En ese sentido, en lo que respecta a algunas metodologías de entrenamiento se toma nota de que existía una clara valoración positiva por parte de la mayoría de los encuestados referente al hábito de trabajar los medios técnico-tácticos con oposición, de dar más prioridad a los aspectos técnico-tácticos que a los físicos y al hábito de utilizar una metodología lúdica. Estos resultados no están muy de acuerdo con los resultados encontrados por Lledó et al. (2014), pues los técnicos encuestados en esta investigación indican que los contenidos prioritarios en el entrenamiento tradujeron un cierto nivel de equilibrio entre los contenidos específicos, en particular la técnica, la táctica y los contenidos generales más relacionados con la condición física, y no una prioridad de los aspectos técnico-tácticos encontrados en nuestro estudio. A este respecto para el trabajo de estos aspectos, González-Víllora et al. (2013) hallan que el conocimiento declarativo y procesual, tiene un mejor efecto a nivel de los aspectos técnico-tácticos individuales de los jugadores comparados con los aspectos colectivos. Los autores consideran incluso que estas informaciones son importantes, para ayudar a mejorar la programación del proceso enseñanza-aprendizaje en el fútbol.

En lo que respecta a algunos aspectos de relaciones interpersonales establecidas por el entrenador, los encuestados confirmaron que era fácil para ellos motivar a sus jugadores. De acuerdo con Chelladurai et al. (1999) esta facilidad en motivar a los

atletas puede estar relacionada con una preferencia por la enseñanza o por el entrenamiento. Estos resultados también están de acuerdo con la preocupación de Maestre et al. (2018), cuando señala que los entrenadores que actúan en la formación de jóvenes deportistas deben conferir mayor relevancia a los aspectos que definen la dimensión personal. Los resultados encontrados son positivos porque, de acuerdo con Fraser-Thomas et al. (2005), la programación del entrenamiento para jóvenes deportistas tiene que tener la preocupación de desarrollar activamente relaciones de apoyo entre niño y adulto, sea en la relación con el padre, sea con el entrenador, para que se aseguren de esta forma resultados positivos para el desarrollo del joven atleta. Para los encuestados también resultó fácil mantener relaciones cordiales con los padres de los jugadores, no tenían dificultades en controlar los entrenamientos y normalmente los jugadores eran asiduos a los entrenamientos. Estos resultados están de acuerdo con Galatti et al. (2015), cuando mencionan que el desarrollo eficaz del proceso de enseñanza del fútbol, además de buscar contar con atletas motivados y comprometidos con el proceso, debe ser conducido por la figura de un entrenador, que necesita saber gestionar algunos conocimientos intrapersonales, interpersonales y profesionales.

Con respecto a los contenidos y objetivos de trabajo en el fútbol formativo, los entrenadores en estudio asumían que tenían claro los contenidos que se debe trabajar en estas edades y que formulaban objetivos fundamentalmente educativos para estas edades. Para facilitar la concreción de los objetivos educativos Merino et al. (2015) destacan que es importante la incorporación de diversos agentes educativos, como es el caso de la familia y otros agentes deportivos que puedan participar, pues de esta forma, se atenúan algunos aspectos emocionales que puedan ser negativos y potencia los valores educativos, factores que contribuyen de forma determinante para un aprendizaje efectivo, no sólo para la competencia deportiva, sino sobre todo para la vida.

Por último, en esta dimensión de Planificación y Programación la mayoría de los entrenadores encuestados asumieron la intención de, en el futuro, entrenar en categorías superiores. La tendencia que muestra este resultado está de acuerdo con las semejanzas encontradas por Zapata et al. (2015) en el aspecto de la planificación y programación del trabajo entre categorías séniores y categorías de formación, en lo que se refiere a la utilización de un modelo de planificación centrado en el microciclo de entrenamiento, como también pudimos ver en nuestros resultados. De esta forma, los resultados

también nos sugieren lo mismo que Zapata et al. (2015) encontraron en los escalones de formación, o sea que no parece ser una prioridad la evolución del joven jugador en el proceso de formación, sino que está existiendo una preocupación por los resultados inmediatos, prerrogativa de las categorías séniores. En este sentido, el trabajo basado en el microciclo favorece la dimensión competitiva, juego a juego, semana a semana. Probablemente para poder huir un poco a esta tendencia sería preferible tener los contenidos de trabajo definidos con base en una programación anual y mensual intentando cada semana cumplir lo que estaba previamente determinado, no dejando que el aspecto competitivo se tome cuenta del proceso.

En el global los resultados nos llevan a concluir lo que fue afirmado por Galatti et al. (2015), que la calidad en el desarrollo de los entrenamientos queda dependiente de la intervención del entrenador, que es responsable de organizar, sistematizar, ser operativo y evaluar los contenidos desarrollados.

5.1.8. DISCUSIÓN DE LA NECESIDADES DE FORMACIÓN

En el transcurso de esta dimensión fue posible percibir los contenidos en los que los entrenadores mostraban más interés para continuar su formación, podemos destacar los contenidos: “Metodologías de enseñanza del fútbol”, “Táctica y sistemas de juego”, “Metodología del entrenamiento deportivo”, “Coaching deportivo” y “Scouting en el fútbol” como los de mayor interés para los entrenadores y, por otro lado, los contenidos: “Seguridad deportiva” y “Organización y legislación deportiva”, como los de menor interés para los entrenadores. Los resultados son coincidentes con la investigación de Abad et al. (2013), donde los expertos destacan como las necesidades de formación que los entrenadores tenían, la metodología, técnico-táctica, psicología, preparación física y educación física de base.

Con respecto a las estrategias de formación importantes para continuar su formación, se comprueba como estrategias más elegidas: constituir grupos de trabajo entre entrenadores de fútbol, visualización y análisis de juegos y entrenamiento de fútbol en vídeo y la participación en workshops prácticos. Las estrategias elegidas están alineadas con Côté y Gilbert (2009), en el sentido de que los entrenadores deben procurar desarrollar conocimientos y competencias que pueden ser logradas a través de nuevas experiencias, aprendiendo en el recorrido del ejercicio de su actividad, participando en

formaciones formales o informales y reflejando con otros entrenadores, para que puedan adquirir ese conocimiento en una multiplicidad de áreas.

Por último, considerando los entrenadores que valoraron de forma positiva la intención de optar por una estrategia de formación académica, la mayoría eligió la licenciatura en deporte como forma de continuar su formación. Estos datos fueron de cierta manera, sorprendentes pues parten de una pregunta opcional a la que muchos respondieron tener esta intención. Del mismo modo Abad, Benito et al. (2011) mencionan también con alguna sorpresa que la mayoría de los entrenadores consideraron importante tener una formación académica para poder ejercer sus funciones en el entrenamiento del fútbol base. Estos resultados vienen a reforzar la importancia de la formación universitaria destacada por Mesquita et al. (2008), mostrando que los entrenadores que se licencian en Educación Física y Deporte se distinguen claramente de los que no son licenciados, pues aplican más tareas de perfeccionamiento y buscan informar mejor a los jugadores de los criterios de éxito de realización de las tareas.

5.2. DISCUSIÓN DEL ANÁLISIS INFERENCIAL

5.2.1. RELACIÓN CON LA EXPERIENCIA COMO JUGADOR

Ante la importancia de tener formación universitaria la principal diferencia estuvo entre los entrenadores que todavía jugaban al fútbol, quienes valoraron la formación académica y los entrenadores que nunca jugaron, que curiosamente de la misma manera no valoraron la formación académica. Estos dos grupos de entrenadores asumieron perspectivas totalmente diferentes, siendo que los que todavía jugaban refuerzan la opinión de Santos et al. (2010), cuanto a la mayor percepción de competencia a través de la formación académica. También se encontraron diferentes grados de importancia atribuidos a la formación universitaria en relación con los entrenadores que fueron jugadores, notándose que los que todavía jugaban, daban más importancia y los que nunca jugaron daban menos importancia a este tipo de formación. De esta forma es preocupante percibir que aquellos que nunca jugaron no solo no valoraron el aprendizaje que procede de la práctica de la modalidad sino que también no estimaban otra forma de aprendizaje desde un punto de vista más teórico, así se puede afirmar que este tipo de entrenador no bebe de ninguna fuente de conocimiento lo que deja la

calidad de su intervención en entredicho. Côté et al. (2013) contradicen esta realidad afirmando que para el desarrollo avanzado de un entrenador en una determinada modalidad competitiva, es beneficioso la conjugación de varios factores, entre ellos la formación académica en el área, combinada con la experiencia en cuanto atleta y con la experiencia como entrenador, preferentemente si es diversificada en términos de funciones.

Los que nunca jugaron dieron menos importancia al hecho de haber sido jugador de fútbol federado en comparación con los entrenadores que fueron jugadores de fútbol o los que todavía jugaban. Es normal que cada uno valore su experiencia y su recorrido o infravalore la ausencia de ese recorrido. Así como los entrenadores que habían jugado en categoría sénior estimaban más el haber sido jugador federado, que aquéllos que habían jugado apenas en categorías de formación. Del mismo modo los entrenadores que jugaron más años, en comparación con los que jugaron menos años, daban más importancia al hecho de haber sido jugador de fútbol federado. Los resultados nos dicen también que la mayoría de los entrenadores que fueron jugadores tenían un grado de certificación más elevado en comparación con aquellos que todavía jugaban, siendo que la mayor parte de éstos aún no tienen la certificación mínima. Hay alguna naturalidad en estos datos una vez que los que todavía están jugando se mantienen vinculados al papel de jugador y aún no han dado el paso decisivo para dedicarse al rol de entrenador que es manifiestamente diferente, mientras que los que ya dejaron de jugar hace más tiempo tuvieron el tiempo necesario para preparar y evolucionar su formación.

En general, podemos decir que los entrenadores encuestados que habían jugado en categoría sénior, valoraban más un conjunto de contenidos: “Organización de Clase”, “Seguridad deportiva”, “Lucha contra el dopaje” y “Didáctica del deporte”, que aquéllos que habían jugado en categorías de formación. Porque probablemente se encontraron a lo largo de su práctica deportiva en el fútbol sénior con situaciones que les llevó a entender estos contenidos como importantes para el desempeño de la actividad de entrenador. Con excepción de la “Didáctica del deporte”, los otros contenidos parecen tener una mayor conexión con el fútbol senior. En lo que se refiere a los años como jugador, podemos resumir diciendo que los encuestados que tenían el Grado III de entrenador eran también los que tenían más experiencia como jugadores. Parece ser que los entrenadores que fueron jugadores durante más tiempo muestran más

ambición en llegar al alto nivel, lo cual está en relación con el perfil establecido para el Grado III por el Programa Nacional de la Formación de Entrenadores (Instituto Portugués del Deporte y Juventud, 2010).

5.2.2. RELACIÓN CON EL GRADO DE CERTIFICACIÓN

Teniendo en cuenta los resultados pareció existir una relación entre la edad y el grado de certificación como entrenador, habiendo sido posible percibir que el grupo de entrenadores más jóvenes tenía menos formación o ninguna y a medida que los entrenadores eran más viejos presentaban un grado de certificación más elevado, lo que está de acuerdo con Abad (2009). Más concretamente, la mayoría de los entrenadores más jóvenes no poseían ninguna certificación para el ejercicio de sus funciones, los entrenadores con una edad intermedia sólo presentaban el Grado I de la certificación y sólo los entrenadores con más edad ostentaban los grados más elevados de certificación de entrenadores. Hecho que no debe ser ajeno el tiempo y los medios financieros que los entrenadores de más edad ya tenían para poder invertir en más formación, contrariamente al poco tiempo y medios financieros que los entrenadores más jóvenes todavía no disponían para dedicar a su formación. No obstante, el poco tiempo de los más jóvenes también puede significar en muchos de los casos poca experiencia y desde esa perspectiva sería más importante que los más jóvenes tuvieran más formación para de alguna manera compensar la poca experiencia. En cualquier caso, no puede atenuarse el hecho de que existan entrenadores con ausencia total de formación. Este aspecto es importante porque la formación de los entrenadores repercute en las variables motivacionales de los deportistas, desencadenando diferencias significativas en los niveles de autodeterminación de los jóvenes en relación con su práctica deportiva (Pulido et al., 2016).

Los resultados revelaron que los entrenadores que eran estudiantes o desempleados, fueron aquellos que mayoritariamente no presentaban ninguna certificación para el desempeño de las funciones, mientras que los entrenadores que tenían una profesión, principalmente los que trabajaban por cuenta de otros presentaron mayoritariamente certificación de Grado I. Esta información puede estar en relación con las cuestiones de disponibilidad financiera de los entrenadores más viejos, y con los años que ya han dedicado a la inversión en su formación. En este sentido es importante que los técnicos

sean remunerados, no solo como compensación legítima por su trabajo, más también para que tengan condiciones de invertir en su formación. A pesar de no conocer exactamente la situación retributiva de los técnicos, la realidad que encontramos parece ser diferente de lo que encontró Nuviala, Tamayo, Fernández, Pérez-Turpin, y Nuviala (2011) donde el 90% de los técnicos deportivos tenían contrato. Los resultados de nuestra investigación permiten ir al encuentro de Chelladurai y Ogasawara (2003), sugiriendo que el contenido del trabajo es más importante que la remuneración, pues percibieron que las variables intrínsecas del trabajo de los entrenadores son más valoradas cuando son comparadas con la compensación financiera.

La mayoría de las veces tener más edad también representa más experiencia de entrenamiento y por eso los resultados también reflejaron una relación entre el grado de certificación y los años de experiencia como entrenador, siendo que los entrenadores con menos años de experiencia revelaron un grado de certificación menor o inexistente y, a medida que verificamos entrenadores con más años experiencia percibimos que la tendencia fue para que éstos presentaran progresivamente un mayor grado de certificación, mayoritariamente Grado II. Se hizo evidente que cuanto más tiempo hace que terminaron el curso de entrenadores más grados de certificación como entrenadores poseían. De esta forma parece existir una relación entre el tiempo que los entrenadores terminaron el curso con el nivel de certificación.

5.2.3. RELACIÓN CON LAS ESTRATEGIAS DE FORMACIÓN

Se constató que los entrenadores de mayor edad daban más importancia a participar en jornadas, seminarios o congresos. Probablemente por la mayor necesidad de actualización y la tentativa de prolongar su carrera como entrenador. Los resultados también revelaron que los encuestados que querían llegar a entrenador profesional, estimaban más la participación en jornadas, seminarios y congresos, que los que les gustaba el fútbol, el entrenamiento y la enseñanza. Puede ser una cuestión de ambición con la necesidad de invertir para estar más preparado. De esta manera, cuanto más edad tenían los entrenadores más importancia atribuyeron a leer libros y revistas de fútbol como forma de actualización. Por otra parte, el grupo de entrenadores más jóvenes valoraron más la formación Universitaria asignando más importancia comparativamente con el grupo de entrenadores mayores. De cierta forma estas dos diferentes tendencias

parecen ser naturales porque probablemente los entrenadores con más edad son más reflexivos, resguardados y con mayor relación con una fuente de información material como son los libros y revistas, y, por el contrario, los jóvenes se prestan más a formas digitales y tienen una prospectiva mayor de inversión en el futuro buscando formas de dar respuesta a esas ambiciones. No obstante, el hecho de que algunos entrenadores buscasen formación en los libros y revistas está de acuerdo con Pérez (2002), que entre otras formas verificó en su investigación que los entrenadores para continuar su formación lo hacían a través de lecturas. Los resultados también reflejaron que los entrenadores con menos experiencia eran los que no atribuyeron tanta importancia al hecho de intercambiar ideas en los *blogs* de fútbol de *internet*, siendo los entrenadores con más experiencia los que valoraban más esta participación. Podemos decir que mientras se adquiere más experiencia, las formas facilitadas de intercambio de información, como los *blogs*, se vuelven más importantes con la madurez de las ideas y la capacidad de reflexionar sobre ellas.

Con nuestros resultados conseguimos percibir que de forma general los entrenadores que poseían una formación académica superior valoraban más niveles de formación superior, contrariamente a los que presentan cualificaciones académicas inferiores. Estos resultados son esperables pues cuando no se conoce todo aquello que es necesario dominar para realizar un buen trabajo, no se sabe lo que se está ignorando y luego no se valora.

5.2.4. RELACIÓN CON LOS CONTENIDOS DE LOS CURSOS

Cuando relacionamos la edad de los entrenadores con los contenidos por los cuales revelaron mayor interés se percibe que existía una tendencia a que los entrenadores de más edad atribuyeran más importancia específicamente a los contenidos: “Capacidades físicas/motoras”, “Técnica y táctica”, “Metodología del entrenamiento de fútbol” y “Lucha contra el dopaje”.

Se detectó que los entrenadores que habían terminado el curso hacía más tiempo entendían que los contenidos del curso no eran completamente suficientes para entrenar en el fútbol de formación, probablemente se sostiene con el hecho de que éstos hayan pasado más tiempo sin formación y de esta forma sienten mayor necesidad de información a través de las dimensiones del proceso entrenamiento competición y

también porque su mayor experiencia puede proporcionar una mayor capacidad crítica. Sin embargo, fue diferente con los entrenadores que estaban terminando el curso en la fase de prácticas, ya que estos consideraban suficientes los contenidos que acababan de recibir y que estaban empezando a poner en práctica.

Los datos mostraron que los encuestados que les gustaban el fútbol, el entrenamiento y la enseñanza, valoraban más el contenido “Lucha contra el dopaje”, que aquéllos que querían llegar a entrenador profesional. Pues parecen ser entrenadores con un foco menos competitivo y más pedagógico y por eso los aspectos morales e de la ética están más presentes en sus juicios. Estos resultados pueden estar relacionados con la idea expresada por Pérez (2002) en su estudio, donde los entrenadores mostraron que poseen características de gran honestidad, compromiso, empatía y motivación.

Aún con referencia a los contenidos del curso, los entrenadores de Grado I fueron los que estuvieron más de acuerdo con el hecho de que esos contenidos eran suficientes para entrenar en el fútbol de formación, en comparación con la opinión de los entrenadores de Grado II. Siendo los entrenadores de Grado II los que en principio ya acumularon mayor experiencia, son también éstos probablemente los que sintieron más desafíos durante su actividad, que los lleva a pensar que son tantas las variables del proceso entrenamiento-aprendizaje-competición que les hace sentir la necesidad de explorar otros contenidos subyacentes a la intervención del entrenador.

5.2.5. RELACIÓN CON LAS CATEGORÍAS DEL FÚTBOL

Los resultados mostraron que existió una relación proporcional entre la categoría en la que entrenaban y el grado de certificación que poseían, siendo las categorías inferiores las que tenían entrenadores con un menor o inexistente grado de certificación y las categorías más altas tienen entrenadores con un grado más alto. Estos resultados están de acuerdo con el perfil establecido por el Programa Nacional de la Formación de Entrenadores para cada uno de los grados, siendo creciente el nivel de los practicantes que están bajo la responsabilidad de estos entrenadores (Instituto Português del Deporte y Juventud, 2010).

Otro de los aportes de los resultados fue que los entrenadores de las categorías superiores (Iniciados/Juveniles) consideraban la “Didáctica del deporte” como uno de

los contenidos más útiles del curso de entrenadores para su actividad, en comparación con los entrenadores de las categorías inferiores (Petizes/Traquinas) y también en comparación con la última categoría de la formación (Júniors). Tal vez en esta fase intermedia de transición para el fútbol 11, de cambio corporal y psicológico del joven, estos cambios representen un mayor desafío para el entrenador que hace que se sienta con mayor necesidad de formación en contenidos de la “Didáctica del deporte” para ayudarlo a dar respuesta a los problemas inherentes a la edad de estos jóvenes.

Los resultados mostraron que los entrenadores de la categoría de formación más alta (Júniors) estaban más de acuerdo con la formulación de objetivos competitivos en el fútbol de formación en comparación con los entrenadores de las categorías de base (inferiores a sub13). Podemos decir que estos resultados se presentan en una lógica positiva, pues la última categoría de la formación de los jóvenes jugadores ya está dedicada a la especialización y preparación para el rendimiento y de esa manera pueden ser definidos objetivos competitivos, en un sentido inverso con las primeras categorías del fútbol de base donde deben definirse objetivos más educativos y formativos. Por lo tanto, Galatti et al. (2015) aluden a que se deben establecer procedimientos pedagógicos que se ajusten al grupo de los practicantes, al contexto de inserción y a la lógica funcional de la modalidad.

Los resultados mostraron que los entrenadores que entrenaban en las categorías de formación más altas atribuyeron más importancia al hecho de tener el título de entrenador de fútbol, relativamente a los entrenadores que entrenaban en las primeras categorías inferiores. Parece que los entrenadores sienten más necesidad de formación cuando entrenan jóvenes jugadores de que cuando entrenan niños pequeños que se están iniciando. Esto puede tener que ver con el mayor número de parámetros físicos a dominar en una fase sensible para el trabajo de las capacidades motoras condicionales. Sin embargo, por otro lado, las categorías con niños pequeños requieren también un nivel de dominio de estrategia psicopedagógica importante para el éxito del proceso de entrenamiento aprendizaje, y, desde este punto de vista, las necesidades de formación también son apremiantes. Estos resultados se confirmaron cuando se hizo el análisis basado en el formato de juego en competición, es decir, los entrenadores que competían en categorías de fútbol 11 daban más importancia a tener el título de entrenador que los entrenadores que lo hacían en categorías de fútbol 7 o menores, lo cual puede tener que

ver con la creciente complejidad del juego. Aun así, es favorable lo que encontraron Fernández, Yague, Molinero, Márquez, y Salguero, (2014), pues teniendo en cuenta la etapa de transición donde ocurre el cambio del fútbol 7 para el fútbol 11 con la subida de escalón, fueron detectados en los atletas índices bastante positivos a nivel motivacional. Según Fernández et al. (2014) estos niveles de motivación favorables pueden proporcionar una predisposición al aprendizaje de nuevas habilidades por parte del atleta. Este aspecto también puede hacer que el entrenador se sienta de cierta forma presionado a saber más o a sentir mayores niveles de responsabilidad.

5.2.6. RELACIÓN CON LA CONCEPCIÓN DE ENSEÑANZA

Los entrenadores más jóvenes eran más sensibles al hecho de que todos los jugadores debían participar en la competición, en comparación con los entrenadores de más edad. Tal vez los entrenadores más jóvenes puedan dar más importancia a este aspecto, mientras que los entrenadores mayores proceden de una forma más tradicional y conservadora preocupada con el rendimiento del equipo.

También fue posible percibir un claro acuerdo de los entrenadores con el hecho de que el fútbol podía ser un medio para transmitir valores educativos, principalmente por los entrenadores más jóvenes. Siendo un tema más actual, los entrenadores más jóvenes están más despiertos para esta problemática, pero debe ser una preocupación común a todos los entrenadores, pues de acuerdo con Ortega et al. (2015) el entrenador es el elemento central para la transmisión de valores en el deporte.

Los datos también mostraron que los entrenadores de más edad estaban más de acuerdo con la opinión de que el fútbol puede ser un medio a través del cual es posible educar sus jugadores. Curiosamente los entrenadores mayores fueron los que creyeron más en el potencial educativo del fútbol, lo cual puede estar relacionado con un nivel de conciencia superior ganado por su madurez y experiencia. En este sentido Olmedilla et al. (2004) consideran que quien tiene la clave del aspecto educativo en el deporte es el entrenador. De acuerdo con Lledó y Huertas (2012) son los técnicos deportivos con formación universitaria los que dan más importancia al propósito educativo del proceso de enseñanza-aprendizaje. A este propósito Giménez (2003) señala que el deporte sólo debe concebirse como un medio educativo. Es perceptible que los entrenadores que presentaban una mayor habilitación académica estaban menos de acuerdo con la

utilización frecuente de métodos de enseñanza directivos, lo que está de acuerdo con Lledó et al. (2014) cuando afirman que el entrenador que recibe formación universitaria en el área de Educación Física y Deporte tiene una mayor probabilidad de abdicar de modelos de intervención más tradicionales.

Los entrenadores que poseían solamente la Educación Básica tenían más claro que la competición era sólo un aspecto más en la formación deportiva de los jugadores en comparación con los entrenadores que contaban con una Educación Superior. Una posible razón para este hecho es que, según Santos et al. (2010) los entrenadores con formación superior tienen una mayor percepción de su competencia, que los hace tener un perfil más competitivo con potencial para una titulación de grado más elevado, revelando un mayor dominio, así como atribuir mayor importancia a la competición. Por otra parte, cuando existe una mayor inversión en formación formal, posiblemente la exigencia tiende a subir, lo que puede influir en la forma de encarar la competición.

Los entrenadores que tenían el curso hacía algunos años, estaban más de acuerdo con la utilización frecuente de métodos de enseñanza basados en el descubrimiento, en comparación con los que nunca hicieron el curso. El curso parece ser un punto importante en la definición de las metodologías utilizadas, es a través de la formación que se despiertan conceptos innovadores y más ajustados. Por otro lado, en el estudio de Lledó et al. (2014) la comparación se hizo con los entrenadores con formación académica y los técnicos deportivos que sólo realizaron el curso de entrenadores, siendo que en este caso eran estos últimos los que empleaban modelos más tradicionales de intervención, como son los métodos directivos. Es decir, parece ser que siempre que existe un mayor nivel de formación formal los métodos de enseñanza basados en el descubrimiento ganan fuerza en detrimento de los métodos directivos más tradicionales. La importancia de estos resultados es reforzada por las conclusiones de Hortigüela et al. (2015), quienes muestran que grupos de alumnos sujetos a metodologías tradicionales, aumentaron de forma significativa su percepción de un clima orientado hacia el ego. Por el contrario, los grupos de alumnos que experimentaron un estilo comportamental, desarrollaron una percepción significativamente diferente con un clima más orientado a la tarea. En consecuencia, cuando se aplican metodologías de enseñanza deportivas abiertas y participativas, puede existir una mayor implicación y motivación de los jugadores.

El análisis de los datos reveló que los entrenadores que nunca hicieron el curso daban menos importancia a los resultados obtenidos por el equipo en las competiciones, cuando los comparamos con entrenadores que habían terminado el curso hacía más de nueve años. La misma tendencia se verificó con los que estaban en las prácticas terminando el curso en comparación con los que ya habían terminado hace más de tres años. Podemos decir que cuanto más tiempo pasó después de obtener el curso de entrenadores más importancia atribuían a los resultados competitivos. Esto puede suceder porque con el paso de los años se van olvidando algunos principios pedagógicos abordados en los cursos, pero, por otro lado, el hecho de dar menos importancia a la competición por parte de los que nunca hicieron el curso no es necesariamente positivo pues puede sugerir alguna falta de compromiso con la actividad.

Los entrenadores que todavía jugaban mostraron estar más de acuerdo con la posibilidad del fútbol transmitir valores educativos, en comparación con los que fueron jugadores y principalmente con los que nunca jugaron. Probablemente por el hecho de tener mentalmente más presente la importancia de estos factores en el recorrido de la práctica. Es determinante que el entrenador tenga la sensibilidad para intervenir y reflexionar con sentido de responsabilidad sobre los problemas de marco ético, cívico y social, ya que estos son los factores estructurantes de la formación inicial como entrenador (Instituto Portugués de Deporte y Juventud, 2010).

Con estos resultados se hizo evidente la diferencia entre aquellos que no tenían título de entrenador y los que eran entrenadores de Grado I o Grado II, pues los que no tenían título comparativamente con los que tenían, estaban menos de acuerdo con la utilización frecuente de métodos de enseñanza basados en el descubrimiento. Esta información refuerza la idea de que la formación traslada más innovación metodológica. En este sentido, Bettega et al. (2018) perciben basándose en observaciones de sesiones de entrenamiento, que los entrenadores aun trabajando de forma contextualizada, todavía buscan el desarrollo del aspecto técnico de forma aislada. De esta forma queda perceptible la dualidad que existe en el entrenamiento donde la formación puede ayudar a aclarar procesos de entrenamiento. El análisis de los datos mostró que los entrenadores de Grado II son los que atribuyeron mayor importancia a los resultados obtenidos por el equipo en las competiciones, en comparación con entrenadores de Grado I o con aquellos que no tenían ninguna formación. Una vez más un mayor grado de titulación,

acarrea también un perfil que atribuye a sus entrenadores otro interés por los resultados de las competiciones (Instituto Portugués de Deporte y Juventud, 2010).

5.2.7. RELACIÓN CON LA PLANIFICACIÓN Y PROGRAMACIÓN

Al analizar los resultados se deduce de forma evidente que los entrenadores con Máster eran apologistas de una programación diaria del trabajo cuando se comparan con entrenadores que tenían una Educación Básica o Secundaria. Supuestamente los entrenadores con un nivel de formación académica superior tienen una exigencia metodológica más compleja que los obliga a tener como base de trabajo esta forma diaria de programación, probablemente los entrenadores con habilitaciones literarias más bajas no sienten tanto esa necesidad porque tienden a optar por tareas más básicas. Los datos reflejaron que los entrenadores que tenían la intención de graduación daban menos importancia a la costumbre de programar el trabajo mensualmente en comparación con los que pretendían un Máster o un Doctorado. Un menor nivel de formación académica, aunque con una formación superior como objetivo en el horizonte, quizás no permita valorar lo suficiente una programación a medio o largo plazo, pues el grado de conciencia de la programación anticipada de contenidos es menor por la ausencia de un mayor conocimiento. Además, los entrenadores cuya intención pasaba por una formación académica elevada o máxima, entienden mejor la importancia de la determinación de contenidos a desarrollar a medio o largo plazo, principalmente en un trabajo con niños y jóvenes, porque estos entrenadores ya han tenido acceso a más información, y al pretender un nivel de formación académica elevada revelan un perfil de busca de conocimiento.

En general se encontró, poco acuerdo con el hecho de evaluar sólo en el final de la temporada, principalmente los entrenadores más jóvenes estuvieron menos de acuerdo con este procedimiento comparativamente con los entrenadores de más edad. Aparentemente se puede sostener con el hecho de que los entrenadores más jóvenes necesitan un control más regular para percibir si el camino que están recorriendo es positivo. Al mismo tiempo los entrenadores de más edad pueden estar más seguros en este aspecto y sentir que es suficiente la evaluación final. Los resultados señalaron también que los encuestados que querían llegar a entrenadores profesionales, valoraban más la costumbre de programar la temporada antes de que empezara, que aquéllos que

les gustaba el fútbol, el entrenamiento y la enseñanza. Puede ser considerada una forma de celo y demuestra la preocupación con hacer un buen trabajo. Por otra parte, los entrenadores de la ciudad capital de la región estuvieron más de acuerdo con una evaluación inicial de los jugadores al inicio de la temporada, en comparación con los entrenadores del litoral de la región estudiada. Quizás el nivel organizacional de los clubes de la ciudad permite a los entrenadores pensar más fácilmente en ese procedimiento y, por otro lado, el fácil acceso a la formación, por la mayor oferta formativa que existe en la ciudad, contribuye a sensibilizar a los entrenadores para una evaluación diagnóstica.

Además, curiosamente se observó que los entrenadores más jóvenes tenían más claro los contenidos que debían trabajar en estas edades en comparación con los entrenadores más viejos. Es posible que los entrenadores más jóvenes no tengan tanta conciencia de todos los contenidos necesarios o que inviertan más en formación, lo que les permite estar más cómodos con los contenidos a desarrollar. Otra posibilidad es que puede que los entrenadores mayores estén más desactualizados. En general, los resultados de nuestro estudio mostraron que los años de experiencia permitían tener más claros los contenidos a trabajar en las edades del fútbol de formación. Pero es necesario que esos años sean acompañados de formación continua que les garantice la actualización exigida. Es natural que como van acumulando años de experiencia vayan teniendo cada vez más certezas, constatándose las mayores diferencias entre los entrenadores con menos experiencia y los entrenadores con más experiencia. En este sentido, de acuerdo con Cunha et al. (2010) los entrenadores con menos experiencia reconocen menos necesidad de formación, aunque con el tiempo probablemente descubrirán cosas que puedan mejorar su intervención.

Los datos indicaron que los entrenadores con menos edad consideraban que los jugadores normalmente eran más asiduos a los entrenamientos comparativamente con los entrenadores con más edad. También fueron los entrenadores que todavía jugaban al fútbol los que estuvieron más de acuerdo con esta idea de que los jugadores normalmente eran asiduos a los entrenamientos, en comparación con los entrenadores que nunca jugaron. Tal vez los entrenadores que fueron jugadores sean más tolerantes y ven como normal alguna ausencia a los entrenamientos ya los que nunca pasaron por la experiencia de jugador tienen otra forma de ver las faltas o ausencias a los

entrenamientos. Pero también puede ser que los entrenadores que jugaron plantean estrategias más motivadoras para hacer que los jugadores no falten tanto a los entrenamientos.

Los resultados señalaron de una forma evidente que los entrenadores más jóvenes aspiraban a poder entrenar categorías superiores en un futuro, comparativamente con los entrenadores de más edad. Es natural que sean los jóvenes con muchos años por delante los que ambicionan entrenar en categorías superiores, contrariamente a los más viejos que están en una fase de mayor estabilidad, realización o conformismo. También fue revelado por los resultados que los encuestados que deseaban llegar a entrenador profesional, valoraban más la intención de entrenar en el futuro categorías superiores, que aquéllos que solo les gustaba el fútbol, el entrenamiento y la enseñanza. Esta información es coherente, pues es normal que los entrenadores que quieren entrenar en categorías superiores sean los mismos que desean llegar a entrenador profesional pues ese es el camino normal de la misma forma que los entrenadores que les gusta entrenar y enseñar se mantengan en la formación donde pueden tener la oportunidad de cumplir sus motivaciones. Estos encuestados que querían llegar a entrenador profesional, valoraban más el programar el trabajo diariamente, que aquéllos que les gustaban el fútbol, el entrenamiento y la enseñanza. Realmente este trabajo diario es acorde con un contexto profesional donde subyace un mayor nivel de complejidad y regularidad de trabajo, y los que están enfocados en la enseñanza pueden definir los contenidos de entrenamiento temporalmente más puntual definiendo contenidos a trabajar. Nuestro estudio mostro aún que los encuestados que pretendían llegar a entrenador profesional, estimaban más el trabajar habitualmente los medios técnico-tácticos con oposición, que aquéllos que les gustaba el fútbol, el entrenamiento y la enseñanza. Hay coherencia en estos resultados pues para que haya realmente el dominio de los gestos técnicos ellos tienen que mantenerse constantes incluso en situaciones de más dificultad característica del juego o sea en oposición con un adversario. Los encuestados que querían llegar a entrenador profesional, demostraron menos acuerdo con el hecho de evaluar sólo en el final de la temporada, que los que les gustaba el fútbol, el entrenamiento y la enseñanza. Posiblemente su ambición de llegar a entrenador profesional hace que la evaluación final sea insuficiente desde un punto de vista de alto rendimiento. Por último, los resultados expresaron que los encuestados que querían llegar a entrenador profesional, valoraban más el programar el trabajo semanalmente, que los que les gustaba el fútbol,

el entrenamiento y la enseñanza. Esto también está de acuerdo con una lógica de competiciones regulares y de trabajo basado en el microciclo de entrenamiento, buscando recuperar de la última competición y preparar la próxima, la dinámica de planeamiento de fútbol profesional está basada en el microciclo semanal competitivo.

5.2.8. RELACIÓN CON LAS NECESIDADES DE FORMACIÓN

Los resultados mostraron también que son los más jóvenes los que pretendían en mayor medida continuar formándose realizando un grado académico superior. Lo que termina por ser natural pues son aquellos que por excelencia alimentan aún una perspectiva de vida futura. Sin embargo, la legislación también contempla que la articulación de las diversas vías formativas pueda visar la formación a lo largo de la vida, donde debe ser estimulado el acceso de los entrenadores a la formación (*Despacho n.º 5061/2010, de 22 de marzo*). Teniendo en cuenta los entrenadores que respondieron a esta cuestión, principalmente para los que tuvieron una experiencia como jugador considerada mediana en años, pensaban en mayor medida seguir formándose con grados académicos de nivel superior. Estos resultados vienen al encuentro de la idea dejada por Figueiredo et al. (2014) relacionada con la posibilidad de establecer una fuerte colaboración entre los clubes profesionales y las instituciones de enseñanza, uno de los aspectos apuntados como potenciadores de desarrollo y donde se pueden crear nuevas formas de cooperación entre los distintos agentes. En este aspecto de la formación académica todavía podemos añadir que son los estudiantes los que tenían más intención de continuar su formación académica con un Máster, en relación con los que trabajaban por cuenta ajena que sólo aspiraban a una graduación.

Con relación a las estrategias para que los entrenadores continuasen su formación, fue posible percibir un conjunto de información. En primero lugar los entrenadores mayores, valoraban más las conferencias, congresos, jornadas o seminarios, comparativamente con entrenadores con edades medianas. Puede ser que los entrenadores de más edad estén en una fase más reflexiva. Por otro lado, los entrenadores más jóvenes, mostraron más interés en elegir la formación de grado académico como estrategia para continuar su formación en comparación con los entrenadores con edades medianas. Naturalmente los más jóvenes invierten más en su formación formal con una perspectiva de mayor apreciación. También los resultados

reflejaron que los entrenadores de la zona de la ciudad de Beja tuvieron más interés en la estrategia de visualización y análisis por vídeo para continuar su formación, que los entrenadores de la zona litoral. De alguna forma un acceso más facilitado a la tecnología por parte de los entrenadores de la ciudad con más oferta, puede influir en esta tendencia. En cuanto a los encuestados que pretendían llegar a entrenador profesional, se halló que estos valoraron más la estrategia de ver a otros colegas entrenar, comparativamente con aquéllos que les gustaban el fútbol, el entrenamiento y la enseñanza. Parece que el hecho de tener ambición de llegar a profesional hace que tengan más abertura y curiosidad para querer aprender con otros colegas y seguir evolucionando. Por otra parte, el hecho de que los entrenadores que les gustaba el fútbol, el entrenamiento y la enseñanza no valorasen tanto esta estrategia, no demuestra mucho sentido crítico lo que no parece ser tan positivo y puede mismo ser preocupante para su evolución. Los resultados también revelaron que los encuestados que deseaban llegar a entrenador profesional, estimaron más la estrategia de reflexión sobre la propia práctica, que aquéllos que les gustaban el fútbol, el entrenamiento y la enseñanza. Una vez más quedó evidente un mayor sentido crítico por parte de los entrenadores con ambición de llegar a profesional, la intención de evolucionar promueve una búsqueda de información centrada en la intervención del entrenador.

Con relación a los contenidos de formación para entrenadores, nuestros resultados revelaron un conjunto de información que puede ser útil para la estructuración de los cursos y de las iniciativas de formación. Uno de los contenidos que generó más interés en los entrenadores jóvenes en comparación con los entrenadores mayores fue el *scouting* en el fútbol. Siendo una actividad relativamente reciente o por lo menos con una expansión más actual, es normal que los entrenadores jóvenes estén más enterados que los entrenadores de más edad lo cual puede ser debido al desconocimiento que lleva a la no apreciación. Los resultados también permitieron destacar el hecho de que los entrenadores con nivel de Educación Básica tuvieron más interés en el contenido “Reglas del juego” comparativamente con los entrenadores que tenían Máster, mostrándose una diferencia clara. Seguramente los que tenían habilitaciones académicas superiores entendían ese contenido como básico y preferían centrar su atención en otros contenidos de su interés, al mismo tiempo que los entrenadores con nivel de Educación Básica sentían necesidad de centrar su atención en algo que es estructural pero que

probablemente no dominan. El nivel de habilitaciones académicas parece tener relación proporcional con el nivel de conocimiento del juego.

Considerando los resultados obtenidos, constatamos que los entrenadores de la zona interior de la región mostraron más interés en el contenido "Desarrollo profesional" que los entrenadores de las zonas de la ciudad o del litoral. El mayor aislamiento derivado de la interioridad de una zona menos desarrollada de la región hace que los entrenadores de esas zonas también sientan la necesidad de un mayor desarrollo profesional, de esta forma el contexto donde el entrenador ejerce su papel puede influir en sus necesidades de formación, siendo de alguna forma proporcional al nivel de desarrollo del contexto. Podemos decir que el contexto puede ser potenciador o no de la evolución del entrenador. Los resultados dejaron claro el menor interés en el contenido "*Coaching deportivo*" por parte de los entrenadores de las categorías más bajas. Trabajando con niños muy pequeños no es atribuida por parte de los entrenadores gran expresión a la dimensión mental e psicológica, siendo esta cuestión importante ya que en estas edades se empieza a moldear el carácter psicológico de los niños, pues según Buceta (2004) el inicio del desarrollo de las competencias psicológicas debe ser luego en la primera etapa de formación, esencialmente la motivación, la autoconfianza y la concentración. Adelino, Vieira, y Coelho (2000) advierten que es real la posibilidad de modificar, a través del entrenamiento, las competencias psicológicas del joven atleta. Los resultados hallados en el estudio expresaron que los encuestados que habían jugado en categoría sénior, valoraban más el contenido "Primeros auxilios e higiene en el deporte", que aquéllos que habían jugado en categorías de formación. Dada la intensidad colocada en el fútbol sénior y el nivel de contacto físico imprimido, el riesgo asumido es superior en relación con el fútbol de formación y en ese sentido el contenido que integra los primeros auxilios puede ser más valorado por los entrenadores que estuvieron en este contexto. La cuestión de la higiene, integrada en este contenido, debería ser una preocupación abordada esencialmente en el fútbol de formación. Los datos revelaron que los encuestados que habían jugado en categoría sénior, valoraban más el contenido "Dirección y coordinación técnica", que aquellos que habían jugado en categorías de formación. Al pasar por una experiencia competitiva con un nivel de organización casi siempre superior con el caso del fútbol sénior, inevitablemente serán más conscientes de la importancia que puede tener este papel, sin embargo es tan o más importante que estas funciones coordinadoras puedan existir efectivamente al nivel del fútbol joven

como garante de un trabajo de calidad. También fueron los encuestados que habían jugado en categoría sénior, los que estimaron más el contenido “Fundamentos sociológicos del deporte”. Podemos decir que la complejidad del tema acompaña la complejidad del juego, que es mayor en el fútbol senior, a pesar de los aspectos sociológicos que puedan influir más en franjas de edad más susceptibles a estos aspectos como es el caso de los jóvenes. En cuanto al contenido de “Nutrición deportiva” fueron los encuestados que querían llegar a entrenador profesional, los que atribuyeron mayor importancia. Cuando el resultado, la clasificación y el aspecto competitivo tienen más peso todos los pormenores son tenidos en cuenta, lo que no quiere decir que durante el proceso de formación del joven atleta no sea importante que los jóvenes adquieran nociones básicas de nutrición, de alimentación saludable, de reconocer los alimentos más valiosos nutricionalmente y energéticamente así como los que se deben evitar pero en el fútbol profesional el aporte calórico de calidad puede hacer la diferencia en el rendimiento. Los resultados expresaron que los encuestados que pretendían llegar a entrenador profesional, estimaron en mayor medida el contenido de “Observación y análisis de las habilidades deportivas”, que aquéllos que les gustaba el fútbol, el entrenamiento y la enseñanza. Tal vez estos resultados surjan por la razón de asociar más las cuestiones de observación y análisis a un rigor característico de un contexto profesional, no obstante la observación y análisis de las habilidades es un tema muy importante para la aprendizaje de las habilidades deportivas que decoren en el fútbol de formación.

6. CONCLUSIONES DE LA INVESTIGACIÓN

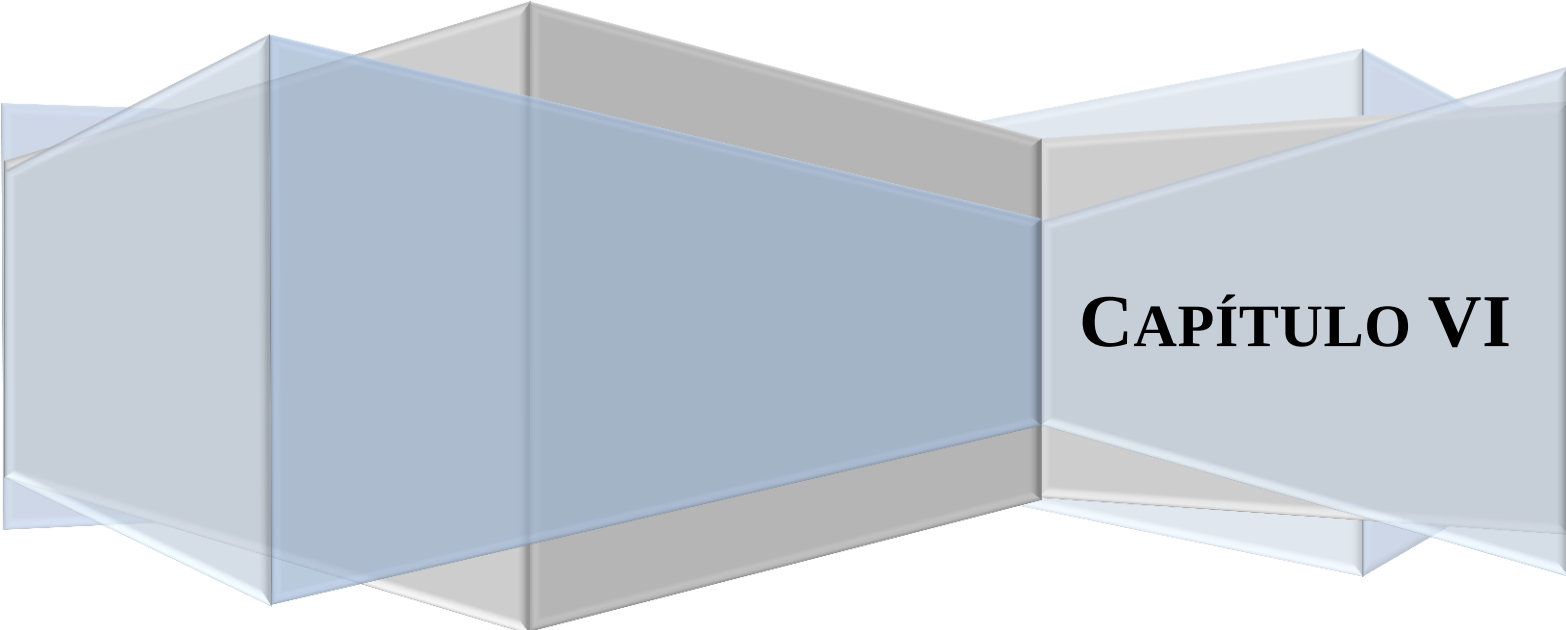
6.1. CONSECUCIÓN DE LOS OBJETIVOS GENERALES

6.2. CONSECUCIÓN DE LOS OBJETIVOS ESPECÍFICOS

6.3. IMPLICACIONES Y PROPUESTAS DE INTERVENCIÓN

6.4. LIMITACIONES DEL ESTUDIO

6.5. PERSPECTIVAS DE FUTURO



CAPÍTULO VI

En este capítulo, para afianzar nuestra investigación, exponemos las principales conclusiones de nuestro estudio teniendo como punto de partida los objetivos trazados inicialmente. Por otro lado, partiendo de las conclusiones, nos centraremos en sus implicaciones y presentaremos algunas propuestas de mejora. A continuación, hacemos referencia a las limitaciones y dificultades encontradas en el transcurso de la realización de este trabajo. Por último, exponemos ciertas perspectivas de futuro.

6.1. CONSECUCIÓN DE LOS OBJETIVOS GENERALES

Objetivo 1. Desarrollar y validar una herramienta de investigación que permita estudiar de forma fiable en Portugal la figura del entrenador de fútbol en las etapas de formación.

Se diseñó un cuestionario de ocho dimensiones diferentes con el objetivo de analizar la formación de los entrenadores de fútbol base en los clubes de la Asociación de Fútbol de Beja (Portugal). Se llevó a cabo un análisis cualitativo y cuantitativo mediante la valoración de expertos. Se analizó la validez de contenido, se analizó la consistencia interna y por último se analizó la fiabilidad test-retest. El cuestionario ha reunido suficientes propiedades psicométricas como para ser considerado una herramienta válida y fiable para estudiar y analizar las necesidades formativas de los entrenadores de fútbol de formación. Con el diseño y la validación de este cuestionario, los investigadores y los responsables de la formación de los entrenadores, a partir de ahora, cuentan con un instrumento útil y práctico para estudiar la formación de entrenadores de fútbol base (Paixão et al., 2019).

Objetivo 2. Establecer el perfil del entrenador de fútbol en las etapas de formación de los jóvenes jugadores de fútbol de la región de Beja (Portugal).

El perfil del entrenador de fútbol base de la región de Beja corresponde al siguiente: hombre de entre 31 y 40 años, con el 12.º año de escolaridad completo, trabajador por cuenta de otros, sin curso de entrenador o apenas con el Grado I, juega o ha jugado al fútbol a nivel distrital y lleva entrenando en el fútbol de formación menos de cinco años.

Objetivo 3. Detectar las grandes necesidades formativas que demandan estos entrenadores de fútbol en las etapas de formación.

La gran necesidad formativa encontrada en nuestro estudio es la falta de titulación, pues la mayoría de los entrenadores de fútbol en las etapas de formación no tiene el Título de Entrenador de Deporte que les permite ejercer la actividad legalmente. Percibimos que gran parte de los entrenadores, aunque con poca formación, se consideran competentes pero admiten tener necesidades de formación. Por otra parte, el contexto donde el entrenador ejerce su papel demanda necesidades particulares de formación, siendo estas de alguna forma influenciadas por el nivel de desarrollo del contexto.

6.2. CONSECUCIÓN DE LOS OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Objetivo 4. Analizar la formación y la cualificación de los distintos entrenadores de fútbol en las etapas de formación.

Cualificación Académica:

- a) Los entrenadores poseen estudios secundarios completos, por vía profesional o normal y sólo una cuarta parte de los entrenadores están formados en Educación Física o Deporte.
- b) Los entrenadores que pretenden continuar formándose realizando un grado académico superior son los más jóvenes y, con alguna experiencia como jugador.
- c) Los entrenadores que aún están estudiando son los que tienen más intención de continuar su formación académica con un Máster.

Formación como Entrenador:

- d) Gran parte de los entrenadores que entrenan en el fútbol de formación no tienen el título de entrenador, lo que quiere decir que no hacen el curso inicial y que muchos de ellos no tienen ningún tipo de formación para el desempeño de las funciones inherentes a la actividad de entrenador.
- e) Aquellos que atribuyen más importancia al hecho de tener el título de entrenador de fútbol son los que entrenan las categorías de formación más altas.

- f) Son una minoría los entrenadores que ya terminaron su último curso hace bastante tiempo.

Objetivo 5. Identificar las necesidades específicas de formación de los entrenadores de fútbol en las etapas de formación en relación con su formación inicial como entrenador y con su formación permanente.

Para los entrenadores la experiencia diaria no es suficiente para mantenerse actualizado, y consideran muy positivo para su formación el hecho de asistir a partidos y entrenamientos de fútbol, pero atribuyen una especial importancia al hecho de poder conversar directamente con otros entrenadores.

Formación Inicial:

- a) Los contenidos que despiertan mayor interés en la formación inicial son los más específicos de la actividad: “Teoría y metodología del entrenamiento deportivo”, “Técnica y táctica”, “Metodología del entrenamiento de fútbol” y “Capacidades físicas/motoras”;
- b) La “Lucha contra el dopaje” y “Deporte para personas con discapacidad”, son los contenidos considerados de menor interés para los entrenadores;
- c) Son los entrenadores que han jugado en categoría sénior, que valoran más los contenidos: “Organización de clase”, “Seguridad deportiva”, “Lucha contra el dopaje” y “Didáctica del deporte”;
- d) Son los entrenadores de las categorías superiores de formación que consideran la “Didáctica del deporte” como uno de los contenidos del curso más útiles para su actividad;
- e) Son los entrenadores de más edad que atribuyen más importancia a los contenidos: “Capacidades físicas/motoras”, “Técnica y táctica”, “Metodología del entrenamiento de fútbol” y “Lucha contra el dopaje”.

Formación Permanente:

- f) Para continuar su formación, los entrenadores tienen más interés en los contenidos: “Metodologías de enseñanza del fútbol”, “Táctica y sistemas de juego”, “Metodología del entrenamiento deportivo”, “*Coaching* deportivo” y “*Scouting* en el fútbol”;

- g) Los entrenadores cuando entrenan jóvenes jugadores sienten más necesidad de formación de que cuando entrenan niños pequeños que se están iniciando;
- h) Uno de los contenidos que genera más interés en los entrenadores más jóvenes es el “*Scouting* en el fútbol”;
- i) Los entrenadores con nivel de Educación Básica tienen más interés en el contenido “Reglas del juego”;
- j) Los entrenadores de la región interior muestran más interés en el contenido “Desarrollo profesional”;
- k) Existe un menor interés en el contenido “Coaching deportivo” por parte de los entrenadores de las categorías más bajas;
- l) Los entrenadores que jugarán en categoría sénior valoran más los contenidos: “Primeros auxilios e higiene en el deporte”, “Dirección y coordinación técnica” y “Fundamentos sociológicos del deporte”;
- m) Los entrenadores que pretenden llegar a profesionales, atribuyen mayor importancia a los contenidos: “Nutrición deportiva” y “Observación y análisis de las habilidades deportivas”.

Objetivo 6. Identificar las mejores estrategias para la Formación Permanente de los entrenadores.

- a) Comparativamente con otras formas de actualización, los cursos de formación permanente son una buena forma para continuar la formación de entrenadores;
- b) Todas las formas y estrategias de formación continua son apreciadas de forma positiva y consideradas importantes, sin embargo existen unas más valoradas que otras;
- c) Las jornadas, seminarios o congresos son consideradas estrategias importantes para continuar su formación, así como el intercambio de opiniones o experiencias con otros colegas y la posibilidad de trabajar en conjunto;
- d) La participación en jornadas, seminarios y congresos es más apreciada por entrenadores de más edad y por aquellos que quieren llegar a profesionales;
- e) Constituir grupos de trabajo entre entrenadores de fútbol, la visualización y análisis de juegos y de entrenamientos en vídeo, y la participación en *workshops* prácticos, son las estrategias de formación más elegidas;
- f) Los entrenadores más jóvenes muestran más interés en la formación de grado académico como estrategia para continuar su formación;

- g) Son principalmente los entrenadores más jóvenes que eligen la licenciatura en deporte como objetivo;
- h) La estrategia de visualización y análisis por vídeo son más elegidas por los entrenadores que actúan en la ciudad para continuar su formación;
- i) Los que pretenden llegar a entrenador profesional valoran más la estrategia de ver a otros colegas entrenar y estiman más la reflexión sobre la propia práctica;
- j) La participación en jornadas, seminarios o congresos y leer libros y revistas de fútbol, son estrategias preferenciales de los entrenadores de mayor edad;
- k) La estrategia de intercambio de ideas en los *blogs* de fútbol de *internet* no es muy valorada por entrenadores con poca experiencia.

Objetivo 7. Identificar la concepción sobre la enseñanza del fútbol que tienen estos entrenadores.

- a) Los entrenadores consideran que el fútbol es un medio para educar los jugadores y asumen tener claro los contenidos que se debe trabajar en estas edades formulando objetivos fundamentalmente educativos;
- b) Los entrenadores entienden que es primordial que los jugadores se diviertan practicando fútbol, y también que a través del fútbol posan ser transmitidos valores que contribuyan en su educación;
- c) Los entrenadores tienen conciencia de que la competición es sólo un aspecto más en la formación deportiva de los jugadores, en particular son los entrenadores más jóvenes los más sensibles al hecho de que todos los jugadores deben participar en la competición independientemente del resultado;
- d) Los entrenadores de la categoría de formación más alta (Júniors) formulan objetivos competitivos en el fútbol de formación;
- e) Son principalmente los entrenadores más jóvenes y los que aún juegan que creen en el fútbol como medio para transmitir valores. Por otra parte, son los entrenadores de más edad que acreditan que el fútbol puede ser un medio para educar sus jugadores, creyendo más en el potencial educativo del fútbol;
- f) Son especialmente los entrenadores que tienen solamente la Educación Básica para quien la competición es apenas un aspecto más en la formación deportiva de los jugadores.

Objetivo 8. Describir y examinar la metodología de enseñanza aplicada por los entrenadores de fútbol en las etapas de formación.

- a) En lo que se refiere a la metodología de enseñanza existe alguna contradicción, ya que tanto los métodos directivos como los métodos basados en el descubrimiento son utilizados con frecuencia por los entrenadores, no hay un método más utilizado;
- b) Existe por parte de los entrenadores el hábito de trabajar los medios técnico-tácticos con oposición, especialmente por los que pretenden llegar a entrenador profesional;
- c) En general dan más prioridad a los aspectos técnico-tácticos que a los físicos, bien como tienen una mayor preocupación en utilizar metodologías lúdicas;
- d) Los entrenadores que tienen el curso hace más años utilizan frecuentemente métodos de enseñanza basados en el descubrimiento, ya aquellos que no tienen título de entrenador utilizan con menos frecuencia este tipo de métodos;
- e) Existe una división entre los que defienden que los objetivos deben ser fundamentalmente competitivos y los que defienden que los objetivos deben ser fundamentalmente recreativos, no obstante consideran que la competición está ajustada a las características psicoevolutivas de los jóvenes jugadores.

Objetivo 9. Reconocer los aspectos relacionados con la forma de planificación y programación de los entrenadores del fútbol de formación.

- a) Generalmente los entrenadores tienen la costumbre de programar la temporada antes de que empiece, principalmente los entrenadores que pretenden llegar a profesionales;
- b) Una clara opción de los entrenadores es programar el trabajo semanalmente pero los entrenadores con Máster también son apologistas de una programación diaria del trabajo;
- c) Los entrenadores que tienen la intención de graduarse dan menos importancia a la costumbre de programar el trabajo mensualmente;
- d) Los entrenadores consideran suficientes las instalaciones de que disponen habitualmente;
- e) Los entrenadores en general, procuran hacer la evaluación de los jugadores al inicio de la temporada, principalmente los entrenadores de la ciudad;

- f) Son los entrenadores más jóvenes y que quieren llegar a entrenador profesional los que no evalúan solo en el final de la temporada;
- g) Son también los entrenadores que quieren llegar a entrenador profesional que más programan el trabajo diariamente y semanalmente.

Objetivo 10. Exponer los motivos que llevan los entrenadores de fútbol en las etapas de formación, a dedicarse a esta tarea.

- a) Los entrenadores apuntan como principal razón para ejercer su actividad el gusto por el entrenamiento y la enseñanza del fútbol;
- b) Existen menos entrenadores con el motivo de ser un entrenador profesional y otros tantos porque les gusta la modalidad;
- c) Los entrenadores de las etapas de formación no se dedican a entrenar por motivos económicos.

Objetivo 11. Identificar las prioridades definidas por los entrenadores en el proceso de entrenamiento y competición de los jóvenes futbolistas para las etapas de formación.

- a) No parece ser una prioridad la evolución del joven jugador en el proceso de formación, sino que está existiendo una preocupación por los resultados inmediatos, prerrogativa de las categorías séniores;
- b) El aspecto competitivo sigue dominando el proceso de entrenamiento en el fútbol de formación, hecho que es favorecido por la planificación y programación de forma semanal que pone el foco en la competición;
- c) Los entrenadores que presentan mayor titulación (Grado II) son los que atribuyen más importancia a los resultados obtenidos por el equipo en las competiciones, ya los entrenadores que no tienen cualquier titulación son los que dan menos importancia a los resultados obtenidos por el equipo en las competiciones.

Objetivo 12. Comprender mejor la relación que establece el entrenador de fútbol con los jóvenes futbolistas en las etapas de formación.

- a) Los entrenadores normalmente mantienen relaciones amistosas con sus jugadores y también mantienen relaciones cordiales con los padres de estos jóvenes;
- b) Es fácil para los entrenadores motivar a sus jugadores y no tienen dificultad en controlar los entrenamientos;
- c) Son los entrenadores más jóvenes que consideran en mayor medida que normalmente los jugadores son asiduos a los entrenamientos.

Objetivo 13. Determinar las características que debe tener el entrenador de fútbol en las etapas de formación.

- a) Los jóvenes atletas que juegan fútbol están bajo la responsabilidad de personas con poca formación y poca experiencia;
- b) El entrenador de fútbol trabajando con estas edades tiene que tener una buena formación para poder realizar su trabajo de forma competente;
- c) A pesar de existieren diferentes opiniones es considerado importante el hecho de haber sido jugadores de fútbol;
- d) A pesar de haber algunas opiniones contrarias es considerado importante tener formación Universitaria.

Objetivo 14. Verificar las relaciones existentes entre las características personales de los entrenadores de fútbol en las etapas de formación y las demás variables estudiadas.

- a) Existe una relación proporcional entre una mayor experiencia como jugador y una titulación más elevada como entrenador;
- b) Existe una relacionan entre el hecho de haber sido jugador e la importancia atribuida a esta experiencia, ya que aquellos que jugaron valoran la experiencia como jugador, especialmente los que jugaron más tiempo e en categoría sénior, así como los que nunca jugaron no concuerdan que esa experiencia sea importante;
- c) Los entrenadores con el nivel más bajo de cualificación son aquellos que además, tienen menos experiencia;

- d) A pesar de gran parte de los entrenadores no tener titulación, no dejan de atribuir mucha importancia al hecho de tener el título de entrenador de fútbol;
- e) Existe una relación entre la edad y el grado de certificación como entrenador, ya que los entrenadores más jóvenes tienen menos formación o ninguna y a medida que los entrenadores son más viejos presentan un grado de certificación más elevado;
- f) El hecho de tener certificación está conectado con la circunstancia de tener actividad laboral, ya que los entrenadores que son estudiantes o desempleados son aquellos que no presentan ninguna certificación para el desempeño de las funciones de entrenador, mientras que aquellos que tenían una profesión presentan certificación de Grado I;
- g) Existe una relación entre el grado de certificación y los años de experiencia como entrenador, siendo que los entrenadores con menos años de experiencia revelan un grado de certificación menor o inexistente;
- h) Existe una relación entre el tiempo que los entrenadores terminaron el curso con el nivel de certificación que presentan, ya que cuanto más tiempo hace que terminaron el curso más grados de certificación como entrenadores poseen;
- i) En general los entrenadores que poseen formación académica valoran más niveles de formación superior;
- j) Parece existir una relación entre la valoración de la formación académica y la práctica actual de la modalidad, ya que son los entrenadores que se mantienen como jugadores que atribuyen mayor importancia a este tipo de formación, al mismo tiempo son los entrenadores que nunca jugaron los que no valoraron la formación académica;
- k) Cuanto más tiempo pasa del término del curso de entrenadores más tendencia para consideraren sus contenidos como insuficientes para entrenar en el fútbol de formación, contrariamente los entrenadores que están terminando el curso en la fase de prácticas, consideran suficientes los contenidos;
- l) Existe la tendencia para que los entrenadores que les gusta el fútbol, el entrenamiento y la enseñanza, atribúan más importancia al contenido “Lucha contra el dopaje”;
- m) Parece existir una relación entre el grado de titulación del entrenador y la opinión de ser suficiente los contenidos del curso para entrenar en el fútbol de

formación, ya que entrenadores con grados de titulación mínimos comparten esa opinión y los de grados superiores no;

- n) Existe una relación proporcional entre la categoría que entrena y el grado de certificación que poseen, siendo las categorías inferiores las que tienen entrenadores con un menor o inexistente grado de certificación y las categorías más altas tienen entrenadores con un grado más alto;
- o) Cuanto más tiempo pasa después de obtener el curso de entrenadores más importancia atribuyen a los resultados competitivos;
- p) Curiosamente son los entrenadores más jóvenes que tienen más claro los contenidos que deben trabajar en estas edades. Por otra parte, a medida que van acumulando más años de experiencia como entrenador también permite tener más claro los contenidos del fútbol de formación;
- q) Son principalmente los entrenadores más jóvenes que aspiran poder entrenar categorías superiores en el futuro;
- r) Considerando el tipo de contenido que genera interés, el nivel de conocimiento del juego parece tener relación proporcional con el nivel de habilitaciones académicas;
- s) El contexto donde el entrenador ejerce su papel influyó en sus necesidades de formación, siendo de alguna forma proporcional al nivel de desarrollo del contexto.

6.3. IMPLICACIONES Y PROPUESTAS DE INTERVENCIÓN

Este estudio y sus conclusiones deben implicar a diversas instituciones y organizaciones deportivas. En particular, aquellas que rigen la modalidad de fútbol y cuya responsabilidad tienen implicaciones en la formación de entrenadores y en la práctica de iniciación y desarrollo del joven futbolista. Con este propósito y siempre con la preocupación de la mejora de la enseñanza del fútbol en todas sus dimensiones, técnicas, tácticas, físicas y psicológicas, pero también desde el punto de vista social y humano, donde se realza la perspectiva educativa y de transmisión de valores. En este sentido, estamos seguros que las conclusiones de nuestro estudio tienen implicaciones a nivel federativo y asociativo, a nivel del IPDJ y de su responsabilidad, a nivel académico en las instituciones Politécnicas y Universitarias, pero también a nivel de la propia figura del entrenador.

6.3.1. IMPLICACIONES A NIVEL FEDERATIVO, ASOCIATIVO E INSTITUCIONAL

Las instituciones responsables de la formación y regulación de la figura del entrenador deben reflexionar todo el proceso de formación del individuo, teniendo en cuenta el perfil actual de los mismos, buscando dar una respuesta más ajustada a sus carencias y responsabilidades frente a lo que va siendo conocido sobre esta figura, en especial en el fútbol de formación. Estas instituciones no pueden descuidar su propia responsabilidad en la exigencia del cumplimiento de la ley y de los presupuestos de principios y valores consagrados. Por lo tanto, debe garantizarse la vigilancia de la actividad de modo que niños, jóvenes y sus padres puedan tener garantías de una mínima calidad de trabajo.

6.3.2. IMPLICACIONES A NIVEL ACADÉMICO EN LAS INSTITUCIONES POLITÉCNICAS Y UNIVERSITARIAS

Las instituciones académicas no pueden dimitirse de sus responsabilidades formadoras en este capítulo de la formación de entrenadores pues son una componente importante en el proceso como entidades formadoras de calidad. Como tal deben ajustarse a la realidad encontrada en el panorama de la formación de entrenadores y procurar dinamizar ellas mismas, formación inicial y también permanente. De este modo, contribuirán para la inversión del contexto actual, en el sentido de aumentar el nivel de formación encontrada en los entrenadores de categorías jóvenes y proporcionar a estos individuos formación adecuada a las problemáticas de la actividad.

6.3.3. IMPLICACIONES A NIVEL DE LA PROPIA FIGURA DEL ENTRENADOR

Debe existir una concienciación y responsabilización del individuo que pretende emprender en la función de entrenador, principalmente con niños y jóvenes, para que el entrenador perciba la importancia de una excelente formación. El entrenador debe estar preparado para la complejidad de la tarea diaria que le compete y consciente de las implicaciones que puede tener como referencia en la educación, así como en la formación deportiva y personal del niño.

6.3.4. PROPUESTAS DE INTERVENCIÓN

Antes de poder presentar algunas propuestas de intervención, nos parece importante traer alguna justicia al hecho de la reformulación del Plan Nacional de Formación de Entrenadores puesto en práctica en 2010 haber representado la mayor propuesta de intervención, referente a lo que venía siendo hecho en la formación de entrenadores. Pensamos que este aumento cualitativo traído por el nuevo plan también se hace evidente en nuestro estudio cuando la apreciación de la gran mayoría de los entrenadores evalúa de forma positiva la casi totalidad de los parámetros, lo que creemos que no sería semejante con el plan de formación antecedente. De esta forma, nos cabe reflexionar sobre el nuevo plan y su aplicación, buscando contribuir a su mejora y evolución. Por lo tanto, presentamos ahora un conjunto de propuestas de intervención en el sentido de buscar la excelencia:

- a) Como propuesta de intervención sería fundamental que actualmente todos los entrenadores estén sujetos a una formación académica en el ámbito del deporte para poder ejercer esta función con la máxima calidad. A semejanza de lo que ocurre en otras áreas del deporte, pues se hace necesario aumentar la presencia de técnicos con formación universitaria en el panorama deportivo actuando como entrenadores de fútbol.
- b) Después de haber sido invertido en la creación de reglamentación específica para la actividad de entrenador, el próximo paso será la fiscalización de los clubes y de su actividad deportiva en el sentido de ser cumplida la ley cuanto a la obligatoriedad de titulación de todos los entrenadores con los consecuentes beneficios para la práctica. No puede persistir más la realidad de tener entrenadores sin ninguna formación estando responsables por niños y jóvenes.
- c) Teniendo en cuenta la cantidad de entrenadores sin titulación, sería conveniente que se logre desarrollar acciones de motivación junto a estos entrenadores para que pudieran tener una formación adecuada. Estas acciones pueden ser, incluso, una campaña de sensibilización y estimulación, con la participación de todas las entidades responsables (Federación Portuguesa de Fútbol y sus afiliados, Instituto Portugués del Deporte y de la Juventud y las Universidades y Institutos

- Politécnicos) para que sea posible alcanzar la meta de todos los entrenadores que ejerzan funciones en el fútbol de formación puedan estar debidamente formados.
- d) Para que el entrenador tenga un soporte didáctico de fácil acceso sería muy interesante que la Federación Portuguesa de Fútbol pusiera a disposición en su *website* una serie de contenidos y directrices de trabajo con los jóvenes que el entrenador pudiera acceder fácilmente en cualquier lugar a través de una contraseña consignada a cada entrenador. Esta plataforma podría desarrollarse en cooperación con las instituciones ya mencionadas y que pueden representar el triángulo de desarrollo de la formación de entrenadores, y en consecuencia del fútbol en general.
 - e) Para que el proceso de formación en práctica sea realmente una realidad para los entrenadores, sería importante implementar un programa de *mentoring* reglado y financiado, con la constitución de una bolsa de tutores de grado de calidad reconocida en todas las regiones del país, capaces de dar apoyo efectivo a la evolución del trabajo del entrenador en el terreno.
 - f) El currículo de la formación de entrenadores debe ser revisado en el sentido de incluir contenidos relacionados con su dimensión personal y humana, percibiendo la influencia que los entrenadores tienen en la construcción de la personalidad de los niños, se torna necesario se constituyeren como ejemplos.
 - g) Parece ser fundamental reforzar las estrategias de formación de estilo informal para ir al encuentro de las mayores motivaciones de los entrenadores, promoviendo debates entre compañeros entrenadores, grupos de trabajo en función de metas comunes, así como proporcionar la observación crítica de la competición, bien como la observación de entrenamientos impartidos por otros entrenadores.
 - h) El contexto social donde provienen los entrenadores y donde decore la acción de formación, debe ser tenido en cuenta en los contenidos a desarrollar por los formadores, porque las necesidades son distintas en diferentes contextos.
 - i) De alguna forma la organización de la formación de entrenadores también debe tener en cuenta las diferentes necesidades en función de la edad del entrenador,

así entrenadores con más edad necesitaran de algunos contenidos y estrategias diferentes, de la misma forma los entrenadores más jóvenes necesitaran de otras, por eso no sería de descartar la posibilidad de existir unidades de formación optativas.

- j) Por otra parte, es importante continuar a garantizar una estructura de contenidos estipulada para cada nivel de formación con el objetivo de garantizar un padrón cualitativo de formación mínimo para los entrenadores, no corriendo el riesgo de que la formación de entrenadores quede incompleta frente a las necesidades presentadas por niños e jóvenes deportistas.
- k) Recomendamos la agilización del acceso a los grados superiores de formación de entrenadores para no vedar la posibilidad de que los entrenadores continúen su formación aunque el perfil de esos grados apunte al deporte de alto rendimiento. Pensamos que el conocimiento no ocupa lugar y la opción debe permanecer en el entrenador, pues puede existir un entrenador con formación Grado IV que quiera trabajar en el fútbol de base.
- l) Deben repensar los contenidos de los cursos que presentan menor interés por parte de los entrenadores para hacerlos más atractivos y evidenciarse su importancia.
- m) Las variables contextuales, como las características de la región, la edad de los entrenadores, el nivel escolar que presentan y las categorías que entrenan, deben ser tomadas en cuenta en la oferta formativa para los entrenadores, adaptando lo más posible a los intereses de su contexto.
- n) De acuerdo con nuestro estudio la formación permanente debe apostar más en las temáticas: “Metodologías de enseñanza del fútbol”, “Táctica y sistemas de juego”, “Metodología del entrenamiento deportivo”, “*Coaching* deportivo” y “*Scouting* en el fútbol”.
- o) La existencia de una competición formal puede hacer comprometer el proceso de enseñanza del fútbol. De este modo, debe ser el formato competitivo que desde luego tiene que ser potenciador de una concepción de enseñanza equilibrada y favorable al desarrollo de todas las dimensiones del jugador,

visando el largo plazo. Así, los cuadros competitivos del fútbol de base deben ser revisados y adaptados a la concepción positiva de la enseñanza del fútbol, retirando alguna carga competitiva excesiva.

6.4. LIMITACIONES DEL ESTUDIO

En este punto pretendemos relatar las diferentes limitaciones del estudio, las dificultades encontradas y los aspectos más complejos con que nos deparamos en el transcurso de esta investigación que de alguna forma representan condicionamientos al presente trabajo.

Como dificultad inicial podemos referir que con excepción del estudio de referencia protagonizado por Abad (2009) ningún otro estudio similar fue encontrado en el fútbol que pudiera ser tan completo abarcando diferentes dimensiones. Sólo encontramos estudios que hacían referencia a ciertos aspectos aislados de nuestra investigación.

Otra de las dificultades sentidas se refiere al proceso de validación, concretamente en el momento de aplicación del cuestionario por segunda vez en el *re-test*, para intentar que las condiciones de respuesta y la disponibilidad de los encuestados para responder fueran las mismas de la primera aplicación, con la preocupación de no influir negativamente en la validación.

Una de las limitaciones de este estudio es inherente al tipo de herramienta utilizada, una vez que la recogida de la información a través de cuestionario queda dependiente de la honestidad e interés de los encuestados. Sin embargo, siendo el cuestionario rellenado por internet posibilita que el encuestado encuentre su hora preferencial para responder tranquilamente. Por otra parte, no permite esclarecer alguna duda que pueda surgir en su rellenado, a pesar de que la herramienta ha sido sometida a una validación rigurosa por varios especialistas.

Otra de las limitaciones que se puede señalar es la posibilidad de aplicar un estudio cualitativo en la investigación, que pudiera completar de forma conveniente la información encontrada. Como sería el caso de un grupo de discusión entrevistado sobre los principales resultados del cuestionario.

6.5. PERSPECTIVAS DE FUTURO

Culminamos este trabajo proyectando algunas perspectivas de investigación futuras que logren añadir información útil a los diferentes aspectos estudiados en nuestra investigación.

Es importante seguir estudiando el entrenador de jóvenes en los diversos aspectos de su intervención dada la importancia de esta figura en el universo deportivo, y una vez que existen todavía pocos estudios dedicados a esta temática.

De este modo, nuestro estudio puede ser replicado en otras regiones y otros países, o aplicarse en Portugal en una escala global, como puede ser el estudio de los entrenadores del fútbol de formación en todo el país. El objetivo será establecer el perfil del técnico portugués y de su formación, dando cuenta de las diferencias encontradas en cada región con relación a las distintas dimensiones de estudio.

Otra de las posibilidades puede pasar por centrarnos en una de las dimensiones de estudio buscando profundizar más la información sobre la problemática.

A partir de los datos obtenidos, se puede también llevar a cabo un grupo de discusión de expertos para profundizar los aspectos más destacados.

Por otra parte, también podemos completar esta investigación con la observación de los entrenadores durante los entrenamientos y las competiciones.

También sería interesante aplicar esta herramienta de investigación en un contexto de grandes clubes de referencia en la formación de jugadores de fútbol, estableciendo la comparación con contextos de fútbol aficionado y percibiendo las diferencias que se establecen.

Además se puede realizar un seminario de formación sobre la temática con entrenadores de fútbol de formación y construir un estudio de caso.

También nos parece interesante poder añadir a este estudio el levantamiento de las condiciones de retribución financiera que los entrenadores puedan tener en estas categorías y los valores que están asociados. El objetivo sería intentar diagnosticar el

nivel de voluntariado o profesionalismo en que nos encontramos en esta actividad, para tener el conocimiento de la realidad y poder esperar alguna inversión en su formación.

Una vez que detectamos que la experiencia previa del entrenador como jugador fue una variable poco explotada por otras investigaciones, sería interesante que futuras investigaciones lograsen estudiar a los entrenadores con base en esta variable. Intentar percibir que representa ser ex jugador o no, y de qué forma esto puede influir en su trabajo con jóvenes.

Por último, este estudio puede ser adaptado y aplicado a otras modalidades deportivas para investigar sus técnicos y su nivel formativo en el deporte juvenil.

7. CONCLUSÕES DA INVESTIGAÇÃO

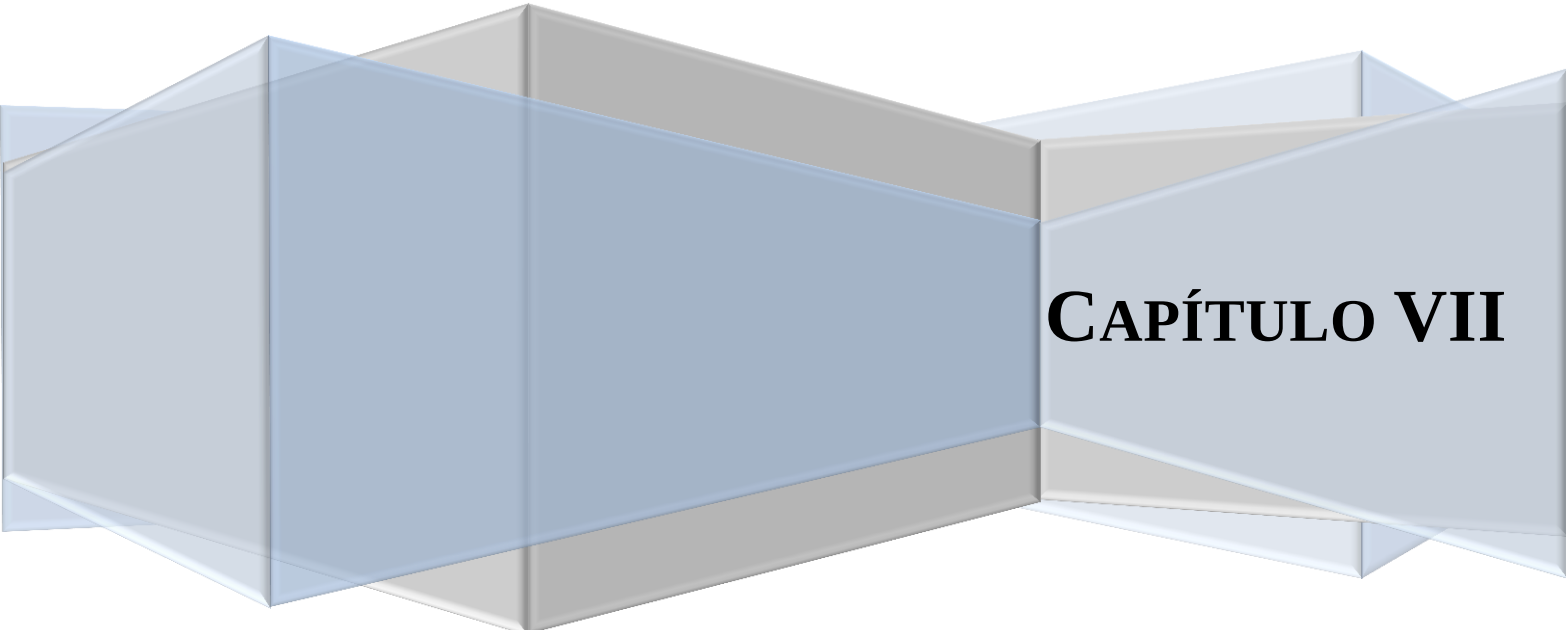
7.1. CONCRETIZAÇÃO DOS OBJETIVOS GERAIS

7.2. CONCRETIZAÇÃO DOS OBJETIVOS ESPECÍFICOS

7.3. IMPLICAÇÕES E PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO

7.4. LIMITAÇÕES DO ESTUDO

7.5. PERSPETIVAS DE FUTURO



CAPÍTULO VII

Neste capítulo, para consolidar a nossa investigação, expomos as principais conclusões do nosso estudo tendo como ponto de partida os objetivos traçados inicialmente. Por outro lado, partindo das conclusões, centramo-nos nas suas implicações e apresentamos algumas propostas de melhoria. Em seguida, fazemos referência às limitações e dificuldades encontradas no decorrer da realização deste trabalho. Por último, expomos algumas perspetivas de futuro.

7.1. CONCRETIZAÇÃO DOS OBJETIVOS GERAIS

Objetivo 1. Desenvolver e validar uma ferramenta de investigação que permita estudar de forma fiável em Portugal a figura do treinador de futebol nas etapas de formação.

Foi construído um questionário de oito dimensões diferentes com o objetivo de analisar a formação dos treinadores de futebol de base nos clubes da Associação de Futebol de Beja (Portugal). Realizou-se uma análise qualitativa e quantitativa mediante a avaliação de especialistas. Analisou-se a validade do conteúdo, analisou-se a consistência interna e por último analisou-se a fiabilidade test-retest. O questionário reuniu propriedades psicométricas suficientes para ser considerado uma ferramenta válida e fiável para estudar e analisar as necessidades formativas dos treinadores de futebol de formação. Com a construção e a validação deste questionário, os investigadores e os responsáveis da formação dos treinadores, a partir de agora, contam com um instrumento útil e prático para estudar a formação de treinadores de futebol de base (Paixão et al., 2019).

Objetivo 2. Estabelecer o perfil do treinador de futebol nas etapas de formação dos jovens jogadores de futebol da região de Beja (Portugal).

O perfil do treinador de futebol base da região de Beja corresponde ao seguinte: homem entre 31 e 40 anos, com o 12.º ano de escolaridade completo, trabalhador por conta de outrem, sem curso de treinador ou apenas com a certificação de Grau I, joga ou jogou futebol a nível distrital e está a treinar no futebol de formação há menos de cinco anos.

Objetivo 3. Detetar as grandes necessidades formativas que requerem estes treinadores de futebol nas etapas de formação.

A grande necessidade formativa encontrada no nosso estudo é a falta de titulação, pois a maioria dos treinadores de futebol nas etapas de formação não tem o Título de Treinador de Desporto que os permita exercer a atividade legalmente. Percebemos que grande parte dos treinadores, embora com pouca formação, consideram-se competentes mas admitem ter necessidades de formação. Por outro lado, o contexto onde o treinador exerce o seu papel requer necessidades particulares de formação, sendo estas de alguma forma influenciadas pelo nível de desenvolvimento do contexto.

7.2. CONCRETIZAÇÃO DOS OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Objetivo 4. Analisar a formação e a qualificação dos distintos treinadores de futebol nas etapas de formação.

Qualificação Académica:

- a) Os treinadores possuem estudos secundários completos, por via profissional ou normal e só uma quarta parte dos treinadores é formado em Educação Física ou Desporto.
- b) São os treinadores mais jovens e com alguma experiencia como jogador que pretendem continuar a sua formação realizando um grau académico superior.
- c) São os treinadores que ainda estão a estudar que têm mais intenção de continuar a sua formação académica com um Mestrado.

Formação como Treinador:

- d) Grande parte dos treinadores que treinam no futebol de formação não tem o título de treinador, o que quer dizer que não realizam o curso inicial e que muitos deles não têm nenhum tipo de formação para o desempenho das funções inerentes à atividade de treinador.
- e) Aqueles que atribuem maior importância ao facto de ter o título de treinador de futebol são os que treinam as categorias de formação mais altas.

- f) Os treinadores que já terminaram o seu último curso há bastante tempo são uma minoria.

Objetivo 5. Identificar as necessidades específicas de formação dos treinadores de futebol nas etapas de formação em relação à sua formação inicial como treinador e à sua formação contínua.

Para os treinadores a experiência diária não é suficiente para se manterem atualizados, e consideram muito positivo para a sua formação o facto de poder assistir a jogos e treinos de futebol, mas atribuem uma especial importância ao facto de poder conversar diretamente com outros treinadores.

Formação Inicial:

- a) Os conteúdos que despertam maior interesse na formação inicial são os mais específicos da atividade: “Teoria e metodologia do treino desportivo”, “Técnica e tática”, “Metodologia do treino de futebol” e “Capacidades físicas/motoras”;
- b) A “Luta contra a dopagem” e “Desporto para pessoas com deficiência”, são os conteúdos considerados de menor interesse para os treinadores;
- c) São os treinadores que jogaram na categoria sénior, que valorizam mais os conteúdos: “Organização de classe”, “Segurança desportiva”, “Luta contra a dopagem” e “Didática do desporto”;
- d) São os treinadores das categorias superiores de formação que consideram a “Didática do desporto” como um dos conteúdos do curso mais úteis para a sua atividade;
- e) São os treinadores com mais idade que atribuem mais importância aos conteúdos: “Capacidades Físicas/Motoras”, “Técnica e Tática”, “Metodologia de treino do futebol” e “Luta contra a dopagem”.

Formação Contínua:

- f) Para continuar a sua formação, os treinadores têm mais interesse nos conteúdos: “Metodologias de ensino do futebol”, “Tática e sistemas de jogo”, “Metodologia do treino desportivo”, “*Coaching* desportivo” e “*Scouting* no futebol”;
- g) Os treinadores quando treinam jovens jogadores sentem mais necessidade de formação do que quando treinam crianças pequenas que se estão iniciando;

- h) Um dos conteúdos que gera mais interesse nos treinadores mais jovens é o “*Scouting* no futebol”;
- i) Os treinadores com nível de Educação Básica têm mais interesse no conteúdo “Regras do jogo”;
- j) Os treinadores da região interior mostram mais interesse no conteúdo “Desenvolvimento profissional”;
- k) Existe um menor interesse no conteúdo “*Coaching* desportivo” por parte dos treinadores dos escalões mais baixos;
- l) Os treinadores que jogaram na categoria sénior valorizam mais os conteúdos: “Primeiros socorros e higiene no desporto”, “Direção e coordenação técnica” e “Fundamentos sociológicos do desporto”;
- m) Os treinadores que pretendem chegar a profissionais, atribuem maior importância aos conteúdos: “Nutrição desportiva” e “Observação e análise das habilidades desportivas”.

Objetivo 6. Identificar as melhores estratégias para a Formação Contínua dos treinadores.

- a) Comparativamente com outras formas de atualização, os cursos de formação contínua são uma boa forma para continuar a formação dos treinadores;
- b) Todas as formas e estratégias de formação contínua são apreciadas de forma positiva e consideradas importantes, no entanto existem umas mais valorizadas que outras;
- c) As jornadas, seminários ou congressos são consideradas estratégias importantes para continuar a sua formação, assim como o intercâmbio de opiniões ou experiências com outros colegas e a possibilidade de trabalhar em conjunto;
- d) A participação em jornadas, seminários e congressos é mais apreciada por treinadores com mais idade e por aqueles que querem chegar a profissionais;
- e) A constituição de grupos de trabalho entre treinadores de futebol, a visualização e análise de jogos e de treinos em vídeo, e a participação em *workshops* práticos, são as estratégias de formação mais elegidas;
- f) Os treinadores mais jovens mostram mais interesse na formação de grau académico como estratégia para continuar a sua formação;
- g) São principalmente os treinadores mais jovens que elegem a licenciatura em desporto como objetivo;

- h) As estratégias de visualização e análise por vídeo são eleitas preferencialmente por treinadores que atuam na cidade para continuar a sua formação;
- i) Os que pretendem chegar a treinador profissional valorizam mais a estratégia de ver outros colegas treinar e apreciam mais a reflexão sobre a própria prática;
- j) A participação em jornadas, seminários ou congressos e ler livros e revistas de futebol, são estratégias preferenciais dos treinadores de maior idade;
- k) A estratégia de intercâmbio de ideias nos *blogs* de futebol da *Internet* não é muito valorizada pelos treinadores com pouca experiência.

Objetivo 7. Identificar a conceção sobre o ensino do futebol que têm estes treinadores.

- a) Os treinadores consideram que o futebol é um meio para educar os jogadores e assumem ter claro os conteúdos que se devem trabalhar nestas idades, formulando objetivos fundamentalmente educativos;
- b) Os treinadores entendem que é primordial que os jogadores se divirtam praticando futebol, e também que através do futebol possam ser transmitidos valores que contribuam para a sua educação;
- c) Os treinadores têm consciência de que a competição é só mais um aspeto na formação desportiva dos jogadores, em particular são os treinadores mais jovens os mais sensíveis ao facto de que todos os jogadores devem participar na competição independentemente do resultado;
- d) Os treinadores da categoria de formação mais alta (Juniões) formulam objetivos competitivos no futebol de formação;
- e) São principalmente os treinadores mais jovens e os que ainda jogam que acreditam no futebol como meio para transmitir valores. Por outro lado, são os treinadores com mais idade que creem que o futebol pode ser um meio para educar os seus jogadores, acreditando mais no potencial educativo do futebol;
- f) São especialmente os treinadores que possuem apenas a Educação Básica para quem a competição é apenas mais um aspeto na formação desportiva dos jogadores.

Objetivo 8. Descrever e examinar a metodologia de ensino aplicada pelos treinadores de futebol nas etapas de formação.

- a) No que se refere à metodologia de ensino existe alguma contradição, já que tanto os métodos diretivos como os métodos baseados na descoberta são utilizados com frequência pelos treinadores, não há um método mais utilizado;
- b) Existe por parte dos treinadores o hábito de trabalhar os meios técnico-táticos com oposição, especialmente pelos que pretendem chegar a treinador profissional;
- c) Em geral dão mais prioridade aos aspetos técnico-táticos que aos físicos, assim como têm uma maior preocupação em utilizar metodologias lúdicas;
- d) Os treinadores que têm o curso há mais anos utilizam frequentemente métodos de ensino baseados na descoberta, já aqueles que não têm título de treinador utilizam com menos frequência este tipo de métodos;
- e) Existe uma divisão entre os que defendem que os objetivos devem ser fundamentalmente competitivos e os que defendem que os objetivos devem ser fundamentalmente recreativos, não obstante consideram que a competição está ajustada às características psicoevolutivas dos jovens jogadores.

Objetivo 9. Reconhecer os aspetos relacionados com a forma de planificação e programação dos treinadores do futebol de formação.

- a) Geralmente os treinadores têm o costume de programar a época antes que comece, principalmente os treinadores que pretendem chegar a profissionais;
- b) Uma clara opção dos treinadores é programar o trabalho semanalmente mas os treinadores com Mestrado também são apologistas de uma programação diária do trabalho;
- c) Os treinadores que têm a intenção de se licenciarem dão menos importância ao costume de programar o trabalho mensalmente;
- d) Os treinadores consideram suficientes as instalações de que dispõem habitualmente;
- e) Os treinadores em geral, procuram fazer a avaliação dos jogadores no início da época, sobretudo os treinadores da cidade;
- f) São os treinadores mais jovens e que querem chegar a treinador profissional os que não avaliam só no final da época;

- g) São também os treinadores que querem chegar a treinador profissional que mais programam o trabalho diariamente e semanalmente.

Objetivo 10. Expôr os motivos que levam os treinadores de futebol nas etapas de formação, a dedicar-se a esta tarefa.

- a) Os treinadores apontam como principal razão para exercer a sua atividade o gosto pelo treino e pelo ensino do futebol;
- b) Existem menos treinadores com o motivo de ser treinador profissional e outros tantos porque gostam da modalidade;
- c) Os treinadores das etapas de formação não se dedicam a treinar por motivos económicos.

Objetivo 11. Identificar as prioridades definidas pelos treinadores no processo de treino e competição dos jovens futebolistas para as etapas de formação.

- a) Não parece ser uma prioridade a evolução do jovem jogador no processo de formação, de outro modo está existindo uma preocupação pelos resultados imediatos, prerrogativa das categorias seniores;
- b) O aspeto competitivo continua dominando o processo de treino no futebol de formação, facto que é favorecido pela planificação e programação de forma semanal que põe o foco na competição;
- c) Os treinadores que apresentam maior titulação (Grau II) são os que atribuem mais importância aos resultados obtidos pela equipa nas competições, já os treinadores que não têm qualquer titulação são os que dão menos importância aos resultados obtidos pela equipa nas competições.

Objetivo 12. Compreender melhor a relação que estabelece o treinador de futebol com os jovens futebolistas nas etapas de formação.

- a) Os treinadores normalmente mantêm relações amigáveis com os seus jogadores e também mantêm relações cordiais com os pais destes jovens;
- b) É fácil para os treinadores motivar os seus jogadores e não têm dificuldade em controlar os treinos;
- c) São os treinadores mais jovens que consideram em maior medida que normalmente os jogadores são assíduos aos treinos.

Objetivo 13. Determinar as características que deve ter o treinador de futebol nas etapas de formação.

- a) Os jovens atletas que jogam futebol estão sob a responsabilidade de pessoas com pouca formação e pouca experiência;
- b) O treinador de futebol a trabalhar com estas idades tem que ter uma boa formação para poder realizar o seu trabalho de forma competente;
- c) Apesar de existirem diferentes opiniões é considerado importante o facto de ter sido jogador de futebol;
- d) Apesar de haver algumas opiniões contrárias é considerado importante ter formação universitária.

Objetivo 14. Verificar as relações existentes entre as características pessoais dos treinadores de futebol nas etapas de formação e as demais variáveis estudadas.

- a) Existe uma relação proporcional entre uma maior experiência como jogador e uma titulação mais elevada como treinador;
- b) Existe uma relação entre o facto de ter sido jogador e a importância atribuída a esta experiência, já que aqueles que jogaram valorizaram a experiência como jogador, especialmente os que jogaram mais tempo e na categoria sénior, assim como os que nunca jogaram não concordam que essa experiência seja importante;
- c) Os treinadores com o nível mais baixo de qualificação são aqueles que também têm menos experiência;
- d) Apesar de grande parte dos treinadores não ter titulação, não deixam de atribuir muita importância ao facto de ter o título de treinador de futebol;
- e) Existe uma relação entre a idade e o grau de certificação como treinador, já que os treinadores mais jovens têm menos formação ou nenhuma, e à medida que os treinadores são mais velhos apresentam um grau de certificação mais elevado;
- f) O facto de ter certificação está conectado com a circunstância de ter atividade laboral, já que os treinadores que são estudantes ou desempregados são aqueles que não apresentam nenhuma certificação para o desempenho das funções de treinador, enquanto aqueles que tinham uma profissão apresentam certificação de Grau I;

- g) Existe uma relação entre o grau de certificação e os anos de experiência como treinador, sendo que os treinadores com menos anos de experiência revelam um grau de certificação menor ou inexistente;
- h) Existe uma relação entre o tempo que os treinadores já terminaram o curso com o nível de certificação que apresentam, já que quanto mais tempo passa do término do curso maiores graus de certificação como treinadores possuem;
- i) Em geral, os treinadores que possuem formação académica valorizam mais os níveis de formação superior;
- j) Parece existir uma relação entre a valorização da formação académica e a prática atual da modalidade, já que são os treinadores que se mantêm como jogadores que atribuem maior importância a este tipo de formação, ao mesmo tempo são os treinadores que nunca jogaram os que não valorizam a formação académica;
- k) Quanto mais tempo passa do término do curso de treinadores, maior é a tendência para que os conteúdos sejam considerados como insuficientes para treinar no futebol de formação, contrariamente os treinadores que estão terminando o curso na fase de estágio consideram suficientes os conteúdos;
- l) Existe a tendência para que os treinadores que gostam de futebol, do treino e do ensino, atribuam mais importância ao conteúdo “Luta contra a dopagem”;
- m) Parece existir uma relação entre o grau de titulação do treinador e a opinião de serem suficientes os conteúdos do curso para treinar no futebol de formação, já que treinadores com graus de titulação mínimos partilham essa opinião e os de graus superiores não;
- n) Existe uma relação proporcional entre a categoria que treina e o grau de certificação que possui, sendo as categorias inferiores as que têm treinadores com um menor ou inexistente grau de certificação e as categorias mais altas têm treinadores com um grau mais elevado;
- o) Quanto mais tempo passa depois de obter o curso de treinadores mais importância atribuem aos resultados competitivos;
- p) Curiosamente são os treinadores mais jovens que têm mais claros os conteúdos que devem trabalhar nestas idades. Por outro lado, à medida que vão acumulando mais anos de experiência como treinador também permite ter mais claro os conteúdos do futebol de formação;
- q) São principalmente os treinadores mais jovens que anseiam poder treinar categorias superiores no futuro;

- r) Considerando o tipo de conteúdo que gera interesse, o nível de conhecimento do jogo parece ter relação proporcional com o nível de habilitações académicas;
- s) O contexto onde o treinador exerce o seu papel influi nas suas necessidades de formação, sendo de alguma forma proporcional ao nível de desenvolvimento do contexto.

7.3. IMPLICAÇÕES E PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO

Este estudo e as suas conclusões devem implicar com as diversas instituições e organizações desportivas. Em particular, aquelas que regem a modalidade de futebol e cujas responsabilidades têm implicações na formação de treinadores e na prática de iniciação e desenvolvimento do jovem futebolista. Com este propósito e sempre com a preocupação da melhoria do ensino do futebol em todas as suas dimensões, técnicas, táticas, físicas e psicológicas, mas também desde o ponto de vista social e humano, onde se realça a perspetiva educativa e de transmissão de valores. Neste sentido, estamos seguros que as conclusões do nosso estudo têm implicações a nível federativo e associativo, a nível do IPDJ e da sua responsabilidade, a nível académico nas instituições Politécnicas e Universitárias, mas também a nível da própria figura do treinador.

7.3.1. IMPLICAÇÕES A NÍVEL FEDERATIVO, ASSOCIATIVO E INSTITUCIONAL

As instituições responsáveis pela formação e regulação da figura do treinador devem refletir todo o processo de formação do indivíduo, tendo em conta o perfil atual dos mesmos, procurando dar uma resposta mais ajustada às suas carências e responsabilidades face ao que vai sendo conhecido sobre esta figura, em especial no futebol de formação. Estas instituições não podem descuidar a sua própria responsabilidade na exigência do cumprimento da lei e dos pressupostos de princípios e valores consagrados. Portanto, deve garantir a vigilância da atividade de modo a que crianças, jovens e seus pais possam ter garantias de uma mínima qualidade de trabalho.

7.3.2. IMPLICAÇÕES A NÍVEL ACADÉMICO NAS INSTITUIÇÕES POLITÉCNICAS E UNIVERSITÁRIAS

As instituições académicas não podem demitir-se das suas responsabilidades formadoras neste capítulo da formação de treinadores, pois são uma componente importante no processo como entidades formadoras de qualidade. Como tal devem ajustar-se à realidade encontrada no panorama da formação de treinadores e procurar dinamizar elas próprias, formação inicial e também contínua. Deste modo, contribuirão para a inversão do contexto atual, na perspetiva de aumentar o nível de formação encontrada nos treinadores de categorias jovens e proporcionar a estes indivíduos formação adequada às problemáticas da atividade.

7.3.3. IMPLICAÇÕES A NÍVEL DA PRÓPRIA FIGURA DO TREINADOR

Deve existir uma consciencialização e responsabilização do indivíduo que pretende empreender na função de treinador, principalmente com crianças e jovens, para que o treinador perceba a importância de uma excelente formação. O treinador deve estar preparado para a complexidade da tarefa diária que lhe compete e consciente das implicações que pode ter como referência na educação, bem como na formação desportiva e pessoal da criança.

7.3.4. PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO

Antes de podermos apresentar algumas propostas de intervenção, parece-nos importante trazer alguma justiça ao facto da reformulação do Plano Nacional de Formação de Treinadores posto em prática em 2010 ter representado a maior proposta de intervenção, tendo em conta o que vinha sendo feito na formação de treinadores. Pensamos que este aumento qualitativo trazido pelo novo plano também se faz evidente no nosso estudo, quando a apreciação da grande maioria dos treinadores avalia de forma positiva a quase totalidade dos parâmetros, o que acreditamos que não seria semelhante com o plano de formação anterior. Desta forma, cabe-nos refletir sobre o novo plano e a sua aplicação, procurando contribuir para a sua melhoria e evolução. Portanto, apresentamos agora um conjunto de propostas de intervenção no sentido de procurar a excelência:

- a) Como proposta de intervenção seria fundamental que atualmente todos os treinadores estejam sujeitos a uma formação académica no âmbito do desporto para poder exercer esta função com a máxima qualidade. À semelhança do que ocorre em outras áreas do desporto, pois torna-se necessário aumentar a presença de técnicos com formação universitária no panorama desportivo atuando como treinadores de futebol.
- b) Depois de ter sido investido na criação de regulamentação específica para a atividade de treinador, o próximo passo será a fiscalização dos clubes e da sua atividade desportiva, no sentido de ser cumprida a lei quanto à obrigatoriedade de titulação de todos os treinadores, com os consequentes benefícios para a prática. Não pode persistir mais a realidade de existirem treinadores sem nenhuma formação, sendo responsáveis por crianças e jovens.
- c) Tendo em conta a quantidade de treinadores sem titulação, seria conveniente que se consiga desenvolver ações de motivação junto a estes treinadores para que possam ter uma formação adequada. Estas ações podem ser, inclusive, uma campanha de sensibilização e estimulação, com a participação de todas as entidades responsáveis (Federação Portuguesa de Futebol e seus filiados, Instituto Português do Desporto e da Juventude e as Universidades e Institutos Politécnicos) para que seja possível alcançar a meta de todos os treinadores que exerçam funções no futebol de formação estarem devidamente formados.
- d) Para que o treinador tenha um suporte didático de fácil acesso seria muito interessante que a Federação Portuguesa de Futebol pusesse à disposição no seu *website* uma serie de conteúdos e diretrizes de trabalho com os jovens jogadores, que o treinador pudesse aceder facilmente em qualquer lugar através de uma *password* consignada a cada um. Esta plataforma podia desenvolver-se em cooperação com as instituições já mencionadas e que podem representar o triângulo de desenvolvimento da formação de treinadores, e em consequência do futebol em geral.
- e) Para que o processo de formação em estágio seja verdadeiramente uma realidade para os treinadores, seria importante implementar um programa de *mentoring* regulado e financiado, com a constituição de uma bolsa de tutores de nível de

qualidade reconhecida em todas as regiões do país, capazes de dar apoio efetivo à evolução do trabalho do treinador no terreno.

- f) O currículo da formação de treinadores deve ser revisto no sentido de incluir conteúdos relacionados com a sua dimensão pessoal e humana, percebendo a influência que os treinadores têm na construção da personalidade das crianças, torna-se necessário constituírem-se como exemplos.
- g) Parece ser fundamental reforçar as estratégias de formação de estilo informal para ir ao encontro das maiores motivações dos treinadores, promovendo debates entre colegas treinadores, grupos de trabalho em função de metas comuns, assim como proporcionar a observação crítica da competição e a observação de treinos partilhados por outros treinadores.
- h) O contexto social de onde surgem os treinadores e onde decorre a ação de formação, deve ser tido em conta nos conteúdos a desenvolver pelos formadores, porque as necessidades são distintas em diferentes contextos.
- i) De alguma forma a organização da formação de treinadores também deve ter em conta as diferentes necessidades em função da idade do treinador, assim treinadores com mais idade necessitarão de alguns conteúdos e estratégias diferentes, da mesma forma os treinadores mais jovens necessitarão de outras, por isso não seria de descartar a possibilidade de existirem unidades de formação optativas.
- j) Por outro lado, é importante continuar a garantir uma estrutura de conteúdos estipulada para cada nível de formação com o objetivo de garantir um padrão qualitativo de formação mínimo para os treinadores, não correndo o risco da formação de treinadores ficar incompleta perante as necessidades apresentadas por crianças e jovens desportistas.
- k) Recomendamos a agilização do acesso aos graus superiores de formação de treinadores para não vedar a possibilidade dos treinadores continuarem a sua formação, ainda que o perfil desses graus aponte ao desporto de alto rendimento. Pensamos que o conhecimento não ocupa lugar e a opção deve permanecer no

treinador, pois pode existir um treinador com formação Grau IV que queira trabalhar no futebol de base.

- l) Devem ser repensados os conteúdos dos cursos que apresentam menor interesse por parte dos treinadores para torná-los mais atrativos e evidenciar-se a sua importância.
- m) As variáveis contextuais, como as características da região, a idade dos treinadores, o nível escolar que apresentam e as categorias que treinam, devem ser tomadas em conta na oferta formativa para os treinadores, adaptando o mais possível aos interesses do seu contexto.
- n) De acordo com o nosso estudo a formação contínua deve apostar mais nas temáticas: “Metodologias de ensino do futebol”, “Tática e sistemas de jogo”, “Metodologia do treino desportivo”, “*Coaching* desportivo” e “*Scouting* no futebol”.
- o) A existência de uma competição formal pode fazer comprometer o processo de ensino do futebol. Deste modo, deve ser o formato competitivo que desde logo tem que ser potenciador de uma conceção de ensino equilibrada e favorável ao desenvolvimento de todas as dimensões do jogador, visando o longo prazo. Assim, os quadros competitivos do futebol de base devem ser revistos e adaptados à conceção positiva do ensino do futebol, retirando alguma carga competitiva excessiva.

7.4. LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Neste ponto pretendemos relatar as diferentes limitações do estudo, as dificuldades encontradas e os aspetos mais complexos com que nos deparámos no decurso desta investigação, que de alguma forma representam condicionalismos ao presente trabalho.

Como dificuldade inicial podemos referir que, com exceção do estudo de referência protagonizado por Abad (2009), nenhum outro estudo similar foi encontrado no futebol que pudesse ser tão completo abarcando diferentes dimensões. Apenas encontramos estudos que faziam referência a certos aspetos isolados da nossa investigação.

Outra das dificuldades sentidas diz respeito ao processo de validação, concretamente no momento da aplicação do questionário pela segunda vez no *re-test*, para tentar que as condições de resposta e a disponibilidade dos inquiridos para responder fossem as mesmas da primeira aplicação, com a preocupação de não influenciar negativamente na validação.

Uma das limitações deste estudo é inerente ao tipo de ferramenta utilizada, uma vez que a recolha da informação através de questionário fica dependente da honestidade e interesse dos inquiridos. No entanto, sendo o questionário preenchido por *internet* possibilita que o inquirido encontre a sua hora preferencial para responder tranquilamente. Por outro lado, não permite esclarecer alguma dúvida que possa surgir no seu preenchimento, apesar de a ferramenta ter sido submetida a uma validação rigorosa por vários especialistas.

Outra das limitações que se pode assinalar é a possibilidade de aplicar um estudo qualitativo na investigação, que pudesse completar de forma adequada a informação encontrada. Como por exemplo um grupo de discussão entrevistado sobre os principais resultados do questionário.

7.5. PERSPETIVAS DE FUTURO

Culminamos este trabalho projetando algumas perspetivas de investigação futuras que consigam adicionar informação útil aos diferentes aspetos estudados na nossa investigação.

É importante continuar a estudar o treinador de jovens nos diversos aspetos da sua intervenção dada a importância desta figura no universo desportivo, e uma vez que existem ainda poucos estudos dedicados a esta temática.

Deste modo, o nosso estudo pode ser replicado em outras regiões e outros países, ou ser aplicado em Portugal a uma escala global, como pode ser o estudo dos treinadores do futebol de formação em todo o país. O objetivo será estabelecer o perfil do técnico português e da sua formação, dando conta das diferenças encontradas em cada região em relação às diferentes dimensões de estudo.

Outra das possibilidades poderá passar por nos centrarmos numa das dimensões de estudo procurando aprofundar mais a informação sobre a problemática.

A partir dos dados obtidos, também se pode levar a cabo um grupo de discussão de especialistas para aprofundar os aspetos mais destacados.

Por outro lado, também podemos completar esta investigação com a observação dos treinadores durante os treinos e as competições.

Também seria interessante aplicar esta ferramenta de investigação num contexto de grandes clubes de referência na formação de jogadores de futebol, estabelecendo a comparação com contextos de futebol amador e percebendo as diferenças que se estabelecem.

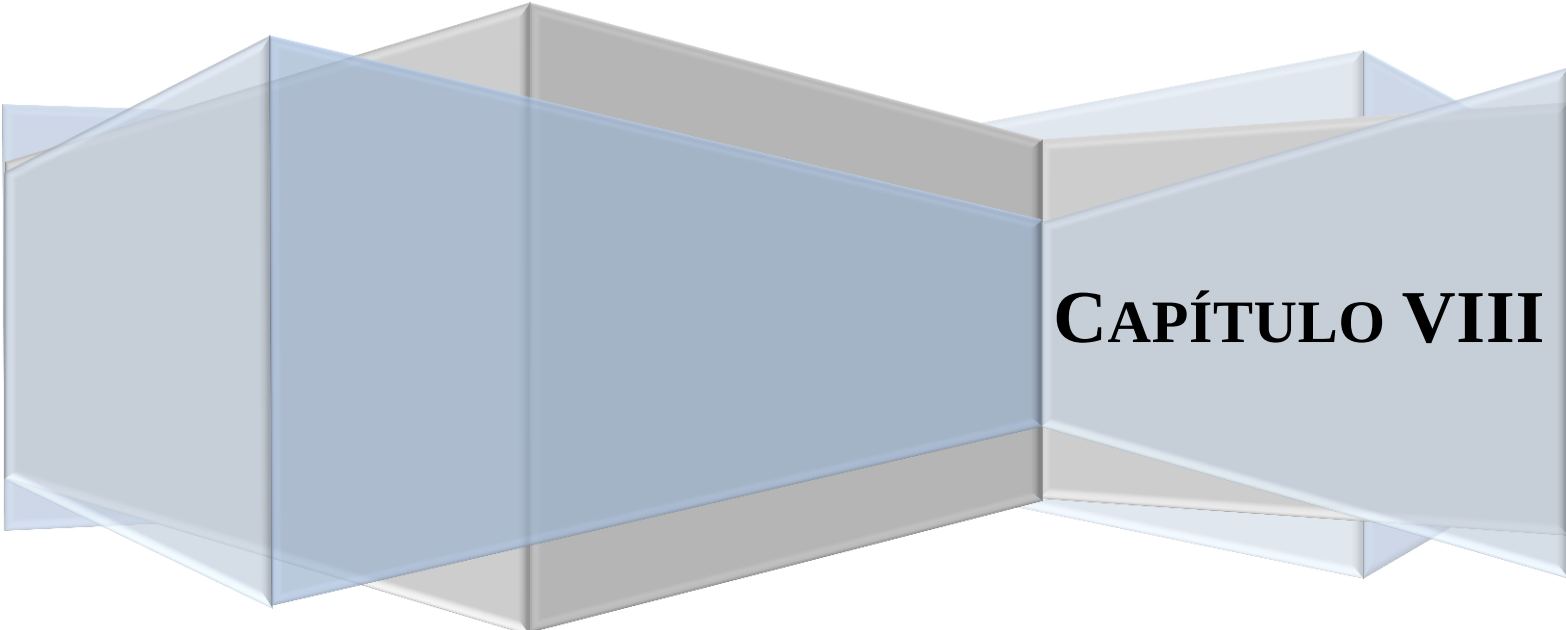
Ao mesmo tempo podemos realizar um seminário com treinadores de futebol de formação sobre a temática e construir um estudo de caso.

Também nos parece interessante poder adicionar a este estudo o levantamento das condições de retribuição financeira que os treinadores possam ter nestas categorias e os valores que estão associados. O objetivo seria tentar diagnosticar o nível de voluntariado ou profissionalismo em que se encontram nesta atividade, para ter o conhecimento da realidade e poder esperar algum investimento na sua formação.

Uma vez que detetamos que a experiência prévia do treinador enquanto jogador foi uma variável pouco explorada por outras investigações, seria interessante que futuras investigações conseguissem estudar os treinadores com base nesta variável. Tentar perceber o que representa ser ex-jogador ou não, e de que forma isto pode influir no seu trabalho com jovens.

Por último, este estudo pode ser adaptado e aplicado em outras modalidades desportivas do desporto juvenil para investigar os seus técnicos e os respetivos níveis formativos.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



CAPÍTULO VIII

- Abad, M. T. (2009). *La formación del entrenador en el proceso de enseñanza-aprendizaje de jóvenes futbolistas*. Tesis doctoral. Universidad de Huelva.
- Abad, M. T., Benito, P. J., Giménez, F. J., & Robles, J. (2011). La formación de los entrenadores de fútbol base en la provincia de Huelva. *Cultura, Ciencia e Deporte*, 6(18), 171-183.
- Abad, M. T., Giménez, F. J., Robles, J., & Castillo, E. (2013). La formación de los entrenadores de jóvenes futbolistas. *E-balonmano.com: Revista de Ciencias del Deporte* 9(2), 105-114.
- Abad, M. T., Giménez, F. J., Robles, J., & Rodríguez, J. M. (2011). Perfil, experiencia y métodos de enseñanza de los entrenadores de jóvenes futbolistas en la provincia de Huelva. *Retos. Nuevas tendencias en Educación Física, Deporte y Recreación*, 20, 21-25.
- Abraham, A., & Collins, D. (2011). Taking the next step: Ways forward for coaching. *Quest* 63, 366-384.
- Adelino, J., Vieira, J., & Coelho, O., (2000). *Treino de Jovens. O que todos precisam de Saber! 2.ª Edição*, Centro de estudos e formação desportiva. Lisboa.
- Aiken, L. R. (1985). Three coefficients for analyzing the reliability and validity of ratings. *Educational and Psychological Measurement*, 45, 131-142.
- Almeida, L., & Freire, T. (2003). *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação*. Braga: Psiquilibrios.
- Almonacid-Fierro, A., Feu, S., & Vizuite, M. (2018). Validación de un cuestionario para medir el Conocimiento Didáctico del Contenido en el profesorado de Educación Física. *Retos. Nuevas tendencias en Educación Física, Deporte y Recreación*, 34, 132-137.
- Azpillaga, I., González, Ó., Irazusta, S., & Arruza, J. A. (2012). Análisis y valoración de la influencia que ejerce el perfil formativo de los entrenadores en jóvenes futbolistas. *Retos. Nuevas tendencias en Educación Física, Deporte y Recreación*, 22, 62-64.
- Balaguer, I., Atienza, F., Castillo, I., & Cruz, J. (2014). El proyecto europeo PAPA: Promoviendo la actividad física de los adolescentes a través de experiencias positivas en el deporte. En E. Generelo, J. Zaragoza y J. A. Julián (Coords). *Promoción de la Actividad Física en la Infancia y la Adolescencia. En el camino de soluciones reales*, 183-200. Madrid: Consejo Superior de Deportes.
- Balyi, I., & Hamilton, A. (1995). The concept of long term athlete development. *Strength and Conditioning Coach*, 3(2), 5-6.
- Bennie, A., & O'Connor, D. (2010). Coaching philosophies: perceptions form professional cricket, rugby league and rugby union players and coaches in Australia. *International Journal of Sports Science and Coaching*, 5(2), 309-319.
- Bettega, O., Parente, M., Lima, L., Santos, Y., Rodrigues, A., & Galatti, L. (2017). Liderança, treinador e futebol: Descrição de publicações em periódicos brasileiros. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 17(1), 290-297. doi: 10.5628/rpcd.17.S1A.290

- Bettega, O., Scaglia, A., Nascimento, J., Ibáñez, S., & Galatti, L. (2018). O ensino da tática e da técnica no futebol: concepção de treinadores das categorias de base. *Retos, Nuevas tendencias en Educación Física, Deporte y Recreación*, 33, 112-117.
- Brink, M. S., Frencken, W. G. P., Jordet, G., & Lemmink, K. A. P. M. (2014). Coaches' and Players' Perceptions of Training Dose: Not a Perfect Match. *International Journal of Sports Physiology and Performance*, 9, 497-502. doi:10.1123/IJSP.2013-0009
- Buceta, J. M. (2004). *Estratégias Psicológicas para Treinadores de Desportistas Jovens*. Dykinson. Madrid.
- Bulger, S. M., & Hournier, L. D. (2007). Modified delphi investigation of exercise science in physical education teacher education. *Journal of Teaching in Physical Education*, 26, 57-80.
- Burgos, R. (2006). Metodología de investigación y escritura científica en clínica. *Granada: Escuela Andaluza de Salud Pública*.
- Butragueño, J., & Benito, P. J. (2014). Validation of an instrument for injury data collection in strength training. *European Journal of Human Movement*, 33, 152-167.
- Cafruni, C., Marques, A., & Gaya, A. (2004). Análise da carreira desportiva de atletas brasileiros. Estudo da relação entre o processo de formação e o rendimento desportivo. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 4(2), 211-233.
- Camiré, M., Forneris, T., & Trudel, P. (2012). High School Sport Stakeholders' Perspectives on Coaches' Ability to Facilitate Positive Youth Development. *Journal of Coaching Education*, 5(1), 64-82.
- Carter, A., & Bloom, G. (2009). Coaching knowledge and success: Going beyond athletic experiences. *Journal of Sport Behavior*, 32(4), 419-437.
- Castañer, M., Camerino, O., & Anguera, M. T. (2013). Métodos mixtos en la investigación de las ciencias de la actividad física y el deporte. *Apunts. Educación Física y Deportes*, 112(2), 31-36. doi:10.5672/apunts.2014-0983.es.(2013/2).112.01
- Castillo, I., Ramis, Y., Cruz, J., & Balaguer, I., (2015). Formación de Entrenadores de Fútbol Base en el Proyecto PAPA. *Revista de Psicología del Deporte*, 24(1), 131-138.
- Charter, R. A. (2003). A breakdown of reliability coefficients by test type and reliability method, and the clinical implications of low reliability. *Journal of General Psychology*, 130(3), 290-304.
- Checa, I., & Bohórquez, M. R. (2018). Validación española del cuestionario de locus de control en deporte infantil. *Revista Internacional de Medicina y Ciencias de la Actividad Física y el Deporte*, 18(71). doi:http://dx.doi.org/10.15366/rimcafd2018.71.011
- Chelladurai, P., & Ogasawara, E., (2003). Satisfaction and Commitment of American and Japanese Collegiate Coaches. *Journal of Sport Management*, 17(1), 62-73. doi:10.1123/jsm.17.1.62
- Chelladurai, P., Kuga, D. J., & O'bryant, C. P. (1999). Individual Differences, Perceived Task Characteristics, and Preferences for Teaching and Coaching. *Research*

- Quarterly for Exercise and Sport*, 70(2), 179-189. doi:10.1080/02701367.1999.10608035
- Costa, I. T., Samulski, D. M., & Costa, V. T. (2009). Análise do perfil de liderança dos treinadores das categorias de base do futebol brasileiro. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 23(3), 185-94.
- Costa, I. T., & Samulski, D. M. (2006). O perfil de liderança dos treinadores de futebol do Campeonato Brasileiro Série A/2005. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 20(3), 175-84.
- Côté, J. (1999). The influence of the family in the development of talent in sport. *The Sport Psychologist*, 13, 395-417.
- Côté, J., & Gilbert, W. (2009). An integrative definition of coaching effectiveness and expertise. *International Journal of Sports Science and Coaching*, 4(3), 307-323.
- Côté, J., Erickson, K., & Duffy, P. (2013). Developing the expert performance coach. In D. Farrow, D., Simpson, I., DiDenti Christiansen, E., & von Eye, A., (2005). Youth development contributions *Early Adolescence*, 25(1) 17-71.
- Cunha, G., Mesquita, I., Rosado, A., Sousa, T., & Pereira, P. (2010). Necessidades de formação para o exercício profissional na perspectiva do treinador de futebol em função da sua experiência e nível de formação. *Motriz*, 16(4) 931-941. doi:10.5016/1980-6574.2010v16n4p931
- Decreto – Lei n.º 396/2007 de 31 de dezembro. Diário da República n.º 251 - Série I. Lisboa: Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social.
- Decreto-Lei n.º 248-A/2008 de 31 de dezembro. Diário da República n.º 252 - I Série. Lisboa: Presidência do Conselho de Ministros.
- Decreto-Lei n.º 350/91 de 19 de setembro. Diário da República n.º 216 - I Série-A. Lisboa: Ministério da Educação.
- Decreto-Lei n.º 351/91 de 19 de setembro. Diário da República n.º 216 - I Série-A. Lisboa: Ministério da Educação.
- Decreto-Lei n.º 407/99 de 15 de outubro. Diário da República n.º 241 - I Série-A. Lisboa: Presidência do Conselho de Ministros.
- Decreto-Lei n.º 95/92 de 23 de maio. Diário da República n.º 119 - I Série-A. Lisboa: Ministério do Emprego e da Segurança Social.
- Del Bosque, V. (2013). El Fútbol, Educación y Formación. *Cultura, Ciencia y Deporte*, 22(8), 67-70.
- Despacho n.º 5061/2010. Diário da República, 2.ª série — N.º 56 — 22 de março de 2010. Lisboa: Presidência do Conselho de Ministros.
- Duarte, D., Garganta, J., & Fonseca, A. (2014). Does the experience influence the efficacy of football coach? A perspective from coaches with different levels of experience as player and as coach. *Journal of Human Sport & Exercise*, 9(1), 17-30. doi:10.4100/jhse.2014.91.03
- Duda, J. L. (2013). The conceptual and empirical foundations of Empowering Coaching™: Setting the stage for the PAPA project. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, 11, 311-318.

- Dunn, J. G., Bouffard, M., & Rogers, W. T. (1999). Assessing item content-relevance in sport psychology scale-construction research: issues and recommendations. *Measurement in Physical Education and Exercise Science*, 3(1), 15-36.
- Echeazarra, I., Castellano, J., Usabiaga, O., & Hernández, A. (2015). Diferencias en el uso estratégico del espacio en categorías infantil y cadete de fútbol: una aplicación del análisis de coordenadas polares. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, 15(1), 169-180.
- Escolano-Pérez, E., Herrero-Nivela, M. L., & Echeverría-Expósito, R. (2014). La resolución de problemas como estrategia de enseñanza para el aprendizaje de la táctica ofensiva en la categoría pre-benjamín de fútbol 8. *Revista de Psicología del Deporte*, 23(1), 209-217.
- Escurre, L. (1988). Cuantificación de la validez de contenido por criterio de jueces. *Revista de Psicología. PUCP*, 6, 103-111.
- European Coaching Council (2007). Review of the EU 5-level structure for the recognition of coaching qualifications. *Koln: European Network of Sport Science, Education and Employment*.
- European Commission Education and Culture (2008). *The European Qualifications Framework for Lifelong Learning*. Luxembourg. doi:10.2766/14352
- Evans M. B., McGuckin, M., Gainforth, H. L., Bruner, M. W, & Côté, J. (2015). Coach development programmes to improve interpersonal coach behaviours: a systematic review using the re-aim framework. *British Journal of Sports Medicine*, 49, 871-877. doi:10.1136/bjsports-2015-094634
- Fernández, R. C., Yague, J. M., Molinero, O., Márquez, S., & Salguero, A., (2014). Analisis de las diferencias motivacionales entre el futbol 7 y el futbol 11. *Cuadernos de Psicologia del Deporte*, 14(2), 47-58.
- Ferreira, F. (2003). O Século XX foi I Século do Desporto. *Horizonte*, 109:26-29.
- Feu, S. (2006). El perfil de los entrenadores de balonmano. La formación como factor de cambio. *Cáceres. Ilustre Colegio de Licenciados en Educación Física y Ciencias de la actividad Física y el Deporte de Extremadura*, 250.
- Feu, S., & Cañadas, M. (2015). *Innovaciones y aportaciones a la formación de entrenadores para el deporte en la edad escolar*. GOERD, Universidad de Extremadura. Editora Unicamp.
- Feu, S., & Ibáñez, S. J. (2015). El Proceso de Formación de los Entrenadores. In S. Feu & M. Cañadas (Coord.). *Innovaciones y aportaciones a la formación de entrenadores para el deporte en la edad escolar*. Universidad de Extremadura. Editora Unicamp.
- Feu, S., Ibáñez, S. J., & Gozalo, M. (2007). Propiedades psicométricas de los cuestionarios EDD y EPD para evaluar el estilo de Planificación y decisión de los entrenadores. *Revista de Psicología del Deporte*, 16(2), 185-199.
- Feu, S., Ibáñez, S. J., & Gozalo, M., (2010). La formación inicial de los entrenadores de balonmano para la enseñanza del deporte en la edad escolar. *Cultura, Ciencia y Deporte*, 5(14), 109-117.

- FIFA (2013), Portal da *Fédération Internationale de Football Association*. Retrieved from. www.fifa.com/worldfootball/bigcount/index.html transferido em 3 de julho de 2013
- Figueiredo, Gonçalves, & Tessitore (2014). Bridging the Gap Between Empirical Results, Actual Strategies, and Developmental Programs in Soccer. *International Journal of Sports Physiology and Performance*, 9, 540-543. doi:10.1123/IJSP.2014_0023
- Fraser-Thomas, J. L., Côté, J., & Deakin, J. (2005). Youth sport programs: an avenue to foster positive youth development. *Physical Education and Sport Pedagogy*, 10(1), 19-40. doi:10.1080/1740898042000334890
- Galatti, Bettega, Montagner, & Scaglia (2015). Atribuições do professor e treinador de esporte: ensino do futebol em idade escolar. In S. Feu & M. Cañadas (Coord.). *Innovaciones y aportaciones a la formación de entrenadores para el deporte en la edad escolar*. Universidad de Extremadura. Editora Unicamp.
- García-Martín, A., Antúnez, A., & Ibáñez, S. J. (2016). Análisis del proceso formativo en jugadores expertos: validación de instrumento. *Revista Internacional de Medicina y Ciencias de la Actividad Física y el Deporte*, 16(61), 157-182. doi:<http://dx.doi.org/10.15366/rimcafd2016.61.012>
- Garganta, J. M. (1998). O ensino dos jogos desportivos colectivos. Perspectivas e Tendências. *Movimento*, 8(1), 19-27.
- Garrido, M. E., Zagalaz, M. L., Torres, G., & Romero, S. (2010). Diseño y validación de un cuestionario para técnicos deportivos acerca de su opinión sobre las actitudes de padres y madres en el deporte (CTPMD). *Cuadernos de Psicología del Deporte*, 10(2), 7-21.
- Gaspar, P., & Ruela, A. (2004). Avaliação e controlo do treino em andebol: um estudo exploratório em treinadores. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 4(2), 228.
- George, D., & Mallery, P. (1995). *SPSS/PC+ step by step: A simple guide and reference*. Belmont (Estados Unidos): Wadsworth Publishing Company.
- Gestdottir, S., Naudeau, S., Jelacic, H., Alberts, A., Ma, L., Smith, L. M., Bobek, D. L., & Richman-Raphael, In W. Gilbert (Ed.), *Handbook of sports coaching*. London: Routledge.
- Gilbert, W. D. (2002). *An Annotated Bibliography and Analysis of Coaching Science*. California State University, Fresno.
- Gilbert, W., & Côté, J. (2013). Defining coaching effectiveness: a focus on coaches' knowledge.
- Giménez, F. J. (2003). *La Formación del Entrenador en la Iniciación al Baloncesto*. Wanceulen Editorial Deportiva S. L., Sevilla.
- Giménez, F. J., Abad, M. T., & Robles, J. (2010). El proceso de formación del jugador durante la etapa de iniciación deportiva. *Apunts. Educación Física y Deportes*, 99(1) 47-55.
- Giménez, F. J., Abad, M. T., & Robles, J. (2010). El proceso de formación del jugador durante la etapa de iniciación deportiva. *Apunts. Educación Física y Deportes*, 99, 47-55.

- Gómez-Carmona, P. M., Cervera, V., & Benito, P. J. (2014). Diseño y validación de un cuestionario socio-emocional para jóvenes futbolistas de élite. *Revista Internacional de Medicina y Ciencias de la Actividad Física y el Deporte*, 14(55), 545-559.
- González-Víllora, S., García-López, L. M., Gutiérrez-Díaz, D., & Pastor-Vicedo, J. C. (2013). Tactical awareness, decision making and skill In youth soccer players (under-14 years). *Journal of Human Sport & Exercise*, 8(2), 412-426.
- Guzmán, J. F., & Calpe-Gómez, V. (2012). Preliminary study of coach verbal behaviour according to game actions. *Journal of Human Sport & Exercise*, 7(2), 376-382. doi:10.4100/jhse.2012.72.04
- Hernández Sampieri, R., Fernández-Collado, y Baptista, P. (2007). Metodología de la Investigación (4ª ed.). México: McGraw-Hill/Interamericana Editores, S.A.
- Hortigüela, D., Fernández-Río, J., & Pérez, A. (2015). Efectos del planteamiento docente en la enseñanza del fútbol sobre el clima de aula. Percepciones de alumnado y profesorado. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, 16(1), 295-306.
- Instituto do Desporto de Portugal, I.P. (2011). *Estatísticas do Desporto de 1996 a 2009*. Lisboa, Portugal.
- Instituto Nacional de Estatística, I.P. (2011). *CENSOS – Resultados Provisórios*. Lisboa, Portugal.
- Instituto Português do Desporto e Juventude, I.P. (2010). *Programa Nacional de Formação de Treinadores*. Albuquerque & Bate, DesignStudio.
- Instituto Português do Desporto e Juventude, I.P. (2014). *Código de Ética Desportiva*. Lisboa, Portugal.
- Instituto Português do Desporto e Juventude, I.P. (2015). *Organização dos Cursos de Treinadores de Desporto, Regulamento*. Programa Nacional de Formação de Treinadores, Departamento de Formação e Qualificação. Lisboa, Portugal.
- Instituto Português do Desporto e Juventude, I.P. (2018). *Infografia dos Técnicos de Desporto em Portugal*. Departamento de Formação e Qualificação. Lisboa, Portugal.
- International Council for Coaching Excellence & Association of Summer Olympic International Federations (2012). *International Sport Coaching Framework*. Human Kinetics Champaign, Illinois, United States.
- Januário, N. M. S., Rosado, A. F., & Mesquita, I. (2013). Variables Affecting Athletes' Retention of Coaches' Feedback. *Perceptual & Motor Skills*, 117(2), 389-401. doi:10.2466/22.10.PMS.117x16z7
- Juan-Llamas, C. (2015). Diseño y validación de un cuestionario sobre la forma de trabajo de los instructores de clases colectivas. *Retos. Nuevas Tendencias en Educación Física, Deporte y Recreación*, 27, 19-23.
- Labrincha, J., & Gaspar, P. (2004). Avaliação e controlo do treino em basquetebol: um estudo exploratório em treinadores. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 4(2), 228.
- Lago, C. (2009). The influence of match location, quality of opposition, and match status on possession strategies in professional association football. *Journal of Sports Sciences*, 27(13), 1463–1469.

- Lapresa, D., Arana, J., Amatria, M., Fernández, F. J., & Anguera, M. T. (2017). Fútbol: efectos de una unidad didáctica en la iniciación temprana. *Apunts. Educación Física y Deportes*, 127(1), 59-67.
- Lapresa, D., Arana, J., Garzón, B., Egüén, R., & Amatria, M. (2010). Adaptando la competición en la iniciación al fútbol: estudio comparativo de las modalidades de fútbol 3 y fútbol 5 en categoría prebenjamín. *Apunts. Educación Física y Deportes*, 101(3), 43-56.
- Lara-Bercial, S., North, J., Härmäläinen, K., Oltmanns, K., Minkhorst, J., & Petrovic, L., (2017). European Sport Coaching Framework. Published by Human Kinetics, Champaign, Illinois, United States.
- Latorre, P. A., & Pantoja, A. (2012). Diseño y validación de una escala de percepción del riesgo en actividades físicodeportivas Escolares. *Retos. Nuevas tendencias en Educación Física, Deporte y Recreación*, 21, 25-29.
- Lei n.º 40/2012 de 28 de agosto. Diário da República, 1.ª série — N.º 166 — 28 de agosto de 2012. Lisboa: Presidência do Conselho de Ministros.
- Lei n.º 9/2009 de 4 de março. Diário da República n.º 44 - Série I. Lisboa: Assembleia da República
- Leo, F. M., Sánchez-Miguel, P. A., Sánchez-Oliva, D., Amado, D., & García, T. (2013). El liderazgo y el clima motivacional del entrenador como antecedentes de la cohesión y el rol percibido en futbolistas semiprofesionales. *Revista de Psicología del Deporte*, 22(2), 361-370.
- Lerner, R. M., Fisher, C. B., & Weinberg, R. A. (2000) Toward a science for and of the people: promoting civil society through the application of developmental science. *Child Development*, 71, 11-20.
- Lerner, R. M., Lerner, J. V., Almerigi, J. B., Theokas, C., Phelps, E., Gestdottir, S., Naudeau, S., Jelicic, H., Alberts, A., Ma, L., Smith, L. M., Bobek, D.L., Richman-Raphael, D., Simpson, I., DiDenti Christiansen, E., & Von Eye, A., (2005). Youth development contributions of fifth-grade adolescents: Findings From the first wave of the 4-H study of positive. *The Journal of Early Adolescence*, 25(1) 17-71.
- Light, R. L., & Harvey, S. (2017). Positive Pedagogy for sport coaching. *Sport, Education and Society*, 22(2), 271-287. doi:10.1080/13573322.2015.1015977
- Light, R., & Robert, J. (2010). The impact of game sense pedagogy on Australian rugby coaches' practice: A question of pedagogy. *Physical Education and Sport Pedagogy*, 15(2), 103-115.
- Lima, T. (2001). *Com que então quer ser treinador? Basquetebol – da aprendizagem à competição*. Lisboa: Centro de estudos e Formação Desportiva.
- Lledó, E., & Huertas, F. (2012). Perfil del técnico de fútbol en escuelas de clubes de primera división en la Comunitat Valenciana. *Apunts. Educación Física y Deportes*, 108, 35-45. doi:10.5672/apunts.2014-0983.es.(2012/2).108.04
- Lledó, E., Martínez, G., & Huertas, F. (2014). Perfil del entrenador de fútbol en la etapa escolar en escuelas de clubes de élite de la Comunitat Valenciana. *Cultura Ciencia y Deporte*, 9(25), 57-68.

- Longarela, B., & Montero, A. (2015). Influencia de un programa de intervencion en las conductas de los entrenadores de baloncesto en categorias de formacion. *Cuadernos de Psicologia del Deporte*, 15(3), 219-226.
- Lyle, J. (2002). *Sport coaching concepts: A framework for coaches' behaviour*. London: Routledge.
- Maestre, M., Garcés de los Fayos, E. J., Ortín, F. J., & Hidalgo, M. D. (2018). El perfil del entrenador excelente en fútbol base. Un Estudio mediante Grupos Focales. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, 18(3), 112-128.
- Maldonado, E., Pacheco, R., & Zamarripa, J. (2017). Validación mexicana del cuestionario de clima de aprendizaje adaptado a la educación física. *Retos. Nuevas Perspectivas de Educación Física, Deporte y Recreación*, 32, 115-118.
- Martindale, R., & Nash, C. (2013). Sport science relevance and application: Perceptions of UK coaches. *Journal of Sports Sciences*, 31(8), 807-819. doi:10.1080/02640414.2012.754924
- Matos, M. (2003). *A saúde dos adolescentes portugueses (quatro anos depois)*. Lisboa: Edições FMH.
- Melo, F. (2004). Educação, tempo livre e juventude – contributos para a caracterização sociodesportiva da cidade de Ponte Delgada. *Horizonte*, 112, 20-27.
- Merino, A., Sabirón, F., & Arraiz, A., (2015). Análisis del escenario de competición en fútbol prebenjamín: Un estudio de caso. *Retos, Nuevas tendencias en Educación Física, Deporte y Recreación*, 28, 26-32.
- Merino, C., & Livia, J. (2009). Intervalos de confianza asimétricos para el índice la validez de contenido: Un programa Visual Basic para la V de Aiken. *Anales de psicología*, 25(1), 169-171.
- Mesquita, I., Borges, M., Rosado, A., & De Souza, A. (2011). Handball coaches' perceptions about the value of working competences according to their coaching background. *Journal of Sports Science and Medicine*, 10, 193-202.
- Mesquita, I., Farias, C., Rosado, A., Pereira, F., & Moreno, M. P. (2008). La presentación de las tareas en función de la formación académica de los entrenadores de fútbol. *Motricidad. European Journal of Human Movement*, 20, 128-143.
- Mesquita, I., Isidro, S., & Rosado, A. (2010). Portuguese coaches' perceptions of and preferences for knowledge sources related to their professional background. *Journal of Sports Science and Medicine*, 9(3), 480-489.
- Moon, J. A. (2004). *A handbook of reflective and experiential learning: Theory and practice*. London: Routledge-Falmer.
- Moreira, M. (2018). Tendências evolutivas do Plano Nacional de Formação de Treinadores. Comunicação apresentada no Seminário: Desafios na formação de treinadores. Rio Maior
- Moreno, M. P., & Del Villar, F. (2004). El entrenador deportivo: *Manual práctico para su desarrollo y formación*. Barcelona: INDE.
- Moreno, M., Ribeiro, M., & Mourão-Carvalho, I. (2010). A prática de modalidades desportivas por jovens adolescentes. Promoção da Saúde e Actividade Física: Contributos para o Desenvolvimento Humano. Vila Real, UTAD, 545-56.

- Nevil, A. M., Lane, A. M., Kilgour, L. J., Bowes, N., & Whyte, G. P. (2001). Stability of psychometric questionnaires. *Journal of Sports Sciences*, 19(4), 273-278.
- North, J. (2009). *The UK coaching workforce*. Leeds: Sports Coach UK of fifth-grade adolescents: Findings From the first wave of the 4-H study of positive. *The Journal of practice* (pp. 17-28; 2nd ed.). New York: Routledge. *Psychologist*, 13, 395-417.
- Nunnally, J. C. (1999). *Psychometric theory*. *Journal of Psychoeducational Assessment*, 17, 275-280.
- Nuviala, A., León, J. A., Gálvez, J., & Fernández, A. (2007) Qué actividades deportivas escolares queremos. Qué técnicos tenemos. *Revista Internacional de Medicina y Ciencias de la Actividad Física y el Deporte*, 7(25), 1-9.
- Nuviala, A., Tamayo, J. A., Iranzo, J., & Falcón, D. (2008). Creación, diseño, validación y puesta en práctica de un instrumento de medición de la satisfacción de usuarios de organizaciones que prestan servicios deportivos. *Retos. Nuevas tendencias en Educación Física, Deporte y Recreación*, 14, 10-16.
- Olmedilla, A., Ortín, F. J., Andréu, M. D., & Lozano, F. J., (2004). Formación en Psicología para Entrenadores de Fútbol: Una Propuesta Metodológica. *Revista de Psicología del Deporte*, 13(2), 247-262.
- Ortega, E., Calderón, A., Palao, J. M., & Puigcerver, M. C. (2008). Diseño y validación de un cuestionario para evaluar la actitud percibida del profesor en clase y de un cuestionario para evaluar los contenidos actitudinales de los alumnos durante las clases de educación física en secundaria. *Retos. Nuevas tendencias en Educación Física, Deporte y Recreación*, 14, 22-29.
- Ortega, E., Jiménez, J. M., Palao, J. M., & Sainz, P. (2008). Diseño y validación de un Cuestionario para valorar las Preferencias y satisfacciones en Jóvenes jugadores de baloncesto. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, 8(2) 39-58.
- Ortega, G., Abad, M. T. Durán, L. J., Franco, J., Giménez, F. J., Jiménez, P. J., & Jiménez, A. C. (2015). *Treinar Futebol: Ensinando Valores. Por uma Educação Real: Valores e Desporto*. Edições Gráficas da Fundação Real Madrid.
- Ortega, G., Abad, M. T., Giménez, F. J., Durán, L. J., Franco, J., Jiménez, A. C., & Robles, J. (2018). Diseño y validación de un cuestionario de satisfacción con programas deportivos en centros penitenciarios. *Apunts. Educación Física y Deportes*, 131(1), 21-33. doi:10.5672/apunts.2014-0983.es.(2018/1).131.02
- Osterlind, S. J. (1989). *Constructing Test Items*. Londres: Kluwer Academic Publishers.
- Östlund, U., Kidd, L., Wengström, Y., & Rowa-Dewar, N. (2011). Combining qualitative and quantitative research within mixed method research designs: A methodological review. *International Journal of Nursing Studies*, 48, 369–383. doi:10.1016/j.ijnurstu.2010.10.005
- Otero, F. M., González, J. A., & Calvo, A. (2012). Validación de instrumentos para la medición del conocimiento declarativo y procedimental y la toma de decisiones en el fútbol escolar. *Retos. Nuevas tendencias en Educación Física, Deporte y Recreación*, 22(2), 65-69.
- Paixão, P., Abad, M. T., & Giménez F. J. (2019). Diseño y validación de un cuestionario para estudiar la formación de entrenadores de fútbol base. *Retos. Nuevas tendencias en Educación Física, Deporte y Recreación*, 35, 294-300.

- Pazo, C. I., Sáenz-López, P., & Fradua, L., (2012). Influencia del contexto deportivo en la formación de los futbolistas de la selección española de fútbol. *Revista de Psicología del Deporte*, 21(2), 291-299.
- Pazo, C. I., Sáenz-López, P., Fradua, L., Barata, A. J., & Coelho, M. J. (2011). La formación de los jugadores de fútbol de alta competición desde la perspectiva de los coordinadores de cantera. *Apunts. Educación Física y Deportes*, 104, 56-65. doi:10.5672/apunts.2014-0983.es.(2011/2).104.06
- Penfield, R. D., & Giacobbi, P. R. (2004). Applying ascore confidence interval to Aiken's item content relevance index. *Measurement in Physical Education and Exercise Science*, 8(4), 213-225. doi:10.1207/s15327841mpee0804_3
- Pereira, A. (2008). *SPSS Guia Prático de Utilização, Análise de dados para ciências sociais e psicologia*. Lisboa. Edições Sílabo, Lda.
- Pereira, Z. (2011). Los diseños de método mixto en la investigación en educación: Una experiencia concreta. *Revista Electrónica Educare*, 15(1), 15-29.
- Pérez, M. C. (2002). Caracterización del entrenador de alto rendimiento deportivo. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, 2(1).
- Pérez, M. C. (2002). Estudio cualitativo sobre entrenadores de alto rendimiento deportivo. *Revista de Psicología del Deporte*, 11(1), 9-33.
- Pérez, S., Sánchez, J., & Urchaga, J. D. (2015). Los motivos para la participación en fútbol: Estudio por categorías y nivel de competición de los jugadores. *Cultura, Ciencia y Deporte*, 30(10), 187-198.
- Pill, S. (2012). Teaching Game Sense in Soccer. *Journal of Physical Education, Recreation & Dance*, 83(3), 42-52. doi:10.1080/07303084.2012.10598746
- Pulido, J. J., Sánchez-Oliva, D., Sánchez-Miguel, P. A., Leo, F. M., & García-Calvo, T. (2016). Influencia de la formación de los entrenadores sobre la motivación de los deportistas. *Revista Internacional de Medicina y Ciencias de la Actividad Física y el Deporte*, 16(64), 685-702. doi:10.15366/rimcafd2016.64.005
- Quivy, R., & Campenhoydt, L. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*: Lisboa: Gradiva.
- Robles, A., Robles, J., Giménez, F. J. & Abad, M. T. (2016). Validación de una entrevista para estudiar el proceso formativo de judokas de élite. *Revista Internacional de Medicina y Ciencias de la Actividad Física y el Deporte*, 16(64), 723-738. doi:10.15366/rimcafd2016.64.007
- Rocha, C. M., & Chelladurai, P. (2011). Relationship between Organizational Support and Performance of College Coaches: A Mediation Model. *European Sport Management Quarterly*, 11(3), 301-319. doi:http://dx.doi.org/10.1080/16184742.2011.577793
- Rubio, D. M., Berg-Weger, M., Tebb, S. S., Lee, E. S., & Rauch, S. (2003). Objectifying content validity: Conducting a content validity study in social work research. *Social Work Research*, 27, 94-104.
- Ruiz, G. (2014). ¿El buen entrenador nace o lo hace el deportista? El camino hacia el alto nivel en triatlón. *Revista de Psicología del Deporte*, 23(2), 377-386.
- Ruiz, L. M., García, V., Palomo, M., Navia, J. A., & Miñano, J. (2014). Inteligencia contextual y pericia en el fútbol. *Revista Internacional de Medicina y Ciencias de*

- la Actividad Física y el Deporte*, 14(54), 307-317. doi:cdeporte.rediris.es/revista/revista54/artinteligencia479.htm
- Šafaříková, S. (2012). The influence of football on the personal development of children in Uganda. *Journal of Human Sport & Exercise*, 7(1), 173-177. doi:10.4100/jhse.2012.7.Proc1.19
- Saldaña, L. M., & García, J. M. (2013). Diseño, creación y validación de una entrevista para obtener datos biográficos, de carácter deportivo-militar, de los militares que participaron en unos juegos olímpicos. *Journal of Sport and Health Research*, 5(2), 157-166.
- Sánchez, J., Molinero, O., & Yagüe, J. M., (2012). Incidencia de dos metodologías de entrenamiento-aprendizaje sobre la técnica individual de futbolistas de 6 a 10 años de edad. *Retos, Nuevas tendencias en Educación Física, Deporte y Recreación*, 22(2), 29-32.
- Sanchez, J., Yague, J. M., & Molinero, O. (2013). Estudio del nivel de diversion generado por la aplicacion de un programa de entrenamiento tecnico y otro tactico en futbolistas jóvenes. *Cuadernos de Psicologia del Deporte*, 13(1), 95-102.
- Sánchez-Sánchez, J., Luis, J. M., Guillen, J., Martín, D., Romo, D., Rodríguez, A., & Villa, J. G., (2014). Efecto de la motivación del entrenador sobre la carga interna y el rendimiento físico de un juego de fútbol reducido. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, 14(3), 169-176.
- Santos, F., Pereira, P., & Martinek, T. J. (2018). O papel do treinador no desenvolvimento positivo dos jovens através do desporto de competição: necessidades, desafios e recomendações. In V. Loureiro e N. Loureiro (Org.). *Atividade Física e Desporto. Diversos Contextos de Intervenção* (pp. 112-127). Instituto Politécnico de Beja.
- Santos, S., Mateus, N., Gonçalves, B., Silva, A., Sampaio, J., & Leite, N. (2015). The influence of previous sport experiences in transfer of behaviour patterns among team sports. *Revista de Psicología del Deporte*, 24(1), 89-92.
- Santos, S., Mesquita, I., Graça, A., & Rosado, A. (2010). Coaches' perceptions of competence and acknowledgement of training needs related to professional competences. *Journal of Sports Science and Medicine*, 9, 62-70.
- Sierra, B. R. (2001). *Técnicas de Investigación Social: teoría y ejercicios* (Decimocuarta ed.). Madrid: Paraninfo.
- Silva, E., Siqueira, O., Crescente, L., Paixão, A., Andrade, B., & Carravetta, E. (2004). Planejamento dos treinamentos físico, técnico e tático no futebol profissional brasileiro. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 4(2), 215.
- Silverman, S., & Subramanian, P. R. (1999). Student attitude toward education and physical activity: a review of measurement issues and outcomes. *Journal of Teaching in Physical Education*, 19, 97-125.
- Simón, J. A., Fernández, J. G., & Contreras, O. R. (2017). Diseño y validación de un cuestionario de autopercepción de la excelencia en el deporte. *Retos. Nuevas tendencias en Educación Física, Deporte y Recreación*, 31, 58-63.
- South African Sports Confederation and Olympic Committee (2012). *The South African model of long-term coach development*. Johannesburg: Author.

- Stafford, I. (2010). Coaching for Long-Term Athlete Development: to improve participation and performance in sport. London. Sport England, Sports Coach.
- Stoszkowski, J., & Collins, D. (2017). Using shared online blogs to structure and support informal coach learning-part 1: a tool to promote reflection and communities of practice. *Sport, Education and Society*, 22(2), 247-270. doi:10.1080/13573322.2015.1019447
- Talamoni, G. A., Oliveira, F. I. S., & Hunger, D. (2013). As configurações do futebol brasileiro: análise da trajetória de um treinador. *Revista Movimento*, 19(1), 73-93.
- Taylor, W. G., Piper, H., & Garratt, D. (2016). Sports coaches as 'dangerous individuals'-practice as governmentality. *Sport, Education and Society*, 21(2), 183-199. doi:10.1080/13573322.2014.899492
- Thomas, J. R., & Nelson, J. K. (2007). *Métodos de investigación en actividad física*. Barcelona: Paidotribo.
- Trail, G., & Chelladurai, P. (2002). Perceptions of Intercollegiate Athletic Goals and Processes: The Influence of Personal Values. *Journal of Sport Management*, 16, 289-310.
- Vasconcelos-Raposo, J. (2012). Num desporto com valores: Construir uma sociedade mais justa. *Motricidade*, 8(2), 1-7. doi:10.6063/motricidade.8(2).707
- Vickers, B., & Schoenstedt, L. (2011). Coaching development: Methods for youth sport introduction. *Strategies: A journal for Physical and Sport Educators*, 24(4), 14-19. doi:10.1080/08924562.2011.10590938
- Werthner, P., & Trudel, P. (2006). A new theoretical perspective for understanding how coaches learn to coach. *The Sport Psychologist*, 20(2), 198-212.
- Wiersema, L. D. (2001). Conceptualization and development of the sources of enjoyment in youth sport questionnaire. *Measurement in Physical Education and Exercis Science*, 5(3), 153-157.
- World Anti-Doping Agency (2015). WADA Coach's Tool Kit. Version 4.0, 2nd Edition
- Yagüe, J. M., Fraile, A., & Rodríguez, M. (2004). Un Modelo de Formación Permanente del Entrenador de Fútbol. *Apunts, Educación Física y Deportes*, 50-54.
- Yagüe, J. M., Herrero, A., Tabernero, B., & Veroz, R. (2017). Diseño y validación del cuestionario «Deporteduca» para conocer la incidencia de la competición sobre algunos valores socioeducativos en el ámbito de la iniciación al fútbol. *Retos. Nuevas tendencias en Educación Física, Deporte y Recreación*, 31, 197-201.
- Zapata, G., Antonio, J., & Palao, J. M. (2015). Planificación y Control del Entrenamiento de los Equipos de Fútbol en Categorías Juvenil y Tercera División Senior de la Región de Murcia (temporada 2012-2013). *Kronos* 14(1).

9. ANEXOS

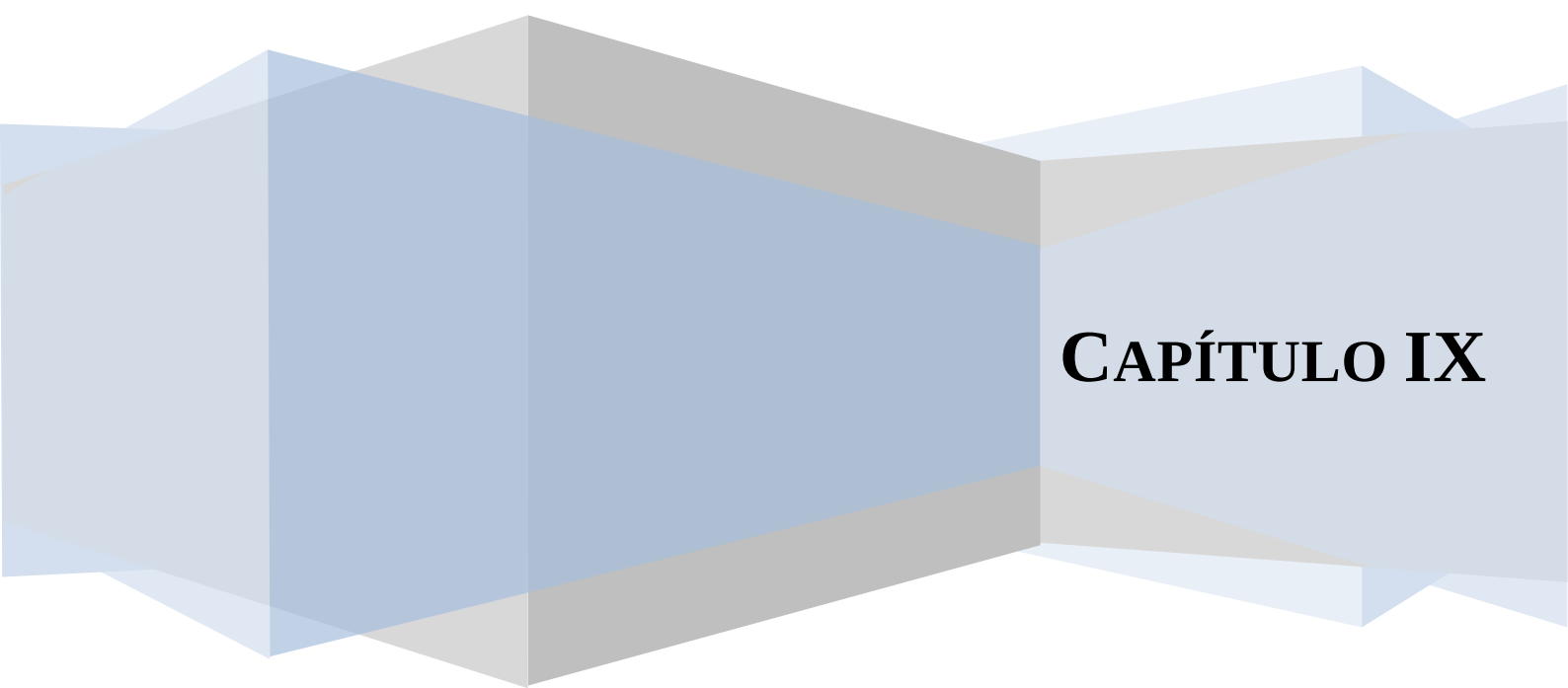
9.1.PRIMEIRA FASE DE VALIDAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

9.2.SEGUNDA FASE DE VALIDAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

9.3.TERCEIRA FASE DE VALIDAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

9.4.QUESTIONÁRIO FINAL

9.5.PUBLICAÇÃO DO ARTIGO DE VALIDAÇÃO



CAPÍTULO IX



AS NECESSIDADES FORMATIVAS DO TREINADOR DE JOVENS FUTEBOLISTAS NO BAIXO ALENTEJO (PORTUGAL)

Paulo Alexandre Sousa Bacalhau Paixão

Javier Giménez Fuentes-Guerra

Manuel Tomás Abad Robles

Programa de Doutoramento em Investigação em la Enseñanza y el Aprendizaje de las
Ciencias Experimentales, Sociales, Matemáticas y de la Actividad Física y Deportiva

Universidade de Huelva

VALIDAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

O questionário para o qual solicitamos a vossa atenção e análise, constitui um instrumento de recolha de dados integrado num estudo sobre **as necessidades de formação dos treinadores de jovens futebolistas** nos clubes desportivos da região do Baixo Alentejo (Portugal).

Com o objectivo de melhorar e apurar falhas no instrumento de recolha dos dados, solicitamos a sua colaboração, como especialista, para avaliar o presente questionário. No sentido de facilitar esta tarefa, apresentamos um protocolo de avaliação.

Agradecemos desde já a sua preciosa colaboração.

Protocolos de avaliação

O protocolo de avaliação que propomos é constituído por dois blocos que pretendem concretizar uma avaliação geral e avaliação específica uma.

O **protocolo I** procura avaliar de forma global as características gerais do questionário quanto: à sua apresentação, às instruções para responder, à dificuldade de resposta, à ordem das perguntas e à sua extensão ou amplitude.

O **protocolo II** pretende avaliar os aspectos específicos de cada uma das perguntas do questionário: a pertinência da pergunta, a forma de redacção da pergunta, a clareza da pergunta, a compreensibilidade dos termos e a inclusão de todas as alternativas possíveis de resposta.

9.1. PRIMEIRA FASE DE VALIDAÇÃO

Protocolo I: Aspectos Globais do Questionário

1. A apresentação do questionário é:

Muito adequada ☐ Adequada ☐ Normal ☐ Pouco adequada ☐ Nada adequada ☐

2. As instruções para responder ao questionário são:

Muito adequadas ☐ Adequadas ☐ Normais ☐ Pouco adequadas ☐ Nada adequadas ☐

3. O questionário resulta:

Muito fácil de responder ☐ Fácil de responder ☐ Normal ☐ Difícil de responder ☐ Muito difícil de responder ☐

4. A ordem das perguntas é:

Muito adequada ☐ Adequada ☐ Normal ☐ Pouco adequada ☐ Nada adequada ☐

5. Quanto à extensão ou amplitude, diria que o questionário é:

Muito extenso ☐ Extenso ☐ Normal ☐ Curto ☐ Muito curto ☐

Comentários:

Obrigado pela sua colaboração.

9.2. SEGUNDA FASE DE VALIDAÇÃO

Protocolo II: Aspectos Específicos do Questionário

Assinale o seu grau de concordância relativamente a cada um dos itens indicados.

Dimensões de Estudo	As perguntas são pertinentes para o objectivo a medir					A redacção das perguntas não condiciona as respostas					As perguntas são claras					Utilizam-se termos compreensíveis para os inquiridos					Incluem-se todas as alternativas possíveis nas respostas contempladas				
	Totalmente de acordo	De acordo	Indiferente	Desacordo	Completamente em desacordo	Totalmente de acordo	De acordo	Indiferente	Desacordo	Completamente em desacordo	Totalmente de acordo	De acordo	Indiferente	Desacordo	Completamente em desacordo	Totalmente de acordo	De acordo	Indiferente	Desacordo	Completamente em desacordo	Totalmente de acordo	De acordo	Indiferente	Desacordo	Completamente em desacordo
1. Características Sociodemográficas																									
2. Experiência Desportiva																									
3. Aspectos Pessoais																									
4. Formação como Treinador																									
5. Formação Contínua e Experiência																									
6. Concepção de Ensino																									
7. Planificação e Programação																									
8. Necessidades de Formação																									

No sentido de auxiliar o processo de avaliação do Protocolo II, anexamos uma tabela resumo com todas as questões do questionário agrupadas pelas suas dimensões de estudo, para que assim seja possível fazer a correspondência das perguntas a cada grupo avaliado (Anexo de Apoio).

ANEXO DE APOIO

Dimensões de Estudo:	Questões
1. Características Sociodemográficas	1. Género 2. Idade 3. Qual é a sua atividade PRINCIPAL? 4. Que MÁXIMA QUALIFICAÇÃO académica possui que tenha CONCLUÍDO?
2. Experiência Desportiva	5. Há quantos anos treina no futebol de formação (crianças e jovens entre os 4 e os 18 anos de idade)? 6. A/s categoria/s em que treina actualmente é/são: 8. Foi ou é jogador federado de futebol? 9. Qual foi a máxima categoria em que jogou? 10. Durante quantos anos jogou federado? 22. Há quanto tempo concluiu o curso de treinador de futebol?
3. Aspectos Pessoais	7. Qual a principal razão porque treina? Que importância pensa que têm cada um dos seguintes aspectos em relação ao trabalho do treinador de futebol de formação? 11. Ter o título de treinador de futebol 12. Ter sido jogador federado de futebol 13. Ter formação universitária 14. Frequentar cursos de formação continuada 15. Assistir a seminários sobre futebol 16. Ler livros e revistas de futebol 17. Ver jogos e treinos de futebol 18. Consultar sites da internet sobre futebol 19. Trocar ideias nos blogs de futebol da Internet 20. Conversar diretamente com outros treinadores
4. Formação como Treinador	21. Qual a MÁXIMA CERTIFICAÇÃO de futebol que possui? Que conteúdos da <u>formação geral</u> do CURSO DE TREINADORES de futebol que possa ter realizado, foram os mais úteis para treinar no futebol de formação? 23. Didática do Desporto 24. Pedagogia do Desporto 25. Psicologia do Desporto 26. Segurança Desportiva 27. Teoria e Metodologia do Treino Desportivo das Modalidades Coletivas e Individuais 28. Aprendizagem e Desenvolvimento Motor 29. Observação e Análise das Habilidades Motoras 30. Funcionamento do Corpo Humano, Nutrição e Primeiros Socorros 31. Luta Contra a Dopagem 32. Desporto com Pessoas com Deficiência Que conteúdos da <u>formação específica</u> do CURSO DE TREINADORES de futebol que possa ter realizado, foram os mais úteis para treinar no futebol de formação? 33. Técnica/Táctica 34. Metodologia do Treino de futebol 35. Capacidades Físicas/Motoras 36. Psicologia no Futebol 37. Gestão e Organização no futebol 38. Arbitragem e Leis de Jogo 39. Organização de Classe No seguimento, responda qual o grau de concordância com as seguintes manifestações? 40. Penso que o tempo empregue no curso de treinadores é suficiente para treinar no futebol de formação 41. Creio que os conteúdos recebidos durante o curso de treinadores são suficientes para treinar no futebol de formação 42. Acredito que a parte mais importante do curso de treinadores foi a prática 43. Acho que tanto a teoria como a prática, foram importantes no curso de treinadores 44. Em geral, penso que os professores que tive no curso de treinadores me ensinaram muito
5. Formação Contínua e Experiência	Das seguintes manifestações referentes à formação contínua e experiência, responda qual o seu grau de concordância? 45. Habitualmente costumo participar em jornadas, seminários, congressos, etc. para me manter actualizado 46. Acredito que com a minha experiência diária é suficiente para me manter actualizado 47. Habitualmente costumo fazer cursos de curta ou média duração para me manter actualizado 48. Costumo trocar opiniões, experiências, etc. com outros colegas treinadores para completar a minha formação 49. Habitualmente leio livros, revistas, etc. para continuar a minha formação 50. Os monitores-treinadores, dentro do clube ou escola onde treinamos, costumamos trabalhar em grupo

6. Concepção de Ensino	Das seguintes manifestações referentes à concepção de ensino, responda qual o seu grau de concordância? 51. Na minha opinião, o futebol é um meio através do qual eu posso educar os meus jogadores 52. Para mim, os resultados obtidos pela minha equipa nas competições são muito importantes 53. A competição é mais um aspeto na formação desportiva dos jogadores 54. Considero que o primordial é que os jogadores se divirtam praticando o futebol 55. Através do futebol podemos ensinar valores educativos 56. Costumo utilizar com mais frequência métodos de ensino directivos 57. Costumo utilizar com mais frequência métodos de ensino baseados na descoberta 58. Habitualmente disponho de instalação e material suficiente para treinar 59. Acho que a competição nestas idades de iniciação está adaptada às características psicoevolutivas dos jogadores 60. Creio que todos os jogadores devem participar nas competições, independentemente do resultado
7. Planificação e Programação	Das seguintes manifestações referentes à planificação e programação, responda qual o seu grau de concordância? 61. Costumo programar a época antes que comece 62. Costumo programar o trabalho cada mês 63. Programo o trabalho cada semana 64. Programo o trabalho diariamente 65. Habitualmente trabalho os meios técnico-táticos com oposição 66. Costumo dar mais prioridade aos aspetos técnico-táticos do que aos físicos 67. Habitualmente utilizo uma metodologia lúdica 68. É-me fácil motivar os jogadores 69. Habitualmente, mantenho relações amigáveis com os meus jogadores 70. Normalmente, costumo manter relações cordiais com os pais dos jogadores 71. Habitualmente controlo facilmente os treinos 72. Tenho claro os conteúdos que hei de trabalhar nestas idades 73. Os objetivos que me coloco nestas idades são fundamentalmente educativos 74. Os objetivos que me coloco nestas idades são fundamentalmente competitivos 75. Os objetivos que me coloco nestas idades são fundamentalmente recreativos 76. Realizo uma avaliação inicial dos jogadores no início da época 77. A partir dessa avaliação realizo a programação 78. Avalio só no final da época 79. Os jogadores comparecem normalmente aos treinos 80. No futuro, a minha intenção é terminar treinando em categorias superiores
8. Necessidades de Formação	Em que conteúdos teria mais interesse em continuar a sua formação? 81. Técnica individual e colectiva 82. Preparação física 83. Segurança desportiva 84. Metodologia de ensino do futebol 85. Tática e sistemas de jogo 86. Regras do jogo 87. Direção de equipas 88. Desenvolvimento profissional 89. Bases anatómicas e fisiológicas do desporto 90. Psicologia do desporto 91. Metodologia do treino desportivo 92. Fundamentos sociológicos do desporto 93. Organização e legislação do desporto 94. Direção e coordenação do desporto 95. Primeiros socorros e higiene no desporto 96. Pedagogia do desporto 97. Desenvolvimento motor e aprendizagem 98. Observação e análise das habilidades desportivas 99. Nutrição desportiva 100. Ética do desporto Que estratégias escolheria para continuar a sua formação como treinador de futebol? 101. Conferências, congressos, jornadas, seminários 102. Cursos de curta ou média duração 103. Reflexão sobre a própria prática 104. Ver outros colegas a treinar 105. Leitura de livros ou revistas específicas de futebol 106. Leitura de livros ou revistas relacionadas com o treino desportivo 107. Grupos de trabalho entre treinadores de futebol 108. Visionamento e análise de jogos e treinos de futebol em vídeo 109. Formações de grau académico 110. Se a formação de grau académico é uma das estratégias escolhidas para continuar a sua formação, indique o grau académico que pretende. Licenciatura; Mestrado; Doutoramento



9.3. TERCEIRA FASE DE VALIDAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

AS NECESSIDADES FORMATIVAS DO TREINADOR DE JOVENS FUTEBOLISTAS NO BAIXO ALENTEJO (PORTUGAL)

Análise da situação atual e propostas de intervenção

Estimado especialista:

Pretendemos realizar um estudo para conhecer as necessidades formativas do treinador de jovens futebolistas no Baixo Alentejo (Portugal) e fazer uma análise da situação atual, para poder apresentar propostas de intervenção. Para esse efeito, foi concebido um questionário com oito dimensões em estudo: 1. Características Sociodemográficas; 2. Experiência Desportiva; 3. Aspectos Pessoais; 4. Formação como Treinador; 5. Formação Contínua e Experiência; 6. Conceção de Ensino; 7. Planificação e Programação; 8. Necessidades de Formação.

Para que esta ferramenta seja o mais eficaz possível pedimos a sua colaboração como especialista nesta segunda etapa de validação do questionário. Pedimos que faça uma valoração a cada questão quanto à sua PERTINÊNCIA, CONTEÚDO e REDAÇÃO. Esta avaliação também deve ter em conta a relevância de cada questão dentro da dimensão que pretende estudar.

Em seguida, apresentamos uma folha de registo onde deve valorar cada pergunta indicando com um X o grau de adequação de cada item ou questão. Para isso, indicamos a escala com um intervalo de 1 a 6, sendo 1 a pontuação mais baixa possível (nenhuma/nenhum/má) e 6 a maior pontuação possível (muita/muito/boa). Deverá avaliar as perguntas em relação aos seguintes aspetos:

a) PERTINÊNCIA: Que a pergunta ou item meça o que realmente se quer avaliar.
b) CONTEÚDO: Que a pergunta esteja devidamente formulada para obter a informação que se pretende recolher.
c) REDAÇÃO: Que a pergunta, do ponto de vista gramatical e sintático, seja correta.
Adicionalmente, para cada dimensão, dispõe de um espaço para poder propor uma pergunta alternativa e de outro espaço para fazer as observações que considere oportunas.

- a) Pergunta alternativa (P.A.): Caso a questão lhe pareça inadequada, ou considere possível melhorar a sua redação, por favor aporte uma sugestão.
- b) Se tem alguma outra observação para acrescentar ou suprimir alguma pergunta, pode fazê-lo no espaço reservado para esse efeito. Se não tem nenhuma sugestão de melhoria pode deixá-lo em branco. Por último no final das folhas de registo poderá realizar as sugestões que considere oportunas.

Concluimos este processo agradecendo de antemão a sua participação.

1. Características Sociodemográficas	Pertinência						Conteúdo						Redação						*P.A.
	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6	
1. Género: Assinale a opção correspondente às suas características. ☐ Homem ☐ Mulher																			
2. Idade: Assinale a opção correspondente às suas características. ☐ Menos de 20 anos ☐ Entre 20 e 30 anos ☐ Entre 31 e 40 anos ☐ Entre 41 e 50 anos ☐ Mais de 50 anos																			
3. Qual é a sua atividade PRINCIPAL? Assinale a opção correspondente às suas características. ☐ Doméstico ☐ Estudante ☐ Reformado / Pensionista ☐ Desempregado ☐ Trabalhador por conta própria ☐ Trabalhador por conta de outrem																			
4. Qual a MÁXIMA qualificação académica que possui neste momento? Assinale a opção correspondente às suas características. ☐ Sem estudos ☐ Primeiro Ciclo completo (4.º ano) ☐ Segundo Ciclo completo (6.º ano) ☐ Terceiro Ciclo completo (9.º ano) ☐ Ensino Secundário completo (12.º ano) ☐ Formação Profissional (12.º ano) ☐ Bacharelato ☐ Licenciatura em Educação Física ou Desporto ☐ Outra Licenciatura ☐ Mestrado na área desportiva ☐ Outro Mestrado ☐ Doutoramento na área desportiva ☐ Outro Doutoramento																			
5. Qual o Concelho onde exerce as suas funções como treinador? * Assinale a opção correspondente à sua situação. 																			

(*) Pergunta alternativa

Acrescentava ou suprimia alguma pergunta nesta dimensão?

2. Experiencia Deportiva	Pertinência						Conteúdo						Redação						*P.A.
	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6	
6. Há quantos anos é treinador no futebol de formação (crianças e jovens entre os 4 e os 18 anos de idade)? Assinale a opção correspondente à sua experiência. ☐ De 0 a 2 anos ☐ Entre 3 e 5 anos ☐ Entre 6 e 8 anos ☐ Entre 9 e 11 anos ☐ Mais de 11 anos																			
7. A categoria em que treina atualmente é: Assinale a opção correspondente à sua situação. ☐ Petizes ☐ Traquinas ☐ Benjamins ☐ Infantis ☐ Iniciados ☐ Juvenis ☐ Juniores																			
9. Foi, ou é, jogador federado de futebol? Assinale a opção correspondente à sua experiência. ☐ Sim, fui jogador de futebol federado ☐ Sim. E ainda jogo como federado ☐ Não																			
10. Qual foi a máxima categoria em que jogou? Assinale a opção correspondente à sua experiência. ☐ Categorias de formação distritais ☐ Categorias de formação nacionais ☐ Campeonato distrital de Seniores ☐ Antiga - Terceira divisão ☐ Antiga - Segunda divisão "B" ☐ Novo - Campeonato nacional de seniores ☐ Segunda divisão ☐ Primeira divisão																			
11. Durante quantos anos jogou federado? Assinale a opção correspondente à sua experiência. ☐ Entre 1 e 5 anos ☐ Entre 6 e 10 anos ☐ Entre 11 e 15 anos ☐ Entre 16 e 20 anos																			

☐ Mais de 20 anos																			
23. Há quanto tempo concluiu o curso de treinador de futebol? Assinale a opção correspondente à sua experiência.																			
☐ Nunca o fiz ☐ Estou a terminá-lo ☐ De 0 a 2 anos ☐ Entre 3 e 5 anos ☐ Entre 6 e 8 anos ☐ Entre 9 e 11 anos ☐ Mais de 11 anos																			
(*) Pergunta alternativa																			
Acrescentava ou suprimia alguma pergunta nesta dimensão?																			

3. Aspectos Pessoais	Pertinência						Conteúdo						Redação						*P.A.
	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6	
8. Qual a principal razão porque treina? Assinale a opção correspondente à sua motivação.																			
☐ Por motivos económicos ☐ Porque eu gosto de treinar e ensinar ☐ Porque eu gosto de futebol ☐ Porque quero chegar a treinador de seniores ☐ Porque quero ser um treinador profissional ☐ Porque é a minha profissão																			
Que importância pensa que têm cada um dos seguintes aspetos em relação ao trabalho do treinador de futebol de formação? Assinale, segundo a sua opinião, que grau de importância atribui a cada um dos seguintes aspetos numa escala de 1 a 10, sendo 1 - nenhuma importância e 10 - máxima importância.																			
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10																			
12. Ter o título de treinador de futebol																			
13. Ter sido jogador federado de futebol																			
14. Ter formação universitária																			
15. Frequentar cursos de formação contínua																			
16. Assistir a seminários sobre futebol																			
17. Ler livros e revistas de futebol																			
18. Ver jogos e treinos de futebol																			
19. Consultar sites da internet sobre futebol																			

20. Trocar ideias nos blogs de futebol da Internet																			
21. Conversar diretamente com outros treinadores																			
(*) Pergunta alternativa																			
Acrescentava ou suprimia alguma pergunta nesta dimensão?																			

4. Formação como Treinador	Pertinência						Conteúdo						Redação						*P.A.
	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6	
22. Qual a MÁXIMA CERTIFICAÇÃO de futebol que possui? Assinale a opção correspondente à sua certificação. ☐ Nenhuma ☐ Curso de Treinadores UEFA C Raízes (Grau I) ☐ Curso de Treinadores UEFA Basic (Grau II) ☐ Curso de Treinadores UEFA Advance (Grau III) ☐ Curso de Treinadores UEFA Pro (Grau IV)																			
Que conteúdos da formação geral do CURSO DE TREINADORES de futebol que possa ter realizado, foram os mais úteis para treinar no futebol de formação? Responda de acordo com a sua opinião pessoal (1 - nenhuma importância e 10 - máxima importância). Se não fez nenhum curso de treinadores passe para a alínea número 45. 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10																			
24. Didática do Desporto																			
25. Pedagogia do Desporto																			
26. Psicologia do Desporto																			
27. Segurança Desportiva																			
28. Teoria e Metodologia do Treino Desportivo das Modalidades Coletivas e Individuais																			
29. Aprendizagem e Desenvolvimento Motor																			
30. Observação e Análise das Habilidades Motoras																			
31. Funcionamento do Corpo Humano, Nutrição e Primeiros Socorros																			
32. Luta Contra a Dopagem																			
33. Desporto para Pessoas com Deficiência																			
34. Técnica/Tática																			
35. Metodologia do Treino de futebol																			
36. Capacidades Físicas/Motoras																			
37. Psicologia no Futebol																			
38. Gestão e Organização no futebol																			
39. Arbitragem e Leis de Jogo																			
40. Organização de Classe																			

No seguimento, responda qual o grau de concordância com as seguintes manifestações? Assinale cada uma das manifestações de acordo com a sua opinião pessoal (1 - nada de acordo e 10 - totalmente de acordo) 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10																				
41. Penso que o tempo empregue no curso de treinadores é suficiente para treinar no futebol de formação																				
42. Creio que os conteúdos recebidos durante o curso de treinadores são suficientes para treinar no futebol de formação																				
43. Acredito que a parte mais importante do curso de treinadores foi a prática																				
44. Acho que tanto a teoria como a prática, foram importantes no curso de treinadores																				
45. Em geral, penso que os professores que tive no curso de treinadores me ensinaram muito																				
(*) Pergunta alternativa																				
Acrescentava ou suprimia alguma pergunta nesta dimensão?																				

5. Formação Contínua e Experiência	Pertinência						Conteúdo						Redação						P.A.	
	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6		
Das seguintes manifestações referentes à formação contínua e experiência, responda qual o seu grau de concordância? Assinale cada uma das manifestações de acordo com a sua opinião pessoal (1 - nada de acordo e 10 - totalmente de acordo) 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10																				
46. Acho importante participar em jornadas, seminários, congressos, etc. para me manter atualizado																				
47. Acredito que a minha experiência diária é suficiente para me manter atualizado																				
48. Julgo que os cursos de curta ou média duração são importantes para me manter atualizado																				
49. Trocar opiniões, experiências, etc. com outros colegas treinadores pode ajudar a completar a minha formação																				
50. Os livros, revistas, etc. podem ser um bom meio para continuar a minha formação																				
51. Os monitores-treinadores, dentro do clube ou escola onde treino, devem trabalhar em grupo																				
52. Entendo que os cursos e-Learning seriam uma boa forma de me manter atualizado																				
53. Penso que os Workshops práticos são uma ótima forma de aceder ao conhecimento																				
54. Os congressos on-line representam uma possibilidade inovadora e eficaz para a minha formação																				
(*) Pergunta alternativa																				
Acrescentava ou suprimia alguma pergunta nesta dimensão?																				

6. Conceção de Ensino	Pertinência						Conteúdo						Redação						*P.A.
	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6	
Das seguintes manifestações referentes à conceção de ensino, responda qual o seu grau de concordância? Assinale cada uma das manifestações de acordo com a sua opinião pessoal (1 - nada de acordo e 10 - totalmente de acordo) 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10																			
55. Na minha opinião, o futebol é um meio através do qual eu posso educar os meus jogadores																			
56. Para mim, os resultados obtidos pela minha equipa nas competições são muito importantes																			
57. A competição é mais um aspeto na formação desportiva dos jogadores																			
58. Considero que o primordial é que os jogadores se divirtam praticando o futebol																			
59. Através do futebol podemos ensinar valores educativos																			
60. Entendo que devo utilizar com mais frequência métodos de ensino diretivos																			
61. Entendo que devo utilizar com mais frequência métodos de ensino baseados na descoberta																			
62. Disponho com frequência de instalações e material suficiente para treinar																			
63. Acho que a competição nestas idades de iniciação está adaptada às características psicoevolutivas dos jogadores																			
64. Creio que todos os jogadores devem participar nas competições, independentemente do resultado																			
(*) Pergunta alternativa																			
Acrescentava ou suprimia alguma pergunta nesta dimensão?																			

7. Planificação e Programação	Pertinência						Conteúdo						Redação						*P.A.
	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6	
Das seguintes manifestações referentes à planificação e programação, responda qual o seu grau de concordância? Assinale cada uma das manifestações de acordo com a sua opinião pessoal (1 - nada de acordo e 10 - totalmente de acordo) 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10																			
65. Costumo programar a época antes que comece																			
66. Costumo programar o trabalho cada mês																			
67. Programo o trabalho cada semana																			
68. Programo o trabalho diariamente																			
69. Habitualmente trabalho os meios técnico-táticos com oposição																			
70. Costumo dar mais prioridade aos aspetos técnico-táticos do que aos físicos																			
71. Habitualmente utilizo uma metodologia lúdica																			
72. Resulta-me fácil motivar os jogadores																			
73. Habitualmente, mantenho relações amigáveis com os meus jogadores																			
74. Normalmente, costumo manter relações cordiais com os pais dos jogadores																			
75. Habitualmente controlo facilmente os treinos																			

76. Tenho claro os conteúdos que devo trabalhar nestas idades																				
77. Os objetivos que formulo nestas idades são fundamentalmente educativos																				
78. Os objetivos que formulo nestas idades são fundamentalmente competitivos																				
79. Os objetivos que formulo nestas idades são fundamentalmente recreativos																				
80. Realizo uma avaliação inicial dos jogadores no início da época																				
81. A partir dessa avaliação inicial realizo a programação																				
82. Avalio só no final da época																				
83. Os jogadores comparecem normalmente aos treinos																				
84. No futuro, a minha intenção é terminar treinando em categorias superiores.																				
(*) Pergunta alternativa																				
Acrescentava ou suprimia alguma pergunta nesta dimensão?																				

8. Necessidades de Formação	Pertinência						Conteúdo						Redação						P.A.
	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6	
Em que conteúdos teria mais interesse em continuar a sua formação? Responda de acordo com a sua opinião pessoal, que grau de importância atribui a cada um dos seguintes aspetos (1 - nenhuma importância e 10 - máxima importância) 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10																			
85. Técnica individual e coletiva																			
86. Preparação física																			
87. Segurança desportiva																			
88. Metodologia de ensino do futebol																			
89. Tática e sistemas de jogo																			
90. Regras do jogo																			
91. Gestão de equipas																			
92. Desenvolvimento profissional																			
93. Bases anatómicas e fisiológicas do desporto																			
94. Psicologia do desporto																			
95. Metodologia do treino desportivo																			
96. Fundamentos sociológicos do desporto																			
97. Organização e legislação do desporto																			
98. Direção e coordenação do desporto																			
99. Primeiros socorros e higiene no desporto																			
100. Pedagogia do desporto																			
101. Desenvolvimento motor e aprendizagem																			
102. Observação e análise das habilidades desportivas																			
103. Nutrição desportiva																			
104. Ética do desporto																			

Sugestões:

9.4. QUESTIONÁRIO FINAL

QUESTIONÁRIO SOBRE AS NECESSIDADES FORMATIVAS DO TREINADOR DE JOVENS FUTEBOLISTAS NO BAIXO ALENTEJO

Estimado treinador, estamos a estudar as necessidades de formação dos treinadores de jovens futebolistas nos clubes desportivos da região do Baixo Alentejo (Portugal). Pretende-se fazer uma análise da situação actual para poder apresentar propostas de intervenção. Desta forma, gostaríamos que pudesse colaborar neste estudo respondendo ao seguinte questionário. Lembramos que este é completamente ANÓNIMO e a informação será tratada para fins meramente científicos, por isso lhe pedimos por favor a máxima sinceridade nas suas respostas. Muito obrigado pelo seu tempo.

* Required

1. Características Sociodemográficas

1. Género: *

Assinale a opção correspondente às suas características.

- ☐ Homem
- ☐ Mulher

2. Idade: *

Assinale a opção correspondente às suas características.

- ☐ Menos de 20 anos
- ☐ Entre 20 e 30 anos
- ☐ Entre 31 e 40 anos
- ☐ Entre 41 e 50 anos
- ☐ Mais de 50 anos

3. Qual é a sua atividade PRINCIPAL? *

Assinale a opção correspondente às suas características.

- ☐ Estudante
- ☐ Reformado / Pensionista
- ☐ Desempregado
- ☐ Trabalhador por conta própria
- ☐ Trabalhador por conta de outrem

4. Qual a MÁXIMA qualificação académica que possui neste momento? *

Assinale a opção correspondente às suas características.

- ☐ Sem estudos
- ☐ Primeiro Ciclo completo (4.º ano)
- ☐ Segundo Ciclo completo (6.º ano)
- ☐ Terceiro Ciclo completo (9.º ano)
- ☐ Ensino Secundário completo (12.º ano)
- ☐ Formação Profissional (12.º ano)
- ☐ Bacharelato

- ☐ Licenciatura em Educação Física ou Desporto
- ☐ Outra Licenciatura
- ☐ Mestrado na área desportiva
- ☐ Outro Mestrado
- ☐ Doutoramento na área desportiva
- ☐ Outro Doutoramento

5. Qual o Concelho onde exerce as suas funções como treinador? *

Assinale a opção correspondente à sua situação.

2. Experiência Desportiva

6. Há quantos anos é treinador no futebol de formação (crianças e jovens entre os 4 e os 19 anos de idade)? *

Assinale a opção correspondente à sua experiência.

- ☐ De 0 a 2 anos
- ☐ Entre 3 e 5 anos
- ☐ Entre 6 e 8 anos
- ☐ Entre 9 e 11 anos
- ☐ Entre 12 e 14 anos
- ☐ Mais de 14 anos

7. Há quanto tempo concluiu o curso de treinador de futebol? *

Assinale a opção correspondente à sua experiência.

- ☐ Nunca o fiz
- ☐ Estou a terminá-lo
- ☐ De 0 a 2 anos
- ☐ Entre 3 e 5 anos
- ☐ Entre 6 e 8 anos
- ☐ Entre 9 e 11 anos
- ☐ Entre 12 e 14 anos
- ☐ Mais de 14 anos

8. A PRINCIPAL categoria que treina actualmente é: *

Assinale a opção correspondente à sua situação.

- ☐ Petizes
- ☐ Traquinas
- ☐ Benjamins
- ☐ Infantis
- ☐ Iniciados
- ☐ Juvenis

- ☐ ☐ Júniores

9. Foi, ou é, jogador federado de futebol? *

Assinale a opção correspondente à sua experiência.

- ☐ ☐ Sim, fui jogador de futebol federado
- ☐ ☐ Sim, e ainda jogo como federado
- ☐ ☐ Não (se respondeu não, passe directamente para a questão 12)

10. Qual foi a máxima categoria em que jogou? *

Assinale a opção correspondente à sua experiência.

- ☐ ☐ Categorias de formação distritais
- ☐ ☐ Categorias de formação nacionais
- ☐ ☐ Campeonato distrital de Seniores
- ☐ ☐ Antiga - Terceira divisão
- ☐ ☐ Antiga - Segunda divisão "B"
- ☐ ☐ Novo - Campeonato nacional de seniores
- ☐ ☐ Segunda divisão
- ☐ ☐ Primeira divisão

11. Durante quantos anos jogou futebol federado? *

Assinale a opção correspondente à sua experiência.

- ☐ ☐ Entre 1 e 5 anos
- ☐ ☐ Entre 6 e 10 anos
- ☐ ☐ Entre 11 e 15 anos
- ☐ ☐ Entre 16 e 20 anos
- ☐ ☐ Mais de 20 anos

3. Aspectos Pessoais

12. Qual a PRINCIPAL razão porque treina? *

Assinale a opção correspondente à sua motivação.

- ☐ ☐ Por motivos económicos
- ☐ ☐ Porque gosto de treinar e ensinar
- ☐ ☐ Porque gosto de futebol
- ☐ ☐ Porque quero chegar a treinador de seniores
- ☐ ☐ Porque quero ser um treinador profissional
- ☐ ☐ Porque é a minha profissão
- ☐ ☐ Outra

13. Qual a outra razão? *

(responda apenas se a sua opção anterior foi: Outra)

Que importância pensa que têm cada um dos seguintes aspectos em relação ao trabalho do treinador de futebol de formação? *

Assinale, segundo a sua opinião, que grau de importância atribui a cada um dos seguintes aspectos numa escala de 1 a 10, sendo 1 - nenhuma importância e 10 - máxima importância.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
14. Ter o título de treinador de futebol	☒	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
15. Ter sido jogador federado de futebol	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
16. Ter formação universitária	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
17. Frequentar cursos de formação contínua	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
18. Assistir a seminários sobre futebol	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
19. Ler livros e revistas de futebol	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
20. Ver jogos e treinos de futebol	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
21. Consultar sites da internet sobre futebol	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
22. Trocar ideias nos blogs de futebol da Internet	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
23. Conversar diretamente com outros treinadores	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

4. Formação como Treinador

24. Qual a MÁXIMA CERTIFICAÇÃO de futebol que possui ou que está a terminar? *

Assinale a opção correspondente à sua certificação. No caso de estar a terminar a fase de estágio da sua formação, assinale o curso correspondente.

- ☐ Nenhuma (se respondeu nenhuma, passe diretamente para a questão 45)
- ☐ Curso de Treinadores UEFA C Raízes (Grau I)
- ☐ Curso de Treinadores UEFA Basic (Grau II)
- ☐ Curso de Treinadores UEFA Advance (Grau III)
- ☐ Curso de Treinadores UEFA Pro (Grau IV)

Que conteúdos da FORMAÇÃO GERAL do curso de treinadores de futebol que possa ter realizado, foram os mais úteis para treinar no futebol de formação? *

Responda de acordo com a sua opinião pessoal (1 - nenhuma importância e 10 - máxima importância). Se não fez nenhum curso de treinadores passe para a alínea número 45.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
25. Didática do Desporto	☒	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
26. Pedagogia do Desporto	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
27. Psicologia do Desporto	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
28. Segurança Desportiva	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
29. Teoria e Metodologia do Treino Desportivo das Modalidades Coletivas e Individuais	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
30. Aprendizagem e Desenvolvimento Motor	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
31. Observação e Análise das Habilidades Motoras	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
32. Funcionamento do Corpo Humano, Nutrição e Primeiros Socorros	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
33. Luta Contra a Dopagem	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
34. Desporto para Pessoas com Deficiência	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

Que conteúdos da FORMAÇÃO ESPECÍFICA do curso de treinadores de futebol que possa ter realizado, foram os mais úteis para treinar no futebol de formação? *

Responda de acordo com a sua opinião pessoal (1 - nenhuma importância e 10 - máxima importância). Se não fez nenhum curso de treinadores passe para a alínea número 45.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
35. Técnica/Táctica	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
36. Metodologia do Treino de futebol	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
37. Capacidades Físicas/Motoras	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
38. Psicologia no Futebol	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
39. Gestão e Organização no futebol	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
40. Arbitragem e Leis de Jogo	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
41. Organização de Classe	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

No seguimento, responda qual o grau de concordância com as seguintes manifestações? *

Assinale cada uma das manifestações de acordo com a sua opinião pessoal (1 - nada de acordo e 10 - totalmente de acordo)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
42. Penso que o tempo empregue no curso de treinadores é suficiente para treinar no futebol de formação	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
43. Creio que os conteúdos recebidos durante o curso de treinadores são suficientes para treinar no futebol de formação	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
44. Em geral, penso que os professores que tive no curso de treinadores ensinaram-me muito	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

5. Formação Contínua

Das seguintes manifestações referentes à formação contínua e experiência, responda qual o seu grau de concordância? *

Assinale cada uma das manifestações de acordo com a sua opinião pessoal (1 - nada de acordo e 10 - totalmente de acordo)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
45. Acho importante participar em jornadas, seminários, congressos, etc. para me manter atualizado	☒	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
46. Acredito que a minha experiência diária é suficiente para me manter atualizado	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
47. Os cursos de curta ou média duração podem ser importantes para me manter atualizado	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
48. Trocar opiniões, experiências, etc. com outros colegas treinadores pode ajudar a completar a minha formação	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
49. Os livros, revistas, etc. podem ser um bom meio para continuar a minha formação	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
50. Os treinadores, dentro do clube ou escola onde treino, devem trabalhar em grupo	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
51. Entendo que os cursos e-Learning seriam uma	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
boa forma de me manter atualizado										
52. Penso que os Workshops práticos são uma ótima forma de construir a minha formação	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
53. Os congressos on-line representam uma possibilidade inovadora e eficaz para a minha formação	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

6. Conceção de Ensino

Das seguintes manifestações referentes à conceção de ensino, responda qual o seu grau de concordância? *

Assinale cada uma das manifestações de acordo com a sua opinião pessoal (1 - nada de acordo e 10 - totalmente de acordo)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
54. Na minha opinião, o futebol é um meio através do qual eu posso educar os meus jogadores	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
55. Para mim, os resultados obtidos pela minha equipa nas competições são muito importantes	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
56. A competição é apenas mais um aspeto na formação desportiva dos jogadores	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
57. Considero que o primordial é que os jogadores se divirtam praticando futebol	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
58. Através do futebol podemos transmitir valores educativos	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
59. Entendo que	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
devo utilizar com mais frequência métodos de ensino directivos										
60. Entendo que devo utilizar com mais frequência métodos de ensino baseados na descoberta	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
61. Disponho com frequência de instalações e material suficiente para treinar	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
62. Acredito que a competição nestas idades de iniciação está adaptada às características psicoevolutivas dos jogadores	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
63. Creio que todos os jogadores devem participar nas competições, independentemente do resultado	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

7. Planificação e Programação

Das seguintes manifestações referentes à planificação e programação, responda qual o seu grau de concordância? *

Assinale cada uma das manifestações de acordo com a sua opinião pessoal (1 - nada de acordo e 10 - totalmente de acordo)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
64. Costumo programar a época antes que comece	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
65. Costumo programar o trabalho mensalmente	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
66. Programo o trabalho semanalmente	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
67. Programo o trabalho diariamente	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
68. Habitualmente trabalho os meios técnico-tácticos com oposição	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
69. Costumo dar mais prioridade aos aspetos técnico-	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
táticos do que aos físicos										
70. Habitualmente utilizo uma metodologia lúdica	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
71. É fácil para mim motivar os meus jogadores	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
72. Habitualmente, mantenho relações amigáveis com os meus jogadores	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
73. Normalmente, costumo manter relações cordiais com os pais dos jogadores	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
74. Habitualmente controlo facilmente os treinos	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
75. Tenho claro os conteúdos que devo trabalhar nestas idades	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
76. Os objetivos que formulo nestas idades são fundamentalmente educativos	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
77. Os objetivos que formulo nestas idades são fundamentalmente competitivos	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
78. Os objetivos que formulo nestas idades são fundamentalmente recreativos	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
79. Realizo uma avaliação inicial dos jogadores no início da época	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
80. A partir dessa avaliação inicial realizo a programação	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
81. Avalio só no final da época	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
82. Os jogadores normalmente são assíduos aos treinos	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
83. No futuro, a minha intenção é treinar em escalões superiores	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

8. Necessidades de Formação

Em que conteúdos teria mais interesse em continuar a sua formação? *

Responda de acordo com a sua opinião pessoal, que grau de importância atribui a cada um dos seguintes aspetos (1 - nenhuma importância e 10 - máxima importância)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
84. Técnica individual	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☒
85. Desenvolvimento das capacidades motoras	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
86. Segurança desportiva	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
87. Metodologias de ensino do futebol	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
88. Tática e sistemas de jogo	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
89. Regras do jogo	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
90. Gestão de equipas	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
91. Desenvolvimento profissional	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
92. Bases anatómicas e fisiológicas do desporto	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
93. Psicologia do desporto	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
94. Metodologia do treino desportivo	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
95. Fundamentos sociológicos do desporto	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
96. Organização e legislação desportiva	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
97. Direção e coordenação técnica	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
98. Primeiros socorros e higiene no desporto	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
99. Pedagogia do desporto	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
100. Ética desportiva	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
101. Aprendizagem e desenvolvimento motor	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
102. Observação e análise das habilidades desportivas	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
103. Nutrição desportiva	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
104. Didáctica do	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
desporto										
105. Promoção de valores no desporto	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
106. Coaching Desportivo	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
107. Treino de Guarda-redes	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
108. Scouting no Futebol	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

Que estratégias escolheria para continuar a sua formação como treinador de futebol? *

Responda de acordo com a sua opinião pessoal, que grau de importância atribui a cada um dos seguintes aspetos (1 - nenhuma importância e 10 - máxima importância)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
109. Conferências, congressos, jornadas, seminários	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
110. Cursos de curta ou média duração	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
111. Reflexão sobre a própria prática	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
112. Ver outros colegas a treinar	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
113. Leitura de livros ou revistas específicas de futebol	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
114. Leitura de livros ou revistas relacionadas com o treino desportivo	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
115. Grupos de trabalho entre treinadores de futebol	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
116. Visionamento e análise de jogos e treinos de futebol em vídeo	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
117. Cursos e-Learning	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
118. Workshops práticos	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
119. Congressos on-line	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
120. Formações de grau académico	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

121. Se a formação de grau académico é uma das estratégias escolhidas para continuar a sua formação, indique o grau académico que pretende.

Assinale a sua intensão.

Submit

9.5. PUBLICAÇÃO DO ARTIGO DE VALIDAÇÃO

Diseño y validación de un cuestionario para estudiar la formación de entrenadores de fútbol base

2019, *Retos*, 35, 294-300

© Copyright: *Federación Española de Asociaciones de Docentes de Educación Física (FEADEF)*

ISSN: Edición impresa: 1579-1726.

Edición Web: 1988-2041

(www.retos.org)

